




**Jozimar Luciovanio Bernardo**

# **Vocabulário têxtil na língua portuguesa do Brasil Colônia**

Tessituras histórico-linguísticas





**unesp**  **UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA**  
**“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”**  
**Faculdade de Ciências e Letras**  
**Câmpus de Araraquara**  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa**

JOZIMAR LUCIOVANIO BERNARDO

**VOCABULÁRIO TÊXTIL NA LÍNGUA**  
**PORTUGUESA DO BRASIL COLÔNIA:**  
tessituras histórico-linguísticas



ARARAQUARA – S.P.

2020

JOZIMAR LUCIOVANIO BERNARDO

**VOCABULÁRIO TÊXTIL NA LÍNGUA  
PORTUGUESA DO BRASIL COLÔNIA:**  
tessituras histórico-linguísticas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estudos do Léxico

**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

**Bolsa:** CAPES

ARARAQUARA – S.P.

2020

B523v Bernardo, Jozimar Luciovanio  
Vocabulário têxtil na língua portuguesa do Brasil Colônia :  
tessituras histórico-linguísticas / Jozimar Luciovanio Bernardo. --  
Araraquara, 2020  
385 f. : il., tabs., fotos

Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),  
Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara  
Orientadora: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa

1. Léxico. 2. Vocabulário têxtil. 3. Dicionários. 4. Campos lexicais.  
5. Tecidos. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de  
Ciências e Letras, Araraquara. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

JOZIMAR LUCIOVANIO BERNARDO

**VOCABULÁRIO TÊXTIL NA LÍNGUA PORTUGUESA DO  
BRASIL COLÔNIA:** tessituras histórico-linguísticas

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Araraquara, como requisito para obtenção do título de Doutor em Linguística e Língua Portuguesa.

**Linha de pesquisa:** Estudos do Léxico  
**Orientadora:** Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa  
**Bolsa:** CAPES

Data da defesa: 30/04/2020

**MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidente e Orientador:** Professora Doutora Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus Araraquara

---

**Membro Titular:** Professora Doutora Maria Filomena Candeias Gonçalves  
Universidade de Évora, Colégio do Espírito Santo, Portugal

---

**Membro Titular:** Professora Doutora Maria Helena de Paula  
Universidade Federal de Catalão / Universidade Federal de Goiás

---

**Membro Titular:** Professor Doutor Odair Luiz Nadin da Silva  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus Araraquara

---

**Membro Titular:** Professora Doutora Regiani Aparecida Santos Zacarias  
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus Assis

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Câmpus de Araraquara

*À minha família,  
Iolanda, Wanio, Amanda e Bernardo.*

*Às minhas bisavós, Geralda e Ilda,  
fiandeiras, tecelãs, mulheres de fibra!*

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ser Luz e Guia em mais esta jornada e não me deixar desanimar perante angústias e obstáculos.

À minha orientadora, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa, pela condução da pesquisa, fornecendo preciosos ensinamentos e conselhos, e pela disposição em atender, com presteza e afabilidade, às minhas dúvidas e demandas. Professora, é uma honra ser seu aluno e orientando. Exprimo, aqui, meu apreço pela senhora.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Helena de Paula, por acreditar em minha capacidade, entusiasmando-me a prosseguir. É exemplo de pesquisadora, professora, conselheira e amiga. Maria Helena, obrigado pelos estímulos e contribuições desde a graduação, pelas intermediações, conhecimentos partilhados, oportunidades e por disponibilizar o seu acervo bibliográfico.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Filomena Candeias Gonçalves, pela acolhida durante o estágio realizado ao amparo do Convênio Acadêmico assinado entre a Universidade de Évora e a UNESP, ocasião em que fui recebido pelo CIDEHUS-UE/FCT (Centro Interdisciplinar de História, Culturas e Sociedades da Universidade de Évora / Fundação para a Ciência e Tecnologia, Portugal) no Grupo de Pesquisa “Literacia e Património Textual”. Prof.<sup>a</sup> Filomena, expresse a minha profunda gratidão pelos ensinamentos partilhados nas reuniões e nas aulas de História da Língua Portuguesa, no Colégio do Espírito Santo, e pelo convite que me fez para apresentar uma comunicação no III Seminário Internacional “História e Língua: Interfaces”. Minha estada em Portugal foi uma experiência incrível, engrandecedora e muito importante para o avanço dos estudos.

Estendo os agradecimentos a todos os profissionais do CIDEHUS-UE/FCT, pela recepção e prestimoso atendimento.

À Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Alina Villalva, pela magnânima aula que, a convite, fui assistir na Universidade de Lisboa e pelos contributos a este trabalho.

Ao Nuno Miranda, pela receptividade em Évora e por, gentilmente, ter me levado em seu descapotável para conhecer e contemplar algumas das muitas belezas do Alentejo.

Ao Pedro Ferreira e à sua família, pela solicitude em me arrendar sua casa eborense e pelo afável acolhimento em Montemor-o-Velho durante minhas andanças em Portugal.

À Maíra, companhia divertida e aprazível em passeios no Porto, e ao Alex, uma pessoa “bué da fixe” que conheci em Évora.

Ao senhor Paulo Mario Beserra de Araújo, que, por intermédio da Prof.<sup>a</sup> Clotilde, forneceu preciosos subsídios para elucidação das unidades lexicais.

Especialmente, aos meus pais, Iolanda e Wanio, que sempre primaram pela minha educação e me proporcionaram os meios para prosseguir na vida acadêmica. E à minha irmã, Amanda, que presenciou muitas das noites que passei em claro dedicando-me à tese. Obrigado pela compreensão e apoio incondicional em todas as vezes que precisei me afastar de casa. A saudade foi recíproca e, sem vocês, eu não teria chegado até aqui.

À minha avó, Dona Maria Nunes, filha de Dona Geralda (fiandeira de mão cheia!), e ao meu avô, Seu Jeová Purcina. Sou imensamente grato aos senhores, que dão todo apoio e incentivo desde quando entrei para a escola, lá na fazenda São Domingos. Ao meu avô, Seu Margarido Bernardo, com quem eu gostaria tanto de compartilhar este momento. Sei que, em algum lugar muito melhor que o nosso, ele está feliz pela conquista do neto.

À minha bisavó, Dona Ilda. Fiar e tecer eram algumas das muitas habilidades que aprendeu em sua vida no campo e levou consigo para a cidade. Sou eternamente grato por tudo que, bondosamente, fez a mim e a todos da família. A senhora não mais está conosco, mas será sempre a nossa matriarca e exemplo de honestidade, generosidade e complacência. Neste ensejo, agradeço à tia Ana Maria Purcina, eminente conhecedora da arte da costura, e ao tio José Martins. O suporte que me deram, na graduação e no mestrado, acolhendo-me cortesmente nas suas casas todas as vezes em que precisei, foram importantes para que eu chegasse até aqui.

À Rayne, amiga que a vida me trouxe na graduação e, desde então, é parceira constante nas empreitadas da vida acadêmica, na escrita de artigos, nas avaliações de trabalhos, nas viagens a eventos científicos, nas trocas de experiências e de desabafos... Enfim, obrigado pela divertida e adorável companhia, em todos os momentos. À Mayara, pelo agradável convívio durante nossa estada em Araraquara. Solicitamente, emprestou-me materiais sobre teorias dos campos lexicais e me auxiliou na formatação do Vocabulário têxtil. À Maria Gabriela, pela disponibilidade para ler algumas seções do trabalho e fazer pertinentes apontamentos que contribuíram para aperfeiçoar a redação. À Maiune, pela prontidão em todas as vezes que a ela recorri, mormente, para tirar dúvidas sobre questões fonéticas do português. Por meio de vocês, estendo meus agradecimentos a todos amigos e amigas que tornam meus dias mais alegres e torcem por mim de alguma forma, especialmente, Gabriela e Carol.



Ao Prof. Dr. Braz José Coelho, que, por intermédio da Maiune, cortesmente me emprestou alguns livros.

Aos membros das bancas examinadoras da qualificação e da defesa, Dr.<sup>a</sup> Maria Helena de Paula, Dr.<sup>a</sup> Regiani Aparecida Zacarias, Dr.<sup>a</sup> Maria Filomena Gonçalves e Dr. Odair Luiz Nadin da Silva. Todos os subsídios e críticas são substanciais ao aprimoramento da tese.

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, em especial, ao Prof. Dr. Daniel Soares, por me receber em suas aulas de Morfologia para o estágio de docência. Estendo minha gratidão às equipes de profissionais da Seção Técnica de Pós-Graduação e da Biblioteca da FCL, pela atenção e presteza nos atendimentos.

A todos os colegas do Laboratório de Estudos do Léxico, Filologia e Sociolinguística (LALEFIL) e do Grupo de Estudos e Pesquisas em História do Português (GEPHPOR), da Universidade Federal de Catalão (UFCat).

À Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, por ter aberto as portas e oferecido as condições para eu realizar este sonho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

A todos que me acompanham, de longe ou de perto, no itinerário pela vida das palavras, pelas tessituras histórico-linguísticas que as enredam e as (re)compõem, apontando caminhos profícuos e tornando possível a concretização desta tese.

Gratidão!

*Além das paredes, dos móveis,  
principalmente o espelho,  
principalmente o relógio.*

*Além das portas com seus caminhos,  
além das janelas com seu pensar,*

*estão as palavras.*

*As palavras pousadas aqui e ali,  
sem poeira.*

*Límpidas, nítidas, como objetos de ouro.*

*Sobre elas amanhece e anoitece.  
São invulneráveis.  
Fiéis a si mesmas.*

*As palavras não morrem.  
Tão leves e cheias de eternidade.*

*E assim estão ao redor de nós,  
com sua substância,  
e há dentro delas eternos olhos  
que nos fitam.*

Cecília Meireles (2001, p. 1809).

BERNARDO, Jozimar Luciovanio. **Vocabulário têxtil na língua portuguesa do Brasil Colônia**: tessituras histórico-linguísticas. Orientadora: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. 2020. 385 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020.

## RESUMO

As denominações têxteis veiculadas nos textos referentes ao Brasil no período colonial figuram um rico repertório que nos instigou a perscrutá-las na memória lexical e lexicográfica da língua portuguesa. Valendo-nos do *corpus* do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII” (DHPB), por meio dos recursos do gerenciador *Philologic*, inventariamos 166 unidades lexicais, simples e sintagmáticas, relativas a tecidos e a confecções (feito de/com tecido), no intento de registrar, investigar e apresentar um vocabulário têxtil e seus aspectos léxico-semânticos, bem como dar a conhecer fatos histórico-culturais apreendidos nesse percurso. O banco de dados do DHPB é uma obra documental construída com o propósito de registrar um repertório lexical da língua portuguesa no Brasil Colônia. Para descrição e análise dos itens lexicais inventariados, elaboramos o cotejo lexicográfico com dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Embasados em Coseriu (1977), Geckeler (1976) e Vilela (1994), mediante análise das definições lexicográficas cotejadas, identificamos os traços distintivos para estabelecer as relações de oposição entre os lexemas e os reunimos em zonas de significação contínua comum. Dessa forma, no macrocampo “tecidos”, circunscrevemos os microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros” e, no macrocampo “confecções”, os microcampos “alfaias têxteis”, “armações”, “estofados”, “insígnias”, “jazes”, “roupas de cama” e “velas náuticas”. As unidades lexicais algodão, lã, linho e seda compuseram categoria separada em razão da polissemia e da abrangência dos significados. As unidades lexicais não conformadas nos microcampos retrocitados foram organizadas em categorias pelos seguintes critérios: denominações de tecidos de composição única; denominações de tecidos de composição vária; denominações de panos e toalhas; denominações cromáticas e denominações indefinidas. Os dados analisados demonstraram o caráter expansivo do vocabulário dos tecidos e, respeitante às confecções, refletiram certa estabilidade. Assim, acentuamos o fato de os tecidos serem artigos propensos a (re)criações a partir de uma profusão de artifícios e técnicas. Para conformar toda essa riqueza no seu acervo lexical, a língua tem expedientes morfológicos, semânticos, cognitivos (metáfora e metonímia), neológicos, terminológicos, entre outros. Os microcampos relativos a “confecções” contemplaram denominações que reportam a múltiplas esferas do viver cotidiano público e privado no arco temporal abrangido. A investigação dessa parcela do léxico do português atualizada e atestada nos textos do *corpus* do DHPB deu-nos uma amostra das tessituras histórico-linguísticas, bem como das categorias e subcategorias cognitivas que o ser humano, linguisticamente, elabora e reformula em sociedade ao longo dos séculos.

**Palavras-chave:** Léxico. Vocabulário têxtil. Dicionários. Campos lexicais. História.

BERNARDO, Jozimar Luciovanio. **Textile vocabulary in portuguese language of Colonial Brazil**: historical-linguistic tessituras. Adviser: Clotilde de Almeida Azevedo Murakawa. 2020. 385 f. Thesis (Doctorate in Linguistics and Portuguese Language) - School of Sciences and Languages, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2020.

## ABSTRACT

The textile designations conveyed through texts referring to Brazil in the colonial period appear in a rich repertoire that instigated us to scrutinized them in the lexical and lexicographic memory of the Portuguese language. By using the *corpus* of “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII” (DHPB), throughout the resources of the device *Philologic*, we invented 166 lexical units, simple and syntagmatic, related to fabrics and clothing (made of/with fabric), in an attempt to register, investigate and present a textile vocabulary and its lexical-semantic aspects, as well as raise awareness of some historical and cultural facts learned in this path. The DHPB database is a documental work built with the purpose to register a lexical repertoire of the Portuguese language in Colonial Brazil. To describe and analyze the inventoried lexical items, we elaborate a lexicographic comparison with dictionaries from the 18<sup>th</sup>, 19<sup>th</sup>, 20<sup>th</sup> and 21<sup>st</sup> centuries. Based on Geckeler (1976), Coseriu (1977) and Vilela (1994), through the analysis of the compared lexicographic definitions, we identified the distinctive features to verify the opposition relations between the lexemes and gathered them in areas of common continuous significance. Therefore, in the macrolexical field “fabrics”, we circumscribe the microlexical fields “*tecidos finos*” and “*tecidos grosseiros*”, and in the macrolexical field “clothing”, the microlexical fields “*alfaias têxteis*”, “*armações*”, “*estofados*”, “*insígnias*”, “*jaezes*”, “*roupas de cama*” and “*velas náuticas*”. The lexical units *algodão*, *lã*, *linho* and *seda* composed a separate category due to the polysemy and scope of meanings. The other lexical units not conformed in the microlexical fields were organized into categories by the criteria of single composition, various composition, *panos* and *toalhas* names, chromatic names and undefined names. The analyzed data reflected the expansive character of the textile vocabulary and, relating to clothing, it demonstrated a certain stability. Thus, we emphasize the fact that fabrics compose a field inclinable to (re)creations from a profusion of artifices and techniques. In order to conform the wealth in its lexical set, the language has morphological, semantic, cognitive (metaphor and metonymy), neologic and terminological shifts, among others. The microlexical fields related to “clothing” contemplated denominations that refer to multiple spheres of daily public and private living in the time covered. The investigation of this portion of the Portuguese lexicon updated and attested in the texts of the *corpus* gave us a sample of the historical-linguistic tessituras, of the cognitive categories and subcategories that the human being linguistically elaborates and reformulates in the society over the centuries.

**Keywords:** Lexicon. Textile vocabulary. Dictionaries. Lexical fields. History.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1</b>	Tipos de ligamentos.....	47
<b>Figura 2</b>	Estruturas lexemáticas.....	67
<b>Figura 3</b>	Disposição dos mastros, mastaréus e vergas.....	188
<b>Figura 4</b>	Disposição das velas varredoura e cutelo.....	190
<b>Figura 5</b>	Velame característico das naus de meados do séc. XVI.....	199
<b>Foto 1</b>	Estante.....	124
<b>Foto 2</b>	Pano de estante.....	124
<b>Foto 3</b>	Púlpito fixo.....	125
<b>Foto 4</b>	Pano de púlpito.....	125
<b>Foto 5</b>	Panos de armar em exposição no Museu de Évora, Portugal.....	137
<b>Foto 6</b>	Cobertor de papa branco.....	184
<b>Foto 7</b>	Cobertor de papa manta de pastor ou barrento.....	184
<b>Foto 8</b>	Godrim.....	185
<b>Foto 9</b>	Vestido com mangas e saia de crepe de seda.....	359

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

<b>Quadro 1</b>	Modelo de verbete para o Vocabulário têxtil do banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII”.....	77
<b>Quadro 2</b>	Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “tecidos finos”.....	96
<b>Quadro 3</b>	Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “tecidos grosseiros”.....	113
<b>Quadro 4</b>	Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “alfaias têxteis”.....	130
<b>Quadro 5</b>	Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “armações”.....	143
<b>Quadro 6</b>	Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “estofados”.....	156
<b>Quadro 7</b>	Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “insígnias”.....	165
<b>Quadro 8</b>	Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “jaezes”.....	173
<b>Quadro 9</b>	Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “roupas de cama”.....	182
<b>Quadro 10</b>	Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “velas náuticas”.....	204
<b>Quadro 11</b>	Distribuição das unidades lexicais dos microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros” pelo critério da composição.....	348
<b>Quadro 12</b>	Distribuição das unidades lexicais dos microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros” e da categoria lexical “tecidos de composição única”.....	350
<b>Quadro 13</b>	Denominações têxteis derivadas por sufixação.....	357
<b>Quadro 14</b>	Relação entre nomes de tecidos e topônimos.....	362
<b>Quadro 15</b>	Datações e retrodatações com base nas datas atestadas em Houaiss (2009).	364
<b>Tabela 1</b>	Ocorrências das unidades lexicais algodão, linho, seda e lã no <i>corpus</i> do DHPB.....	352
<b>Tabela 2</b>	Comparativo dos dados quantitativos.....	353



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
<b>1 TESSITURAS HISTÓRICAS: A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL</b>	
<b>COLÔNIA.....</b>	<b>19</b>
<b>1.1 Brasil Colônia: panorama geral.....</b>	<b>20</b>
1.1.1 Medidas da política mercantilista-colonialista portuguesa.....	23
<b>1.2 A língua portuguesa no Brasil Colônia.....</b>	<b>25</b>
<b>2 TESSITURAS TEÓRICAS: FIOS CULTURAIS, LINGUÍSTICOS E</b>	
<b>LEXICAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>2.1 Estudos do léxico.....</b>	<b>34</b>
<b>2.2 Língua e cultura.....</b>	<b>40</b>
2.2.1 Da perspectiva da lexicultura.....	41
<b>2.3 Da fibra ao tecido: conceitos básicos.....</b>	<b>46</b>
<b>3 POR UMA TEIA COESA: PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....</b>	<b>50</b>
<b>3.1 O banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI,</b>	
<b>XVII e XVIII”.....</b>	<b>51</b>
<b>3.2 Definição do <i>corpus</i>.....</b>	<b>53</b>
<b>3.3 Coleta dos dados e cotejo lexicográfico.....</b>	<b>55</b>
<b>3.4 Bases teórico-metodológicas para estruturação do léxico em campos.....</b>	<b>58</b>
3.4.1 Outras concepções de campo.....	62
<b>3.5 O modelo lexemático de Eugenio Coseriu.....</b>	<b>64</b>
<b>3.6 Delimitação dos campos lexicais.....</b>	<b>70</b>
<b>3.7 Delimitação das outras categorias lexicais.....</b>	<b>74</b>
<b>3.8 Organização do Vocabulário.....</b>	<b>75</b>
<b>4 VOCABULÁRIO TÊXTIL NA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL</b>	
<b>COLÔNIA.....</b>	<b>78</b>
<b>4.1 Tecidos básicos: algodão, lã, linho e seda.....</b>	<b>79</b>
<b>4.2 Microcampo lexical “tecidos finos”.....</b>	<b>84</b>
<b>4.3 Microcampo lexical “tecidos grosseiros”.....</b>	<b>101</b>
<b>4.4 Microcampo lexical “alfaias têxteis”.....</b>	<b>120</b>
<b>4.5 Microcampo lexical “armações”.....</b>	<b>133</b>
<b>4.6 Microcampo lexical “estofados”.....</b>	<b>145</b>
<b>4.7 Microcampo lexical “insígnias”.....</b>	<b>158</b>

<b>4.8</b>	<b>Microcampo lexical “jaezes”</b> .....	167
<b>4.9</b>	<b>Microcampo lexical “roupas de cama”</b> .....	174
<b>4.10</b>	<b>Microcampo lexical “velas náuticas”</b> .....	186
<b>4.11</b>	<b>Tecidos de composição única</b> .....	206
4.11.1	Dos cotonifícios .....	206
4.11.2	Dos lanifícios .....	210
4.11.3	Dos linifícios .....	216
4.11.4	Dos seríceos .....	219
<b>4.12</b>	<b>Tecidos de composição vária</b> .....	226
4.12.1	Dos variáveis .....	226
4.12.2	Dos compósitos .....	228
<b>4.13</b>	<b>Panos e toalhas</b> .....	231
<b>4.14</b>	<b>Denominações cromáticas</b> .....	235
<b>4.15</b>	<b>Denominações indefinidas</b> .....	236
<b>4.16</b>	<b>Vocabulário têxtil do banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – Séculos XVI, XVII e XVIII”</b> .....	237
<b>5</b>	<b>TEIAS LEXICAIS: SOBRE PALAVRAS E TÊXTEIS</b> .....	347
<b>5.1</b>	<b>Denominações agrupadas pelo critério da composição dos tecidos</b> .....	348
<b>5.2</b>	<b>Quantitativo das unidades lexicais relativas a tecidos básicos</b> .....	351
<b>5.3</b>	<b>Propriedades léxico-semânticas e processos formativos das palavras</b> .....	355
<b>5.4</b>	<b>De topônimos a nomes de tecidos no português</b> .....	361
<b>5.5</b>	<b>Cronologia lexical</b> .....	364
	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	367
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	372
	<b>ÍNDICE REMISSIVO DO VOCABULÁRIO TÊXTIL</b> .....	384

## **INTRODUÇÃO**

[...] essas idéias de relacionar a escrita e o tecer, fiar e bordar já vinham girando havia muito tempo em meu espírito, e não havia nada demais nisso. Eu apenas estava tendo consciência de algo já perfeitamente assimilado e registrado por nossa linguagem de todos os dias, criação anônima e coletiva da nossa cultura pelos séculos afora.

Ana Maria Machado (2003, p. 175).

Abro esta introdução tecendo alguns parágrafos com fios da memória de um passado cujos ecos no presente se fazem oportunos ao momento.

Outro dia, me veio uma lembrança da infância, de um singelo quadrinho de parede que chamava a minha atenção na casa dos meus avós maternos, na Fazenda São Domingos. Artesanalmente confeccionados, esses quadrinhos, além de serem uma forma lúdica de entreter os pequenos, eram uma maneira de reaproveitar as graciosas paisagens e cenas que vinham representadas nas folhinhas de calendário. O ano acabava e ficavam as folhinhas. Então, com alguns artifícios, como papelão, papéis de presente, cola, tesoura e criatividade, dava-se novo vigor para aquela gravura que fizera um ano... Mas aonde quero chegar?

Bem, naquele quadrinho, em especial, estavam representados mulheres e homens em plena colheita de algodões. Uma imagem bucólica, daquelas que prendem nosso olhar e nos transportam para não sei onde... Rodeadas de algodoeiros, estavam as pessoas com chapéus de palha ou lenços na cabeça e balaios fartamente cheios daquela brancura que confortava só de olhar. Era uma cena bonita!

A singela fragilidade daquele artefato causou sua perda, mas a memória fez a grata surpresa de me conduzir de volta àquele tempo. Penso que me remetia aos algodoeiros espalhados pelo quintal da casa e a outras cenas quotidianas, como quando presenciava minha bisavó descarregar os algodões, desenredar as fibras com a carda e fiá-las para compor os novelos que viriam a ser tecidos no tear (no tiale [tʃi'aɫ], como ela dizia). Enfim, com certa proeminência, os têxteis estavam e estão presentes. Minha vó Maria produzia belos trabalhos de aplicação e eu ficava encantado com os desenhos que aos poucos ganhavam “vida” pelos pedacinhos de tecidos coloridos que, cosidos, iam preenchendo cada elemento moldado no pano. E minha mãe aprendeu com uma tia-avó a arte da costura, a qual ainda exerce com esmero.

Quiçá, o fascínio por aquele quadrinho foi um prenúncio da vindoura fase em que me encontro, defendendo uma tese sobre nomes de têxteis. Vamos ao trabalho!

Os têxteis, há milênios, compõem o vestir do corpo e da casa, destinados a múltiplos fins, utilitários e estéticos; na produção dos mais diversos objetos dos quais o ser humano se serve. Assim, ao longo da história, os tecidos se difundiram pelo mundo para satisfazer necessidades, gostos e desejos de diferentes povos, o que gerou intercâmbios comerciais e linguísticos e figurou um rico e amplo repertório lexical nas diferentes línguas para denominar tais objetos.

Em face disso, as denominações de têxteis veiculadas em textos referentes ao Brasil no período colonial demonstraram um rico vocabulário que nos instigou a perscrutá-las na memória lexical e lexicográfica da língua portuguesa. O mote deste trabalho se respalda nas palavras de Chataignier (2006, p. 95), segundo a qual “as denominações dadas a muitos tecidos – que nos intrigam e levam a fantasiar suas origens – acrescentam informações a eles pertinentes que, desta forma, desvendam modos de viver e aspectos socioculturais de povos os mais diversos”. Dessa maneira, investigar palavras de uma língua enseja o conhecimento de muitos e vários traços da sociedade que as (re)produz no decurso temporal.

Valendo-nos do *corpus* do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII” (DHPB), por meio dos recursos do gerenciador *Philologic*, inventariamos 166 unidades lexicais, simples e sintagmáticas, relativas a tecidos e a confecções (feitas de/com tecido), no intento de registrar, investigar e apresentar um vocabulário têxtil e seus aspectos léxico-semânticos, bem como dar a conhecer fatos histórico-culturais apreendidos nesse percurso.

O interesse em realizar um estudo lexical a partir do banco de dados do DHPB surgiu em 2013, durante a disciplina “Lexicologia e Lexicografia”, ministrada pela professora Dr.<sup>a</sup> Clotilde de A. Azevedo Murakawa, no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Câmpus de Araraquara, quando cursava regularmente o Mestrado em Estudos da Linguagem, da Universidade Federal de Goiás, Regional Catalão. Naquela oportunidade, visitamos um largo rol de teóricos da Lexicografia e da Lexicologia e conhecemos o projeto “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII”.

O encetamento da presente pesquisa foi motivado pelo texto “O vocabulário dos tecidos no banco de textos do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII: um recorte lexicográfico”, da prof.<sup>a</sup> Clotilde Murakawa (2017). Por meio de buscas no *corpus*, a linguista organizou e apresentou um conjunto de itens lexicais referentes a tecidos e as respectivas definições em dicionários de língua portuguesa dos séculos XVIII, XIX e XX, relacionando esses itens lexicais com a época em que estão documentados (MURAKAWA, 2017). Outra motivação foi a entrevista da prof.<sup>a</sup> Clotilde Murakawa ao programa “Câmara Entrevista”, gravada em 2013, na TV Câmara Jahu. Quando fala do banco de dados, a professora cita nomes de alguns tecidos comercializados entre o Brasil Colônia e Portugal.

Por uma perspectiva lexicológica dialogada com a Lexicografia, com a Semântica e com outros campos do saber, como a História e subáreas da Antropologia dedicadas aos têxteis, a importância do estudo em tela se instaura na medida em que colige e organiza o vocabulário

têxtil no português da época Colonial e, dessa forma, traz informações linguísticas, culturais e históricas. Embora este trabalho não propositamente seja terminológico, reconhecemos o caráter especializado das unidades lexicais estudadas, uma vez que se situam num subdomínio do léxico geral do português: vocabulário de nomes de tecidos e de confecções. Circunstanciadamente, investigamos uma parcela desse subdomínio, pois o *corpus* do DHPB reúne textos referentes ao Brasil escritos entre o século XVI e o XVIII por portugueses ou por nascidos na Colônia. Entendemos que “a despeito de suas especificidades conceituais, palavras e termos são unidades lexicais que integram o conjunto léxico de uma língua e comportam-se nos mesmos padrões sistêmicos” (KRIEGER, 2011, p. 444).

A tese se estrutura em cinco seções, além da Introdução e das Considerações Finais. Na seção intitulada *Tessituras históricas: a língua portuguesa no Brasil Colônia*, com base em Milton Furtado (2000), elaboramos um panorama geral dos séculos da colonização, enfocando os pontos de maior destaque da conjuntura histórica, social e econômica que envolve as manufaturas têxteis. Completamos essa contextura direcionando a atenção para a história sociolinguística da língua portuguesa no Brasil a partir da perspectiva proposta por Lucchesi (2017), que aborda a realidade plurifacetada no extenso país cujo contexto multilíngue e multicultural foi marcado pelo contato entre a língua dos colonizadores de várias partes de Portugal, as línguas dos autóctones e as dos africanos escravizados. Além do autor supracitado, nos fundamentamos em Câmara Jr. (2004), Mattos e Silva (2004, 2006) e Teyssier (2014).

Na segunda seção, *Tessituras teóricas: fios culturais, linguísticos e lexicais*, versamos sobre os Estudos do Léxico, com base em Abbade (2006), Biderman (2001a, 2001b), Cambraia (2013), Correia e Barcellos Almeida (2012), Matoré (1973), Paula (2010), Piel (1989), Saussure (2006 [1916]) e Vilela (1994, 1995). Ademais, discutimos a relação entre léxico e cultura, pautando-nos em trabalhos como os de Barbosa (2008, 2009), Jiang (2000), Sapir (1969) e Seabra (2015). Ao fim da seção, respaldados em Chataignier (2006) e Pezzolo (2009), elucidamos alguns conceitos básicos da terminologia têxtil.

Na terceira seção, *Por uma teia coesa: procedimentos metodológicos*, descrevemos a construção do banco de dados do DHPB e, em seguida, apresentamos as etapas e os métodos da presente pesquisa, como a definição do *corpus*, os critérios e as estratégias para coleta dos dados lexicais e a elaboração do cotejo lexicográfico em consulta a dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI, a saber: Bluteau (1712-1728), Silva (1789, 1813, 1949-1959), Vieira (1871-1874), Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009). Na sequência, assentados em Coseriu (1977), Geckeler (1976) e Vilela (1994), abordamos os principais fundamentos acerca dos campos lexicais e, com enfoque no método lexemático de Coseriu (1977), explanamos os



procedimentos da delimitação dos microcampos. Nesse ensejo, delineamos, também, a categorização das unidades lexicais não conformadas nos microcampos. E, ao final, detalhamos os elementos constitutivos e os critérios utilizados na organização do Vocabulário têxtil do banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII”.

Na quarta seção, *Vocabulário têxtil na língua portuguesa do Brasil Colônia*, exploramos as definições lexicográficas acerca dos lexemas dos microcampos – tecidos básicos; tecidos finos; tecidos grosseiros; alfaias têxteis; armações; estofados; insígnias; jaezes; roupas de cama e velas náuticas – e das outras categorias lexicais, quais sejam: tecidos de composição única; tecidos de composição vária; panos e toalhas; denominações cromáticas e denominações indefinidas. Nesse procedimento, delineamos e listamos os semas e, para contextualização das unidades lexicais, utilizamos excertos dos textos do *corpus*. E, no último subtópico dessa seção, dispusemos os verbetes do Vocabulário supracitado.

Na parte intitulada *Teias lexicais: sobre palavras e têxteis*, buscamos entretecer os conteúdos e procedimentos das seções anteriores. Confirmamos que a organização dos microcampos do macrocampo “tecidos” a partir da dimensão “densidade” foi profícua para a percepção dos arranjos lexicais retratados na quarta seção. Visualizamos, também, dados quantitativos das unidades lexicais referentes a tecidos básicos (algodão, lã, linho e seda), com o intuito de traçar um paralelo com aspectos históricos e socioeconômicos percorridos na primeira seção. Ademais, tratamos da cronologia lexical e das propriedades e processos formativos das palavras estudadas.

Após as referências, como auxílio à localização dos verbetes elencados na subseção 4.16, consta um índice remissivo em ordem alfabética das 166 unidades lexicais coligidas.

Almejamos que a leitura das próximas páginas proporcione um interessante itinerário pela parcela do vocabulário têxtil documentado nos textos do banco de dados do DHPB e, assim, contribua para o conhecimento, a valorização e a memória dessas tessituras histórico-linguísticas que, enraizadas noutros tempos e lugares, tanto agregaram e agregam ao nosso patrimônio lexicocultural.

## **1 TESSITURAS HISTÓRICAS: A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL COLÔNIA**

[...] a autoridade colonial compreendia que  
tecer era se aproximar da independência.  
Algo quase tão perigoso como ler livros e se  
reunir para discuti-los [...].

Ana Maria Machado (2003, p. 193).

Haja vista que investigamos o domínio lexical relativo a tecidos e confecções registrados em textos datados do período colonial brasileiro, cabe elaborar um panorama geral dos séculos da colonização, em particular, os pontos mais proeminentes da conjuntura histórica, social e econômica que envolve tais manufaturas.

Nessa contextura, direcionamos a atenção, também, para a história sociolinguística da língua portuguesa no Brasil, a partir da perspectiva proposta por Lucchesi (2017), que aborda a realidade plurifacetada nesse extenso país de contexto multilíngue e multicultural.

### **1.1 Brasil Colônia: panorama geral**

Antes da colonização do Brasil, a Europa Ocidental havia passado por importantes revoluções comerciais a partir da evolução da economia de trocas alavancada pela eclosão de cidades, em meados do século X, e pelas Cruzadas, entre os séculos XI e XIII. No fim do século XIV, com o advento dos Estados Nacionais e apoio da burguesia citadina à nobreza feudal, o poder político passou a ser desempenhado pela monarquia absoluta (FURTADO, M., 2000). Nesse contexto, a expansão ultramarina, estimulada pelo mercantilismo, foi financiada pelos Estados português e espanhol em busca de acúmulo de moedas e metais nobres.

A partir do século XIII, “Portugal [...] iniciou seu comércio via marítima com o norte da Europa, onde eram negociados vinho, azeite, cortiça, cereais, pesca, sal e peles, em troca de tecidos e metais trabalhados” (FURTADO, M., 2000, p. 7). Seguindo os ideais mercantilistas-capitalistas, durante o reinado de D. Manuel I (1495-1512), Lisboa tornou-se proeminente distribuidora das mercadorias do Oriente para os grandes centros consumidores da Europa. Assim, oferecia pimenta da Indonésia, sedas chinesas, tapetes persas, especiarias orientais, pedras preciosas e metais nobres. Contudo, Portugal mantinha-se como simples intermediário, pois não produzia praticamente nada que fosse de interesse das praças orientais (FURTADO, M., 2000).

Sem adentrar demasiado em pormenores, a partir de 1500, até que se iniciasse a colonização de fato, ocorreu, por meio da prática de escambo com os índios, a exploração do pau-brasil, também conhecido como pau-de-tinta e, pelos nativos, como *arabutã* (FURTADO, M., 2000). Conquanto o interesse maior era encontrar metais preciosos, o pau-brasil possuía alto valor comercial nas praças europeias. Destinava-se ao tingimento de tecidos em cor púrpura, “[...] símbolo da dignidade e nobreza no Oriente e muito apreciado na Europa, principalmente pelos florentinos” (FURTADO, M., 2000, p. 12). A significância do pau-brasil foi tanta que veio a motivar o nome do território colonizado.

Vale acrescentar que, segundo Milton Furtado (2000), o algodão, cuja cultura era conhecida do nativo em todo continente antes do descobrimento, foi extraído de forma secundária nessa época.

Dada a conseqüente escassez do pau-brasil na orla marítima, o seu valor se elevou e, com efeito, diminuiu o interesse comercial. Mesmo assim, a exploração da madeira se estendeu até 1555, pois, além da comercialização, serviu como avaliação das novas terras para posterior aproveitamento pela metrópole (FURTADO, M., 2000).

Em 1530, deu-se o processo de colonização com o desenvolvimento da cultura de cana-de-açúcar, da qual estima-se que “[...] apenas 5% do valor exportado tenham permanecido na Colônia e, mesmo assim, consumidos, em grande parte, em importações de alimentos – que poderiam ser produzidos na Colônia – e em roupas, móveis e artigos de luxo para a época” (FURTADO, M., 2000, p. 25).

Tendo dominado o mercado mundial até fins do século XVII, conforme Milton Furtado (2000), a produção do açúcar brasileiro entrou em crise e foi agravada com o descobrimento das primeiras minas de ouro, provocando a migração de grandes contingentes do Nordeste para a região de exploração aurífera.

O ciclo da mineração causou mudanças expressivas no quadro econômico e social da Colônia, como o desenvolvimento de centros urbanos:

Durante o ciclo da mineração, o Rio de Janeiro, como nova sede do Governo colonial e principal porto de exportação, ganhou dimensões comerciais e financeiras de certa expressão, o que estimulou maior urbanização da cidade. Chegou mesmo a ocorrer um pequeno surto manufatureiro, principalmente nos setores têxtil e de ourivesaria, secundados por pequenas unidades fabris de sabão, cordas e outros produtos. (FURTADO, M., 2000, p. 66).

Salientamos a instalação de manufaturas têxteis – ainda incipientes e em nível artesanal – que se propagaram da região das minas para toda a Colônia e espalharam a cultura de plantas fibrosas, especialmente, o algodão. Decorreram, ainda, o aumento da população na região mineradora, com pessoas de diversas procedências; mudanças de costumes e maior demanda de produtos importados, muitos dos quais supérfluos (FURTADO, M., 2000). Situa-se, aqui, o consumo de produtos dos países industrializados, pois na Colônia a produção de manufaturas ainda era diminuta.

Em função da concorrência de tecidos orientais importados das suas colônias, a Inglaterra perdeu mercado das suas manufaturas de lã e, diante disso, buscou novas praças para

escoamento da produção. Por ser dependente economicamente da Inglaterra, Portugal e suas colônias se tornaram mercado potencial para consumo de boa parte da produção inglesa:

Pelo Tratado de Methuen, Portugal permitia (cláusula primeira) a entrada de tecidos e outras manufaturas de lã da Inglaterra, cuja importação, de qualquer procedência, estava proibida pelas leis de 1681 e 1690. Essa abertura externa tirou das manufaturas portuguesas condições para se expandirem, uma vez que o preço e a qualidade do produto importado ofereceriam melhores condições que o produto nacional. (FURTADO, M., 2000, p. 52).

No século XVII, o Rio de Janeiro importava produtos provenientes da Europa e do Oriente, sobretudo, tecidos, especiarias, louças e adornos. “As importações brasileiras eram, inicialmente, limitadas pela pequena população e baixa renda interna, destacando-se, porém, os gêneros alimentícios e os tecidos de padrão médio” (FURTADO, M., 2000, p. 50). Outro fator marcante nesse contexto foi o pacto colonial, sob o qual a Colônia só devia produzir o que fosse de interesse da metrópole e sem lhe fazer concorrência, sendo proibida de comerciar com outros países.

No final do século XVIII, o declínio da mineração decorrente do escasseamento do ouro nas minas estimulou uma retomada expressiva das atividades agrícolas. Nesse quadro, o açúcar brasileiro recuperou seu mercado e produtos como o algodão foram valorizados, haja vista a larga demanda no mercado mundial causada pelo advento da revolução industrial.

Milton Furtado (2000) registra que, no período pombalino, foram criadas companhias de comércio como formas de política colonial para suprimir a influência inglesa na economia colonial. Entre elas, destacamos a Companhia do Grão-Pará e Maranhão (1755-78), que buscou o aperfeiçoamento dos processos de cultura e beneficiamento do algodão, em particular, a instalação de novas máquinas de descaroçamento. Assim, o algodão se tornou uma das bases da economia na região, notadamente no Ceará e no Maranhão: “À expansão da cultura do algodão, seguiu-se, no final do século XVIII, a indústria de tecidos que se tornou pioneira na região do Norte. O Ceará, além de tecidos para roupa e para o uso doméstico, produzia redes e rendas que se tornaram tradicionais” (FURTADO, M., 2000, p. 72).

O amplo emprego de tecidos compostos com o algodão ativou outros setores produtivos na Colônia, incentivando a instalação de unidades fabris cujos produtos poderiam substituir algumas importações:

Ganhou expressão a produção de tecidos de algodão, bem como de linho, seda e veludo; expandindo-se a fabricação de chapéus, jóias, sabão e outros produtos de consumo. Em 1785, havia na área do Rio de Janeiro cerca de 100

teares manuais, o que poderia ser considerado um núcleo manufatureiro promissor. (FURTADO, M., 2000, p. 75).

A partir desse panorama, temos uma melhor percepção da fabricação e importação de tecidos e artigos têxteis na Colônia. Ao lado do açúcar e do ouro, o algodão também teve seu momento de destaque. Nativo na região, com cultura e aproveitamento já conhecidos pelo povo autóctone, o algodão causou um expressivo impacto na economia colonial em fins do século XVIII, figurando como o representante maior das fibras aqui fabricadas.

Na próxima seção, destacamos pontos importantes a respeito dos obstáculos à produção têxtil no Brasil Colônia, notadamente no final de Setecentos, e alguns aspectos em torno do uso dos têxteis nesse decurso.

### 1.1.1 Medidas da política mercantilista-colonialista portuguesa

Conforme mostrado, nos tempos áureos da exploração das jazidas, houve na Colônia o desestímulo de outras atividades mercantis. Tinha-se a concepção de que a queda da produção do ouro poderia decorrer da dispersão da força de trabalho, e não do esgotamento das minas. Convicta disso, em meados do século XVIII, a Coroa portuguesa deu início à criação de uma série de leis para proibir atividades que não fossem a mineradora, configurando um sério impedimento ao desenvolvimento econômico da sua Colônia na América.

Entre as medidas monárquicas, destacamos a instalação de mais engenhos de açúcar na Capitania de São Paulo, em 1715, a fim de não desviar o emprego de escravos nas minas; a proibição das atividades de ourives e da tecelagem de algodão, em 1766; e da fabricação de sabão, em 1767. Contudo, a decisão mais drástica foi o Alvará de 1785 expedido por D. Maria I, que proibia, no território do Brasil, a manufatura de ouro, prata, sedas, algodão, linho e lã, bem como dos tecidos feitos de alguma dessas fibras ou da mistura delas, com exceção da fazenda grossa de algodão, porquanto servia ao vestuário dos escravos e a outras utilidades mercantis. A motivação para tal feito se fundamentava no receio de que o desenvolvimento de fábricas e manufaturas prejudicasse a exploração das riquezas da Colônia, ferindo a lógica mercantilista. Quem desobedecesse a esse Alvará teria de pagar multa tanto para os oficiais responsáveis pela diligência quanto para o denunciante. Abaixo, transcrevemos um trecho do documento:

Hey por bem Ordenar, que todas as Fabricas, Manufacturas, ou Teares de Galões, de Tecidos, ou de Bordados de Ouro, e Prata. De Velludos, Brilhantes, Setins, Tafetás, ou de outra qualquer qualidade de seda: de Belbutes, Chitas, Bombazinas, Fustões, ou de qualquer outra qualidade de Fazenda de Algodão



ou de Linho, branca, ou de cores [...] exceptuando taõ sómente aquelles dos ditos Teares, e Manufacturas, em que se técem, ou manufacturam Fazendas grossas de Algodão, que servem para o uso, e vestuario dos Negros, para enfardar, e empacotar Fazendas, e para outros Ministerios semelhantes; todas as quais sejam extinctas, e abolidas em qualquer parte onde se acharem nos Meus Dominios do Brazil [...]. (PORTUGAL, 1828).

Mesmo não afetando completamente a tecelagem manual, sobretudo a caseira, essas proibições inibiram todo e qualquer esforço para a industrialização do Brasil e, por conseguinte, favoreceram a importação de produtos, “[...] principalmente da Inglaterra, uma vez que Portugal não tinha condições de abastecer, por si só, o mercado brasileiro” (FURTADO, M., 2000, p. 76). Chegada a Corte de Bragança no Brasil, em 1808, uma Carta Régia revogou, em abril do mesmo ano, o Alvará de 1785, dando novo fôlego às atividades industriais na Colônia. Ademais, com a quebra do pacto colonial, deu-se abertura dos portos brasileiros ao mundo.

Não obstante ter sido motivado por questões de estratégia econômica, o Alvará de 1785 aponta um contínuo de práticas impositivas outrora executadas em Portugal. Recuperando a história lusitana, encontramos as leis denominadas Pragmáticas<sup>1</sup>. Segundo Palla (1992, p. 34, grifo no original), “os abusos do luxo levaram as autoridades a proclamar *Pragmáticas* com proibições e restrições, resultantes, simultaneamente, de necessidades económicas e de imperativos morais”. Promulgaram-se Pragmáticas desde meados do século XIV, que tratavam sobre o vestir, o comer e outros itens, regulamentando o que era permitido a cada classe social, pois a liberdade de escolha era restrita à realeza (PALLA, 1992). A propósito, no final do século XVIII, o Marquês de Pombal publicou Pragmáticas legislando sobre o luto. Dentre as muitas expedidas nesse intervalo de tempo, pode-se destacar a “Lei sobre os vestidos de seda, e feitiço deles e das pessoas que os podem trazer”, promulgada por D. Sebastião, em 1560, proibindo veementemente o uso de seda pelas pessoas dos baixos estratos e regulando as partes do vestuário nas quais se permitia empregá-la (PORTUGAL, 1560).

Milton Furtado (2000) registra, ainda, que o artesanato de rendas e redes, principalmente no Ceará, era de origem indígena, aperfeiçoado com a produção. Na região Centro-Sul, sobretudo em São Paulo, os índios foram ensinados pelos jesuítas a fazerem suas vestes em teares construídos pelos próprios gentios.

Esses teares eram largamente empregados na confecção de redes; posteriormente, aperfeiçoados com seu intenso uso, vieram a produzir tecidos com os quais se vestiam os escravos e mesmo os nacionalistas mais radicais,

---

<sup>1</sup> Regras emanadas das Cortes e que recaíam sobre os costumes. Essas leis se aplicavam a determinados grupos sociais para controlar e limitar o consumo excessivo de artigos de luxo, como o vestuário. Tais instrumentos também objetivavam proteger as fábricas do Reino, proibindo importações de alguns produtos.

no fim do séc. XVIII. Os teares indígenas foram, aliás, os únicos que se salvaram da execução do Alvará de 1785, que mandou destruir todas as manufaturas existentes na Colônia. A partir dessa época é que se generalizou o uso da fiadeira e teares pelas casas de família da região mineradora, que teriam servido de embrião para a instalação de manufaturas têxteis, no início do séc. XIX. (FURTADO, M., 2000, p. 37).

O autor acrescenta que a reação nacionalista contra o Alvará de 1785 fez com que vários colonos, homens livres, passassem a usar ternos confeccionados com os tecidos originados da produção caseira e teares indígenas. A tecelagem exercida pelo gentio para confecção das suas vestes, labor que depois se estendeu ao escravo, passou a ser vista com discriminação pelos brancos, “[...] cuja maioria passou a considerar a profissão de tecelão própria das pessoas de nível social inferior. Aliás, esse preconceito estendia-se aos trabalhos manuais em geral” (FURTADO, M., 2000, p. 37).

Após essa breve incursão pela conjuntura histórica, social e econômica relacionada às manufaturas têxteis, na subseção seguinte, voltamos a atenção para a história sociolinguística do português a partir da perspectiva de Lucchesi (2017).

## 1.2 A língua portuguesa no Brasil Colônia

É consabido que a colonização do Brasil foi marcada pelo contato entre a língua dos colonizadores de várias partes de Portugal, as línguas dos autóctones e as dos africanos trazidos à força e escravizados. Haja vista a realidade plurifacetada no país continental, o princípio da veiculação do português no Brasil se deu num contexto multilíngue e multicultural. Para melhor compreender essa conjuntura da história da língua no Brasil, vale conhecer a periodização da história sociolinguística proposta por Lucchesi (2017), que se contrapõe à primazia da língua portuguesa e à exclusão e/ou omissão de fatos e processos anteriores à chegada dos colonizadores em terras brasileiras. O autor destaca que essa periodização toma como referenciais processos sociais que virtualmente culminaram em “[...] mudanças nos padrões coletivos de comportamento linguístico da população brasileira do que resultaram mudanças nas gramáticas mentais dos falantes. Dessa forma, a antinomia história externa *versus* história interna se desfaz [...]” (LUCCHESI, 2017, p. 350).

Importa registrar que Lucchesi (2017) parte da definição de Mattos e Silva (2004) acerca da passagem de um “multilinguismo generalizado” a um “multilinguismo localizado”, ou seja, de uma língua portuguesa que, minoritariamente, convivera, por quase dois séculos, com uma profusão de línguas indígenas e com línguas africanas inseridas no país via tráfico

negreiro, para um português que, hodiernamente, tornou-se língua materna de aproximadamente 98% da população, embora o Brasil possua uma das maiores diversidades linguísticas do mundo, com centenas de línguas autóctones e dezenas de línguas de imigração (LUCCHESI, 2017). Assim, na perspectiva do autor, a definição de “multilinguismo localizado” se justifica em virtude de toda essa diversidade linguística convergir em ínfimos 2% da população.

Conforme a proposta de periodização da história sociolinguística do Brasil formulada por Lucchesi (2017), a primeira fase remonta ao ano mil, a partir da expansão do tupi pelo litoral, e vai até 1532, com o efetivo princípio da colonização. O autor denomina esse período (1000 a 1532) de tupinização da costa, quando o tupi e o tupinambá se tornaram as línguas hegemônicas no litoral brasileiro, em razão da expulsão de povos primitivos pelos povos tupis. Para Lucchesi (2017), é relevante considerar essa configuração linguística anterior à chegada dos europeus, uma vez que se refletiu na história sociolinguística do Brasil, em particular, nos séculos XVI e XVII, pois os jesuítas se valeram das línguas da terra, de relativa homogeneidade no litoral, em seu programa catequético na Colônia. Nesse contexto, a obra “Arte de grammatica da língoa mais usada na costa do Brasil” (1595), do Padre José de Anchieta, teve notável importância para o domínio da língua que chamaram de “brasílica”.

Mattos e Silva (2006, p. 241, grifo no original) admite que “tudo faz crer que foi a versão jesuítica da *língua geral* um veículo lingüístico fundamental como instrumento na interação linguística entre os portugueses que chegavam e os indígenas litorâneos, predominantemente do tronco tupi”. Ressalta a autora que, no contexto supracitado, a denominação genérica e singular língua geral – cuja diversidade que abarca carece de estudos – é frequentemente usada pela bibliografia tradicional sobre a história do português no Brasil. Ademais, essa língua de intercomunicação aprendida no século XVI pelos jesuítas, por outros colonizadores e por índios nos aldeamentos das missões jesuíticas propagou-se para o interior, pelos bandeirantes que saíram de São Paulo, e “[...] ter-se-ia transmitido, principalmente, na oralidade, sem o controle escolar, em situação de aquisição imperfeita ou aprendizagem irregular [...]” (MATTOS E SILVA, 2006, p. 241).

A segunda fase (1532 a 1695), consoante Lucchesi (2017) refere-se ao que Mattos e Silva (2006) chamou de multilinguismo generalizado, quando a língua portuguesa, restrita à zona litorânea, coabitou com línguas gerais indígenas e línguas francas<sup>2</sup> africanas, ou seja, foi apenas uma das muitas línguas aqui faladas. O autor destaca o uso do tupi, em São Paulo, e do

---

<sup>2</sup> De acordo com Trask (2006, p. 167), **língua franca** é “uma língua que é amplamente usada em determinada região para a comunicação entre pessoas que são falantes de várias línguas.”

tupinambá, no sul da Bahia e no Estado do Grão-Pará e Maranhão, “[...] em suas versões simplificadas e mestiças denominadas *línguas gerais* [...]” (LUCCHESI, 2017, p. 364, grifos no original).

Concernente às línguas africanas, trazidas pelas muitas e fartas levas de negros da África para servirem na condição de escravos no Brasil, Lucchesi (2017) salienta os quilombos<sup>3</sup> formados por escravos foragidos na sociedade açucareira nordestina e seus entornos, no século XVII, cujo maior representante foi o Quilombo dos Palmares, como palcos favoráveis a processos de criouliização<sup>4</sup> e pidginização<sup>5</sup> do português no Brasil. Ademais, supõe o uso de línguas francas africanas nesses recintos, como o quimbundo, e nas senzalas, haja vista que a maioria dos escravos proveio de Angola. Nesse cenário de multilinguismo, em que o português foi minoritário ao lado das línguas gerais, das variedades pidginizadas e crioulizadas de português e de línguas francas africanas, há que se considerar o largo mosaico de centenas de línguas indígenas correntes no interior da Colônia.

A terceira fase (1695 a 1930) refletiu uma homogeneização linguística, quando o português foi imposto como língua soberana, esmorecendo o multilinguismo. Esse processo culminou em profundas e drásticas consequências:

[...] nenhuma das línguas africanas conservou-se no Brasil, e o uso das línguas indígenas foi drasticamente reduzido, ficando confinado às regiões mais recônditas do país, nomeadamente na Amazônia e no Centro-Oeste. O desaparecimento das línguas africanas deveu-se à desmedida violência física, cultural, simbólica e psicológica inerente ao processo de escravidão, ao passo que a extinção de muitas línguas indígenas deveu-se ao extermínio dos povos que as falavam, não obstante muitas outras tenham desaparecido pela aculturação forçada de seus falantes, inclusive pela catequização dos jesuítas, que lhes impunham a língua geral de base tupi ou tupinambá, de modo que a homogeneização linguística de muitas populações indígenas passou por uma

<sup>3</sup> Acerca dos **quilombos**, é importante citar Mattos e Silva (2006, p. 246, grifos no original): “[...] pode-se conjecturar, em termos lingüísticos, que, nessas situações sociais, muito mais numerosas do que antes estava estabelecido, se encontram múltiplas falas correntes no Brasil: africanas, indígenas, português africanizado, português indígena, até o português europeu, já que acoitavam fugitivos. Teriam sido eles [os quilombos] laboratórios de um *português geral brasileiro*, necessário à articulação desses *espaços ilegítimos* com a *sociedade legítima*, a do segmento escravo, mas não só, externa a esses *espaços ilegítimos* [...]”

<sup>4</sup> Um **crioulo** é uma língua derivada de um **pidgin**. Trask (2006, p. 70-71, grifos no original) explica que “um pidgin não é uma língua natural, é apenas um sistema de comunicação rudimentar, alinhavado por pessoas que não têm uma língua comum. Quando um pidgin se estabelece numa sociedade multilíngue, então pode muito bem chegar um momento em que aparece uma geração de crianças que dispõem apenas do pidgin para falar entre si. Nesse caso, quase inevitavelmente, as crianças transformam o pidgin numa verdadeira língua, completada por um vocabulário amplo e um rico sistema gramatical. Essa nova língua natural é um crioulo, e as crianças que o inventaram são os primeiros falantes nativos desse **crioulo**. O processo pelo qual se transforma um pidgin em um crioulo é a **criouliização** (*creolization*).”

<sup>5</sup> Trask (2006, p. 228) define **pidgin** como “uma língua auxiliar criada por pessoas que não têm nenhuma língua em comum. [...] Um pidgin não é a língua materna de ninguém, e não é de modo algum uma verdadeira língua: não tem uma gramática reconhecível, é muito limitado naquilo que pode veicular, e diferentes pessoas falam de maneiras diferentes. Ainda assim, funciona para objetivos simples, e com frequência é aprendido por todos na área.”

fase intermediária de assimilação da língua geral, até a imposição do português. (LUCCHESI, 2017, p. 366).

Lucchesi (2017) subdivide essa terceira fase em três períodos de aportuguesamento. O primeiro, de 1695 a 1808, é marcado pelo grande afluxo de portugueses e escravos africanos encetado pelo ciclo do ouro, principiando o avanço da urbanização na Colônia. Nesse ínterim, convém salientar reformas promovidas pela Metrópole na Colônia – mudanças político-econômicas implementadas pelo Marquês de Pombal, ministro de D. José I, para aprimorar a administração imperial e alavancar a exploração das possessões – desencadeando a publicação, em 1757, do documento jurídico intitulado “Directorio, que se deve observar nas povoações dos índios do Pará, e Maranhão”.

Em seus 95 parágrafos, o Diretório dos índios, uma espécie de código normatizador, dispõe um conjunto de medidas sobre povoamento; tributações; demarcação de fronteiras; convívio entre brancos e índios; política agrícola e educacional; comércio; proibições de práticas culturais indígenas; proibição de chamar de negros os índios, entre outras especificações com o intuito a agregá-los na política de ocupação e defesa dos domínios portugueses na América, bem como incorporá-los à sociedade colonial – o que inclui convertê-los em cristãos, de modo a desarraigá-los da antropofagia, da poligamia e de costumes considerados blasfêmias, como andarem nus, entre outros – ou seja, configurou-se um ideal de civilização dos povos indígenas nos moldes do colonizador. Respeitante à proibição da língua geral e imposição da língua portuguesa na Colônia, o parágrafo 6º do Diretório determina que:

Sempre foi maxima inalteravelmente praticada em todas as Naçoens, que conquistáraõ novos Dominios, introduzir logo nos Póvos conquistados o seu proprio idioma, por ser indisputavel, que este he hum dos meios mais eficazes para desterrar dos Póvos rulticos a barbaridade dos seus antigos coftumes; e ter mostrado a experiencia, que ao mesmo passo, que se introduz nelles o ufo da Lingua do Principe, que os conquistou [...]. Para desterrar este perniciosissimo abuso, ferá hum dos principaes cuidados dos Directores, estabelecer nas suas respectivas Povoaçoens o ufo da Lingua Portugueza, não consentindo por modo algum, que os Meninos, e Meninas, que pertencerem ás Escólas, e todos aquelles Indios que forem capazes de instrucção nesta matéria, usem da Lingua propria das suas Naçoens, ou da chamada geral; mas unicamente da Portugueza, na fórma, que Sua Magestade tem recómmendado em repetidas Ordens, que até agora se não observáraõ com total ruina Espiritual, e Temporal do Eftado. (PORTUGAL, 1758, p. 3).

De acordo com Lucchesi (2017), a política do Diretório propositou, ainda, afastar a influência dos jesuítas sobre as populações indígenas nas aldeias – resultando na expulsão deles, em 1759 –, uma vez que tinham a língua geral como instrumento para dominá-las. Todavia,

“[...] a falta de recursos fez com que seus efeitos [do Diretório] fossem bem reduzidos, particularmente na Província do Maranhão e Grão-Pará, onde a língua geral tupinambá seria predominante até a segunda metade do século XIX [...]” (LUCCHESI, 2017, p. 368).

Destarte, associadas ao começo da decadência das línguas gerais nas últimas décadas do século XVIII estão a expulsão dos jesuítas e a vinda de um contingente de portugueses para a Colônia atraídos pelas minas auríferas, além da restrição imposta pelo Diretório do Marquês de Pombal, oficializando e obrigando o uso da língua portuguesa (TEYSSIER, 2014).

Sucintamente, o segundo período dentro da terceira fase, de 1808 a 1850, tem como marco a transferência da Família Real portuguesa para o Brasil, em fuga das tropas napoleônicas. Esse fato intensificou a urbanização, liberou a imprensa, encetou a criação de escolas, da Biblioteca Nacional e de associações científicas e fez do Rio de Janeiro a capital da Coroa lusitana, o que suscitou um progresso material e cultural nas terras coloniais. Os 15.000 portugueses que aportaram no Brasil com a realeza contribuíram para ‘relusitanizar’ o Rio de Janeiro e, quando do regresso de D. João VI para Europa, em 1821, a Colônia se encontrava preparada para a independência (TEYSSIER, 2014).

A terceira subdivisão, de 1850 a 1930, inicia-se com o fim do tráfico negreiro – estancando a maior fonte de multilinguismo – ao qual sucederam, para suprir a mão de obra escrava, a vinda de imigrantes europeus e asiáticos, cujos efeitos dos contatos linguísticos foram muito suaves se comparados aos mantidos com as populações de proveniência africana, e de copioso contingente de imigrantes portugueses, contribuindo para a hegemonia da língua portuguesa de conformação lusitanizante (LUCCHESI, 2017).

O quarto estágio da história sociolinguística do Brasil (de 1930 até hoje) começa com o processo de industrialização e urbanização do país, que difunde a norma culta, porém sem alcançar as classes mais baixas, perpetuando a polarização sociolinguística até os dias atuais, baseada “[...] em um forte preconceito contra as formas mais típicas da fala popular, exatamente aquelas que derivam das mudanças induzidas, no passado, pelo contato do português com as línguas indígenas e africanas” (LUCCHESI, 2017, p. 274). Por outro lado, a norma culta brasileira afastou-se do padrão purista lusitanizante e anacrônico firmado na passagem do século XIX para o XX, de modo que foi se distanciando ainda mais do português europeu. Em suma, essa quarta fase se caracteriza por um processo de nivelamento linguístico, “[...] no qual a norma urbana de prestígio se impõe aos diversos segmentos sociais, aplainando a antiga diversidade dialetal diatópica” (LUCCHESI, 2017, p. 373).

Com efeito, a partir da proposta de periodização engendrada por Lucchesi (2017) – uma entre as diversas formuladas por outros linguistas – temos uma ideia mais nítida das imbricações



culturais, sociais e linguísticas pelas quais passou a “última flor do Lácio”, na expressão bilaquiana, em meio ao mosaico linguístico e cultural dos primeiros séculos da formação do português do Brasil, até coroar-se como língua hegemônica nesse país.

Antes de prosseguir, são necessários alguns adendos no sentido de melhor compreender as línguas gerais no contexto em que foram veiculadas. Na visão de Mattos e Silva (2006), há muito a ser investigado sobre o passado das línguas gerais indígenas e das línguas indígenas brasileiras, mediante reconstrução detalhada dos seus percursos históricos. A autora considera que, para as línguas gerais paulista e amazônica, é possível idealizar diversas situações de contato, maior ou menor, entre o português e as línguas autóctones e as africanas. Assim, conjectura, hipoteticamente, que o que se conhece por língua geral, em muitas situações, pode referir-se a um português simplificado, “mal falado”, com influências das línguas supracitadas, de modo que se faz complicada a distinção entre língua geral indígena e o que a autora chama de português geral brasileiro. Mattos e Silva (2006) defende que os principais difusores desse português foram os africanos e seus descendentes. Segundo a linguista, quando aportaram no Brasil, para se comunicarem, os escravos teriam de adotar ou as línguas indígenas, ou as línguas gerais indígenas, ou o português da colonização. A História do Brasil indica que a opção escolhida foi a última, com profunda reestruturação desse português, aprendido via circunstâncias de oralidade, sem o controle normativo-prescritivo explícito (MATTOS E SILVA, 2006). Dessa forma, a autora concebe que:

A consabida presença maciça dos africanos e seus descendentes nas grandes frentes de colonização da economia colonial; os diversificados e múltiplos papéis por eles desempenhados na sociedade colonial rural e urbana [...]; o significado social e linguístico dos chamados *espaços ilegítimos* da escravidão [...] e, acrescento ainda, o fato, assinalado por Dante Lucchesi (1999), que é o dos sucessivos deslocamentos de escravos do Nordeste para o Centro e para o Sudeste, acompanhando a história econômica brasileira – das plantações de açúcar para a mineração, daí para as emergentes plantações de café; e, acrescentaria também, posteriormente, o deslocamento dos descendentes mestiços, ou não, portadores do *português geral brasileiro*, do Nordeste para a Amazônia, são fatos históricos que, no meu modo de ver, embasam o ponto de vista interpretativo de que é esse numeroso segmento da população brasileira o principal agente da difusão do português brasileiro, na sua face majoritária, a *popular* ou *vernácula*. (MATTOS E SILVA, 2006, p. 246, grifos no original).

Câmara Jr. (2004), em seu artigo sobre a diferenciação linguística do português americano, defende que o tupi missionário, como ele denomina a língua geral, interferiu naquele apenas no nível do léxico, mediante empréstimos adaptados à fonologia e à gramática portuguesa, de forma que não entrou nenhum fonema indígena para o português do Brasil. Para o linguista, “a língua

geral, como língua de intercurso, despojou-se de seus traços fonológicos e gramaticais mais típicos para se adaptar à consciência lingüística dos brancos [...]” (CÂMARA JR., 2004, p. 117). Com base no banco de dados do DHPB, podemos dar como exemplos da profusão de palavras de origem indígena registradas: canindé, cuiú-cuiú, maracanã, guaxima, jacá, mirim, moquear, oca, taboca, tapera e tapioca. Pertinentes ao campo têxtil, encontramos as unidades lexicais **tapacurá** – ligas de algodão de cor vermelha atadas pelas índias abaixo do joelho como sinal de virgindade (MASCARENHAS, 1898) – e **tapuirana** – tecido usado para confecção de redes de descanso, segundo Houaiss (2009).

Quanto às línguas africanas, os negros se adaptaram à língua portuguesa com a feição de um falar crioulo. Câmara Jr. (2004) enfatiza o contato intenso e estreito entre os escravos negros e os brancos no período colonial. Exemplo dessa proximidade foi o papel de cuidadoras das crianças incumbido às escravas chamadas “mãe-pretas”. Nesse contato, os filhos dos senhores podem ter assimilado, espontaneamente, elementos do português crioulo usado por elas. O autor, partindo disso, diz que “por aí se poderiam explicar certas inovações e simplificações do português do Brasil em face do europeu. É claro, entretanto, que não se dariam mudanças fonológicas e gramaticais profundas sem correspondência com as próprias tendências estruturais da língua portuguesa” (CÂMARA JR., 2004, p. 117-118).

Acerca desse assunto, Garcia (2002) considera que o semicrioulo português, conforme se refere em seu artigo sobre substrato, superstrato e adstrato linguísticos, deixou vestígios em distintos níveis do português do Brasil, além do lexical: 1) fonológico, por exemplo, a queda do *r* final (mulher > muié / amor > amô); 2) morfofonológico, como a aglutinação fonética (os olhos > zóio / as unhas > zunha) e 3) morfológico, como a queda da flexão de número do determinado (as mulheres > as muié). O autor adverte que “[...] muitas das influências desse *semicrioulo português*, nos campos *morfológico* e *fonológico*, senão todas, já existiam como *tendências atuantes* ou *possibilidades latentes* na língua portuguesa padrão [...]” (GARCIA, 2002, p. 78-79) e reconhece que determinadas modificações, atribuídas a esse semicrioulo, remontam ao latim vulgar. Ciente da ressalva de que, à época da colonização, o português já trazia em seu léxico muitas palavras de origem africana, citamos alguns exemplos de unidades lexicais encontradas no *corpus* do DHPB, nomeadamente, com referência ao campo da alimentação: abará, angu, caruru, moqueca, quiabo, quibebe, quitute e tutu.

A apresentação desse quadro sócio-histórico é importante para contextualizar e situar os veículos textuais nos quais constam os dados que, adiante, descrevemos e analisamos. O banco de dados do DHPB comporta “[...] obras de natureza diversa, de todo o tipo e gênero, escritas por portugueses sobre o Brasil ou ainda por aqueles que vieram para o Brasil e aí se

fixaram” (MURAKAWA, 2017, p. 17). Assim, constitui um testemunho linguístico da época colonial – período que marca o começo do processo de construção da norma lexical do português brasileiro – para se perceber o dinamismo da língua nesse decurso e, em especial, os significados das palavras contextualizados no momento histórico em que foram veiculadas.

Na próxima seção, versamos sobre os Estudos do Léxico, léxico e cultura e terminologia têxtil.

## **2 TESSITURAS TEÓRICAS: FIOS CULTURAIS, LINGUÍSTICOS E LEXICAIS**

Apesar de vivermos hoje numa cultura da palavra escrita,  
a padroeira de textos e têxteis bem podia ser uma  
contadora oral, como tantos homens e mulheres pelos  
séculos afora, cuja palavra conseguiu nos chegar.

Ana Maria Machado (2003, p. 194).

Com enfoque em trabalhos que abordam a relação entre léxico e cultura, discorreremos agora sobre os Estudos do Léxico e, com auxílio de obras especializadas em processos e produtos têxteis, elucidamos alguns conceitos básicos da terminologia têxtil.

## 2.1 Estudos do léxico

Conhecemos por léxico o amplo repertório vocabular à disposição dos falantes de uma comunidade linguística. Para Vilela (1994, p. 6), em seu estudo de Semântica e Lexicologia do português, léxico é “[...] o conjunto das palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si” (VILELA, 1995, p. 13). Portanto, mediante o léxico expressamos o universo circundante e somos expressados; nomeamos tudo que há de concreto e abstrato e somos nomeados. Nesse sentido, o sistema léxico se constrói pelos usuários da língua num contínuo “fazer significar” e “significar-se”.

Segundo Biderman (2001a):

[...] o léxico de uma língua natural pode ser identificado com o patrimônio vocabular de uma dada comunidade linguística ao longo de sua história. Assim, para as línguas de civilização, esse patrimônio constitui um tesouro cultural abstrato, ou seja, uma herança de signos lexicais herdados e de uma série de modelos categoriais para gerar novas palavras. (BIDERMAN, 2001a, p. 14).

Na apreensão e estruturação da realidade, os falantes operam sucessivos atos de cognição e nomeação e, nesse processo, em determinado tempo e espaço, também associam e fazem significar cultura, visões de mundo, valores, ideologias, prescrições sociais e experiências (BIDERMAN, 1987). Então, as unidades que compõem o léxico – unidades lexicais – formam um conjunto representativo do patrimônio sociocultural de uma comunidade. Partilhamos, dessa forma, da concepção de Biderman (2001b):

O Léxico de qualquer língua constitui um vasto universo de limites imprecisos e indefinidos. [...] Qualquer sistema léxico é a somatória de toda experiência acumulada de uma sociedade e do acervo da sua cultura através das idades. Os membros dessa sociedade funcionam como sujeitos-agentes, no processo de perpetuação e reelaboração contínua do Léxico da sua língua. (BIDERMAN, 2001b, p. 179)

Biderman (2001a, p. 13) concebe que “ao dar nomes aos seres e objetos, o homem os classifica simultaneamente [...]”, estruturando e rotulando o mundo circundante. De acordo com a autora, “a geração do léxico se processou e se processa através de atos sucessivos de cognição

da realidade e de categorização da experiência, cristalizada em signos linguísticos: as palavras” (BIDERMAN, 2001a, p. 13). Importa saber que todo esse processo se relaciona aos outros níveis linguísticos, quais sejam o fonológico, o morfológico, o sintático e o pragmático; contudo, não se nega ser o nível dos arranjos lexicais o que melhor mostra a língua a serviço da cultura e por ela sendo servida (PAULA, 2010). Nesse sentido, este estudo prima pelas dimensões lexical e semântica, por entendermos, como Biderman (2001a, p. 13), que “o léxico de uma língua natural constitui uma forma de registrar o conhecimento do universo”.

Concernente à inter-relação do plano lexical com os outros níveis de análise linguística, conclamamos Lorente (2004, p. 20) para reforçar que

[...] o léxico está situado em uma espécie de intersecção linguística que absorve informações provindas de caminhos diversos: dos sons (fonética e fonologia), dos significados (semântica), dos morfemas (morfologia), das combinações sintagmáticas (sintaxe) ou do uso linguístico e das situações comunicativas (pragmática). Não há unidade lexical sem que algum destes aspectos esteja presente, de modo que a variação que afeta as palavras também tem origem em algum destes componentes. (LORENTE, 2004, p. 20).

A Lexicologia possui especial ligação com a Semântica, dada a importância da significação das palavras. Consoante Vilela (1994, p. 10), a Lexicologia estuda todos os aspectos das palavras de uma língua, interessando-se pela categorização e estruturação lexicais, e tem como objeto “[...] o relacionamento do léxico com os restantes subsistemas da língua, incidindo sobretudo na análise da estrutura interna do léxico, nas suas relações e inter-relações”. Seguindo esse raciocínio, o autor explana que a Lexicologia tem como função “[...] apresentar as informações acerca das unidades léxicas necessárias à produção do discurso e caracterizar a estrutura interna do léxico, tanto no aspecto conteúdo, como no aspecto forma” (VILELA, 1994, p. 10).

A fim de situarmos historicamente a Lexicologia no desenvolvimento das investigações linguísticas, a seguir, com apoio em Abbade (2006), traçamos uma síntese cronológica dos estudos sobre o léxico.

- **S. IV a. C.** – Gramática de Panini: o estudo do sânscrito definiu elementos significativos da língua: as palavras reais (as unidades lexicais) e as palavras fictícias (os morfemas). A atenção voltava-se para a forma (Morfologia);

- **Idade Média** – o debate em torno da exatidão das palavras colocou em contraposição realistas (as palavras são reflexos das coisas) e nominalistas (a denominação das coisas é feita arbitrariamente);
- **Do Renascimento ao século XVIII** – o desenvolvimento das investigações lexicais concentrou-se, nomeadamente, na construção de dicionários e no estudo das palavras pelo viés filosófico;
- **Século XIX** – foco na observação das propriedades fonéticas e morfológicas das palavras. Os estudiosos se desinteressaram pela relação pensamento e palavra e passaram a se dedicar, majoritariamente, à comparação das palavras. Nesse contexto, surge a Lexicologia:

[...] que estudava a língua falada, analisando-se o conteúdo lexical em elementos conceituais (sentido “básico” da palavra), funcionais (sentido “específico”) e morfossintáticos (sentido “acidental”), e defendendo o aspecto formal e histórico da palavra, subordinados aos aspectos semântico e sócio-cultural. (ABBADE, 2006, p. 215, grifos no original).

A partir da Geografia Linguística e da Onomasiologia, os problemas lexicais, aos poucos, sobressaem-se às investigações fonéticas e ganham espaço nos estudos linguísticos. No “Cours de Linguistique Générale”, publicado originalmente em 1916, Saussure (2006 [1916]) aborda a noção de valor linguístico e diz que uma palavra está integrada num sistema de relações, de maneira que pode ser analisada nos eixos sintagmático (combinações) e paradigmático (substituições). Assim, o linguista genebrino evidencia o léxico como um nível linguístico sistemático e passível de ser estruturado. Na sua obra, salientamos, ainda, o aparecimento da Lexicologia ao lado da Morfologia e da Sintaxe: “a interpenetração da morfologia, da sintaxe e da lexicologia se explica pela natureza, no fundo idêntica, de todos os fatos de sincronia. Não pode haver entre eles nenhum limite traçado de antemão” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 158).

- **Século XX** – a Lexicologia expande seu campo investigativo aliado às teorias: “[...] *Estruturalista*, na qual a língua é estudada sob o *ponto de vista formal e social*; [...] *Gerativista*, em que a língua é estudada sob o *ponto de vista cognitivo*; [...] *Funcionalista*, na qual a língua é estudada sob o *ponto de vista do uso social*” (ABBADE, 2006, p. 216-217, grifos no original).

Na visão de Matoré (1973, p. 43, tradução nossa)<sup>6</sup>, à Lexicologia interessa o valor social das palavras, abstratas ou concretas, sendo elas “[...] o reflexo de um estado da sociedade”. Baseado nisso, Matoré (1973, p. 50, tradução nossa)<sup>7</sup> concebe o vocabulário como um meio para explicá-la e compreendê-la: “também podemos definir a Lexicologia como uma disciplina sociológica utilizando o material linguístico que são as palavras”. Assim, o autor sustenta um estudo lexicológico que enfoca o conceito, porquanto esse retrata a mundividência de uma sociedade, e não as particularidades formais das palavras. Ainda que elas apresentem “[...] aspectos morfológicos, sintáticos, estilísticos, etc. A Lexicologia, negligenciando essas características secundárias, realizará sobre o real um recorte permitindo-lhe isolar, para melhor estudar, a função semântica da palavra” (MATORÉ, 1973, p. 23, tradução nossa)<sup>8</sup>.

Em análise dos pressupostos de Matoré (1973), Cambraia (2013) elenca uma série de críticas ao método de investigação proposto pelo lexicólogo francês, asseverando que, além de negligenciar as questões morfológicas e o nível das oposições distintivas na estruturação sistêmica da língua, também desconsidera os fatores sociolinguísticos:

[...] a Lexicologia de Matoré é *social* (pois considera as transformações no mundo real ao analisar a língua, mais especificamente, o léxico), mas não é *sociolinguística* (pois não considera as diferenças na sociedade – de gênero, de idade, de classe social, de região, de formação escolar, etc. – ao analisar o léxico). (CAMBRAIA, 2013, p. 167, grifo no original).

A Lexicologia social de Matoré (1973) centra-se, então, nos usos das palavras associados a fatos sociais – palavra como parte de uma estrutura social – o que caracteriza um estudo mais sociológico que linguístico. Apesar de sua proposta lexicológica apresentar lacunas e incongruências, por deixar em segundo plano questões de caráter linguístico, concordamos que “na realidade, as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que os homens têm delas” (MATORÉ, 1973, p. 42, tradução nossa)<sup>9</sup>. O autor demonstra que o léxico, ao representar a realidade linguística, cultural e social de uma comunidade, transmite e faz perdurar os conhecimentos aprendidos e passados de geração para geração.

<sup>6</sup> “[...] le reflet d’un état de société.” (MATORÉ, 1973, p. 43).

<sup>7</sup> “Aussi pourrions-nous définir la Lexicologie comme une discipline sociologique utilisant le matériel linguistique que sont les mots.” (MATORÉ, 1973, p. 50).

<sup>8</sup> “Le mots, nous l’avons vu, présente des aspects morphologiques, syntactiques, stylistiques, etc. La Lexicologie, négligeant ces caractères secondaires, opérera dans le réel un découpage lui permettant d’isoler, pour mieux l’étudier, la fonction sémantique du mot.” (MATORÉ, 1973, p. 23).

<sup>9</sup> “En réalité, le mots n’expriment pas les choses, mais la conscience que les hommes en ont.” (MATORÉ, 1973, p. 43).



Anuímos a Cambraia (2013) que, no labor lexicológico, é fundamental relacionar tanto critérios de ordem interna (semânticos) quanto externa (sociais): “um modelo de organização e funcionamento do léxico (incluindo-se aí a questão das mudanças lexicais) não pode prescindir da articulação de fatores intralinguísticos e extralinguísticos” (CAMBRAIA, 2013, p. 167-168).

Na ótica de Coseriu (1978, p. 62, grifo no original, tradução nossa)<sup>10</sup>, “[...] na língua real coincidem o que é sistemático, o que é cultural, o que é social e o que é histórico (embora os *límites* das várias estruturas sistemáticas, culturais, sociais e históricas possam não coincidir)”. Corroborando o autor, Vilela (1994) diz que não podemos deixar de recorrer à história da língua, à semântica histórica.

A partir desse raciocínio, frisamos a dimensão histórica do léxico. Para Piel (1989), ao tratar das origens e da estruturação histórica do sistema lexical da língua portuguesa:

O léxico de uma língua de civilização como a língua portuguesa é um **organismo vivo**, extremamente complexo na sua composição, pois resulta de um trabalho multissecular de elaboração e de selecção, cujos princípios se situam bastante para além da época em que o português se manifesta como instrumento literário nos primeiros documentos escritos (cerca de 1200). (PIEL, 1989, p. 9, grifo do autor).

Em essência, o léxico é o complexo repertório vocabular que nomeia e representa o universo, configurando um sistema aberto, volúvel, heterogêneo, mutável e inacabado, isto é, em contínua alteração e expansão. É, então, um nível linguístico abrangente e dinâmico cujos limites são imprecisos e indefinidos, pois é a dimensão relativamente irregular e instável da realização linguística de uma comunidade. Ademais, o léxico remonta ao passado – como produto da elaboração e selecção que atravessa os séculos – e renova-se no presente, porque a língua é viva e, como tal, o conhecimento não é estanque.

Quanto às áreas afins à Lexicologia, vale citar a (Meta)lexicografia (estudo e elaboração de obras lexicográficas); a Terminologia (estudo dos termos de áreas especializadas do conhecimento); a Toponímia (estudo dos nomes de lugares); a Semântica (estudo das significações linguísticas); a Lexemática (estudo da significação lexical); a Onomasiologia (estudo das denominações – parte do conceito e procura os signos linguísticos correspondentes) e a Semasiologia (estudo da significação – conduz-se do significante para o significado, ou seja, em sentido inverso ao da Onomasiologia).

---

<sup>10</sup> “En la lengua real coinciden lo sistemático, lo cultural, lo social y lo histórico. (aunque pueden no coincidir los *límites* de las varias estructuras sistemáticas, culturales, sociales e históricas).” (COSERIU, 1978, p. 62).

No rol dos estudos do léxico, as unidades lexicais podem ser analisadas por diversos ângulos; morfológico (formação de palavras), terminológico, do vocabulário de especialidade, entre outros. No âmbito do último, Abbade (2006, p. 217) diz que:

[...] destacam-se as pesquisas desenvolvidas com base em teorias estruturalistas, principalmente as de campos lexicais, referentes a vocabulários usados por pessoas que fazem parte de um grupo sócio-profissional, ou a obras escritas. O objetivo destas pesquisas, em geral, é registrar uma parte do léxico em uso, numa dada época, e aspectos da estilística lexical de profissionais da língua.

A par dessa explicação, a presente pesquisa descreve e analisa um vocabulário de especialidade, haja vista que investiga unidades lexicais inscritas num subconjunto do léxico geral do português, coligidas a partir do banco de dados do DHPB. É importante entender que esse banco documenta uma parcela dos nomes de tecidos e de confecções, pois, circunstancialmente, compõe-se de textos referentes ao Brasil escritos por portugueses ou por pessoas nascidas na Colônia e compreende um período determinado, século XVI ao XVIII. Dessa maneira, faz-se pertinente retomar a definição de léxico e especificar o termo vocabulário.

De acordo com Correia e Barcellos Almeida (2012, p. 15), o **léxico** abrange o “conjunto virtual de todas as palavras de uma língua [...], as neológicas e as que caíram em desuso, as atestadas e aquelas que são possíveis tendo em conta os processos de construção de palavras disponíveis na língua”. O **vocabulário**, por sua vez, é entendido como o “conjunto factual de todos os vocábulos atestados num determinado registro linguístico, isto é, um conjunto fechado de todas as palavras que ocorreram de fato nesse discurso” (CORREIA; BARCELLOS ALMEIDA, 2012, p. 15). Sobre a relação entre léxico e vocabulário, Genouvrier e Peytard (1974, p. 307) assim se manifestam: “lembramos que o vocabulário é o reflexo do léxico, num enunciado dado, que as virtualidades do léxico se atualizam num vocabulário”.

Dessa forma, podemos conceber o vocabulário têxtil que coligimos como um reflexo do léxico geral do português, ou seja, um conjunto de unidades lexicais relativas a tecidos ou confecções atualizadas e atestadas em textos de diversos tipos e gêneros reunidos com um propósito: construir o “Dicionário Histórico do Português do Brasil”, com enfoque estabelecido (respeitantes ao Brasil), num arco temporal determinado (século XVI ao XVIII) e por autores definidos (portugueses ou pessoas nascidas na Colônia).

Haja vista que temos citado reiteradamente o termo **unidade lexical**, convém evidenciar com que sentido o empregamos. Dada a ambiguidade que envolve os conceitos de palavra, lexia,

lexia simples, lexia composta e lexia complexa, adotamos neste estudo a perspectiva de Xavier e Mateus (1990/1992, *online*), que identificam como unidade lexical (doravante, UL) “[...] a unidade que diz respeito em nível de análise relativo ao léxico. O termo unidade lexical pode recobrir várias realidades: o lexema (unidade da língua), o vocábulo (unidade do discurso ou da *parole*), a lexia, a unidade lexicográfica, a palavra” (XAVIER; MATEUS, 1990/1992, *online*).

Cabe elucidar, também, o conceito de **denominação**, pois o utilizamos com frequência para fazer referência aos nomes de tecido e de confecções. Fundamentados em Freixa (2002), visamos a denominação como o ato prévio de nomeação que constituiu uma associação referencial duradoura entre o referente e o signo linguístico, ou seja, a denominação subentende um relacionamento referencial estável, recorrente e guardado na memória, e não referências ocasionais que, grosso modo, configuram designações.

Noutros termos, Correia (1999, p. 4-5, grifos no original), fundamentada em Kleiber (1984), explica que denominação implica “[...] a existência de um acto de denominação prévio (uma relação referencial durável é instaurada previamente entre o objecto *x* e o signo *X*), fazendo com que esse signo passe a constituir uma característica inalienável do objecto, o seu nome”. Dessa forma, a denominação é uma relação estabelecida entre uma unidade lexical (provida de significado e de significante) e “[...] uma imagem mental que corresponde e representa uma categoria de entidades da realidade extralinguística” (CORREIA, 1999, p. 4).

Com esse sentido também empregamos o verbo **denominar**. A propósito, importa salientar que usamos indistintamente os termos **nome** e **substantivo**, por oposição a adjetivo.

Na sequência, abordamos a relação entre língua e cultura, visando o léxico como o nível de descrição linguística mais estreitamente ligado ao plano extralinguístico e, nesse sentido, reconhecendo a importância de se perspectivar língua e cultura de forma holística e interativa.

## 2.2 Língua e cultura

O pressuposto da relatividade linguística, também conhecida como hipótese Sapir-Whorf, traz a ideia de que a estrutura linguística influencia a estrutura social e, dessa forma, transmite certa representação do mundo pela comunidade, sua visão de mundo. Com base nisso, o léxico de cada língua exprimiria uma visão diferente da realidade.

De acordo com Sapir (1969, p. 45), “o léxico da língua é que mais nitidamente reflete o ambiente físico e social dos falantes”. O autor sublinha que, além de ser um meio de expressão e comunicação, pelo léxico se criam, se assimilam e se transmitem conhecimentos. Logo, “o

léxico completo de uma língua pode se considerar, na verdade, como o complexo inventário de tôdas as ideias, interêsses e ocupações que açambarcam a atenção da comunidade [...]” (SAPIR, 1969, p. 45).

Tudo que está no domínio cognoscível concreto e abstrato do ser humano é nomeado e identificado pela palavra; assim, esse universo significativo se mostra, notadamente, no léxico do sistema linguístico. Biderman (2001b, p. 109) exprime que “[...] cada língua traduz o mundo e a realidade social segundo o seu próprio modelo, refletindo uma cosmovisão que lhe é própria, expressa nas suas categorias gramaticais e léxicas”.

Rico campo para os estudos da linguagem, o léxico é o patrimônio vocabular do saber de um povo, por meio do qual se transmite todo o conhecimento adquirido e acrescentado ao longo da história. Com efeito, falar de léxico é falar sobre o aspecto mais dinâmico de uma língua. No contexto desta pesquisa, observamos que, com o surgimento de novas variedades de tecidos após o século XVIII, em razão do desenvolvimento industrial, algumas variedades deixaram de ser fabricadas ou foram aperfeiçoados com novas técnicas de tecelagem e pela incorporação de outros materiais. Logo, o desaparecimento dos referentes pode ter levado ao desuso de palavras que os denominavam, permanecendo, em sua maioria, encerradas nos dicionários.

Entretanto, é necessário observar o seguinte:

Embora signifique a realidade, o léxico é, ainda, mais estável e imune às peripécias sociais, não conseguindo (e não podendo!) acompanhar as dinâmicas sociais que ele nomeia, sob o risco de a cada nova cultura ou novo momento das culturas de um povo ou nação ter uma nova ou uma língua bastante alterada. (PAULA, 2010, p. 23).

Descrever o léxico de uma língua, ou uma parcela desse acervo atualizada nos textos (tanto escritos quanto orais), a exemplo do vocabulário têxtil do *corpus* do DHPB, é uma maneira de emergir elementos socioculturais a partir das palavras. Assim, reiteramos Vilela (1994, p. 6) para afirmar que o léxico arquiva o saber linguístico e, além disso, é “[...] a janela através da qual um povo vê o mundo”.

### 2.2.1 Da perspectiva da lexicultura

Ante a amplitude e complexidade do termo, sublinhamos que, no presente estudo, compreendemos cultura como produto coletivo da vida humana, ou seja, construção social e histórica que reporta a conhecimentos, experiências, ideias, crenças, costumes, manifestações e

objetos materiais e imateriais; e ao modo como tais elementos existem na vida em sociedade e a marcam.

Para Barbosa (2009), o léxico não é unívoco nem transparente, e sim opaco e polissêmico; ou seja, há uma multiplicidade de significados subjacentes às palavras, o que possibilita, por exemplo, sentidos denotativos e conotativos. Tal propriedade se dá graças ao valor que as palavras ganham no seu uso, valor que é “[...] conhecido e compartilhado entre os membros pertencentes a uma cultura e constitui fator de aproximação e de reconhecimento mútuo” (BARBOSA, 2009, p. 34).

Quando aborda essa questão, a autora parte da ideia de carga cultural compartilhada (CCC) – *charge culturelle partagée* (CCP) – proposta por Galisson (1991), segundo o qual consiste no valor agregado ao significado usual da palavra (geralmente, registrado nos dicionários) e conhecido e compartilhado pela maioria dos membros de uma cultura, ou seja, pertencente ao patrimônio coletivo. Assim, o linguista francês cunha o conceito de lexicultura; a cultura latente, veiculada e atualizada nas palavras. Para Barbosa (2009, p. 33), essa aliança entre léxico e cultura “[...] mostra-nos a singularidade e a diversidade dos lugares onde a cultura pode ser encontrada em uma língua, pois, sabemos que o léxico é o nível de descrição lingüística mais diretamente ligado à realidade extralingüística”.

De forma a acentuar as ideias acima expostas, recorreremos a Jiang (2000) quando aborda a inseparabilidade da língua e da cultura a partir de analogias e dados interessantes para se compreender tal relação. A autora afirma que “a língua reflete simultaneamente a cultura e é influenciada e moldada por ela” (JIANG, 2000, p. 328, tradução nossa<sup>11</sup>). Destaca, pois, que uma língua é parte de uma cultura e vice-versa; por conseguinte, a tentativa de separação acarretaria prejuízo no significado das palavras.

Fundamentada nessa concepção, Jiang (2000) associa a língua a um organismo e a cultura ao sangue que o mantém vivo. Logo, sem cultura, a língua não sobreviveria e, do mesmo modo, a cultura não vingaria na falta da língua. Na perspectiva comunicativa, a autora compara

[...] a sociedade a uma piscina, [em que] a língua é uma habilidade de natação e a cultura é a água. Quando ambos estão presentes, as pessoas nadam bem (comunicam-se com sucesso). Nadam com confiança e rapidez quando estão familiarizadas com a água (ou seja, dentro de sua cultura), mas com cautela e lentidão quando não lhes é familiar (dentro de uma cultura distinta). (JIANG, 2000, p. 332, tradução nossa<sup>12</sup>).

<sup>11</sup> “Language simultaneously reflects culture, and is influenced and shaped by it.” (JIANG, 2000, p. 328).

<sup>12</sup> “If we compare the society to a swimming pool, language is a swimming skill and culture is the water. When both are present, people swim well (communicate successfully). They swim confidently and rapidly when they

Vale abrir parêntese para pensar o “nadar” dos portugueses quando aportaram nas “novas terras”. Ainda que na posição de dominadores, estavam adentrando em “águas” inéditas e turvas, confrontados com paisagens pitorescas, em condições adversas e em meio a tantas novidades faunísticas, florísticas e, sobretudo, culturas outras, com suas línguas e visões de mundo peculiares. O africano, decerto, passou também por situações de estranhamento. Sabido é que, nesse entrelaçar linguístico e étnico, “fios” portugueses se sobrepuseram<sup>13</sup> na urdidura; porém, nas camadas da trama, em que se enredam fios sortidos e disformes, os de origem indígena, africana e de outras procedências também se incorporam ao tecido multicolor que é o português brasileiro – resultado de uma conjuntura caracteristicamente plural desde os primórdios.

Pelo viés pragmático, a comunicação é como o trânsito, onde o veículo seria a língua e o semáforo, a cultura. A língua, dessa forma, tornaria a comunicação fácil e rápida e a cultura a regularia ou, às vezes, a promoveria ou a dificultaria. Em resumo, Jiang (2000) quer ratificar que ambas, língua e cultura, constituem um todo entrelaçado e indissociável.

Fundamentada nessas premissas, a autora dá exemplo em duas línguas/culturas distintas: a palavra *dog*, em inglês, e *gou*, em chinês, referem-se ao mesmo animal mamífero da família dos canídeos. A maior parte dos ingleses associa o cão ao melhor amigo do homem, animal companheiro e de estimação. A maioria dos chineses, por sua vez, associa o cão, primeiramente, a guarda da casa, defensor feroz e barulhento. Então, percebemos que os significados das palavras inglesa e chinesa utilizadas para nomear o mesmo referente, o cão, não se equivalem absolutamente em razão da carga cultural subjacente a cada uma, apontando uma divergência de percepções do mundo.

Para Jiang (2000), tudo na língua possui significados; designativos ou associativos; denotativos ou conotativos. Portanto, toda forma linguística que usamos carrega significados que não se convergem num mesmo sentido porque está associada à cultura, e a cultura é mais extensa que a língua.

Ante tal idiosincrasia pertinente à heterogeneidade do significado, evocamos a teoria dos sememas, em que o significado consiste em uma série de traços sêmicos, ou semas, que configuram uma unidade superior, o semema. Cada semema resulta de uma condensação de sentidos veiculados pelos vários semas que o compõem, o que permite uma análise da complexidade do significado das palavras. Poderíamos, nesse sentido, considerar que ao menos

---

are familiar with the water (i.e. within their native culture), but cautiously and slowly when it is unfamiliar to them (within a foreign culture).” (JIANG, 2000, p. 332).

<sup>13</sup> “Nessa interação secular, complexa e diversificada, o português, vindo da Europa, será um denominador comum, já que lançados ao mar os dados (as velas) da história, veio a ser a língua portuguesa, e não outra, como poderia ter sido, a língua da sociedade dominante, que moldou o Brasil mais evidente.” (MATTOS E SILVA, 2004, p. 13).

um desses semas seja portador da carga cultural. Voltando ao exemplo de Jiang (2000), o componente semântico “melhor amigo do homem” da palavra *dog* em contraste com “guarda da casa” de *gou* portariam as cargas culturais que refletem conotações distintas.

Retomando o que dissemos acerca do estranhamento dos estrangeiros que aportaram no ignoto continente sul-americano, vale atentar para o fato de as palavras de origem indígena serem sobremaneira numerosas no âmbito da fauna e flora, visto que muitos animais e plantas eram, até então, conhecidos apenas pelos nativos. Podemos relacionar isso com o conceito de lexicultura, pois evidencia “[...] em particular a singularidade e a diversidade dos lugares nos quais a cultura pode se manifestar em uma língua” (BARBOSA, 2008, p. 38, tradução nossa)<sup>14</sup>.

Os dados sobre os quais se debruça esta pesquisa, o léxico relativo a tecidos e confecções, estão mais ligados ao “mundo europeu”, de onde importamos muitos tecidos para usos diversos e herdamos, também, o costume de vestir o corpo e a casa. No entanto, algumas unidades lexicais de etimologia indígena inventariadas, como **tapacurá** e **tapuirana**, exemplificam e refletem mudanças e acréscimos que o português europeu transplantado para a Colônia experimentou, nos mais diversos âmbitos.

Concernente à carga cultural que as palavras podem portar, convém ressaltar que há palavras mais marcadas culturalmente que outras, mais neutras. Contudo, os conceitos e os exemplos descritos assinalam a estreita relação das dimensões linguística e cultural, especialmente, no nível léxico. Intentamos, com isso, mostrar que a poliedricidade do fazer humano e do produto desse contínuo processo ao longo da história deixam-se transparecer no léxico, haja vista que dinâmicas – ou peripécias, no dizer de Paula (2010) – socioculturais geram demandas linguísticas capazes de abranger aspectos tanto concretos quanto abstratos da existência humana. Apreendemos, por essa ótica, que as unidades lexicais, como portadoras de significado, “[...] refletem os diferentes momentos da história de uma sociedade, enquanto recortam o universo em categorias que variam exprimindo visões particulares de mundo” (SEABRA, 2015, p. 79).

É de se assumir que a compreensão de fatos linguísticos, ou, no quadro da pesquisa, do sistema lexical, demanda uma perspectivação da língua e da cultura em conjuntura, outrossim, visados de forma holística e interativa, e não isoladamente. Com base nas questões tratadas, consideramos, além das fontes e estudos históricos, os contextos em que ocorrem as unidades lexicais inventariadas do banco de dados do DHPB, como também buscamos nas obras lexicográficas as definições para cada tecido e confecção, a fim de obter informações sobre características físicas, composição, procedência, emprego, entre outros aspectos.

---

<sup>14</sup> “[...] en particulier la singularité et la diversité des lieux dans lesquels la culture peut se manifester dans une langue.” (BARBOSA, 2008, p. 38).

As unidades lexicais que coligimos espelham aspectos diversos associados aos têxteis na fase colonial do Brasil. Palla (1992, p. 30), em estudo lexical do traje e adornos em Gil Vicente, afirma que “através das indumentárias esboçar-se-á uma distribuição horizontal e vertical dos homens: uma geografia e uma hierarquia sociais, o museu imaginário de uma sociedade na diversidade de seus trajes”. Para a autora, o traje, incorporado em um sistema social que lhe demarca a forma e o uso, nunca é neutro. Ademais, enfatiza-se que “estudar um traje num determinado momento histórico levamos ao encontro de uma época, dos seus costumes, gostos, modas e ideais” (PALLA, 1992, p. 30-31). Com referência aos tecidos, Oliveira (2011) corrobora a autora supracitada:

[...] os tecidos - itens corriqueiros - carregam nas suas tramas uma história que dialoga com a cultura do povo que os criou ou que os usa. Verdadeiros ícones de épocas e lugares, os tecidos costumam trazer nos próprios nomes a geografia do lugar onde foram fabricados ou difundidos e o percurso até determinada região. (OLIVEIRA, 2011, p. 442).

Chataignier (2006, p. 19), em sua obra sobre o universo têxtil, destaca a suntuosidade que tecidos e vestimentas representavam no século XVII: “[...] o tecido utilizado em roupas, trajes, moda e utilitários é um dos mais fortes e antigos meios de comunicação. Tão forte que até meados do século XVII, ele era considerado um bem de luxo e figurava como herança em testamento, assim como boas peças da indumentária”.

Diversos em seus tipos, texturas, colorações, origens, os tecidos acompanham o ser humano do nascimento à morte, há milênios, compondo não apenas a sua vestimenta, mas aparecendo, com numerosas finalidades, em todas as casas, nas artes decorativas, no trabalho, enfim, em praticamente todos os lugares, épocas e ocasiões. Nessa perspectiva, podemos dizer que os tecidos, assim como os artefatos com eles fabricados, estão contidos em uma esfera maior: a cultura material. Segundo Domingues-Lopes (2003),

[...] os bens materiais de um grupo social podem ser observados não como um fim em si mesmos, mas como um meio para entender costumes, tradições, visões de mundo e meio ambiente da sociedade que os produziu. Tornando a fabricação de objetos, parte integrante do sistema cultural. (DOMINGUES-LOPES, 2003, p. 22).

Focalizando a cultura material têxtil, Neira (2011) completa:

A variedade tipológica têxtil, e essa é sua característica distintiva, não necessariamente corresponde à sua função prática. Ainda, os artefatos têxteis normalmente são tanto decorativos (ou estéticos) quanto utilitários (Prown, 1982), de modo que essa distinção não é representativa nesta espécie material,



demonstrando que é infértil (para as ciências humanas) o estudo do artefato têxtil por ele mesmo, sem que esteja compreendido à luz do contexto de sua existência. (NEIRA, 2011, p. 285-286).

Essas ideias vêm ao encontro do tema da presente pesquisa. Como estudiosos da linguagem, não investigamos os objetos, no entanto, acessamos a memória, o registro linguístico deles nos documentos do banco de dados e nas obras lexicográficas. Nesse ponto, da língua evidencia-se, especialmente, o seu nível léxico, como meio de preservação e transmissão do conhecimento da realidade em todos os seus âmbitos.

Versar sobre a relação entre léxico, cultura e sociedade é imprescindível à investigação do vocabulário dos tecidos e confecções no banco de dados do DHPB, pois subjacentes às palavras há aspectos culturais, históricos e sociais importantes ao entendimento das denominações veiculadas na época colonial brasileira, as quais figuram um rico vocabulário a partir do qual empreendemos o estudo.

### **2.3 Da fibra ao tecido: conceitos básicos**

Abordamos, nesta subseção, o significado de algumas unidades lexicais básicas do vocabulário têxtil e esclarecemos suas distinções. Vamos partir do menor elemento, a fibra, “[...] algo como um átomo, ou seja, a menor partícula de matéria com características químicas definidas” (CHATAIGNIER, 2006, p. 28). Houaiss (2009) define fibra como “qualquer estrutura filamentososa, ger. sob forma de feixe, encontrada nos tecidos animais e vegetais ou em algumas substâncias minerais”, ou, ainda, “estrutura filamentososa sintética, obtida ou produzida artificialmente por meio de síntese química”.

As fibras têxteis, de acordo com Chataignier (2006), separam-se em dois grandes grupos: naturais e químicas. As fibras naturais são classificadas conforme sua origem. Então, há as vegetais, obtidas a partir de plantas (algodão, linho, juta, bambu, sisal, cânhamo); as animais (lã, seda) e as minerais (amianto). No grupo das fibras químicas, resultantes do tratamento químico de elementos naturais não encontrados em estado fibroso, há as artificiais, produzidas com matéria-prima natural (celulose, acetato, viscose) e as sintéticas, processamento feito mediante carvão mineral ou petroquímica (poliamida, poliéster, acrílicas, elastano).

Em virtude de a nossa pesquisa contemplar os três séculos dos quais datam os textos do banco de dados do DHPB (XVI, XVII e XVIII), consideramos as principais fibras naturais de origem animal e vegetal.

Quanto aos fios, resultam do processo de fiação, ou seja, da “[...] transformação das fibras individuais em fio contínuo, coeso e maleável [...]” (CHATAIGNIER, 2006, p. 23). Para cada tipo de fibra há um processo distinto de fiação.

A tecelagem consiste no entrecruzamento dos fios em diversos sentidos, verticalmente (o urdume ou urdidura) e horizontalmente (a trama), formando o tecido. Chataignier (2006, p. 21) explica que “a urdidura pertence a um grupo de fios longitudinais e a trama liga-se a outro grupo de fios também chamados de enchimento e que são transversais, colocados na largura do tecido”.

Pezzolo (2009) assinala que, na tecelagem, o modo de entrelaçar os fios determina a estrutura básica do tecido, podendo ser de variados tipos. No entanto, as ordens básicas de cruzamento dos fios da trama com os fios do urdume são três: ligamento tafetá ou tela, ligamento sarja e ligamento cetim. O ligamento **tafetá** ou **tela** consiste na:

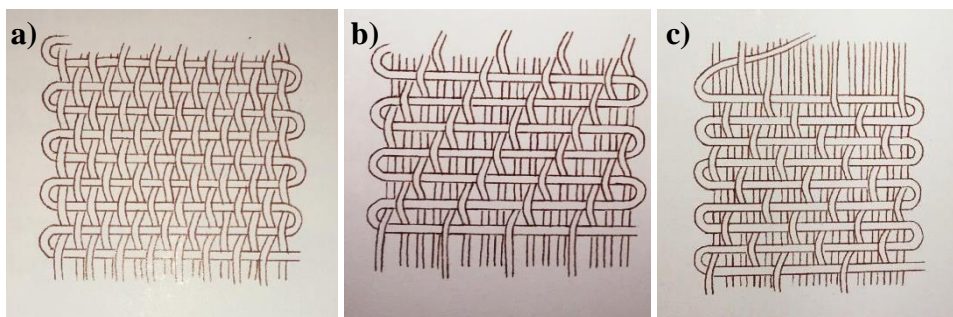
[...] mais simples das estruturas de base, caracteriza-se pela disposição inversa dos fios pares e ímpares. Cada fio da trama passa alternadamente por cima e por baixo de cada fio do urdume, resultando numa tela que lembra um tabuleiro. Mais de 70% dos têxteis são tecidos segundo esta técnica. Exemplos: cretone, batista, musseline. (PEZZOLO, 2009, p. 153).

O ligamento **sarja** é “reconhecido por suas linhas diagonais, que formam, na maioria das vezes, o ângulo de 45°. A armação sarja resulta num tecido com direito e avesso nitidamente diferentes. Ritmo da tecelagem: um não, dois sim. Exemplos: sarja, espinha-de-peixe” (PEZZOLO, 2009, p. 153).

O ligamento **cetim** “Resulta num tecido liso, sem qualquer efeito motivado pela trama, graças à disseminação dos pontos de cruzamento entre os fios. Característica: direito e avesso diferentes, sendo o direito com brilho. Exemplo: cetim” (PEZZOLO, 2009, p. 153).

Esses modos distintos de entrelaçar os fios são representados na Figura 1:

**Figura 1** – Tipos de ligamentos.



a) – tafetá ou tela; b) – sarja; c) – cetim.

Fonte: Pezzolo (2009). Org.: o autor.

Respeitante à formação, os tecidos podem ser **planos, malha, de laçada, especiais e não tecidos**. Das inúmeras formas de tecelagem, entre métodos manuais, mecânicos e automáticos, interessa-nos, sobretudo, os tecidos planos, formados por dois conjuntos de fios (o urdume e a trama) em ângulo de 90° (PEZZOLO, 2009). Esses se subdividem, basicamente, em **lisos, maquetados, jacquard e estampados**. A autora esclarece que os ligamentos tafetá, sarja e cetim formam tecidos planos e lisos, por exemplo, cambraia, brim e veludo.

Do verbo **tecer** (lat. *tēxere*) abstraímos a forma nominal **tecido**, particípio passado, ou seja, aquilo que se teceu. Logo, pelo processo de conversão, chegamos ao substantivo **tecido**: objeto confeccionado mediante o entrelaçamento dos fios, manual ou mecanicamente, conhecido também como pano ou fazenda.

Vale elucidar, também, alguns termos genéricos referentes a tecidos, de ordinário, usados nas definições dos dicionários mais antigos. Começamos pela UL **droga**. Segundo Silva (1813, p. 642, v. 1), no contexto têxtil, significa “mercadorias ligeiras, de lã, ou seda”. Ligeiro, nessa definição, corresponde a leve. Por exemplo, o damasquillo; uma variedade menos encorpada do damasco. **Droga** pode condizer, também, a mercadorias que vinham do Oriente, entre as quais figuram os têxteis. Desse modo, mesmo no domínio têxtil, não possui um significado fixo e a especificação depende de cada contexto.

**Estofa**, para Ferreira (2004), refere-se a “tecido, em geral lavrado, de lã, seda, algodão, etc., usado especialmente para decoração”. Vieira (1871-1874) remete o lema **estofa** à **estofa** e a define como “tecido rico de lã, seda, algodão, etc., especialmente quando encorpado [...]”. Encaixa-se, aqui, o **brocado**, tecido encorpado, “estôfo entretecido de sêda e fios de oiro *ou* prata, com figuras *ou* flôres em relêvo” (FIGUEIREDO, 1899, p. 211, v. 1, grifos no original).

Acerca da UL **tela**, além de significar o tipo de ligamento que explanamos acima, também “diz se particularmente dos tecidos de prata, & ouro” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 67, v. 8). No suplemento, Bluteau (1712-1728, p. 243, v. 9, grifos no original) detalha que há muitas castas desse gênero: “*Tela de altos*, he a de melhor qualidade. *Tela frizada*, he a que tem as flores tecidas de ouro, e este levantado em outros ramos, fazendo huma frisa, como de veludo. *Tela repassada*, he aquella, que o ouro, ou prata passa tambem ao avesso”. Por exemplo, o **tisso**, “tela forte bordada de ouro” (SILVA, 1789, p. 461, v. 2). Todavia, há ocorrências da UL **tela** não necessariamente condizentes ao sentido exposto, como na definição de **bocachim** que, consoante Silva (1789, p. 185, v. 1), é “tela encerada, para entretelar vestidos”. Nesse contexto, diz respeito ao tipo de armação.

Há que se especificar, também, a UL **lençaria**. Conforme Vieira (1871-1874, p. 1286, v. 3), diz respeito a “toda espécie de telas, ou pannos de linho, ou de algodão”. Silva (1949-1959)

reitera essa acepção, mas em vez de linho ou algodão, cita toda e qualquer espécie de tecido de lã ou algodão. Em Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) não consta o lema. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) não registram acepção análoga às supramencionadas. Contudo, no verbete **lenço**, Houaiss (2009) define, sob a rubrica antigo, uma “modalidade de tecido de linho ou de algodão” Então, compreendemos que **lençaria** é uma denominação genérica para panos de linho ou algodão. Isso fica evidente na comparação das seguintes definições da UL **damasco**:

“Tecido de seda, **lençaria**, lã, de sorte que parte delle fica lizo, e setinado, a outra de superficie aspera, fazendo a diferença vários labores” (SILVA, 1789, p. 359, v. 1, grifo nosso).

“Tecido de seda, **linho, algodão** ou lã com labores, fabricada primeiramente na cidade de Damasco, d’onde o trouxeram os genoveses” (VIEIRA, 1871-1874, p. 694, v. 2, grifos nossos).

“Lençaria”, na primeira definição, foi substituída por “linho, algodão” na segunda, corroborando que o significado é genérico e recobre tecidos feitos com fibras de origem vegetal, particularmente, linho ou algodão.

Por fim, em face das ocorrências da UL **vestido** nas definições e nos excertos do *corpus* citados ao longo do trabalho, convém fazer uma diferenciação, pois nos baseamos em textos de séculos passados, sendo admissíveis mudanças nos significados das palavras. É natural que a UL **vestido** nos leve a pensar, primeiramente, na indumentária feminina, em especial, numa peça inteiriça que pode ter diversos comprimentos entre o pescoço e os pés, como os vestidos de noiva, de festa etc. Em Bluteau (1712-1728), **vestido** possui significado mais amplo, sendo “o com que nos cobrimos, para a honestidade, & para defender o corpo das injurias do ar”, ou seja, tudo o que se pode vestir.

Na sequência, descrevemos os procedimentos metodológicos que guiaram a organização, a descrição e a análise dos dados no desenvolvimento da pesquisa.

**3 POR UMA TEIA COESA:  
PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

Nos dias frios de inverno, com vento e neblina,  
fui cada vez mais me enrolando e aquecendo no  
tecido daqueles textos.

Ana Maria Machado (2003, p. 178).

Inauguramos esta seção descrevendo a construção do banco de dados do DHPB e, adiante, elencamos as etapas e os métodos da presente pesquisa, como a definição do *corpus*, os critérios e estratégias para coleta dos dados lexicais e a elaboração do cotejo lexicográfico em consulta a dicionários dos séculos XVIII, XIX, XX e XXI. Isso feito, abordamos os campos lexicais e, com foco no método lexemático de Coseriu (1977), detalhamos os procedimentos da composição dos microcampos. Assim, estabelecemos, também, as categorias lexicais definidas a partir das unidades lexicais não conformadas nos microcampos. Por último, aduzimos os elementos constitutivos e os critérios utilizados na organização do Vocabulário têxtil do banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII”.

### **3.1 O banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII”**

Encetado pela Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Tereza Biderman, o projeto do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII” desenvolveu-se ao abrigo do Programa Institutos do Milênio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e foi concluído, em 2013, sob a coordenação da Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Clotilde Murakawa, concretizando mais de 10.000 verbetes numa substancial e ainda inédita obra da lexicografia brasileira (MURAKAWA, 2015).

Com sede no Laboratório de Lexicografia, na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, Câmpus de Araraquara, o projeto contou com o apoio de equipes formadas por profissionais de diferentes partes do Brasil e de Portugal. Quando descreve o processo da construção do DHPB, Murakawa (2011) especifica que:

O nome histórico como qualificativo do dicionário não é somente porque a obra de referência registra as mudanças semânticas, gráficas, fonéticas ou morfológicas que as palavras sofrem num período de tempo, mas também porque, ao ser construído sobre uma base informatizada formada de documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII, resgata a história da língua e a história política, administrativa, econômica, cultural e religiosa do Brasil Colônia. (MURAKAWA, 2011, p. 2).

Foram reunidos documentos dos séculos XVI, XVII e XVIII e do começo do XIX, com um total de 28.858 páginas escaneadas e 7.492.472 ocorrências. Murakawa (2015) explica que, para a construção do DHPB, apenas esse *corpus* foi utilizado e que há, ainda, um segundo banco não explorado, com 8.009 páginas escaneadas e 2.049.249 ocorrências, o qual servirá à

ampliação do Dicionário. Precisamente, foram reunidos textos datados de 1500, com a Carta de Pero Vaz de Caminha, até 1808, quando a Família Real portuguesa aportou no Brasil (MURAKAWA, 2015).

De acordo com Murakawa (2015, p. 76, grifo no original), “denominou-se *documento* toda a produção escrita utilizada como testemunho, comprovação da língua portuguesa no período”. Como critérios de seleção, os textos deveriam ser escritos sobre o Brasil por portugueses ou por aqueles nascidos na Colônia. Dessa forma, foram coligidos documentos em museus, arquivos históricos, bibliotecas públicas e particulares no Brasil e em Portugal, obtendo-se uma grande variedade de documentos, tais como:

[...] obras dos missionários viajantes, na sua maioria jesuítas que vieram em missão catequética e no Brasil se fixaram; diários de navegação, como o de Pero Lopes de Sousa, irmão de Martin Afonso de Sousa; cartas de sesmarias; roteiros descritivos da flora e fauna brasileiras; descrições geográficas; cartas e sermões do Padre Vieira, pregados aqui no Brasil e de outros oradores sacros, que para aqui vieram e que tiveram sua correspondência reunida em obras esparsas; obras e documentos que tratam do Estado do Grão Pará, durante a era pombalina; cartas comerciais trocadas entre comerciantes da Colônia com outros de Portugal; obras sobre a nobiliarquia paulistana; atos de câmaras municipais; anais de câmaras de diversos municípios brasileiros; documentos cartoriais; autos de devassas feitos durante a Inconfidência Mineira; processos; inventários; testamentos; alvarás; posturas; bandos; atos de doações de terras, casas e terrenos; cartas de ofício; patentes; cartas dos governadores gerais; provisões; documentos forenses; estatutos de sociedades; constituições dos bispados do Brasil; regimentos militares; obras sobre medicina, farmácia, agricultura, mineração, além da produção literária do barroco e arcadismo no período. (MURAKAWA, 2015, p. 76).

Para processamento dos textos, foi utilizado o programa computacional *Philologic* (desenvolvido na Universidade de Chicago), cujos mecanismos de busca possibilitam localizar, no contexto, as unidades lexicais e suas combinatórias. Antes de serem inseridos no programa, os documentos tiveram de tomar formato digital, sendo necessários os seguintes procedimentos descritos por Murakawa (2015): 1) seleção dos textos; 2) escaneamento dos textos e edição das imagens; 3) organização das pastas em que cada pasta corresponde a uma obra; 4) transferência das imagens para textos editáveis (TIFF > DOC) a partir da leitura ótica (*Optical character recognition* - OCR) e correção pelo programa *ABBYY Fine Reader*; 5) inclusão da ficha catalográfica nos textos corrigidos; 6) conversão para arquivos texto (TXT); e 7) marcação XML (*eXtensible Markup Language*). Com relação aos documentos manuscritos, eles passaram por transcrição sob critérios filológicos.

Nesse percurso, registraram-se as unidades lexicais – substantivos, adjetivos e verbos – que constam da nomenclatura do DHPB e se extraíram as acepções que a palavra-entrada possui nos contextos do banco de dados. Foi assinalada, também, a data do documento mais antigo (do *corpus*) em que aparecem as unidades lexicais definidas. A fim de facilitar a consulta ao dicionário, a grafia das palavras-entradas segue o “Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa” (VOLP, 2009) (MURAKAWA, 2015).

Depreendemos, então, que o banco de dados do qual extraímos os dados para a pesquisa contempla ampla e variada tipologia textual. Ademais, possibilita a produção de múltiplas pesquisas, ou seja, além da sua finalidade inicial – construir o DHPB – do banco podem se servir numerosas investigações no âmbito da Linguística e de outras áreas do saber.

### 3.2 Definição do *corpus*

Conforme tratamos anteriormente, compõe o *corpus* da presente pesquisa o banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII”. Cronologicamente delimitado e composto de ampla diversidade documental, consiste em um *corpus* cujos textos constituem amostra da língua portuguesa que teria embasado o português do Brasil.

Neuendorf (2002, p. 76, grifo da autora, tradução nossa<sup>15</sup>), quando trata do conceito de arquivo em sua obra sobre metodologia de análise de conteúdo nas ciências sociais, explica que, “nos campos da linguística, linguagens, história, literatura e áreas afins, arquivos são frequentemente chamados de *corpora*. Cada *corpus* (ou ‘corpo’) é tipicamente um conjunto de materiais escritos que representam uma época e um lugar específicos [...]”. Concordamos com essa representatividade, todavia importa complementar que um *corpus* pode se constituir tanto de textos escritos quanto de textos orais. Para Biderman (2001b, p. 79) “[...] *corpus* constitui um conjunto homogêneo de amostras da língua de qualquer tipo (orais, escritos, literários, coloquiais, etc.). Tais amostras foram escolhidas como modelo de um estado ou nível de língua predeterminado”. Basearam-se em *corpus* oral, por exemplo, os estudos de Paula (2007), Bernardo (2015) e Jeronimo (2018), que trabalharam com material resultante de entrevistas cujas gravações de áudio foram transcritas de acordo com chaves de transcrição apropriadas e adaptadas aos objetivos de cada pesquisa.

---

<sup>15</sup> “In the fields of linguistics, languages, history, literature, and related fields, archives are often referred to as *corpora*. Each *corpus* (or ‘body’) is typically a set of written materials representing a particular era and place [...]” (NEUENDORF, 2002, p. 76).



Além disso, na área da pesquisa linguística, um *corpus* é organizado com propósitos definidos e critérios pré-estabelecidos para sua constituição. Portanto, nesse contexto, o termo adquire acepções mais específicas. Vale salientar, contudo, que o conceito de *corpus* enquanto coleção de textos remonta à Grécia Antiga (*Corpus Helenístico*), não sendo concepção de teóricos e estudiosos da linguística moderna (SARDINHA, 2000). Haja vista que Neuendorf (2002) aborda os termos *arquivo* e *corpora* conjuntamente, conclamamos Hunston (2002, p. 2) para esclarecer que:

Um *corpus* é planejado apesar de o acaso poder desempenhar um papel na coleção de textos, e ele é projetado para algum propósito linguístico. O propósito específico do planejamento determina a seleção de textos, e o objetivo é outro que não a preservação de textos propriamente ditos por causa de seus valores intrínsecos. Isto diferencia um *corpus* de uma biblioteca ou arquivo eletrônico. O *corpus* é armazenado de tal forma que pode ser estudado de forma não linear, e tanto quantitativa como qualitativamente. O propósito não é simplesmente acessar os textos de forma a lê-los, o que novamente distingue o *corpus* de uma biblioteca ou arquivo. (HUNSTON, 2002, p. 2, tradução nossa<sup>16</sup>).

Destarte, um *corpus* é um conjunto de textos (escritos e/ou orais transcritos) criteriosamente coligidos, armazenados e geridos eletronicamente para servir à pesquisa linguística com objetivos previamente delineados. Os detalhes relacionados ao processamento informático do *corpus* do DHPB foram descritos na subseção anterior. Quanto à representatividade por século, esse banco de dados apresenta maior porção de textos do século XVIII em detrimento do volume textual datado do século XVI e do XVII. Em relação a essa questão, Murakawa (2011, p. 3) explana que paralelamente ao Banco I – que utilizamos nesta pesquisa – “[...] foi construído o Banco II que veio para completar o primeiro, pois este ficou, até certo ponto, desfalcado de documentos dos séculos XVI e XVII”. Esse Banco II não se encontra no *Philologic* e, portanto, ainda não foi explorado. Diante disso, no momento da produção desta tese, o *corpus* não estava homogêneo do ponto de vista cronológico.

---

<sup>16</sup> “A *corpus* is planned, though chance may play a part in the text collection, and it is designed for some linguistic purpose. The specific purpose of the design determines the selection of texts, and the aim is other than to preserve the texts themselves because they have intrinsic value. This differentiates a *corpus* from a library or an electronic archive. The *corpus* is stored in such a way that it can be studied non-linearly, and both quantitatively and qualitatively. The purpose is not simply to access the texts in order to read them, which again distinguishes the *corpus* from the library and the archive.” (HUNSTON, 2002, p. 2).

### 3.3 Coleta dos dados e cotejo lexicográfico

Para o levantamento dos dados, a princípio, constituímos um grupo de unidades lexicais relativas a tecidos e a confecções previamente colhidas em algumas cartas comerciais da primeira metade do século XVIII, agrupadas nos cinco volumes da obra “Negócios coloniais”, de Luis Lisanti (1973). Essa metodologia consistiu em levantar unidades lexicais com maior probabilidade de ocorrer no *corpus*, de modo que fomos conduzidos a textos e contextos nos quais localizamos outras mais.

As cartas comerciais coligidas em Lisanti (1973) – obra financiada pelo Ministério da Fazenda – foram trocadas entre o comerciante lisbonense Francisco Pinheiro e seus correspondentes no Brasil. Quando fala da inserção dessa obra no *corpus* do projeto DHPB, Murakawa (2009, p. 27) ressalta que “das 1792 cartas, foram selecionadas para o banco de dados aquelas que saíram do Brasil para Lisboa, e não todas, dado ao grande volume da correspondência”. Sob esse critério, selecionamos unidades lexicais referentes a tecidos e confecções no glossário do primeiro volume de “Negócios Coloniais”, bem como a partir da leitura de algumas das cartas, tanto as remetidas do Brasil para Portugal, quanto as expedidas de Portugal para o Brasil. São exemplos de nomes de tecidos registrados em Lisanti (1973): aniagem, baeta, barbarisco, barregana, bertangil, bocachim, droguete, duquesa, esguião, holanda, lemiste, nobreza, ruão e sufolié. Das confecções, destacamos colcha, cortinado, lenço, manta, manto e traquete.

Reunidas essas e outras unidades lexicais, procedemos à consulta ao banco de dados do DHPB mediante os recursos da ferramenta de busca do *Philologic*. Ao pesquisar uma unidade, por exemplo, pano, as suas ocorrências aparecem em trechos dos documentos do *corpus*. Dessa maneira, um item léxico apontou outros que, *a priori*, não reconhecíamos como pertencente ao âmbito têxtil. Buscamos palavras representativas como algodão, lã, linho e seda; côvado e vara, unidades de medida frequentemente usadas na época para tecidos, e de sintagmas como “roupa de”, “casaco de”, “pano de”, “tecido de”, “vestido de”, entre outros. Assim, acessamos textos e, pela leitura, coletamos outros itens para ampliar o repertório.

Nessa etapa, o uso dos dicionários foi crucial. A cada vez que deparamos com uma palavra de significado opaco ou não reconhecido a princípio, realizamos consultas para verificar se pertencia ao domínio têxtil. Quando os dicionários não continham determinado lema que presumimos se tratar de um tecido ou confecção ou quando continham, porém, com dados superficiais e insuficientes, recorremos a pesquisas na internet e à orientadora, Prof.<sup>a</sup> Clotilde Murakawa. Ela auxilia com buscas em seu acervo lexicográfico e tem contato com o Instituto

Houaiss, que, na pessoa do senhor Paulo Mario Beserra de Araújo, forneceu importantes subsídios para elucidação de algumas unidades lexicais.

Recolhemos, também, as variantes<sup>17</sup>, tendo como referência a ortografia atual informada no “Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa” (VOLP - 2009). A função *similarity search* do *Philologic* apresenta nos resultados as palavras similares a que se insere na caixa de pesquisa. Como explica Murakawa (2011, p. 9), “o motor denominado busca por similaridades auxilia o redator a localizar todas as possibilidades que o lema possa ter, quer do ponto de vista ortográfico, quer morfológico nos mais diversos contextos”. Com essa função, conseguimos levantar, por exemplo, para a UL **travesseiro**, as variantes **trauisseiro**, **traveffeiro**<sup>18</sup>, **traviceiro**, **traviseiro** e **traveçeiro**.

No inventário das unidades lexicais, anotamos a datação dos documentos em que ocorrem tanto as formas grafadas conforme o VOLP (2009) quanto as variantes. O critério foi registrar a data do documento mais antigo em que as unidades lexicais aparecem no banco de dados do DHPB. Por exemplo, a palavra **colchão** possui ocorrências em diversos documentos. A mais recuada consta na Carta de Pero Vaz de Caminha (1500). A variante **colxão**, por sua vez, aparece primeiramente em um documento do ano 1676, no plural **colxoens**. Portanto, anotamos o ano de 1500 para **colchão** e de 1676 para a forma **colxão**.

Houve casos em que tivemos de percorrer todos os trechos em que uma unidade aparece até localizar a ocorrência cujo significado interessa à pesquisa. É exemplo disso a homonímia da palavra **cassa**, conforme exemplificamos, abaixo, na função *context* do *Philologic*:

[...] aparecera o padre vestido em sua roupeta preta seu chapeo e sua rede as costas e hu côfo de farinha e um grãde cão de **cassa**, e lhes perguntou por dous grãdes feiticeiros mādãdolhe recado q' logo hia ter cõ eles [...]. LUIZ FIGUEIRA (1967) [1608], *RELAÇÃO DO MARANHÃO, 1608, PELO JESUITA PADRE LUIZ FIGUEIRA ENVIADA A CLÁUDIO AQUAVIVA* [A00\_1604, p. 107].

[...] a sobrepeliz era de esguião, que o Reverendo vigario mandou guarnecer de **cassa** lavrada ; as 2 toalhas de linho para o altar, estavam boas [...]. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 2.ª *PARTE: BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO SEGUNDA: DE BARCELOS A POIARES* [A00\_2237, p. 474].

<sup>17</sup> Refere-se, precisamente, às variantes gráficas (formas alternativas de grafia) registradas no *corpus* do DHPB.

<sup>18</sup> No banco de dados do DHPB, as palavras grafadas com “s” longo foram preservadas. Conquanto não apresente diferença fonética ou fonológica, neste estudo, consideramos o “s” longo como elemento de variação gráfica, quando ocorrer.

Essa UL apresenta muitas ocorrências. Todavia, interessam aquelas em que **cassa** significa um tecido, como no segundo excerto reproduzido acima.

Dessa forma, considerando apenas a primeira forma que aparece no *corpus*, obtivemos as 166 unidades lexicais que compõem a nomenclatura do vocabulário estudado (cf. índice remissivo, ao final do trabalho). No inventário dos nomes de confecções não constam unidades lexicais relativas a vestuários e ornamentos (passamanaria), conquanto tenhamos feito o levantamento. O grande volume de dados demandou um recorte que propiciasse um olhar minucioso à parcela do léxico do português composta por nomes de artefatos têxteis ligados a outros domínios do viver humano além daqueles mais explorados pela moda. Nas ciências do léxico há significativos estudos, por exemplo, sobre o vocabulário da moda – incluindo vestimentas, acessórios, adornos etc. – entre os quais podemos destacar Farias (2001, 2003), que fez um estudo sobre unidades lexicais do campo da moda dos anos 90.

Usamos as versões eletrônicas de Ferreira (2004) e Houaiss (2009) em razão das várias possibilidades de pesquisa e da agilidade que tal suporte proporciona no momento de localizar e transcrever as acepções. Desse modo, elaboramos um quadro para cada UL, no seguinte modelo:

Variantes com datação		Definições
baregana – 1725 barregana – 1727 barrigana – 1727	Bluteau (1712-1728)	He corrupção de palavra [...] He pois Barregana hu panno tecido de pelo de cabra, para resistir a chuva. Capòte de Barregana. (p. 54, v. 2)
	Silva (1789)	s. f. droga de lã forte. (p. 169, v. 1)
	Silva (1813)	s. f. Droga de lã forte, de que fazem sobrecasacas, &c. (p. 266, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. f. Tecido de lã; barragana, alchaz. (p. 723, v. 2)
	Figueiredo (1899)	f. tecido forte de lan. (Cp. <i>barragan</i> ).
	Silva (1949-1959)	s. f. Tecido de lã forte de que se fazem sobrecasacas, capotes, etc. [...]    Tecido de pêlo de cabra, impermeável à chuva. (p. 895, v. 2)
	Ferreira (2004)	[Do ár. <i>barrakan</i> < persa <i>bargana</i> .] Substantivo feminino. 1. Tecido de lã muito durável.
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1220) TÊXT pano tecido com pelo de cabra, resistente à chuva; tecido de lã forte < <i>capote de b.</i> > ☉ ETIM ár. <i>barrakân</i> 'id.'

Como nesse exemplo da ficha para a UL **barregana**, na coluna direita, anotamos as grafias encontradas (atualizada, quando consta, e variantes) seguidas da data correspondente à ocorrência cronologicamente mais recuada. Na coluna do meio, dispomos as chamadas de citação das obras lexicográficas e, na esquerda, as respectivas definições, constando número de página e volume, no caso das obras impressas. Convém salientar que foram transcritas apenas as acepções consoantes ao domínio estudado e que constam no banco de dados do DHPB.

Durante e após as etapas da coleta dos dados e da elaboração dos quadros do cotejo lexicográfico, realizamos leituras para assimilar as teorias fundamentais à organização do inventário lexical coligido. É pertinente, nesse sentido, compreender que:

Ao reunir os objetos em grupos, identificando semelhanças e, inversamente, discriminando os traços distintivos que individualizam esses seres e objetos em entidades diferentes, o homem foi estruturando o mundo que o cerca, rotulando essas entidades discriminadas. (BIDERMAN, 2001a, p. 13).

Esse processo de cognição e nomeação de elementos da realidade pressupõe, portanto, classificação e discriminação dos “objetos”. Em outros termos, visamos “[...] cada unidade lexical como um conjunto de valores, analisáveis e decomponíveis em traços opostos constituintes e estruturadores, para toda a língua, da forma lexical” (TEIXEIRA, 2015, p. 280).

Nessa perspectiva, veio a calhar a teoria dos campos lexicais. Na próxima subseção, abordamos a principais noções teóricas que embasaram as ideias acerca dessa teoria e apresentamos algumas concepções de campo. Por último, descrevemos o método lexemático de Coseriu (1977), a base do modelo teórico que adotamos.

### **3.4 Bases teórico-metodológicas para estruturação do léxico em campos**

A Semântica Estrutural floresceu em meados do século XIX e elaborou modelos teórico-metodológicos para o estudo do significado mediante análise das relações semânticas de associação e oposição entre palavras que partilham entre si uma zona comum de significação.

O linguista alemão Jost Trier é considerado o precursor da teoria dos campos lexicais. Todavia, a ideia de campo não era de todo inédita, visto que as noções desenvolvidas por esse linguista remontam ao legado de W. von Humboldt – para quem a língua constitui um todo orgânico cujo princípio fundamental é a articulação – bem como aos postulados saussurianos de língua como sistema.

Previamente aos trabalhos de Trier, uma das primeiras reflexões explícitas a respeito da ideia de campo provém de Ipsen. Segundo esse autor, as palavras se encontram agrupadas em campos semânticos, “[...] como em um mosaico, uma palavra se une aqui a outra, cada uma limitada de maneira diferente, mas de modo que os contornos estejam acoplados e todas juntas

fiquem englobadas em uma unidade semântica de ordem superior, sem cair em uma obscura abstração” (IPSEN, 1924 *apud* GECKELER, 1976, p. 102-103, tradução nossa<sup>19</sup>).

De acordo com Geckeler (1976), as ideias de campo de Trier foram influenciadas, especialmente, por Saussure. Embora o “Cours de linguistique générale” (1916) não apresente um capítulo dedicado à Semântica e não contenha o termo *champ* (campo), o linguista genebrino antevê de forma intuitiva o cariz paradigmático do campo lexical.

Quando aborda o valor linguístico, Saussure (2006 [1916], p. 133) concebe a língua como “[...] um sistema em que todos os termos são solidários e o valor de um resulta tão-somente da presença simultânea de outros [...]”. O autor considera que “no interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem idéias vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como *recear*, *temer*, *ter medo* só têm valor próprio pela oposição; se *recear* não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 134-135, grifos no original).

Benveniste (1995) observa que as relações de oposição ocorrem em todos os níveis linguísticos; entre lexemas, como exposto acima, entre morfemas, formando o inventário das classes e subclasses formais, entre fonemas, permitindo identificar as distinções fonológicas não significantes. “Isso é o que faz com que a língua seja um sistema em que nada signifique em si e por vocação natural, mas em que tudo signifique em função do conjunto; a estrutura confere às partes a sua ‘significação’ ou a sua função” (BENVENISTE, 1995, p. 24, grifo no original).

Calcado na concepção saussuriana de língua como sistema, Trier (1931 *apud* GECKELER, 1976, p. 119-120, tradução nossa<sup>20</sup>) concebe que “o significado de cada palavra depende do significado das suas vizinhas conceptuais [...]”. Nessa perspectiva, o valor de uma palavra é determinado frente ao valor das que a rodeiam e com as quais mantém relação de oposição. Desse modo, a compreensão do significado de uma UL é alcançável dentro do conjunto circundante, ou seja, no interior do campo.

Assim, de acordo com Trier:

Campos são as realidades linguísticas vivas, situadas entre as palavras individuais e o conjunto do vocabulário, que, enquanto totalidades parciais, têm como característica comum com a palavra o articular-se [*engliedern*] e,

<sup>19</sup> “[...] como en un mosaico, una palabra se une aquí a la otra, cada una limitada de diferente manera, pero de modo que los contornos queden acoplados y todas juntas queden englobadas en una unidad semántica de orden superior, sin caer en una obscura abstracción.” (IPSEN, 1924 *apud* GECKELER, 1976, p. 102-103).

<sup>20</sup> “El significado de cada palabra depende del significado de sus vecinas conceptuales [...]” (TRIER, 1931 *apud* GECKELER, 1976, p. 119-120).

com o vocabulário, o organizar-se [*ausgliedern*]. O grau hierárquico é indiferente. (TRIER, 1934 *apud* GECKELER, 1976, p. 123, tradução nossa<sup>21</sup>).

Destarte, um conjunto hierarquizado de grupos de palavras constitui o léxico de uma língua. Ao tratar da articulação hierárquica do vocabulário, Geckeler (1976) menciona o termo macrocampo (*Crossfeld*), que, no entendimento de Trier, consiste em um campo superior com totalidade articulada. Esse termo, mais tarde adotado por Coseriu (1977), é apresentado com mais detalhes na subseção em que abordamos o método estrutural coseriano.

Dando seguimento às ideias trierianas, Weisgerber (1951 *apud* GECKELER, 1976, p. 126, tradução nossa<sup>22</sup>) utiliza o termo campo linguístico e o define como: “[...] um recorte de entremundo da língua materna, constituído pela totalidade de um grupo de signos linguísticos que coopera em uma articulação orgânica”. Nessa perspectiva, o campo é compreendido como uma subestrutura linguística. Geckeler (1976) enfatiza que o conceito de campo linguístico é muito amplo, porquanto abrange tanto o campo léxico (estruturas lexemáticas) quanto o campo sintático.

Weisgerber (1956-57 *apud* GECKELER, 1976, p. 132, tradução nossa<sup>23</sup>) elucida, ainda, o termo esfera conceitual, “[...] uma seção da visão linguística de mundo relativamente independente, na qual cooperam, em sua delimitação, condicionamentos intra e extralinguísticos”. Desse modo, podemos pensar num conjunto de conceitos estreitamente relacionados e pertencentes à mesma zona conceitual. Por esse viés, todo lexema condiz a um conceito e um conceito não necessariamente equivale a apenas um lexema.

Dentro de toda esfera conceitual é possível identificar os seguintes tipos de conteúdos ou apreensões linguísticas:

- a) Relação recíproca imediata com os ‘objetos’.
- b) Ordenação unida aos signos.
- c) Organização a partir de um todo conceitual superior.
- d) Determinação a partir de um conjunto derivativo semanticamente afim (*Wortstand*); tipos de composição.
- e) Palavras manejadas (normalização; modelos estrangeiros).
- f) Casos especiais (nomes de várias palavras e expressões feitas; palavras que nascem ou desaparecem; palavras vagas;

<sup>21</sup> “Campos son las realidades lingüísticas vivas, situadas entre las palabras individuales y el conjunto del vocabulario, que, en cuanto totalidades parciales, tienen como característica común con la palabra el articularse [*ergliedern*] y, con el vocabulario, el organizarse [*ausgliedern*]. El grado jerárquico es indiferente.” (TRIER, 1934 *apud* GECKELER, 1976, p. 123).

<sup>22</sup> “[...] una sección de entremundo de la lengua materna, constituida por la totalidad de un grupo de signos lingüísticos que coopera en una articulación orgánica.” (WEISGERBER, 1951 *apud* GECKELER, 1976, p. 126).

<sup>23</sup> “[...] una sección de la visión lingüística del mundo relativamente independiente, en la que cooperan, en su delimitación, condicionamientos intra y extralingüísticos.” (WEISGERBER, 1956-57 *apud* GECKELER, 1976, p. 132).

palavras caprichosas). (WEISGERBER, 1962 *apud* GECKELER, 1976, p. 132, grifo no original, tradução nossa<sup>24</sup>).

Geckeler (1976) considera os itens C e D como os mais adequados linguisticamente e assevera que não se pode dar o mesmo valor a esses conteúdos.

A concepção de campo de Weisgerber (1962 *apud* GECKELER, 1976) se fundamenta nos seguintes princípios que, para ele, caracterizariam uma estrutura lexemática: a totalidade; a ordenação; a determinação recíproca; a integridade; a diferenciação e a ausência de lacunas.

Entre as diversas críticas pontuadas e referenciadas por Geckeler (1976) às ideias de Trier e Weisgerber, o autor pondera que o campo lexical pode mostrar lacunas, e elas são cobertas em um plano superior da estrutura lexical, em virtude de o campo estar coberto por outro, de conteúdo mais geral. Essa percepção dos distintos planos da estrutura lexical põe em relevo, também, a inadequação da analogia entre um mosaico e um campo lexical. A objeção à noção de mosaico léxico é incisivamente expressa por Coseriu (1977, p. 242, grifo no original, tradução nossa<sup>25</sup>): “o léxico estruturado de uma língua não é uma superfície plana, e sim um edifício de vários pisos; e as distinções ‘de campo’ que as línguas fazem com respeito à realidade designada não se encontram nos mesmos pisos nas distintas línguas”.

Vale citar, ainda, o problema das delimitações, tanto internas, demarcações do conteúdo (sentido) de cada constituinte (lexema) do campo, quanto externas, delimitações entre campos vizinhos. Segundo Geckeler (1976), Trier abordou superficialmente o problema dos limites externos e não chegou a nenhuma resolução linguística. Weisgerber, igualmente, não apresentou saídas satisfatórias para a delimitação intralinguística de um campo lexical. Antecipamos que Coseriu (1977), ao introduzir o termo arquilexema, mostrou um profícuo fundamento para a delimitação dos campos lexicais.

Geckeler (1976) associa as críticas feitas nomeadamente a Trier, também, à imprecisão terminológica desinente da diversidade de termos usados pelo autor (campo léxico, campo conceitual, esfera conceitual, campo linguístico de signos, campo linguístico, campo), sem distingui-los conceitualmente, e conclui que as teorias de Trier e Weisgerber, conquanto mereçam reconhecimento pelos contributos aos estudos dos campos lexicais, superando a

<sup>24</sup> “a) Relación recíproca inmediata con los ‘objetos’. b) Ordenación unida a los signos. c) Organización a partir de un todo conceptual superior. d) Determinación a partir del conjunto derivativo semánticamente afín (*Wortstand*); tipos de composición. e) Palabras manejadas (normalización; modelos extranjeros). f) Casos especiales (nombres de varias palabras y expresiones hechas; palabras que nacen o desaparecen; palabras vagas; palabras caprichosas).” (WEISGERBER, 1962 *apud* GECKELER, 1976, p. 132).

<sup>25</sup> “El léxico estructurado de una lengua nos es una superficie plana, sino un edificio de varios pisos; y las distinciones ‘de campo’ que las lenguas hacen con respecto a la realidad designada no se encuentra en los mismos pisos en las distintas lenguas.” (COSERIU, 1977, p. 242, grifo no original).



descrição de palavras isoladas, são limitadas pela carência de um método e de técnicas com procedimentos linguísticos.

### 3.4.1 Outras concepções de campo

A título de demonstrar diferentes perspectivas, nesta subseção, apresentamos outros tipos e concepções de campo, a saber: campo nocional, nos moldes de Matoré (1976), e campos associativos, de Bally (1940).

Conforme discutimos em seção anterior, a lexicologia de Matoré (1973) baseia-se em critérios sociológicos, visando o léxico como reflexo do comportamento social. Uma vez que a linguagem encontra expressão na sociedade, conceber o léxico como fato social é estudá-lo em conjunto com outros fenômenos sociais. Assim, na lógica de Matoré (1976), a palavra é considerada como parte de uma estrutura social, e não isoladamente.

Matoré (1973) forjou o termo *mots-témoins*, ou palavras-testemunhas, símbolo material notadamente importante que caracteriza um feito de civilização e que reflete uma grande transformação histórica. Seriam tais palavras, na perspectiva do autor, aquelas que expressam valor e adquirem força semântica expressiva em determinada esfera vocabular, “[...] elementos particularmente importantes em função dos quais a estrutura lexicológica se hierarquiza e se coordena” (1973, p. 65, tradução nossa)<sup>26</sup>. O autor também se refere à *mots-clés* (palavras-chave) como palavras que manifestam o ideal de uma sociedade.

Dessa maneira, Matoré (1973) traça o *champ notionnel* (campo nocional), no interior do qual as palavras não possuem o mesmo valor e configuram uma estrutura hierarquizada. Geckeler (1976) afirma que, mesmo valendo-se de material linguístico, a análise de Matoré (1973) é substancialmente sociológica, porquanto não analisa os lexemas semanticamente, “Matoré investiga algo que não se pode delimitar: as palavras em sua situação dentro da totalidade do vocabulário” (GECKELER, 1976, p. 204, tradução nossa<sup>27</sup>). Com esse método, qualquer intento de delimitação se daria de modo puramente convencional.

O conceito de campo associativo, por sua vez, demanda uma breve retomada de postulados saussurianos. Ao tratar das relações associativas, Saussure (2006 [1916]) explica que, diferentemente de um sintagma, que evoca a ideia de sucessão e delimitação dos elementos

<sup>26</sup> “[...] éléments particulièrement importants en fonction desquels la structure lexicologique se hiérarchise et se coordonne.” (MATORÉ, 1973, p. 65).

<sup>27</sup> “Matoré investiga algo que no se puede delimitar: las palabras en su situación dentro de la totalidad del vocabulario.” (GECKELER, 1976, p. 204).

constituintes, os elementos de uma família associativa apresentam ordem indeterminada e número indefinido. Dessa forma, “um termo dado é como o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida [...]” (SAUSSURE, 2006 [1916], p. 146).

A palavra ensinamento, por exemplo, pode evocar, com respeito ao significado, educação, escola, aluno; por associação do radical, ensinamos, ensinaremos, ensino, ou, ainda, pelo vínculo do sufixo –**mento**, nascimento, deslizamento etc. Portanto, o conceito de relações ou séries associativas abarca tanto aspectos formais (radical, sufixo) quanto semânticos (analogia dos significados).

A partir dessa noção proposta por Saussure (2006), especificamente no que concerne aos aspectos semânticos nas relações associativas, Bally (1940) cunhou o termo *champ associatif* (campo associativo):

O campo associativo é um halo que circunda o signo e cujas franjas exteriores se confundem com o seu ambiente. Além disso, o campo associativo apresenta diferenças de um indivíduo para outro [...] a palavra *árvore* não é pensada exatamente da mesma maneira por um botânico, um lenhador, um carpinteiro ou um pintor [...]. (BALLY, 1940, p. 195, grifo no original, tradução nossa<sup>28</sup>).

A palavra céu faz pensar em nuvem, estrelas, azul etc., circunscrevendo um campo associativo. Entretanto, quando observamos, por exemplo, que a palavra chuva pode evocar tristeza, melancolia e, por outro lado, fertilidade, alegria, temos associações individuais e, em geral, subjetivas. Ademais, são infinitas e não necessariamente linguísticas (é a chuva enquanto referente que produz a ideia de alegria, fertilidade etc., e não a palavra em si), de modo que não possam ser previsíveis nem sistematizáveis. Com base nessas críticas, Geckeler (1976) salienta que os campos associativos de Bally não fazem distinção entre o linguístico e o extralinguístico e, dessa forma, não se estruturam por oposições.

Coseriu (1977), ao fazer uma distinção entre estruturas lexemáticas e campos associativos (pertinentes às ideias supracitadas de Matoré e Bally), afirma que:

Estes campos não são estruturas no sentido próprio do termo, e sim ‘configurações’: não concernem à estruturação do significado por meio de traços distintivos (oposições semânticas), mas por associações de um signo com outros signos, associações estabelecidas por similaridade ou por

<sup>28</sup> “Le champ associatif est un halo qui entoure le signe et dont les franges extérieures se confondent avec leur ambiance. En outre, le champ associatif présente les différences d'un individu à l'autre [...] le mot *arbre* n'est pas pensé exactement de même manière par un botaniste, un bûcheron, un menuisier ou un peintre [...]” (BALLY, 1940, p. 195, grifo no original).

contiguidade, tanto dos significantes como dos significados. Ademais, tais ‘campos’ se fundam, em parte, também em associações relativas às ‘coisas’ designadas, e não às unidades linguísticas como tais. (COSERIU, 1977, p. 168-169, grifos no original, tradução nossa<sup>29</sup>).

Mais concepções de campo e respectivas críticas são aduzidas por Geckeler (1976). Contudo, nesse momento, faz-se necessário pôr em foco o conceito de campo lexical, do qual nos valem para organizar, descrever e analisar o vocabulário dos tecidos e confecções.

Neste trabalho, temos um enfoque estrutural lexicológico dos lexemas e, visto que não constitui condição *sine qua non* para o desenvolvimento do estudo, prescindimos de uma divisão precisa entre campo lexical e campo semântico – se é que isso seja possível<sup>30</sup>. Empregamos o termo campo lexical utilizado por Coseriu (1977), pois fundamentamo-nos, principalmente, em seu método semântico-estrutural, sobre o qual versamos na próxima subseção.

### 3.5 O modelo lexemático de Eugenio Coseriu

A princípio, convém apresentar um apanhado das principais distinções teórico-metodológicas ressaltadas por Coseriu (1977) para, depois, tratar das estruturas lexemáticas (relações de significação lexical).

Iniciemos por diferenciar linguagem (ou linguagem primária) e metalinguagem. A primeira, segundo Coseriu (1977), tem como objeto a realidade não linguística. A metalinguagem, por sua vez, reporta-se à linguagem primária e, portanto, seu objeto é uma linguagem. Assim, uma palavra, uma parte dela, uma expressão completa ou qualquer outro elemento significante pode ser usado metalinguisticamente. Por exemplo, na oração “*sim* é um advérbio”, quando explanamos que o advérbio **sim** foi substantivado e funciona como sujeito, realizamos um emprego metalinguístico da linguagem.

Para a investigação lexicológica, Coseriu (1977) julga metodologicamente substancial a distinção entre diacronia (história da língua) e sincronia (descrição de determinado estado da língua), tendo em vista que toda língua se desenvolve diacronicamente (sofre diversas

<sup>29</sup> “Estos campos no son estructuras en el sentido propio del término, sino ‘configuraciones’: no conciernen a la estructuración del significado por medio de rasgos distintivos (oposiciones semánticas), sino a las asociaciones de un signo con otros signos, asociaciones establecidas por similitud o por contigüidad, tanto de los significantes como de los significados. Además, tales ‘campos’ se fundan, en parte, también en asociaciones relativas a las ‘cosas’ designadas, no a las unidades lingüísticas como tales.” (COSERIU, 1977, p. 168-169, grifos no original).

<sup>30</sup> Dubois (1998, p. 366) afirma que “na terminologia mais recente, a noção de campo léxico não se distingue da do campo semântico: trata-se num caso como no outro da área de significação coberta por uma palavra ou grupo de palavras.”

mudanças no decurso temporal) e funciona sincronicamente (mediante relações simultâneas entre as suas estruturas). O autor considera que as estruturas lexicais devem ser analisadas em sua sincronia.

Quanto à técnica do discurso e o discurso repetido, Coseriu (1977) diz que a primeira engloba as unidades lexicais, as gramaticais e as regras para combinação e modificação no eixo sintagmático. O discurso repetido, ao seu turno, compreende tudo que é tradicionalmente fixado (frases feitas, expressões, provérbios, locuções etc.). Para o autor, os elementos do discurso repetido não podem ser estruturados, ficando à parte da Lexicologia, pois os lexemas não são comutáveis – ao funcionarem em bloco, não há como seleccioná-los para determinar as relações de oposição.

Coseriu (1977) estabelece quatro planos da estruturação da técnica do discurso – sistema, norma, fala e tipo – e considera que à Lexicologia importa, sobretudo, a diferenciação entre norma e sistema. A norma compreende tudo o que, sem ser necessariamente funcional, constitui uso comum, ou seja, é o comportamento linguístico consensualmente aceito numa comunidade. O sistema é o plano das oposições e abrange tudo o que é funcional, isto é, distintivo, bem como o que ainda não existe, mas é factível por meio das regras da língua. Assim, na visão de Coseriu (1977), a Semântica Estrutural se ocupa, em primeiro lugar, do sistema, porquanto é o plano das oposições funcionais.

Geckeler (1976, p. 228-229, tradução nossa<sup>31</sup>) corrobora que as estruturas lexemáticas “afetam em cada caso uma língua funcional e não globalmente uma língua histórica; referem-se ao sistema da língua e não à norma da língua [...]”. Contudo, para o autor, é plausível uma lexicologia da norma, cuja competência alcançaria, por exemplo, problemas relativos à fixação de possibilidades facultadas pelo sistema.

A técnica do discurso de uma língua histórica não é unitária, pois apresenta diferenças internas: diastráticas (entre os estratos socioculturais), diatópicas (no espaço geográfico) e diafásicas (entre os tipos de modalidade expressiva). Com base nisso, o autor pondera que “[...] uma língua histórica não é nunca *um* só ‘sistema linguístico’, e sim um ‘diassistema’: um conjunto de ‘sistemas linguísticos’, entre os quais há coexistência e interferência” (COSERIU, 1977, p. 119, grifos no original, tradução nossa<sup>32</sup>). Dessa forma, Coseriu (1977) defende que o objeto ideal da investigação lexicológica estrutural é uma língua funcional (uma técnica do

<sup>31</sup> “Afectan en cada caso a una lengua funcional y no globalmente a una lengua histórica; se refieren al sistema de la lengua y no a la norma de la lengua [...]” (GECKELER, 1976, p. 228-229).

<sup>32</sup> “Una lengua histórica no es nunca *un* solo ‘sistema lingüístico’, sino un ‘diasistema’: un conjunto de ‘sistemas lingüísticos’, entre los que hay a cada paso coexistencia e interferencia.” (COSERIU, 1977, p. 119, grifos no original).

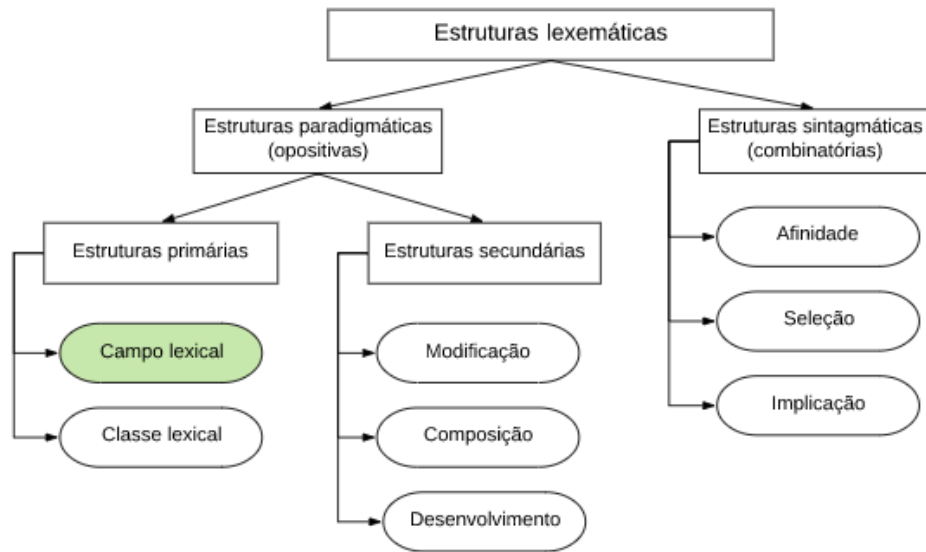
discurso homogênea), e não a totalidade das numerosas línguas funcionais que correspondem a uma língua histórica. O conjunto de línguas funcionais que constituem um diassistema é denominado arquitetura da língua, diversa da estrutura da língua, isto é, as relações entre os elementos de certa variedade interna da língua histórica.

Coseriu (1977) trata, ainda, das relações de significação – o conteúdo linguístico de uma língua – e designação – relação dos signos linguísticos com os objetos de referência extralinguísticos. Para o autor “o significado [...] é o conteúdo de um signo ou de uma construção enquanto dado pela língua mesma; a designação, por sua vez, é a referência a um objeto ou a um ‘estado de coisas’ extralinguístico e o componente da aceção que resulta de tal referência” (COSERIU, 1977, p. 187, grifos no original, tradução nossa<sup>33</sup>). Concebemos, neste trabalho, ser importante apreender o extralinguístico marcado no vocabulário para compreender diversos aspectos da sociedade em determinada época.

As estruturas lexemáticas são classificadas por Coseriu (1977) em paradigmáticas e sintagmáticas. As estruturas paradigmáticas podem ser primárias ou secundárias. Primárias porque as unidades se implicam de forma recíproca, ou seja, uma não é primária em relação às outras. Desse modo, caracterizam-se pela oposição das unidades lexicais. As estruturas paradigmáticas secundárias (modificação, composição e desenvolvimento) estão relacionadas ao domínio da formação de palavras. As estruturas sintagmáticas ou solidariedades, centradas nas relações combinatórias, distribuem-se em três tipos: afinidade, seleção e implicação. Na Figura 2, apresentamos um esquema dessas estruturas conforme delimitou Coseriu (1977).

---

<sup>33</sup> “El significado (la ‘significación de lengua’ [...]) es el contenido de un signo o de una construcción en cuanto dado por la lengua misma; la designación, en cambio, es la referencia a un objeto o a un ‘estado de cosas’ extralingüístico [...]” (COSERIU, 1977, p. 187, grifos no original).

**Figura 2** – Estruturas lexemáticas.

Fonte: adaptado de Coseriu (1977) pelo autor.

Como se percebe na forma destacada da Figura 2, o campo lexical é uma estrutura paradigmática primária:

[...] mais ainda: é, nesse domínio, a estrutura paradigmática por excelência. Pode ser definido como um paradigma constituído por unidades lexicais de conteúdo (“lexemas”) que compartilham uma zona de significação contínua comum e se encontram em oposição “imediate” umas com as outras. (COSERIU, 1977, p. 210, grifos no original, tradução nossa)<sup>34</sup>.

Segundo Abbade (2009, p. 48), a estruturação das unidades lexicais em campos lexicais se dará mediante oposições entre as unidades até o ponto em que “[...] uma nova oposição exige que o valor unitário do campo se converta em traços distintivos onde não só as palavras se opõem entre si, mas uma oposição de ordem superior opõe campos lexicais distintos”. No trabalho em tela, apoiamo-nos, particularmente, nesse tipo de estrutura paradigmática.

São atributos essenciais para a definição de um campo lexical: a) uma zona de significação contínua que opõe um campo a outros campos vizinhos; b) os lexemas possuem um valor em comum e, ao mesmo tempo, opõem-se entre si e c) as oposições entre os lexemas se daram mediante traços distintivos do significado (semas) (COSERIU, 1977).

<sup>34</sup> “[...] una estructura paradigmática primaria del léxico; más aún: es, en este dominio, la estructura paradigmática por excelencia. Puede definirse como ‘paradigma constituido por unidades léxicas de contenido (‘lexemas’) que se reparten una zona de significación continua común y se encuentran en oposición ‘imediate’ unas con otras’.” (COSERIU, 1977, p. 210, grifos no original).

O estudo do campo lexical demanda compreender os termos lexema, sema, semema, arquilexema, arquissemema e dimensão. Conforme Coseriu (1977, p. 171, tradução nossa<sup>35</sup>), **lexema** é “uma unidade de conteúdo lexical expressa no sistema linguístico [...]”. Assim, explica Geckeler (1976) que lexemas são as unidades que constituem e funcionam dentro de um campo lexical.

Por **semas**, Coseriu (1977, p. 171, tradução nossa<sup>36</sup>) compreende os “traços distintivos que constituem os lexemas [...]”. Esses traços se evidenciam dentro do campo lexical opondo dois ou mais lexemas. **Semema** é “o conjunto de semas correspondente a uma realização possível do significado de um lexema” (VILELA, 1994, p. 25-26).

Um **arquilexema**, nas palavras de Coseriu (1977, p. 171, tradução nossa<sup>37</sup>), é “uma unidade cujo conteúdo é idêntico ao conteúdo comum de duas ou mais unidades de um campo (ou de todo um campo lexical)”. Não necessariamente o arquilexema corresponderá a uma unidade lexical. Quando não é possível associar um lexema ao conteúdo unitário, o campo irá se estruturar em torno desse conteúdo. Vem a calhar, nesse contexto, o termo **arquissemema**, que corresponde, justamente, ao valor ou conteúdo unitário que engloba os semas comuns a todos os lexemas de um campo lexical. Em suma, “os traços comuns de todos os lexemas do campo constituem o arquissemema, que pode ter ou não uma correspondência lexemática na língua (o arquilexema)” (VILELA, 1994, p. 33).

Em um mesmo campo podem coexistir vários arquilexemas, os quais equivalem ao conteúdo unitário de um subgrupo de lexemas. Nesse sentido, a partir de analogias com procedimentos da fonologia, haja vista que sistemas de consoantes e vogais também são analisáveis por traços distintivos, Coseriu (1977) diz que os arquilexemas podem se realizar em vários níveis dos campos lexicais. Por exemplo, o lexema **gato** é coberto pelo arquilexema **animal doméstico**, e esse, em um nível superior, está subordinado ao arquilexema **animal**, que subjaz ao arquilexema **seres vivos**. Percebemos, então, relações de hiperonímia e hiponímia. O lexema **gato** é hipônimo em relação ao arquilexema **animal doméstico** e o arquilexema **animal** é hiperônimo em relação ao lexema **animal doméstico**, que, nesse nível, passa a atuar como hipônimo. Lopes e Rio-Torto (2007) observam que também há a co-hiponímia, por exemplo, entre os lexemas cão, gato, papagaio, cavalo, galinha etc.

<sup>35</sup> “una unidad de contenido léxico expresada en el sistema lingüístico [...]” (COSERIU, 1977, p. 171).

<sup>36</sup> “los rasgos distintivos que constituyen los lexemas [...]” (COSERIU, 1977, p. 171).

<sup>37</sup> “una unidad cuyo contenido es idéntico al contenido común de dos o más unidades de un campo (o de todo un campo léxico) [...]” (COSERIU, 1977, p. 171).

Coseriu (1977) chama a atenção, ainda, para o fato de um lexema poder funcionar em diversos campos ao mesmo tempo. O autor ilustra essa possibilidade com o lexema **fresco**, que funciona no campo dos adjetivos, ao lado dos lexemas **novo**, **velho**, **recente** etc., bem como no campo dos adjetivos relativos à temperatura: **frio**, **quente**, **morno** etc. Por conseguinte, para se apreender o sentido da UL, é preciso observar o contexto no qual aparece. Assim, temos condições de identificar os traços distintivos de um lexema e, então, conformá-lo no campo lexical pertinente.

Lopes e Rio-Torto (2007) concordam que, mesmo dentro de um campo lexical, um mesmo lexema pode apresentar mais de um sentido. É o que se verifica na UL **dia**, que significa o transcurso de 24h (viajei por sete dias) e, ainda, o período inverso à noite (voltamos para casa ainda era dia). A partir disso, as autoras definem dois importantes conceitos: homonímia, que “[...] pressupõe identidade fônica e gráfica entre as unidades, mas nenhuma relação cognitiva e semântica entre os seus significados”, e polissemia, quando “[...] estão em jogo duas ou mais variantes de conteúdo, não raro unidas por uma relação de transformação semântica figural (metonímica e/ou metafórica)” (LOPES; RIO-TORTO, 2007, p. 42).

Correia (1995, p. 10) explica que uma palavra é polissêmica quando “[...] apresenta diferentes significados ou acepções, sendo possível estabelecer um nexos semântico entre eles [...]”. É o caso, como veremos na subseção 4.1, da UL **lã**, que tem múltiplas acepções: 1) o pelo que cobre o corpo de certos animais; 2) os fios fiados com esse pelo (fibra têxtil) e 3) o tecido fabricado com esses fios, para citar alguns exemplos e ilustrar o que Lopes e Rio-Torto (2007) chamam de relação de transformação semântica figural, porquanto é perceptível em **lã** uma relação de contiguidade que motivou a transferência da denominação para os distintos referentes.

O fenômeno da polissemia se contrasta com a homonímia, “[...] o fenômeno lingüístico em que se tem a identidade de duas lexias no plano da expressão, ou seja, formas perfeitamente iguais que se distinguem semanticamente (um significante para dois significados, no plano do conteúdo) [...]” (ZAVAGLIA, 2003, p. 250). Tomemos as palavras homógrafas **linhagem** (1): série de gerações, linha de parentesco e **linhagem** (2): tecido de linho grosseiro. Embora se correspondam do ponto de vista formal, entre os dois significados não se estabelece um nexos semântico.

No que concerne ao termo **dimensão**, “[...] é o ponto de vista ou o critério de uma oposição lexemática, a propriedade semântica a qual essa oposição se refere [...]” (COSERIU, 1977, p. 217, tradução nossa<sup>38</sup>). Para ser mais compreensível, aproveitamos exemplos do autor:

---

<sup>38</sup> “[...] es el punto de vista o el criterio de una oposición lexemática, la propiedad semántica a la que esta oposición se refiere [...]” (COSERIU, 1977, p. 217).



no campo lexical dos nomes de parentesco delineiam-se dimensões como: **sexo** (masculino / feminino), **tipo de parentesco** (natural / social), **linha** (direta / colateral), **direção** (ascendente / descendente), **grau** (primeiro grau / segundo grau) etc. Para Geckeler (1976, p. 299, tradução nossa<sup>39</sup>), uma dimensão “representa, de certo modo, uma espécie de arquitude intermediária entre os lexemas correspondentes”. Nos microcampos apresentados na seção 4, para os tecidos, por exemplo, falamos das dimensões **composição** (linho / linho cru / seda / lã / lã de camelo etc.), **densidade** (fino / grosso / encorpado / ralo), **cor** (branco / preto / surrobeco<sup>40</sup>) e **finalidade** (próprio para entretelas / próprio para velas de navios etc.), de modo que configuram campos pluridimensionais.

### 3.6 Delimitação dos campos lexicais

Diante do exposto, entendemos que as oposições imediatas dentro de uma estrutura paradigmática primária (campo lexical) são passíveis de ocorrer entre os lexemas; entre o arquilexema (ou arquisssemema) e os lexemas e, ainda, entre as arquitudes (arquilexemas / arquisssememas). Desse modo, um campo lexical pode estar contido em outro campo, ou seja, formar um subcampo de um campo de nível superior. Esses diferentes estratos lexicais trazem à baila os termos **macrocampo**, já identificado em Trier, e **microcampo**. Conforme Coseriu (1977), no microcampo as relações de oposição se dão entre os lexemas. No macrocampo, “[...] um microcampo inteiro pode opor-se, como arquilexema, a um lexema ou a outros arquilexemas” (COSERIU, 1977, p. 210, tradução nossa<sup>41</sup>).

Assente nos pressupostos da Fonologia da Escola de Praga, Coseriu (1977) determina três tipos de relações opositivas no âmbito da semântica estrutural: 1) **graduais**: quando os lexemas se determinam por diferentes graus da mesma qualidade/particularidade. Ex.: gelado / frio / fresco; 2) **equipolentes**: “[...] em que cada um dos membros se encontra numa oposição imediata com todos os outros membros [...]” (VILELA, 1994, p. 36). Nesse caso, os membros não podem ser considerados como graus distintos nem como afirmação ou negação de uma mesma propriedade. Ex.: preto / azul / rosa / amarelo, e 3) **privativas**: quando um dos lexemas se opõe a partir da presença de certo traço distintivo e outro lexema pela ausência desse mesmo traço. Ex.: macho [+ masculino] / fêmea [- masculino].

<sup>39</sup> “[...] representa, en cierto modo, una especie de archiunidad intermediaria entre los lexemas correspondientes.” (GECKELER, 1976, p. 299).

<sup>40</sup> Surrobeco: “amarelado como a pelagem dos carneiros” (HOUAISS, 2009).

<sup>41</sup> “[...] un microcampo entero puede oponerse, como archilexema, a un lexema o a otros archilexemas.” (COSERIU, 1977, p. 210).

Concernente à configuração interna de um campo lexical, Coseriu (1977) recorre à **prova de comutação**, cujo objetivo é estabelecer os traços distintivos (semas) dos lexemas e, assim, demarcar suas possíveis oposições. Trata-se da substituição de um sema por outro, com o fito de notar se essa troca resulta uma nova unidade ou não. Por exemplo, se comutarmos o sema “velho” por “não velho”, o lexema **velho** transforma-se em **jovem**. Dessa maneira, na estruturação de um campo lexical, é preciso partir das oposições mínimas e, mediante a prova de comutação, organizar um grupo de lexemas que compartilham um valor unitário, ou denominador comum, o qual pode corresponder ou não a um arquilexema.

De acordo com Vilela (1994, p. 33), “a delimitação externa do campo dá-se quando o traço distintivo que funciona é o do próprio campo (ou conteúdo arquilexemático) e não outro sema qualquer”. Portanto, mesmo conformando traços distintivos, se os lexemas têm um conteúdo unitário em comum, podemos admitir que pertencem a um mesmo campo lexical. Todavia, se o conteúdo unitário (ou arquilexemático) se exprime como traço distintivo, estamos diante de mais de um campo, ou seja, a oposição passa a se dar entre os campos lexicais.

As UL coligidas do *corpus* do DHPB estão agrupadas em duas grandes zonas de significação, nomes relativos a tecidos e nomes relativos a confecções. Pela perspectiva coseriana, esses conjuntos do vocabulário têxtil formam categorias lexicais amplas, os macrocampos. No primeiro, todos os lexemas partilham do atributo/sema “produto da tecelagem regular de fios” e, no segundo, o atributo/sema “feito de/com tecido”. Assim, no âmbito têxtil, delimitamos o macrocampo “tecidos” e o macrocampo “confecções”.

Em virtude da vasta variedade de tecidos que as denominações coligidas compreendem, o macrocampo “tecidos” pode ser visado por diferentes ângulos no momento de delimitar os microcampos. Por exemplo, poderíamos partir da origem da matéria-prima fibrosa e conceber dois microcampos: “tecidos de fibra animal” e “tecidos de fibra vegetal”, mas seria de uma amplitude deveras abrangente. Se considerássemos a dimensão composição, obteríamos quatro: “tecidos de algodão”, “tecidos de lã”, “tecidos de linho” e “tecidos de seda”, de modo que reduziríamos a abrangência da proposta anterior. No entanto, mediante o cotejo lexicográfico, percebemos que tal separação também não se mostra eficaz, pois há tecidos de linho ou algodão, de lã ou seda (de um ou de outro), e, ainda, de lã e linho, lã e seda (compósitos), bem como casos em que a matéria-prima é pormenorizada, por exemplo, linho cru, estopa de linho (parte grosseira do linho), lã de cabra, lã de camelo e lã surrobeca.

Além disso, as UL **algodão**, **lã**, **linho** e **seda** apresentam polissemia e compreendem, cada uma, variedades têxteis diferentes, de modo que podem, conforme o contexto, funcionar como denominações genéricas. Por isso, as deixamos à parte, na categoria “tecidos básicos”.

Na subseção 4.1, abordamos detalhadamente cada uma, com excertos do *corpus* e demonstramos esses aspectos supramencionados.

Com base em atributos como grosseiro, fino, de estrutura rala, de estrutura fechada, entre outros, optamos por delimitar dois microcampos que, a nosso ver, concentram lexemas com afinidades além da matéria-prima têxtil. O propósito, nesse sentido, é ter uma compreensão integrante capaz de configurar campos em que seja possível visualizar, por exemplo, quais lexemas do microcampo “tecidos finos” predominam ou são minoria pela perspectiva da dimensão **composição** (algodão, lã, linho, seda etc.), mas sem que essa corresponda ao arquissemema. Com isso, intentamos mais que simplesmente separá-los pela dimensão composição, embora tenhamos conseguido isso em parte (vide quadro 12, na seção 5), para enxergar, também, outros aspectos que os traços distintivos podem evidenciar.

Oportunas se fazem, neste momento, as palavras de Jaime Batalha Reis, em um texto coligido por Miné (2017), no qual o autor aborda a estética do comércio e observa:

Mas os tecidos afetam-nos também pela flexibilidade com que se adaptam ao corpo, ou com que revestem quaisquer superfícies, pelas sensações de macieza ou aspereza – diversa nas diferentes texturas, e variante com os diversos materiais empregados – com que contactam com a pele; e é por isso também segundo *sensações de tacto* que os produtos têxteis são avaliados, escolhidos e negociados. São as necessidades estéticas deste mesmo sentido do tacto, são *apreciações dos nervos tácteis*, que influem na procura e, conseqüentemente, no *fabrigo*, na *oferta* e *procura*, no *comércio* de todos os objetos de uso manual, e que levam a empregar, na sua composição, as madeiras, os metais, o marfim, a madrepérola, os couros, em diversíssimos graus de polidez ou de aspereza. (REIS, 1902 *apud* MINÉ, 2017, p. 403-404, grifos no original).

Com efeito, entendemos a importância de outras características dos tecidos além da matéria-prima têxtil que os compõe.

Assim, mediante análise das definições lexicográficas cotejadas, identificamos os traços distintivos para constatar as relações de oposição entre os lexemas e os reunimos em zonas de significação contínua comum. No macrocampo “tecidos”, circunscrevemos os microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros” e, no macrocampo “confecções”, os microcampos “alfaias têxteis”, “armações”, “estofados”, “insígnias”, “jaezes”, “roupas de cama” e “velas náuticas”, cujos conteúdos unitários são especificados na introdução feita para cada microcampo.

Os microcampos “alfaias têxteis”, “armações”, “estofados”, “insígnias”, “jaezes”, “roupas de cama” e “velas náuticas” constituíram, dentro da classificação de Coseriu (1977), campos pluridimensionais do tipo multidimensional, ou seja, em todos eles foi possível distinguir mais de duas dimensões (critérios). Citemos alguns exemplos: **função** (proteção,

abrigo, cobertura, limpeza, decoração, guarnição, suporte, assento, transporte, equipamento, para tomar mais vento, suplemento); **categoria** (alfaia, armação, jaezes, insígnia, tapeçaria, objeto litúrgico, paramento litúrgico, vela redonda, vela latina); **posição** (pendente, içado, superposto, sobposto, ao redor, envergado); **analogia** (espécie de franja, saco, saco duplo); **dimensão** (grande, pequeno, estreito, comprido), **cor** (vermelho); **circunstância de uso** (em procissões, em guerras, nas bestas de carga, na cama); **adornamento** (farpado, estampado, lavrado, ornamentado); **composição** (lã basta) e **densidade** (mais encorpado, menos encorpado).

Nos microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros”, constatamos dimensões como: **composição** (algodão, lã, lã de cabra, lã de camelo, lã surrobeca, linho, linho cru, estopa de linho, seda); **densidade** (grosso, fino, entrefino, encorpado, ralo, estreito); **finalidade** (para sacos e fardos, para velas de navios, para roupas exteriores de cobrir); **textura** (áspero, felpudo), **cor** (branco, preto) e **adornamento** (lavores, matizes). Portanto, também são multidimensionais.

O macrocampo “confecções” revelou um número consideravelmente superior de dimensões. Tal fato é justificável, uma vez que os microcampos abarcam denominações de referentes de muitos âmbitos da realidade extralinguística, nos quais o tecido pode tanto constituir o artefato em si (guardanapo, teliz, lençol etc.) quanto pode entrar como um componente (albarda, sobrecéu, tolda etc.). Os lexemas do macrocampo “tecidos”, apesar da riqueza de aspectos característica dos referentes, perante o macrocampo “confecções”, ficaram circunscritas, mormente, nas dimensões composição, densidade e finalidade. A isso soma-se o fato de, algumas vezes, suas descrições serem feitas de forma imprecisa nas obras lexicográficas. Consultamos construções definicionais do tipo “certo tecido de lã”; “espécie de tecido antigo”; “certo tecido antigo”; “estofa antigo de França”; “antigo tecido de seda”; “tecido antigo”; “tecido do século XVIII”; “tecido leve e ralo”; “certo tecido muito ralo”; “lençaria de algodão”; “certo pano tecido em Milão”; “certo tecido de lã vindo da Barbária”; “uma fazenda de seda vulgar”.

Vázquez Balonga (2014) analisou nomes de tecidos na língua espanhola a partir de documentos notariais do século XVII e observou que as obras lexicográficas dos séculos XVIII até o XXI, às vezes, não resultaram suficientes para o trabalho investigativo devido à brevidade e imprecisão na descrição de tecidos. Reiteramos a autora, porquanto também nos deparamos com essa dificuldade nas consultas ao repertório lexicográfico de língua portuguesa do qual nos valem para o cotejo.

Na sequência, explanamos e listamos as categorias em que dividimos as UL remanescentes dos microcampos supracitados.

### 3.7 Delimitação das outras categorias lexicais

Praticamente todos os lexemas do macrocampo “confecções” foram reunidos nos microcampos delimitados, ficando de fora as UL **toalha de cabeça**, **toalha de mão** e **toalha de rosto**. Do macrocampo “tecidos”, considerável parcela não foi. O motivo para tal é que, dentro dos critérios estabelecidos, há definições em que não se identificam os semas “fino” ou “grossoiro”. Citemos como exemplo a definição de Vieira (1871-1874, p. 189, v. 4) para a UL **melania**: “estofa de lã ou de seda de uma só côr, porém tecido de modo que faz ondas”. Em face dessas questões somadas ao que expomos sobre a brevidade e imprecisão de algumas definições lexicográficas para tecidos, optamos por apresentar as UL remanescentes, isto é, não conformadas nos microcampos, da seguinte maneira:

- Nomes de tecidos de composição única;
  - Cotonifícios;
  - Lanifícios;
  - Linifícios;
  - Seríceos.
- Nomes de tecidos de composição vária;
  - variáveis (algodão ou linho ou lã ou seda) e
  - compósitos (mistura de fibras distintas ou incorporação de outros materiais).
- Panos e toalhas (UL sintagmáticas em que **pano** e **toalha** figuram como termos genéricos);
- Denominações cromáticas (tecidos com nomes de cores);
- Denominações indefinidas (unidades lexicais sobre as quais obtivemos poucas informações).

É importante assinalar que a leitura dos microcampos afinou o olhar para os aspectos verificados nas definições lexicográficas e na discriminação dos semas para cada lexema, de modo que facilitou a divisão categorial acima proposta.

### 3.8 Organização do Vocabulário

Ao final da seção 4, na subseção 4.16, dispomos o Vocabulário têxtil do banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII”. Convém, então, descrever os elementos constitutivos e os critérios utilizados na organização.

Para Haensch (1982), a macroestrutura de uma obra lexicográfica engendra a ordenação linguística dos verbetes e as três partes que, para esse autor, ela está subdividida: a parte introdutória, o corpo e os anexos. O corpo da obra lexicográfica será, portanto, a lista dos verbetes e os elementos que eles listam e definem. A ordenação dos verbetes do Vocabulário têxtil do banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII” segue a ordem de apresentação dos microcampos e das outras categorias lexicais, conforme esquematizamos, a seguir:

- I. TECIDOS BÁSICOS
- II. TECIDOS FINOS
- III. TECIDOS GROSSEIROS
- IV. ALFAIAS TÊXTEIS
- V. ARMAÇÕES
- VI. ESTOFADOS
- VII. INSÍGNIAS
- VIII. JAEZES
- IX. ROUPAS DE CAMA
- X. VELAS NÁUTICAS
- XI. TECIDOS DE COMPOSIÇÃO ÚNICA
  - i. Dos cotonifícios
  - ii. Dos lanifícios
  - iii. Dos linifícios
  - iv. Dos seríceos
- XII. TECIDOS DE COMPOSIÇÃO VÁRIA
  - i. Dos variáveis
  - ii. Dos compósitos
- XIII. PANOS E TOALHAS
- XIV. DENOMINAÇÕES CROMÁTICAS
- XV. DENOMINAÇÕES INDEFINIDAS

Haja vista que o verbete lexicográfico é a unidade mínima autônoma em que se organiza a obra lexicográfica, formado pela palavra-entrada e pelas informações dispostas nessa unidade, compreendemos por microestrutura a ordenação dos elementos que compõem o verbete (HAENSCH, 1982). Desta feita, discriminamos os elementos que constituem o Vocabulário e os critérios da organização.

As palavras-entrada são apresentadas em negrito e estilo versalete, seguidas da classe gramatical e, quando for uma variante da grafia atual, apresentamos, entre colchetes, a palavra registrada no VOLP (2009). Optamos por encabeçar os verbetes pela grafia que primeiro aparece no banco de dados do DHPB, mesmo quando não corresponde à grafia atual.

Subsequentemente aos lemas, dispomos um excerto do *corpus* para mostrar a UL no contexto e as respectivas informações referenciais (autoria; ano da edição inserida no banco de dados, entre parênteses; ano ou século em que a obra foi escrita, entre colchetes e em negrito; título, em itálico, e numeração/código dos arquivos no banco de dados e página/folha, entre colchetes). A grafia da época foi preservada em todas as citações.

Logo após, inserimos um quadro cujas colunas contêm, nesta ordem: as formas gráficas registradas (atual e/ou variante), com as datações da primeira ocorrência no *corpus*, e as definições recolhidas em obras do século XVIII até a atualidade. A sigla NE (não encontrado) indica a ausência da acepção no dicionário. Ademais, as datações indicam o texto mais antigo que registra a UL no *corpus*, e não a primeira vez em que ela apareceu na língua.

Dessa forma, no que concerne à microestrutura do Vocabulário descrita acima, ilustramos os elementos constituintes no Quadro 1:

**Quadro 1** – Modelo de verbete para o Vocabulário têxtil do banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – Séculos XVI, XVII e XVIII”.

**PALAVRA-ENTRADA** *classe gramatical abreviada* [grafia conforme VOLP]

Contexto: Trecho retirado do *corpus* do banco de dados do DHPB para exemplificar a unidade lexical, seguido das informações de autoria; ano da edição inserida no banco de dados, entre parênteses; ano ou século em que a obra foi escrita, entre colchetes e em negrito; título, em itálico, e numeração/código dos arquivos no banco de dados e página/folha, entre colchetes.

<b>Datações</b>	<b>Definições</b>
Registro cronológico das variantes e da grafia atual seguidas da data da ocorrência mais antiga no <i>corpus</i> .	Bluteau (1712-1728) Transcrição da(s) acepção(ões) pertinentes à área têxtil. (página, volume)
	Silva (1789) Transcrição da(s) acepção(ões) pertinentes à área têxtil. (página, volume)
	Silva (1813) Transcrição da(s) acepção(ões) pertinentes à área têxtil. (página, volume)
	Vieira (1871-1874) Transcrição da(s) acepção(ões) pertinentes à área têxtil. (página, volume)
	Figueiredo (1899) Transcrição da(s) acepção(ões) pertinentes à área têxtil. (página, volume)
	Silva (1949-1959) Transcrição da(s) acepção(ões) pertinentes à área têxtil. (página, volume)
	Ferreira (2004) Transcrição da(s) acepção(ões) pertinentes à área têxtil.
	Houaiss (2009) Transcrição da(s) acepção(ões) pertinentes à área têxtil

Org.: elaborado pelo autor.

Na próxima seção, apresentamos os resultados obtidos por meio dos procedimentos retrocitados.



#### **4 VOCABULÁRIO TÊXTIL NA LÍNGUA PORTUGUESA DO BRASIL COLÔNIA**

Aos olhos de uma tecelã, fiar e tecer são atividades de transformação da natureza em cultura [...].

Ana Maria Machado (2003, p. 180).

Na presente seção, com base principalmente nas definições lexicográficas, trazemos detalhes acerca dos lexemas conformados nos microcampos e nas demais categorias lexicais, apresentados na seguinte ordem: tecidos básicos; tecidos finos; tecidos grosseiros; alfaias têxteis; armações; estofados; insígnias; jaezes; roupas de cama; velas náuticas; tecidos de composição única; tecidos de composição vária; panos e toalhas; denominações cromáticas e denominações indefinidas. Nesse procedimento, para contextualizar as UL, utilizamos trechos dos textos do *corpus*. E, na subseção 4.16, dispusemos o Vocabulário.

#### 4.1 Tecidos básicos: algodão, lã, linho e seda

A princípio, abordamos as UL **algodão**, **lã**, **linho** e **seda**, dada a sua polissemia. Conforme o contexto, podem denotar distintas variedades têxteis, funcionando como denominações genéricas. Por exemplo, **linho** pode referir-se à **cambraia** ou à **holanda** ou à **aniagem** ou à **holandilha** e a outros linifícios, uma vez que essas são denominações específicas para tecidos de linho cuja particularidade se dá por atributos como fino (cambraia, holanda), grosso (aniagem, holandilha), próprio para entretelas (holandilha), próprio para sacos e encape de fardos (aniagem), de estrutura fechada (holanda), entre outros aspectos que demonstramos adiante.

Iniciemos pela UL **algodão**, a qual pode reportar-se à planta, ao capulho (que contém a fibra madura), à lanugem (a fibra têxtil descaroçada, isto é, retiradas as sementes), aos fios (a fibra fiada) e ao tecido propriamente dito. A exatidão do significado é alcançada na apreensão do contexto, como nestes excertos do *corpus*, nos quais temos ocorrências de manta de algodão e pano de algodão:

Mas o principal nos enviou um presente de certas peças de prata e muitas mantas de **algodão**, que suas mulheres fiam e tecem. IRMÃO ANTONIO RODRIGUES (1936) [1553], ANTONIO RODRIGUES, SOLDADO, VIAJANTE E JESUITA PORTUGUEZ NA AMERICA DO SUL, NO SECULO XVI - CÓPIA DE UMA CARTA DO IRMÃO ANTONIO RODRIGUES PARA OS IRMÃOS DE COIMBRA [A00\_0934, p. 67].

[...] e dentro na Bahia trazem muitos barcos as vélas de panno de **algodão** que se fia na terra, para o que ha muitas tecedeiras [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], RECURSOS DA BAHIA PARA DEFENDER-SE (PARTE SEGUNDA - TITULO 19) [A00\_0195, p. 426].

Quanto à UL **lã**, os dicionários consultados, de modo geral, a definem como o pelo que cobre o corpo de certos animais; o fio e o tecido feitos com essa matéria-prima de origem

animal. No *corpus*, destacamos esta ocorrência em que a UL pano não deixa dúvidas de que se trata do tecido:

E outras munições de pannos de **lã** E linho Vinhos e azeites para que iguualmente se repartão por en tre todos Soldados E Moradores [...]. ALEXANDRE DE MOURA (1906) [1616], III. - RELATORIO DE ALEXANDRE DE MOURA SOBRE A EXPEDIÇÃO Á ILHA DO MARANHÃO (E EXPULSÃO DOS FRANCEZES. LISBOA, 24 DE OUT. DE 1616). [A00\_0579, p. 202].

Curiosamente, encontramos a UL **laia**. Houaiss (2009), sob a rubrica diacronismo, remete **laia** à **lã**. Ferreira (2004) não apresenta acepção de **laia** que se aproxime do sentido de **lã**. Silva (1789, p. 11, v. 2) registra: “*meias de laya, de lã*”. No dicionário de Bluteau (1712-1728, p. 59, v. 5, grifos no original) é “a lã mais fina que há. Meyas de laya”. Em Vieira (1871-1874, p. 1251, v. 3, grifos no original) consta: “lã. — *Meias de laia; meias de lã*”. Seguem as ocorrências:

[...] 1 duzia de meias de **laia** de agulha pretas boas p.<sup>a</sup> lutos de homem 1 peça de fumo fino p.<sup>a</sup> os d.<sup>os</sup> 1 peça de fumo ordinário [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS [A00\_0435, p. 266]

[...] meias de seda p.<sup>a</sup> homem de cores e prettas não m.<sup>tas</sup> agoas ardenttes do Pico; \*meias de pr.<sup>a</sup> e segunda sorte de **laia** sortidas V.<sup>a</sup> de Santos de setembro de 1727 De Fran.<sup>co</sup> Marques [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], CARTAS DE SAO PAULO [A00\_0858, p. 44].

Segundo consta no dicionário etimológico de Bueno (1966):

Alguns autores apelam para a forma *laia*, certa espécie de tecido muito fino de lã e Corominas chega a explicar como sendo o resultado do trabalho destruidor dos hiatos. A forma primeira teria sido *laa* de *lana* e depois com o *i* epentético *laia*, como *feio* de *feo*. Tal explicação é inaceitável: o lat. *lanam* deu-nos *lã*, *lã*. A nasal não poderia permitir a intercalação de *i* pois não havia hiato algum na palavra. Devemos explicar *laia*, tecido de lã, pela mesma palavra *laia* no sentido de espécie: uma laia, uma forma diversa de lã. (BUENO, 1966, p. 2079, v. 5, grifos no original).

Pela atestação de Bueno (1966), podemos inferir que **laia** condiga a uma variedade de lã mais fina. Seu emprego no sintagma **meia de laia** confirma ser um material têxtil. A propósito, no glossário da obra de Lisanti (1973, p. LXIV, v. 1), registra-se **meia de laia** com a definição: “meia de lã muito fina”.

Vale registrar que encontramos uma variedade de lã associada à região de procedência, **lã d'Alentejo**. No contexto, citam-se tecidos muito finos de linho importados (holandas e cambraias) e de lã (londres), em detrimento do linho beirão e da lã d'Alentejo (nacionais):

A minima parte destas drogas gasta o nosso Portugal o mais sacão os estrangeiros por troco das roupas e mantimentos de q̃ o R<sup>no</sup> padece falta, e como estas ja não poderia escuzar, permanecendo no luxo das **olandas**, Cambraes, londres, galas; sã tornar ao parco uso dos antigos (que ja sera impossuiel) contentandose de seu **linho beirão** e **Lam d'Alentejo**. desconhecido (1958) [1607], *MEMORIAL DO ESTADO DO BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627 (131)* [A00\_2113, p. 317].

Respeitante à UL **linho**, segundo Houaiss (2009), é tecido com que se confecciona tecidos finos e leves. Ferreira (2004) define objetivamente como tecido da fibra do linho (planta). Portanto, a denominação **linho**, em geral, se reporta aos linheiros, à fibra extraída do caule dos linheiros e ao tecido feito com essa fibra. Bluteau (1712-1728), Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) registram três variedades: o linho galego, mais fino, o mourisco, mediano, e o cânhamo, mais grosso. No *corpus*, identificamos **linho galego** e **linho cânhamo**:

[...] soamente deulhes huñ barete vermelho e huña carapuça de **linho** que leuaua na cabeça e huñ sombreiro preto. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00\_0335, fol. 1].

Tambem remeto a VM. hua via da deminuicão que ouve no pano de **l.º do Galego** justificada pello juis da India e Mina daquela boa terra que dezejo tudo va com acerto queira Deus que eu faca tudo o que dez.º a vont.º de VM. MANOEL NOGUEIRA SILVA (1973) [1714], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-BAHIA* [A00\_0416, p. 41].

Ensinarlheshey a buscar as minas, conhecellas e abrilas, a fundir os metaes, e a fabrica do salitre e poluora ; e ao gentio na cultura de tudo, e do **linho canhamo** para que laurandose o ferro que ya se tem mostrado no Maranhao e outras partes do Brasil [...]. SIMÃO ESTADO DA SYLVEIRA. (1906) [1618], *VII. - DIVERSOS DOCUMENTOS SOBRE O MARANHÃO E O PARÁ: 10. INTENTOS DA JORNADA DO PARÁ. 1618.* [A00\_0588, p. 365].

Localizamos, ainda, **linho de Riga** e **linho guaxima**:

[...] me apresentou João Hopman um arbusto chamado **Guaxima**, do qual depois de cortido se tirava excellent **linho** [...]. Dei conta á nossa Côrte d'esta descoberta, mandei uma porção d'aquelle linho; por ordem de S. M. se fizeram alguns pedaços de cabos pequenos, para se experimentarem com outros de

igual bitóla, fabricados do **linho de Riga**; porém como aquelle linho é o melhor e mais forte que se conhece no mundo, estou certo que nenhum linho Canhamo de qualquer outra parte, ainda bem trabalhado e colhido a tempo, poderá igualar com aquelle [...] ordenei ao Provedor da Fazenda que mandasse comprar ao armazem de algum particular um cabo dos que lhe vem da Europa para venderem, e que fabricando-se do **linho Guaxima** outro pela mesma bitóla, se experimentasse um com outro, cuja experiencia como succedeu fazer-se na presença de V. Exc, de que se formalisou um aulo, não é preciso informal-o mais particularmente sobre o que então se observou. MARQUEZ DO LAVRADIO (1863) [1799], *RELATORIO DO MARQUEZ DE LAVRADIO, VICE-REI DO RIO DE JANEIRO, ENTREGANDO O GOVERNO A LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUSA, QUE O SUCCEDEU NO VICE-REINADO*. [A00\_0851, p. 470-472].

Sobre o **linho de Riga**, Silva (1940, p. 12), em relato da história do linho, diz que as variedades cultivadas em Portugal “[...] são o mourisco, possivelmente introduzido pelos mouros, o galego e o Riga nacional ou coimbrão que deve o primeiro dos seus nomes ao facto de as sementes terem sido importadas de Riga, na Letónia, onde o linho é excelente”. Assim, a denominação **linho de Riga** está associada à origem das sementes importadas da capital letã.

**Guaxima** é denominação comum a vários arbustos da família das malváceas, a partir dos quais se produz o **linho guaxima**. O Marquês do Lavradio, ao notar a importância econômica dessa matéria-prima brasileira para minguar a importação dispendiosa do linho cânhamo, usado na cordoaria da Marinha, intercedeu à Rainha D. Maria I condições para desenvolver a indústria de sacaria e cordoaria com a guaxima. Porém, segundo Dias (1955, p. 423), pouco se sabe sobre o desenvolvimento dessa cultura na época: “D. Maria I [...] não teve olhos para ver na planta brasileira as qualidades econômicas apregoadas pelo Marquês do Lavradio. Teria tido melhor sorte o novo Vice-rei, D. Luís de Vasconcelos e Souza? Nada se sabe”. Nizza da Silva (2013) constatou que o interesse pela guaxima permaneceu no Governo vice-real de D. Luís, porém não foi adiante, pois D. Rodrigo de Sousa Coutinho, “[...] a partir de 1796, insistiu na produção de linho cânhamo, não só nas capitâneas do Rio Grande de São Pedro e São Paulo, mas também na do Rio de Janeiro” (DA SILVA, 2013, p. 33).

No banco de dados aparece, também, o **linho beirão**, ou seja, linho da região das Beiras, Portugal:

[...] permanecendo no luxo das olandas, Cambraes, londres, galas; sê tornar ao parco uso dos antigos (que ja sera impossivel) contentandose de seu **linho beirão** e Lam d'Alemtejo. desconhecido (1958) [1607], *MEMORIAL DO ESTADO DO BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627 (131)* [A00\_2113, p. 317].

Silva (1940, p. 12) sublinha que em Portugal o linho se dá melhor em “[...] em regiões temperadas e húmidas, com frequentes nevoeiros e algumas chuvas; é, por isso, que a produção do linho no nosso país se faz quase toda nas terras entre o Minho e o Douro; o da Beira, Estremadura e Alentejo é inferior em rendimento e qualidade”. Portanto, pela classificação do autor, o linho beirão e a lã d’Alentejo têm qualidade inferior. Vale antecipar que, adiante, apresentamos a UL **guimarães**, denominação de um tecido de linho muito fino produzido em Guimarães, cidade portuguesa situada ao norte do país, nas regiões onde o autor definiu como propícias à produção de linho de boa qualidade.

No que concerne à UL **seda**, os dicionários a definem como matéria filamentosa que constitui o casulo do bicho-da-seda, da qual se extrai o fio para fazer o pano de seda. Então, denomina essa substância filamentosa (fios de seda) e o tecido. Nos seguintes trechos do banco de dados do DHPB, as ocorrências reportam-se ao tecido:

Quando o padre visitou as classes, foi recebido dos estudantes, com grande alegria e festa. Estava todo o pateo enramado, as classes bem armadas com guardamecins, paineis e varias **sedas**. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III - *INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 143].

[...] estava sobre hum banco razo cuberto com hum pano de **fedda** bordado [...]. DOM SEBASTIÃO MONTEYRO DA VIDE (1720) [1707], *RELAÇAM DA PROCISSAM, & SESCOENS DO SYNODO DIECEFANO, Q SE CELEBROU NA SANTA SÉ METROPOLITANA DA CIDADE DA BAHIA EM 12 DE JUNHO DE DE 1707* [A00\_2467, p. 606].

Inventariamos o sintagma **seda de primavera**, relativo a um gênero têxtil acerca do qual tratamos na subseção 4.11.4.

Desta feita, trazendo o conceito de polissemia tratado na subseção 3.4, a UL **lã** é polissêmica porque apresenta diferentes acepções, como se pode abstrair da definição de Houaiss (2009): “*s.f.* (sXIII) **1** pelo espesso, frisado e macio que cobre o corpo de certos animais, esp. carneiros e ovelhas **2** tecido feito desse pelo **3** lanugem de fios moles e entrecruzados que cobre certas plantas [...]”. Na parcela considerada da definição lexicográfica, **lã** apresenta três acepções. Outrossim, as UL **algodão**, **linho** e **seda** são polissêmicas, conforme detalhamos acima.

Quanto à denominação laia e aos sintagmas lã d’Alentejo, linho [do] galego, linho cânhamo, linho guaxima, linho beirão, linho de Riga, vimos que indicam variedades e carregam a polissemia dos componentes lã e linho. A exatidão do significado dependerá do contexto em

que ocorrerem. A referência geográfica nos sintagmas se dá tanto pelo nome da região ou da cidade (Alentejo, Riga) quanto pelo gentílico (beirão, galego). Sintagmas como pano de algodão, pano de lã, pano de linho e pano de seda têm a ambiguidade eliminada pelo termo genérico pano.

Feitas essas explicações, justificamos porque, no repertório lexical investigado, tomamos as UL **algodão, lã, linho e seda** como genéricas e polissêmicas, podendo ser categorizadas como denominações de **tecidos básicos** (que faz parte da base).

#### 4.2 Microcampo lexical “tecidos finos”

Nesta subseção, descrevemos e analisamos os lexemas **bretanha, cambraia, cassa, cré, escumilha, garça, holanda, lemiste, mosselina e soprilho**, conformados no microcampo lexical “tecidos finos” por meio do conteúdo unitário “fino”. Convém enfatizar que concebemos esse qualificativo no sentido de característica física<sup>42</sup> – de reduzida espessura, sutil, tênue, delgado.

##### a) BRETANHA

Bluteau (1712-1728), Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) definem **bretanha** como tecido fino de linho que se trazia da Bretanha (França). Os dicionários Figueiredo (1899), Silva (1949-1959), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) acrescentam que esse tecido pode ser feito, também, de algodão.

Para Savary des Bruslons (1748), na obra “Dictionnaire universel de commerce”, os tecidos denominados *bretagnes*, fabricados na Província de Bretanha, eram de cânhamo e destinados, especialmente, ao fabrico de velas de embarcações. Diferenciam-se das *crés* feitas em Morlaix e em outras localidades da região francesa supracitada (abordamos a UL **cré**, posteriormente). Vimos, anteriormente, que o linho cânhamo é mais grosso e, na época colonial brasileira, aplicava-se mormente na produção de cabos e velas para embarcações. Embora as *bretagnes*, conforme Savary des Bruslons (1748), tivessem cariz grosseiro, no banco de dados do DHPB, verificamos **bretanhas** de distintas qualidades, finas, grossas e entrefinas:

[...] 3 duzias de peças de **bertanhas** boas 6 cachinhas de canotilho p.<sup>a</sup> sapatos estas se vendem em caza de João Vicente a S. Paulo [...]. FRAN.<sup>co</sup> DA CRUZ

<sup>42</sup> Tal característica pode se associar, também, às noções de boa qualidade, delicadeza e requinte.

(1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 266].

[...] 248 camizas de **bertanha** groça a 570 rs [...]. FRAN.º DA CRUZ (1973) [1726], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0438, p. 293].

[...] se VM. mandar **bertanhas** não sejam finas sendo de França nem da mais grossas [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], *CARTAS DE SAO PAULO* [A00\_0858, p. 42].

[...] por ora sim tambem **bertanhas** finas [...]. FRAN.º DA CRUZ (1973) [1728], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0440, p. 301].

Silva (1813, p. 300, v. 1) acrescenta que “[...] á imitação dizem da lençaria desta sorte *Bretanhas de França, de Suecia, &c*”. No *corpus*, localizamos **bretanha de Hamburgo**, que sugere uma reprodução alemã com qualidade peculiar ou notoriedade de Hamburgo em alguma instância das relações comerciais e/ou fabris.

Dois lençoes de **bretanha de Hamburgo** com babados de panno de linho aberto já usados em seiscentos reis [...]. JOAN B.A LUSTOZA (1936) [1791], *CERTIDÃO DOS AUTOS DE SEQUESTRO A QUE SE PROCEDEU NOS BENS DO REVERENDO VIGARIO CARLOS CORRÊA DE TOLEDO E MELLO* [A00\_0226, p. 394].

[...] aqui lhes custa aturallas de **bretanha de Hamburgo** de que aqui só vestem as negras, e não todas, porque o comum são cassas. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], *CARTA PRIMEIRA* [A00\_0404, p. 47].

Com base nas acepções consultadas e nos contextos do *corpus*, definimos os semas:

S1 – fino;

S2 – grosso;

S3 – entrefino;

S4 – feito de linho.

## b) CAMBRAIA

Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) definem **cambraia** como tecido fino de linho fabricado em Cambrai (França). A definição de Vieira (1871-1874) assinala que é de linho muito claro. Figueiredo (1899), Silva (1949-1959), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) acrescentam



que a cambraia possui estrutura rala (transparente) e pode ser fabricada, além do linho, com algodão.

Conforme Savary des Bruslons (1748, p. 50, v. 2), *cambray* é uma espécie de tela de linho branca, clara e fina. Embora possua alguma relação com a qualidade dos *quintins* claros e finos da Bretanha, é muito superior. *Quintins* são “sorte de tela de linho muito fina e transparente que se fabrica em Quintin, na Bretanha, e nos arredores” (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 1038, v. 3, tradução nossa<sup>43</sup>).

Abaixo, realçamos a UL **cambraia** e respectivas variantes em trechos do *corpus*:

[...] no luxo das olandas, **Cambraes**, londres, galas [...]. desconhecido (1958) [1607], *MEMORIAL DO ESTADO DO BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627 (131)* [A00\_2113, p. 317].

[...] sette p.<sup>cas</sup> de estupinhas de **cambraia** a 3.375 rs [...]. DAMIÃO NUNES DE BRITTO, JOSEPH MEIRA E PEDRO FRANCISCO DE ANDRADE (1973) [1726], *CARTAS* [A00\_0866, p. 284].

[...] vestia huns manguitos de **cambray** transparente , e finíffimas rendas [...]. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO PARA HUM NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO PILLAR MATRIS, E PROPRIA MORADA DO DIVINO SACRAMENTO EM VILLA RICA, CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS. AOS 24 DE MAYO DE 1733* [B00\_0020, p. 50].

Para o lexema **cambraia**, delimitamos os traços sêmicos:

S1 – fino;

S4 – feito de linho;

S5 – de estrutura rala;

S6 – de cor branca.

---

<sup>43</sup>“Sorte de toile de lin très fine e très transparente qui se fabrique à Quintin en Bretagne e aux environs.” (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 1038, v. 3).

## c) CASSA

Segundo Bluteau (1712-1728), **cassa** é um pano branco vindo da Índia. Silva (1789, 1813) define como tecido fino de algodão. Vieira (1871-1874) detalha que a **cassa** é rala e, geralmente, toda branca. Figueiredo (1899), Silva (1949-1959), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) repetem tais acepções e complementam que a **cassa** pode ser, também, de linho.

De acordo com Savary des Bruslons (1748, p. 125, v. 2), *casse* é uma espécie de musselina, ou tela de algodão, branca e muito fina, proveniente das Índias Orientais, em específico, de Bengala. Por essa razão, às vezes, também chamada de *Casses Bengale*. Sendo uma das várias espécies de **musselina**, que é de algodão, é plausível que a **cassa** também o seja.

Seguem alguns trechos do banco de dados do DHPB com ocorrências da UL **cassa** e da variante **calla**. Note-se que, no terceiro excerto, a UL **cassa** coocorre com **mosselina**, assinalando a similitude entre ambas.

[...] chapéos finos; dittos da terra; meias de cadarço dittas de linha; \*bertanhas; \***cassa** surtidas; barretez de pizão [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], *CARTAS DE SAO PAULO* [A00\_0858, p. 43].

Cingia-lhe a cabeça huma caraminhóla de **callas** brancas com vario artificio de cordoens de ouro , e peças de diamantes [...]. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO PARA HUM NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO PILLAR MATRIS, E PROPRIA MORADA DO DIVINO SACRAMENTO EM VILLA RICA, CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS. AOS 24 DE MAYO DE 1733* [B00\_0020, p. 88].

Constamos, a partir do cotejo lexicográfico, os seguintes semas:

S1 – fino;

S5 – de estrutura rala;

S6 – de cor branca;

S7 – feito de algodão.

## d) CRÉ

Das obras lexicográficas de português consultadas, apenas Vieira (1871-1874, p. 621, v. 2) contém o lema **cré** com acepção de tecido: uma “especie de estofó de lâ”. Na língua

francesa, o dicionário Littré (1875, p. 889, tradução nossa<sup>44</sup>) registra o lema *crée* e define como “termo de comércio. Antiga sorte de tela de Bretanha”.

Com base em Savary des Bruslons (1748), fabricaram-se diversas castas de tecidos chamados de *crés*<sup>45</sup> nas cidades de Morlaix, Roscoff e Grâce-Uzel, todas situadas na região administrativa francesa de Bretanha. A palavra equivalente em espanhol, *crea*, é definida no “Diccionario de la Lengua Española” (DLE) (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1780) como certo gênero têxtil que não é dos mais finos nem dos mais grosseiros, serve para fazer camisas, lençóis e outras coisas e chama-se comumente Leona, porque vem de León da França. Nesse caso, León de França reporta-se não à cidade de Lyon, e sim a Saint-Pol-de-Léon, também pertencente à região da Bretanha.

No banco de dados do DHPB, atestamos uma ocorrência da UL **cré**:

Os ditos \*efeitos são os que costumam mandar para Santa Cruz de La Sierra, para de lá lhes vir o vinho, trigo, sal e algum vestuário de pano de linho e outras coisas necessárias para aquelas missões, e o pano de linho é semelhante ao que cá se chama \***cré**. CAETANO DA COSTA MATOSO (1999) [1749], 136 - VERDADEIRA NOTÍCIA QUE DEU FRANCISCO LEME DO PRADO DO QUE PASSOU, VIU E EXPERIMENTOU NA VIAGEM QUE FEZ DESTAS MINAS DO MATO GROSSO PELO RIO ABAIXO ÀS MISSÕES DOS PADRES DA COMPANHIA [DE JESUS] DO REINO DE CASTELA... [A00\_0998, p. 876].

Com base nas informações de Savary des Bruslons (1748) e Littré (1875) e observando o contexto acima citado, inferimos que a definição de Vieira (1871-1874) não trata exatamente do tecido de linho francês. Ademais, no trecho do banco de dados, reporta-se a pano de linho, e não de lã, o que corrobora essa constatação.

Ante as diminutas informações sobre o tecido, delimitamos os traços sêmicos:

S1 – fino;

S4 – feito de linho.

<sup>44</sup> “Terme de commerce. Ancienne sorte de toile de Bretagne.” (LITTRÉ, 1875).

<sup>45</sup> Savary des Bruslons (1748, p. 1111, v. 1, tradução nossa<sup>45</sup>) descreve *crés* como uma “sorte de tela de linho que se fabrica em Morlaix, na Bretanha, e nos arredores. Existem quatro tipos; as *crés* largas; as *crés* comuns; as *crés gratiennes*; e as *crés Rosconnes*.” Ao tratar de *toile*<sup>45</sup>, o autor dá mais detalhes sobre tais tipos: a mais fina de todas é a *cré* larga, cuja exportação mais comum era para a Espanha, de onde se enviavam muitas para as Índias. As *crés* comuns são menos finas, mas mais finas que as *Rosconnes*, as quais levaram esse nome porque eram fabricadas em praticamente toda a região em torno de Roscoff, França. As *crés gratiennes* (ou *graciennes*) são assim chamadas em razão da grande quantidade dessa variedade na Paróquia de Grâce (Grâce-Uzel, comuna francesa da região da Bretanha); possuem comprimento similar aos das *crés* comuns, porém mais grossas. Todas essas variedades eram destinadas, principalmente, para a Espanha (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 420, v. 3).

## e) ESCUMILHA

Para Bluteau (1712-1728), **escumilha** é certo pano branco, muito fino e ralo, vindo de Castela. Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) definem como sendo lençaria muito rala e transparente. Figueiredo (1899), Silva (1949-1959), Ferreira (2004), Houaiss (2009) descrevem que é de seda ou lã. Notamos, assim, uma discrepância entre as definições antigas e as mais atuais no que diz respeito à composição do tecido. Todavia, consideraremos as mais próximas do arco temporal que o *corpus* contempla. Portanto, tecido composto de linho ou algodão, conforme indica a denominação genérica lençaria.

A procedência castelhana desse tecido, consoante registra Bluteau (1712-1728), aponta equivalência entre **escumilha** e a palavra espanhola *espumilla*, a qual, de acordo com o DLE, é diminutivo de *espuma* e significa “certo gênero de lenço delgado, não muito fechado, assim chamado por ser delicado e ralo” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1780, tradução nossa<sup>46</sup>).

Destacamos a UL **escumilha** no contexto do *corpus* em que o tecido é empregado para tapar o postigo de uma leiteria, permitindo a passagem do ar e servindo de proteção contra insetos. As ocorrências da UL aparecem apenas no texto de Frei José Mariano da Conceição Velloso (1801), sobre a fabricação de manteiga.

[...] se fecha por meio de hum pequeno postigo , e se lhe poem ainda hum pedaço d’**escumilha**, e huma grade d’arame mui leve para poder dar o ar á vontade, e estabelecer, quando assopra o vento convenientemente, huma corrente de ar em toda a Leiteria. A **escumilha** basta para impedir, que as moscas não penetrem o interior. FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1801) [1801], *MANTEIGA* [A00\_1059, p. 129].

Pudemos apreender os semas:

S1 – fino;

S4 – feito de linho;

S5 – de estrutura rala;

S7 – feito de algodão.

---

<sup>46</sup> “s. f. Cierta género de lienzo delgado, no mui tupido, llamado assí por lo delicado y ralo.” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1780).

## f) GARÇA

Do repertório lexicográfico consultado, Silva (1789, 1813), Vieira (1871-1874) e Figueiredo (1899) não contêm o lema **garça** com a acepção de produto têxtil. No suplemento do “Vocabulario Portuguez e Latino” de Bluteau (1712-1728, p. 449, v. 9), encontramos o lema **garça de Itália**, cujo significado é “pano, feito de seda muy leve, lavrado com ramos, e muy transparente, e vistoso; serve para toucas, e veos de mulheres”. Silva (1949-1959, Ferreira (2004) e Houaiss (2009) registram o lema *garça*<sup>47</sup> e dão a definição de tecido muito ralo.

No banco de dados do DHPB, identificamos somente uma ocorrência da UL *garça*, no “Canto 8º” do poema “Vila Rica”, de Claudio Manuel da Costa (1773). No contexto, por possuir matizes de flores de ouro, o tecido aproxima-se da definição do lema **garça de Itália** presente em Bluteau (1712-1728):

Eulina, que nas graças não recea Competir co'a Deidade, que o Mar cria,  
De transparente **garça** se vestia, Toda de flores de ouro matizada. CLÁUDIO  
MANUEL DA COSTA. (1773.) [1773], *CANTO 8º* [G00\_0010, p. 4].

Conjecturamos que Bluteau (1712-1728) retrata uma qualidade específica de *garça*, haja vista que, em outras fontes documentais (Internet Archive e Google Books), identificamos, por exemplo, “Garça de matizes, e labores, preta, e de cores” (PORTUGAL, 1797, p. 499); “Garça de seda, lisa, lavrada ou adamascada [...] Mantas de garça de qualquer qualidade” (BRASIL, 1877, p. 76 e 83). Assim, diante da possibilidade de haver distintos gêneros desse tecido, delimitamos os semas abaixo, considerando as características relativas a labores, matizes etc.:

S1 – fino;

S5 – de estrutura rala;

S8 – feito de seda;

S9 – com labores e matizes.

---

<sup>47</sup> Por haver a homônima que denomina uma ave, com étimo distinto, os dicionários apresentam os lemas *garça* (1) e *garça* (2).

## g) HOLANDA

Bluteau (1712-1728) diz que a **holanda** possui várias castas; fina, grossa, ordinária, riscada, frisada, larga e com seda. Silva (1789, 1813, 1949-1959) define apenas como tecido fino vindo da Holanda. Vieira (1871-1874), Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) repetem essa definição e detalham que a referida fazenda é feita com linho.

Savary des Bruslons (1748, v. 2, p. 1630) adjectiva as *hollandes* como belas e finas. Ao tratar de *toile*, o autor (1748, v. 3, p. 414) detalha que as *toiles de Hollande* são uma espécie de tela de linho muito unida e fechada. As mais estimadas provêm da Frísia, Província holandesa. Para distingui-las de outras variedades de holandas, são chamadas de *toile de Frise* ou, simplesmente, *Frises*. A característica de tecido com estrutura fechada está expressa nas acepções de Figueiredo (1899) e Silva (1949-1959).

Quando trata dos tecidos portugueses, Costa (2009, p. 157, grifos no original) diz que, no final da Idade Média, os “[...] mais caros e ricos como os *panos da Flandres e da Frísia*, o *estanforte*, a *biffa*, a *valenciana*, a *brugia*, a *holanda* e a *segóvia* eram importados e adquiridos apenas pelas classes sociais elevadas”.

Dispomos, na sequência, trechos do banco de dados do DHPB com ocorrências da UL **holanda** e suas variantes, em que transparece a luxuosidade desse tecido:

A minima parte destas drogas gasta o nosso Portugal o mais sacão os estrangeiros por troco das roupas e mantimentos de q̃ o R<sup>no</sup> padece falta, e como estas ja não poderia escuzar, permanecendo no luxo das **olandas**, Cambraes, londres, galas; sê tornar ao parco uso dos antigos (que ja sera impossuel) contentandose de seu linho beiraõ e Lam d'Alemtejo. desconhecido (1958) [1607], MEMORIAL DO ESTADO DO BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627 (131) [A00\_2113, p. 317].

[...] o seu trajo eram purpuras e **holandas**, e a sua mesa perpetuos e esplendidos banquetes [...]. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [S. XVII], SERMÃO DA QUARTA DOMINGA DEPOIS DA PASCHOA [A00\_0908, p. 308].

[...] eftará a Sagrada Hostia, & as praticulas que parecerem baftantes, que hão de fer renovadas ao menos cada quinze dias, em corporaes de linho fino, ou de **ollanda** muyto limpos. - (1920, OBRA IMPRESSA / 2006, REPRODUÇÃO DIGITAL) [1767], Nº 590 - DATA E SESMARIA DE MANOEL LOPES CABREIRA, DE TRES LEGUAS DE TERRA NO RIO SALGADO, CONCEDIDA PELO GOVERNADOR TENENTE CORONEL ANTONIO JOZÉ VICTORIANO BORGES DA FONSECA, EM 12 DE MAIO DE 1767 [A00\_2466, p. 46].

[...] & os giboões poderãõ fer das mefmas cores, ou brancos de linho, ou **hollandã**. - (1920, OBRA IMPRESSA / 2006, REPRODUÇÃO DIGITAL) [1767], Nº 590 - DATA E SESMARIA DE MANOEL LOPES CABREIRA, DE TRES LEGUAS DE TERRA NO RIO SALGADO, CONCEDIDA PELO GOVERNADOR TENENTE CORONEL ANTONIO JOZÊ VICTORIANO BORGES DA FONSECA, EM 12 DE MAIO DE 1767 [A00\_2466, p. 184].

Percebemos que o conteúdo sêmico de **holanda** se forma pelos traços:

S1 – fino;

S4 – feito de linho;

S10 – de estrutura fechada.

#### h) LEMISTE

De acordo com Bluteau (1712-1728, p. 77, v. 5), **lemiste** é “panno de laã, muito fino, que vem de Inglaterra”. As demais obras lexicográficas definem-no como tecido de lã, preto e fino. Zimmerman (2017), em seu trabalho sobre as posses materiais de uma família de elite nas Minas Gerais do século XVII, explica que a UL parece derivar de Lemster, uma variação do topônimo Leominster, do condado britânico de Herefordshire, onde, no final do medievo, monges produziam e vendiam a lã da raça de ovelhas Ryeland.

Vieira (1871-1874), por sua vez, diz que **lemiste** é o mais fino e perfeito tecido de Segovia (Espanha). Na ótica de Zimmerman (2017, p. 200, tradução nossa<sup>48</sup>), “possivelmente, imitações do tecido britânico foram produzidas em Segovia usando o merino espanhol, uma lã com características similares à lã Ryeland”. Em seu estudo sobre os nomes de tecidos no castelhano medieval, Martínez Meléndez (1989, p. 120, tradução nossa<sup>49</sup>) registra *límiste* e o descreve como procedente do “[...] inglês antiquado LEMSTER [...] cidade da Inglaterra onde se fabricaram pela primeira vez estes panos de lã”.

No banco de dados do DHPB, a UL **lemiste** ocorre em contextos que retratam a boa qualidade do tecido:

<sup>48</sup> “Possibly, imitations of the British cloth were produced in Segovia using Spanish Merino, a wool with similar characteristics to Ryeland wool.” (ZIMMERMAN, 2017, p. 200).

<sup>49</sup> “[...] inglés antiquado LEMSTER [...] ciudad de Inglaterra donde se fabricaron por primera vez estos paños de lana.” (MARTÍNEZ MELÉNDEZ, 1989, p. 120).

1 peça de **lemiste** pretto bem fino e bom na qualidade [...]. FRAN.<sup>co</sup> DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 265].

As peggas com que se ornão são de excessivo valor e quando a funcção o permite aparessem com suas mulatas e pretas vestidas com ricas sayas de setim, becas de **lemiste** finissimo, e camizas de cambraya, ou cassa [...]. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], *CARTA PRIMEIRA* [A00\_0404, p. 47].

Por meio das acepções, constatamos os traços sêmicos:

S1 – fino;

S11 – feito de lâ;

S12 – de cor preta.

i) **MOSELINA** (VOLP: musselina)

Não se encontra a UL **mosselina** nas nomenclaturas de Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813). Nas definições de Vieira (1871-1874), Figueiredo (1899), Silva (1949-1959), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) fica expressa a fineza, leveza e transparência desse tecido. A partir dos verbetes, inferimos que a fibra tradicional no fabrico da mosselina é o algodão.

Savary des Bruslons (1748, v. 3, p. 508) descreve *mousseline* como tela de algodão cuja união dos fios cria um aspecto de pequenas borbulhas na sua superfície, de forma que se assemelha à espuma (*mousse*). O autor diz que a Companhia Francesa das Índias Orientais aportou de Puducherry e de Bengala várias sortes de musselinas, por exemplo, *betilles simples*, *betilles Organdy*, *betilles Tarnatanes*, *Tarnatanes Chanonis*, *casses* etc.

No *corpus* do DHPB a UL **mosselina** ocorre somente no texto de Frei Mariano da Conceição Velloso (1798) – uma espécie de tratado sobre bebidas “alimentosas”, especificamente, de cacau. No contexto, o tecido, por se ralo, tem a função de filtrar o líquido.

Poz-se toda esta parte extractiva em hum pequeno funil de vidro, forrado, de huma **mossellina**, ou çassa. [...]. Na realidade, passado quasi hum mez, se achou só na cassa, ou **mosselina** huma pequena massa, composta de crystaes finos [...]. FREI MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1805) [1798], *O FAZENDEIRO DO BRAZIL, CULTIVADOR. BEBIDAS ALIMENTOSAS, CACAO*. [A00\_2309, p. 264-265].

Os semas delimitados são:



- S1 – fino;  
 S5 – de estrutura rala;  
 S7 – feito de algodão.

j) SOPRILHO

Para o lema **suprilho**, Bluteau (1712-1728, p. 796, v. 7) dá a definição de “seda liza, que vinha de Castella, & servia para veos de Freyras, já a não ha”. Os demais dicionários limitam-se a expor que é um tecido muito ralo de seda.

A partir da procedência castelhana do tecido, indicada em Bluteau (1712-1728), inferimos que a UL **soprilho** corresponda, no espanhol, a *soplillo*. No DLE define-se **manto de soprilho** como “uma espécie de manto, que antigamente se fazia de tafetá muito tênue [...]” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1780, tradução nossa<sup>50</sup>). Conforme explanamos na subseção 2.3, tafetá ou tela refere-se, nesse caso, ao tipo de ligamento empregado na tecelagem. Segundo Covarrubias (1611, p. 34, tradução nossa<sup>51</sup>), *manto de soplillo* “é uma tela tão fina, que pode ser movida de onde estiver com um sopro”.

No banco de dados do DHPB, encontramos apenas uma ocorrência da UL **soprilho**:

[...] depois que chegou Dom Francisco de Souza, e virão suas galas, e de seus criados e criadas, houve logo tantas librés, tantos periquitos, e mantos de **soprilhos**, que já parecia outra cousa [...]. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO QUARTO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOR MANOEL TELLES BARRETO ATHE A VINDA DO GOVERNADOR GASPAR DE SOUZA - CAPITULO TRIGESIMO SEXTO - DO QUE FEZ O GOVERNADOR NAS MINAS* [A00\_2067, p. 163].

Constatamos os semas seguintes:

- S1 – fino;  
 S5 – de estrutura rala;  
 S8 – feito de seda.

<sup>50</sup> “Manto de soplillo. Un género de manto, que hacian antiguamente de tafetan muy feble [...]” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1780).

<sup>51</sup> “es una tela tan delgada, que con un soplo la aventarán de donde estuviere.” (COVARRUBIAS, 1611, p. 34).

Reunidos os semas que constituem os sememas das UL do microcampo lexical “tecidos finos”, construímos o quadro subsequente:

**Quadro 2** – Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “tecidos finos”.

<b>Lexemas</b> <b>Semas</b>	<b>bretanha</b>	<b>cambraia</b>	<b>cassa</b>	<b>cré</b>	<b>escumilha</b>	<b>garça</b>	<b>holanda</b>	<b>lemiste</b>	<b>mosselina</b>	<b>soprilho</b>
1 – fino	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
2 – grosso	+*	+	-	+	+	-	+	-	-	-
3 – entrefino	+*	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4 – feito de linho	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
5 – de estrutura rala	-	+	+	-	+	+	-	-	+	+
6 – de cor branca	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-
7 – feito de algodão	-	-	+	-	+	-	-	-	+	-
8 – feito de seda	-	-	-	-	-	+	-	-	-	+
9 – com lavores e matizes	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
10 – de estrutura fechada	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
11 – feito de lã	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-
12 – de cor preta	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-

\*Traços que a bretanha pode ter, além do fino.

Org.: elaborado pelo autor.

Em linhas gerais, são identificáveis semelhanças entre as definições das UL conformadas no microcampo “tecidos finos”. Todos os lexemas que figuram no microcampo em questão têm em comum o sema “fino”. Mediante o cotejo lexicográfico, levantamos a composição (fibras têxteis) dos tecidos (S4, S7, S8 e S11). Ficou notório que a **bretanha** e a **cambraia**, tradicionalmente, foram feitas com linho e a **cassa**, com algodão. As informações de Savary des Bruslons (1748) ratificam tal observação. Do repertório lexicográfico considerado, desde Figueiredo (1899), os dicionários consultados indicam que esses tecidos podem ser tanto de linho quanto de algodão, o que, decerto, resulta de inovações na indústria têxtil<sup>52</sup>.

Atinente à dimensão densidade (S5 e S10), ou seja, se o tecido é encorpado ou ligeiro, para os lexemas **cambraia**, **cassa**, **escumilha**, **garça**, **mosselina** e **soprilho** foi possível determinar o sema “de estrutura rala”. No *corpus*, esse atributo está evidente para **cambraia** (transparente), **escumilha** (porque permite a passagem do ar) e **garça** (transparente):

Igualmente as nottão de andarem em suas cazas muitas vezes descalças, e de ordinario sem meyas, com camizas de cassa finissima e **cambraya** transparente [...]. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], *CARTA PRIMEIRA* [A00\_0404, p. 47].

[...] e se lhe poem ainda hum pedaço d’**escumilha**, e huma grade d’arame mui leve para poder dar o ar á vontade, e estabelecer, quando assopra o vento convenientemente, huma corrente de ar em toda a Leiteria. FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1801) [1801], *MANTEIGA* [A00\_1059, p. 129].

Eulina, que nas graças não recea Competir co'a Deidade, que o Mar cria, De transparente **garça** se vestia, Toda de flores de ouro matizada. CLÁUDIO MANUEL DA COSTA. (1773.) [1773], *CANTO 8º* [G00\_0010, p. 4].

Diferindo nesse aspecto, o lexema **holanda** contém o sema “estrutura fechada”. Para os lexemas **bretanha** e **cré** não demarcamos semas além daqueles relacionados às dimensões composição e densidade. Relativamente à dimensão cor, constam os semas “de cor branca” (S6) para **cambraia** e **cassa** e “de cor preta” (S12) para **lemiste**. A cor da **cassa** está patente no seguinte trecho do *corpus*:

<sup>52</sup> Costa (2009, p. 158) descreve que a produção de fios e de tecidos de qualidade em Portugal se desenvolveu no século XVIII, reduzindo, em parte, a importação. Com o início da industrialização, “o panorama português pareceu dar sinais de melhoria, principalmente, no sector algodoeiro – uma novidade – de início, utilizando a matéria-prima proveniente do Brasil [...]” No final do século XVIII, teve princípio, na Fábrica de Alcobaça, a manufatura de tecidos de algodão, produzindo “[...] *lençaria, cambraias e fazendas brancas.*” (COSTA, 2009, p. 172, grifos no original).

Cingia-lhe a cabeça huma caraminhóla de **caffas** brancas com vario artificio de cordoens de ouro , e peças de diamantes [...]. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO PARA HUM NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO PILLAR MATRIS, E PROPRIA MORADA DO DIVINO SACRAMENTO EM VILLA RICA, CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS. AOS 24 DE MAYO DE 1733* [B00\_0020, p. 88].

Verificamos que as definições para **bretanha** não fazem menção às suas qualidades várias – fina, grossa e entrefina –, consoante pudemos atestar no *corpus*. Diante disso, evidenciamos a dificuldade relatada alhures para se organizar as UL relativas a tecidos em microcampos – dada a variabilidade dos significados – e endossamos a manifestação de Vázquez Balonga (2014) quando se queixa das parcas e imprecisas informações sobre tecidos nas obras lexicográficas.

É perceptível a confluência de traços semânticos entre **garça** e **soprillo**: tecidos de seda, ralos e finos. Considerando **escumilha** e **soprillo** como empréstimos do espanhol adaptados ao português, morfologicamente, temos as estruturas *espuma* + *-illa* e *soplo* + *-illo*. Pelo viés semântico, verificamos o recurso à metáfora. Covarrubias (1611), quando descreve que *soplillo* é um tecido tão fino que pode ser movido com um sopro, assinala uma ligação entre o aspecto ligeiro/rarefeito de ambos, tecido e sopro. Na UL **escumilha**, se derivada de espuma (*espuma*, no espanhol), também notamos metaforização presente na criação lexical, haja vista que a pouca consistência e delicadeza da estrutura da espuma é relacionada ao cariz físico do tecido.

Outrossim, a explicação de Savary des Bruslons (1748) para *mousseline* revela uma metáfora a partir da similitude entre a aparência da superfície do tecido, que lembra a borbulhas, e as minúsculas bolhas de uma espuma (*mousse*). Estamos, nesse momento, apontando possíveis motivações denominativas dos referidos tecidos, e não fazendo afirmações categóricas. Se observarmos, por exemplo, as notas etimológicas dos dicionários consultados, veremos que a maioria reporta **musselina** ao topônimo Mossul (Iraque).

É chamativa a ocorrência de nomes de tecidos que fazem referência ao nome do lugar onde, provavelmente, começaram a ser produzidos e/ou difundidos. Nessas UL, percebemos um processo de criação lexical metonímico, ou seja, fundamentado numa relação de contiguidade<sup>53</sup>. Silva (1992), ao versar sobre metáfora e metonímia no domínio do léxico, diz que esses fenômenos cognitivos não contribuem apenas para gerar novas significações de uma palavra, mas também para formar novas palavras. Nesse contexto, o autor cita a lexicalização

<sup>53</sup> Silva (1992, p. 314) ressalta que a noção de contiguidade deve ser entendida amplamente, “[...] compreendendo não só a relação espacial e temporal, mas também a nocional ou conceptual.”

da metonímia “lugar do fabrico/produto” e afirma que “na verdade, a metonímia tem uma grande predilecção pelos nomes próprios, topónimos e antropónimos, sendo, juntamente com a antonomásia, um dos principais fatores de integração destas palavras no léxico” (SILVA, 1992, p. 325). Haja vista a procedência estrangeira dos referentes, no caso de **bretanha**, **cambraia**, **holanda** e **lemiste**, cujos topónimos passaram a denominar os tecidos, é provável que as denominações entraram para o léxico do português como neologismos, via empréstimo.

Segundo Oliveira (2010, p. 196), os tecidos, “[...] como as demais mercadorias que chegavam à Colônia, não aportavam direto das regiões manufaturadoras aos portos brasileiros”. Passavam, antes, por Portugal, cuja produção manufatureira era ínfima naquele período. Assim,

[...] tecidos, peças e acessórios de outras partes do mundo, de Portugal, Holanda, Espanha, Goa, Diu, Itália, Espanha, França, Inglaterra, dentre outros, chegaram até às lojas que, além de vender panos e roupas, contribuíram para reproduzir, através de modelos, tipos de tecidos e cores, parte do universo cultural do colonizador e daqueles com os quais entraram em contato através do comércio. (DRUMOND, 2008, p. 36).

Dessa forma, estamos tratando de empréstimos que, dentro da classificação de Bloomfield (1961), foram designados “empréstimos culturais”, isto é, decorrentes de intercâmbios sociopolíticos e comerciais entre povos. As demais UL componentes do microcampo lexical estudado também aparentam constituir empréstimos. Ao menos, é o que podemos verificar com maior rigor em **cré** (fr.), **escumilha** (esp.), **mosselina** (fr.) e **soprilho** (esp.).

A propósito, **escumilha**, **mosselina** e **soprilho**, conforme discutimos, indicam processo de formação associado ao recurso metafórico. Concernente a tais fenômenos cognitivos, Silva (1992) concebe que:

No léxico de qualquer língua, metáfora e metonímia são processos altamente produtivos, semelhantes em muitos aspectos aos processos de ‘formação de palavras’, e em interação com estes, devendo por isso ser considerados como parte integrante das regras para alargamento do léxico. (SILVA, 1992, p. 328, grifo no original).

Respeitante à **garça**, a definição de Bluteau (1712-1728) é específica, porquanto informa a fibra da qual se compõe o tecido (seda), aspectos visuais (lavrado com ramos, vistoso) e utilidade (para toucas e véus femininos). Os outros dicionários, por sua vez, limitam-se a dizer que é um tecido muito ralo. Portanto, genericamente, **garça** significa um tecido de seda fino e ralo. Devem ter sido fabricadas variedades desse tecido a partir de distintas composições, labores etc., a exemplo da referida **garça de Itália**; de seda e lavrada com ramos. Em razão do

topônimo, é possível que esse tecido, em particular, provinha da Itália ou era reproduzido de forma a imitar a garça italiana.

Acerca da importação e comércio têxtil em Portugal no século XV, Ferreira (1983), quando trata particularmente da importação de panos de seda, diz que na Europa setentrional daquela época não havia fabrico desses tecidos, de maneira que o país teve que recorrer à área mediterrânica. Segundo a autora:

[...] foi efetivamente a Itália quem melhor se fez representar em Portugal no século XV. De Luca vinham panos de ouro. Florença, que a diáspora Genovesa e Venesiana não eclipsara, enviava seda de várias espécies, utilizando-se, contudo, das galés genovesas. Quanto à Génova, que na era quatrocentista atingira um alto conceito como produtor, também se fez representar. (FERREIRA, 1983, p. 44).

Sequeira (2014, p. 153), em sua investigação acerca da produção têxtil em Portugal nos finais da era medieval, ressalta que “[...] são relativamente bem conhecidas as relações económicas entre Portugal e a Itália durante a Idade Média”. Iniciado por genoveses no século XIII, o contingente de comerciantes italianos em Lisboa aumentou no decorrer dos séculos XIV e XV, constituindo “[...] uma importante colónia florentina na cidade” (SEQUEIRA, 2014, p. 154).

A autora registra que, em meados do século XV, grandes quantidades de seda eram remetidas de Valência para Lisboa, onde eram revendidas. Ademais, em trajeto oposto, Portugal oferecia matéria-prima para ser tecida em Itália e, depois, retornada ao mercado lusitano. De acordo com Sequeira (2014, p. 157): “Lisboa atraía a seda portuguesa e a espanhola, enviava-a a Florença e depois voltava a recebê-la já transformada em panos luxuosos, que fazia então redistribuir no sentido inverso”. Nesse contexto, entre outras companhias italianas, a autora cita a Cambini como uma grande negociadora com Portugal, entre 1444 e 1481. Desse modo, percebemos a estreita relação comercial entre Portugal e Itália no final do medievo, tornando plausível que a garça (*garza*, em italiano) entrasse no mercado lusitano e veiculasse a denominação do referido tecido na língua portuguesa.

Malgrado a UL **garça** não esteja corrente no português, mostra-se no verbo **esgarçar**, cujo significado é:

v. (1836) **1** *t.d.int. e pron.* abrir(-se), rasgar(-se) [o tecido] pelo afastamento de seus fios; desfiar-se <*esgarçou o lenço ao esticá-lo*> <*a camisa esgarçou(-se)*> **2** *int. e pron.* reduzir(-se) a fragmentos; fragmentar(-se), desfazer(-se) <*as nuvens esgarçavam(-se) sobre a montanha*> **3** *t.d.* romper a casca (falando-se de fruto) **4** *t.d. fig.* esfiar, desfiar (reminiscências, impressões)

<esgarçava as lembranças da mocidade> 5 t.d. arranhar, esfolar (a pele)  
 <esgarçou as mãos quando ralava um coco> ☉ ETIM orig. contrv.  
 (HOUAISS, 2009).

Essa UL aparece uma vez no *corpus* do DHPB, no seguinte excerto:

As mulheres de qualquer estado, ou qualidade cortavão as mãos, e rompião as orelhas, e ferião as gargantas, so para lhes tirarem os anneis, pendentos e gargantilhas. Abrião muitos pelas costas, ou pelos peitos, e lhes tiravão os figados, e coraçõens ainda palpitanes, **esgarçavão** as crianças vivas, e com as mãos as fazião em duas partes. A outras estrallavão nas pedras e nos troncos, ou de tiro, ou de golpe competindo-se na execução a destreza, e a força. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO QUARTO - PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM VIRTUDES...* [A00\_0655, p. 236].

Na cena descrita, notamos que esgarçar tem o sentido de rasgar, romper partes do corpo. Considerando que na primeira acepção do verbete acima a ação está relacionada ao tecido, isto é, ao ato de abri-lo pelo apartamento dos fios (desfiadura), podemos associar um traço semântico do lexema garça: tecido ralo (fios esparsos).

Uma vez mais, acentuamos a importância do banco de dados do DHPB, cujos textos contêm relevantes dados para estudo do léxico do português da época colonial brasileira. Incluídas nesse microcampo estão as UL **berne**, **casimira**, **cetim**, **crepe**, **esguião**, **guingão**, **panico**, **sofolié** e **tafetá**, uma vez que seus significados apresentam o sema comum “fino”. As definições podem ser consultadas no Vocabulário disposto na subseção 4.16.

### 4.3 Microcampo lexical “tecidos grosseiros”

Na presente subseção, descrevemos e analisamos os lexemas **aniagem**, **baeta**, **baetão**, **barbarisco**, **barregana**, **bretanha**, **burel**, **camelão**, **holandilha**, **linhagem**, **lona**, **pano da serra**, **saial** e **sarapilheira**, conformados no microcampo “tecidos grosseiros” mediante o conteúdo unitário “grosso”. Compreendamos esse adjetivo como qualificativo do que é “não delgado, nem delicado” (SILVA, 1813, p. 102, v. 2) Nas palavras de Vieira (1871-1874, p. 926, v. 3), aplica-se “[...] quasi sempre com um sentido desfavorável ao que é falto de delicadeza, tenuidade”. Assim, os tecidos grosseiros têm mais consistência e são, ordinariamente, “de qualidade inferior; grosso, grosseirão” (FERREIRA, 2004).



## a) ANIAGEM

Para Bluteau (1712-1728, p. 49, v. 9), a UL **aniagem** é um “pano tecido de linho cru que se fabrica no Norte, de três palmos de largo. Silva (1789, p. 83, v. 1) define-a como “especie de roupa de linho muito grossa” e Vieira (1871-1874, p. 424, v. 1), como “panno tecido de linho cru muito grosso e estreito, proprio para capas e fardos”. Figueiredo (1899) reitera tais definições. O atributo “linho cru” quer dizer que o tecido era fabricado com o linho em estado natural, sem preparação especial, o que resultava em um têxtil rústico. No dicionário de Silva (1949-1959, p. 881, v. 1, grifo no original), acrescenta-se que é “o mesmo que *serapilheira*”. Houaiss (2009) e Ferreira (2004) apresentam definições análogas às supracitadas.

No banco de dados do DHPB, localizamos as variantes **aniage**, **niagem** e **niage**:

[...] e asim que VM. se rezolva a mandar surtim.<sup>to</sup> bom e propio p.<sup>a</sup> a terra comf.<sup>o</sup> as memorias que lhe remeteo Pedro Friz., q. hão de ser b.<sup>as</sup> seraf.<sup>as</sup> m.<sup>ta</sup> **niagem** crua, e não ja curada que esta no Rio de Janr.<sup>o</sup> tem melhor gasto do que numqua ca mandou [...]. JOÃO FRANCISCO MUZZI (1973) [1727], *CARTAS*. [A00\_0859, p. 50].

[...] 2 pacotes de **aniage** ..... 1\$280 [...]. DOM ANTONIO DE SOUZA MOURAM (1906) [1769], *EXPEDIÇÃO DE GUARAPUAVA MATRICULA DA TROPA E DESPESA FEITA COM ELLA 1769 —1775 REGISTO DA ORDEM DO ILLMO E EXMO SNR. GENERAL*. [M00\_0041, p. 95].

[...] e vão 84 e meia vara de estopa, que é o que remanecia no armazem, do qual, para supprir aquella em quanto não vem da cidade a que tenho requerido, poderei mandar alguma **aniagem**, si Vossa Mercê entender, que póde remediar, avisando-me assim n'esta conformidade, e o numero de varas que precizão. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], *1.ª PARTE: ALTO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO QUINTA: DE SANTA ISABEL A SÃO GABRIEL*. [A00\_2229].

Com base nas acepções consultadas, constatamos os seguintes semas:

S1 – grosseiro;

S2 – feito de linho cru;

S3 – próprio para sacos e encape de fardos.

## b) BAETA

De acordo com Bluteau (1712-1728, p. 11, v. 2), a UL **baeta** consiste em “panno de laã, a que ou com o uso, ou com instrumentos se levanta o pelo”. Os dicionários, em geral, definem

como tecido de lã, grosseiro e felpudo, sem explicitar a origem da lã, talvez, porque não tenha uma específica.

Abaixo, em trechos do *corpus*, realçamos a UL **baeta** e respectivas variantes **baêta**, **baheta**, **baetta** e **baieta**:

Os mordomos são os principaes e mais virtuosos; têm sua mesa na igreja com seu panno, e elles trazem suas opas de **baeta** ou outro panno vermelho, branco e azul [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 156].

Passaram por ali acaso dois soldados portugueses; um dêles, movido de compaixão, deita-se, com piedade cristã, aos pés do seu Deus, toma-o nos braços com muitas lágrimas e suspiros, envolve-o em uma capa de **baêta**, e passa-se com êle ao lugar onde se recolhe [...]. ANTÔNIO VIEIRA (1925) [1626], *ÂNUA DA PROVÍNCIA DO BRASIL (1926) - CARTA I - AO GERAL DA COMPANHIA DE JESUS - 1626 - SETEMBRO 30*. [A00\_0096, p. 72].

[...] hũ manto de saria hũ saio de **baheta** e fora outras mehudezas de quaza [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *PEDRO CARAÇA, INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO*. [A00\_0173, p. 266].

[...] foi avaliada hua Roupetta comprida de **baetta** com sua capa em sua avaliação por dous mil Reis [...]. GASPAS DIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAS DIAS PERES (1654)*. [A00\_0755, p. 19].

Pello que respeita a este commersio não tenho que lhe dizer de novo, porq.to presentem.<sup>te</sup> de tudo ha a abundansa, sem se procurar mais, q. algumas **baietas**, e como já vão vindo algumas de Pernamb.<sup>o</sup> [...]. JOÃO FRANCISCO MUZZI (1973) [1727], *CARTAS*. [A00\_0859, p. 52].

Percebemos que o conteúdo sêmico de **baeta** se forma pelos traços:

- S1 – grosseiro;
- S4 – feito de lã;
- S5 – felpudo.

#### c) BAETÃO

Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) não contêm o lema **baetão**, o qual consta em Vieira (1871-1874, v. 1, p. 703) como sendo “baeta grossa; panno grosso e forte [ou seja,

resistente], próprio para capotes e saiaes”. Essa definição é iterada pelos outros dicionários consultados. Segue excerto do *corpus* com ocorrência da UL **baetão**:

Dou fê ser homem pardo de ordinaria estatura cheio de corpo, tem a cabeça redonda, e examinando-a não lhe achei coroa, ou sinal della, e sim o cabelo que hé preto, e algum tanto trocido, e crecido por detraz, e com falta delle adiante, rosto comprido, orelhas grandes, testa alta, olhos pretos, sobrancelhas pretas, e finas, naris afillado, boca rasgada, labios groços a barba feixada, está vestido com camiza de bertanha, e siroulas de pano de linho, embrulhado com hum **cazuzê** de pano azul, calçado somente com sapatos, e tem fivellas [...]. desconhecido (1931) [1798], *A INCONFIDENCIA DA BAHIA EM 1798 - DEVASSAS E SEQUESTROS (CONTINUAÇÃO)* [A00\_2262].

Delimitamos os traços sêmicos, abaixo:

S1 – grosseiro;

S4 – feito de lã;

S5 – felpudo;

S6 – próprio para roupas exteriores de cobrir;

S7 – resistente.

#### d) BARBARISCO

Concernente à UL **barbarisco**, Bluteau (1712-1728, p. 127, v. 9) registra o lema **berberisco** e diz consistir em “Camelão grosso, ou outros lhe chamaõ, Droguete de condão”. Para Vieira (1871-1874) e Silva (1949-1959), **barbarisco** é tecido de lã originário da Barbária. Os demais dicionários não contêm a acepção de tecido para essa UL. Encontramos as variantes no mesmo texto do *corpus*:

[...] hum vistido de **berberisco** calção Roupeta E capa a Roupeta forrado o corpo de bertangil [...] lhe derão o vistido de **barbarisco** calção E Roupeta en sua avaliação de des mil rs [...] foi Rematado o vistido de **barberisco** calção Roupeta E capa en prasa publica [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)*. [A00\_0757, p. 275-291].

Os semas definidos são:

S1 – grosseiro;

S4 – feito de lã;

S8 – gênero de camelão grosso.

#### e) BARREGANA

Acerca da UL **barregana**, as definições cotejadas descrevem como tecido forte de lã, resistente à chuva (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1949-1959; HOAISS, 2009) e empregado, especialmente, na confecção de capotes e sobrecasacas (SILVA, 1813,1949-1959). No banco de dados do DHPB, constatamos as variantes **baregana** e **barrigana**. A última ocorre no mesmo texto em que aparece a forma **barregana**:

[...] 8 peças de **baregana** de França azul ferete [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS*. [A00\_0435, p. 265].

Ja avizei a VM. das fazendas mais gastaveis nesta que são baetas surtidas de corez e prettas alguns crepes alguas **barriganas** niages cruas algum fio de vella alguas fradas feitas não m.<sup>tas</sup> calções de aniagem [...] \*bertanhas; \*cassa surtidas; barretez de pizão; \*crepez; **barreganas** de corez [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], *CARTAS DE SAO PAULO*. [A00\_0858, p. 42-43].

Com base nessas informações, discriminamos os seguintes semas:

S1 – grosseiro;

S6 – próprio para roupas exteriores de cobrir;

S7 – resistente;

S9 – feito de lã de cabra.

#### f) BRETANHA

Haja vista que abordamos essa UL no microcampo “tecidos finos”, justificamos que **bretanha** também é lexema do microcampo “tecidos grosseiros” porque constatamos que a denominação **bretanha** abarca distintas qualidades do tecido, grossa, fina e entrefina, consoante corroboração pelos contextos do banco de dados do DHPB. A propósito, encontramos a UL **bertanhão**:

Coatro Toalhas do Altar, três de renda, e todas velhas. Três toalhas [corroído] de **bertanhão** nova. Dous Frontaes de brim dos altares colateraes muito

velhos Hum dito de Damasco branco [...]. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 91].

Não identificamos registros dessa UL nas obras lexicográficas consultadas e, portanto, carecemos de informações para afirmar, por meio da analogia com **baetão** (baeta + -ão), **bertanhão** (bretanha + -ão) fosse denominação para uma variedade mais resistente, deixando tal pressuposição de remissa a um estudo mais apurado acerca dessa UL.

Desta feita, elencamos os semas:

S1 – grosseiro;

S10 – fino;

S11 – entrefino;

S12 – feito de linho.

g) BUREL

**Burel**, conforme Bluteau (1712-1728), é pano grosso e áspero, de ordinário, feito de lã. Os demais dicionários iteram tais características. Silva (1949-1959, p. 650-651, v. 2) acrescenta que é “pano grosseiro de lã, geralmente de cor parda, castanha ou preta [...]”. Não explicitam a origem da lã.

Do *corpus* do DHPB, destacamos um trecho em que a palavra aparece:

E servir; aponte Vc. lá também que sua Mag.<sup>denos</sup> mandou dar 60 varas de **burel** para seis frades e eu tenho quinze não tratando dos noviços para mandar ás Aldeas [...]. FR CHRISTOVÃO DE LISBOA (1906) [1626], VII. - *DIVERSOS DOCUMENTOS SOBRE O MARANHÃO E O PARÁ: 15. TRÊS CARTAS DE FR. CHRISTOVÃO DE LISBOA (2 DE OUTUBRO DE 1626, 2 E 20 DE JANEIRO DE 1627)*. [A00\_0591, p. 399].

Por meio das acepções, constatamos os traços sêmicos:

S1 – grosseiro;

S4 – feito de lã;

S13 – áspero.

## h) CAMELÃO

De maneira geral, a UL **camelão** denomina um tecido grosso, primitivamente, fabricado com lã de camelo, o que justifica o nome. Posteriormente, esse tecido passou a ser feito de lã de cabra e, algumas vezes, mesclado com seda. Dispomos os seguintes excertos do banco de dados do DHPB nos quais ocorre a UL:

[...] 6 pecas de **camellois** de cores aonde entrem alguma azul ferete estes não sejam finos nem tambem m.<sup>10</sup> enfriores [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS*. [A00\_0435, p. 265].

[...] no particular de eu galiar não sei o q. lhe diga, so sim fis hum vestido de **camelão** de seda [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1726], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS*. [A00\_0437, p. 287].

Constamos, a partir do cotejo lexicográfico, os seguintes semas:

S1 – grosseiro;

S9 – feito de lã de cabra;

S14 – feito de lã de camelo;

S15 – mesclado com seda.

## i) HOLLANDILHA

Conforme as definições lexicográficas cotejadas, a UL **hollandilha** denomina um pano de linho grosso usado, sobretudo, como entretela, isto é, tecido disposto como entremeio costurado entre o tecido externo e o forro de uma peça de roupa para lhe dar corpo (HOUAISS, 2009). No banco de dados do DHPB, encontramos somente a variante **olandilha**:

[...] capa de **Olandilha** [...]. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME (1954) [1645], *INSTRUÇÃO DE REGIMENTO QUE TROUXE D. RODRIGO DE CASTELO BRANCO*. [A00\_0082, p. 86].

Os semas delimitados são:

S1 – grosseiro;

S12 – feito de linho;

S16 – próprio para entretelas.

## j) LINHAGEM

Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) registram, respectivamente, as variantes **liage** e **liáge**. Para Bluteau (1712-1728, p. 105, v. 5), “[...] he hum pano como de estopa, mas melhor, & mais fino, vem de fora do Reyno, & he muy conhecido”. Portanto, embora se assemelhe ao pano de estopa, a **linhagem** é um tecido mais fino e melhor. Haja vista que a estopa é a parte mais grosseira do linho, o sobejo do processo de assedagem, mediante o qual se passa o linho “[...] pelo sedeiro com a finalidade de alinhar-lhe os filamentos” (HOUAISS, 2009), apreendemos que, tal como na definição de **aniagem**, a linhagem também é fabricada com linho cru, ou seja, sem uma preparação especial.

Silva (1789, p. 220, v. 2) define **liáge** como “panno de linho grosseirão de que se forrão, ou com que se encapão fardos”. Vieira (1871-1874, p. 1306, v. 3) além de **liáge**, registra **linhage**, a primeira sendo “panno de linho grosseiro, empregado para encapar fardos” e a segunda, mais genericamente, “tecido feito de linho” (VIEIRA, 1871-1874, p. 1322, v. 3). Houaiss (2009) registra **linhagem** e define-a, tal qual os antecessores, como um tecido de linho grosseiro que se utiliza para enfardar objetos. Figueiredo (1899), Silva (1949-1959) e Ferreira (2004), sucintos, dizem ser a **linhagem** um tecido grosso de linho.

No *corpus*, constatamos as variantes **linhage**, **liagem** e **liage**:

[...] 210.000 p. ditas de gastos no Rio de Janeiro de enserados e **linhages** e caretos [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1726], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS*. [A00\_0438, p. 294].

[...] **liages** de Emburgo tapadas [...] calcoes de **liagem** [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], *CARTAS DE SAO PAULO*. [A00\_0858, p. 44].

[...] inventaram os viandantes deste caminho o mosquiteiro, que vem a ser uma cobertura de **linhagem**, ou de outra droga leve, a qual lançam por cima de uma corda, que prendem aos mesmos paus, a que atam a rede, por cima dela dois palmos. D. ANTONIO ROLIM (1981) [1751], *XX - CARTOGRAFIA DAS MONÇÕES DOS SÉCULOS XVII E XVIII - RELAÇÃO* [A00\_0245, p. 199].

Assim, temos os semas:

S1 – grosseiro;

S2 – feito de linho cru;

S3 – próprio para sacos e encape de fardos.

#### k) LONA

Conforme os dicionários, **lona** é um tecido de estopa (parte mais grossa do linho), forte e grosseiro, usado para confecção de velas de navios (BLUTEAU, 1712-1728; SILVA, 1789, 1813; VIEIRA, 1871-1874), bem como para toldos, tendas, sacos etc. (FIGUEIREDO, 1899; SILVA, 1949-1959; FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2009). No seguinte trecho do *corpus*, atesta-se uma ocorrência da UL **lona**:

Pelo que não falta mais agora para estas armadas que as vélas, para o que ha facilissimo remedio, quando as não houver de **lonas** e panno de breu; pois em todos annos se fazem grandes carregações de algodão, de que se dá muito na terra; do qual podem fazer grandes teaes de panno grosso, que é muito bom para velas, de muita dura e muito leves [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *RECURSOS DA BAHIA PARA DEFENDER-SE (PARTE SEGUNDA - TITULO 19)* [A00\_0195, p. 426].

Constatamos os semas seguintes:

S1 – grosseiro;

S7 – resistente;

S17 – feito de estopa de linho;

S18 – próprio para velas de navio.

#### l) PANO DA SERRA

Somente Silva (1949-1959) registra o lema **pano da serra** e resume-se a dar outras denominações, **surrobeco** e **saragoça**. O lema **surrobeco**, conforme Silva (1949-1959, p. 547, v. 10), “diz-se da pelagem amarelada dos arietinos” e denomina um pano semelhante ao burel, grosseiro e de boa dura, fabricado na Covilhã e no Alentejo. **Saragoça**, segundo esse dicionário, é um tecido grosso de lã escura.

Para Espírito Santo (2010, p. 16, grifos no original), a lã surrobeca é “[...] proveniente das ovelhas de cor castanha – o castanho das ovelhas tem como sinónimo, entre os pastores, a palavra, no masculino e no feminino, ‘surrobeco/surrobeca’”. Ademais, a autora elucida que “o termo ‘surrobeco/a’, para além de significar ‘castanho/a’, é também a designação atribuída a



um tipo de tecido de lã oriunda da Serra da Estrela [...]” (ESPÍRITO SANTO, 2010, p. 16, grifos no original). Portanto, o denominado **pano da serra** é originário dessa região portuguesa e conhecido, também, como **surrobeco**.

No banco de dados do DHPB, localizamos a variante **panno da Serra**:

E que razão dará de fi, quem dá ferafina, & feda, & outras galas as que faç occafião da fua perdição; & depois nega quatro ou cinco & Opulencia do Brafil. varas de Algodaõ, & outras poucas de **panno da Serra**, a quem fe derrete em fuor para o fervir, & apenas tem tempo para bulcar hũa raiz, & hum caranguejo para comer? ANDRÉ JOÃO ANTONIL (1711) [1711], *LIVRO I - CAPITVLO I - DO CABEDAL, QUE HA DE TER O SENHOR DE HUM ENGENHO REAL* [A00\_2576, p. 26-27].

Para dar principio a sua congregação tomou o Padre Sacramento a roupeta das suas proprias mãos, e a lançou depois aos companheiros. Era a roupeta de **pano da serra** pardo, cingião se com hũa correa, não uzavão voltas brancas nos pescoços, e trazião barretes de coatro cantos, como os mais clerigos. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO TERCEIRO - PERNAMBUCO RENASCIDO / CAP. III—NOTICIA DAS FUNDAÇOÉNS DOS CONVENTOS DA DITA CIDADE. N. 13.* [A00\_0635, p. 151].

No segundo excerto, fica demonstrado que o **pano da serra** é de cor caracteristicamente parda, castanha, escura. A partir dessas informações, discriminamos os semas:

S1 – grosseiro;

S7 – resistente;

S19 – feito de lã surrobeca.

m) SAIAL

Os dicionários consultados definem a UL **saial**, basicamente, como tecido grosseiro e ordinário. Bluteau (1712-1728, p. 518, v. 7, grifos no original) explica que “perto de Zamora, Cidade do Reyno de Leão, há hũa terra, a que chamão *Tierra de Sayago*, cujos moradores se vestem de hum panno grosso a modo de *Burel*, a quel chamaõ *Sayal*, dalli vem, que chamamos *Sayal* à vestidura de panno muyto grosso”. Haja vista a referência espanhola, vale consultar o significado nessa língua. Conforme o DLE, *sayal* é “tecido muito grosseiro, feito de lã grossa” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1780, tradução nossa<sup>54</sup>). Bluteau (1712-1728) indica que o

<sup>54</sup> “Tela muy basta, labrada de lana burda.” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1780).

**saial** é a modo de **burel** e, sendo esse de lã, é provável que o **saial** também o seja. Segue trecho do banco de dados do DHPB:

[...] ohabito de **saial** preto sera delam omais Leve [...]. JERONIMO ROGERO (1944) [1676], *ASSENTO QUE SETOMOU EMTRE OS OFICIAIS DACAMERA / EO REVERENDO PADRE FREY ANTONIO DAPENHA DE FRAMSA / RELIGIOSO DOS AGOSTINHOS DESCALSOS*. [A00\_1360, p. 190].

Notamos que, nesse contexto, a lã é citada na composição do **saial**, corroborando o que dissemos anteriormente. Pudemos, assim, apreender os semas:

S1 – grosseiro;

S4 – feito de lã.

#### n) SARAPILHEIRA

De acordo com o cotejo lexicográfico, a UL **sarapilheira** denomina um tecido grosseiro utilizado, principalmente, para sacos e envolver fardos. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) dão-na como sinônima de **aniagem**. Vimos que ela é feita de linho. Apenas Bluteau (1712-1728, p. 600, v. 7, grifos no original) indica a composição, no verbete **serapilheira**: “Hoje, entre mercadores, *Serapilheyra* he aquelle panno grosso de linho, em que vem fardos”. Com exceção de Silva (1949-1959), Ferreira (2004) e Houaiss (2009), cujos verbetes são encabeçados pela forma **sarapilheira**, os dicionários registram **serapilheira**. No *corpus* do DHPB, identificamos as variantes **farapilheyra** e **serapelheira**:

[...] como tambem não he conveniente mandar semelhante genero emcapado em hua **sarapilheira** so, porq. Este pacotinho trazia hum furo a modo q. rossou por algum pao [...]. JULIÃO DA COSTA AGUIAR (1973) [1714], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-PERNAMBUCO*. [A00\_0428, p. 182].

[...] ficando o corpo em fima da mefa para de tarde se fazer anathomia em outra parte delle, e as tripas em huma **farapilheyra** no chaõ, fomos a horas de filencio [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS FORMIGVEYROS, E OVTRAS DOENÇAS COMMUAS NESTAS MINAS*. [B00\_0035, p. 364].

[...] 10 ½ varas de **serapelhr.<sup>a</sup>** para capas [...]. DOM ANTONIO DE SOUZA MOURAM (1906) [1769], *EXPEDIÇÃO DE GUARAPUAVA MATRICULA DA TROPA E DESPESA FEITA COM ELLA 1769 —1775 REGISTO DA ORDEM DO ILLMO E EXMO SNR. GENERAL*. [M00\_0041, p. 95].

Podemos delimitar, assim, os traços sêmicos:

S1 – grosseiro;

S3 – próprio para sacos e encape de fardos;

S17 – feito de estopa de linho.

Com os semas discriminados para cada lexema do microcampo lexical “tecidos grosseiros”, elaboramos o quadro subsequente:

**Quadro 3** – Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “tecidos grosseiros”.

<b>Lexemas</b> <b>Semas</b>	aniagem	baeta	baetão	barbarisco	barregana	bretanha	burel	camelão	holandilha	linhagem	lona	pano da serra	saial	sarapilheira
1 – grosso	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
2 – feito de linho cru	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
3 – próprio para sacos e encape de fardos	+	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
4 – feito de lã	-	+	+	+	+/-	-	+	+/-	-	-	-	+/-	+	-
5 – felpudo	-	+	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
6 – próprio para roupas exteriores de cobrir	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
7 – resistente	-	-	+	-	+	-	-	-	-	-	+	+	-	-
8 – gênero de camelão grosso	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9 – feito de lã de cabra	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-	-	-	-
10 – fino	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
11 – entrefino	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
12 – feito de linho	+/-*	-	-	-	-	+	-	-	+	+/-	+/-	-	-	+/-
13 – áspero	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
14 – feito de lã de camelo	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
15 – mesclado com seda	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
16 – próprio para entretelas	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-
17 – feito de estopa de linho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+
18 – próprio para velas de navio	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
19 – feito de lã surrobeca	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-

\*O sinal de +/- indica a presença de semas afins, sendo um deles mais específico. Por exemplo, no lexema aniagem, o sema “feito de linho cru” (+) é mais específico que o sema “feito de linho” (+/-).

Org.: elaborado pelo autor.

Constatamos correspondência dos sememas dos lexemas **aniagem** e **linhagem**, de maneira que podem fazer referência a um mesmo tipo de tecido. Como indicado pelas remissivas nas definições, essas UL denominam um tecido grosso de linho cru adequado para confecção de sacos e encape de fardos. Lisanti (1973, p. LXIII, v. 1), em seu glossário, indica que a **linhagem** e a **aniagem** servem para encapar fardos e vestir escravos. No excerto do *corpus*, abaixo, demonstramos a **linhagem** como base da indumentária dos negros escravizados:

[...] 3 duzias d.<sup>as</sup> de **Linhagem** boa p.<sup>a</sup> os pretos andarem no trabalho [...].  
FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 266].

Importante frisar que os usos que assinalamos para os tecidos são os mais recorrentes nas definições lexicográficas, pois finalidades dos têxteis são inúmeras. Por exemplo, no item j desta subseção, há um trecho do *corpus* em que se descreve um mosquiteiro de linhagem.

Feitos de linho, temos, ainda, a **holandilha** e a **lona**. Na discussão do microcampo “tecidos finos”, vimos que a UL **holanda** denomina um tecido linifício fino. Então, o acréscimo do sufixo **-ilha** – que, no português, é formador de diminutivos – indica, no caso de **holandilha**, a qualidade mais encorpada do tecido, grosso e utilizado, mormente, como entretela.

Para Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009), a UL **lona** vem do topônimo francês Olonne. Os dois últimos, particularmente, asseveram que o tecido era fabricado nessa cidade francesa. Todavia, para Savary des Bruslons (1748, p. 824, v. 3), o local de fabrico da chamada *petite olone*<sup>55</sup> era em Medrignac e nas proximidades dessa pequena vila da Bretanha. Esclarece, ademais, que não foi produzido na Ville d’Olonne, no litoral da França, sendo o nome do tecido relacionado ao fato de terem sido os *olonois* os primeiros a comerciá-lo, o que destoa das informações de Ferreira (2004) e Houaiss (2009).

Do *corpus* do DHPB, citamos mais algumas ocorrências:

Um malotão de **lona** com suas correias de Moscovia, e suas fivelas de latão, em que vai metido o dito altar, que tem duas fechaduras, e sua chave. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00\_0333, p. 381].

[...] 8 Malas de **lona** 20 Pavilhões com seus sarilhos, para guarda das armas, chumbo de pólvora [...]. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA

<sup>55</sup> Na obra de Savary des Bruslons (1748, p. 824, v. 3) consta *petite olone*: denominação de uma espécie de tela de cânhamo crua, própria para fazer velas de navios e outras embarcações marítimas.

FURTADO (1963) [1753], *RELAÇÃO DAS MUNIÇÕES E PETRECHOS ENVIADA AO REINO PARA O PARÁ, ANO DE 1753* [A00\_0332, p. 351].

[...] **Lona** para coberta 17 varas 6\$400 Liage p.<sup>a</sup> tolda e sacos [...]. LUIZ ANTONIO DE SOUZA BOTELHO MOURÃO (1952) [1766], *CARTA PARA CONDE DE CUNHA - VICE-REI SÔBRE PARTIDAS DAS MONÇÕES* [A00\_1608, p. 24].

Attenta porem a importação dos generos de 1º necessidade, de que ali se carece como seja toda a qualidade de vestuario, azeite, vinagre, vinho, ferragens, cobre, chumbo, estanho, louça, cordagens. **lona**. breu, etc [...]. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1801], *CARTA DECIMA SETIMA*: [A00\_0843, p. 631].

Notamos que a **lona** se aplicava, também, na feitura de malotão, mala e coberta, por exemplo. O último trecho supracitado, datado de 1801, ressalta que esse têxtil se achava entre os itens de primeira necessidade na época.

A UL **lona** está corrente no português. Os avanços da indústria têxtil possibilitaram que o tecido passasse, além dos tradicionais (linho e algodão), a ter outros materiais em sua composição, como os acrílicos, sintéticos e plásticos, mas manteve-se sua propriedade (ou, pelo viés semântico, o sema) de ser resistente, uma vez que servira, num primeiro momento, ao fabrico de velas de navios e, depois, de sacos, barracas, toldos (coberturas, em geral), malas, mochilas, revestimentos, enfim, a uma infinidade de produtos.

Acerca das UL **baeta** e **baetão**, nas definições, a diferença mais notável é que a última se emprega na confecção de saias e capotes. Para **baetão**, têm-se descrições como “pano muito grosso” e “baeta de lã bastante grossa”, o que demonstra se tratar de uma qualidade mais grossa da **baeta**, que já é caracteristicamente grossa. Na seção “Plano” do “Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa”, Aulete (1881, p. XIII, t. 1), ao cotejar definições de dicionários anteriores ao dele, adverte que, concernente à **baeta**, os lexicógrafos:

[...] são concordes em lhe chamar tecido grosseiro e felpudo. Não é verdade. A baeta nada tem com a qualidade da lan; ha baetas fabricadas de lan finissima e muito doce ao tacto. Baeta é um tecido sem ser apisoado, nem ter acabamento de tesoura. Esta é a razão por que a baeta é muito flexível e apresenta pouca tenacidade. Serve só para usos que não demandem solidez; taes como: reposteiros, pannos de mesa, guarda-pés e artigos de vestuário juntos á pelle ou soltos. (AULETE, 1881, p. XIII, t. 1).

Com base nisso, presumimos que a **baeta**, ainda que fosse um tecido encorpado, apresentava flexibilidade. Assim, faz sentido a denominação **baetão** para a sorte de baeta mais grossa, resistente e, portanto, menos flexível, apropriada para roupas exteriores de cobrir. A

propósito, os contextos das ocorrências da palavra no *corpus* corroboram essa finalidade. Na citação supracitada (vide descrição da UL **baetão**), a peça de vestuário referida é um caruzê (VOLP: cazuré) – “[...] espécie de casaco antigo” (SILVA, 1949-1959, p. 1060, v. 2) – e, no excerto subsequente, reporta-se a um capote:

Dice que a nada disso pode satisfazer, menos enquanto ao nome, pois segundo sua lembrança, se chamava Antonio da Silva, que casualmente veio a tenda delle declarante, para lhe fazer hum **capote** de mangas de **baetão**, huma vestia de mangas de chita, e calção de ganga, e hum collete de fustão. desconhecido (1931) [1798], *A INCONFIDENCIA DA BAHIA EM 1798 - DEVASSAS E SEQUESTROS (CONTINUAÇÃO)*. [A00\_2262, p. 132].

No trecho do *corpus*, abaixo, temos uma citação dos “Estatutos municipais ou posturas da Câmara da Vila Bela”, em que se prescreve o asseio no traje dos governantes da Vila Bela da Santíssima Trindade, primeira capital da Capitania de Mato Grosso, no exercício de suas funções:

Como para o respeito, e aceyo de hua’ camera concorre tambem o Traje â cortesam de Capa, e volta, tao’ propio nos que tem jurisdicao’ de governar. Acordarao’ que em tempo nêhum os officiaes desta camera, almotaceis, e homen’s bon’s da governança que nella tiverem Servido, assistao’ as funssoe’s publicas da camera, senao’ no referido Trage, de Capa, curta e volta, e cabeleira comprida, cujo vestido em tempo nêhuainda com o pretexto do mais apertado luto, será de **baetas**, ou crepe, mas sem dele miste, de Droguete Castor, ou Seda, sobpenna de que quem apparecer nas refferidas funssoe’s de outro Trage, Será Comdemnado [...]. FRANCISCO CAETANO BORGES [1753], *ESTATUTOS MUNICIPAIS OU POSTURAS DA CÂMARA DA VILA BELA*. [M00\_0050, fol. 5].

Como para o respeito, e aceyo de hua’ camera concorre tambem o Traje â cortesam de Capa, e volta, tao’ propio nos que tem jurisdicao’ de governar. Acordarao’ que em tempo nêhum os officiaes desta camera, almotaceis, e homen’s bon’s da governança que nella tiverem Servido, assistao’ as funssoe’s publicas da camera, senao’ no referido Trage, de Capa, curta e volta, e cabeleira comprida, cujo vestido em tempo nêhuainda com o pretexto do mais apertado luto, será de **baetas**, ou crepe, mas sem dele miste, de Droguete Castor, ou Seda, sobpenna de que quem apparecer nas refferidas funssoe’s de outro Trage, Será Comdemnado [...]. FRANCISCO CAETANO BORGES [1753], *ESTATUTOS MUNICIPAIS OU POSTURAS DA CÂMARA DA VILA BELA*. [M00\_0050, fol. 5].

Por ser considerada de baixa qualidade<sup>56</sup>, a **baeta** figura como um dos tecidos proibidos pelo estatuto, até mesmo em ocasiões do mais apertado luto. A associação desse pano ao luto aparece em outro texto do banco de dados do DHPB:

[...] e cortando-lhes os pés e mãos e cabeças, conforme o seu gentilico costume, e os deixarão, donde os Holandezes levarão o corpo do seu Coronel, e o dia seguinte o enterrarão na Sé com a pompa, que costumão, muito diferente da nossa, porque não levarão cruces, musica, nem agoa benta, senão o corpo em hum caixão coberto de **baêta de dó**. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO QUINTO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU GASPAR DE SOUZA ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR DIOGO LUIZ DE OLIVEIRA [...]*. [A00\_2095, p. 212-213].

Para o lema **dó**, Vieira (1871-1874, p. 1099, v. 2) dá o sinônimo luto e explica: “– Lucto. – Cobrir-se de dó, vestir-se de lucto”. Vinculado ao luto, também, está o tecido denominado **burel**, pois, segundo explanação de Vieira (1871-1874, p. 833, v. 1, grifos no original), “[...] *Trajar, vestir burel, andar de luto. — Figuradamente, Cobrir-se de burel, enlutar-se, chorar a morte d'alguem*”.

Pereira (2014), ao tratar sobre a fabricação do **burel** e o seu valor para a cultura portuguesa, descreve que esse tecido, entre outras destinações, era empregado na confecção dos trajes de luto<sup>57</sup> de nobres e monarcas:

Das suas características destacam-se a sua resistência e durabilidade. Apresenta uma textura áspera, sendo um tecido rude e grosseiro, assemelhando-se visualmente ao feltro. Outrora utilizado no vestuário dos camponeses e trabalhadores, foi também utilizado pela monarquia e nobreza em trajes de luto, assim como nos hábitos franciscanos, em Portugal. (PEREIRA, 2014, p. 28).

Conquanto o *corpus* apresente as ocorrências (item I da presente subseção), datadas de 1711 e 1757, respectivamente, localizamos uma mais antiga no “Sermão da primeira sexta-feira da Quaresma”, de 1649, do Padre Antônio Vieira: “Por isso era mais estimado do pay, & trazia mais bem vestido que todos. Grande caso, que porque o seu pelote não era de **panno da Serra**,

<sup>56</sup> Concernente aos fins dados à **baeta**, Junia Furtado (2000, p. 33, grifos nossos), em sua obra sobre cultura e sociedade no Brasil Colônia, corrobora a rusticidade do pano: “os escravos vestiam-se com roupas muito rústicas, poucas peças, geralmente feitas em **baeta**, ou chita, **resistentes e adequadas para o trabalho na agricultura e na mineração**.”

<sup>57</sup> No verbete **luto**, Bluteau (1712-1728, p. 211, v. 5, grifos nossos) registra que: “Antigamente o luto costumado em Portugal era **burel** branco, & havia pranteadeiras conduzidas de varios lugares, para acompanhar os defuntos, & assistirlhes chorando a uso daquella idade, que durou até o tempo delRey D. João o I. O costume de **burel** branco nos lutos, teve mais duração, que chegou até o tempo delRey D. Manoel, sendo o primeiro luto negro, que se usou, ou introduzio neste Reyno, o que se vestio na morte da Senhora D. Felippa, tia d’aquelle Rey.”



como o dos outros, se resolvessem, sendo irmãos, a lho tingir no proprio sangue!” (VIEIRA, 1696, p. 103, grifo nosso).

Para a UL **pano da serra**, são pertinentes mais alguns adendos para demonstrar que esse tecido teve lugar entre os panos negociados e usados no Brasil Colônia. Taunay, ao versar sobre a alta do preço dos tecidos na cidade de São Paulo no final do Século XVII, dá-nos um panorama dos produtos têxteis comerciados nessa época e, entre os listados, menciona o **pano da serra**:

Surge uma série de nomes de fazendas então em moda e hoje inteiramente desuetas, o restangil, o bocaxim, a telilha, a duqueza, a empercaleta, a sargeta do senhor, o **panno da serra**, o felipixin, o camelão, o panicolo, a serafina, a barregana, a saragossa, etc., todos elles provavelmente estropeados, muitos de origem franceza ou ingleza e lusitanizados summariamente. Algumas dessas denominações persistiram até os nossos dias; o chamalóte, a sarga, a bretanha e a estamenha, como que a fazer excepção. (TAUNAY, 1923, p. 75, grifo nosso).

Ao abordar o universo privado dos senhores de engenho no Brasil Colônia, Del Priore (1997, p. 291, grifos no original) fala da vestimenta dos escravos e descreve que “quanto ao vestuário é bem provável que os homens se cobrissem com ‘pano da serra’, tecido grosseiro de fio cru, e as mulheres com saias de ‘raxeta’ que lhes eram distribuídas a cada dois anos”. Em suma, o **pano da serra** consistia em um tecido grosseiro e duradouro feito de lã oriunda da Serra da Estrela, Portugal, conhecida, também, por lã surrobeca.

Acerca do **saial**, Sequeira (2014) diz que, em Portugal, a sua produção é atestada no século XIII, em algumas localidades da Beira Interior, e no século XIV, em Évora. As fontes consultadas pela autora demonstraram que era um tecido de consumo corrente. “Apesar de ser um pano grosseiro, era proibido incluir borra de lã (desperdício) na sua confecção” (SEQUEIRA, 2014, p. 272).

Respeitante à UL **camelão**, Lisanti (1973, p. LVI, v. 1) diz se tratar de “tecido de pelo de cabra com lã ou seda; havia também camelão só de seda e de diversas cores”. Vejamos algumas ocorrências no *corpus*:

[...] no particular de eu galiar não sei o q. lhe diga, so sim fis hum vestido de **camelão** de seda, p.<sup>a</sup> deitar na ocação q. a esta vila veio a nova dos cazamentos dos nosos príncipes pois todas as peçoas de distinção deitarão gallas e eu faze lo podera ser q. mais de huma duzia de vezes mo adevertice o menistro pois hera vergonha ver me o meu de pano azulado por quanto todas as costas da cazaqua o tinha esboracado das negregadas baratas, q. iço he sem numero, e tão desaventuradas q. couza de pano não escapa, esta he a cauza porq. me rezolvie a faze llo de **camelão** p.<sup>a</sup> ver se me durava mais, e adevirto

a VM. q. algumas vezes q.<sup>m</sup> o ministro falava e me dizia ter vergonha a eu acompanha llo daquela forma, e q. não foce tão miseravel pois hera tudo por não gastar. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1726], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS*. [A00\_0437, p. 287].

Na primeira ocorrência nesse excerto, temos uma veste de **camelão** de seda e, na segunda, há referência a uma qualidade mais resistente e durável desse tecido, o que indica ser grossa. Na descrição de **camelão**, feita anteriormente, o primeiro excerto do banco de dados faz referência a uma variedade que não é fina nem muito inferior, ou seja, é mediana. Assim, percebemos distintas sortes de tecido sob a mesma denominação. Para citar mais um exemplo, salientamos a UL **brim**. Consoante Vieira (1871-1874, p. 822, v. 1), “há-o de diferentes qualidades: grosso para vélas de navios, e fino para calças, ceroulas, etc.”

Por outro lado, no caso de **aniagem** e **linhagem**, aparentemente, há diversos nomes para um mesmo produto têxtil. Entretanto, inventariamos, também, a UL **barbarisco**, a qual, de acordo com Lisanti (1973, p. LVI, v. 1), repetindo Bluteau (1712-1728, p. 127, v. 9), diz ser “camelão grosso também chamado droguete de condão”. Desse modo que, pelo visto, um gênero grosso do camelão tinha a denominação **barbarisco**, talvez, originário da Barbária.

Quanto à UL **barregana**, Nascentes (1955) diz quem provém do árabe *barrakan* (fazenda espessa), no latim medieval *barracanu*. Relativamente à língua espanhola, Martínez Meléndez (1989) afirma que, desde o começo do século XIV, não há atestações da UL *barragán* com acepção de tecido nos documentos castelhanos, porquanto a palavra passou a denominar um tipo de *abrigo*, isto é, “roupa larga, aberta na frente e com mangas, que se põe sobre as demais peças do vestuário quando faz frio” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2001, tradução nossa<sup>58</sup>). Tomando por base arco temporal abrangido pelo *corpus* do DHPB, no português, há testemunho da UL **barregana** até 1727.

No espanhol, a peça de vestuário retromencionada foi denominada, por metonímia, pelo nome do tecido com o qual, a princípio, era confeccionada – *barragán* – e, depois, passou a ser feita com outros tipos de pano. Na língua portuguesa, processo semelhante ocorreu com a UL **burel**, a qual, também, denomina “hábito de padre ou freira feito daquele tecido [...]” (VIEIRA, 1949-1959, p. 596, v. 1). Outrossim, a UL **saial**, além de significar um tecido, tem a acepção de “antiga e grosseira vestidura, para homem *ou* mulher” (FIGUEIREDO, 1899, p. 491, v. 2).

---

<sup>58</sup> “Prenda de vestir larga, abierta por delante y provista de mangas, que se pone sobre las demás cuando hace frío.” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 2001).

Ao microcampo “tecidos grosseiros”, também são pertinentes as UL **cilício, estamenha, pano de estopa, papa, raxeta, serguilha e talagarça**, como se pode constatar nas respectivas definições, na subsecção 4.16.

#### 4.4 Microcampo lexical “alfaias têxteis”

Descrevemos e analisamos os lexemas **alambel, alcatifa, guardanapo, pano de estante, pano de púlpito, sobremesa, tapete, tapiz, toalha de mesa e toalha do altar**, conformados no microcampo “alfaias têxteis” mediante o conteúdo unitário “cobertura têxtil para superfície”.

Conforme Cunha (2010), a UL **alfaia** vem do árabe *al-hāiā* (enfeite, adorno). Para a mesma palavra, Nascentes (1955) apresenta o significado de “coisa necessária”. Portanto, as alfaias de uma casa, de um templo religioso ou de qualquer outro recinto consistem nos móveis, utensílios e adereços necessários nesses espaços, o que inclui tanto aparatos úteis à realização de determinados objetivos quanto adornos. Para Bluteau (1712-1728, p. 239, v. 1), “[...] val o mesmo, que movel, & adereço da casa, como bancos, cadeiras, bofetes, tapetes, tapeçarias, alcatifas; &c.” Em face da amplitude desse campo, empregamos a denominação “alfaias têxteis”, restringindo-o a objetos confeccionados com fibras têxteis. Particularmente, tratamos, aqui, de peças utilizadas para cobrir alguma superfície. De ordinário, são ornamentadas, com rendas, bordados etc.

##### a) ALAMBEL

A UL **alambel** ou **lambel**, de acordo com Bluteau (1712-1728, p. 4, v. 2), significa “panno de laã, grosso, & de ordinario listado de varias cores, & que serve para cobertura de algum banco”. A partir do cotejo lexicográfico, vimos que se trata de um tecido, geralmente, listrado e que se usava para cobrir, sobretudo, assentos. No Vocabulário da obra “Pátria portuguesa<sup>59</sup>”, de Dantas (1916, p. 297), **alambel** ou **lambel** é dado como “bancal, estôfo que cobria os escanos, estadelas, ou bancos de estado, ordinariamente entretecido de oiro”.

No banco de dados do DHPB, localizamos as seguintes ocorrências:

---

<sup>59</sup> Essa obra é um conjunto de novelas históricas que, desde a formação de Portugal até a época dos descobrimentos, contam as principais ocorrências entre as sucessões de eventos que elevaram o pequeno país europeu a um império.

Eles têm agora trinta mil réis que abastarão a uma dúzia deles para se manterem, afora vestido que de lá deviam mandar desses **alambéis** e outros panos que lá se perdem. P. MANUEL DA NÓBREGA (1956) [1558], *CARTA DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. MIGUEL DE TORRES, BAÍA 8 DE MAIO 1558* [A00\_0028, p. 455].

[...] mandando primeiro pôr no cruzeiro cinco cadeiras, e a do meio, em que elle se assentou, estava coberta de alto a baixo com hum **lambel** grande de lã listrado, nas outras se assentarão o dito seu parente, e os principaes das outras aldêas [...]. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO QUARTO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU MANOEL TELLES BARRETO ATHE A VINDA DO GOVERNADOR GASPAR DE SOUZA - CAPITULO QUADRAGESIMO PRIMEIRO - DE COMO ZOROBABE CHEGOU Á PARAHYBA, E POR SUSPEITO DE REBELLIAO FOI PRESO, E MANDADO AO REYNO* [A00\_2072, p. 173].

[...] # lhe derão o **lanbel** en trezentos E vinte rs [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *PEDRO CARAÇA, INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO* [A00\_0173, p. 211].

Nesse último excerto, é referido um **alambel/lambel** de lã listrado, usado sobre uma cadeira, demonstrando aspectos descritos nas definições. Dessa forma, constatamos os semas:

- S1 – cobertura têxtil para superfície;
- S2 – geralmente, listrado;
- S3 – estende-se em assentos.

## b) ALCATIFA

Conforme as definições para a UL **alcatifa**, trata-se de tecido que se estende no chão, em bancos ou se pendura nas janelas em dias festivos. Geralmente, é feita de lã ou seda e tem diferentes cores e lavores. É referenciada, sobretudo, como sinônimo de **tapete**. Assim, nas definições desse, de **alcatifa**, como também de **tapiz**, são recorrentes as remissivas.

Haja vista a versatilidade da **alcatifa**, optamos por considerar o traço semântico “tapeçaria”, que, segundo Houaiss (2009), consiste em “tecido encorpado, freq. bordado, próprio para adornar e/ou forrar móveis, assoalhos, paredes ou janelas; alcatifa, estofa, tapete”. Dessa forma, contemplamos as muitas possibilidades de usos tanto da **alcatifa** quanto do **tapete** e do **tapiz**, os quais são descritos adiante.

Seguem alguns excertos do banco de dados do DHPB em que ocorre a UL **alcatifa**:

[...] oca- pitam quando eles vieram estaua asentado em huña cadeira e huña **alcátifa** aos pees por estrado e bem vestido cõ huñ colar douro muy grande ao pescoço. e sancho de toar e simam de miranda enj colaa coelho e aires corea e nos outros que aquy na naao cõ ele himos asentados no chaão [...]. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA*. [A00\_0335, fol. 2].

[...] e também costumam de levar consigo, para seu acompanhamento, além dos homens que levam de pé ou de cavalo, duas ou três escravas do gentio de Guiné ou do da terra, que se não desviam de ir sempre ao redor da rêde, a que acomoda uma **alcátifa** por baixo. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], *DIÁLOGO SEXTO - COSTUMES DOS NATURAIS*. [A00\_1586, p. 192].

[...] concertadas, & armadas com fedas, panos, **alcátifas**, tapeçarias, quadros, imagens de Santos, & outras pinturas honestas, quanto lhes for possível. - (1920, OBRA IMPRESSA / 2006, REPRODUÇÃO DIGITAL) [1767], N<sup>o</sup> 590 - *DATA E SESMARIA DE MANOEL LOPES CABREIRA, DE TRES LEGUAS DE TERRA NO RIO SALGADO, CONCEDIDA PELO GOVERNADOR TENENTE CORONEL ANTONIO JOZÊ VICTORIANO BORGES DA FONSECA, EM 12 DE MAIO DE 1767*. [A00\_2466, p. 204].

Destarte, delimitamos os semas:

S1 – cobertura têxtil para superfície;

S4 – tapeçaria.

### c) GUARDANAPO

A UL **guardanapo**, segundo Silva (1813, 105, v. 2), é toalha pequena “[...] que cada pessoa estende desde baixo do seu prato até os juelhos, ou sobre elles sómente, para lhe não cair comer sobre os calções, para se limpar, &c.” Na definição de Bluteau (1712-1728, p. 146, v. 4, grifo no original), **guardanapo** “[...] serve de guardar naõ só o vestido de quem come, mas tambem a *Toalha* de mesa, em que se come”. No banco de dados do DHPB, encontramos as variantes **goardanapo** e **gardanapo**, conforme atestamos, abaixo:

[...] p.<sup>a</sup> hua banda stavão huas ervas algu tão altas nas nas quais alimpavamos as mãos p.<sup>r</sup> não aver outro **goardanapo** a mão senão quando sentimos bolir as ervas e vimos sair della m.<sup>to</sup> pacificamente hua façanhosa cobra [...]. LUIZ FIGUEIRA (1967) [1608], *RELAÇÃO DO MARANHÃO, 1608, PELO JESUITA PADRE LUIZ FIGUEIRA ENVIADA A CLÁUDIO AQUAVIVA*. [A00\_1604, p. 83].

[...] com tudo estamos em summa miseria das cousas de portugal não tendo habitos nem cobertas nem uns panos menores para vestir, nem azeite para

umas mezinhas nem **guardanapos** para nos limpar E o peor de tudo não termos vinho para dizermos missas. FR CHRISTOVÃO DE LISBOA (1906) [1626], VII. - *DIVERSOS DOCUMENTOS SOBRE O MARANHÃO E O PARÁ: 15. TRÊS CARTAS DE FR. CHRISTOVÃO DE LISBOA (2 DE OUTUBRO DE 1626, 2 E 20 DE JANEIRO DE 1627)*. [A00\_0591, p. 410].

[...] quatro **gardanapos** cada hum en sua avaliasão de corenta rs - que a din<sup>ro</sup> soma sento E sesenta rs [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], PEDRO CARAÇA, *INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO*. [A00\_0173, p. 206].

Temos, então, os semas:

- S1 – cobertura têxtil para superfície;
- S5 – estende-se sobre os joelhos;
- S6 – estende-se sobre a toalha de mesa;
- S7 – para limpeza da boca e/ou dos dedos;
- S8 – proteção da roupa do comensal;
- S9 – proteção da toalha de mesa.

#### d) PANO DE ESTANTE

A UL **pano de estante** não foi encontrada nas nomenclaturas dos dicionários que nos valemos para fazer o cotejo. Todavia, optamos por incluí-la como um lexema do presente microcampo, uma vez que, tal como o **lambel** é uma peça de tecido destinada, mormente, para cobrir assentos, o pano de estante se usa para cobrir a superfície de uma estante. Em Houaiss (2009), entre outras acepções, consta **estante** como “acessório ou móvel portátil, provido de uma peça inclinada que serve de suporte para partituras musicais”. No âmbito eclesial, utiliza-se a estante, também, como suporte para os livros litúrgicos. Diferentemente do **lambel** – que poderia ser denominado pano de banco, por exemplo – a utilidade do **pano de estante** está patente na sua denominação. No “Thesaurus: vocabulário de objectos do culto católico”, coordenado por Rocca *et al.* (2004, p. 80), o verbete **pano de estante de missal** é definido como “tecido rectangular que cobre a estante de missal. Geralmente, segue as cores do tempo litúrgico”.

Vejam os trechos do *corpus* com uma ocorrência da UL:

Hum **pano de Estante** de tafetá vermelho forrado de brim. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764*. [A00\_2504, p. 91].

Portanto, no contexto acima, que trata de um inventário de bens eclesiásticos, **estante** se refere ao móvel portátil inclinado que serve de suporte a livros litúrgicos, à bíblia, ao missal etc. Para ilustrar, dispomos a Foto 1 e a Foto 2:

**Foto 1** – Estante.



Acervo do Museu Grão Vasco, Portugal.  
Datação: 1601 d. C. - 1630 d. C.  
Fonte: <http://bit.ly/31wyDmM>.

**Foto 2** - Pano de estante.



Acervo do Museu de Évora, Portugal.  
Datação: XVI d. C.  
Fonte: <http://bit.ly/2v5Dpvc>.

Definimos os seguintes semas para a UL **pano de estante**:

- S1 – cobertura têxtil para superfície;
- S10 – estende-se na estante;
- S11 – objeto litúrgico.

### e) PANO DE PÚLPITO

As explicações para **pano de estante** aplicam-se à UL **pano de púlpito**. Como a denominação deixa evidente, consiste em peça de tecido utilizada para cobrir púlpitos, isto é, uma espécie de tribuna, geralmente elevada, de onde se dirige a leitura, a pregação e/ou o canto aos presentes no recinto. Rocca *et al.* (2004, p. 67) registram e definem o lema **pano de púlpito** como “Banda de tecido que é suspensa à frente da caixa do púlpito. Segue geralmente as cores do tempo litúrgico”. No *corpus*, localizamos a seguinte ocorrência:

De damasco roxo ha uma casula, uma capa de asperges, um **panno de pulpito**, ao que se póde ajuntar, por ser da mesma côr, o vestido de N. Senhora da Soledade, que é de tafetá, além de outro azul. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [S. XVIII], 2.<sup>a</sup> PARTE: BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO PRIMEIRA: BARCELOS. [A00\_2235, p. 316].

No contexto supracitado, o **pano de púlpito** pertence ao âmbito da igreja, tendo em vista os demais objetos listados. Abaixo, na Foto 3 e na Foto 4, retratamos um púlpito e um pano de púlpito, sendo possível vislumbrar o têxtil estendido à frente da tribuna.

**Foto 3** – Púlpito fixo.



Acervo do Museu da Terra de Miranda, Portugal.  
Datação: XVII d. C.  
Fonte: <http://bit.ly/3719UrF>.

**Foto 4** – Pano de púlpito.



Acervo do Museu de Aveiro, Portugal.  
Datação: XVII d. C. - XVIII d. C.  
Fonte: <http://bit.ly/3biAn7l>.



Temos, então, os semas:

S1 – cobertura têxtil para superfície;

S11 – objeto litúrgico;

S12 – estende-se no púlpito.

#### f) SOBREMESA

Nos dicionários, não localizamos a UL **sobremesa** com acepção de confecção. Todavia, temo-la no banco de dados do DHPB em contexto que não deixa dúvidas de que consiste em objeto têxtil. Vejamos:

[...] # hua toalha de meza con sua **sobremeza** tudo Rendado E a toalha grande con seus abrolhos E seis gardanapos con seus bicos de serra en sua avaliação de coatro mil rs [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 276].

Cardoso (1613, p. 35), na entrada **Cymatium, ij**, registra “a sobremesa, ou alambel”, de modo que, ao coocorrer com alambel, em relação sinonímica, indica-se uma confecção. Porém, vimos que alambel se estende em assentos, e não na mesa. Pressupomos que, no português, a UL **sobremesa** tenha tido acepção próxima a que se encontra na língua espanhola. No DLE, a entrada *sobremesa* é “a coberta que se põe em cima da mesa por decência, limpeza e comodidade. *Mensæ, tabulæ tegumentum*” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1780, tradução nossa<sup>60</sup>).

No glossário intitulado “Da palavra à imagem: glossário de objetos, ofícios, e expressões do português antigo”<sup>61</sup>, disponível no *site* do Museu Virtual da Lusofonia, há o verbete **sobremesa** e, entre as acepções comumente conhecidas, consta que consiste, também, em “[...] pano decorativo destinado a cobrir as bancas de trabalho e de aparato” (MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA, 2010).

Assim, podemos delimitar os semas:

<sup>60</sup> “La cubierta que se pone encima de la mesa por decencia, limpieza y comodidad. *Mensæ, tabulæ tegumentum*.” (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1780).

<sup>61</sup> Trabalho elaborado no âmbito do projeto “Portas adentro: modos de habitar do século XVI a XVIII em Portugal”, financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/HAH/71309/2006).

S1 – cobertura têxtil para superfície;

S13 – estende-se na mesa.

#### g) TAPETE

Conforme o cotejo lexicográfico, a UL **tapete** significa peça de tecido encorpada usada para revestir e/ou adornar pisos, escadas, móveis etc. Para Bluteau (1712-1728, p. 46, v. 8), é “he hũa pequena alcatifa de lã das que vem da India, que se põem ao pé da cama, ou com que se cobre um bofete [...]”. Todos os dicionários consultados fazem remissão à UL **alcatifa**, como Silva (1949-1959, p. 655, v. 10): “peça de estofa, móvel ou fixa, com que se cobrem pavimentos, móveis, etc.; alcatifa [...] || Qualquer tecido de trama e urdidura semelhantes às das alcatifas, mas para uso diferente [...]”. No banco de dados do DHPB, encontramos a seguinte ocorrência:

[...] e como o lodo não só serve para o expurgar, mas também para o purificar, e fazer branco, e alvo, seco ele fica já perfeito o açúcar, e se tira das formas para os **tapetes**, e lanções, em que anda alguns dias ao sol té ir para o paiol. PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE QUARTA - DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO AMAZONAS - CAP. 3º - DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR, E FEITORIAS DA ÁGUA ARDENTE*. [A00\_1880, p. 28].

Desse modo, a partir das acepções lexicográficas, constatamos os semas:

S1 – cobertura têxtil para superfície;

S4 – tapeçaria.

#### h) TAPIZ

A UL **tapiz**, nos dicionários consultados, mediante definições sinonímicas, é remetida às UL **alcatifa** e **tapete**. Vejamos a UL em contexto no seguinte trecho do *corpus*:

As outras imagens, ou sejam fundidas em metal, ou esculpidas em pedra, ou entalhadas em madeira, ou pintadas nos quadros, ou tecidas nos **tapizes**, sem diligencia nem cuidado, sempre conservam e representam a figura que lhes deu o artifice. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [S. XVII], *1.º SERMÃO DA DOMINGA VIGESIMA SEGUNDA (POST PENTECOSTEN)*. [A00\_0921, p. 243].

Assim, para a UL **tapiz**, atribuímos os semas:

S1 – cobertura têxtil para superfície;

S4 – tapeçaria.

#### i) TOALHA DE MESA e TOALHA DO ALTAR

A UL **toalha** é um termo genérico cuja especificidade vem determinada pelo segundo termo, posposto à preposição (por exemplo, **toalha de mesa**). A definição de Figueiredo (1899, p. 618, v. 2, grifos no original) contempla as principais acepções encontradas nos outros dicionários, sendo “peça de linho *ou* algodão, para cobrir mesas em que se come, para enxugar qualquer parte do corpo, quando se lava; peça análoga, com fôlhas *ou* rendas, para cobrir a parte superior do altar; tudo aquilo que tem fôrma *ou* aparência de toalha”. A ocorrência mais antiga no banco de dados do DHPB data de 1500, na Carta de Pero Vaz de Caminha, em que o contexto permite deduzir uma **toalha de mesa**, utilizada no momento da refeição:

[...] mandouos esa noute muy bem pemsar e curar e comeram toda vianda que lhes deram e mandoulhes fazer cama de lençooes seg<sup>o</sup> ele disse e dormjram e folgaram aquela noute e asy nõ foy mais este dia que pera screpuer seja aaqjnta feira derad.<sup>o</sup> dabrill comemos logo casy pola manhaã e fomos em trra por mais lenha e agoa e em querendo ocapitam sair desta naao chegou sancho detoar com seus dous ospedes epor ele nõ teer ajnda comjdo poseranlhe **toalhas** e veolhe vianda e comeo. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA*. [A00\_0335, fol. 10].

Ao presente microcampo, são pertinentes os sintagmas **toalha do altar** e **toalha de mesa**, porquanto são coberturas de superfícies:

[...] foi avaliado hũ toalha de quabesa en ses sentos E quorenta 640 foi avaliado hũa toalha de Rosto en sento e seseta rs 160 foi avaliada hũa **toalha de meza** velha en duzentos [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *PEDRO CARAÇA, INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO* [A00\_0173, p. 205].

Couberam lhe mais tres **tualhas de meza** velhas em sua aualiaçam de mil reis [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (DEZEMBRO DE 1944) [1705], *CARTA DE PARTILHAS QUE NOS DEIXOU BELCHIOR DIAS DAS CAZAS DE PALHA QUI NOS VENDEO NA RUA DE NOSA SENHORA DA AJUDA, CUJO TRESLADO NOS DEIXOU PARA NOSA GUARDA, E TITULO* [...]. [A00\_1491, p. 20].

[...] vinte camifas, dés **toalhas de menza**, & dés de mãos [...]. desconhecido (1709) [1709], *BREVE DA CONFIRMAÇAM DESTES ESTATVTOS*. [A00\_2499, p. 142].

Coatro **Toalhas do Altar**, três de renda, e todas velhas. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764*. [A00\_2504, p. 91].

Silva (1949-1959, p. 925, v. 10) registra o lema **toalha de altar** e o define como “a peça de linho ou de algodão com folhos, com que se cobre a parte superior do altar”. Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) não trazem o lema, mas mencionam tal uso no verbete **toalha**. Em Rocca *et al.* (2004, p. 82), o verbete **toalha de altar** apresenta a seguinte definição: “Pano sagrado que cobre a superfície do altar durante a celebração da missa. Segundo as prescrições litúrgicas, as toalhas (de cânhamo ou linho branco) devem ser três; a toalha de cima deve pender nos dois lados do altar até quase ao chão”.

Desta feita, para **toalha de mesa**, temos os semas:

S1 – cobertura têxtil para superfície;

S13 – estende-se na mesa.

E para **toalha do altar**:

S1 – cobertura têxtil para superfície;

S11 – objeto litúrgico;

S14 – estende-se no altar.

A partir dos semas listados em cada lexema do microcampo lexical “alfaias têxteis”, elaboramos o quadro subsequente:

**Quadro 4** – Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “alfaias têxteis”.

<b>Lexemas</b> <b>Semas</b>	<b>alambel</b>	<b>alcatifa</b>	<b>guardanapo</b>	<b>pano de estante</b>	<b>pano de púlpito</b>	<b>sobremesa</b>	<b>tapete</b>	<b>tapiz</b>	<b>toalha de mesa</b>	<b>toalha do altar</b>
1 – cobertura têxtil para superfície	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
2 – geralmente, listrado	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
3 – estende-se em assentos	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
4 – tapeçaria	-	+	-	-	-	-	+	+	-	-
5 – estende-se sobre os joelhos	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
6 – estende-se sobre a toalha de mesa	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
7 – para limpeza da boca e/ou dos dedos	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
8 – proteção da roupa do comensal	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
9 – proteção da toalha de mesa	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
10 – estende-se na estante	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
11 – objeto litúrgico	-	-	-	+	+	-	-	-	-	+
12 – estende-se no púlpito	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-
13 – estende-se na mesa	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-
14 – estende-se no altar	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+

Org.: elaborado pelo autor.

Haja vista as características variáveis e a versatilidade dos objetos denominados pelos lexemas desse microcampo, a discriminação dos traços semânticos não é fixa. Fundamentamos nas informações das definições lexicográficas e nos contextos identificados no *corpus* do DHPB. Dessa forma, os principais traços semânticos que distinguem os lexemas do microcampo “alfaias têxteis” são os relativos à dimensão uso (S3, S5, S6, S10, S11, S12, S13 e S14).

As UL **alcatifa**, **tapete** e **tapiz** apresentaram sememas correspondentes. As definições lexicográficas, muitas vezes, as dão como sinônimas e fazem uso de remissivas. Consoante às datações de Houaiss (2009), das três, a mais antiga na língua portuguesa é a UL **tapete** (do lat. *tapēte - is*, derivado do gr. *tápēs -ētos*), século XIII, seguida por **alcatifa** (do ár. *al-qatīfa*), século XV e, posteriormente, por **tapiz** (pelo fr. antigo *tapiz*), datada de aproximadamente 1608. No *corpus* do DHPB, a primeira ocorrência de **alcatifa** data de 1500; **tapete**, de 1757 e **tapiz**, do século XVII.

Quanto a **alambel** ou **lambel**, advêm do ár. *alḥanbal* (CUNHA, 2010), a qual, também, originou **alfâmbar**, outro arabismo na língua portuguesa cujo significado é “manta decorada com várias cores distribuídas em faixas” (HOUAISS, 2009). Com sentido aproximado ao de **alambel/lambel**, no português, há a UL **bancal**, a qual não foi localizada no *corpus* do DHPB. Conforme Bluteau (1712-1728, p. 28, v. 2), **bancal** é “panno, com que a gente baxa costuma cobrir os bancos, & os caxoens, que tem em casa. Hà bancaes azues, grandes, & pequenos [...]”. A presença do sema S2 – geralmente, listrado – no semema de **lambel** é a sua peculiaridade.

A UL **guardanapo**, à primeira vista, parece ser composta. Foi herdada do francês *garde-nappe* (*garde* = guardar + *nappe* = toalha de mesa), cujo significado é proteção para toalha. Na língua francesa, Godefroy (1885, p. 224, v. 4, tradução nossa<sup>62</sup>) define o lema *gardenape* como espécie de descanso circular “[...] de vime, madeira ou estanho, que pousamos embaixo dos pratos, quando colocados sobre a mesa, para não queimar nem sujar a toalha de mesa”. Portanto, *garde-nappe* possuía significado diverso do que temos no português. Em seguida, o autor registra alguns trechos de textos antigos em que tal palavra está atestada, sendo que a mais recuada ocorrência data de 1395. Já no final do século XIX, Henry Havard (1894), no “Dictionnaire de l'ameublement et de la décoration: depuis le XIII<sup>e</sup> siècle jusqu'à nos jours”, observa que “a partir do século XVII, essa palavra quase não foi mais usada. No século XVIII,

---

<sup>62</sup> “[...] de bois ou d'étain, que l'on metait sous les plats, lorsqu'on les posait sur la table, afin de ne pas brûler ni salir na nappe.” (GODEFROY, 1885, p. 224, v. 4).

apenas os fabricantes a empregavam; hoje em dia, paramos de usá-la” (HAVARD, 1894, p. 1043, v. 2, tradução nossa<sup>63</sup>).

Amplamente conhecida e utilizada no português hodierno, a UL **guardanapo** manteve-se corrente e denomina a toalhinha usada para proteger a toalha de mesa e a roupa do comensal, bem como para limpar a boca e os dedos. Vale ressaltar que, na língua francesa, da qual provieram abundantes empréstimos no campo da culinária, a palavra equivalente com esse significado é *serviette* e, no espanhol, *servilleta*.

Nas UL **pano de estante**, **pano de púlpito**, **toalha do altar** e **toalha de mesa** está patente a destinação do objeto. Vale ressaltar que, conquanto o altar possa ser uma mesa, no ambiente litúrgico, a denominação utilizada para o têxtil que cobre esse móvel remete à terminologia comum àquele espaço, ou seja, **toalha do altar**, isto é, a peça de tecido que cobre a mesa que dá suporte ao sacerdote durante a celebração da missa. A UL **toalha de mesa**, por sua vez, é usual para denominar o têxtil estendido sobre o móvel (mesa) que serve de suporte nos momentos das refeições. Nessas UL sintagmáticas, notamos certa transparência semântica, ou seja, possibilitam que se deduza o significado a partir dos componentes da palavra. No entanto, na língua portuguesa, temos palavras cujo significado se mostra opaco, por exemplo, **toalha de chão** e **pano de prato**. No escopo do microcampo ora abordado, a partir dos componentes dessas palavras, é hipoteticamente possível imaginar que **toalha de chão** seja peça de tecido que se estende no chão (tal qual tapete, alcatifa, tapiz). Todavia, sabemos que, na realidade, consiste no tecido usado para limpeza de chão, paredes, janelas etc. Destarte, há uma opacidade, de modo que, nessa palavra, é a função do objeto têxtil o aspecto mais saliente (não são comuns, por exemplo, as denominações toalha de parede e toalha de janela para referir-se a um tecido utilizado para limpá-las). Tais considerações, relacionadas à legitimação pela comunidade linguística, vêm reforçar esses sintagmas como unidades de sentido.

Respeitante à UL **sobremesa**, encontramos poucas informações. A princípio, deduzimos, pelo nome, que seja denominação outrora utilizada para peça de tecido que cobre uma mesa. Entretanto, no contexto no qual há a ocorrência no *corpus*, esse objeto, mediante o pronome possessivo “sua”, faz conjunto com uma toalha de mesa. Com base nisso, aventamos que se trata de uma segunda peça de tecido, que se põe sobre a toalha de mesa, para protegê-la e/ou decorá-la, ou abaixo, para evitar o contato direto com o móvel e, assim, impedir o deslizamento da toalha de mesa.

---

<sup>63</sup>“Dés le XVII<sup>e</sup> siècle, ce mot n’était plus guère usité. Au XVIII<sup>e</sup> siècle, ille vanniers seuls l’employaient; de nos jours, on a cessé d’en faire usage.” (HAVARD, 1894, p. 1043, v. 2).

#### 4.5 Microcampo lexical “armações”

Na subseção em tela, descrevemos e analisamos os lexemas **cortina**, **cortinado**, **empanada**, **mosquiteiro**, **pano de armar**, **pavilhão**, **reposteiro**, **sanefa**, **sobrecéu** e **tolda**, conformados no microcampo “armações” mediante os conteúdos unitários “armação de pano” e “cobertura”.

Justificamos o arquilexema a partir das definições lexicográficas para **armação**, qual seja: “tomase genericamente por todo o tecido, que se arma nas casas, para ornato dellas, v. gr. pannos de armar, cortinados, Reposteyros, &c.” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 497, v. 1). E, ainda, segundo Silva (1813, p. 180, v. 1), “tudo o que serve de adorno, e ornato ás casas, e templos, como cortinas, sanefas, placas, trumóes, &c.” Incluímos armações para fins mais utilitários e menos decorativos, por exemplo, **mosquiteiro** e **tolda**.

##### a) CORTINA

Entendemos **cortina** como peça de pano suspensa verticalmente para encobrir, resguardar e/ou enfeitar alguma coisa. Nas palavras de Silva (1813, p. 482, v. 1), é “Panno, que cobre, e tapa, v. g. o leito em redor; que tapa a porta, a janela, o andor, a cadeira de braços de arruar, e de ordinário se corre por uma vara, onde está enfiada, para se abrir; e fechar”. Portanto, é um objeto versátil no que diz respeito à função. Abaixo, dispomos alguns excertos do banco de dados do DHPB com ocorrências da UL **cortina**:

Todos os tres altares têm doceis, com suas **cortinas** de tafeté carmesim; tem uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, tres cabeças das Onze mil virgens, com outras muitas e grandes reliquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas, mui formosa e devota. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 144].

[...] seis outauas De huãs **cortinas** p.<sup>a</sup> portas [...]. JORGE DA FONSECA FREIRE (1936) [1713], *ACTAS DA CAMARA MUNICIPAL DE VILLA RICA - ANNO DE 1713* [A00\_0952, p. 262].

Huá **cortina** de xita com ramos encarnados com sua sanefa Outro **cortinas** de tafeté vermelho com suas sanefas, já uzadas Duas ditas de tafeté cor de roza com suas sanefas. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 90].



Havião mais umas **cortinas** de portas de brim de flôres, e uns paineis tão velhos que nem já se distingua de que santos erão. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], *1.ª PARTE: ALTO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO SEXTA: DE SÃO GABRIEL A MARABITANAS* [A00\_2232, p. 261].

[...] 4 pares de **cortinas** de nobreza estavam já tão arruinados, que, sem manifesta impropriedade, se não podem applicar para a compostura das janellas. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], *2.ª PARTE: BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO SEGUNDA: DE BARCELOS A POIARES* [A00\_2237, p. 475].

Para UL **cortina**, delimitamos os semas:

- S1 – armação de pano;
- S2 – cobertura;
- S3 – pendente;
- S4 – decorativo;

#### b) CORTINADO

De acordo com cotejo lexicográfico, **cortinado** é uma armação de cortinas para cobrir camas, portas, dosséis etc. Portanto, esse objeto compõe-se de um conjunto de cortinas. Do banco de dados do DHPB, transcrevemos os excertos em que ocorre a UL:

[...] huã outaua Por hũ **cortinado** de daMasco ou de outra qualquer seda [...]. JORGE DA FONSECA FREIRE (1936) [1713], *ACTAS DA CAMARA MUNICIPAL DE VILLA RICA - ANNO DE 1713* [A00\_0952, p. 262].

Para grandeza do tratamento da casa d'este heroe paulista basta saber-se, que fazia paramentar cem camas, cada uma com **cortinado** proprio, lençoes finos de bretanha guarnecidos de rendas [...]. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME (1980) [séc. XVIII], *TAQUES POMPEOS* [A00\_0069, p. 117].

Para **cortinado**, definimos os semas:

- S1 – armação de pano;
- S2 – cobertura;
- S3 – pendente;
- S4 – decorativo;

S5 – armação de cortinas.

c) EMPANADA

A UL **empanada**, conforme os dicionários, refere-se a pano que se utiliza para cobrir janelas em substituição do vidro. Segundo Bluteau (1712-1728, p. 56, v. 3), “Na Beyra, onde he raro o vidro, & ainda mais raras as vidraças, chamão Empanada à janella, guarnecida de panno, untado com cera branca, para admittir a luz, & e resistir às injúrias do tempo”. Vieira (1871-1874) define **empanada** como “panno de linho encerado que se põe nas janellas em vez de vidraças”. No *corpus*, localizamos a seguinte ocorrência:

Estas, e geralmente todos os seus edificios, são reguares e altos ou de sobrado, com janellas rasgadas e de vidraças, e só algumas com **empanadas** [...]. FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES BARATA/ D. FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO (1867) [1799], *DIARIO DA VIAGEM QUE FEZ Á COLONIA HOLLANDEZA DE SURINAM O PORTA-BANDEIRA DA SETIMA COMPANHIA DO REGIMENTO DA* [A00\_0733, p. 178].

Assim, constatamos os semas:

S1 – armação de pano;

S2 – cobertura;

S6 – substitui o vidro nas janelas.

e) MOSQUITEIRO

A UL **mosquiteiro** é definida pelos dicionários como armação, cortinado de tecido que se põe sobre a cama para resguardar dos mosquitos. Vejamos alguns exemplos em contexto nos excertos do banco de dados do DHPB:

Vamos à aplicação dos **mosquiteiros**. Bem sabereis o grande uso que tem nesta terra a rede, a qual é a cama mais pronta e mais fácil de conduzir: porém, como esta não basta para livrar das muitas chuvas que necessariamente se apanham em uma travessia tão grande do sertão, como esta, não guarda também da imensidade de mosquitos, que em partes se encontram: para suprir esta falta, inventaram os viandantes deste caminho o **mosquiteiro**, que vem a ser uma cobertura de linhagem, ou de outra droga leve, a qual lançam por cima de uma corda, que prendem aos mesmos paus, a que atam a rede, por cima dela dois palmos. Esta coberta chega até ao chão por todas as partes, fechada pelos lados e pelas cabeceiras, deixando-lhes nestas umas mangas para se

enfiarem os punhos das redes. Quando chove cobrem esta máquina com uma baeta singela, da largura que baste para alcançar alguma coisa mais abaixo da altura em que a rede fica, depois de seu dono deitado nela. D. ANTONIO ROLIM (1981) [1751], XX - *CARTOGRAFIA DAS MONÇÕES DOS SÉCULOS XVII E XVIII - RELAÇÃO* [A00\_0245, p. 199].

[...] os mosquitos inquietavao nesta villa a gente de noite e de dia dentro das cazas senao dormia sem **mosqueteiro** e de dia nao se estava sem abanos nas maons. JOSEPH BARBOZA DE SÁ (1904) [1775], I- *JOSEPH BARBOZA DE SÁ. RELAÇÃO DAS POVOAÇOENS DO CUYABÁ EM MATO GROSSO DE SEOS PRINCIPIOS THÉ OS PREZENTES TEMPOS* [A00\_1119, p. 16].

Assim, para a UL **mosqueteiro**, delimitamos os semas:

- S1 – armação de pano;
- S2 – cobertura;
- S3 – pendente;
- S5 – armação de cortinas;
- S7 – proteção contra mosquitos.

#### f) PANO DE ARMAR

Não encontramos a UL **pano de armar** nas nomenclaturas dos dicionários. Contudo, há algumas menções, por exemplo, no verbete **armaçam**, Bluteau (1712-1728, p. 497, v. 1) diz que “Tomase genericamente por todo o tecido, que se arma nas casas, para ornato dellas, v. gr. pannos de armar, cortinados, Reposteyros, &c.” Vieira (1871-1874, p. 556-557, v. 1, grifos no original), no verbete **armar**, refere a “*Pannos de armar, tapeçarias, damascos, cortinas*”.

Para Morais (2016), em seu trabalho sobre a tela como suporte para pintura em Portugal, “[...] dentro da tipologia das cortinas incluem-se o **pano de armar** e a guardaporta [...]”. A autora cita que consiste em “[...] uma tapeçaria ou outro tipo de pano que servia para armações, usado para decorar superfícies diversas geralmente em ocasiões solenes” (GEPB, 1981, p. 247, v. 3 *apud* MORAIS, 2016, p. 77).

Em dezembro de 2018, durante estada em Portugal, em visita ao Museu Nacional Frei Manuel do Cenáculo, também conhecido por Museu de Évora, deparamo-nos com dois exemplares de **panos de armar** datados do século XIX (Foto 5).

**Foto 5** – Panos de armar em exposição no Museu de Évora, Portugal.



Estopa de linho pintada – século XIX.

Fonte: acervo fotográfico pessoal do autor.

No *corpus* do DHPB, a ocorrência mais recuada da UL **pano de armar** data de 1500, na “Carta de Pero Vaz de Caminha”. Ribeiro (1910, p. 258, grifos no original), em notas elucidativas de itens presentes na referida carta, explana que **pano de armar** “[...] refere-se a panos com padrão vistoso, colorido, quartejado; por que *armar* é ornar, enfeitar templos, edificios ou quaes quer coizas: e *armarinho* ou loja de *armador* é a onde se encontram as fazendas, enfeites e ornatos de *armar*”. Seguem alguns excertos do banco de dados com as ocorrências contextualizadas:

[...] ne este dia os uimos de mais perto e mais aanosa vontade por andarmos todos casy mesturados Ealy deles andauam daquelas timturas quartejados outros de meetades outros detanta feiçam coma ã **panos darmar** e todos com os beijos furados e mujtos cõ os osos neeles e deles sem osos. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA [A00\_0335, fol. 8 v].

Chegando ao Paraná-piacaba, (LXXXI) sc. lugar donde se vê o mar, descobrindo o mar largo quando podíamos alcançar com a vista, e uma enseada de mangaes e braços de rios de comprimento de oito leguas e duas e tres em largo, cousa muito para vêr; e parecia um **panno de armar** [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO

DE 83, - *OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 172].

O contrário tenho eu já ouvido, lido e ainda visto por próprios olhos, que muitos pais brancos produziram filhos negros, como se conta da outra matrona, que estando com seu espôso no ato venéreo, ao tempo de conceber, tendo pôsto os olhos na figura de um negro que ante êles estava pintado em um **pano de armar**, pôde tanto aquela imaginação do que via presente, que o filho que concebeu daquele ajuntamento saiu negro, como se fôsse engendrado de pais que o fossem [...]. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], *DIÁLOGO SEGUNDO - QUE TRATA DO CLIMA E ENFERMIDADES DO BRASIL E DOS MEDICAMENTOS COM QUE SE CURAM* [A00\_1582, p. 44-45].

Com base nessas informações, constatamos os semas:

S1 – armação de pano;

S2 – cobertura;

S4 – decorativo.

g) PAVILHÃO

Em face da polissemia da UL **pavilhão**, no banco de dados do DHPB, pertinentemente ao microcampo lexical ora descrito, constatamos as acepções: cobertura para leitos, sinônima de cortinado, e pano que se cobre o sacrário, ou seja, um paramento litúrgico. Do *corpus*, destacamos ocorrências para exemplificar ambas as acepções:

[...] hum **pavilhão** branco de pano dalgodão con sua franja ao Redor E o capelo do mesmo en sua avaliação de tres mil E quinhentos rs 3500 [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 276].

[...] foi rematado o **pavilhão** lanssado neste inventario en joze da costa omê fiados por dous mezes en quatro patacas e dous vintêis [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE FRANCISCO BICUDO DE BRITO - 1654, VILA DE SÃO PAULO (APENSO O TESTAMENTO DE TOMÁSIA RIBEIRO DE ALVARENGA)*. [A00\_0171, p. 115].

O **pavilhão** do sacrario era de seda de primavera, muito acondicionada, para as ocasiões de alguma solemnidade. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 2.<sup>a</sup> PARTE: *BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO QUARTA: DE CARVOEIRO A MOURA* [A00\_2239, p. 529].

Custosos **pavilhões**, dourados leitos, E colchas matizadas não se encontram  
Na casa mal provida de um Poeta, Aonde, há dias, que o rapaz, que serve,  
Nem na suja cozinha acende o fogo. TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (2000)  
[séc. XVIII], *CARTA 2a.* [A00\_1214, p. 66].

Desta feita, temos os semas:

- S1 – armação de pano;
- S2 – cobertura;
- S3 – pendente;
- S4 – decorativo;
- S5 – armação de cortinas;
- S8 – paramento litúrgico.

#### h) REPOSTEIRO

Para da UL **reposteiro**, Bluteau (1712-1728), Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) oferecem definições muito semelhantes: “*deriva-se do verbo Latino, Reponere, que significa Pôr à parte, Guardar, donde o mesmo he Reposteyro, que Guarda [...]. Panno quadrado com as Armas do Senhor, com que se armão as portas das salas, antecameras, ou que se põem sobre a carga das azemelas*” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 262, v. 7). Segundo Silva (1949-1959, p. 450, v. 9), **reposteiro** é “*cortina ou peça de estofa, de tecido geralmente encorpado, com que se tapam portas interiores e janelas [...] [e, ainda,] Grande cortina que se coloca na porta principal da igreja em determinadas solenidades*”. Para exemplificar, dispomos algumas ocorrências contextualizadas em trechos do *corpus*:

Dous **reposteyros** do sacrario, hum de Damasco branco, e encarnado, já velho, e outro de tafeté encarnado guarnecida de fita branca, e huá cruz no meyo de galão de prata. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 91].

Dois **reposteiros** de panno azul bordados de retalhos de varias cores com seus varaes de ferro, um dos quaes se acha inteiro, e o outro em meio, tudo em quatorze mil reis [...]. JOAN B.A LUSTOZA (1936) [1791], *CERTIDÃO DOS AUTOS DE SEQUESTRO A QUE SE PROCEDEU NOS BENS DO REVERENDO VIGARIO CARLOS CORRÊA DE TOLEDO E MELLO* [A00\_0226, p. 392].

No quarto as dos Travassos em campo vermelho cinco rosas de trevo de ouro em aspa: timbre o das armas dos Mellos que é uma aguia preta com bezantes de prata, paquife dos metaes e cores das armas e por diferença uma estrella vermelha. E porque estas são as armas que ás ditas linhagens pertencem, eu Manoel Leal, rei de armas Portugal e principal com o poder de meu muito nobre e real officio lhas dou [...] e as poderá fazer pintar e bordar em seus **reposteiros**, bandeiras, estandartes [...] servindo-se e honrando-se dellas como a sua nobreza e fidalguia convém [...]. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME (1980) [séc. XIII], *LEMES* [A00\_0239, p. 60].

Vimos que a possibilidade de o **reposteiro** conter as “armas da casa”, como indica Bluteau (1712-1728), Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874), é corroborada nesse último excerto.

Destarte, definimos os semas:

- S1 – armação de pano;
- S2 – cobertura;
- S3 – pendente;
- S4 – decorativo;
- S9 – pano com as armas da casa.

#### i) SANEFA

De acordo com cotejo lexicográfico, **sanefa** significa uma larga faixa de pano que, como ornato, atravessa a extremidade superior de cortinas, vergas das janelas etc., de uma ponta à outra. Do *corpus* do DHPB, destacamos os trechos abaixo em que a palavra aparece:

[...] Por vara e meya de paniculo, p.<sup>a</sup> **sanefas** das cortinas do altar mor [...]. REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (1955) [1756], *LIVRO DO GASTO DA SACRISTIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA DE 1756 ATÉ 1800* [B00\_0018, p. 255].

Dous pares de cortinas de brim dobrado com suas **sanefas**. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 91].

Para a UL **sanefa**, temos os semas:

- S1 – armação de pano;
- S2 – cobertura;

- S3 – pendente;  
 S4 – decorativo;  
 S10 – espécie de franja.

#### j) SOBRECÉU

Na definição de Bluteau (1712-1728, p. 674, v. 7), **sobrecéu** é “o panno estendido por cima, que prende nas quatro columnas do leyto. [...] Sobreceos tãbem se chamão huns pannos, que tem lugar de doceis, para ornato de altares”. Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) referem-no como guarda-pó que fica por cima, por exemplo, do leito e do dossel. Os outros dicionários consultados dão definições semelhantes, mas, em vez de guarda-pó, chamam o **sobrecéu** de cobertura. A seguir, dispomos algumas ocorrências do *corpus*:

Algumas pessoas de fóra fizeram algumas esmolos, sc. um frontal, vestimenta e **sobrecéu** de veludo verde, uma caixa de prata [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III – *INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL – ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 160].

Catre com cabeceira dourada, e pintado, com **sobrecéu** de damasco carmesim, em vinte mil reis 20\$000 [...]. JOAN B.A LUSTOZA (1936) [1791], *CERTIDÃO DOS AUTOS DE SEQUESTRO A QUE SE PROCEDEU NOS BENS DO REVERENDO VIGARIO CARLOS CORRÊA DE TOLEDO E MELLO* [A00\_0226, p. 396].

Assim, delimitamos os semas:

- S1 – armação de pano;  
 S2 – cobertura;  
 S4 – decorativo.

#### k) TOLDA

Para o lema **tolda**, as definições lexicográficas reportam-se, primeiramente, ao domínio náutico, sendo “obra de panno que cobre os barcos, e navios para abrigar do Sol, e chuva a quem vai sobre a coberta, toldo” (SILVA, 1789, p. 463, v. 2).



Na definição de **toldo**, variante de **tolda**, Bluteau (1712-1728, p. 188, v. 8) apresenta acepção mais genérica: “[...] hũa especie de Tecto de pannos, ou aboboda de Velas, com que se cobrem barcos, ou ruas, praças, & outros lugares publicos em occasião de Festas, Espectaculos, &c.” De modo geral, os dicionários definem **tolda** como cobertura de algum tecido (brim, lona ou outra substância) para abrigar (porta, varanda, praça, convés de embarcação etc.) da chuva e do sol. No banco de dados do DHPB, identificamos:

O padre visitador com o mesmo governador e os principaes da terra e alguns padres nos embarcámos numa grande barca bem embandeirada e enramada: nella se armou um altar e alcatifou a **tolda** com um pallio por cima [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III – INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL – ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 169].

Contudo o mais custoso daquela navegação são as mosqueterias, que fazem exasperar os navegantes, caem em chuveiros os mosquitos todas as noutes por aqueles esteiros sobre os navegantes e nada lhes é obstáculo, por mais **toldos**, que se fazem, especialmente o mosquito meruí [...]. PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], *QUINTA PARTE – DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO MAXIMO AMAZONAS [...] – CAP. 10º - PROVIDÊNCIA NECESSÁRIA E UTILÍSSIMA PARA A NAVEGAÇÃO DO AMAZONAS* [A00\_1960, p. 370].

[...] porque como então acometem como chuveiros, armam os brancos seu **toldo** na popa com algumas chitas, e pelas não poderem passar, ou penetrar os mosquitos [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PORTE PRIMEIRA – CAP. 23º - DA PRAGA VOLÁTIL DO MESMO RIO* [A00\_1825, p. 164].

Liage p.<sup>a</sup> **tolda** e sacos 195 v.<sup>as</sup> a 220 rs. LUIZ ANTONIO DE SOUZA BOTELHO MOURÃO (1952) [1766], *CARTA PARA CONDE DE CUNHA – VICE-REI SÔBRE PARTIDAS DAS MONÇÕES*. [A00\_1608, p. 24].

Desta feita, definimos os semas:

- S1 – armação de pano;
- S2 – cobertura;
- S11 – abrigo contra sol e chuva.

Com os semas listados para cada lexema do microcampo lexical “armações”, construímos o quadro subsequente:

**Quadro 5** – Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “armações”.

<b>Lexemas</b> <b>Semas</b>	<b>cortina</b>	<b>cortinado</b>	<b>empanada</b>	<b>Mosquiteiro</b>	<b>pano de armar</b>	<b>pavilhão</b>	<b>reposteiro</b>	<b>sanefa</b>	<b>sobrecéu</b>	<b>tolda</b>
1 – armação de pano	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
2 – cobertura	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
3 – pendente	+	+	-	+	-	+	+	+	-	-
4 – decorativo	+	+	-	-	+	+	+	+	+	-
5 – armação de cortinas	-	+	-	+	-	+	-	-	-	-
6 – substitui o vidro das janelas	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
7 – proteção contra mosquitos	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-
8 – paramento litúrgico	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
9 – pano com as armas da casa	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
10 – espécie de franja	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-
11 – abrigo contra sol e chuva	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+

Org.: elaborado pelo autor.

Além do traço S1 – armação de pano –, todos os lexemas do microcampo compartilham o S2 – cobertura –, pois denominam objetos que servem para cobrir algo, seja para fins práticos seja para simplesmente enfeitar.

Conforme as definições de **armação**, a função decorativa do **pano de armar** está patente na denominação, ou seja, tecido usado com finalidade estritamente ornamental, a modo de quadros, telas etc. Daí, seu padrão vistoso e colorido.

O **cortinado** se difere pelo traço S5 – armação de cortinas –, isto é, provido de cortinas. As **cortinas**, também, possuem função decorativa, mas os **cortinados**, embora possam servir de enfeite, têm a função primeira de cobrir e proteger. **Cortinado** deriva de **cortina** com o acréscimo do sufixo **-ado**, “do lat. *-atu,-ata*, desin. do part. pas. da 1ª conj.” (HOUAISS, 2009), significando, assim, algo que foi provido de cortina.

**Cortina** e **reposteiro** se assemelham nos seus sememas. As definições lexicográficas exprimam uso abrangente para a primeira, ao passo que o segundo é posto, em especial, pendente das portas e pode expor as “armas das casas” de pessoas nobres. A par do étimo latino *repositarius* (HOUAISS, 2009), há a hipótese de que **reposteiro** deriva de **reposte** (SILVA, 1949-1959) – UL do português arcaico que significa despensa<sup>64</sup> – com o sufixo **-eiro**. A UL **reposteiro** denominou, de início, o cargo da pessoa que, de acordo com Bluteau (1712-1728, p. 262, v. 7), “[...] tem à sua conta certo fato dos senhores, como v. g. alcatifas, cortinas, tapeçarias, & outras armações [...] armão as tapeçarias, & põem a mesa, & adornão as casas Reaes dos mais adereços; & a seu cargo està tambem mandar guardar as mesmas armações [...]”. Posteriormente, o nome transmitiu-se para o objeto têxtil (NASCENTES, 1955).

A UL **empanada**, em Houaiss (2009), é o feminino substantivado do adjetivo **empanado**, particípio de **empanar**, isto é, tapar/cobrir com panos. Portanto, denominaram-se **empanadas** as janelas que, em vez de vidro, estavam cobertas com tecidos.

A UL **mosquiteiro** deriva da palavra **mosquito** com a junção do sufixo **-eiro**, do latim lat. *-arius, a, um* formador de adjetivos, e de seus der. *-arius, ii* 'o que produz ou cuida de', *-aria, ae* e *-arium, ii* 'local'” (HOUAISS, 2009), formador de adjetivos e/ou substantivos com diversos matizes semânticos, entre eles o de “equipamento de proteção”, por exemplo, caneleira. Percebemos que as UL **mosquiteiro** e **cortinado** se diferem justamente porque a primeira denomina um tipo de cortinado cuja função é resguardar, mormente, do ataque de insetos, o que é notório no nome. A esse tipo de proteção se assemelha, ainda, o **pavilhão** – “[...] Camas, ou

---

<sup>64</sup> No “Vocabulário histórico-cronológico do português medieval”, Cunha (2007) traz uma ocorrência de **reposte** datada do século XIII (Cantigas de Santa Maria) – “[...] dentr' en sa reposte / contoull' end' a estoria.” – e, em seguida, indica o significado: despensa, guarda-roupa.

leyto de pavilhaõ. Naõ tem balaustes, mas fica cuberto de hũas grandes cortinas, com seu capello em cima suspenso” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 326, v. 6). Tal UL, no banco de dados do DHPB, também denomina o pano e/ou cortinado que cobre o sacrário.

A UL **sobrecéu** compõe-se pela justaposição de **sobre** + **céu**, denominando um objeto posto por cima (sobre), a modo de teto (céu), considerando que, metaforicamente, o céu pode ser comparado a um teto.

O arabismo **sanefa** (*sanifa*, “borda”) (HOUAISS, 2009) denomina um artigo complementar, haja vista que é uma peça de pano que acompanha a cortina, na extremidade superior dela.

#### 4.6 Microcampo lexical “estofados”

Nesta subsecção, descrevemos e analisamos os lexemas **almofada**, **cabeçal**, **cabeceira**, **chumaço**, **colchão**, **coxim**, **enxergão** e **travesseiro**, agrupados no microcampo lexical “estofados” a partir dos conteúdos unitários “estofado com material flexível” e “superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo)”.

##### a) ALMOFADA

De modo geral, os dicionários trazem definição do lema **almofada** como espécie de saco cheio de materiais flexíveis – lã, palha, cabelo, penas, algodão etc. – cuja finalidade é encosto para a cabeça, assento e superfície para ajoelhar-se. Bluteau (1712-1728), Figueiredo (1899), Vieira (1971/1874) e Silva (1949-1959) acrescem almofada, também, como apoio para coser ou fazer rendas – uso não localizado no *corpus*. Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) registram o emprego ornamental do objeto.

No seguinte excerto do banco de dados do DHPB, apreendemos almofada como assento e sinalizando hierarquia:

O despacho da Iunta se fará dentro no Paço, na Casa que está deputada para isso, & se assentarão o Presidente, & Deputados na Mesa em bancos despalmas forrados de coiro. O Presidente na cabeceira della com **almofada**, & nos dous bancos, de hũa, & de outra parte se assentarão os Deputados [...] Com declaração, que os de negocio nunca poderão preceder aos de capa espada; & o Secretario da Iunta se assentará em cadeira raza no topo da Mesa, defronte da cabeceira della. As pessoas que forem chamadas á Iunta se lhes dará cadeira raza, ainda que sejam Fidalgos, Ministros, ou outras quaesquer pessoas [...].

desconhecido (1973) [1673], *REGIMENTO DA IUNTA DO COMERCIO GERAL DO ESTADO DO BRASIL* [A00\_2220, p. 5].

Nesse regimento, a mobília para assento figura como elemento de distinção do grau de importância de quem se assenta. Destinam-se bancos de espaldas forrados de couro aos Deputados e, igualmente, ao Presidente, mas com almofada para esse. Os demais membros citados, deveriam se assentar em cadeira rasa, que, segundo Silva (1979, p. 286, v. 2), “[...] não tem encosto, nem braços”. Portanto, em conjunção com a mobília, a almofada distingue aquele assento que detinha mais nobreza e importância. Dessa forma, corroboramos Gil (2011, p. 20) quando exprime que “os assentos constituem uma das invenções mais transcendentais na vida da humanidade. Estes não representaram apenas uma evolução a nível material, revelaram-se também numa evolução de ordem social”. Assim, a almofada, no contexto analisado, desempenha, além da função prática, uma função social.

Valer-se de almofada como suporte para os joelhos durante a genuflexão é prática comum em ritos eclesiais e tal uso representa a maioria das ocorrências no *corpus*, por exemplo, as duas seguintes:

Na porta della administrado o Reverendo Deão o hyffope laçou Sua Illuſtriffima agua benta era lí, & nos Reverendos Capitulares. Daqui foy à Capella do Santiffimo Sacramento, & chegado a ella fez genuflexão, & levantado-fe ajoelhou em hũa **almofada** fazendo oração. DOM SEBASTIÃO MONTEYRO DA VIDE (1720) [1707], *RELAÇAM DA PROCISSAM, & SESCOENS DO SYNODO DIECEFANO, Q SE CELEBROU NA SANTA SÉ METROPOLITANA DA CIDADE DA BAHIA EM 12 DE JUNHO DE DE 1707* [A00\_2467, p. 607].

A' porta da dita Capella o Reverendiffimo Doutor Governador, revestido de capa pluvial, lhe adminiftrou a Cruz, a qual S. Excellencia de joelhos fobre huma **almofada** recebeo, e ofculou reverentemente [...]. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *PARTE III - AUREO THRONO EPISCOPAL - 1. REPRODUÇÃO FOTOGRAFADA DA EDIÇÃO PRÍNCIPE* [A00\_0820, p. 391].

Ainda na esfera eclesial, a almofada serve de sustentáculo para missais, como se vê nestes excertos:

Uma vestimenta de osteda com estóla, manipulo, **almofada** para o Missal, e bolsa de corporais com três véus de calices de nobreza, branco, vermelho e rôxo, tudo com guarnições de retrós côr de ouro. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00\_0333, p. 381].

A **almofada** de damasco encarnado para o missal menos usada ficava do que o pavilhão do tabernaculo, o qual era de damasco branco. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], *1.ª PARTE: ALTO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO SEXTA: DE SÃO GABRIEL A MARABITANAS* [A00\_2232, p. 261].

Além dos trechos de textos do banco de dados do DHPB acima citados, transcrevemos mais estes:

Parece-me certamente que servirá para enchimentos de travesseiros, **almofadas** e ainda para colchões e que, também, se fôr fiada, se poderá dela fazer panos, pôsto que chapéus tenho por sem dúvida que se farão muito bons. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], *DIÁLOGO PRIMEIRO* [A00\_1581, p. 2].

[...] e conduzindo-o pelo meyo della para a Capella mór, (onde achou huma rica cadeira de veludo carmelim, franjada de ouro, com **almofadas** da mefma qualidade) depois de fazer devota oração, lhe pozeraõ patente, com a mais reverente folemnidade, a Imagem milagrofa, que fe rebuçava com feis véos. BERNARDO PEREIRA DE BERREDO. (1749) [1718], *ANNAES HISTORICOS DO ESTADO DO MARANHÃO - LIVRO IX* [A00\_2521, p. 299].

Um canapé da mesma madeira forrado de damasco carmezim com sua **almofada** tambem de damasco, em dezenove mil e duzentos reis [...]. JOAN B.A LUSTOZA (1936) [1791], *CERTIDÃO DOS AUTOS DE SEQUESTRO A QUE SE PROCEDEU NOS BENS DO REVERENDO VIGARIO CARLOS CORRÊA DE TOLEDO E MELLO* [A00\_0226, p. 396].

Assim, a partir das acepções relacionadas ao âmbito têxtil nas obras lexicográficas consultadas, depreendemos que o lexema almofada constitui-se dos semas:

- S1 – Estofado com material flexível;
- S2 – Superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo);
- S3 – Encosto para a cabeça;
- S4 – Assento;
- S5 – Suporte para os joelhos na genuflexão;
- S6 – Apoio para coser/fazer rendas;
- S7 – Ornamento.

## b) CABEÇAL

No que concerne à acepção de **cabeçal** enquanto um objeto estofado com material flexível, Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) apenas fazem remissão às UL **cabeceira** e **travesseiro**. Figueiredo (1899), Silva (1949-1959), Ferreira (2004) e Houaiss (2009), por sua vez, incluem a UL **almofada** nas remissivas e registram a finalidade de encosto para a cabeça.

Não identificamos no *corpus* do DHPB o sentido literal de cabeçal. Transcrevemos, portanto, a ocorrência que expressa de modo analógico a acepção dicionarizada:

Quando em casa havia {A00\_1316- 13,.N} algum enfermo, depois de vigiar com elle quanto era necessario, tomava o somno sobre uma taboa, servindo-lhe de **cabeçal** os sapatos, mettido um no outro. PADRE PEDRO RODRIGUES (1897) [1607], I. - *VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, PELO PADRE PEDRO RODRIGUES* [A00\_1316, p. 13].

Mendes (1962) registra a UL cabeçal em seu estudo lexical de um inventário do século XIV (Inventário da Ordem Militar de S. Bento de Avis – 1366) e constata que, com a acepção de almofada para repouso da cabeça, a referida palavra parece não ser tão antiga na língua portuguesa: “[...] só a atestamos no século XIV, sendo a primeira documentação fornecida pelo próprio *Inventário de Avis*” (MENDES, 1962, p. 387, grifo no original.). A autora identificou a UL cabeçal em textos dos séculos XIV, XV e XVI e afirma que não perdurou no português moderno com a acepção supracitada. De fato, tomando por base o *corpus* do DHPB, temos apenas a ocorrência datada do início do século XVII. A título de curiosidade, Mendes (1962) assinalou na região do Algarve, em Portugal, o uso da UL **cabeçalho** com o significado de pequena almofada de cama e cuja forma gráfica, possivelmente, tem origem na UL cabeçal.

O conteúdo sêmico constitutivo do lexema **cabeçal** se compõe dos traços:

- S1 – Estofado com material flexível;
- S2 – Superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo);
- S3 – Encosto para a cabeça.

## c) CABECEIRA

Acerca do lema **cabeceira**, Bluteau (1712-1728) não faz alusão a nenhuma peça específica e à sua composição material. Silva (1789, 1813), igualmente, não deixa explícito se

se trata de estofado. Os outros dicionários, por sua vez, remetem cabeceira à almofada ou a travesseiro e indicam a finalidade de encostar a cabeça.

A UL **cabeceira**, com o sentido de espécie de almofada ou travesseiro para descansar a cabeça, tem tal significado atestado no seguinte trecho do banco de dados do DHPB:

Os Guardiães proveraõ as camas dos Religiofos de duas mantas, hũa efteyra, & hũa **cabeceyra** de burel chea, de lã [...]. desconhecido (1709) [1709], *BREVE DA CONFIRMAÇAM DESTES ESTATVTOS* [A00\_2499, p. 132].

Temos, portanto, uma cabeceira cujo invólucro é de burel<sup>65</sup> e o enchimento, de lã. Do banco de dados do DHPB transcrevemos, ainda, os excertos em que cabeceira, tal qual a ocorrência de cabeçal, não apresenta sentido literal, mas faz alusão ao artefato ora analisado:

[...] foi avaliada hũa caixa de sinquo palmos com sua fechadura em dous crusados 800 forão avaliadas d[uas] **cabesera** em sinquo pezos 1600 foi avaliado hũ covado E do[is] tersos de baeta en mil e sesentos rs [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *PEDRO CARAÇA, INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO* [A00\_0173, p. 259].

Nunca depois que foy para o Recolhimento dormio em cama, porque a de que usava era sobre a terra, tendo por **cabeceira** um madeiro em que se recostava, Este rigor, com que tratava seu corpo, lhe agenciou hũa hydropesia [...]. FR. DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO SETIMO - PERNAMBUCO ILLUSTRADO PELO SEXO FEMENINO* [A00\_0824, p. 146].

Foy de hũa vida innocente, e tão penitente, que nem nos ultimos dias deu a seu corpo o alivio de tirar os cilicios, com que o trazia sempre apertado, nem consentio que o deitassem em cama, pois sempre descansou sobre hũa taboa, com hũa pedra por **cabeceira**. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO QUARTO - PERNAMBUCO ILLUSTRADO COM VIRTUDES / CAP. XX—MEMORIAS DE OUTROS PERNAMBUCANOS QUE ILLUSTRARÃO A PÁTRIA COM SANTOS PROCEDIMENTOS. N. 162.* [A00\_0674, p. 328].

Verificamos, desse modo, os semas abaixo listados:

S1 – Estofado com material flexível;

S2 – Superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo);

---

<sup>65</sup> Segundo Bluteau (1712-1728, p. 209, v. 2), burel é um “panno grosso, & aspero, que ordinariamente se faz de lãa”.



S3 – Encosto para a cabeça.

#### d) CHUMAÇO

O lema **chumaço** é definido como travesseiro de penas por Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813). Vieira (1871-1874), Figueiredo (1899) e Silva (1949-1959) consideram que chumaço, também, significa travesseiro cheio de qualquer coisa. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) não remetem chumaço a nenhuma outra palavra com a acepção de lugar onde se recosta a cabeça, restringindo-se a defini-lo como material flexível usado para avolumar algo, por exemplo, parte de um vestuário.

Segue o trecho do banco de dados em que ocorre UL chumaço:

[...] a Enfermaria do noſſo Convento da Cidade da Bahía, & a do Convento do Recife eſtaraõ providas actualmête com oyto colchões, vinte & quatro lançoës, vinte travelfeyros grandes, & vinte pequenos, oyto **chumaços** grandes, & oyto pequenos, trinta camifas, dezaffeis toalhas pequenas de menza & dezaffeis de mãos [...]. desconhecido (1709) [1709], *BREVE DA CONFIRMAÇAM DESTES ESTATVTOS* [A00\_2499, p. 142].

Mendes (1962) aventa que a forma portuguesa chumaço, enquanto uma designação para almofada, parece não ser anterior ao século XIII, ao passo que a forma latina *plumaciu* remonta a textos do século X. A autora verificou que chumaço, com o sentido de estofado de material flexível, aparece em um texto de 1243 e, posteriormente, até o século XVIII, subsistindo, contudo, em falares populares alentejanos como designação para travesseiro.

Das acepções relacionadas à área têxtil, depreendemos os semas:

S1 – Estofado com material flexível;

S2 – Superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo);

S3 – Encosto para a cabeça.

#### e) COLCHÃO

Concernente ao lema **colchão**, Bluteau (1712-1728) não oferece uma definição, limitando-se a dar os termos latinos equivalentes a colchão de lã e a colchão de algodão. Identificamos, nas demais obras lexicográficas, a definição de colchão como espécie de saco cheio de substância flexível, cuja finalidade é para descanso do corpo (VIEIRA, 1871-1874).

Sobre o colchão se estendem lençóis (SILVA, 1789, 1813) e abaixo dele pode ir um enxergão (SILVA, 1813, 1949-1959; FIGUEIREDO, 1899). Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) definem colchão como espécie de coxim grande recheado de material flexível, tanto natural (lã, penas etc.) quanto sintético, e que, em geral, se coloca sobre o estrado da cama.

Abaixo, citamos trechos com as variantes atestadas no banco de dados do DHPB:

[...] os queo capitam trouue era huũ deles huũ dos seus ospedes que aa primeira quando aquy chegamos lhe trouuerã oqual veo oje aquy vestido na sua camisa e cõ ele huũ seu jrmão os quaaes forã esta noute muy bem agasalhados asy de vianda como deca ma de **colchoões** e lençoos polos mais amansar. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00\_0335, fol. 11 v].

[...] e lhe contara o dito Pedro de Cadena, e hum official de vara que trazia comsigo, que indo o dito official fora da villa fazer hũa deligencia, e sendo agazalhado em certa casa, cujo nome nem o dito official não sabia achara a dita imagem de Crucifixo dentro em hum **colchão** cosido da cama que lhe derão para dormir: E elle denunciante desembrulhara loguo a dita imagem [...]. MANOEL MARINHO (1936) [1618], *LIVRO DAS DENUNCIÇÕES QUE SE FIZERÃO NA VISITAÇÃO DO SANTO OFFICIO Á CIDADE DO SALVADOR DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS DO ESTADO DO BRASIL, NO ANNO DE 1618 - PADRE SIMÃO PINHEIRO SOBRE UM CRUCIFIXO ACHADO DENTRO DE UM COLCHÃO* [A00\_0940].

[...] hum godrin novo em sua avaliasam de tres mil E quinhentos rs 3500 # hum **colchão** de Iam en sua avaliasam de quatro mil rs [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757].

[...] Comtanto que na Rouparia do dito Conuento esttara | guardada comque paressa que toda he comum eoutro sim poderão as ditas freiras usar | de Camizas Lençoos Travesseiros de linho **colxoes** de Iam Cobertores depapa Sarafina ou outra | qualquer Couza semelhante [...]. JERONIMO ROGERO (1944) [1676], *ASSENTO QUE SETOMOU EM TRE OS OFICIAIS DACAMERA | EO REVERENDO PADRE FREY ANTONIO DAPENHA DE FRAMSA | RELIGIOSO DOS AGOSTINHOS DESCALSOS* [A00\_1360].

Desta similhansa hé a Paina, q' cresce em g<sup>es</sup> troncos, de 4 especies, 2 alvas e 2 amarelas, de q' se fião e tecem panos de pouca duração, e com ela se enchem **colxoens** e traviseiros. ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [III]. *NOTICIA DE ALGUNS FRUTOS MAIS NOTAVEIS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL, COM A DISTINÇÃO DAS SUAS DIFERENTES DENOMINAÇOENS* [A00\_2209].

Das acepções consoantes ao âmbito têxtil, depreendemos os semas a seguir:

S1 – Estofado com material flexível;

S2 – Superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo);

S8 – Encosto para o corpo;

S9 – Tamanho grande.

f) COXIM

Na definição do lema **coxim**, todos os dicionários remetem-no à almofada, sendo destinado, sobretudo, para assento. No banco de dados do DHPB, há uma ocorrência em que o coxim é usado como encosto da cabeça:

[...] ocapitã lhes mandou poer aas cabeças senhos **coxijs** e odacabeleira procuraua assaz polla ão quebrar e lançarãlhes huũ manto ã cjna e eles cõ sentiram e joueram e dormjram. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00\_0335, fol. 3].

Com exceção de Bluteau (1712-1728) e Vieira (1871-1874), as demais obras lexicográficas consultadas registram coxim, também, como a parte da sela em que o cavaleiro se assenta (portanto, assento), contemplando a ocorrência no excerto do *corpus* abaixo transcrito:

Do Coronel Francisco Antonio de Oliveira Lopes — Uma mula castanha. Outra dita castanha escura. Uma sella com **coxim** de Camurça, e seus preparos e pertences. JOSÉ DOS SANTOS RODRIGUES ARAUJO (1936) [1789], *SEQUESTROS, AVALIAÇÕES E ARREMATACÕES* [A00\_0225, p. 307].

Em um texto da primeira metade do século XVII, registramos a variante **cochim**:

Caiu em terra, quebrou-se a cruz de pau e com a fôrça do golpe se fez em pedaços, e a imagem (coisa maravilhosa), que não era de metal mais forte, antes mais fraco, ficou tão inteira como se a terra dura, em que caiu, estivera alcatifada de colchões {A00\_0096 revisado - — 72 —,N} ou **cochins** brandos. ANTÓNIO VIEIRA (1925) [1626], *ÂNUA DA PROVÍNCIA DO BRASIL (1926) - CARTA I - AO GERAL DA COMPANHIA DE JESUS - 1626 - SETEMBRO 30* [A00\_0096, p. 72].

Verificamos, desse modo, os traços sêmicos:

S1 – Estofado com material flexível;

S2 – Superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo)

S3 – Encosto para a cabeça;

S4 – Assento.

g) ENXERGÃO

Bluteau (1712-1728), Silva (1789, 1813, 1949-1959), Vieira (1871-1874) e Figueiredo definem **enxergão** como saco, geralmente, cheio de palha e que se coloca por baixo do colchão. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) definem de modo igual, no que se refere à composição e à destinação do enxergão, ressaltando-se que, em vez de utilizarem a designação saco, empregam espécie de colchão grosseiro (FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2009) ou almofadão (HOUAISS, 2009).

Identificamos as variantes constantes nos seguintes excertos do *corpus*:

Oito **enxergões** um de riscado azul avaliado em dois mil, e quatro centos e sete de algodão já usados avaliados em novecentos reis cada um, e todos em oito mil, e setecentos reis [...]. JOAN B.A LUSTOZA (1936) [1791], *CERTIDÃO DOS AUTOS DE SEQUESTRO A QUE SE PROCEDEU NOS BENS DO REVERENDO VIGARIO CARLOS CORRÊA DE TOLEDO E MELLO* [A00\_0226, p. 392].

Elias não chegam para mais, do que para um **enchergão** com o seu travesseiro, dois lençóis de panno grosso de algodão, e uma coberta de baeta azul. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 2.<sup>a</sup> PARTE: *BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO PRIMEIRA: BARCELOS* [A00\_2235, p. 352].

É pertinente anotar que Bluteau (1712-1728) registra enxergão como “cama de pobres”, ou seja, de feitio rústico e menos qualidade:

[...] e inhuma Inspêção, respondeo-me não haver dinheiro, e nem Colxoens: e immediatam.<sup>te</sup> lhe fiz vér a frivola razaõ com ã. se disculpava, pois havia hum grande n.º de **Enxergoens**, maz vazios, e só pendentos de se mandar apanhar hum pouco de Capim para serem cheios [...]. ANTONIO JOZE DA FRANCA E HORTA (1990) [1803], *PARA O EX.MO SNR. LUIZ DE VAZ.COS - Nº 10* [A00\_1107, p. 208].

O colchão, por possuir mais qualidade que o enxergão, é, inclusive, relacionado à “gente branca”, no trecho abaixo:

E ainda além desta panha de que abundam os campos, se fazem arrazoados **colchões**, dos quais se serve muita **gente branca** [...]. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], *DIÁLOGO QUARTO - MANTIMENTOS, TINTAS, HORTALIÇAS, FRUTAS, LÃS, LEGUMES* [A00\_1584, p. 132].

No conjunto dessas acepções, constatamos os semas:

- S1 – Estofado com material flexível;
- S2 – Superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo);
- S8 – Encosto para o corpo;
- S9 – Tamanho grande;
- S10 – Suporte para o colchão;
- S11 – De feitiço grosseiro.

#### h) TRAVESSEIRO

Entre os dicionários consultados, é unânime que **travesseiro** serve para descansar a cabeça. Com exceção de Silva (1789, 1813), todos registram-no como almofada comprida que ocupa a largura da cama, atravessando sua cabeceira (lugar onde fica a cabeça).

Abaixo, transcrevemos do banco de dados um trecho para cada variante encontrada do lexema travesseiro:

[...] vos quero amostrar pelos campos finíssima lã, da qual se puderam aproveitar para panos, dos que se fazem dela, e em fôrros de vestidos, enchimento de colchões, **travesseiros** e almofadas. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], *DIÁLOGO QUARTO - MANTIMENTOS, TINTAS, HORTALIÇAS, FRUTAS, LÃS, LEGUMES* [A00\_1584, p. 132].

[...] quinze adissois que estam a folhas tres na uolta de huà parte e outra das Couzas Seguintes, a Saber huà Caixa de Vinhatiguo, huà **trauisseiro**, Com Sua almofada e fronhas, quatro gardanapos dalgudam, huà tualha da Cabessa, huà Cubertor uelho de papa huà gardanapo mais tres toucadores uelhos dous lenssos uelhos huà rede uZada huà Cofre de framengo uelho pequeno huà palangana de meja Cuzinha, duas toalhas de mãos dous lanssois de pano de linho huà Saja de pano aZul uelha huà Sinta e bassia tudo o sobre dito em ssua aValiassão de Sete mil quatro Sentos e quarenta reis [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (DEZEMBRO DE 1945) [1707], *SENTENSA DE FOLHA DE PARTILHA QUE DEU MANOEL DA MOTTA AOS REUERENDOS PADRES DE SAM BENTTO PERTENÇENTE A ESCRITURA ATRAZ PELLA QUAL CONSTA SER SUA A PROPRIEDADE QUE UENDEO, PERTENÇENTE A SUA M. OR PHELIPA BARBOZA* [A00\_1533, p. 211].

[...] aos de menor esféra consolava, e aos pobres soccorria, deixandolhes debaixo dos **traviceiros** grandes esmolos. SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], *LIVRO SETIMO* [A00\_0573, p. 296].

[...] e quando dormia de noyte fe furffocava, fem poder tomar respiraçaõ, e pelas gingivas lançava de noyte no **traveffeyro** muyto fangue podre [...]. LUIS

GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DO ESCORBUTO, OU MAL DE LOANDA* [B00\_0040, p. 484].

Macela - Cresce em varinhas da grosura de talos de penna de 4 e 5 palmos de altura, e m<sup>to</sup> brandas; as folhas macias, e brancasentas, as flores amarelas, e guardadas m<sup>tos</sup> annos não perdem a côr, e dela se enchem colxões e **traviseiros**: o cozim<sup>to</sup> desta erva hé bom p<sup>a</sup> estender os nervos encolhidos. ANÔNIMO (MUITO PROVAVELMENTE JOSEPH BARBOSA DE SÁA) (1999) [1765], [X]. *NOTICIA DE VARIAS PLANTAS, MADEIRAS E PÁOS Q' SE CONHECEM NO BRAZIL COM A DISTINÇÃO E CIRCUNSTANCIAS Q' PERTENCEM A CADA HÚA DAS SUAS CLASES* [A00\_2217, p. 238].

Sumauma hé huma arvore extraordinariamente alta e grossa que se encontra por diferentes partes do Brazil, ainda nos certoens: o seu fructo semelha-se a hum melão, com a casca rija, cheia de huma lanugem parda e muito macia que se emprega em enchimentos de colchoens e **traveçeiros**, envolvidas na qual ha muitas sementinhas redondas, de côr parda. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1801], *CARTA VIGESIMA* [A00\_0846, p. 747].

O conteúdo sêmico do lexema travesseiro se constitui pelos traços:

- S1 – Estofado com material flexível;
- S2 – Superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo);
- S3 – Encosto para a cabeça;
- S12 – Maior comprimento.

Com os semas listados em cada lexema do microcampo lexical “estofados”, construímos o quadro subsequente:

**Quadro 6** – Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “estofados”.

<b>Semas \ Lexemas</b>	<b>almofada</b>	<b>cabeçal</b>	<b>cabeceira</b>	<b>chumaço</b>	<b>colchão</b>	<b>coxim</b>	<b>enxergão</b>	<b>travesseiro</b>
1 – Estofado com material flexível	+	+	+	+	+	+	+	+
2 – Superfície macia para apoiar-se (alguém ou algo)	+	+	+	+	+	+	+	+
3 – Encosto para a cabeça	+	+	+	+	-	+	-	+
4 – Assento	+	-	-	-	-	+	-	-
5 – Suporte para os joelhos na genuflexão	+	-	-	-	-	-	-	-
6 – Apoio para coser/fazer rendas	+	-	-	-	-	-	-	-
7 – Ornamento	+	-	-	-	-	-	-	-
8 – Encosto para o corpo	-	-	-	-	+	-	+	-
9 – Tamanho grande	-	-	-	-	+	-	+	-
10 – Suporte para o colchão	-	-	-	-	-	-	+	-
11 – De feitio grosseiro	-	-	-	-	-	-	+	-
12 – Maior comprimento	-	-	-	-	-	-	-	+

Org.: elaborado pelo autor.

No *corpus*, constatamos que a maioria das ocorrências dos lexemas do microcampo lexical “estofados”, considerando as variantes, data do século XVIII. Não identificamos as UL cabeceira, chumaço e enxergão anteriormente a esse período. Atestamos almofada, cabeçal, colchão, coxim e travesseiro no século XVII e somente colchão e coxim, no século XVI.

Observamos que as UL cabeçal, cabeceira e chumaço possuem os mesmos semas (S1, S2 e S3). Coxim também compartilha desses traços, acrescentando a finalidade de assento (S4). Essas quatro UL parecem não conservar em uso, ao menos no português geral, as acepções que destacamos no *corpus*. Conquanto cabeçal e chumaço remontem a estágios anteriores ao período contemplado pelo banco de dados do DHPB, conforme registrou Mendes (1962), e coxim date de 1500, a tendência ao desuso dessas UL e de cabeceira é sinalizada pela baixa recorrência em relação às UL almofada e travesseiro, que perduram correntemente na língua portuguesa com a acepção genérica de espécie de estofado com material flexível.

A variedade de traços sêmicos da UL almofada, especialmente no que concerne à função (S3, S4, S5, S6 e S7), aponta uma maior versatilidade em comparação aos demais itens do microcampo. Considerando essa dimensão, a UL travesseiro possui o sema “encosto para a cabeça” (S3) e, na dimensão grandeza física, as obras lexicográficas consultadas definem-no como “almofada comprida” (S12). A propósito, os dicionários não especificam aspectos da grandeza física dos objetos denominados pelos lexemas do microcampo, salvo colchão e enxergão, que apresentam tamanho grande (S9), como evidenciam a estrutura morfológica (com o sufixo aumentativo -ão) e a destinação dos referentes, haja vista que ambos servem de encosto para o corpo (S8).

Interessa assinalar que da UL colchão derivou-se o diminutivo colchonete, vigente no português contemporâneo e cujo significado é um tipo de colchão portátil e flexível. Acerca da UL enxergão, ela passou a denominar, também, o apetrecho para montaria colocado por baixo do arreio, sobre o lombo do animal. No banco de dados do DHPB, identificamos essa acepção relacionada ao significado da UL **xairel**.

O traço refinado, que proporciona o uso ornamental de um objeto, está associado à almofada, pois é a única UL do microcampo que carrega o sema “ornamento” (S7). Nos excertos do *corpus*, vimos a presença da almofada em ritos católicos, para amparo do missal e como apoio para os joelhos na genuflexão, portanto, à semelhança de outros objetos e paramentos eclesiásticos, é comum o primor no feitio. Cooperava para isso o tipo de tecido empregado na confecção, assinalando requinte ou rusticidade. Por exemplo, nos trechos citados do banco de dados, temos almofada de damasco e cabeceira de burel. O damasco é uma fina fazenda de seda com labores e o burel, ao contrário, um pano grosseiro de lã.



#### 4.7 Microcampo lexical “insígnias”

Descrevemos e analisamos os lexemas **auriflama**, **estandarte**, **flâmula**, **galhardete**, **guião** e **pendão**, conformados no microcampo “insígnias” mediante o conteúdo unitário “distintivo de pano”.

Começamos demonstrando que a UL **bandeira**, em face das demais supracitadas, comporta-se como palavra genérica. A partir das definições dos dicionários, compreende-se por **bandeira** uma peça pano, de ordinário retangular, presa a uma haste e que serve de distintivo de uma nação, monarquia, corporação, regimento, instituição religiosa etc. ou para fazer sinais ou, simplesmente, para fins ornamentais. Portanto, engloba uma série de funções. Abaixo, dispomos alguns excertos do *corpus* do DHBP em que a UL **bandeira** aparece, desde 1500, com distintas finalidades, mas sempre fazendo uma alusão simbólica visual, representativa e distintiva:

Eoje que he sexta feira primeiro dia de mayo pola manhã saymos em trra cõ nossa **bandeira** e fomos desenbarcar acjma do rrio contra osul onde nos pareço que serja mjlor cantar a cruz pera seer melhor vista. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00\_0335, fol. 11-12].

Levaram na procissão muitas **bandeiras** que um irmão, bom pintor, lhes fez para aquelle dia, em panno, de boas tintas, e devotas. Um principal velho levava um devoto crucifixo debaixo do pallio. O padre visitador lhes fez todo os officios que se officiam a vozes com seus bradados. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 159].

[...] não sabendo o que era lhes deu uma carga com seis canhões, e mais de quinhentos mosquetes, com que lhes matou e feriu muita gente, até que por todas as partes puzeram **bandeiras** brancas, tirando as de guerra [...]. desconhecido (1885) [1625], *RELAÇÃO VERDADEIRA DE TODO O SUCCEDIDO NA RESTAURAÇÃO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS [...]*. [A00\_0700, p. 516].

Em primeyro lugar foraõ os Irmãos da Irmandade do Santíssimo Sacramento da Santa Sé cõ capas vermelhas debayxo da sua **bandeyra**, & Cruz. DOM SEBASTIÃO MONTEYRO DA VIDE (1720) [1707], *RELAÇAM DA PROCISSAM, & SESSOENS DO SYNODO DIECEFANO, Q SE CELEBROU NA SANTA SÉ METROPOLITANA DA CIDADE DA BAHIA EM 12 DE JUNHO DE DE 1707*. [A00\_2467, p. 600].

No mar, seguindo a Capitania do Conde hum poderoso baixel, que devia ser Cossario, lhe botou **bandeira** de morte com huma caveira; e quando a nossa gente o esperava para o combater, se retirou, como senaõ viera a outro effeito

mais, que a mostrarlhe aquelle sinal. SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], *LIVRO DECIMO* [A00\_0576, p. 421].

O de mayor nome foy o coronel Authim atravessado pelo pescoço de hũa balla, que sem fazer nova chaga, lhe abriu segunda vez a ferida, que recebera na batalha passada no mesmo campo. Entre os despojos forão dez **bandeyras**, e de mayor estimação o Estandarte General. FREI DOMINGOS DE LORETO COUTO (1904) [1757], *LIVRO SEGUNDO - PERNAMBUCO VENCIDO, E GLORIOSAMENTE RESTAURADO / CAP. XI — CONSEGUEM A RESTAURAÇÃO DESTAS PROVÍNCIAS. N. 75.* [A00\_0630, p. 127].

Hua **bandeira** de tafetá azul com sua cruz no meyo de fita branca [...]. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 91].

A todas as nações offerece **bandeira** branca no tope do mastro, e na pôpa a da sua nação, e deve seguir a sua escala de tal modo que tem obrigação de entrar em todos os portos, por onde passar, fundeando debaixo d'artilheria d'alguma fortaleza, d'onde não póde proseguir sem licença. FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES BARATA/ D. FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO (1867) [1799], *DIARIO DA VIAGEM QUE FEZ Á COLONIA HOLLANDEZA DE SURINAM O PORTA-BANDEIRA DA SETIMA COMPANHIA DO REGIMENTO DA* [A00\_0733, p. 159].

Verificamos que A UL **bandeira** recobre hiperonicamente uma variedade de nomes de insígnias cujas especificidades elencamos adiante por meio dos significados apresentados nos dicionários e nos contextos do *corpus*. Dessa forma, definimos o S1, conteúdo unitário do presente microcampo:

S1 – distintivo feito de pano.

#### a) AURIFLAMA

Os dicionários definem **auriflama** como bandeira antiga, espécie de lábaro ou estandarte, pendão farpado, ou seja, com a extremidade guarnecida de pontas, “[...] & nisso se diferenciava do Estandarte Real da França, que era quadrado, & sem farpas na parte inferior [...]” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 678-679, v. 1). De modo mais específico, as definições dão **auriflama** como estandarte vermelho semeado de flores de lis (emblema da realeza francesa) usado pelos antigos reis de França nas guerras. Vieira (1871-1874, p. 662, v. 1) complementa que “A auriflamma era insígnia do protector do mosteiro de Sam Diniz, jazigo dos reis de França [...]”. O trecho da única ocorrência dessa UL no *corpus* do DHPB reflete os aspectos supramencionados:

A Clodoveo, primeiro Rey de França, que recebeo a Fé Catholica, no acto do seu Bautismo mandou do Ceo o oleo, com que se havia de ungir; o Estandarte chamado **Auriflama**, e as flores de Liz, de que elle, e o Reyno de França haviaõ de usar por armas [...]. SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], *LIVRO QUINTO* [A00\_0571, p. 192].

Assim, para **auriflama**, podemos delimitar os semas:

- S1 – distintivo feito de pano;
- S2 – de cor vermelha;
- S3 – farpada;
- S4 – especialmente, relacionada à realeza;
- S5 – levada em guerras.

#### b) ESTANDARTE

Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) remetem a UL **estandarte** a uma bandeira com as armas reais, ou seja, especialmente, relacionada à realeza. Além disso, de acordo com as definições cotejadas, pode ser insígnia de corporação militar, religiosa ou civil, conforme constatamos no banco de dados do DHPB:

De todo o succedido na Restauração da Bahia de todos os Sanctos desde o dia em que partiram as armadas de S. Magestade, até o em que em a dita Cidade foram arvorados seus **estandartes** com grande gloria de Deus, exaltação do Rei e Reino [...]. desconhecido (1885) [1625], *RELAÇÃO VERDADEIRA DE TODO O SUCCEDIDO NA RESTAURAÇÃO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS [...]* [A00\_0700, p. 507].

Este signal do céo seja o farol que sigam as armadas no mar, e este o **estandarte** real, que levem diante dos olhos os exercitos na terra, para que vencedores em um e outro elemento, os vivos levantem os trophéos n'este mundo [...]. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1638], *SERMÃO DA SANTA CRUZ* [A00\_0927, p. 29].

A primeyra diligencia foy arvorar no feu **Eftãdarte** o triumphal Lenho da Cruz, como fe publicâra a Cruzada cõtra os inimigos da Igreja [...]. DOM SEBASTIÃO MONTEYRO DA VIDE (1720) [1707], *CATALAGO DOS BISPOS QUE TEVE O BRASIL ATÉ O ANNO DE 1676* [A00\_2469, p. 14].

Vendo-fe entãõ os Senhores de la Ravardiere, e Racily no dominio pacifico do Maranhãõ, formaraõ novas maquinas para diffimular a notoria violencia do feu procedimento; porque fazendo perfuadir a todos os Indios pelos seus interpretes, que para melhor fe affegurarem na protecção da França deviaõ

procurar, que o Real **Eftandarte** da Nação foffe por elles arvorado naquelle mefmo lítio [...]. BERNARDO PEREIRA DE BERREDO. (1749) [1718], *ANNAES HISTORICOS DO ESTADO DO MARANHÃO - LIVRO II* [A00\_2514, p. 68].

Proveo que dentro da dita casa do conselho tivessem a arca de 3 chaves [...]: dentro nella se guardarão os livros e papeis pertencentes ao conselho, o **estandarte** e mais cousas da Camera [...]. RAPHAEL PIRES PARDINHO (OUVIDOR) MANOEL DE MIRANDA FREIRE (ESCRIVÃO) (1921) [1721], *AUTOS DE PROVIMENTOS DE CORREIÇÕES* [M00\_0002, p. 18].

Como em todas estas funssoes' em que a Camera sai fora, com o Real **Estendarte**, tem obrigaçao' os Republicanos que assistem huma Legua distantes da villa, de acompanhar. FRANCISCO CAETANO BORGES [1753], *ESTATUTOS MUNICIPAIS OU POSTURAS DA CÂMARA DA VILA BELA*. [M00\_0050, fol. 3].

Em outras conquistas arvoráraõ os Portuguezes os **eftendartes** da Fé com immortal Resíduos seiscentistas em Minas [...]. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *TRIUNFO EUCHARISTICO* [B00\_0019, p. 11].

Temos, então, os semas:

S1 – distintivo feito de pano;

S4 – especialmente, relacionado à realeza;

S5 – levado em guerras.

### c) FLÂMULA

A UL **flâmula**, os dicionários definem como bandeira pequena, estreita, comprida e cortada a modo de chama ou farpada, geralmente, içada em embarcações como ornamento ou para dar algum sinal. Percebemos tais aspectos nos seguintes excertos do *corpus*:

Divisavam-se as bandeiras holandesas, **flâmulas** e estandartes que, ondeando das antenas e mastaréis mais altos, desciam até varrer o mar com tanta majestade e graça que, a quem se não temera, podiam fazer uma alegre e formosa vista. ANTÔNIO VIEIRA (1925) [1626], *ÂNUA DA PROVÍNCIA DO BRASIL (1926) - CARTA I - AO GERAL DA COMPANHIA DE JESUS - 1626 - SETEMBRO 30* [A00\_0096, p. 14].

Amanheceu o dia 1 de setembro da nossa partida para Mato Grosso e de dia partimos embarcados nas nossas canoas, que eram em número de seis, sendo a primeira a dos capitães-engenheiros, na qual vai o comandante da expedição, ou tropa dela, Ricardo Franco de Almeida Serra, sendo a sexta e última a nossa, com sua bandeira larga e **flâmula** verde, cobrindo esta pequena retaguarda. ANTÔNIO PIRES DA SILVA PONTES (1964) [1781], *III - DOCUMENTOS - 5. DIÁRIO HISTÓRICO E FÍSICO DA VIAGEM DOS*

*OFICIAIS DA DEMARCAÇÃO QUE PARTIRAM DO QUARTEL GENERAL DE BARCELOS PARA A CAPITAL DE VILA BELA DA CAPITANIA DE MATO GROSSO [...]. [A00\_1138, p. 344].*

Dessa forma, delimitamos os semas:

S1 – S1 – distintivo feito de pano;

S3 – farpada;

S6 – pequena;

S7 – estreita e comprida;

S8 – içada em embarcações.

#### d) GALHARDETE

A partir do cotejo lexicográfico, percebemos que as definições de **galhardete** são semelhantes às de flâmula. Tal semelhança é ratificada nos seguintes excertos da UL no banco de dados do DHPB:

Começaram a canhonear ao inimigo fazendo-lhe grande damno em terra e nos seus navios; elles tambem dispararam de seus baluartes e navios, armando muitas bandeiras, **galhardetes**, porque sabiam, que não podiamos chegar lá com as nossas náos por estarem as suas quasi em secco, mas não nos offendeu com sua artilharia. desconhecido (1885) [1625], *RELAÇÃO VERDADEIRA DE TODO O SUCCEDIDO NA RESTAURAÇÃO DA BAHIA DE TODOS OS SANTOS [...]. [A00\_0700, p. 512].*

O que achar fundo, ou vir terra, tire huã pella; ponhalhe a proa, & hum **galhardete** na fobrefevadeira; & outro na mefena. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR [A00\_2496, p. 54-55].*

Depois da trabalhosa navegação de quatro dias com o continuo furto de hirem tocando as embarcações quasi todas as horas, até chegarem algumas vezes a ficar em fecho encalhadas no lodo, entraraõ todas no mar de Guaxenduba em 26 de Outubro; e cheyos de viftosfos pavezes, e **galhardetes**, taõ soberbamente fe oftentaraõ defronte da Ilha do Maranhãõ, que atemorizados os feus moradores de huma tal novidade [...]. BERNARDO PEREIRA DE BERREDO. (1749) [1718], *ANNAES HISTORICOS DO ESTADO DO MARANHAÕ - LIVRO III [A00\_2515, p. 104].*

Assim, constatamos os semas:

S1 – distintivo feito de pano;

S3 – farpado;

S6 – pequeno;

S7 – estreito e comprido;

S8 – içado em embarcações.

#### e) GUIÃO

Nas definições da UL **guião**, há duas funções principais referenciadas: bandeira que se portava na guerra à frente das tropas e bandeira que se levava no princípio das procissões. No banco de dados do DHPB, identificamos tais usos:

Casando uma moça honrada com um viannez, que são os principaes da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo carmesim, outros de verde, e outros de damasco e outras sedas de várias côres, e os **guiões** e sellas dos cavallos eram das mesmas sedas que iam vestidos. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 164].

[...] e o general deo regimento a todos do que havião de fazer, repartio as campanhas, e ordenou que hum dos **guiões** de cavallos aos dias por evitar competencias fosse na vanguarda, outro na retaguarda, e o terceiro na batalha, onde elle ia [...]. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO QUARTO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU MANOEL TELLES BARRETO ATHE A VINDA DO GOVERNADOR GASPARE DE SOUZA - CAPITULO SEXTO [...]*. [A00\_2042, p. 118].

Huá manga de cruz de Damasco branco, e encarnado velhissima, e já não serve. Outra de revão [?] com franjas de algodão do mesmo modo. Outra de seda guarneçada de fita branca. Hum **guião** de tafetá vermelho, velhissimo. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 91].

[...] delle pegou em hum vereador do anno passado eempurrou comobraço dizendo em altas vozes que se fosse com o **Guião** da Camara que levava para (Pg. 39) diante com penna de ascomunhaõ maior eofez hir assim entimidado para onde hiaõ as bandeiras e insignias [...]. desconhecido (JANEIRO DE 1951) [1643], *CARTA QUE SEFEZ ASUA / MAGESTADE EM 21 DE ABRIL OS OFFICIAES DACAMARA QUE / NESTE TEMPO SERVEM*. [A00\_2127, p. 19].

Seguia fe o **guião** da Irmandade do Santíssimo, de damasco carmesim franjado de ouro; nelle em huma primorosa tarje bordada huma custodia. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO [...]*. [B00\_0020, p. 96].

Dessa forma, delimitamos os seguintes semas:

S1 – distintivo feito de pano;

S5 – levado em guerras;

S9 – levado em procissões.

#### f) PENDÃO

A UL **pendão** é referida nos dicionários como espécie de guião farpado<sup>66</sup>, que levavam as irmandades nas procissões e, ainda, bandeira de guerra. Portanto, possui descrições semelhantes às de **guião**, excetuando que, nas definições desse, não há a característica de ser farpado. Vejamos algumas ocorrências em excertos do *corpus*:

Saímos da nossa igreja à uma hora. Levamos adiante um grande **pendão** branco com a imagem do santo Padre Inácio, que leva algum índio principal das aldeias, se o há na cidade, ou se não outro de respeito. ANTÔNIO VIEIRA (1925) [1653], *CARTA LXIV - AO PROVINCIAL DO BRASIL 1653 — MAIO 22* [A00\_0156, p. 350].

O **pendão** das procissões é de tafetá branco, já muito usado; exibem além d'elle 2 mangas de cruz, branca e rôxa [...]. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], *1.ª PARTE: ALTO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO QUINTA: DE SANTA ISABEL A SÃO GABRIEL* [A00\_2229, p. 159].

Para a UL **pendão**, distinguimos os semas:

S1 – distintivo feito de pano;

S3 – farpado;

S5 – levado em guerras;

S9 – levado em procissões.

Com os semas listados para cada lexema do microcampo lexical “insígnias”, construimos o quadro subsequente:

---

<sup>66</sup> Com extremidade guarnecida de pontas.

**Quadro 7** – Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “insígnias”.

<b>Lexemas</b> <b>Semas</b>	<b>auriflama</b>	<b>estandarte</b>	<b>flâmula</b>	<b>galhardete</b>	<b>guião</b>	<b>pendão</b>
1 – distintivo feito de pano;	+	+	+	+	+	+
2 – de cor vermelha	+	-	-	-	-	-
3 – farpado(a)	+	-	+	+	-	+
4 – especialmente, relacionado(a) à realeza	+	+	-	-	-	-
5 – levado(a) em guerras	+	+	-	-	+	+
6 – pequeno(a)	-	-	+	+	-	-
7 – estreito(a) e comprido(a)	-	-	+	+	-	-
8 – içado(a) em embarcações	-	-	+	+	-	-
9 – levado(a) em procissões	-	-	-	-	+	+

Org.: elaborado pelo autor.



Esta análise sêmica se baseia nas características mais gerais e recorrentes e, assim, não estabelece sememas estáticos e definitivos para os lexemas considerados. Por exemplo, **bandeira** possui significado abrangente, podendo o referente ter diversas cores, a depender do que representa/simboliza, ser farpado ou não. O S2 (de cor vermelha) é uma peculiaridade do lexema **auriflama**. Do mesmo modo, o S3 (farpado(a)) é uma especificidade da **auriflama** e do **pendão**.

**Auriflama** e **estandarte** são as UL em que a relação com a realza foi notória. Inclusive, é possível estabelecer um grau dessa relação, sendo a primeira, em particular, representativa dos antigos reis de França e a segunda, além de estar atrelada a uma monarquia, pode ser insígnia de uma corporação militar, religiosa, entre outras. Dessa forma, toda **auriflama** é um **estandarte**, mas nem todo **estandarte** é uma **auriflama**.

A **flâmula** e o **galhardete** são mais usualmente içados em embarcações. Todavia, nada impede que os demais itens do campo também o sejam. Com isso, demonstramos que os campos lexicais aqui descritos não figuram semas fixos e imutáveis, porquanto a língua está em constante mudança, é dinâmica – sobretudo, no nível lexical – em virtude da sociedade, também mutável, com suas maneiras de (re)organizar o mundo.

O significado da UL **auriflama** – lat. med. *aurea flamma*: chama dourada – demonstra estreita relação entre o significado literal latino e o referente denominado, que, por ser de cor vermelha, com flores de lis douradas e farpado na extremidade, assemelha-se a uma chama dourada. O significado da UL **flâmula** – lat. *flammula*: pequena chama –, embora não especifique cor e emblemas específicos, contém os semas farpada, pequena e estreita e comprida. Assim, o referente denominado flâmula, ao movimento do vento, também remete ao fogo. A propósito, o S6 (pequeno) está expresso no sufixo **-ula** (do lat. *-ŭla*), formador de diminutivos no português, por exemplo, nas palavras célula e gotícula (HOUAISS, 2009). A UL **galhardete** também contém o S6 e, considerando a formação na língua portuguesa (galhardo + -ete), há um sufixo indicador de pequenez, como nas palavras palacete, ramalhete e bloquete.

As UL **guião** e **pendão** distinguem-se pela ausência do S3 (farpado(a)) no semema da primeira. Ambas destinam-se a encabeçar tropas de guerra ou procissões. O **guião** “[...] se leva diante do Príncipe, ou do General, & que em certo modo guiava aos mais no exercito” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 156, v. 4).

#### 4.8 Microcampo lexical “jaezes”

Descrevemos e analisamos os lexemas **albarda**, **alforje**, **atafal**, **gualdrapa**, **taliz** e **xairel**, englobados no microcampo “jaezes” mediante o conteúdo unitário “aparelhamento para cavalgadas”.

A denominação do microcampo é registrada no plural **jaezes** em Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813), significando o aparelhamento (sela, freio, peitoral etc.) e mais adornos para cavalgadas. Bluteau (1712-1728, p. 7, v. 4) distingue **jaezes** de **arreios**, sendo esses “[...] de maior estimação, & com maior primor, que *Arreios*, que são adereços ordinarios”. Contudo, aqui, tomamos o significado dado por Houaiss (2009), a saber: “conjunto das peças que permite o cavalgamento de montarias ou o trabalho do animal de carga ou de tração”, de modo que, nesse campo lexical, abarcamos tanto as peças básicas quanto as acessórias em que se empregam tecidos.

Abaixo, dispomos alguns excertos do *corpus* do DHPB com ocorrências da UL **jaezes**:

Na cidade do Salvador e seu termo ha muitos moradores ricos de fazendas de raiz, peças de prata e ouro, **jaezes** de cavallos, e alfaias de casa [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *DESCRIÇÃO TOPOGRAPHICA DA BAHIA (PARTE SEGUNDA -TITULO 2)*. [A00\_0178, p. 141-142].

[...] e os ditos **jaezes** são gala, e ornato dedicado só às suas maiores festas, e solemnes aparatos. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE SEGUNDA - CAP. 2º - DA SUA CREAÇÃO E DESPREZO DAS RIQUEZAS*. [A00\_1833, p. 206].

Vinhaõ em cavallos brancos de **jaezes** de berne tocando trombetas, de que pendiaõ estendartes de seda branca com huma custodia pintada. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO PARA HUM NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO PILLAR MATRIS, E PROPRIA MORADA DO DIVINO SACRAMENTO EM VILLA RICA, CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS. AOS 24 DE MAYO DE 1733*. [B00\_0020, p. 96].

Dessa forma, chegamos ao S1, arquissemema do microcampo “jaezes”:

S1 – aparelhamento para cavalgadas.

## a) ALBARDA

Os dicionários definem a UL **albarda** como estofado de palha ou sela grosseira que se sobpõe ao seladouro de bestas de carga. Vieira (1871-1874, p. 269, v. 1) apresenta uma definição mais completa: “Especie de sella feita de um panno grosseiro ou lona, cheia usualmente de palha; põe-se sobre o lombo das bestas para que a carga as não magôe, e ao mesmo tempo para equilibra-la; prende com uma cilha e com atafal”. Do *corpus* do DHPB, destacamos as ocorrências a seguir:

Nem lhe(s) tomem coisa alguma contra sua vontade de casas, adegas, estrebarias, nem roupa de cama, alfaias, bestas de cela ou de **albarda**, nem carruagens, nem seus obreiros para nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição que seja. JOÃO DA COSTA AZEVEDO. (2004) [1776], III - OUTROS MANUSCRITOS - REGISTRO DA NOMEAÇÃO DE MAMPOSTEIRO DA BULA DESTA CIDADE PASSADA A DOMINGOS FERNANDES DE CARVALHO, PELA QUAL SE MOSTRA SER O MAMPOSTEIRO E COMO TAMBÉM OS PRIVILÉGIOS QUE GOZA. [A00\_0812, p. 245].

[...] várias bestas cada dia vemos, que o sino congrega, Caveira mula galega, o Deão burrinha parda, Pereira besta de **albarda**, tudo para a Sé se agrega. GREGÓRIO DE MATOS GUERRA (1992) [séc. XVII], CRÔNICA DO VIVER BAIANO SEISCENTISTA / II - OS HOMENS BONS / 4 - A NOSSA SÉ DA BAHIA / AOS CAPITULARES DO SEU TEMPO. [A00\_1040, p. 195].

Com base nessas informações, constatamos os semas:

- S1 – aparelhamento para cavalgadas;
- S2 – sela rudimentar;
- S3 – enchumaçada;
- S4 – superposta ao lombo;
- S5 – usualmente, para bestas de carga.

## b) ALFORJE

Segundo Bluteau (1712-1728, p. 246, v. 1), a UL **alforje** diz respeito a: “[...] huma especie de sacola de couro, ou de outra materia dividida em duas algibeiras, em que se mete alguma provisãõ necessaria para a jornada, & nas bestas se poem nas ancas, ou de huma, &

outra parte do arção da sela, & na gente de pé se carrega nos ombros cõ hua parte ao peito, & outras às costas”.

Portanto, usa-se em alguma parte da sela, sobre o arção, ou nas ancas das bestas e, também, nos ombros de pessoas. Os demais dicionários reiteram a definição supracitada. Vejamos, então, alguns trechos do *corpus* em que aparece a UL **alforje** e a variante **alforge**:

Tambem vos digo carissimos Irmãos que nam basta com qualquer feruor sahir de Coimbra: se nam que he necessario trazer 135 **alforje** cheo de virtudes acquiridas [...]. IR. JOSÉ DE ANCHIETA (1956) [1555], *CARTA DO IR. JOSÉ DE ANCHIETA AOS IRMÃOS ENFERMOS DE COIMBRA, SÃO VICENTE 20 DE MARÇO 1555*. [A00\_0013, p. 161].

Se com isto visseis sua affabilidade, alegria espiritual, & charidade dentro & fora de caza; se visseis seus compridos caminhos com poucos **alforjes** & borsoletes, porque a sua mula não pode com elles,,ainda que vazios [...]. P. AMBRÓSIO PIRES (1956) [1555], *CARTA DO P. AMBRÓSIO PIRES [AO P. DIEGO MIRÓN], PORTO SEGURO [PRIMEIROS MESES] 1555*. [A00\_0012, p. 150].

Foi assim que tambem o nosso viatico se reduziu ao summamente necessario; quero dizer a uma pouca de farinha, quanta se pôde accomodar em dois pequenos **alforjes**, para se transportarem ás costas de dois pretos. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA. (1874) [1790], *VIAGEM À GRUTA DAS ONÇAS, PELO DR. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA*. [A00\_0703, p. 90].

Desta feita, definimos os seguintes semas:

- S1 – aparelhamento para cavalgaduras;
- S6 – saco duplo;
- S7 – superposto às ancas;
- S8 – superposto ao arção da sela;
- S9 – superposto aos ombros de pessoas;
- S10 – para transportar provisões.

#### c) ATAFAL

Conforme os dicionários, a UL **atafal** significa cinta larga, geralmente, franjada, que rodeia a anca das bestas de carga, por baixo da cauda. Nas palavras de Bluteau (1712-1728, p. 211, v. 1), é uma “cinta larga de panno de cõr, que as bestas leuãõ por baxo do rabo pelas pernas, preza á albarda de ambas as ilhargas, para ella naõ correr adiante; & tem outra cinta mais

delgada, que atravessa a anca da besta, & prende nas pontas da primeyra”. No banco de dados do DHPB, identificamos somente uma ocorrência da UL **atafal**:

[...] outros fazem cingulos, que cingem na cintura, e arremedam bastantemente os **atafaes** de furta cores dos almocreves [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE SEGUNDA - CAP. 2º - DA SUA CREAÇÃO E DESPREZO DAS RIQUEZAS*. [A00\_1833, p. 206].

Assim, para a UL **atafal**, delimitamos os semas:

- S1 – aparelhamento para cavalgaduras;
- S5 – usualmente, para bestas de carga;
- S11 – cinta presa à albarda;
- S12 – passa por baixo da cauda;
- S13 – rodeia a anca.

#### d) GUALDRAPA

Conforme o cotejo lexicográfico, a UL **gualdrapa** consiste em manta ou pano longo posto em torno ou debaixo da sela, pendendo aos lados, “[...] para ornato, como para guardar o cavaleiro dos salpicos de lodo, do suor, & pelo da besta” (BLUTEU, 1712-1728). Segue trecho do *corpus* com a única ocorrência encontrada:

Sobre todos apparecia o desembargador Ouvidor geral do crime; os arreios de seu vistoso cavallo erão de prata dourada, de velludo escarlate e franjas de ouro as **gualdrapas** e os estribos dos arreios. desconhecido [séc. XVIII], *MEMORIA. DO EXITO QUE TEVE A CONJURAÇÃO DE MINAS E DOS FACTOS RELATIVOS A ELLA. ACONTECIDOS NESTA CIDADE DO RIO DE JANEIRO DESDE O DIA 17 ATÉ 26 DE ABRIL DE 1792*. [B00\_0016, p. 241].

Desta feita, temos os semas:

- S1 – aparelhamento para cavalgaduras;
- S14 – rodeia a sela;
- S15 – sobposta à sela;
- S16 – pendente aos lados;
- S17 – proteção do cavaleiro contra sujidades.

## e) TELIZ

No banco de dados encontramos a UL **taliz**. Os dicionários contêm a entrada **teliz** (VOLP), tratando-se de pano que cobre a sela enquanto o cavaleiro está apeado, geralmente, bordado com as insígnias e armas dele, o que demonstra ser uma peça usada por nobres. Bluteau (1712-1728, p. 69, v. 8) diz que “he o panno com que se cobre a sella do cavallo, quando apea o Principe, ou o Fidalgo”. Segue o trecho do *corpus* em que registramos a única ocorrência. O contexto deixa patente o emprego de bordados na peça.

Se se guardar esta igualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro e soldado de fortuna, que tambem para elle se fizeram os grandes postos, se os merecer ; e animados com este pensamento, os de que hoje se não faz caso, serão leões, e farão maravilhas : que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como talvez debaixo dos **taliz** bordados anda doirada a cobardia. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1653], 1.º *SERMÃO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA*: [A00\_1065, p. 339].

Assim, constatamos os semas:

S1 – aparelhamento para cavalgaduras;

S18 – superposto à sela;

S19 – distintivo;

## f) XAIREL

No banco de dados do DHPB, identificamos as variantes **xairel** (conforme o VOLP) e **charel**, consistindo, a partir do cotejo lexicográfico, na peça de pano ou de couro que se cobre a cavalgadura do arção<sup>67</sup> traseiro até as ancas. De acordo com Bluteau (1712-1728, p. 277, v. 2), **charel** “he um panno, q se assenta nas cadeiras do cavallo de hu Ilhal a outro, para livrar do suor as malhas, capòtes, cazacas, & couras”. Vejamos as ocorrências em trechos do banco de dados do DHPB:

[...] a fella taõ rica , que não fe sabe segunda no Brafil , sobre velludo verde bordada de ouro : o **xairel**, e bolças imitavaõ a fella na materia , e artificio ; os arreyos eraõ do mesmo [...]. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA*

<sup>67</sup> “armação da sela de montaria, de madeira revestida de couro, formada por uma arcada na dianteira e outra na traseira” (HOUAISS, 2009).

*SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO PARA HUM NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO PILLAR MATRIS, E PROPRIA MORADA DO DIVINO SACRAMENTO EM VILLA RICA, CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS. AOS 24 DE MAYO DE 1733. [B00\_0020, p. 61].*

Ha duas companhias regulares, que fazem a guarda dos Srs. Vice-Reis, as quaes achei armadas cada uma por seu differente modo, esta mesma ordem seguiam nos **chareis** e arreios dos seus cavallos, por se conservar cada um com o uniforme que lhe deram os dous Srs. Vice-Reis, que em differentes tempos as crearam, que fomos Srs. Condes da Cunha e Azambuja. MARQUEZ DO LAVRADIO (1863) [1799], *RELATORIO DO MARQUEZ DE LAVRADIO, VICE-REI DO RIO DE JANEIRO, ENTREGANDO O GOVERNO A LUIZ DE VASCONCELLOS E SOUSA, QUE O SUCCEDEU NO VICE-REINADO. [A00\_0851, p. 429].*

Para UL **xairel**, delimitamos os semas:

S1 – aparelhamento para cavalgaduras;

S7 – superposto às ancas;

S17 – proteção do cavaleiro contra sujidades.

A partir dos semas listados em cada lexema do microcampo lexical “jaezes”, elaboramos o quadro subsequente:

**Quadro 8** – Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “jaezes”.

<b>Semas</b> \ <b>Lexemas</b>	<b>albarda</b>	<b>alforje</b>	<b>atafal</b>	<b>gualdrapa</b>	<b>taliz</b>	<b>xairel</b>
1 – aparelhamento para cavalgaduras	+	+	+	+	+	+
2 – sela rudimentar	+	-	-	-	-	-
3 – enchumaçada	+	-	-	-	-	-
4 – superposta ao lombo	+	-	-	-	-	-
5 – usualmente, para bestas de carga	+	-	+	-	-	-
6 – saco duplo	-	+	-	-	-	-
7 – superposto às ancas	-	+	-	-	-	+
8 – superposto ao arção da sela	-	+	-	-	-	-
9 – superposto aos ombros de pessoas	-	+	-	-	-	-
10 – para transportar provisões	-	+	-	-	-	-
11 – cinta presa à albarda	-	-	+	-	-	-
12 – passa por baixo da cauda	-	-	+	-	-	-
13 – rodeia a anca	-	-	+	-	-	-
14 – rodeia a sela	-	-	-	+	-	-
15 – sobposta à sela	-	-	-	+	-	-
16 – pendente aos lados	-	-	-	+	-	-
17 – proteção do cavaleiro contra sujidades	-	-	-	+	-	+
18 – superposto à sela	-	-	-	-	+	-
19 – distintivo	-	-	-	-	+	-

Org.: elaborado pelo autor.

Constatamos que as palavras do microcampo “jaezes”, incluindo esse arquilexema, são substantivos primitivos que, em maioria, constituem arabismos. Consultando as informações etimológicas<sup>68</sup> registradas em Houaiss (2009), temos: **jaez**, do “ár. *djahāz* 'provisões, conjunto de peças’”; **albarda**, do “ár. *al-bardaḤā* ou *al-bardaḤa* 'cobertura cheia de palha que se põe nas bestas de carga’”; **alforje**, do “ár. *al-khurj* 'saco que se leva ao lado, na sela’”; **atafal**, do “ár. *tafr* 'retranca do arreio, rabicho da sela’”; **gualdrapa**, do “esp. gualdrapa 'cobertura grande de seda ou lã, que cobre e adorna as ancas da mula ou do cavalo', de orig. obsc.’”; **teliz**, do “lat. *trīlix*, *īcis* 'tecido de três fios', segundo Nascentes, sob infl. do ár. *tillīs* 'tecido us. sobre a sela’”

<sup>68</sup> Vale a consulta ao texto “Los arabismos y otras voces medio-orientales del *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*” de Federico Corriente (2013), em que o autor comenta criticamente os erros de maior vulto nos étimos atribuídos por essa obra lexicográfica, especialmente, aos arabismos. Entre eles, Corriente (2013) trata das unidades lexicais **albarda**, **atafal**, **teliz** e **xairel**.



e **xairel**, do “ár. *djilā* 'id.”. Portanto, com exceção de **gualdrapa**<sup>69</sup> e **teliz**, as palavras do microcampo “jazes”, provavelmente, provêm do árabe, o que demonstra que nesse campo, qual seja o dos artigos para cavalgadura, as línguas europeias carregam evidentes marcas dos momentos de contato intercultural, quando constituíam adstratos distintas variedades do árabe, romances ibéricos e o latim (CASTRO, 2006).

Ao versar sobre o aparelhamento usado por cavaleiros cristãos e mulçumanos na Península Ibérica, Franklin Pereira (2008, p. 108) diz que esse território, no Medievo, foi palco do confronto entre duas escolas hípicas de destaque: “[...] a monta à jineta, introduzida no al-Andalus a partir da vinda de berberes para o exército califal, e a monta à brida, identificada com o exército cristão nortenho”. De acordo com o autor, cada tipo exige diferentes apetrechos para o cavalo e para o cavaleiro. Acredita que a sela portuguesa tradicional provém da sela à jineta, ou seja, herdada dos mouros. Linguisticamente, notamos que, nesse campo, os arabismos se sobressaem.

Convém registrar que, embora não se integre no presente microcampo, a UL **manta** apresenta acepções de peça de lã grossa para cobrir albardas (BLUTEAU, 1712-1728); pano de lã ou de linho que se sobpõe à sela (VIEIRA, 1871-1874; SILVA, 1949-1959); pano de lã que se assenta sobre a sela (HOUAISS, 2009) e xairel de lã (FIGUEIREDO, 1899; FERREIRA, 2004). No banco de dados do DHPB não localizamos essas acepções para a UL **manta** e, por essa razão, não a incluímos no microcampo “jazes”.

#### 4.9 Microcampo lexical “roupas de cama”

Na presente subseção, descrevemos e analisamos os lexemas **coberta**, **cobertor**, **cobertor de papa**, **colcha**, **fronha**, **godrim**, **lençol** e **manta**, conformados no microcampo “roupas de cama” mediante o conteúdo unitário “peça de tecido usada na cama”.

---

<sup>69</sup> Houaiss (2009) considera que **gualdrapa** provém do espanhol, mas tem origem obscura. Pezzi (1984, p. 146, grifos no original), em seu trabalho sobre palavras de origem árabe, acrescenta que “para *gualdrapa* también he propuesto ya un étimo árabe a partir de la locución “*yald dabr*” (a través de una metátesis en *galdraba* o \**galdraba* o \**waldrapa*), es decir, “cuero de *dabr*”, especie de cuero recio, que servía para revestir, uniendo trozos pequeños y ensamblados, con los que se formaba una superficie semejante a las escamas, muy resistente a la penetración de un arma.”

## a) COBERTA

Nos dicionários consultados, a UL **coberta** ou **cuperta** é definida, genericamente, como aquilo que serve para cobrir alguma coisa. Com exceção de Figueiredo (1899), os dicionários reportam à *coberta/cuberta de cama* – peça de pano que vai por cima dos lençóis e que se cobre o leito. Apresentamos alguns excertos do banco de dados do DHPB nos quais há ocorrência da palavra:

[...] nenhuma destas tres religiosos não tem manto muitos não tem **Cubertas** pois as desfizerão para fazer **Cubertas** e assim se sua Mag.<sup>de</sup> não ha de mandar dar burel aos frades que estão nas Aldeas [...]. FR CHRISTOVÃO DE LISBOA (1906) [1626], VII. - *DIVERSOS DOCUMENTOS SOBRE O MARANHÃO E O PARÁ: 15. TRÊS CARTAS DE FR. CHRISTOVÃO DE LISBOA (2 DE OUTUBRO DE 1626, 2 E 20 DE JANEIRO DE 1627)*. [A00\_0591, p. 399].

Tinham desenove ranchos, todos redondos, bastantemente altos, e cobertos de palmito, com uns buracos juntos ao chão em lugar de portas: em cada um destes viviam 20 e 30 casaes juntos, as camas eram uns cestos de buritis que lhes serviam de colchão e **cobertas** [...] JOSÉ PEIXOTO DA SILVA BRAGA (1982) [1722], *A BANDEIRA DO ANHANGUÉRA A GOYAS EM 1722, SEGUNDO JOSÉ PEIXOTO DA SILVA BRAGA* [M00\_0044, p. 16].

Elias não chegam para mais, do que para um enchergão com o seu travesseiro, dois lençoes de panno grosso de algodão, e uma **coberta** de baeta azul. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 2.<sup>a</sup> PARTE: *BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO PRIMEIRA: BARCELOS* [A00\_2235, p. 352].

Assim, definimos os semas:

- S1 – peça de tecido usada na cama;
- S2 – cobre o leito;
- S3 – sobrepõe-se aos lençóis.

## b) COBERTOR

De acordo com o cotejo lexicográfico, a UL **cobertor** é o pano que se cobre a cama por cima dos lençóis ou, ainda, que se agasalha o corpo na cama. Quanto às características, define-se como pano encorpado, de lã ou algodão e de fio grosso e felpudo. Vejamos alguns trechos do *corpus* em que aparece essa UL:

Todo este gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficão nellas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como no ar, e não tem outros **cobertores** nem roupa, sempre no verão e inverno tem fogo debaixo [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585], *II - DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS DO BRASIL - E DE SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO E CEREMONIAS*. [A00\_0750, p. 89].

[...] e nos seus sítios andam sempre muito a fresca, e frescos tão bem dormem em suas maquiras, ou redes, sem mais lençoes, ou **cobertores**, camas muito usadas dos brancos a imitação dos naturaes tapuias, e na verdade para aquele Estado são óptimas por frescas e ligeiras. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE PRIMEIRA - CAP. 9º - DO CLIMA E SAUDÁVEIS ARES DO MESMO RIO*. [A00\_1811, p. 55].

Dessa forma, temos os seguintes semas:

- S1 – peça de tecido usada na cama;
- S2 – cobre o leito;
- S3 – sobrepõe-se aos lençóis;
- S4 – mais encorpado.

#### c) COBERTOR DE PAPA

Dos dicionários utilizados, apenas Silva (1949-1959, p. 206, v. 3) registra a entrada **cobertor de papa**, definindo-a como “[...] um cobertor de lã felpuda, muito usado entre o povo [...]”. Os demais fazem referência, em subentrada, ao **cobertor de papa** na entrada **papa**: espécie de lã basta, isto é, encorpada, densa, felpuda, pesada e quente. No banco de dados do DHPB, localizamos as seguintes ocorrências:

[...] poderão as ditas freiras usar | de Camizas Lençoes Travesseiros de linho colxoes de Iam **Cobertores depapa** Sarafina ou outra | qualquer Couza semelhante [...]. JERONIMO ROGERO (1944) [1676], *ASSENTO QUE SETOMOU EMTRE OS OFICIAIS DACAMERA / EO REVERENDO PADRE FREY ANTONIO DAPENHA DE FRAMSA / RELIGIOSO DOS AGOSTINHOS DESCALSOS*. [A00\_1360, p. 190].

[...]. huà tualha da Cabessa, hù **Cubertor** uelho **de papa** hù gardanapo mais tres toucadores uelhos [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (DEZEMBRO DE 1945) [1707], *SENTENSA DE FOLHA DE PARTILHA QUE DEU MANOEL DA MOTTA AOS REUERENDOS PADRES DE SAM BENTTO PERTENÇENTE A ESCRITURA ATRAZ PELLA QUAL CONSTA SER SUA A PROPRIEDADE QUE UENDEO, PERTENÇENTE A SUA M.OR PHELIPA BARBOZA*. [A00\_1533, p. 211].

[...] tendo os pés dentro no tal cofimento , em roda de fi hum capote de duas baetas, para que o ar lhe não defte, ou hum **cobertor de papa** [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS SEGREDOS, OU REMEDIOS PARTICULARES, QUE O AUTOR FAZ MANIFEJLOS PARA UTILIDADE DO BEM COMMUM*. B00\_0034, p. 325].

Assim, para a UL **cobertor de papa**, definimos os semas:

- S1 – peça de tecido usada na cama;
- S2 – cobre o leito;
- S3 – sobrepõe-se aos lençóis;
- S4 – mais encorpado;
- S5 – feito de lã basta.

#### d) COLCHA

A UL **colcha** é definida nos dicionários como coberta de cama estampada ou com labores e, geralmente, estofada, isto é, com embutidos de substância flexível, como o algodão. Vejamos alguns exemplos em contexto nos excertos do banco de dados do DHPB:

[...] com tão grandes gastos que não saberei contar, porque deixando á parte os grandes banquetes de extraordinarias iguarias, o agasalhavam em leitos de damasco carmesim, franjados de ouro, e ricas **colchas** da India (mas o padre usava de sua rede como costumava). PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 161].

Custosos pavilhões, dourados leitos, E **colchas** matizadas não se encontram Na casa mal provida de um Poeta [...]. TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (2000) [séc. XVIII], *CARTA 2a*. [A00\_1214, p. 66].

Com base nessas informações, constatamos os semas:

- S1 – peça de tecido usada na cama;
- S2 – cobre o leito;
- S3 – sobrepõe-se aos lençóis;
- S4 – mais encorpado;
- S6 – com labores;

S7 – estampado;

S8 – estofado.

#### e) FRONHA

Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) definem **fronha** como o saco que imediatamente contém a lã ou pena do travesseiro. Os outros dicionários, além dessa acepção, registram **fronha** como peça que envolve e resguarda o travesseiro ou a almofada da cama. Portanto, uma capa na qual se introduz o saco cheio de matéria flexível (algodão, palha, penas etc.). Do *corpus* do DHPB, destacamos os trechos abaixo em que a palavra aparece:

[...] quinZe adissois que estam a folhas tres na uolta de huà parte e outra das Couzas Seguintes, a Saber huà Caixa de Vinhatiguo, hù trauisseiro, Com Sua almofada e **fronhas**, quatro gardanapos dalgudam [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (DEZEMBRO DE 1945) [1707], *SENTENSA DE FOLHA DE PARTILHA QUE DEU MANOEL DA MOTTA AOS REUERENDOS PADRES DE SAM BENTTO PERTENÇENTE A ESCRITURA ATRAZ PELLA QUAL CONSTA SER SUA A PROPRIEDADE QUE UENDEO, PERTENÇENTE A SUA M.OR PHELIPA BARBOZA*. [A00\_1533, p. 211].

[...] Não cuides, que é de paina a minha **fronha**, E que tenho lençóis de fina Holanda [...]. TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (2000) [séc. XVIII], *CARTA 2a* [A00\_1214, p. 65].

Destarte, definimos os semas:

S1 – peça de tecido usada na cama;

S9 – saco que contém matéria flexível;

S10 – invólucro do saco.

#### f) GODRIM

Na entrada **godrin** ou **godrim**, Bluteau (1712-1728, p. 86, v. 4) descreve “Cobertor, estofado de algodão, ou de laã. [...] Também ha godrins estofados de seda”. Com exceção de Ferreira (2004) e Houaiss (2009), que não contêm o referido lema, os demais dicionários definem **godrim** como colcha estofada da Índia. Figueiredo (1899) registra a variante **goderim**. No *corpus*, localizamos apenas a ocorrência abaixo:

[...] # hum **godrin** novo em sua avaliasam de tres mil E quinhentos rs 3500 # hum colchão de lam en sua avaliasam de quootro mil rs 4000 [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)*. [A00\_0757, p. 276].

Desta feita, delimitamos os semas:

S1 – peça de tecido usada na cama;

S2 – cobre o leito;

S3 – sobrepõe-se aos lençóis;

S4 – mais encorpado;

S6 – com lavores;

S7 – estampada;

S8 – estofado.

#### g) LENÇOL

A UL **lençol** é definida por Bluteau (1712-1728), Silva (1780, 1813) e Vieira (1871-1874) como peça de tecido que cobre o colchão da cama e sobre o qual se deita. Os demais dicionários do cotejo se reportam a duas peças de pano, uma que reveste o colchão e outra que serve para cobrir o corpo. As principais matérias têxteis citadas na composição do **lençol** são o linho e o algodão. Dispomos os seguintes excertos do *corpus* nos quais aparece a UL:

[...] os queo capitam trouue era huũ deles huũ dos seus ospedes que aa primeira quando aquy chegamos lhe trouuerã oqual veo oje aquy vestido na sua camisa e cõ ele huũ seu jrmão os quaaes forã esta noute muy bem agasalhados asy de vianda como deca ma de colchoões e **lençoos** polos mais amansar. [...]. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA*. [A00\_0335, fol. 11].

[...] deixo a meu enteado filho de meu marido Antonio Frz hum cobertor vermelho dous **Lançóis** e húa caixa [...]. desconhecido (DEZEMBRO DE 1945) [1645], *TESTAMENTO DE MARIA ROIZ DE OLIUR.A EM QUE NOS DEIXOU TRES MORADAS DE CAZAS SOBRADADAS AO GUINDASTE E OUTRAS DEIXAS COM EMCARGO DE CERTAS MISAS COMO DELE CONSTA E FOI C. SADA COM ãNTº FRZ*. [A00\_1521, p. 159].

[...] deixo a meu enteado filho de meu marido Antonio fernandes hum cobertor vermelho dous **Lansoes** e huá faixa [...]. desconhecido (DEZEMBRO DE 1945) [1649], *ESCRITURA DO DISTRATO, QUE SE FES DAS CAZAS DE MARIA ROIZ AO GUINDASTE QUE SEU MARIDO ANTONIO FRZ DEIXOU ARETADAS POR 155 MRZ A FRCº ROIZ ROZA*. [A00\_1529, p. 184].

[...] hũa palangana de meja Cuzinha, duas toalhas de mãos dous **lanssois** de pano de linho huà Saja de pano aZul uelha [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (DEZEMBRO DE 1945) [1707], *SENTENSA DE FOLHA DE PARTILHA QUE DEU MANOEL DA MOTTA AOS REUERENDOS PADRES DE SAMBENTTO PERTENÇENTE A ESCRITURA ATRAZ PELLA QUAL CONSTA SER SUA A PROPRIEDADE QUE UENDEO, PERTENÇENTE A SUA M. OR PHELIPA BARBOZA*. [A00\_1533, p. 211].

Chegou neste anno a naó acharse nesta povoação fazenda alguma de fóra venderaóse camizas de alguns **lensoes** que se desfaziaó a dose oitavas de ouro ; a vara de pano de algodam que no pais se tecia a tres e a quatro oitavas e isto era para os amigos que a todos naó chegava [...]. JOSEPH BARBOZA DE SÁ (1904) [1775], I- *JOSEPH BARBOZA DE SÁ. RELAÇÃO DAS POVOAÇOENS DO CUYABÁ EM MATO GROSSO DE SEOS PRINCIPIOS THÉ OS PREZENTES TEMPOS*. [A00\_1119, p. 26].

Para a UL **lençol**, temos os semas:

S1 – peça de tecido usada na cama;

S2 – cobre o leito;

S11 – menos encorpado;

S12 – reveste o colchão;

h) MANTA

Bluteau (1712-1728, p. 298, v. 5), na entrada **manta**, traz as seguintes informações: “Cobertor de laã. Tambem ha mantas de Picote, mantas de Primideiras, mantas de Almafega, & de Berberia vem mantas muito ralas, de Elvas, mantas grandes. Manta de laã”. Os demais dicionários, sucintamente, dizem que **manta** é cobertor de lã (mormente) ou de algodão com que se cobre a cama. Seguem alguns trechos do banco de dados do DHPB com as ocorrências contextualizadas:

E vendo-nos não ousaram esperar-nos e fugiram desamparando as suas casas. Mas o principal nos enviou um presente de certas peças de prata e muitas **mantas** de algodão, que suas mulheres fiam e tecem. IRMÃO ANTONIO RODRIGUES (1936) [1553], *ANTONIO RODRIGUES, SOLDADO, VIAJANTE E JESUITA PORTUGUEZ NA AMERICA DO SUL, NO SECULO XVI - CÓPIA DE UMA CARTA DO IRMÃO ANTONIO RODRIGUES PARA OS IRMÃOS DE COIMBRA*. [A00\_0934, p. 67].

Os Guardiães proveraõ as camas dos Religiofos de duas **mantas**, hũa esteyra, & hũa cabeceyra de burel chea, de lã; & o Religiofo ã por fuás infirmitades, neccõlidades, ou por qualquer outra occasiã naõ puder seguir esta vida

commua de todos os Frades no comer, vestido, & cama, não poderá fer promovido a Prelafia alguma [...]. desconhecido (1709) [1709], *BREVE DA CONFIRMAÇAM DESTES ESTATVTOS*. [A00\_2499, p. 132].

[...] Quando eu já sobre os membros fatigados Cuidadoso estendia a grossa **manta**. \* Não cuides, Doroteu, que brandas penas Me formam o colchão macio, e fofo: Não cuides, que é de paina a minha fronha, E que tenho lençóis de fina Holanda [...]. TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (2000) [séc. XVIII], *CARTA 2a*. [A00\_1214, p. 65].

Assim, delimitamos os semas:

- S1 – peça de tecido usada na cama;
- S2 – cobre o leito;
- S3 – sobrepõe-se aos lençóis;
- S4 – mais encorpada.

Com os semas listados para cada lexema do microcampo lexical “roupas de cama”, construimos o quadro subsequente:



**Quadro 9** – Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “roupas de cama”.

<b>Semas</b> \ <b>Lexemas</b>	<b>coberta</b>	<b>cobertor</b>	<b>cobertor de papa</b>	<b>colcha</b>	<b>fronha</b>	<b>godrim</b>	<b>lençol</b>	<b>manta</b>
1 – peça de tecido usada na cama	+	+	+	+	+	+	+	+
2 – cobre o leito	+	+	+	+	-	+	+	+
3 – sobrepõe-se aos lençóis	+	+	+	+	-	+	-	+
4 – mais encorpado(a)	-	+	+	+	-	+	-	+
5 – feito de lã basta	-	-	+	-	-	-	-	-
6 – com lavores	-	-	-	+	-	+	-	-
7 – estampado(a)	-	-	-	+	-	+	-	-
8 – estofado(a)	-	-	-	+	-	+	-	-
9 – saco que contém matéria flexível	-	-	-	-	+	-	-	-
10 – invólucro do saco	-	-	-	-	+	-	-	-
11 – menos encorpado	-	-	-	-	-	-	+	-
12 – reveste o colchão	-	-	-	-	-	-	+	-

Org.: elaborado pelo autor.

Para a UL **coberta / cuberta** não atribuímos sema da dimensão densidade, ou seja, se é mais (S4) ou menos encorpada (S11), visto que as definições lexicográficas não apontam tal aspecto. De acordo com Vieira (1871-1874, p. 256, v. 2), *coberta de cama* é “[...] peça de chita, sêda ou d'outro qualquer estofa, com que se cobre a cama”. Portanto, o fato de não possuir um material definido, constituindo-se tanto de tecidos grosseiros (ex.: chita) quanto de finos (ex.: seda), demonstra uso genérico da UL. Nos excertos do banco de dados do DHPB supracitados, vimos referência a cobertas de baeta e de burel. Ambos são tecidos grosseiros feitos de lã.

A UL **cobertor / cubertor**, por sua vez, apresenta o traço S4 – mais encorpado – o qual consta nas definições, por exemplo, de Vieira (1871-1874, p. 256-257, v. 2): “Panno de lã, de fio grosso e felpudo que se deita na cama, para preservar do frio”. **Cobertor de papa** é uma UL específica, uma vez que denomina um tipo determinado de cobertor grosso e pesado. Esse têxtil remonta ao reinado de D. Sancho II (1223 a 1248), tendo se desenvolvido no reinado de D. José (1750 a 1777) na Covilhã e na Guarda, Portugal, em virtude da abundância de lã e do aproveitamento da força hídrica para movimentar as máquinas de fiação e cardação. Na região da Guarda, as freguesias de Trinta, Maçainhas e Meios ganharam notoriedade pelos seus famosos cobertores de papa (PINTO, 2015).

De acordo com Pinto (2015), a origem do nome **cobertor de papa** tem várias interpretações. Uma delas seria em razão de os antepassados acharem que, dada a boa qualidade do cobertor, esse era digno da cama do Papa. Outra interpretação considera a ideia de o nome estar relacionado ao fato de que, “[...] quando o cobertor estava a ser pisado no pisão, este originava uma papa, parecida às das crianças, logo daí o nome Cobertor de Papa” (PINTO, 2015, p. 15). Em matéria da Rádio Renascença, sobre o dito cobertor, o responsável da Escola de Artes e Ofícios de Maçainhas explica que, quando retirada do pisão, a pisa está ensopada, que nem uma papa (D'AVILLEZ, 2018). A partir disso, ele também aventa a origem da denominação **cobertor de papa**.

Uma terceira interpretação estaria associada à figura de São Pedro, considerado o primeiro Papa da história, como pastor dos apóstolos, “[...] tendo em conta que quem começou a usar estes cobertores foram os pastores, para se protegerem de um frio e de um vento que nunca deixa de assobiar” (PINTO, 2015, p. 15).

Há diferentes variações do **cobertor de papa**, sendo os mais tradicionais o cobertor branco; a manta de pastor ou barrenta (listras castanhas e brancas); manta lobeira ou espanhola (listras brancas, castanhas, verdes, vermelhas e amarelas); cobertor branco com listras nas pontas (castanhas ou verdes) e cobertor bordado (fundo branco com riscas azuis, vermelhas e verdes – bordado à mão com losangos azuis em um dos lados do cobertor). Abaixo, dispomos

a Foto 6 e a Foto 7 para ilustrar os dois primeiros tipos (NUNES, 2014). Visualizamos como a peça de tecido de lã é bastante felpuda.

**Foto 6** – Cobertor de papa branco.



Produzido na Escola de Artes e Ofícios em Maçainhas. 100% lã de ovelha.  
Fonte: Nunes (2014).

**Foto 7** – Cobertor de papa manta de pastor ou barrento.

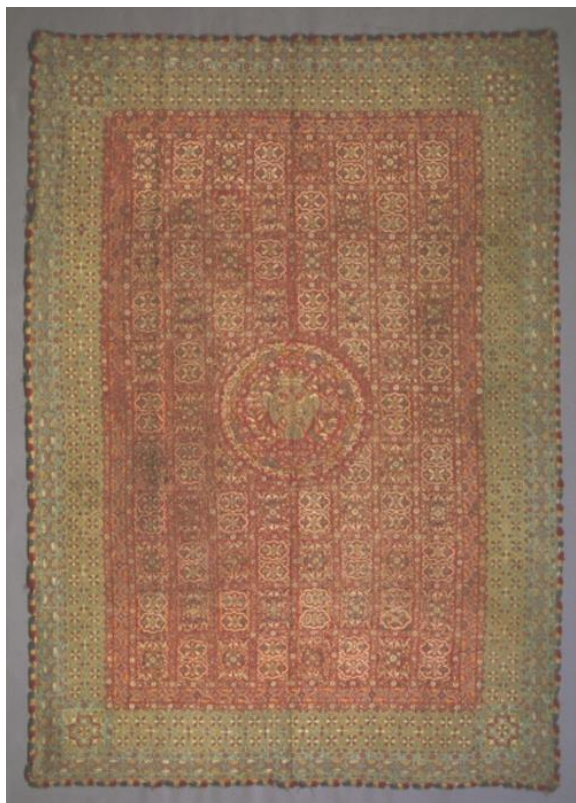


Produzido na Escola de Artes e Ofícios em Maçainhas. 100% lã de ovelha.  
Fonte: Nunes (2014).

Pinto (2015) descreve que os pastores usavam essa manta (Foto 7), também, para se protegerem das chuvas. Posicionado com o sentido das felpas para baixo, de modo a promover o corrimento da água, o tecido ficava impermeável.

Os lexemas **manta** e **cobertor** se correspondem nos sememas (S1, S2, S3 e S4), o que indica variação denominativa. O mesmo ocorre entre **colcha** e **godrim**. Vale acrescentar que, nas definições do último, há referência à origem asiática do têxtil, o que, de certo modo, é uma particularidade. Tal procedência se mostra na palavra, uma vez que, segundo Machado (1977), **godrim** tem origem no hindustani *gudri* e marata-concani *goddi*. Antunes (2018, p. 26), em estudo da vida social das colchas e outros bens indo-portugueses, informa que “[...] colchas e godrins forrados de seda e de veludo eram frequentemente usados na cama como manta quando as noites esfriavam, mas também podiam ser usados suspensos, acabando por revestir paredes e contribuir para quebrar a monotonia da cor branca”. Assim, por seu valor estético (S6, S7), **colchas** e **godrins** ganhavam lugar além das camas. Nas palavras de Linschoten (1997, p. 95), os **godrins** “[...] são muito perfeitos e lindos, cozidos com seda e também com algodão de todas as cores e pontos”. A título de ilustração, vejamos a Foto 8.

**Foto 8** – Godrim.



Acervo do Museu Nacional do Traje, Lisboa, Portugal.  
 Datação: 1630 d. C.  
 Fonte: <http://bit.ly/2uK90Ch>.

Os significados de **fronha** e **lençol** exprimem a função de revestir e proteger desses objetos. A UL **fronha**, segundo o cotejo, denomina tanto o saco que imediatamente contém o material flexível (lã, espuma, palha, pena etc.) na composição de um travesseiro, quanto o invólucro dentro do qual se acondiciona esse saco estofado. A UL **lençol** denomina a peça de tecido que forra o colchão. O jogo de cama pode conter, ainda, uma segunda peça de lençol sotoposta ao cobertor, evitando o contato direto do corpo com ele.

#### 4.10 Microcampo lexical “velas náuticas”

Nesta subseção, descrevemos e analisamos os lexemas **barredoura**, **cevadeira**, **cutelo**, **gata**, **gávea**, **joanete**, **mezena**, **moneta**, **papafigo**, **sobrecevadeira**, **traquete**, **vela de estai**, **vela grande** e **velacho** conformados no microcampo “velas náuticas” mediante o conteúdo unitário “tecido usado para propulsão eólica”.

**Vela** (do lat. *vela*, *ae*, pl. de *velum*, *i* 'véu, tela') (HOUAISS, 2009) é a denominação genérica para um conjunto diverso de peças de pano (ou outro material) usadas em embarcações para impeli-las mediante a força dos ventos. Assim, nos veleiros, as velas são os motores cujo combustível é o vento. Figueiredo (1999), Silva (1949-1959) e Ferreira (2004) acrescentam que **vela** também é a peça de pano presa aos braços de um moinho de vento para que o impulso do ar em movimento os faça girar. Compreendemos que a acepção mais usual está no âmbito náutico. A função básica do objeto – gerar propulsão eólica – sendo comum ao navio e ao moinho, permitiu a manutenção da denominação **vela** para as peças de tecido desse engenho. Do banco de dados do DHPB, destacamos os excertos:

Eaa sesta pola manhã as biij oras pouco ma is ou menos per conselho dos pilotos mandou oca pitam leuamtar amcoras e fazer **vela** e fomos de lomgo dacosta com os batees e esquifes amarados perpopa contra onorte peraveer se achauamos al guña abrigada e boo pouso omde jouuesemos pera tomar agoa e lenha [...]. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00\_0335, fol. 2].

[...] e dentro na Bahia trazem muitos barcos as **velas** de panno de algodão que se fia na terra, para o que ha muitas tecedeiras, que se occupam em tecer teaes de algodão, que se gastam em vestidos dos indios, escravos de Guiné, e outra muita gente branca de trabalho. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *RECURSOS DA BAHIA PARA DEFENDER-SE (PARTE SEGUNDA - TITULO 19)* [A00\_0195, p. 426].

O fogo nas forjas e nas fornalhas, a agua nas levadas e nas azenhas, o ar nas **velas** e nos moinhos, a terra nas vinhas e nas searas, e até o sol e a lua, e as estrellas, não deixamos estar ociosas d'esta pensão, porque o que todos aquelles orbes celestes fazem, andando em perpetua roda, e voltando sem

nunca descansar, é produzir e temperar com suas influencias o que ha-de comer o homem. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1657], 3.º *SERMÃO DA QUARTA DOMINGA DA QUARESMA* [A00\_0899, p. 56].

Desse modo, elencamos o sema S1, arquissemema do microcampo “velas náuticas”:

S1 – tecido usado para propulsão eólica.

Antes de apresentar os tipos de velas, convém distinguir que, basicamente, elas são redondas ou latinas. Quando trata das noções básicas sobre navios de vela, Fonseca (2005, p. 850) diz que as velas redondas<sup>70</sup> “[...] são envergadas nas vergas e trabalham no sentido de bombordo a boreste. [...] As velas redondas levam o mesmo nome das vergas em que estão envergadas”. Trabalhar de bombordo a boreste significa que, olhando-se da ré para a parte da frente da embarcação, as velas cruzam transversalmente o navio da esquerda para a direita. As velas latinas “[...] são as que se envergam no sentido de proa a popa [...] [e] podem, ainda, ser subdivididas em dois tipos: as triangulares e as quadrangulares” (FONSECA, 2005, p. 851).

É oportuno, ainda, explanar sucintamente alguns termos recorrentes e necessários ao entendimento das descrições feitas adiante. Os **mastros** são as peças verticais que sustentam as velas e seus suportes. Considerando uma embarcação de três mastros, temos a mastreação de proa (mastro do traquete), de meio (mastro grande) e de ré (mastro da mezena ou mastro da gata). Aos prolongamentos desses mastros com outros menores dá-se o nome de **mastaréus**. Os paus presos horizontalmente nos mastros ou nos mastaréus são denominados de **vergas**. Das vergas pendem as velas redondas. Na Figura 3, a seguir, observamos com detalhes essa estrutura e os nomes de cada elemento. Nos parágrafos subsequentes, quando for conveniente, os termos específicos são elucidados em notas de rodapé.

---

<sup>70</sup> Barata (1970, p. 9) elucida que vela redonda é “[...] assim chamada, apesar da sua forma rectangular, porque a sua verga horizontal gira em redondo, em volta do mastro [...]”



## a) BARREDOURA

A UL **barredoura** ou **varredoura** ou **varredeira** (as três constam no VOLP), denomina uma vela auxiliar cuja finalidade é tomar mais vento, quando é favorável. De acordo com Vieira (1871-1874, p. 883, v. 5), “[...] é assim chamada por ser a véla que anda mais baixa, e mais perto da agua; põe-se para tomar mais vento, porém sómente serve quando é em popa” (VIEIRA 1871-1874, p. 883, v. 5). No banco de dados do DHPB, encontra-se somente a variante **barredoura**.

De acordo com Fonseca (2005, p. 850), “embora possam ser utilizadas no mastro grande, seu uso preferencial vem sendo, desde o início do século XIX, no mastro traquete”. Uma vez que nos valem de um *corpus* cujos textos datam do século XVI ao XVIII, consideramos a **barredoura** utilizada no mastro grande. Contribui para isso o fato de os dicionários consultados referirem ao mastro do traquete somente a partir de Figueiredo (1899). Os anteriores mencionam a vela grande, como Vieira (1871-1874, p. 883, v. 5): “Véla de navio presa na ponta do botaló<sup>71</sup>, e por cima vae a ponta da véla grande”.

Pertinente ao período estudado, a obra “Dieta Náutica e Militar - Um Manuscrito inédito do século XVIII regulamentando a vida a bordo”, coordenada por José Manuel Malhão Pereira, dispõe uma edição, com grafia atualizada, do manuscrito setecentista “Dieta Náutica e Militar”, cuja autoria é atribuída a Francisco José da Câmara de Vasconcelos (1689-1742). Segundo o organizador, “este manuscrito de quase mil páginas e de grande formato, contém utilíssimas informações relativamente ao aparelho, velame e manobra dos navios de guerra portugueses de princípios do século XVIII [...]” (PEREIRA, 2018, p. 3). Ao descrever como se largam as varredouras, Vasconcelos (2018, p. 347) diz: “Depois de armado o botaló se amura<sup>72</sup> a varredoura no lais<sup>73</sup> deste, adiriçada<sup>74</sup> ao da verga grande [...]”. Assim, também, faz referência à vela grande.

Fonseca (2005) explica que as velas auxiliares, quais sejam a **barredoura** e o **cutelo**, são velas redondas. Para percebemos com mais nitidez os aspectos supracitados, vejamos a Figura 4, a seguir:

<sup>71</sup>“**Paus de botaló das varredouras** - São os que armam o navio no costado, em frecha, para se largarem as varredouras.” (VASCONCELOS, 2018, p. 141, grifo no original).

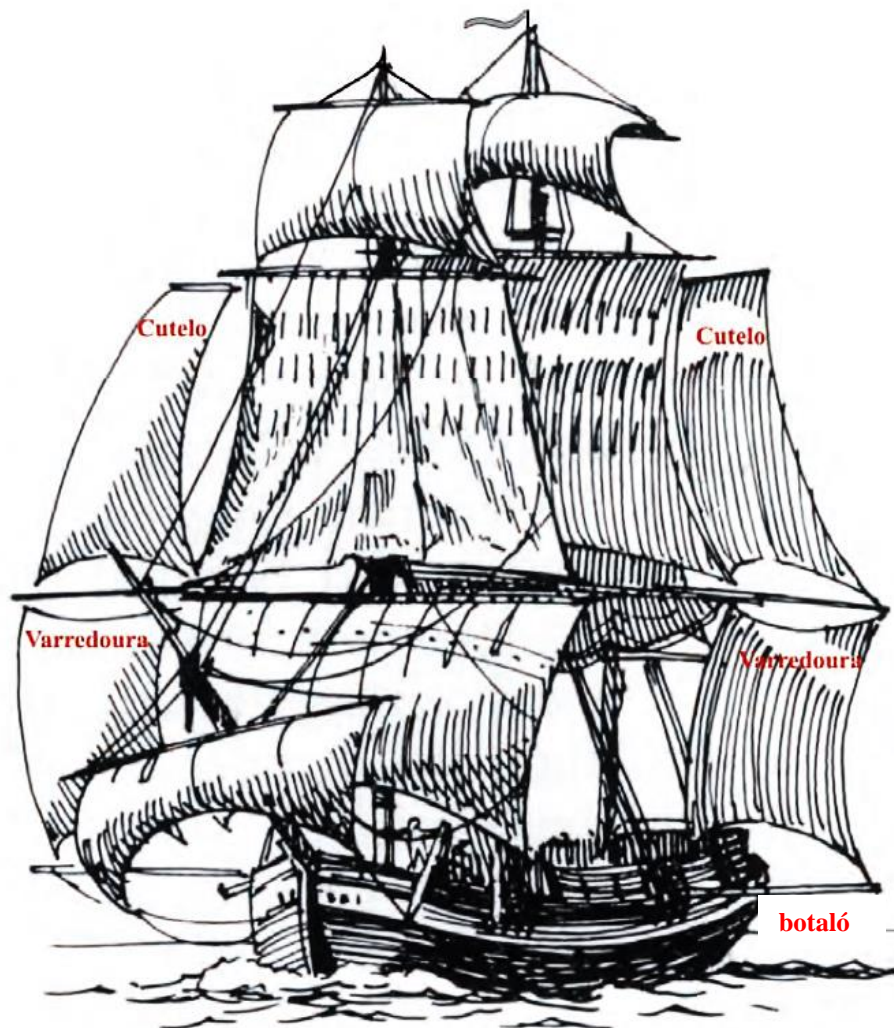
<sup>72</sup>**Amurar**: “prender, tesar com voltas as amuras (de uma vela) para que a vela receba bem o vento” (HOUAISS, 2009).

<sup>73</sup> **Lais** é “qualquer das duas partes extremas de uma verga” (HOUAISS, 2009).

<sup>74</sup> De **adriça**: “cabo ou corda que se utiliza para içar velas, vergas, bandeiras, roupa etc.” (HOUAISS, 2009).



**Figura 4** – Disposição das velas varredoura e cutelo.



Fonte: J. M. Pereira (2008).

No excerto do *corpus*, que contém uma única ocorrência, notamos que, com outras velas, as **barredouras** serviram para aproveitar o vento e adiantar a viagem.

Apartados os dous navios da fombra da terra, descubriose então da Armada, que rendido o noffo do Pirata, o levava á toa. E metendolhe brevislamente vellas de estay, cutellos, joanetes, **barredouras** (álem da mesena, & levadeira que lhe faltou) adiantava grande caminho, em pouco tempo: fugindo a hum cortar, para fervirhe o vento a todo pano. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 41-42].

Desta feita, delimitamos os seguintes semas para a UL **barredoura**:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S2 – vela redonda;

- S3 – suplementar;
- S4 – para tomar mais vento;
- S5 – utilizada no mastro grande.

#### b) CUTELO

A UL **cutelo** é definida pelos dicionários como pequenas velas que servem de auxílio às outras velas do navio (Figura 4). São largadas, isto é, desfraldadas, quando o vento é favorável e pouco forte. “[...] É uma espécie de suplemento às gáveas e joanetes: içam-se no extremo da verga superior, e amuram-se em páos que se juntam aos laizes das vergas interiores para augmentar o seu comprimento” (VIEIRA, 1871-1874, p. 681, v. 2). Conforme Fonseca (2005), “os cutelos podem ser utilizados tanto no mastro grande como no mastro traquete”. Encontramos somente uma ocorrência no banco de dados do DHPB:

E metendolhe brevíssimamente vellas de estay, **cutellos**, joanetes, barredouras [...]. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 41].

Assim, definimos os semas:

- S1 – tecido usado para propulsão eólica;
- S2 – vela redonda;
- S3 – suplementar;
- S4 – para tomar mais vento;
- S5 – utilizada no mastro grande;
- S6 – utilizada no mastro do traquete;
- S7 – pequena.

#### c) GATA

Nos dicionários, a UL **gata** é descrita como a vela superior à mezena, situada no mastro da gata/ mastro de ré. Segundo Houaiss (2009) é a “vela que pende de verga de mesmo nome, no mastro de ré”. Segue o trecho do *corpus* em que ocorre a UL gata:

Monsieur animo eu só espero a noticia de que está principiada a ação com o prº golpe, e esperai me antes que as forças Portuguezas com quatro, ou cinco Fragatas todas com hum signal de huma Grimpa emcarnada no Mastro da **Gata** em vosso auxilio [...]. desconhecido (1940) [1793], *AUTOS DE EXAME E AVERIGUAÇÃO SOBRE O AUTOR DE UMA CARTA ANONIMA ESCRITA AO JUIZ DE FORA DO RIO DE JANEIRO, DR. BALTAZAR DA SILVA LISBOA* [A00\_2303, p. 268].

Para **gata**, constatamos os semas:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S2 – vela redonda;

S8 – utilizada no mastro da gata;

S9 – pende da verga da gata.

#### d) GÁVEA

Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) trazem o lema **gávea**, porém não há acepção de vela. Conforme o primeiro, “He huma especie de gayola, ou guarita, assentada em huma roda de taboas, no alto dos mastos, serve para recolher as velas, quando as ferraõ” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 41, v. 4). Tal acepção aparece, inicialmente, em Vieira (1871-1874, p. 844, v. 3), segundo o qual **gávea** é, também, a “Vela immediatamente superior à vela grande [...]”. Portanto, é “cada uma das velas que envergam nas vergas de gávea” (FERREIRA, 2004). Ademais, a denominação **gávea**, genericamente, empregou-se aos “mastaréis e vergas (nos navios de três mastros, de vante para ré: do velacho, da gávea e da gata), que espigam logo acima dos mastros reais” (HOUAISS, 2009). Do banco de dados do DHPB, transcrevemos os trechos a seguir, em que aparece a UL:

De noite se fez o vento mais ao mar e mandei às naos que fizessem fogos nas **gáveas** pera poder vir o capitam I. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA*. [A00\_0078, p. 42].

Qualquer navio derrotado que aviftar outro, para reconhecer se he da cõserva, o de barlavento amaine ambas as de **gavea**, & depare hũa pella; o de sotavento, tire duas pellas, & arrie o vellacho. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 54].

E supostos os joanetes se tinham desaparelhado e as **gáveas** iam a meia haste e medidas nos rins (?) foram de todo arreados ao soco e ferrado o pano ficando com mezena e traquete amorado por bombordo [...]. JOSÉ ALVARES DE

OLIVEIRA (1981) [séc. XVIII], *HISTÓRIA DO DISTRITO DO RIO DAS MORTES, SUA DESCRIÇÃO, DESCOBRIMENTO DAS SUAS MINAS, CASOS NELE ACONTECIDOS ENTRE PAULISTAS E EMBOABAS E CRIAÇÃO DAS SUAS VILAS* [A00\_0395, p. 96].

Com base nas descrições, elencamos os semas:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S2 – vela redonda;

S5 – utilizada no mastro grande;

S10 – pende da verga da gávea.

#### e) JOANETE

Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) registram o lema **joanete**, todavia não o indicam como denominação de vela, e sim como mastro pequeno que vai acima do mastaréu da gávea. Os demais dicionários trazem a acepção de joanete como vela imediatamente superior à gávea. Vale ressaltar que Vieira (1871-1874), à exceção dos demais, diz ser a vela inferior à gávea, o que pode configurar uma incorreção do lexicógrafo. Houaiss (2009) explana que joanete consiste em “cada um dos mastaréus, vergas, velas que se aparelham sobre o mastaréu da gávea, recebendo a denominação do mastro correspondente”. Dessa forma, “[...] a partir de vante, denominam-se joanete de proa (no mastro do traquete), joanete grande (no mastro grande) [...]” (FERREIRA, 2004). Como exemplo em contexto, transcrevemos um excerto do *corpus*:

E supostos os **joanetes** se tinham desaparelhado e as gáveas iam a meia haste e metidas nos rins (?) foram de todo arreados ao soco e ferrado o pano ficando com mezena e traquete amorado por bombordo [...]. JOSÉ ALVARES DE OLIVEIRA (1981) [séc. XVIII], *HISTÓRIA DO DISTRITO DO RIO DAS MORTES, SUA DESCRIÇÃO, DESCOBRIMENTO DAS SUAS MINAS, CASOS NELE ACONTECIDOS ENTRE PAULISTAS E EMBOABAS E CRIAÇÃO DAS SUAS VILAS* [A00\_0395, p. 96].

Têm-se, então, os semas:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S2 – vela redonda;

S5 – utilizada no mastro grande;

S6 – utilizada no mastro do traquete;

S11 – pende da verga do joanete.

#### f) MEZENA

Bluteau (1712-1728), Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) definem **mezena** como vela de popa do navio. As demais obras lexicográficas oferecem detalhes acerca da UL, a exemplo da definição de Silva (1949-1959, p. 763, v. 6), segundo a qual **mezena** é “Vela latina, quadrangular, que enverga na carangueja do mastro de ré; hoje o mesmo que *vela ré* [...]”.

Com vento norte mui forçosso fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao capitaina sentíamos muito trabalho porque nom governava e nom levámos mais vela que o traquete e **mezena**. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA* [A00\_0078, p. 27-28].

Mas tanto que o Mefre de Campo mareou na volta da terra, para defamarrar os que ainda eftavão furtos, ferrando outra véz o traquete, tornou a pairar com a **mefena**. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 9].

Constatamos os semas:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S12 – vela latina;

S13 – envergada na carangueja<sup>75</sup> do mastro de ré.

#### g) MONETA

A UL **moneta**, conforme o cotejo lexicográfico, é uma vela pequena que se pega por baixo dos papafigos para aproveitar mais vento. De acordo com Figueiredo (1899, p. 147, v. 2), é “[...] pequena vela ou tira de pano, que se põi por baixo dos papafigos, para aproveitar o bom tempo”. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) não registram o lema **moneta**. Na sequência, veremos que papafigos é uma denominação genérica para cada uma das velas redondas mais baixas (vela

<sup>75</sup> “verga de vela latina quadrangular, disposta obliquamente em relação ao mastro e disparada (voltada) para ré” (HOUAISS, 2009). Vide Figura 3.

grande e traquete). Com base nisso, constatamos que, se os papafigos localizam-se no mastro grande e no mastro do traquete, a **moneta** também se situava nesses mastros.

Quando versa sobre os “panos pouco usados”, Vasconcelos (2018, p. 169) explica que **moneta** é “É um rodapé de pano, que se cose nas esteiras<sup>76</sup> da maior<sup>77</sup> e traquete, para lhe crescer a guinda”. O autor do manuscrito adverte que:

[...] as monetas não são velas, só sim são, uns suplementos ou crescenças que se fazem à maior e traquete, pelas suas esteiras, quando largam o pano muito sangrado com grande aluamento, então para fazer maior e que fique com mais pujame, para receber mais vento, o que é quase impraticável por ser supérfluo tais remendos, quando se pode fazer o pano da sua conta. (VASCONCELOS, 2018, p. 186).

No banco de dados do DHPB, localizamos a ocorrência no trecho:

Quinta-feira, pela manhã, era tanto avante com a ilha de Sam Sabastiam, e ao meio-dia se fez o vento oeste e começou a ventar, que me foi necessário tirar as **monetas** e correr com os papa-figos baixos, fazendo o caminho a lés-nordeste até a meia-noite, que mandei tomar as velas por me fazer com o rio de Janeiro. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA* [A00\_0078, p. 103].

Delimitamos os semas subsequentes:

- S1 – tecido usado para propulsão eólica;
- S2 – vela redonda;
- S3 – suplementar;
- S4 – para tomar mais vento;
- S5 – utilizada no mastro grande;
- S6 – utilizada no mastro do traquete;
- S7 – pequena;
- S14 – cosida na esteira dos papafigos.

#### h) PAPA-FIGO

Segundo os dicionários, **papafigo** ou **papa-figo** é cada uma das velas mais baixas do navio, a vela grande e o traquete. Bluteau (1712-1728, p. 236, v. 6, grifo no original) detalha

<sup>76</sup> Na terminologia náutica, **esteira** significa a parte inferior de uma vela.

<sup>77</sup> A **maior** refere-se à vela grande.

que “Os Levantiscos, & os Mouros chamão *Papafigos* aos joanetes; os Portugueses à vela grande, & traquete; & assim quando se diz, vay a nao em papafigos, he porque vai só com vela grande, & traquete, por causa do muyto vento”. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) referem-na como vela redonda. Vejamos os trechos do *corpus* em que a UL **papafigo** ocorre:

Fez-se-nos o vento sueste e tomava do sul. E de noite tirámos as monetas e com os **papa-figos** baxos trincámos no bordo do sul. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA* [A00\_0078, p. 449].

Achoufe fô a Capitana: Ievoulhe o vêto, com outras vellas, dous **papafigos** grandes; & a verga mayor. Delftroço de menos cuidado, que abrir o leme, & remediarem-no mal, pela dificuldade que ha no mar para estes concertos. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 27].

Temos, então, os semas:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S2 – vela redonda;

S5 – utilizada no mastro grande;

S6 – utilizada no mastro do traquete;

S15 – pende da verga grande;

S16 – pende da verga do traquete.

#### i) SEVADEIRA

A UL **sevadeira** ou **cevadeira** (ambas atestadas no VOLP) é definida como vela pequena de proa. Vieira (1871-1874) diz que também se chamava vela d’água. Conforme Houaiss (2009), é a “[...] vela redonda que pende de verga do mesmo nome, transversal ao gurupés”. Como observamos na Figura 3, o gurupés é o “mastro que aponta para vante, colocado no bico de proa dos veleiros” (HOUAISS, 2009). Vasconcelos (2018, p. 141) descreve que o mastro do gurupés “[...] tem duas vergas, a saber: verga da cevadeira e verga da sobrecevadeira”. No *corpus* do DHPB, identificamos apenas a ocorrência da variante **levadeira**:

Depois vendo-o sem tirar peffa, nem mosquete, ferrar a **levadeira**, & porlongala para o abordar, embaraçou-o tanto o temor, que tratando fô de fugir, cortou o cabo ao Rofario, & o meteu entre fy, & o Freyre, imaginando

que o faria dilatar, em o recolher. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 42].

Portanto, temos os semas:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S2 – vela redonda;

S7 – pequena;

S17 – utilizada no mastro do gurupés;

S18 – pende da verga da cevadeira.

#### j) SOBRECEVADEIRA

A UL **sobrecevideira** (grafia de acordo com o VOLP), cuja única ocorrência no *corpus* é a variante **fobresevideira**, é descrita nos dicionários como vela pequena que fica sobre a sevadeira/cevadeira. Ferreira (2004) e Houaiss (2009) não trazem esse lema nas suas nomenclaturas. No lema **mastaréu**, Bluteau (1712-1728, p. 354, v. 5, grifo nosso) fornece mais detalhes acerca dessa vela: “O mastareo da mezena, chama-se Mastareo da gata, & o que vai sobre o gurupès, chama-se Mastareo da **sobresevideira**. Este fórma hũa Cruz com sua verga, na ponta do Gurupès”. Segue o excerto do banco de dados do DHPB em que a palavra aparece:

O que achar fundo, ou vir terra, tire huã pessa; ponhalhe a proa, & hum galhardete na **fobresevideira**; & outro na mezena. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 54-55].

Definimos os semas seguintes:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S2 – vela redonda;

S7 – pequena;

S17 – utilizada no mastro do gurupés;

S19 – pende da verga da sobrecevideira.



## k) TRAQUETE

Na definição de Bluteau (1712-1728, p. 253, v. 8), **traquete** é “véla pequena, atada à peça mais alta do mastro grande”. Silva (1789, 1813) diz ser a vela do mastro mais alto. Possivelmente, remeta-se ao mastro grande. Vieira (1871-1874, p. 795, v. 5) descreve como “[...] a maior vela do mastro de prôa [...]”. Conforme Silva (1949-1959, p. 157-158, v. 11), **traquete** é o “nome com que se designa uma ‘vela redonda’ (quadrangular), a verga e o mastro que lhe dizem respeito; é a vela mais baixa (papafigo) do mastro de proa [...]”. Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) ratificam que é a vela mais baixa do mastro de proa.

Entretanto, a partir do cotejo lexicográfico, notamos uma diferença; Vieira (1871-1874) e os dicionários posteriores especificam que o **traquete** é a vela mais baixa do mastro de proa, enquanto Bluteau (1712-1728) localiza a referida vela na peça mais alta do mastro grande e Silva (1789, 1813) não menciona o mastro, resumindo-se a dizer que se situa no mais alto.

Em Ferreira (2004, grifos no original), a entrada **gávea** contém a informação de que, nos navios de três mastros, a verga do velacho, a verga da gávea e a verga da gata “antigamente chamavam-se *traquetes*, sendo, a partir de vante, *traquete de proa* ou *de vante, traquete da gávea* e *traquete da gata*”. Do mesmo modo, de acordo com Ferreira (2004), a vela do velacho, a vela da gávea e a vela da gata, antigamente, denominavam-se **traquetes**. Portanto, nesse contexto, **traquete** era um nome genérico.

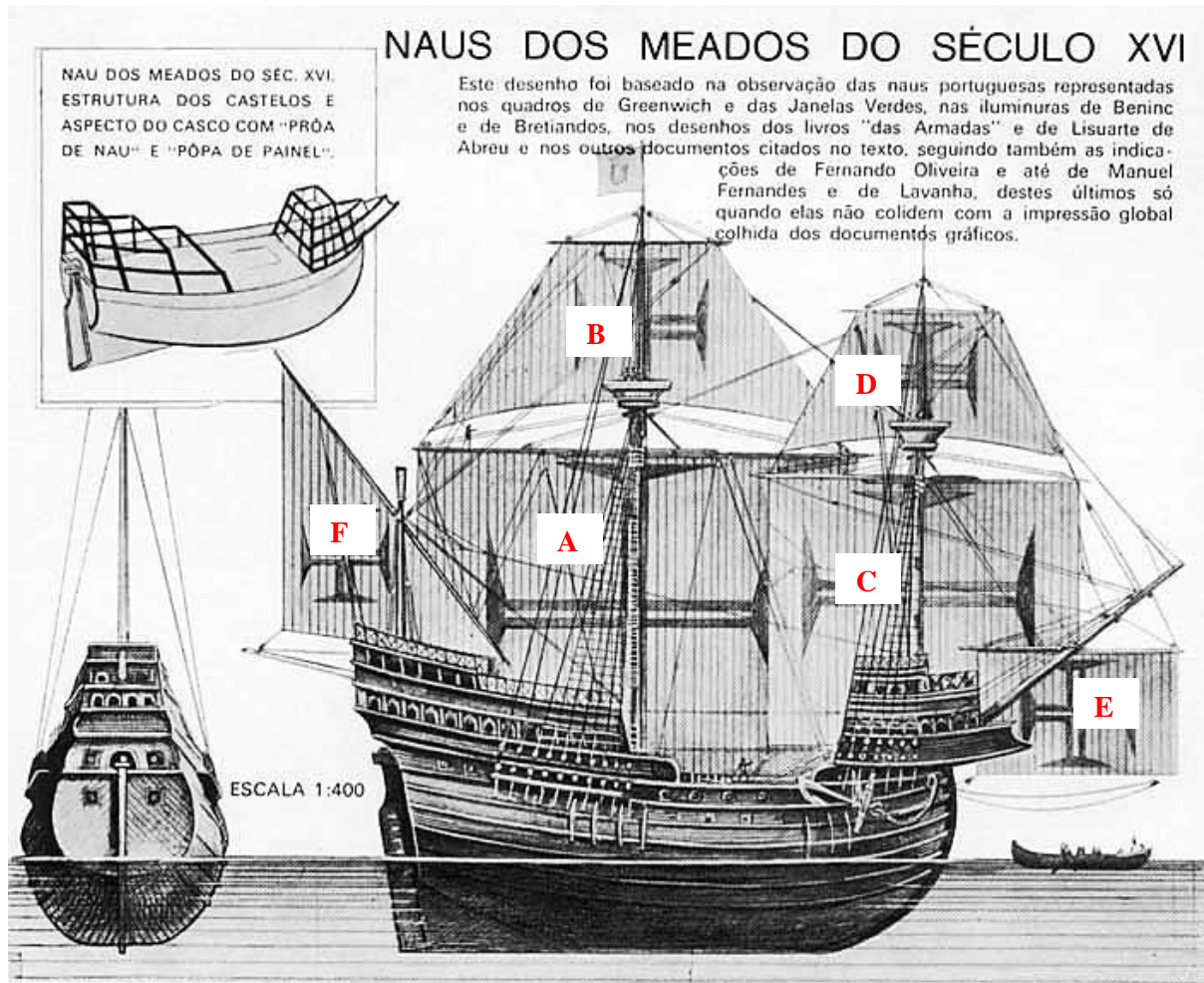
Velho (1969), no “Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama (1497-1499)”, quando se reporta aos navios comandados por esse navegador português, apresenta a seguinte disposição:

Eram três os mastros: o grande, situado um pouco a ré de meio navio; o do traquete, a vante, atravessando o chapitéu e o castelo de proa; e o de mesena, atravessando o chapitéu da popa. E uma lança à proa, correspondendo ao futuro gurupés. O mastro grande e o traquete tinham duas vergas cada um: a grande, a do traquete, da gávea no mastro grande; a do traquete e a do traquete da gávea, no mastro do traquete. O mastro da mesena tinha uma só verga, a da mesena; e a lança também uma só a da cevadeira. Quanto ao velame, era redondo e latino. O redondo envergava nas respectivas vergas e denominava-se: vela grande e **traquete de gávea** (grande); **traquete** e **traquete de gávea** (do traquete); e da cevadeira, na lança. O latino era somente a mesena, que envergava na verga da mesena. (VELHO, 1969, p. 161-162, grifos nossos).

Barata (1970), analisando a citação supra, adverte que esse velame (conjunto de velas) e mastreação são característicos das naus no decorrer do séc. XVI, e não do final do XV. Na

sua obra, o autor dispõe uma ilustração que reproduzimos, abaixo, com as devidas adaptações para indicar as partes da composição:

**Figura 5** – Velame característico das naus de meados do séc. XVI.



A – vela grande; B – traquete de gávea (grande); C – traquete; D – traquete de gávea (do traquete); E – cevadeira; F – mezena.

Fonte: Barata (1970).

Se tomarmos como referência esse tipo de embarcação, com mastreação de seis velas, as definições de Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) fazem mais sentido, uma vez que, conforme constatado, a denominação **traquete**, outrora, se empregou genericamente para a vela mais alta do mastro grande, como também para a mais alta do mastro do traquete (respectivamente, B e D, na Figura 5). Para a denominação **traquete de gávea** (do traquete), Ferreira (2004), no verbete de **gávea**, assinala outra mais distintiva, **traquete de vante** ou **traquete de proa**, deixando aquela exclusivamente para a vela mais alta do mastro grande.

No banco de dados do DHPB, localizamos ocorrências do sintagma **traquete da gávea** nos textos datados de 1530 e 1561:

Indo assi, punhamo la proa na ponta que me demorava a lés-sueste. Por me parecer que a podia cobrar, mandei dar o **traquete** da gávea, metendo a nao até o meo do convés por debaxo do mar. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA* [A00\_0078, p. 70].

[...] parecendo-lhes que se] querya vir a nós se fizerão na volta do mar e largarão [a vela grande e **traquete**] da gávea [...]. P. RUI PEREIRA (1956) [1561], *CARTA DO P. RUI PEREIRA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL, PERNAMBUCO 6 DE ABRIL 1561* [A00\_0047, p. 330].

Considerando que o sintagma **traquete da gávea** aparece no “Diário da Navegação de Pêro Lopes de Sousa”, aventamos que corresponda à vela mais alta do mastro grande e que **traquete de vante**, à vela mais alta do mastro de proa – pois “de vante” equivale a “de proa”<sup>78</sup>, como explica Ferreira (2004). Não podemos afirmar que, nesses textos de meados do séc. XVI, o velame das referidas embarcações pudesse ter composição semelhante ao retratado por Velho (1969), mas fica como uma hipótese.

No banco de dados, atestamos, ainda, a UL **traquete** remetendo-se, em específico, à vela mais baixa do mastro do traquete/de proa, no seguinte trecho:

Mas tanto que o Mestre de Campo mareou na volta da terra, para defamarrar os que ainda estavão furtos, ferrando outra véz o **traquete**, tornou a pairar com a mefena. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 9].

Nesse texto de Francisco de Brito Freyre, datado de meados do séc. XVII, não localizamos o sintagma **traquete da gávea**, mas identificamos ocorrências da UL **velacho**<sup>79</sup> – descrita na sequência. Linguisticamente, ambas são sinônimas, no entanto, a denominação **velacho** equivale precisamente ao uso mais antigo de **traquete de vante/de proa** ou de **traquete de gávea do traquete**, como registra Barata (1970). Ademais, no mesmo texto, há as

<sup>78</sup> Na obra “Historia tragico-maritima: em que se escrevem chronologicamente os naufragios que tiverão as naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a navegação da India...”, a parte intitulada “Relaçã do naufragio da nao Conceyção, de que era capitão Francisco Nobre, A qual fe perdeo nos baixos de Pero dos Banhos aos 22 dias do mez de Agofto de 1555”, de Manoel Rangel, tem um trecho bastante elucidativo acerca do velame: “[...] fazia luar claro com pouco vento à popa [...] e mandou o Piloto entã tomar o **Traquete da Gávea**, e o **da proa**. Ficou a Nao com a **vèla grande**, **Traquete** e **Cevadeira** dadas, fêm querer amainar, nem virar em outro bordo” (RANGEL, 1904, p. 173-174, grifos nossos).

<sup>79</sup> Barata (1970), quando versa acerca das naus do período manuelino (1510 – 1530), relata que: “O velame destas naus era, como se disse, de concepção semelhante à da ‘armação definitiva’ do fim do século XV. Mas apresenta já mais uma vela no mastro do traquete, ‘o traquete de gávea do traquete’ ou seja uma vela de gávea sobre a vela do traquete; é a vela a que depois se chamou ‘velacho’” (BARATA, 1970, p. 15, grifos no original).

UL **barredouras, cutelos, joanetes e velas de estai**, indicando uma composição veleira mais complexa.

Destarte, para a UL **traquete**, foram definidos os semas:

- S1 – tecido usado para propulsão eólica;
- S2 – vela redonda;
- S5 – utilizada no mastro grande;
- S6 – utilizada no mastro do traquete;
- S16 – pende da verga do traquete;
- S20 – pende da verga da gávea grande;
- S21 – pende da verga da gávea do traquete.

#### l) VELACHO

**Velacho**, segundo as definições lexicográficas cotejadas, é a vela situada entre o traquete e o joanete do mastro do traquete. No banco de dados do DHPB, temos a ocorrência:

Qualquer navio derrotado que aviftar outro, para reconhecer se he da cõferva, o de barlavento amaine ambas as de gavea, & despere hũa peffa; o de sotavento, tire duas peffas, & arrie o **vellacho**. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 54].

Desta feita, delimitamos os semas:

- S1 – tecido usado para propulsão eólica;
- S2 – vela redonda;
- S6 – utilizado no mastro do traquete;
- S22 – pende da verga do velacho.

#### m) VELA DE ESTAI

A UL **vela de estai**, apenas Ferreira (2004) a registra em subentrada do lema **estai** e define como “Vela latina, triangular ou trapezoidal, que se enverga em estai por meio de sapatilho, garrunchos ou cosedura”. Quanto ao lema **estai**, Ferreira (2004) e os outros dicionários descrevem-no como cada um dos cabos grossos fixados na proa para firmar a mastreação. Segundo Fonseca (2005, p. 860), “as velas latinas de estai levam o nome dos estais

por onde são içadas, exceto no caso das velas de proa, que possuem nomes específicos”. Assim, têm-se, por exemplo, estai da gávea, estai do joanete, estai da gata e estai da sobregata.

No *corpus* do DHPB, identificamos uma ocorrência da UL **vela de estai**, sem especificação, ou seja, fazendo menção a diversos estais aos quais poderia estar içada.

E metendolhe brevillimamente **vellas de eftay**, cutellos, joanetes, barredouras [...]. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 41].

Dessa forma, constatamos os semas:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S11 – vela latina;

S23 – envergada em estai.

#### n) VELA GRANDE

A partir das descrições anteriores, entendemos a *prima facie* que a UL vela grande é a denominação da vela mais baixa ou papafigo do mastro grande, envergada na verga grande. Dos dicionários consultados, apenas Ferreira (2004) registra **vela grande** – em subentrada do lema **grande** – e define como “vela de papafigo que enverga na verga grande”. Entre as ocorrências no banco de dados do DHPB, destacamos as seguintes:

Querendo nós anchorar, deitarão o prumo] e acharão bom fundo e tendo já a **vela [grande** tomada antes do sol posto para já alar]gar a anchora, tornarão a rondar e a[charão pedra [...]. P. RUI PEREIRA (1956) [1561], *CARTA DO P. RUI PEREIRA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL, PERNAMBUCO 6 DE ABRIL 1561* [A00\_0047, p. 329].

[...] com mais um indio á vista acenando para onde deviamos ir, nada se entendeu, e assim, a tempo que mandei arrear a **vela grande**, esbarrou a canôa por cima de calhãos [...]. D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ (1869) [1762], *VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO-PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ*. [A00\_0740, p. 102].

Destarte, definimos os semas:

S1 – tecido usado para propulsão eólica;

S2 – vela redonda;

S5 – utilizada no mastro grande;

S15 – pende da verga grande.

A partir dos semas listados em cada lexema do microcampo lexical “velas náuticas”, elaboramos o quadro subsequente:

**Quadro 10** – Resultado da análise sêmica do microcampo lexical “velas náuticas”.

<b>Semas</b> \ <b>Lexemas</b>	<b>barredoura</b>	<b>cutelo</b>	<b>gata</b>	<b>gávea</b>	<b>joanete</b>	<b>mezena</b>	<b>moneta</b>	<b>papafigo</b>	<b>sevadeira</b>	<b>sobrecevadeira</b>	<b>traquete</b>	<b>velacho</b>	<b>vela de estai</b>	<b>vela grande</b>
1 – tecido usado para propulsão eólica	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+	+
2 – vela redonda	+	+	+	+	+	-	+	+	+	+	+	+	-	+
3 – suplementar	+	+	-		-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
4 – para tomar mais vento	+	+	-		-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
5 – utilizada no mastro grande	+	+	-	+	+	-	-	+	-	-	+	-	-	+
6 – utilizada no mastro do traquete	-	+	-	-	-	-	-	+	-	-	+	+	-	-
7 – pequena	-	+	-	-	-	-	+	-	+	+	-	-	-	-
8 – utilizada no mastro da gata	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
9 – pende da verga da gata	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
10 – pende da verga da gávea	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-
11 – pende da verga do joanete	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-	-
12 – vela latina	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	+	-
13 – envergada na carangueja do mastro de ré	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-	-
14 – cosida na esteira dos papafigos	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	-	-
15 – pende da verga grande	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-	+
16 – pende da verga do traquete	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	+	-	-	-
17 – utilizada no mastro do gurupés	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-
18 - pende da verga da cevadeira	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-	-
19 – pende da verga da sobrecevadeira	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-	-
20 – pende da verga do velacho	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-
21 – pende da verga da gávea grande	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
22 – pende da verga da gávea do traquete	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-	-	-
21 – envergada em estai	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	+	-

Org.: elaborado pelo autor.

Não abarcamos a totalidade dos nomes referentes a velas, e sim aqueles inventariados a partir do banco de dados do DHPB, e percebemos que esse conjunto se mostrou representativo de um domínio substancialmente especializado do léxico. As velas se distinguem, especialmente, consoante à forma, à função e à localização na mastreação. Nesse sentido, são válidos alguns comentários pontuais sobre os processos denominativos percebidos a partir do microcampo “velas náuticas”.

A UL **traquete**, em razão da variação definicional, levou-nos a verificar que, com o desenvolvimento das embarcações, algumas denominações mudaram. As velas denominadas **gávea** (no mastro grande) e **velacho** (no mastro do traquete) correspondem, respectivamente, às precedentes **traquete da gávea** e **traquete de vante/de proa**. Assim, no resultado da análise sêmica (Quadro 10), o lexema **traquete** contém o S5 e o S6, referentes ao mastro no qual se localiza a vela, indicando as duas possibilidades, e o S16, o S21 e o S22, relativos às vergas das quais as velas sob a denominação **traquete** poderiam pender. Tomando apenas o conjunto S6 e S16, a UL **traquete** é específica, pois se restringe à vela mais baixa do mastro de proa/do traquete. Tal particularização se dá pela redução do sintagma **traquete da gávea** para **gávea** e pelo emprego da denominação **velacho** para o sintagma **traquete de vante/de proa**.

Observamos que a UL **papafigo** é uma denominação genérica para **vela grande** e **traquete**, podendo funcionar como hiperônimo, por exemplo, quando se diz “ir a nau em papafigos”.

As primeiras definições de **gávea** fazem referência a uma espécie de “[...] gayola, ou guarita, assentada em huma roda de taboas, no alto dos mastos, serve para recolher as velas, quando as ferraõ” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 41, v. 4), aparecendo a acepção de vela, primeiramente, em Vieira (1871-1874). O étimo da palavra gávea, segundo Houaiss (2009), é do “lat.medv. *gabia*, do lat.cl. *cavèa,ae* 'gaiola, jaula, cortiço de abelhas etc.’” Dessa forma, inferimos que **gávea**, a princípio, denominou essa espécie de plataforma suspensa no mastro e, metonimicamente, passou a denominar a vela e a verga da qual ela pende. Temos, aqui, o processo linguístico metonímia.

A UL **joanete**, em Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813), não tem a acepção de vela, sendo definida somente como mastaréu pequeno que dá extensão ao mastaréu, ou seja, ao mastaréu da gávea e/ou ao mastaréu do traquete. No conjunto de obras lexicográficas, a acepção de vela para **joanete** foi identificada em Vieira (1871-1874) e nos posteriores. Aventamos, então, o nome dessa vela deriva da denominação do mastaréu.

Em Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813), a UL **cevadeira** tem somente a acepção de vela. Vieira (1871-1874) é o primeiro a indicar a verga do mesmo nome, localizada no mastro



do gurupés. Com isso, da denominação da vela derivou o nome da sua verga (verga da cevadeira). A UL **sobrecevadeira** é definida por todos os dicionários como vela pequena que fica sobre a **cevadeira**. Assim, o nome dessa vela foi transferido metonimicamente para a verga da qual ela pende (verga da sobrecevadeira) e para o mastaréu em que está a verga (mataréu da sobrecevadeira). A referência primeira para a denominação **sobrecevadeira** foi a vela situada abaixo dela, a **cevadeira**, com a inclusão do prefixo **–sobre**.

Quanto à UL **velacho**, apenas Ferreira (2004) e Houaiss (2009) registram, além da acepção de vela, a de mastaréu e de verga. Os demais dicionários trazem somente a acepção de vela. Compreendemos, assim, que a denominação **velacho** transferiu-se da vela para a verga e o mastaréu. Nas discussões anteriores, entendemos que a UL **velacho** passou a denominar o que, inicialmente, era chamado de **traquete de vante/de proa**. Tendo em vista que se trata de uma vela de tamanho menor que a vela do traquete, formou-se pelo acréscimo do sufixo **–acho**, com valor de diminutivo, à palavra **vela**.

No caso da UL **vela de estai**, temos uma denominação genérica para as velas denominadas **estai da gávea**, **estai do joanete**, **estai da gata**, **estai da sobregata** e outras. Esses nomes específicos não foram localizados no banco de dados. Aqui, também, há o processo metonímico de transferência do nome dos cabos grossos que, fixos na proa, firmam a mastreação para as velas envergadas nesses cabos.

A UL **vela grande**, provavelmente, deriva do nome do mastro no qual está a verga grande da qual pende essa vela.

Esses apontamentos demonstram como no microcampo “velas náuticas” é notável o processo metonímico de denominação, isto é, baseado numa relação de contiguidade. Dessa forma, reiteramos Basílio (2014), quando diz que a metonímia, ao lado da metáfora, tem um papel de substancial importância na constituição do léxico.

## 4.11 Tecidos de composição única

### 4.11.1 Dos cotonifícios

No inventário de nomes de tecidos de algodão, afora os referenciados **cassa**, **guingão**, **mosselina**, **panico** e **sofolié**, coligimos as UL **belbute**, **bertangil**, **bocachim**, **bombazina**, **canga**, **chita**, **chita paquete** e **pano da Costa**.

**Belbute** denomina um tecido de algodão de cor e aveludado “[...] antigamente bastante usado para estofar resistentes de cadeiras e sofás [...]” (VIEIRA, 1871-1874, p. 438, v. 2). Visto

que, como veremos adiante, a **bombazina** se assemelha a **beltute**, mas sem avesso, inferimos que esse possui o lado avesso liso e o lado direito aveludado. Registramos a seguinte ocorrência:

[...] de **belbutes**, chitas, bombasinas, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão, ou de linho [...]. DOM FREI MANOEL DA CRUZ. (1865) [1752], *COPIA DO REQUERIMENTO QUE O BISPO DE MARIANNA FEZ, COM DATA DE 13 DE ABRIL DE 1752* [A00\_0725, p. 211].

Concernente ao lema **bertangil**, Bluteau (1712-1728, p. 109, v. 2) diz: “Bertangil, ou Bertangi, ou Bretangil. Panno de algodão, que os Cafres tecem. Há grandes, & pequenos, azuis e pretos”. Houaiss (2009) elucida que **cafre** é “indivíduo de uma população africana banta, afim dos zulus, não muçulmana, do Sudeste da África” e acrescenta que o tecido denominado **bretangil** “[...] se exportava de Cambrai (França) para a África oriental e que aí tb. se fabricava”. Em seu glossário, Lisanti (1973, p. LIV, v. 1) refere que **bertangil** é “tecido de algodão usado em Ásia e África, de diferentes tamanhos, azuis e pretos”. Encontramos uma ocorrência no banco de dados:

[...] hum vistido de berberisco calção Roupeta E capa a Roupeta forrado o corpo de **bertangil** E as abas de tafeta preto tudo novo en sua avaliação de des mil rs [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 275].

**Bocachim**, segundo Silva (1949-1959), é o mesmo que **bocassi**: um “antigo tecido de algodão de qualidade semelhante ao fustão e que servia para forrar trabalhos de tapeçaria, divisórias de cortinados, etc”. (SILVA, 1949-1959, p. 531, v. 2). A primeira edição de Silva (1789) contém a entrada **bocaxim**, sendo tecido encerado (inclusão de materiais graxos ou cerosos para dar aspecto brilhante e encerado ao tecido) para entretelar vestidos, acepção essa corroborada no seguinte excerto do *corpus*:

[...] 8 d.<sup>as</sup> de **bocachim** p.<sup>a</sup> entretellas [...]. FRAN.co DA CRUZ (1725), *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 265].

A UL **bombazina**, de acordo com o cotejo lexicográfico, é um pano de algodão com riscas em relevo, imitante a veludo. Silva (1949-1959) complementa que o tecido é semelhante ao fustão, mas sem avesso. O banco de dados apresenta somente a variante **bombasina**, coocorrendo com outras denominações de panos de algodão:

[...] de belbutes, chitas, **bombasinas**, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão [...]. DOM FREI MANOEL DA CRUZ. (1865) [1752], *COPIA DO REQUERIMENTO QUE O BISPO DE MARIANNA FEZ, COM DATA DE 13 DE ABRIL DE 1752* [A00\_0725, p. 211].

Respeitante à UL **canga**, Silva (1813, p. 336, v. 1) descreve uma “fazenda d'algodão, quem vem da Índia, amarellada, ou azul, em peças pequenas, tecido de boa dura”. Esse dicionário também apresenta a entrada **ganga**, com o seguinte significado: “tecido de algodão loiro, azul, ou preto, que se traz da Ásia, estreito, basto, e de boa dura” (SILVA, 1813, p. 77, v. 2). Percebemos a semelhança entre ambas as definições, não obstante haver alguns complementos na segunda. Com exceção de Bluteau (1712-1728), que não possui as entradas, os demais dicionários iteram as descrições supracitadas. No *corpus*, atestamos ambas, **canga** e **ganga**:

[...] para que também seja tênue o seu fumo, o qual aparam em um toldo bem tapado, v. g. de **canga** (é pano de algodão muito forte, e tapado, que lona não há naquele Império) onde o fumo vai largando o seu pó tênue [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS - TRATADO TERCEIRO - DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA - CAP. 4º - DE ALGUAS OUTRAS PLANTAS NOTÁVEIS* [A00\_1864, p. 363].

D'huma côr como a da **Ganga**, Da Índia que nós cá vemos, Dessa mesma côr lá temos, No seu casulo, algodão. JOAQUIM JOSÉ LISBOA (1806.) [1792], *MINHA MARILIA, EU NÃO FAÇO. DO BRAZIL UMA PINTURA, DE SUBLIME ARQUITECTURA, COMO A QUE TEM PORTUGAL* [G00\_0015, p. 12].

No primeiro trecho acima, destaca-se que a robustez do tecido e, no segundo, reporta-se à sua procedência indiana.

A UL **chita** denomina uma fazenda “[...] de algodão, pintada de diversas cores, que vem da Ásia, e que também se fabrica na Europa” (VIEIRA, 1871-1874, p. 210, v. 2). Lisanti (1973, p. LVII, v. 1) refere que “a tintura era duradoura e por isso era esse tecido apreciado. Provinha da cidade de Masulipatan do reino de Golconda na costa de Coromandel”. No *corpus*, localizamos a variante **xita** e o sintagma **xita paquete**:

[...] agoas ardentes do Pico alguus barretes de pizão finos e grosos bem surtidos e não muitos **chitas** bem surtidas algum papel as baetas e sarafinas surtidas [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARDUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 32].

Huá cortina de **xita** com ramos encarnados com sua sanefa Outro cortinas de tafeté vermelho com suas sanefas, já uzadas Duas ditas de tafeté cor de roza com suas sanefas. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 90].

[...] está vestido com camisa de bertanha jaqueta, e calças de **xita paquete**, com çapatos calçados sem fivellas. desconhecido (1931) [1798], *A INCONFIDENCIA DA BAHIA EM 1798 - DEVASSAS E SEQUESTROS (CONCLUSÃO)* [A00\_2263, p. 157].

O sintagma **xita paquete** não foi encontrado nos dicionários consultados. Murakawa (2017), no entanto, faz algumas suposições. Considerando que a palavra **paquete** denomina, também, um “navio mercante a vapor que prestava serviço de correio e transportava mercadoria e passageiros” (HOUAISS, 2009), a autora pressupõe “[...] que tal tipo de *xita* vinha transportada por paquete, daí seu nome” (MURAKAWA, 2017, p. 128, grifo no original). Porém, ela afirma que essa hipótese não é satisfatória.

Acerca da UL **pano da Costa**, somente Silva (1949-1959), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) registram-na. Conforme o primeiro, trata-se de “tecido de algodão, listrado de azul” (SILVA, 1949-1959, p. 737, v. 7). Ferreira (2009) complementa que o tecido é originário da África e Houaiss (2009), em subentrada do lema **pano**, descreve que o **pano da Costa** é “tecido de algodão, liso ou listrado em cores vivas, originalmente feito à mão e importado da África”. Ademais, pode denominar o “[...] pano retangular liso, listrado, bordado ou rendado, us. como xale, que faz parte da indumentária tradicional das negras e mestiças da Bahia [...]” (HOUAISS, 2009). No *corpus* do DHPB, temos as seguintes ocorrências:

Vem igualmente muitos pannos de Algodão, chamados de ordinario **pannos da Costa** que por ser manufactura dos negros tem despacho na Alfandega. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], *CARTA PRIMEIRA* [A00\_0404, p. 53].

O excerto acima é de uma das cartas do professor de grego Luiz dos Santos Vilhena, em que versa sobre o comércio da Bahia. Ele trata do que era exportado para a Costa da Guiné e ilhas – região africana conhecida como Costa da Mina – e, também, do que vinha de lá. Além de negros para serem escravizados, as embarcações traziam muitos **panos da costa**. Mais adiante, Luiz dos Santos Vilhena lista alguns itens importados da Costa da Mina em 1798:

Memoria da Importação dos Portos do Brasil e da Costa d'Africa para a Bahia no Anno de 1798 Costa da Mina Escravos. ... **Pannos da Costa** Azeite de Palma Canadas [...]. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], *CARTA PRIMEIRA* [A00\_0404, p. 54].

Dessa forma, esse tecido deve ser procedente da Costa da Mina, localidade da África com a qual Portugal teve relações comerciais, elucidando a denominação **pano da costa**.

#### 4.11.2 Dos lanifícios

Com referência aos lanifícios, além de **barbarisco, casimira, barregana, burel, camelão, cilício, estamenha, pano da serra, lemiste, papa, raxeta, saial e serguilha**, apresentados nas subseções 4.2 e 4.3, inventariamos as UL **cacheira, calamânia, duquesa, durante, londres, osteda, picotilho, picaró, saeta, sarjeta e serafina**.

Nas definições de **cacheira**, o acabamento felpudo ganha evidência e a composição fica omissa. Silva (1789, 1813, 1949-1959) a definem como tecido de felpa comprida. Para Vieira (1871-1874) e Houaiss (2009), é veste antiga e grosseira. Bluteau (1712-1728) faz referência às duas acepções e os outros dicionários não apresentam o lema. Notamos, então, que nenhuma outra propriedade, além do acabamento, foi especificada. No entanto, tendo em vista que a **baeta** e o **saial** são feitos de lã e felpudos, supomos que a **cacheira** é um lanifício. Na língua espanhola, a UL *cachera* significa roupa de lã, grosseira e felpuda, ratificando essa dedução. Do *corpus*, destacamos o trecho seguinte:

Vão aos domingos á igreja com roupões ou berneos de **cacheira** sem capa. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 173].

Somente Silva (1949-1959, p. 746, v. 2) elenca a entrada **calamânia**, descrevendo-a como “tecido pouco apreciado e que se usou no século XVIII”. Mais detalhes sobre esse têxtil fornece Lisanti (1973, p. LVI, v. 1, grifo no original): “tecido de lã lustrado, às vêzes misturava-se na tecitura a seda ou pelo de cabra; existiam várias cores e qualidades; do francês ‘calmande’”. Essa definição, provavelmente, foi baseada em Savary des Bruslons (1748), na entrada *calmande*, em razão da visível semelhança. Lisanti (1973), à sua época, também deve ter se deparado com poucas informações lexicográficas em português referentes à UL **calamânia**. No *corpus*, temos ocorrências dessa e da variante **calamanha**:

Dous Frontaes de brim dos altares colateraes muito velhos Hum dito de Damasco branco, já muito velho Outro dito de **calamanha** prata já muito velho Outro dito de xita com ramos encarnados e franjas verdes. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 91].

[...] 1 1/2 C.º de **calamania** Lavada [...]. DOM ANTONIO DE SOUZA MOURAM (1906) [1769], *EXPEDIÇÃO DE GUARAPUAVA MATRICULA DA TROPA E DESPESA FEITA COM ELLA 1769 —1775 REGISTO DA ORDEM DO ILLMO E EXMO SNR. GENERAL* [M00\_0041, p. 100].

A cor prateada do frontal de **calamânia**, no primeiro excerto supracitado, pode ser uma evidência do que Lisanti (1973) especificou sobre a mistura de outros materiais à lã no fabrico do tecido.

As definições de **duquesa** são rasas, limitando-se a dizer que se trata de certo pano de lã e espécie de tecido antigo. Vieira (1871-1874, p. 1148 v. 2) acrescenta a qualidade de ser especial: “tecido de lã especial e conhecido no commercio por este nome”. Em Ferreira (2004) e Houaiss (2009), destoando dos demais dicionários consultados, uma acepção dada para a UL **duquesa** reporta-se a espécie de cetim de seda. Vejamos a ocorrência encontrada no *corpus*:

[...] 1 p.<sup>s</sup> de **duqueza** escarllete por 15.500 [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARDUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 34].

Nas definições de **duquesa**, percebemos diferenças de uma época para a outra. Os dicionários mais antigos, Bluteau (1712-1728), Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874), apresentam definições análogas: certo pano de lã. Silva (1949-1959), em meados do século XX, resume-se a dizer que é um tecido antigo. Entretanto, dá como exemplo uma citação de Camilo Castelo Branco – portanto, século XIX – em que aparecem, no mesmo contexto, as UL **droguete**, **duquesa** e **serafina**, que as freiras não deviam usar a seu bel-prazer. Droguete e serafina são tecidos de lã, sendo possível deduzir que a ocorrência nesse exemplo denomine, também, um lanifício. Os mais atuais, Ferreira (2004) e Houaiss (2009), dizem que duquesa é um tipo de cetim de seda. Portanto, iniciamos com definições sumárias (focadas na composição têxtil), passamos por uma definição vaga (com enfoque temporal) e terminamos nas hodiernas, destoantes das primeiras (alteração da composição têxtil). Isso demonstra a dinamicidade da língua, a partir da qual, a menos que seja falha dos lexicógrafos, os dicionários registram as mudanças e inovações têxteis ao longo do tempo. Há que se considerar, também, a possibilidade

de os atuais terem se reportado ao francês *duchesse*, cujo significado, no domínio têxtil, é tecido de cetim.

A UL **durante** denomina um tecido de lã lustroso como o cetim (FIGUEIREDO, 1899; SILVA, 1949-1959; FERREIRA, 2004). De acordo com Cunha (2010, p. 231), o nome procede do verbo **durar**, em virtude da “[...] relativamente longa duração do tecido”. Seguem alguns trechos do *corpus*:

[...] Cov.<sup>os</sup> de **durante** branco [...]. DOM ANTONIO DE SOUZA MOURAM (1906) [1769], *EXPEDIÇÃO DE GUARAPUAVA MATRICULA DA TROPA E DESPESA FEITA COM ELLA 1769 —1775 REGISTO DA ORDEM DO ILLMO E EXMO SNR. GENERAL* [M00\_0041, p. 98].

[...] o outro veio à esta cidade, e promettendo assistir e socorrer com Indios as esquipações que subissem, voltou muito satisfeito por se lhe ter dado um insignificante vestido de **durante**, e algumas camisas e calções de panno de algodão aos outros [...]. JOAQUIM MARIA NASCENTES DE AZAMBUJA. (1891) [1797], *VIAGEM DE THOMAZ DE SOUZA VILLA REAL PELOS RIOS TOCANTINS, ARAGUAYA E VERMELHO: ACOMPANHADA DE IMPORTANTES DOCUMENTOS OFFICIAES RELATIVOS Á MESMA NAVEGAÇÃO...* [A00\_0710, p. 403].

Acerca da UL **londres**, nos dicionários, são ínfimas as informações. Apenas Figueiredo (1899) e Silva (1949-1959) trazem o lema, resumindo-se a definir como espécie de tecido antigo que se fabricava em Londres, capital inglesa, e Bluteau (1712-1728), embora não o apresente na nomenclatura, cita “pano Londres” no verbete de **pano**, quando dá exemplos de panos que se distinguem pelos nomes das terras de onde provieram.

Savary des Bruslons (1748, p. 185, v. 3, tradução nossa<sup>80</sup>) descreve *londres* como “espécie de panos de lã destinados ao comércio no Levante; são fabricados na França [...]. A origem do nome Londres atribuído a estes panos parece ser a mesma dos tecidos *londrins*”, ou seja, do topônimo Londres. Na entrada *londrins*, o autor detalha que, muito antes dos franceses, os ingleses comerciaram os referidos tecidos de lã no Levante, o que permite afirmar que os britânicos os inventaram e, na França, foi feita uma imitação. De acordo com Zimmerman (2017), os têxteis de lã britânicos eram tão populares que produtores franceses chamaram seus lanifícios de *londrins*, para associá-los à cidade de Londres.

Diante do exposto, itera-se que os tecidos com o nome de um local não eram necessariamente fabricados lá. A exemplo dos *londres* e *londrins*, certos tecidos afamados

<sup>80</sup> “Espece de draps de laine destinés pour le négoce du Levant; ils se manufacturer en France [...]. L'origine du nom de Londres que l'on donne à ces draps paroît être la même que celle draps londrins.” (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 185, v. 3).

foram frequentemente imitados em outros lugares. Na sequência, dispomos o trecho do banco de dados do DHPB em que consta a UL **londres**:

A minima parte destas drogas gasta o nosso Portugal o mais sacão os estrangeiros por troco das roupas e mantimentos de q̃ o R<sup>no</sup> padece falta, e como estas ja não poderia escuzar, permanecendo no luxo das olandas, Cambraes, **londres**, galas; sê tornar ao parco uso dos antigos (que ja sera impossuiel) contentandose de seu linho beiraõ e Lam d'Alemtejo. desconhecido (1958) [1607], *MEMORIAL DO ESTADO DO BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627 (131)* [A00\_2113, p. 316-317].

A UL **osteda** os dicionários definem como pano de lã, com ou sem festo. Segundo Bluteau (1712-1728), há tipos diferentes de ostedas: osteda de festo, osteda ordinária sem festo e osteda estreita. No suplemento, Bluteau (1712-1728, p. 315, v. 9) contém o lema **usteda de festo**, sendo “certo panno de seda, adamascado, ou com ramos de outra cor”. Silva (1813) e Vieira (1871-1874) indicam que esse tecido foi antigamente fabricado em Ostende (Oostende), cidade belga da qual, *a priori*, tomara o nome.

No banco de dados do DHPB, têm-se as seguintes ocorrências:

Uma vestimenta de **osteda** com estóla, manipulo, almofada para o Missal, e bolsa de corporais com três véus de calices de nobrêsa, branco, vermelho e rôxo, tudo com guarnições de retrós côr de ouro. Um frontal da dita **Osteda** com as mesmas guarnições e franjas de retrós côr de ouro, para servir, das ditas três côres branca, vermelha e rôxa, como também a casula, e seus pertences. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00\_0333, p. 381].

As poucas informações sobre a UL **osteda** instigou-nos a ir mais a fundo na pesquisa, principalmente, porque Savary des Bruslons (1748), no verbete *ostade*<sup>81</sup>, não faz alusão alguma à cidade belga de Ostende. No “Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500)”, o lema *ostade* é definido como “estofa fino de lã, sarja fabricada na Inglaterra” (DMF, 2015, tradução nossa<sup>82</sup>). O DMF (2015) remete, então, para outras fontes, como Godefroy (1888, p. 653, v. 5), o qual elenca as variantes *hostade*, *austade*, *estade* e diz consistir numa espécie de sarja<sup>83</sup>. Em Du Cange *et al.* (1883-1887), P. Carpentier (1766), no lema *ostada*, elenca ocorrências dessa

<sup>81</sup> Savary des Bruslons (1748, p. 650, v. 5) descreve *ostade* como pano de lã cuja utilização foi totalmente perdida.

<sup>82</sup> “Étoffe de laine légère, serge fabriquée en Angleterre” (DMF, 2015).

<sup>83</sup> Sarja: “[...] § Tecido leve de seda, ou lã, como huma especie de trançado” (SILVA, 1813, p. 670, v. 2).



unidade lexical e de *ostade* datadas dos anos 1395, 1425 e 1457, e a definição também alude a um tecido de lã.

Thomas (1897), no “Essais de philologie française”, diz que a *ostade* é um tecido conhecido na França desde os fins do século XIV até o começo do século XVII. De acordo com o autor, “não há dúvida que a palavra francesa é uma alteração do inglês *worsted* [...] que nada mais é do que um nome de lugar, na região de Norfolk” (THOMAS, 1897, p. 342-343, tradução nossa<sup>84</sup>). O autor refere-se à vila de Worstead, no condado inglês de Norfolk. Portanto, corrobora o DMF (2015), segundo o qual *ostade* é um tecido outrora fabricado na Inglaterra.

Wartburg (2003), no “Französisches Etymologisches Wörterbuch” (FEW), traz o lema *worsted*, no qual relaciona as variantes *wastarde*, *ostada*, *osteda*, *oustodo*, *hosteda*, *ostade*, *ostede* identificadas em textos dos Séculos XIV ao XVII. Vale citar a ocorrência da palavra *hosteda* nos arquivos municipais da vila francesa de Périgueux, em um inventário do ano 1428: “90. Item juponem de **hosteda** de pertico” (COMITÉ, 1907, p. 191, grifo nosso). Para Wartburg (2003, p. 613, v. 17), Worstead é conhecida por sua produção têxtil, tendo o nome transferido para o tecido cuja exportação para a França é constatada desde 1364.

Conforme o “Oxford English Dictionary” (OED, 1928, p. 324, v. 10, parte 2, tradução nossa<sup>85</sup>), *worsted* é “um tecido de lã feito de fios bem torcidos, fiados com fibra longa e penteada para deixar as fibras paralelas”. A primeira atestação de *worsted* listada nessa obra, com acepção de tecido, data de um texto de 1293. Consoante o OED (1928), a palavra provém do nome de uma freguesia de Norfolk, ao norte de Norwich – Wurðestede (em inglês antigo), atualmente, Worstead, o que itera Thomas (1897) e Wartburg (2003).

Em face das fontes supracitadas, notamos ausência da associação do fr. *ostade* e de suas respectivas variantes ao topônimo belga Ostende<sup>86</sup>, como sinalizam Silva (1813) e Vieira (1871-1874) para o português **osteda**, evidenciando um equívoco, talvez, pela semelhança dessa UL com Ostende. Assim, consideramos plausível a proposição de que o fr. *ostade* se originou do topônimo inglês Worstead.

<sup>84</sup> “Il n'est pas douteux, en effet, que le mot français soit une altération de l'anglais *worsted* [...] qui n'est autre chose qu'un nom de lieu, dans le canton de Norfolk.” (THOMAS, 1897, p. 342-343).

<sup>85</sup> “A woollen fabric or stuff made from well-twisted yarn spun of long-staple wool combed to lay the fibres parallel.” (OED, 1928, p. 324, v. 10, parte 2).

<sup>86</sup> Ao versar sobre **Ostende**, Savary des Bruslons (1748, p. 650, v. 3) não se reporta à produção têxtil, informando apenas que se trata de uma cidade e porto e que as outras cidades de Flandres e do Brabante faziam seus negócios, sobretudo, por meio dos navios mercantes que lá se equipavam. Destarte, compreendemos que Ostende foi um porto com alguma importância.

Na língua portuguesa, constatamos **osteda** – no *corpus* do DHPB e nos dicionários Silva (1813, 1949-1959) e Vieira (1871-1874) – **usteda**<sup>87</sup> – em), Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) – e **husteda** – em Silva (1813) e Vieira (1871-1874). Nenhuma dessas formas está contida no VOLP.

Referente à UL **picotilho**, consiste em picote<sup>88</sup> de melhor qualidade, isto é, menos grosseiro (FIGUEIREDO, 1899; SILVA, 1949-1959; FERREIRA, 2004; HOUAISS, 2009). Na contramão, Vieira (1871-1874) define como picote de qualidade inferior. Identificamos somente a variante **pecotilho**:

[...] 8 peças de baregana de França azul ferete e cor de **pecotilho** pois se gastão bem [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 265].

A UL **picaró** é registrada por Figueiredo (1899), que indaga se esse tecido corresponderia ao picó – o mesmo que picote (FIGUEIREDO, 1899). Silva (1949-1959), de forma concisa e imprecisa, diz consistir em certo tecido antigo. Para a UL **picó**, esse dicionário afirma que é o mesmo que picote. Aulete (1974) descreve, na entrada **picó**, que esse também é chamado de picaró ou picote. Dessa forma, conjecturamos que as UL **picaró**, **picó** e **picote** são variantes que denominam um tecido de lã áspero e grosseiro. Para Houaiss (2009), o nome **picote** deriva do homônimo espanhol, o qual provém de *picar*, estando, então, relacionado à aspereza do tecido. Vejamos o trecho em que aparece a UL **picaró**:

[...] 6 peças de **picaros** e fitas de largura de 1 dedo athe 2 estas sejam sortidas de cor de fogo encarnadas e azuis e cor de ouro e amarellas [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 266].

**Saeta** ou **saieta** (ambas constam no VOLP), na definição de Bluteau (1712-1728, p. 189, v. 9), é “panno de lã de Inglaterra, mais fino que sarafina, muy usado, e de todos conhecido”. Os demais dicionários, na entrada **saieta**, dizem que é um pano de lã próprio para forros. Encontramos somente a variante **saeta**:

<sup>87</sup> Localizamos a forma **usteda** no seguinte excerto do “Cancioneiro Geral” reunido por Garcia de Resende (1470-1536) e impresso em 1516, em Lisboa, na oficina de Hermão de Campos: “[...] Loba d'Ipre pespontada, / mangas d'**usteda** ou solia, / beeca curta & engraxada, / barba d'um dia rrapada / & de ous meses trosquya” (p. 589). Disponível em: <http://bdalentejo.net/BDABra/BDADigital/Obra.aspx?id=358#>. Acesso em: 18 set. 2019.

<sup>88</sup> Picote: “s.m. (1536) certo pano grosseiro de lã © ETIM esp. *picote* 'id.', prov. de *picar*, devido à aspereza do tecido [...]” (HOUAISS, 2009).

[...] 4 p.<sup>s</sup> de **saeta** [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 34].

Quanto à UL **sarjeta**, consiste em “panno de lã de cordão fino” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 198, v. 9), ou seja, uma variedade de sarja pouco encorpada. A **sarja** é um “tecido leve de seda, ou lã, como uma especie de trançado” (VIEIRA, 1871-1874, p. 412, v. 5). Atestamos a variante **sargeta**:

[...] hum vistido de home de chonbalote de seda negro Roupeta calcão E gibão e capa de **sargeta** en sua avaliação de doze mil rz [...]. MARIA DA SILVA [1655], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARIA DA SILVA (1655)* [A00\_0756, p. 191].

**Serafina** é “hum tecido de lã delgada para forros, cortinas, &c.” (SILVA, 1813, p. 691, v. 2) e, ainda, “[...] espécie de baêta encorpada, geralmente com desenhos ou debuxos” (FIGUEIREDO, 1899, p. 691, v. 2). No banco de dados do DHPB, localizamos, também, a variante **sarafina**:

[...] foi avaliada hua capa de **sarafina** Roxa em dous cruzados [...]. GASPARDIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPARDIAS PERES (1654)* [A00\_0755, p. 18].

Este, em tempo de seu governo, guarneceu a igreja de umas bellas cortinas de **sarafina** vermelha que servem para as festas maiores do anno [...]. PADRE. JOÃO FELIPPE BETENDORF (1910) [1699], *CAPITULO 13 - SUCCEDE O PADRE IODOCO PERES AO PADRE PÊRO LUIZ, PONDO COMO REITOR DO COLLEGIO DO PARÁ AO PADRE FRANCISCO RIBEIRO E FALLECE O PADRE PERO LUIZ* [A00\_0517, p. 348].

#### 4.11.3 Dos linifícios

Afora as UL **bretanha**, **aniagem**, **baeta**, **cabraia**, **baetão**, **cré**, **esguião**, **holandilha**, **linhagem**, **lona**, **holanda**, **pano de estopa** e **sarapilheira**, descritas anteriormente, do conjunto de nomes relativos a tecidos de linho, destacamos **cambraieta**, **guimarães** e **ruão**.

A UL **cambraieta**, de acordo com as definições lexicográficas, significa **cabraia** menos fina, de qualidade inferior, ordinária. Conforme vimos, a **cabraia** é um tecido de linho. No banco de dados registramos somente a variante **cabraeta**:

[...] não carregamos tãobem huma boa parte das **cambraetas** q. estas tãobem se não fala muito nelas [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARDUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 32].

Os dicionários consultados não contêm o lema **guimarães** com acepção na área têxtil. Então, não identificamos detalhes acerca desse tecido. No *corpus* do DHPB, localizamos esta ocorrência:

Vieram vinte e cinco arrateis que repartimos, vendo-nos obrigado a desfazer de toalhas e guardanapos de **Guimarães**, que conservavamos em folha para nosso uso. D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ 1869) [1762], *VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO-PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ*. [A00\_0740, p. 74].

Guerra e Simões (2001), no glossário do quarto volume da obra “Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira”, registra a entrada **guimarães** e a define como denominação de tecidos de linho oriundos do concelho de Braga, Portugal. Zimmerman (2017), em seu trabalho sobre as posses materiais de uma família de elite nas Minas Gerais do século XVII, corrobora o autor quando descreve que “[...] Guimarães é o nome de um tipo de pano de linho associado à cidade portuguesa de Guimarães” (ZIMMERMAN, 2017, p. 100, tradução nossa<sup>89</sup>).

Essa cidade foi notável na produção do linho, comercializado em praças lusitanas e estrangeiras, mormente, Espanha e Brasil: “[...] foi, em suma, desde muito cedo um centro linheiro de referência e, graças à subtileza do seu linho, foi requisitado nos principais mercados internos e internacionais” (VILAÇA, 2012, p. 213).

A UL **guimarães** tem antecedente antroponímico. A propósito, presente até hoje como sobrenome de muitas famílias. Ao tratar do superstrato da língua portuguesa, especialmente dos germanismos, Castro (2006, p. 60, grifo no original) considera que “[...] a camada toponímica germânica do norte de Portugal, Galiza e Espanha foi instalada pela nobreza do séc. IX. *Guimarães* (< VIMARANIS) deriva do nome do conde portugalense Vimara Peres [...]”.

Assim, do genitivo *vimaranis* advém o topônimo Guimarães. A propósito, o gentílico para o que é natural dessa cidade é vimaranense. A mudança fonética V-/G(u) em posição inicial, segundo Moreira (1968, p. 78-79), “[...] é um facto vulgar na antroponímia hispano-

---

<sup>89</sup> “Guimarães is the name for a type of linen cloth associated with the Portuguese town of Guimarães.” (ZIMMERMAN, 2017, p. 100).

goda [...]”, por exemplo, *Veta/Gueta*, *Vilifonso/Guilifonso*, *Vizoi/Guizoi*, fato que prolongara-se para palavras românicas, como *vorace/goraz*, *vomitar/ popular gomitar*, *vastare/gastar*.

Motivado pela notoriedade da região alcunhada Guimarães na produção de linho, o nome do tecido veio do léxico toponímico para ser usado no vocabulário comum. Desse modo, o contexto e o valor do produto têxtil foram determinantes para essa inovação lexical.

Conforme o cotejo lexicográfico, a UL **ruão** denomina um tecido de linho tosado fabricado outrora em Ruão, cidade localizada na região da Normandia, ao noroeste da França. Segundo Bluteau (1712-1728, p. 187, v. 9), “he hum panno de linho muito alvo, semelhante ao crè, o qual he de varias castas, e se fabrica em Ruão de França”. A característica de ser tosado (tosquia) significa que teve as felpas aparadas: “[...] consiste numa espécie de alisamento das fibras, visando a uniformidade das mesmas” (CHATAIGNIER, 2006, p. 55). No banco de dados do DHPB, verificamos as formas **ruão**, **ruam**, **roão**:

[...] 82 pessas panicos com 172 cov<sup>s</sup> de ba ..... e 1.968 1/2 varas de **ruão** branco de avaria ..... tudo isto se fes a conta q. nos pagou e importou em 2.128.393 r.<sup>s</sup> [...]. DAMIÃO NUNES DE BRITTO, JOSEPH MEIRA E PEDRO FRANCISCO DE ANDRADE (1973) [1726], *CARTAS* [A00\_0866, p. 283].

Do **ruam** que em nossa mão ficou de conta da avaria do navio Rozario temos vendido algum a trocco de couros [...]. DAMIÃO NUNES DE BRITTO E JOSEPH MEIRA DA ROCHA (1973) [1728], *CARTAS DA COLONIA DO SACRAMENTO* [A00\_0869, p. 309].

Disse, que ainda no seu tempo chegara a vêr uma peça de **roão** de cofre, que rendera a colheita d'aquelle genero para o sobredito pagamento. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 2.<sup>a</sup> PARTE: BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO QUINTA: DE MOURA A AIRÃO [A00\_2241, p. 563].

Segundo Savary des Bruslons (1748), chamam-se *rouens* os panos fabricados em Ruão, capital da Normandia (França), e nos arredores. O autor descreve que há quatro tipos próprios para o comércio na Espanha, denominados *ouvrier* ou *de coffre*, os *fleurets*, os *blanquets* e os *rouens réformées*. O primeiro, *ouvrier* ou *de coffre*, era muito caro, porquanto “[...] são os mais finos e mais belos de Ruão” (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 428, v. 3, tradução nossa<sup>90</sup>). Assim, deslindamos o significado de **roão de cofre**<sup>91</sup>, constante no terceiro excerto supracitado.

<sup>90</sup> “[...] sont les plus fines & les plus belles de Rouen.” (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 428, v. 3).

<sup>91</sup> Savary des Bruslons (1748, p. 384, v. 2) detalha que *toile de coffre* é uma espécie de pano de linho que se fabrica em Louviers e Éuvreux, localizadas nas proximidades de Ruão.

No “*Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem*”, Jeronimo Cardoso (1562, p. 94) registra as entradas “ruam. cidade. *rotomagium(i)*” e “ruam lenço. *Lintheum rotomagisense*”, permitindo afirmar que, em meados do Século XVI, já se conhecia o referido têxtil de Ruão e a sua denominação no português.

No *corpus*, localizamos a forma sintagmática **ruoins de Hamburgo**:

[...] quarenta e tres p.<sup>as</sup> de **ruoins de Hamburgo** [...]. DAMIÃO NUNES DE BRITTO, JOSEPH MEIRA E PEDRO FRANCISCO DE ANDRADE (1973) [1726], *CARTAS* [A00\_0866, p. 285].

Tal como deduzimos para **bretanha de Hamburgo** na subsecção 4.2, a denominação **ruão de Hamburgo** sugere uma imitação alemã do original francês, com qualidade peculiar, ou expressa proeminência de Hamburgo nas relações comerciais e/ou fabris.

#### 4.11.4 Dos seríceos

Dos nomes de tecidos de seda, já apresentamos **cetim, crepe, garça, soprilho e tafetá**. Agora, completemos esse conjunto com as denominações **brilhante, brocado, chamalote, damasco, damasquillo, esparragão, nobreza, pinhoela, primavera, tabi e veludo**.

A UL **brilhante**, com acepção de tecido, aparece no seguinte trecho do *corpus*:

[...] hei por bem ordenar que todas as fabricas, manufacturas ou teares de galões, de tecidos ou de bordados de ouro e prata; de veludos, **brilhantes**, setins, tafetas ou de outra qualquer qualidade de seda [...]. DOM FREI MANOEL DA CRUZ (1865) [1752], *COPIA DO REQUERIMENTO QUE O BISPO DE MARIANNA FEZ, COM DATA DE 13 DE ABRIL DE 1752* [A00\_0725, p. 211].

Os dicionários utilizados no cotejo lexicográfico não apresentam essa acepção para o lema **brilhante**. Entretanto, no “*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*”, da Academia das Ciências de Lisboa (ACL, 2001, p. 581, v. 1), identificamos, sob a rubrica desusado, a definição “tecido de seda com muito brilho”. Isso nos leva a compreender que **brilhante** possa ser palavra genérica para fazer menção a panos de seda que têm muito brilho.

A UL **brocado** denomina uma “tela de seda entretecida de ouro ou prata, de várias sortes” (SILVA, 1949-1959, p. 625, v. 2), definição iterada nos outros dicionários. A riqueza presente na composição desse tecido é perceptível nos excertos do banco de dados em que são descritos paramentos litúrgicos, como a mitra e a dalmática, além do manto de Nossa Senhora

do Amparo, de **brocado** (variante). Ademais, os **brocados** são citados entre panos finíssimos e sedas riquíssimas:

E acabado o offertorio se assentou elle em huma cadeira no degrao do altar com a mitra de **brocado** na cabeça, e assi elle como os dous, scilicet, diacono e subdiacono, revestidos de vestimenta e dalmaticas de veludo verde e sabastros de **brocado** muyto rico [...] P. LEONARDO DO VALE (1956) [1561], *CARTA DO P. LEONARDO DO VALE POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AO P. DIEGO LAYNES, BAÍA 23 DE SETEMBRO 1561* [A00\_0055, p. 447].

O segundo modo de mercadores são os que estão assistentes na terra com loja aberta, colmadas de mercadorias de muito preço, como são tôda a sorte de lençaria, sedas riquíssimas, panos finíssimos, **brocados** maravilhosos, que tudo se gasta em grande cópia na terra, com deixar grande proveito aos mercadores que as vendem. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], *DIÁLOGO TERCEIRO - EM QUE SE TRATA DAS MERCANCIAS DO AÇÚCAR, PAU, ALGODÃO, MADEIRA* [A00\_1583, p. 90-91].

Hum manto de **brocado** vermelho orliado de galão de prata falha de Nossa Senhora do Amparo. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 90].

No banco de dados, identificamos a UL **chamalote** e as respectivas variantes **chonbalote**, **chamalotte** e **xamalote**. Trata-se de uma espécie de “seda, com aguas” (SILVA, 1813, p. 381, v. 1). No contexto da definição, **aguas** (águas), no plural, faz referência às ondas (efeito ondulado) que se fazem no tecido.

[...] umas e outras da feição do **chamalote**; e umas e outras tem o cheiro suavíssimo [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *DAS ARVORES MEANS COM DIFFERENTES PROPRIEDADES, DOS CIPÓS E FOLHAS UTEIS (PARTE SEGUNDA - TITULO 9)*. [A00\_0185, p. 253].

[...] hum vistido de home de **chonbalote** de seda negro [...]. MARIA DA SILVA [1655], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARIA DA SILVA (1655)* [A00\_0756, p. 191].

[...] enquanto assistio em aquella aldêa mandou vir do Reino bellos ornamentos de **chamalotte**, com custodia o outras couzas para o serviço docente de sua egreja [...]. PADRE. JOÃO FELIPPE BETENDORF (1910) [1699], *Título do CAPITULO 15 - DISPÕE O PADRE SUPERIOR AS COUSAS DAS RESIDENCIAS E MANDA O PADRE JOÃO MARIA GORSONY COM A TROPA DE RESGATE AO SERTÃO* [A00\_0528, p. 413].

Por hua vara de **xamalote** para complemento das cortinas do N. SSmo Patriarcha [...]. REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (1955) [1756], *LIVRO DO GASTO DA SACRISTIA DO*

*MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA DE 1756 ATÉ 1800* [B00\_0018, p. 255].

No rol dos tecidos ricamente trabalhados, figura o **damasco**. Segundo as definições lexicográficas, é um tecido de seda encorpado e com desenhos acetinados resultantes do contraste com o fundo fosco constituído pela trama. Ressaltados em relevo, por efeito da luz, os labores são formados por fios do urdume que “[...] passam sobre os fios da trama, para em seguida serem reintegrados ao tecido” (PEZZOLO, 2009, p. 105). Assim, a UL **damasco** se refere, também, a uma técnica de tecelagem.

Figueiredo (1899), Silva (1949-1959), Ferreira (2004) e Houaiss (2009) registram que, conquanto seja originalmente de seda, há tecidos de lã, linho e algodão imitantes a damasco (chamados de adamascados). Bluteau (1712-1728) acrescenta que há damascos de Castela, da Itália e da Índia, indicando imitações do original. Vieira (1871-1874) informa que fora importado para Portugal pelos genoveses.

Conforme Bluteau (1712-1728, p. 6-7, v. 3), “[...] a invenção veyo da Cidade de Damasco”. Vieira (1871-1874), Figueiredo (1899) e Houaiss (2009) reiteram que o tecido foi primeiramente fabricado nessa cidade. O estudo de Pezzolo (2009), entretanto, informa que esses tecidos de seda trabalhada – isto é, a técnica<sup>92</sup> de formar desenhos com fios brilhantes – foram inventados pelos chineses e levados para a Europa a partir do Oriente Médio, sendo os damascos vistos pela primeira vez na capital síria pelos cavaleiros das Cruzadas. Desse modo, entendemos que o tecido foi difundido pelo mundo a partir de Damasco, mas sua concepção é chinesa.

Do banco de dados do DHPB, destacamos alguns dos trechos em que ocorre a UL com a acepção de tecido:

[...] revestidos de vestimenta e dalmaticas de veludo verde e sabastros de brocado muyto rico, que foy da capella d’El-Rey, afora outros 4, que estavam ao redor delle, vestidos com capas novas de **damasco** branco, com os capellos e sabastros ou barras de veludo carmezim. P. LEONARDO DO VALE (1956) [1561], *CARTA DO P. LEONARDO DO VALE POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AO P. DIEGO LAYNES, BAÍA 23 DE SETEMBRO 1561* [A00\_0055, p. 447].

Dêtro da Capella mór estavaõ dous bofetes cubertos cõ panos de **damalco** carmezim, & junto a cada hum estavaõ dous tamborettes razos; hũ estava da parte do Evangelho, pata affitirem os Reverêdos Conegos Juizes das

<sup>92</sup> “Os chineses também foram os primeiros a utilizar o tear com lançadeiras, com grande número de fios no urdume. Os fios do urdume eram levantados individualmente por ajudantes, possibilitando a criação dos mais complexos desenhos.” (PEZZOLO, 2009, p. 105).



querelas [...]. DOM SEBASTIÃO MONTEYRO DA VIDE (1720) [1707], *RELAÇAM DA PROCISSAM, & SESSOENS DO SYNODO DIECEFANO, Q SE CELEBROU NA SANTA SÉ METROPOLITANA DA CIDADE DA BAHIA EM 12 DE JUNHO DE DE 1707* [A00\_2467, p. 597].

A UL **damasquilha**, de acordo com o cotejo lexicográfico, trata-se de tecido de seda adamascado, porém mais leve, isto é, menos encorpado que o damasco. Esse tecido parece não ter perdurado e, logo, a denominação não está corrente na língua. Segue o trecho do *corpus*:

[...] calção e Roupetta e jubão de pano de algodão listrado com huas mangas de **damasquilha** verde em sua avaliação por dous mil e oito sentos Reis [...]. GASPAS DIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAS DIAS PERES (1654)* [A00\_0755, p. 18].

Atualmente, ainda se fabrica o **damasco** ou **adamascado**, também, com fibras não naturais, como o poliéster. Ademais, no séc. XIX, houve grande inovação da técnica de criar desenhos com fios brilhantes: a invenção, pelo francês Joseph-Marie Jacquard, de um tear automático que permitiu a produção mais facilitada dos tecidos adamascados. Utilizado até o presente, “o sistema jacquard inclui cartões perfurados que selecionam e levantam os fios do urdume na sequência desejada [...]” (PEZZOLO, 2009, p. 106).

A UL **esparragão**, de acordo com Bluteau (1712-1728, p. 402, v. 9), é um “pano de seda com lavor muy miudinho, serve para forros de vestido”. Temos, no *corpus*, as variantes **espermegão** e **esperregão**:

[...] 1 peca de tafota baeta bom preto 3 pecas de **espermegoins** de cores bons meias pecas de panos finos sortidos de cores bons [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 267].

[...] 258 cov.<sup>s</sup> e 1/4 de **esperregão**; alvadio; pardo; e cor de fogo [...]. FRAN.co VIEGAS DE AZEV.o (1973) [1742], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0444, p. 373].

Para a UL **nobreza**, os dicionários apresentam o significado de certa variedade de seda, sem dar mais detalhes. Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) a qualificam como pano de seda vulgar. No DLE (REAL ACADEMIA ESPAÑOLA, 1884), a entrada *nobleza* contém acepção de tecido de seda, espécie de damasco sem labores, ou seja, mais simples, o que poderia justificar o adjetivo “vulgar” (comum) nessas definições em língua portuguesa. No banco de dados, localizamos, também, a variante **nobrêsa**:

[...] 5 p.<sup>s</sup> de **nobreza** de cores [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARDUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 34].

Uma vestimenta de osteda com estóla, manipulo, almofada para o Missal, e bolsa de corporais com três véus de calices de **nobrêsa**, branco, vermelho e rôxo, tudo com guarnições de retrós côr de ouro. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00\_0333, p. 381].

A UL **pinhoela** se encaixa no conjunto de panos de seda, sendo “tecido de sêda, com círculos avelludados” (FIGUEIREDO, 1899, p. 322, v. 2). Haja vista as poucas informações na língua portuguesa sobre esse tecido de seda com círculos aveludados, buscamos no espanhol *piñuela* (diminutivo de *piña*) uma possível motivação para esse nome. Gómez Ferrero (2014), em estudo lexical de protocolos notoriais do século XVII ao XIX, analisa a UL *piñuela* e, com base no “Diccionario histórico de telas y tejidos”, assinala que o têxtil remonta a um tipo de seda que teciam os indígenas das Filipinas com a fibra da folha do abacaxi americano e “[...] se le dio este nombre porque tenía una especie de pequeñas piñas labradas en ella” (DÁVILA CORONA; DURÁN PUJOL; GARCÍA FERNÁNDEZ, 2004 *apud* GÓMEZ FERRERO, 2014, p. 360). Encontramos, ainda, a variante, **pinhuella**:

[...] forão avaliadas huas mangas de **pinhuella** negra em seis sentos e quarenta Reis [...]. GASPAS DIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAS DIAS PERES (1654)* [A00\_0755, p. 18].

[...] a Roupeta forrada as abas de tafeta preto E huas mangas de **pinhoela** pretas tudo en sua avaliação de doze mil rs [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 275].

Acerca da UL **primavera** ou **seda de primavera**, Bluteau (1712-1728), Vieira (1871-1874) e Silva (1949-1959) descrevem que a principal característica dessa qualidade de seda são os ornamentos matizados e floridos: “[...] Certo panno de seda, a que se deu este nome por ser semeado de flores, artificialmente tecidas” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 735, v. 6). Houaiss (2009) apresenta a definição no verbete **primavera**, na subentrada **primavera de flores**, restringindo-se a informar é um antigo tecido de seda. Ferreira (2004) define do mesmo modo, porém apresenta um verbete autônomo para a UL **primavera-de-flores**. Ressaltamos que no *corpus* foram atestadas apenas as UL **primavera** e **seda de primavera**:

[...] 4 peças de **primaveras** pretas com bons padrois de Itallia e boas na qualidade [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 265].

Outra dita de xita com ramos vermelhos com manipulo e Estola, e todas asima já rotas e velhas. Hua capa de Aspeges de Damasco branco, e vermelho, com franjas de retrôs amarello, já velha. Hum veo de Hombros de **primavera** branca, forrado de tafetá vermelho, velho. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 91].

O pavilhão do sacrario era de **seda de primavera**, muito acondicionada, para as ocasiões de alguma solemnidade. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 2.<sup>a</sup> PARTE: *BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO QUARTA: DE CARVOEIRO A MOURA* [A00\_2239, p. 529].

Quanto à UL **tabi**, para Bluteau (1712-1728, p. 7, v. 8), é “hum panno de seda. He hum tafetá grosso, passado por hum instrumento Cylindrico, a que chamão *Calandra*, do qual recebe huns reflexos a modo de ondas. [...] No seu Lexicon deriva Hofmãno *Tabi* de hũa Cidade do mesmo nome, donde parece sahio este genero de seda”. Silva (1789, 1813, 1949-1959), Vieira (1871-1874), Figueiredo (1899), Ferreira (2004) e Houaiss (2009), sucintos, definem o tecido como tafetá grosso ondado (as definições para tafetá se encontram na subsecção 4.16, item I). Nesse caso, **tafetá** refere-se ao tipo de ligamento ou armação, também conhecido como tela, no qual “[...] o fio da trama cruza-se com o do urdume, com um fio por cima e outro por baixo, sucessivamente, o que provoca um efeito encorpado” (CHATAIGNIER, 2006, p. 157). Convém fazer tal distinção porque também se denomina **tafetá** o tecido com esse tipo de ligamento, mas com tramas de fios finíssimos, originalmente, de seda.

Essas obras lexicográficas da língua portuguesa ratificam as definições de Du Cange *et al.* (1883-1887) para os lemas *thabit – Pannus sericus undulatus – e attabi – Panni species*. O último atestado em um documento de 1295. Segundo Savary des Bruslons (1748), *tabis* é uma:

Espécie de grosso tafetá ondulado que se fabrica como o tafetá comum, porém com urdidura e trama mais fortes; damos o ondulado ao tabi por meio da calandra cujos rolos de ferro ou cobre são assimetricamente esculpados e, pressionados sobre o tecido, tornam a superfície desigual; de modo que reflita a luz variavelmente [...]. (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 277-278, v. 3, tradução nossa<sup>93</sup>).

<sup>93</sup> “Espece de gros taffetas ondé qui se fabrique comme le taffetas ordinaire, hors qu'il est plus fort en chaîne & en tréme; on donne des ondes aux tabis par le moyen de la calandre dont les rouleaux de fer ou de cuivre diversement gravés, & appuyant inégalement sur l'étoffe, en rendent la superficie inégale; ensorte qu'elle réfléchit diversement la lumiere [...]” (SAVARY DES BRUSLONS, 1748, p. 277-278, v. 3).

Percebemos, então, um detalhamento semelhante à definição de Bluteau (1712-1728), que explicita o processo de acabamento têxtil (calandragem) ao qual o **tabi** é submetido. No *corpus* do DHPB, temos a seguinte ocorrência datada de meados do século XVII:

[...] hum armador de **tabi** branco, E acabelado em sua avaliação de quatro mil rs 4000 [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 275].

De acordo Zaidan (2010, p. 260), na obra “Letras e História: mil palavras árabes na língua portuguesa”, a UL **tabi** provém do árabe *atabi*; “em Bagdá existe um bairro chamado *Al-Attabi*, onde se fabrica esse tecido”. Cunha (2010, p. 617) corrobora: “[...] certo tafetá grosso e ondeado’ XIV. Do ár. *'attābî*, assim chamado porque o tecido era fabricado em *al-'Attābîya*, subúrbio de Bagdá”.

Nascentes (1955, p. 482), igualmente, considera que **tabi** se originou “do ár. *atabi*, do bairro de Atabi, em Bagdá, assim chamado do nome de um bisneto de Omaiá, o fundador da dinastia dos Omíades (Dozy, Lokototsch)”. Dessa forma, a palavra remonta a um topônimo árabe (nome de um bairro bagdali, onde se produzia o tecido) que, por sua vez, tomou emprestado um antropônimo (nome do bisneto de Omaiá).

A UL **veludo** denomina “[...] hum panno de seda, felpudo de hũa banda” (BLUTEAU, 1712-1728, p. 391, v. 8). Remetendo a uma inovação no fabrico desse tecido, qual seja o emprego da fibra de algodão, Silva (1949-1959, p. 581, v. 11) assim define: “tecido de seda ou de algodão, liso ou raso de um lado e de outro coberto de pêlos levantados e muito juntos que estão seguros pelos fios da teia [...]”. Pezzolo (2009) assevera que até o século XIX esse tecido era produzido com seda, passando a ser feito com algodão no século XX, fato que o transformou em artigo popular.

No cotejo lexicográfico, Vieira (1871-1874) e as obras anteriores referem-se apenas à seda, e Figueiredo (1899) já registra o uso do algodão na tecelagem de **veludos**. Portanto, no período colonial, essa denominação reportava-se ao de seda. A par desse, temos o **belbute** que, conforme explanamos, imitava o veludo e era de algodão. Curiosamente, ambas as UL, **veludo** e **belbute**, têm a raiz latina<sup>94</sup> *villus*. Não obstante a última, no rol das obras que consultamos, conste a partir de Vieira (1871-1874), vimos que ocorre no *corpus* num texto datado de 1752. Logo, no tempo da Colônia, havia essas denominações etimologicamente confluentes, mas

<sup>94</sup> **Belbute**: “ing. *velvet* 'veludo' < fr.ant. *velu*, ligado ao lat. *villus*, í 'de pelo (animal, tecido), com musgo (planta, árvore)”. **Veludo**: “lat.tar. *villutus* 'id.', pelo provç. *velut*, cat. *vellut* ou esp. *velludo*” (HOUAISS, 2009)

distintas, pois assim eram seus referentes, um nobre, de seda, outro vulgar, de algodão. Registramos a variante **velludo**:

Criam-se nos rios de agua doce outros bichos, que se parecem com lontras de Portugal, a que o gentio chama jagoarapeba, que tem o cabelo preto, e tão macio como **velludo**. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *DOS MAMIFEROS TERRESTRES E AMPHIBIOS (PARTE SEGUNDA - TITULO 12)* [A00\_0188, p. 294].

[...] porque fahindo alguns paffos da sua cadeira, (que se cobria de hum costoso docel de **veludo** carmelim, guarnecido de ouro) depois de o abraçar com affectuosas demonstrações, engrandeceo com elegantes termos a haroicidade da acção [...]. BERNARDO PEREIRA DE BERREDO. (1749) [1718], *ANNAES HISTORICOS DO ESTADO DO MARANHÃO - LIVRO IX* [A00\_2521, p. 300].

## 4.12 Tecidos de composição vária

### 4.12.1 Dos variáveis

Alguns têxteis não possuem composição determinada, podendo ela variar consoante o destino que se pretende dar ao tecido. Ressaltamos, aqui, aquelas denominações que revelam essa propriedade desde as definições lexicográficas cronologicamente mais recuadas, quais sejam; brim, fustão, melania, riscado, sarja e veludilho.

A UL **brim**, conforme Bluteau (1712-1728, 193, v. 2), é “lençaria, da qual hã muitas castas. Brim ordinario, Brim fino, largo, grosso, curado, &c.” Haja vista que lençaria é denominação genérica para linho ou algodão, o **brim** podia ser produzido com um ou com o outro, a depender da finalidade, assim como varia entre tênue e grosseiro; “[...] grosso para vélas de navios, e fino para calças, ceroulas, etc.” (VIEIRA, 1871-1874, p. 822, v. 1). No excerto do *corpus*, abaixo, o contexto remete à uma variedade ordinária, simples, porquanto é qualificado como singelo:

[...] 4 p.<sup>s</sup> de **brins** singelos [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARDUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 34].

**Fustão**, segundo Silva (1789, p. 646, v. 1), consiste em “lençaria de linho, ou algodão fina, tecida de cordão”. Ferreira (2004) detalha que “[...] apresenta o avesso liso e o direito em

relevo, formando cordões justapostos paralelos, ou desenhos variados”. Vejamos uma ocorrência no *corpus*:

[...] de belbutes, chitas, bombasinas, **fustões**, ou de outra qualquer qualidade de fazenda [...]. DOM FREI MANOEL DA CRUZ. (1865) [1752], *COPIA DO REQUERIMENTO QUE O BISPO DE MARIANNA FEZ, COM DATA DE 13 DE ABRIL DE 1752* [A00\_0725, p. 211].

A UL **melania**, na definição de Vieira (1871-1874, p. 189, v. 4), é “estofa de lã ou de seda de uma só côr, porém tecido de modo que faz ondas”. Cabe elucidar o que são tais “ondas”. Trata-se de um acabamento que dá ao tecido o efeito de ondas, atualmente conhecido como como padrão *moiré* – palavra francesa cujo significado é “[...] um tecido produzido com acabamentos feitos pela calandra, que bate mediante dois cilindros após a tecelagem, formando ondas com brilhos que se sobressaem do fundo” (CHATAIGNIER, 2006, p. 151). Essa explicação é válida, também, para os tecidos denominados **chamalote** e **tabi**.

Temos uma única ocorrência da UL **melania** no *corpus*:

[...] que possuía uma pixide de prata dourada, com manto de **melania** guarnecida de retroz [...]. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 2.<sup>a</sup> PARTE: BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO SEGUNDA: DE BARCELOS A POIARES [A00\_2237, p. 474].

Vem a calhar, entre as denominações de tecidos variáveis, a UL **riscado** que, no domínio têxtil, condiz a “[...] tecido de linho *ou* algodão, com listras de côr [...]” (FIGUEIREDO, 1899, p. 470, v. 2):

[...] camizas feitas de pano de linho e pano **riscado** [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], *CARTAS DE SAO PAULO*. [A00\_0858, p. 42].

No caso da **sarja** (e variantes **sarge** e **saria**), as definições tem como peculiaridade o entrançado conferido ao tecido em sua feitura: “tecido entrançado de sêda *ou* lan” (FIGUEIREDO, 1899, p. 506, v. 2). Silva (1789, 1813) e Vieira (1871-1874) afirmam que o tecido é leve. Com exceção de Bluteau (1712-1728), que não registra o lema, os demais, como Figueiredo (1899), não explicitam tal atributo e Houaiss (2009) complementa que esse tecido é empregado na confecção de roupas. Chataignier (2006, p. 156) explica o efeito entrançado da **sarja** e, contrariando os dicionários anteriores a Figueiredo (1899), qualifica-a como pano pesado: “estrias e canaletas em diagonal são características peculiares desse tecido pesado e mais destinado a calças, conjuntos e capas”. Cabe lembrar que a UL **sarja** denomina, também,

um tipo de armação ou ligamento têxtil, conforme explanamos na subseção 2.3. Seguem trechos do banco de dados:

[...] sendo de Iam ohabito de saial preto sera delam omais Leve | que poder ser em razão dos calores daterra comtanto que não seja de **sarja** [...]. JERONIMO ROGERO (1944) [1676], *ASSENTO QUE SETOMOU EM TRE OS OFICIAIS DACAMERA / EO REVERENDO PADRE FREY ANTONIO DAPENHA DE FRAMSA / RELIGIOSO DOS AGOSTINHOS DESCALSOS*. [A00\_1360, p. 190].

[...] capa de baeta e manto de **sarge** se emprestava aos noivos e noivas pera irem á porta da igreja [...]. *LIVRO QUARTO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU MANOEL TELLES BARRETO ATHE A VINDA DO GOVERNADOR GASPAS DE SOUZA - CAPITULO TRIGESIMO SEXTO - DO QUE FEZ O GOVERNADOR NAS MINAS* [A00\_2067, p. 163].

[...] hũ manto de **saria** hũ saio de baheta e fora outras mehudezas [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *PEDRO CARAÇA, INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO*. [A00\_0173, p. 266].

Produzido com seda ou com algodão, temos o **veludilho**, nome dado a uma variedade menos encorpada do veludo. Vieira (1871-1874, p. 895, v. 5) define como “tecido de sêda ou de algodão imitando o velludo, menos coberto e menos encorpado que o velludo”. Bluteau (1712-1728) e Silva (1789, 1813) não contêm o lema.

Vendo que o Dr. Ouvidor tinha hum vestido de **veludilho** cor de roza pintado de preto, e que era o unico na terra passou a comprar da mesma fazenda e a mandar della fazer fardas a 4 negros as quais não xegarão a vistir, por mandar o mesmo Ouvidor tirar a fazenda a caza dos alfayates [...]. E.R.M.ce (1960) [1779], 03. *REPRESENTAÇÃO DOS MORADORES DE S. JOÃO CONTRA O VIGÁRIO VILASBOAS* [A00\_1323, p. 195]

Além desses, possuem composição variada os tecidos denominados **cetim** (seda ou lã) e **escumilha** (linho ou algodão), sobre os quais falamos alhures.

#### 4.12.2 Dos compósitos

Concernente a tecidos compósitos, isto é, que agregam diferentes materiais na composição, destacamos as UL catalufa, droguete, droguete-rei, lhama, milanesa, renda, tisso e tripe.

Para **droguete**, Bluteau (1712-1728, p. 306, v. 3) dá a definição de “casta de panno, tecido com linho, & lã, ou com linho, & seda”. Vieira (1871-1874, p. 1140, v. 2, grifo no original) acrescenta que o tecido é “[...] estreito e pouco encorporado; alguns são mais cheios e por isso chamam droguetes *pannos*, droguete *rei*”. De acordo com Lisanti (1973, p. LX), “o droguete rei era o de melhor qualidade. Sendo tecido com lã, seda e prata e/ou ouro podia ser chamado de estofó”. No *corpus*, atestamos a variante **draguete**, além da denominação da casta mais encorpada, na forma variante **dorogete pano**, e da casta de qualidade superior, nas variantes **dorogete rei**, **druguete rei** e **durguette rei**:

[...] Regimt.<sup>o</sup> do offiçio de Alfayate Por feitio de huã cazaca de panno cinco outauas e sendo de Baeta ou de **draguete** qt.<sup>o</sup> outauas Por hũ capote de panno duas outauas [...]. JORGE DA FONSECA FREIRE (1936) [1713], *ACTAS DA CAMARA MUNICIPAL DE VILLA RICA - ANNO DE 1713* [A00\_0952, p. 262].

[...] 3 duzias de calços de **dorogete pano** sortido de cores e de **dorogete rei** [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 266].

[...] alguas meias de seda de homem de cores e prettas alguns **druguetes reis** alguas duzias de barretes de pizão [...] baettas de corez; **durguettes** reis; fittas lavradas [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], *CARTAS DE SAO PAULO* [A00\_0858, p. 42-43].

[...] assistao’ as funssoe’s publicas da camera, senao’ no referido Trage, de Capa, curta e volta, e cabeleira comprida, cujo vestido em tempo nêhuainda com o pretexto do mais apertado luto, será de baetas, ou crepe, mas sem dele miste, de **Droguete** Castor, ou Seda [...]. FRANCISCO CAETANO BORGES [1753], *ESTATUTOS MUNICIPAIS OU POSTURAS DA CÂMARA DA VILA BELA* [M00\_0050, fol. 5].

Concernente à UL **milanesa**, com a acepção de tecido, os dicionários definem como certo panno fabricado em Milão, na Itália. Bluteau (1712-1728, p. 44, v. 9) traz em seu suplemento a entrada **milaneza** e detalha que consiste em “panno de lã, de tres palmos de largo, lavrado em listras, com raminhos de cores. Serve para sayas de mulheres”. Essas listras lavradas no tecido, provavelmente, são de seda, pois, conforme Vieira (1871-1874, p. 239, v. 4), é “especie de panno, cujo fundo é um fio coberto por dous fios de seda, dos quaes um menos comprido que o outro, fórma sobre o fio um pequeno relevo a distancias iguaes”. Encontramos somente registro da variante **milaneza**:

[...] foi avaliado outro vestido calção e Roupetta de **milaneza** Roxa em sua avaliação por tres mil Reis [...]. GASPAS DIAS PERES [1654],



*INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAR DIAS PERES (1654)*  
[A00\_0755, p. 18].

Quanto à UL **tripe**, de acordo com o cotejo lexicográfico, é um tecido de lã e linho com aspecto aveludado de um lado. Bluteau (1712-1728) apresenta a entrada **tripa** e Vieira (1949-1959), **tripa** e **tripe**, fazendo remissiva da primeira para a segunda. Figueiredo (1899) e Silva (1949-1959), elencam apenas **tripe**. Nos demais, não consta o lema. Atestamos somente a seguinte ocorrência:

Doze cadeiras de Cabiuna do Campo com assentos de **tripe** carmezim a tres mil reis cada uma [...]. JOAN B.A LUSTOZA (1936) [1791], *CERTIDÃO DOS AUTOS DE SEQUESTRO A QUE SE PROCEDEU NOS BENS DO REVERENDO VIGARIO CARLOS CORRÊA DE TOLEDO E MELLO* [A00\_0226, p. 395].

Haja vista a origem francesa da palavra, vale consultar Savary des Bruslons (1748) que, na entrada *tripe*, detalha que o fundo desse tecido é de fios de linho e o aspecto aveludado é conferido pelos fios de lã no lado direito.

Especificamente sobre panos compostos com fios de ouro e/ou de prata (ou, talvez, de matéria semelhante com o aspecto reluzente característico dos metais nobres), temos as denominações **catalupa** (encontrada apenas a variante **catalufo**) “estofa de lãa, e prata falsa; ou de linho, lãa, e prata, vistoso, e de pouca dura” (SILVA, 1789, p. 245, v. 1); **lhama**, “tela mui lustrosa de fio de prata, ou oiro batido” (SILVA, 1789, p. 19, v. 2); **renda**, “tecido de varias larguras, e desenhos feito com fio de seda, linha, ou ouro, e prata, para guarnições de vestidos, para punhos, guarnições de cama, &c. he tecido por huns bilros” (SILVA, 1789, p. 321, v. 2), e **tisso** (e variante **tiffo**), “tela forte bordada de ouro” (SILVA, 1789, p. 461, v. 2):

[...] hum vistido de pano dalgodão vermelho E preto calção Roupeta E capa, E hu armador de **catalufo** con suas mangas de pinhoela ja uzadas en sua avaliação de sinco mil rs [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)*. [A00\_0757, p. 275].

Uma Picede ou vaso de comunhão de prata dourada, com seu véu de **lhama** branca com guarnições de ouro, que vai em uma caixa forrada de pelica, e coberta de couro vermelho. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00\_0333, p. 380].

[...] 6 duzias de camizas de bertanha com bons pontos e bem feitas e de boa bertanha lizas sem **rendas** 4 pecas de rendas de prata e de ouro sortidas e

pontinha não seião de m.<sup>to</sup> custo [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 266]

O vento Oefte trazia na cabeça huma caraminholla de **tiffo** branco , coberta de peças de prata , ouro , e diamantes , cingida de huma peluta branca , matifada de nuvens pardas [...]. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO* [...]. [B00\_0020, p. 49].

A custa dos Amigos só trajavam Vermelhas capas de galões cobertas, De galacês, e **tissos**, ricas saias [...]. TOMÁS ANTÔNIO GONZAGA (2000) [séc. XVIII], *CARTA 5a* [A00\_1217, p. 116].

Tomando por base as informações de Lisanti (1973) adidas na subsecção 4.11.2 para a UL **calamânia**, esse tecido é pertinente à presente parcela do vocabulário têxtil, além da UL **brocado**, apresentada na subsecção 4.11.4.

#### 4.13 Panos e toalhas

Além das UL **pano de estante**, **pano de púlpito** – do microcampo “alfaias” –, **pano de armar** – do microcampo “armações” – e **pano da Costa**, **pano de estopa**, **pano da Serra** – relativas a tecidos –, inventariamos outros sintagmas formados com o termo genérico **pano**, quais sejam **pano de breu**, **pano de aguardente** e **pano de monção** nas formas variantes **panno de breu**, **pano de agua ardente**, **panno de aguardente** e **panno de munção**:

Pelo que não falta mais agora para estas armadas que as vélas, para o que ha facilissimo remedio, quando as não houver de lonas e **panno de breu**; pois em todos annos se fazem grandes carregações de algodão, de que se dá muito na terra; do qual podem fazer grandes teaes de panno grosso, que é muito bom para velas, de muita dura e muito leves [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *RECURSOS DA BAHIA PARA DEFENDER-SE (PARTE SEGUNDA - TITULO 19)* [A00\_0195, p. 426].

[...] e a agua ardente ferá mais, e no lenimento, que se fizer, se molharaõ fios, e panos, estando bem quente ,e se cobrirá tudo por cima, e as circunferencias da chaga com **panos de agua ardente** bem quente. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, AFFIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EFCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERŢAS ENFERMIDADES*. [B00\_0031, p. 123].

[...] que só com esta mesma cura concluireis a tal queixa, pois com ifto se digere, incarna, cicatriza, encoira: e por fim lhe poreis dois dias **panno de aguardente** quente. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [séc. XVIII], *CAPITULO V - DO CARBUNCULO* [A00\_2395, p.].

[...] por cento e sete varas de **panno de munção** vinho da Bahia [...] por cento e sete varas de **pano de munção** vendido a João de Magalhaes a cem reis, des mil e setecentos [...]. MANOEL DE LIVR.a (1973) [1730], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0443, p. 130-131].

Haja vista não constarem nas entradas dos dicionários consultados, conclamamos Murakawa (2017, p. 124, grifos no original), que tece as seguintes considerações:

Destas combinatórias depreende-se que *panno de breu*, *panno de aguardente*, dado o contexto onde estão empregados, significam ‘tecido embebido em uma substância’ (*panno de breu* aparece em texto que trata de navegação e instrumentos náuticos, e *panno de aguardente*, em texto sobre medicamento curativo para feridas). Com relação a *pano de munção*, deduz-se que era tecido usado para proteger pessoas ou objetos durante o período de tempo chuvoso. As duas ocorrências estão documentadas em duas cartas remetidas de Minas Gerais para Lisboa, solicitando este tipo de tecido.

No contexto de medicamentos curativos, encaixa-se o sintagma **pano de vinagre**:

Ou molhem tiras de pano em agua muyto fria , ou em fumo de tanchagem com fumo de herva Moura , e com claras de ovos, pondolhe por fima **panos de vinagre** destemperado, renovando-fe todos os remedios em fe secando [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, ASSIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO ESCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERŒAS ENFERMIDADES*. [B00\_0031, p. 98].

Por último, é curiosa a ocorrência do sintagma “pannos brancos de Genipapo”, realçada no trecho seguinte:

Tambem vem a este Porto Embarcações das Ilhas dos Açores, e Madeira, trazem **pannos brancos de Genipapo**, de Linho, atoalhados e linhas, Vinho, agoa ardente, Oleo de linhaça, Carnes de porco, nozes, Coscúz, tremossos, favas, e farinha de trigo. desconhecido (1908) [1749], *INFORMAÇÃO GERAL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO* [A00\_2207, p. 483].

Pelo contexto, trata-se do chamado **pano de jenipapo**. Athayde (1992), quando versa sobre as relações entre Brasil e Açores nos séculos XVII e XVIII, salienta a pujante exportação de linho, linhas e outros tipos de panos e produtos da ilha de São Miguel para o Brasil, estimulada pelo lançamento de fábricas desses têxteis na cidade de Ribeira Grande. A partir de carta do Embaixador D. Luís Manuel da Câmara ao 2º Conde de São Miguel, que era seu pai, indica o autor que teriam surgido fábricas de tintas, de linho e de velas e, “embora só fosse legalmente autorizada a partida dos Açores para o Brasil, de 3 navios por ano, (dois da Terceira

e um de S. Miguel), acabou por se desenvolver a exportação acima referida, em especial de um derivado do linho chamado ‘pano de genipapo’” (ATHAYDE, 1992, p. 257, grifo no original).

Chambouleyron e Cardoso (2014, p. 64) pesquisaram os produtos tintórios e anil no Maranhão e Grão-Pará no século XVII e demonstraram que “no mundo português, entre os séculos XV e XVI, os produtos tintórios estão fortemente associados com as ilhas Atlânticas. De fato, as ilhas forneceram o primeiro modelo de exploração das especiarias corantes fora da Ásia”. Isso reitera a notoriedade dos Açores na tinturaria têxtil.

Com base nos despachos inscritos nos livros de entrada de mercadorias nas alfândegas açorianas de Angra, Horta e Ponta Delgada, entre 1800 e 1820, Costa (2005) lista diversos produtos comerciados entre Brasil e Açores nesse período. Dos itens que o Brasil importava, consta **pano genipapo**, e entre os exportados, além de muitos produtos comestíveis, combustíveis, de mercearia, de carpintaria, de construção e artigos para sapateiros, o autor arrola materiais para tecelagem, como algodão em caroço, algodão limpo, algodão em pluma, algodão em rama, anil e lã ordinária.

É consabido que os corantes, como o de jenipapo, eram utilizados pelos nativos na América antes da chegada dos europeus. No *corpus*, temos muitas passagens que referem-no como fruto do qual os indígenas extraíam tinta preta para tingirem o corpo. Vejamos uma passagem:

Ornam-se mais estes indios, para suas bizarrices, de uma roda de pennas de ema, que atam sobre as ancas, que lhe faz tamanho vulto que lhe cobre as costas toda de alto abaixo; e para se fazerem mais feios se tingem todos de **genipapo**, que parecem negros da Guiné [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *NOTICIA ETHNOGRAPHICA DO GENTIO TUPINAMBÁ QUE POVOAVA A BAHIA (PARTE SEGUNDA - TITULO 17)* [A00\_0193, p. 372].

Para França Paiva (2011), a entrada de novos materiais corantes no Velho Mundo aqueceu as atividades têxteis, a tinturaria, a pintura etc., gerando cores e tons singulares mediante misturas e, conseqüentemente, aumentando a produção e a exportação de tecidos, inclusive, para o Novo Mundo. Todas as informações retrocitadas – adindo que o jenipapeiro é nativo da Américas e que, de acordo com Cunha (2010), a denominação **jenipapo** origina-se do tupi *iani'paua* – leva-nos a conjecturar que o **pano de jenipapo** ou **pano jenipapo** tem esse nome em razão do emprego do extrato do fruto do jenipapeiro no tingimento do tecido de linho pelos açorianos. O interesse e experiência desse povo na exploração de especiarias corantes podem ter promovido a importação do fruto e, dessa forma, desenvolvido o pano de jenipapo.

Ressalvamos que, no *corpus*, ocorre “pannos brancos de genipapo”, porém a tinta do jenipapo é negra. Assim, a hipótese levantada carece de mais dados para ser validada.

No rol das UL sintagmáticas formadas com o termo genérico **toalha**, além de **toalha do altar** e **toalha de mesa** – do microcampo “alfaias” –, encontramos **toalha de cabeça**, **toalha de mão** e **toalha de rosto**, as quais apontam suas finalidades mediante o termo específico. Foram localizadas as variantes **toalha de quabesa** e **tualha da cabessa**:

[...] foi avaliada hũa **toalha de rosto** de rede lavrada en quatrocentos reis [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA GONÇALVES - 1653, VILA DE SÃO PAULO* [A00\_0172, p. 165].

[...] foi avaliado hũ **toalha de quabesa** en ses sentos E quorenta 640 foi avaliado hũa **toalha de Rosto** en sento e seseta rs 160 foi avaliada hũa toalha de meza velha en duzentos [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *PEDRO CARAÇA, INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO* [A00\_0173, p. 205].

[...] quatro gardanapos dalgudam, huà **tualha da Cabessa** [...] duas **toalhas de mãos** dous lanssois de pano de linho [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (DEZEMBRO DE 1945) [1707], *SENTENSA DE FOLHA DE PARTILHA QUE DEU MANOEL DA MOTTA AOS REUERENDOS PADRES DE SAMBENTTO PERTENÇENTE A ESCRITURA ATRAZ PELLA QUAL CONSTA SER SUA A PROPRIEDADE QUE UENDEO, PERTENÇENTE A SUA M. OR PHELIPA BARBOZA.* [A00\_1533, p. 211].

Sobre **toalha de cabeça**, Silva (1789, p. 462, v. 2), no verbete **toalha**, descreve: “peça do mesmo panno do trajo antigo, de que as mulheres usavão na cabeça”. Silva (1813) e Vieira (1871-1874) repetem essa acepção. **Toalha de mão** e **toalha de rosto** são contempladas na definição de Silva (1949-1959) supracitada, bem como **toalha de mesa**. Vieira (1871-1874, p. 738, v. 5), no verbete **toalha**, contém a subentrada **toalha de mesa**: “[...] toalha de cobrir a mesa”. Verificamos diversos outros usos da **toalha**, por exemplo, no seguinte excerto do *corpus* em que é usada pelo ministro, no momento da comunhão eucarística, para impedir que caísse no chão alguma partícula da hóstia:

O Minifro lhe chegará a **toalha**, q̃ ferá fempre limpa, & de bõ pano, a qual teráõ diante dos peytos, de modo, q̃ se por cafo cahir algũa particula, ou relliquia, caya na dita **toalha**: & o Parocho, sob pena de se lhe dar em culpa, naõ consentirá, que pessoa alguma commungue com **toalha**, que trouxer de cafa. - (1920, OBRA IMPRESSA / 2006, REPRODUÇÃO DIGITAL) [1767], Nº 590 - *DATA E SESMARIA DE MANOEL LOPES CABREIRA, DE TRES LEGUAS DE TERRA NO RIO SALGADO, CONCEDIDA PELO*

*GOVERNADOR TENENTE CORONEL ANTONIO JOZÉ VICTORIANO BORGES DA FONSECA, EM 12 DE MAIO DE 1767 [A00\_2466, p. 48].*

Para citar outro exemplo, constatamos o uso de **toalha** em procedimentos curativos, como se apreende no contexto abaixo:

Duas, ou tres folhas de fumo verde chamado tambem herva fanta, fritas em hum pouco de azeyte doce, e com elle fomentar a barriga estando bem quente, enfaixando com **toalha**, e hum papel por cima do oleo, he remedio facil para os pobres [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, Affim EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EJCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVER[AS ENFERMIDADES]*. [B00\_0031, p. 137].

Por fim, derivada de **toalha**, inventariamos a UL **atoalhado**, formada pela conversão do particípio do verbo atoalhar para:

Tambem vem a este Porto Embarcações das Ilhas dos Açores, e Madeira, trazem pannos brancos de Genipapo, de Linho, **atoalhados** e linhas, Vinho, agoa ardente, Oleo de linhaça, Carnes de porco, nozes, Coscúz, tremossos, favas, e farinha de trigo. desconhecido (1908) [1749], *INFORMAÇÃO GERAL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO* [A00\_2207, p. 483].

Compreendemos, pelo contexto, que essa ocorrência remete ao que Figueiredo (1899) e Silva (1949-1959), na entrada **atoalhado**, definem como tecido adamascado, ou seja, imitante a damasco, apresentando lavrados e ornatos à maneira desse tecido (HOUAISS, 2009). Chataignier (2006, 144) corrobora ao dizer que o **damasco** “era usado para vestuário e depois se incorporou à decoração e também a peças de cama e mesa como toalhas de mesa requintadas conhecidas como adamascadas”.

#### 4.14 Denominações cromáticas

Encontramos denominações cromáticas, ou seja, tecidos com nomes de cores, a exemplo de **escarlata**, **furta-cor** (localizada somente a variante **furta cor**) e **púrpura**.

A primeira denomina um pano de cor vermelha muito viva: “panno de lã, sêda, ou outra droga qualquer, carmesim fino” (VIEIRA, 1871-1874, p. 256, v. 3). A UL **furta-cor** ou **furta-cores** pode se referir a tecidos de cores cambiantes “[...] conforme expõe á luz, fallando da seda, setim, velludo, tafetá, etc”. (VIEIRA, 1871-1874, p. 808, v. 3):

[...] elle mandou hum vestido de **escarlata**, e huma vara de meirinho pera trazer na mão. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO TERCEIRO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU THOMÉ DE SOUZA ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR MANOEL TELLES BARRETO - CAPITULO VIGESIMO - DAS ENTRADAS, QUE NESTE TEMPO SE FIZERÃO PELO SERTÃO* [A00\_2030, p. 93].

[...] arremedam bastantemente os atafaes de **furta cores** dos almocreves [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE SEGUNDA - CAP. 2º - DA SUA CREAÇÃO E DESPREZO DAS RIQUEZAS*. [A00\_1833, p. 206].

Quanto à UL **púrpura**, no sentido figurado, remete à “vestidura tinta em purpura, á maneira da dos cardeaes, reis, etc.” (VIEIRA, 1871-1874, p. 1030, v. 4). Figueiredo (1899) diz que é, também, um antigo tecido vermelho. Pezzolo (2009), ao elencar os tipos de tintura têxtil, mostra que a **púrpura**, originalmente, é um corante extraído do molusco múrice e tal processo remonta a 1439 a. C., na Fenícia. A autora salienta que “nenhuma outra tintura natural pode igualar seu esplendor, que no passado distinguia a elite e o poder” (PEZZOLO, 2009, p. 173). Destarte, observamos um processo de metonímia por meio do qual a UL **púrpura** passou a significar a vestimenta régia e cardinalícia, conforme apreendemos no excerto subsequente:

[...] que logo veremos Rey, transformada a **Purpura** Cardinalicia em Purpura Real [...]. SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], *LIVRO TERCEIRO* [A00\_0569, 117].

#### 4.15 Denominações indefinidas

No inventário coligido, incluímos a UL **papagaio**, acerca das qual não foi possível chegar a conclusões fiáveis, em decorrência da pouquidade de informações encontradas. Ocorre no seguinte trecho do banco de dados do DHPB:

[...] 93 covados de **papagaio** a 850 reis [...]. - (1955) [1756], *LIVRO DO GASTO DA SACRISTIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA DE 1756 ATÉ 1800* [B00\_0018, p. 250].

O côvado é uma unidade de medida recorrente para tecidos no *corpus*. Verificamos que se trata de uma denominação têxtil com base no texto “Pauta e alvará de sua confirmação do Consulado Geral, da sahida, e entrada na Casa da India...”, de 1785, em que **papagaios** são elencados juntamente com outros nomes de tecidos: “[...] Pêllo de cobra, ou estofa de lã, e seda, covado quatrocentos reais. [...] Pinhascos de lã da Inglaterra, pessa sinco mil reis. [...] **Papagaio**

**de França**, e Hollanda largo, covado seiscentos reis. [...] **Papagaio estreito**, covado quinhentos reis. [...]” (PORTUGAL, 1785, p. 56, grifos nossos).

Por último, convém registrar que, ao dispor as definições da UL **panico** no vocabulário para “tecidos finos” (vide subseção 4.16. item I), identificamos a UL **panico-rei**, que, segundo Lisanti (1973, p. LXV, v. 1), é “tecido de algodão muito fino que vinha da índia”. No *corpus*, não atestamos essa UL, mas encontramos **panno-rei**:

[...] das duas alvas pertencentes á fazenda real, uma de panno de linho ainda serve; a outra de bretanha está muito velha, e a melhor das trez, que vi, foi de **panno-rei**, que derão os moradores. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 1.<sup>a</sup> PARTE: ALTO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO TERCEIRA: DE TOMAR A LAMALONGA [A00\_2226, p. 58-59].

Os dados são insuficientes para assegurar que seja uma variante de **panico-rei**. Contudo, no contexto, é citado um paramento litúrgico, a alva, o que leva a aventar que o **panno-rei** é um tecido nobre, pois aplica-se na confecção de tais paramentos.

#### 4.16 Vocabulário têxtil do banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – Séculos XVI, XVII e XVIII”

Conforme a estrutura a que chegamos mediante as divisões anteriormente caracterizadas, organizamos este Vocabulário têxtil do banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – Séculos XVI, XVII e XVIII”, cuja constituição seguiu os parâmetros pormenorizados na subseção 3.8. Para auxiliar na localização de cada item da nomenclatura, ao final da tese, consta um índice remissivo do vocabulário em ordem alfabética.

### I TECIDOS BÁSICOS

#### ALGODÃO *s. m.*

Contexto: Mas o principal nos enviou um presente de certas peças de prata e muitas mantas de **algodão**, que suas mulheres fiam e tecem. IRMÃO ANTONIO RODRIGUES (1936) [1553], ANTONIO RODRIGUES, SOLDADO, VIAJANTE E JESUITA PORTUGUEZ NA AMERICA DO SUL, NO SECULO XVI - CÓPIA DE UMA CARTA DO IRMÃO ANTONIO RODRIGUES PARA OS IRMÃOS DE COIMBRA [A00\_0934, p. 67].

Datações	Definições
algodão – 1553 algodaõ – 1591	Bluteau (1712-1728) Especie de carepa, ou lanugem, muito fina, branda, & branca, como neve, que depois de caída a flor da planta, que a produz, sahe de hu fruto semelhante à Avelãa



alguodaõ – 1607 algudam – 1625 alguodam – 1625 algudaõ – 1680 algudão – 1704 algodam – 1721 algodão – 1797 aigudão – 1806		barbada, o qual se bare em tres, ou quatro partes, & expoem à vista hum frocosinho, que com o calor se incha, & se faz do tamanho de uma noz [...] Fiase fo Algodaõ, & com ele se fazem roupas, & serve para varias cousas. (p. 250, v. 1)
	Silva (1789)	s. m. fruto do algodoeiro, he hum casulo oval, mas mais agudo verde, que em seco descobre huma matéria de fibras tenuíssimas, que se fia, para tecido, e he mui alva ; a qual tem huns caroços negros a que está pegada. (p. 58, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. Fruto do algodoeiro; é um casulo oval, mas mais agudo, verde, que <i>em seco</i> descobre huma matéria de fibras tenuíssimas, que se fia, para tecido, e é mui alva ; a qual tem uns caroços negros a que está pegada. <i>Algodão</i> em lâ; o que já está descaroçado, mas não fiado. (p. 93, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	Felpe largo, fino e setineo, de uma cõr mais ou menos branca, que se encerra dentro do fructo do algodoeiro. Este fructo é um casulo semelhante á avellã barbada, o qual se abre em trez ou quatro partes, e expõe á vista um flocosinho, que incha com o calor e se faz do tamanho de uma noz. Loc.: Algodão em lâ, o que já está descaroçado mas não fiado. — Algodão em rama, o mesmo que Algodão em lâ; pasta de algodão, que serve para enchumaçar. — No Commercio, designa-se o algodão conforme o lugar da sua proveniência: algodão da Luiziania, Algodão do Haiti. Meias de algodão, mais quentes do que as de linha. (p. 301-302, v. 1)
	Figueiredo (1899)	m. pennugem ou ténues filamentos vegetaes, que cercam a semente do algodoeiro ; fio de algodao; tecido de algodao; lanugem, que cobre as folhas de alguns vegetaes. (Do ár. <i>al-eoton</i> ) (p. 57, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. (do ár. <i>al-qoton</i> ). Bot. Fibra vegetal, tenuíssima e mui alva, que cobre as sementes do algodoeiro num casulo que se entreabre, quando chega à maturação. [...] Tecido que se fabrica com essa fibra. (p. 624, v. 1)
	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. 1.Bot. Conjunto de compridos pêlos alvos e entrelaçados, macios, que revestem a superfície das sementes do algodoeiro. Aparecem em outras malváceas e em plantas de variadas famílias, onde podem receber nomes especiais, como paina, por exemplo. 2.P. ext. Algodoeiro (1). 3.Fio ou tecido fabricados com algodão
	Houaiss (2009)	s.m. (1279) [...] TÊXT fio ou tecido que se fabrica com esses pelos

### LAM s. f. [VOLP: lâ]

**Contexto:** A minima parte destas drogas gasta o nosso Portugal o mais sacão os estrangeiros por troco das roupas e mantimentos de q̃ o R<sup>no</sup> padece falta, e como estas ja não poderia escuzar, permanecendo no luxo das olandas, Cambraes, londres, galas; sã tornar ao parco uso dos antigos (que ja sera impossuel) contentandose de seu linho beiraõ e **Lam d'Alemtejo**. desconhecido (1958) [1607], *MEMORIAL DO ESTADO DO BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627 (131)* [A00\_2113, p. 317].

Datações	Definições	
lam – 1607 lã – 1616 lan – 1627 lãa – 1680 laia – 1725 lãm – 1797	Bluteau (1712-1728)  Silva (1789)  Silva (1813)  Vieira (1871-1874)  Figueiredo (1899)  Silva (1949-1959)  Ferreira (2004)  Houaiss (2009)	<p>A materia felpuda, que cobre a pelle da Ovelha, &amp; seus filhos, &amp; tem logar de pelo, &amp; seda, que cobrem outros animaes. [...] Laã churda, ou churra, he a das ovelhas, corredia, &amp; comprida, he a de menos preço; &amp; a de mais valor, também de ovelhas, fina, &amp; crespa, lhe chamão laã meirinha: &amp; ha outras castas de laãs, laã de aninhos, brancos, ou pretos, tintos em azul, ou lavados, laã fiada, laã para colchoes, laã de pelo de camelo, &amp;c. Laã miuda, que os tosadores tiraõ dos pannos, misturada com pluma, palhas, &amp;c. (p. 5-6, v. 5)</p> <p><b>Lam</b> v. ou <b>Lãa</b>. s. f. o vello, ou pello das ovelhas, e carneiros. (p. 4, v. 2)</p> <p><b>Lã</b> (que é a melhor ortografia), ou <b>lãa</b>, s. f. O vello, ou pello das ovelhas, e carneiros. (p. 197, v. 2)</p> <p><b>Lã, lãa</b> ou <b>lam</b>. s. f. [...] O vello ou pello espâso e comprido que cresce sobre a pelle dos carneiros e de alguns outros animaes. (p. 1242, v. 3)</p> <p>f. pêlo macio, espêso e longo, que cobre a pello dos carneiros e de outros animaes; tecido feito dêsse pêlo; lanugem de certas plantas; carapinha [...] (Do lat. <i>lana</i>). (p. 28, v. 2)</p> <p>s. f. (do lat. <i>lana</i>). Pêlo que reveste o corpo de certos animais, especialmente o dos carneiros e ovelhas [...]    Fazenda ou tecido feito desse pêlo [...]. (p. 105, v. 6)</p> <p>Substantivo feminino. 1. Pêlo que cobre o corpo de certos animais. 2. Fazenda tecida com esse pêlo.</p> <p>s.f. (sXIII) <b>1</b> pelo espesso, frisado e macio que cobre o corpo de certos animais, esp. carneiros e ovelhas <b>2</b> tecido feito desse pelo <b>3</b> lanugem de fios moles e entrecruzados que cobre certas plantas [...] © ETIM lat. <i>lana,ae</i> 'lã, velo de lã'</p>

### LINHO *s. m.*

**Contexto:** [...] soamente deulhes huñ barete vermelho e huña carapuça de **linho** que leuaua na cabeça e huñ sombreiro preto. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00\_0335, fol. 1].

Datações	Definições	
linho – 1500 ljinho – 1500 llinho – 1725	Bluteau (1712-1728)	<p>Planta que tem folhas triangulares, &amp; cuja casca tem muytos fios, com que se faz panno de linho. [...] Temos em Portugal tres castas de linho. Linho Galego, linho Mourisco, &amp; linho Canamo. O linho Galego he o mais fino dos tres, &amp; o linho Canamo o mais grosso; o linho Mourisco, nem he tam fino como o Galego, nem tam grosso como o Canamo. Linho maçadiço é quasi semelhante ao Mourisco. Outras diferenças de linho saõ, linho rastelado, &amp; por rastelar, linho em sacas, em feyxes, em rama, em estrigas, linho de quartinhos, em barril, linho estopinha, linho xerva, linho de porquinhos, &amp;c. (p. 149, v. 5)</p> <p><b>Linho canemo.</b> Na Ilha de S. Lourenço ha casta de linho canemo, que os naturaes chamaõ Abetsinangha Abetsboule, e outros Rongogne, e com grande cuidado o cultivaõ, porque chupando as folhas da dita erva depois de</p>

		secas, ficam como aturdidos, e adormecem; e depois acordam alegres, e lhes parece ter visto no sono cousas, que lhes deram grande gosto. Os Onbasses, que são os Sacerdotes, e Doutores da terra, e velhos usam deste remedio para desterrar a melancolia. Não usam dos fios da casca deste linho, como nós para panos, ou para cordas; mas deixam-nos como cousa inutil. (p. 560, v. 9)
	Silva (1789)	s. m. planta fibrosa, a qual depois de varias preparações se fia, e do fio se fazem linhas para cozer, ou para se tecer em lençarias de toda sorte: della ha três especies, o <i>Gallego</i> , que he o mais fino; o <i>Mourisco</i> , de sorte meia, e o <i>Canamo</i> , que he o mais grosso: ha linho massadiço, que he quasi como o Mourisco. § O linho se vende <i>rastellado</i> ; em <i>sacas</i> , <i>feixes</i> , <i>rama</i> , <i>estrigas</i> , em <i>quartinhos</i> ; <i>barril</i> ; ha linho <i>estopinha</i> , <i>xerva</i> , <i>de porquinhos</i> , e&. (p. 27, v. 2)
	Silva (1813)	s. m. Planta fibrosa, a qual depois de varias preparações se fia, e do fio se fazem linhas para coser, ou para se tecer em lençarias de toda sorte: della há três especies, o <i>Gallego</i> , que é o mais fino; o <i>Mourisco</i> , de sorte meya, e o <i>Canamo</i> , que é o mais grosso: há linho <i>massadiço</i> , que é quasi como o Mourisco. § O linho se vende <i>rastellado</i> ; em <i>sacas</i> , <i>feixes</i> , <i>rama</i> , <i>estrigas</i> , em <i>quartinhos</i> ; <i>barril</i> ; há linho <i>estopinha</i> , <i>xerva</i> , <i>de porquinhos</i> , e&. (p. 229, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. m. [...] Termo de botanica. Genero de plantas dicotyledoneas da familia das caryophylleas que contém algumas especies, cujo fio, depois de varias preparações se tece em panno ou lençarias de toda a sorte. [...] — Linho <i>gallego</i> ; o que é mais fino. — Linho <i>mourisco</i> : o de qualidade um pouco inferior ao gallego. — Linho canhamo; o mais grosso em qualidade. — Panno, tecido de linho. (p. 1323, v. 3)
	Figueiredo (1899)	m. planta linácea, cuja haste produz um fio que serve para a fabricação de tecidos e rendas; tecido de linho. (Lat. <i>linum</i> = gr. <i>linon</i> ). (p. 51, v. 2)
	Silva (1949-1959)	s. m. (do lat. <i>linu</i> -). Género de plantas de haste fibrosa [...]    Os fios que tiram das fibras dessas plantas, com que se fabricam tecidos e rendas [...]    Tecido feito com as fibras dessas plantas [...]    Bragal, enxoval    Vela de embarcação. (p. 260, v. 6)
	Ferreira (2004)	[Do lat. <i>linu</i> ; tax. <i>Linum</i> .] [...] 4. Tecido feito com fio extraído da fibra do linho
	Houaiss (2009)	<b>3</b> TÊXT tecido feito das fibras dessa planta, us. na confecção de trajes finos e leves, apropriados a climas tropicais, roupas de cama e mesa e tb. em telas de pintura, tapetes, forrações etc. © ETIM lat. <i>linum</i> , i do gr. <i>linon</i> , ou 'linho (planta), fibra de linho, tecido de linho'

### SEDA *s. f.*

**Contexto:** Quando o padre visitou as classes, foi recebido dos estudantes, com grande alegria e festa. Estava todo o pateo enramado, as classes bem armadas com guardamecins, paineis e varias **sedas**. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA. [A00\_0751, p. 143].

Datações	Definições
seda – 1583	Bluteau (1712-1728) Obra mais delgada, & mais fina, que cabello, fiada pelo famoso insecto, o bicho da seda. [...] Daõ-se à seda muytos

ceda – 1624 feda – 1624 çeda – s. XVIII		outros nomes, & epithetos, assaz conhecidos, & communs na gente, que trata com sedas. Seda de capulhos, seda em tramas, seda torcida, seda em rama, seda lavrada, seda fina, seda meãa, seda grossa, seda froxa, seda ordinaria, seda de sopêo, seda de lamsão, seda morea, seda crua da India, seda crua, beneficiada em pelos, &c. Seda géralmente. Obra do bicho da seda. (p. 541, v. 7)
	Silva (1789)	s. f. matéria que se fia, produzida polo <i>bicho chamado de seda</i> ; della se fazem sedas, ou tecidos deste nome, torçaes, &c. (p. 383, v. 2)
	Silva (1813)	s. f. Matéria que se fia, produzida polo <i>bicho chamado de seda</i> ; della se fazem sedas, ou tecidos deste nome, torçaes, &c. (p. 676, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. f. [...] Substancia filamentosa e lustrosa que fôrma o casulo do bicho chamado de sêda, e que depois de fiada, serve para fabricar diferentes estôfos. [...] — Obra, estôfo, ou tecido de sêda. (p. 435-436, v. 5)
	Figueiredo (1899)	f. substância filamentosa, produzida pela larva de um insecto, chamado vulgarmente bicho da sêda; tecido, feito com essa substância [...]; <i>pl.</i> pêlos ásperos e compridos de certos animaes; ( <i>pop.</i> ) trajes de sêda. (Do lat. <i>seta</i> ). (p. 513, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (de <i>seta</i> ). Substância filamentosa e brilhante, segregada por uma espécie de bômbix, vulgarmente chamado <i>bicho-da-seda</i> ; matéria têxtil que tem por base a celulose e obtida artificialmente por processos químicos especiais [...]    Qualquer obra, tecido ou estofa feito dessas substâncias [...]. (p. 973, v. 9)
	Ferreira (2004)	[Do lat. <i>saeta</i> , ‘cerda de porco’, que na Idade Média deve ter-se aplicado ao fio da seda.] Substantivo feminino. 1.Filamento que constitui o casulo da larva de um inseto vulgarmente denominado bicho-da-seda (q. v.), ou o fio feito com tal substância. 2.Tecido fabricado com esse fio. 3.Qualquer tecido fabricado com fibra vegetal ou sintética cuja consistência lembra a da seda (2); seda artificial.
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (sXIII) <b>1</b> substância filamentosa e brilhante que constitui o casulo do bicho-da-seda ou fio feito com essa substância <b>2</b> <i>p.met.</i> tecido fabricado com esse fio [...] © ETIM lat. <i>saeta</i> ou <i>séta,ae</i> 'seda, cerdas etc.'

## II. TECIDOS FINOS

### BERNE *s. m.* [VOLP: bérnio]

Contexto: Vinhaõ em cavallos brancos de jaezes de **berne** tocando trombetas, de que pendiaõ eftendartes de feda branca com huma custodia pintada. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO PARA HUM NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO PILLAR MATRIS, E PROPRIA MORADA DO DIVINO SACRAMENTO EM VILLA RICA, CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS. AOS 24 DE MAYO DE 1733.* [B00\_0020, p. 96].

Datações	Definições	
berne – 1784	Bluteau (1712-1728)	He o nome, que hoje damos a todo pano fino vermelho, Hà huns annos, que todo o pano grosso, e forte se chamava <i>Berne</i> , tomando porventura as primeiras letras de <i>Berri</i> , Província da França, onde naquelle tempo se fazia o pano, de que se vestiaõ os Soldados. No idioma Francez acho a palavra <i>Bernie</i> , mas por pano grosseiro, usado em <i>Hibernia</i> [...] (p. 127, v. 9)
	Silva (1789)	<b>Berne</b> . s. m, panno fino cor escarlata, que vem de Hibernia. § Capa longa, de pouco custo, grosseira. (p. 179, v. 1)
	Silva (1813)	<b>Bérneo</b> . s. m. Pano fino cõr escarlata, que vem de Hibernia. § Capa longa, de pouco custo, grosseira. (p. 278, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<b>Berne</b> . s. m. Panno fino, de cõr escarlata, que vem da Irlanda. — Designa tambem uma capa longa, e grosseira. (p. 759, v. 1)
	Figueiredo (1899)	<b>Berne</b> . adj. Dizia-se de certo pano, usado em balandraus. Cf. Filinto, XIII, p. 235. (p. 757, v. 2) <b>Bérneo</b> . m. antigo pano, que vinha da Irlanda; antiga capa, grosseira e comprida. (de <i>Hibérnia</i> n. p.) (p. 186, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. Espécie de pano vermelho usado antigamente. (p. 465, v. 2)
	Ferreira (2004)	[De <i>bérnio</i> (q. v.).] Adjetivo de dois gêneros. 1. Diz-se de certo pano vermelho, o <i>bérnio</i> (q. v.). Substantivo masculino. 2. Esse pano; <i>bérnio</i> .
Houaiss (2009)	s.m. (sXV) m.q. <i>bérnio</i> s.m. (1570) 1 TÊXT pano vermelho que era produzido na Irlanda 2 coberta de cama feita desse pano 3 VEST modalidade de capa grosseira, antiga ☉ ETIM prov. lat. <i>Hibernia</i> 'Hibérnia, uma das ilhas britânicas, hoje Irlanda', tida como f.afer. do antr. tornado subst.com. por ser o local de procedência deste tipo de pano ☉ SIN/VAR berne	

**BERTANHA** s. f. [VOLP: bretanha]

Contexto: [...] 6 duzias de camizas de **bertanha** com bons pontos e bem feitas e de boa **bertanha** lizas sem rendas [...]. FRAN.º DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 266].

Datações	Definições	
bertanha – 1725 bretanha – 1726	Bluteau (1712-1728)	Panno de linho, que nos vem de Bretanha. (p. 189, v. 2)
	Silva (1789)	Lençaria de linho fina, que se trazia de Bretanha. (p. 197, v. 1)
	Silva (1813)	Lençaria de linho fina, que se trazia de Bretanha; á imitação dizem da lençaria desta sorte <i>Bretanhas de França, de Suecia, &amp;c.</i> (p. 300, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	Termo de Commercio. Tecido de linho, fabricado na Bretanha. (p. 820, v. 1)

	Figueiredo (1899)	Tecido fino de algodão <i>ou</i> linho. (De <i>Bretanha</i> n. p.) (p. 209, v. 1)
	Silva (1949-1959)	(de <i>Bretanha</i> , top.). Tecido muito fino, de linho ou de algodão [...]. (p. 614, v. 2)
	Ferreira (2004)	[Do top. Bretanha, província francesa donde vinha o tecido.] 1. Antigo tecido fino, de linho ou de algodão.
	Houaiss (2009)	(1562) TÊXT tecido branco muito fino, de linho ou de algodão © ETIM top. <i>Bretanha</i> , de onde proviria o tecido

### CAMBRAI s. f. [VOLP: cambraia]

Contexto: [...] no luxo das olandas, **Cambraes**, londres, galas [...]. desconhecido (1958) [1607], *MEMORIAL DO ESTADO DO BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627 (131)* [A00\_2113, p. 317].

Datações	Definições	
cambrai – 1607 cambraia – 1726 cambray – 1784 cambraya – 1802	Bluteau (1712-1728)	<b>Cambray</b> [...] Pano de Cambray. Pano de linho muito fino, que tomou o nome da Cidade de Cambray, donde se faz. (p. 74, v. 2)
	Silva (1789)	Lençaria mui fina de linho, inventada, e fabricada em Cambray. (p. 221, v. 1)
	Silva (1813)	Lençaria mui fina de linho, inventada, e fabricada em Cambray. (p. 330, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	[...] Tecido de linho muito claro e fino. (p. 63-64, v. 2)
	Figueiredo (1899)	Tecido fino e transparente, de linho <i>ou</i> algodão. (De <i>Cambray</i> n. p.) (p. 237, v. 1)
	Silva (1949-1959)	(de <i>Cambraia</i> , top.). Tecido fino e transparente, de linho ou algodão, primitivamente fabricado em Cambraia, cidade de França.    Espécie de tarlatana gomada usada como entretela no vestuário. (p. 798, v. 2)
	Ferreira (2004)	[Do top. Cambraia (França).] 1. Tecido de algodão ou de linho, muito fino.
	Houaiss (2009)	(sXIII) <b>1</b> TÊXT tecido muito fino, translúcido e levemente lustroso, de algodão ou de linho, us. em lenços, adornos, roupa íntima feminina etc. <b>2</b> <i>p.ana.</i> TÊXT tecido fino, branco, de algodão, imitante à cambraia original de linho, com fios muito próximos entre si e lustroso ou acetinado num dos lados [...] © ETIM top. <i>Cambrai</i> , cidade na França onde se produzia e de onde se exportava esse tipo de tecido

### CASSA s. f.

Contexto: [...] chapéus finos; dittos da terra; meias de cadaço ditas de linha; \*bertanhas; \*cassa surtidas; barretez de pizão [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], *CARTAS DE SAO PAULO* [A00\_0858, p. 43].



Datações	Definições
cassa – 1727 caffa – 1784	Bluteau (1712-1728) <b>Caça.</b> Pano branco, que vem da India. (p. 23, v. 2)
	Silva (1789) <b>Caça.</b> § fazenda de algodão mui fina. (p. 208, v. 1)
	Silva (1813) <b>Caça.</b> § <i>Caça</i> ; fazenda de algodão fina. (p. 315, v. 1)
	Vieira (1871-1874) <b>Cáça.</b> (Provavelmente um termo indiatico. E etymologia arabe de Moraes não merece crédito, pela simples razão de que Moraes inventava palavras árabes a capricho). Panno branco que vinha da India, segundo Bluteau. Tecido fino e transparente de algodão, geralmente todo branco e com fundo branco [...] — Obs.: Tambem se escreve Cassa; sendo fórma original desconhecida, a ortographia é indiferente. (p. 17, v. 2)
	Figueiredo (1899) Tecido transparente de algodão <i>ou</i> linho. (Fr. <i>cassee</i> ). (p. 262, v. 1)
	Silva (1949-1959) (do mal. <i>kasa</i> ). Tecido muito fino e transparente, de algodão ou linho [...]. (p. 996-997, v. 2)
	Ferreira (2004) 1. Tecido muito fino, de linho ou de algodão.
Houaiss (2009) (a1623) TÊXT tecido fino, transparente, de linho ou de algodão ☉ ETIM mal. <i>kása</i> 'id.'	

**CASSEMIRA** *s. f.* [VOLP: casimira / caxemira]

Contexto: Entre estas as Pastas de Argila-branca, e amarella p.<sup>a</sup> saber, ã. alguns Inglezes a tem mandado hir p.<sup>a</sup> alimparem, ou embranquecer a **Cassemira** branca, tingir a amarella, e Camursas, pela superioridade, ã. lhe achaõ relativamente a ã. vem de Inglaterra. ANTONIO JOZE DA FRANCA E HORTA (1990) [1803], *PARA O M. MO EX. MO SNR. ANADIA - MARÇO* 27 [A00\_1079, p. 37].

Datações	Definições
cassemira – 1803	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) <b>Cachemira</b> , <i>s. f.</i> (De Caxemira, nome de um reino na Alta Asia). Tecido feito de pêllo das cabras e dos carneiros do pequeno Thibet. [...] — <i>Cachemira franceza</i> , estofa fabricado na França, imitando a cachemira asiatica. (p. 18, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Casimira</b> , <i>s. f.</i> (Do nome proprio <i>Casimir</i> , <i>Casimiro</i> , segundo todas as probabilidades, apesar de não estar averiguado que tal tenha sido o nome do inventor). Estofa de lã cruzada, fino e leve.. (p. 134, v. 2)
	Figueiredo (1899) <b>Cachemira</b> . <i>f.</i> tecido de lan fina, fabricado na Índia (de <i>Cachemira</i> n. p.) (p. 222, v. 1)
Figueiredo (1899) <b>Casimira</b> . <i>f.</i> pano de lan, fino e leve. (Talvêz corr. de <i>cachemira</i> ). (p. 261, v. 1)	
Silva (1949-1959) <b>Casimira</b> . <i>s. f.</i> (do fr. <i>casimir</i> ). Tecido de lã finíssima, fabricado na Índia. Tecido fino de lã usado para calças, coletes, etc. (p. 993, v. 2)	

		<b>Caxemira.</b> <i>s. f.</i> (de <i>Caxemira</i> , top.). Tecido fino de lã, fabricado na Índia [...]. (p. 1058, v. 2)
	Ferreira (2004)	<b>Cashmere.</b> [Ingl.] Substantivo masculino. 1.Lã muito fina e macia, do pêlo da cabra do Himalaia. 2.Fio dessa lã, empregado só, ou em mistura com o de outras lãs, em suéteres, casacos, pulôveres, etc. 3.Tecido feito com fio de lã cashmere ou com outros naturais ou sintéticos que a imitam.
	Houaiss (2009)	<b>Casimira.</b> [Do fr. <i>casimir</i> < ingl. <i>cassimere</i> , alter. do ingl. <i>cashmere</i> .] Substantivo feminino. 1.Tecido encorpado de lã, usado em geral para vestuário masculino. [Cf. <i>cashmere</i> .] <b>Caxemira.</b> <i>s.f.</i> <b>1</b> TÊXT lã muito fina e macia feita do pelo de um tipo de cabra de Caxemira (Índia e Paquistão) <b>2</b> TÊXT fio dessa lã, ger. empr. em vestimentas próprias para estações mais frias <gorro, suéter de c.> <b>3</b> TÊXT tecido em cuja composição entra esse fio de lã, ou outros que o imitam <tecido de c.> <b>Casimira.</b> <i>s.f.</i> (1797) TÊXT tecido leve de lã us. para roupas masculinas e femininas © ETIM fr. <i>casimir</i> 'id.'

**CRÉ** *s. m.*

Contexto: Os ditos \*efeitos são os que costumam mandar para Santa Cruz de La Sierra, para de lá lhes vir o vinho, trigo, sal e algum vestuário de pano de linho e outras coisas necessárias para aquelas missões, e o pano de linho é semelhante ao que cá se chama \*cré. CAETANO DA COSTA MATOSO (1999) [1749], 136 - VERDADEIRA NOTÍCIA QUE DEU FRANCISCO LEME DO PRADO DO QUE PASSOU, VIU E EXPERIMENTOU NA VIAGEM QUE FEZ DESTAS MINAS DO MATO GROSSO PELO RIO ABAIXO ÀS MISSÕES DOS PADRES DA COMPANHIA [DE JESUS] DO REINO DE CASTELA... [A00\_0998, p. 876].

Datações	Definições
cré – 1749	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) <sup>95</sup> <i>s. m.</i> Especie de estofa de lã. (p. 621, v. 2)
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

<sup>95</sup> Ressaltamos que essa acepção coloca a lã como elemento do tecido e, portanto, não condiz ao tecido chamado cré no trecho retirado do *corpus*.



CREPE *s. m.*

**Contexto:** Ja avizei a VM. das fazendas mais gastaveis nesta que são baetas surtidas de corez e prettas alguns **crepes** algumas barriganas niages cruas [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], *CARTAS DE SAO PAULO* [A00\_0858, p. 42].

Datações	Definições
crepe – 1727	Bluteau (1712-1728) He um panno muyto leve, & mais transparente, que filele. He feyto de seda crua & engomada. (p. 606, v. 2)
	Silva (1789) s. m. Panno mui leve, mais transparente, que filèle, feito de feda crua, e engomado. § Droguete preto, ou abatina feita delle. (p. 346, v. 1)
	Silva (1813) s. m. Panno mui leve, mais transparente, que filèle, feito de feda crua, e engomado. § Droguete preto, ou abatina feita delle. (p. 493, v. 1)
	Vieira (1871-1874) s. m. [...] Tecido mui leve, transparente, feito de seda crúa, e engommada. Droguete preto, e batina feita d'elle. (p. 629, v. 2)
	Figueiredo (1899) m. tecido transparente; fita ou tecido nêgro, que se usa em sinal de luto; luto. (Fr. <i>crêpe</i> , do lat. <i>crispus</i> ). (p. 361, v. 1)
	Silva (1949-1959) s. m. (do fr. <i>Crêpe</i> ). Tecido crespo, claro, leve e mais transparente que filele, feito de seda crua ou de lã fina [...]    Especialmente, tecido leve, preto, encrespado, que se usa em sinal de luto [...]    <i>Por ext.</i> Vários tecidos mais ou menos baços, de fio de seda, em qualquer cor, leves e próprio para confecções femininas [...]    Fita ou tecido negro que se usa em sinal de luto, no chapéu, no braço, na gola do paletó, etc. [...]    No <i>pl.</i> , panos pretos, às vezes ornamentados de prata ou ouro, com que se cobrem as paredes da câmara ardente, os carros mortuários, as igrejas nas cerimônias fúnebres, etc. (p. 674, v. 3)
	Ferreira (2004) [Do fr. <i>Crêpe</i> .] Substantivo masculino. 1.Tecido fino, transparente ou não, de aspecto ondulado, feito com fio muito torcido de seda ou lã natural ou sintética: “O vestido, de crepe georgette preto, .... fazia realçar a cor da pele mate, lisa, dum róseo muito leve” (Policarpo Feitosa, Gisinha, p. 45). 2.Fita ou tecido negro que se usa em sinal de luto. 3.Luto, dor.
	Houaiss (2009) s.m. (1704) <b>1</b> tecido leve, fino, crespo ou rugoso, de fios de seda ou de lã fina, freq. Quase transparente <b>2</b> <i>p.ext.</i> tecido leve, encrespado e preto, utilizado em intenção de luto (mais us. No pl.) <b>3</b> <i>p.ext.</i> fita ou faixa de tecido negro, us. Em sinal de luto; braçadeira, braçal, fumo <b>4</b> <i>p.met.</i> luto, dó, grande tristeza <b>5</b> <i>p.ext. fig.</i> A escuridão, o negrume, a treva <a noite caía e o céu vestia-se de c.> [...] © ETIM fr. <i>crêpe</i> 'ornato de cabeça em tecido de fio retorcido'

ESCUMILHA *s. f.*

**Contexto:** He essencial pôr sobre a torneira, e dentro, hum, pedaço de páo no tecido do cabello , ou de **escumilha** , e sobre tudo d'arame de prata para embaraçar que a nata não saia com o soro. FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1801) [1801], *MANTEIGA* [A00\_1059, p. 135].

Datações	Definições
escumilha – 1801	Bluteau (1712-1728) [...] Escumilha também se chama hum certo panno branco, muito fino, & muito ralo. (p. 235, v. 3) Pano de seda crua, muito ralo. Vem de Castela. Serve para toalhas de Regateiras, &c. (p. 397, v. 9)
	Silva (1789) [...] § Lençaria mui fina, rara, e transparente. (p. 538, v. 1)
	Silva (1813) [...] § Lençaria mui fina, rara, e transparente. (p. 745, v. 1)
	Vieira (1871-1874) — Lençaria muito fina, rala e transparente, usada nos mantos de cavaleiros, véus, capellos, etc. (p. 288, v. 3)
	Figueiredo (1899) [...] tecido transparente de lan ou sêda muito fina. (De <i>escuma</i> ). (p. 542, v. 1)
	Silva (1949-1959) (de <i>escuma</i> ) [...] Tecido transparente de lã ou seda muito fina [...]. (p. 684, v. 4)
	Ferreira (2004) [...] 2.Tecido muito fino e transparente, de lã ou de seda; gaza, gaze.
	Houaiss (2009) (1620) <b>1</b> tecido muito fino e transparente, de lã ou de seda, outrora us. Em mantos de cavaleiros

**ESGUIÃO** *s. m.*

Contexto: Duas toalhas de **esguião** com duas guardas de pano de linho para o dito altar. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00\_0333, p. 380]

Datações	Definições
esguião – 1750	Bluteau (1712-1728) Pano de linho, fabricado no Norte, tem quatro palmos de largo, e serve para roupa branca. (p. 398, v. 9)
	Silva (1789) <i>s. m.</i> Lençaria fina para camisas, &c. (p. 542, v. 1)
	Silva (1813) <i>s. m.</i> Lençaria fina para camisas, &c. (p. 750, v. 1)
	Vieira (1871-1874) <i>s. m.</i> Panno de linho muito fino, linho de Hollanda. (p. 305, v. 3)
	Figueiredo (1899) <i>m.</i> tecido fino de linho ou algodão. (p. 546, v. 1)
	Silva (1949-1959) <i>s. m.</i> Tecido fino de linho ou algodão. (p. 713, v. 4)
	Ferreira (2004) Substantivo masculino. 1.Tecido fino de linho ou de algodão.
	Houaiss (2009) <i>s.m.</i> tecido fino de linho ou de algodão © ETIM orig.obsc.

**GARÇA** *s. f.*

Contexto: Eulina, que nas graças não recea Competir co'a Deidade, que o Mar cria, De transparente **garça** se vestia, Toda de flores de ouro matizada. CLÁUDIO MANUEL DA COSTA. (1773.) [1773], *CANTO 8º* [G00\_0010, p. 4].

Datações	Definições
----------	------------

garça – 1773	Bluteau (1712-1728)	<b>Garça de Itália.</b> Pano, feito de seda muy leve, lavrado com ramos, e muy transparente, e vistoso; serve para toucas, e veos de mulheres. (p. 449, v. 9)
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	NE
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	Tela muito rala.    Vj. <i>Telegarça</i> . (p. 432, v. 5)
	Ferreira (2004)	[De or. incerta.] 1.Certo tecido muito ralo
	Houaiss (2009)	(1862-1864) tecido de trama muito rala © ETIM orig.obsc.

### GINGÃO *s. m.* [VOLP: guingão]

**Contexto:** [...] avaliado hum calção e Roupetta de algodão de **gingão** meiuizado em sua avaliação por mil duzentos e oitenta Reis [...]. GASPAS DIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAS DIAS PERES (1654)* [A00\_0755, p. 18].

Datações	Definições	
gingão – 1654 guingão – 1771 guingau – 1771	Bluteau (1712-1728)	<b>Guingam.</b> [...] Guingão. Certo Panno, que se lavra nas terras do Mogol. (p. 159, v. 4)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> Lençaria d'algodão. (p. 676, v. 1)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> Lençaria d'algodão. (p. 108, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	Significação duvidosa, comtudo usada por Diogo de Couto; porém duvida-se se o sentido em que elle empregou este termo será o da significação antecedente; se virá antes do francez guingau, significando tela de algodão fino, entrelaçado de folhas de plantas oriundo da India? (p. 994, v. 3)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> tecido fino de algodão; (ant.) bôrra de sêda. (p. 688, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do <i>mal.</i> ). Tecido de algodão riscado, fino e muito lustroso, da Índia [...]. (p. 628, v. 5)
	Ferreira (2004)	[Do <i>mal. guingong.</i> ] Substantivo masculino. Ant. 1. Borra de seda. 2. Excremento do bicho-da-seda. 3. Tecido muito fino, de algodão.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1552) <i>ant.</i> <b>1</b> TÊXT parte mais grosseira e espessa da seda <b>2</b> excremento do bicho-da-seda <b>3</b> TÊXT tecido de algodão muito fino e lustroso © ETIM <i>mal. guingong</i> 'tecido de algodão listrado ou axadrezado'

### OLANDA *s. f.* [VOLP: holanda]

**Contexto:** A minima parte destas drogas gasta o nosso Portugal o mais sacão os estrangeiros por troco das roupas e mantimentos de q̃ o R<sup>no</sup> padece falta, e como estas ja não poderia escuzar, permanecendo {A00\_2113- — 317 —,N} no luxo das **olandas**, Cambraes, londres, galas; sã tornar ao parco uso dos antigos (que ja sera impossivel) contentandose de seu linho beirão e Lam d'Alemtejo. desconhecido (1958) [1607], *MEMORIAL DO ESTADO DO*

*BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627) [A00\_2113, p. 317].*

Datações	Definições
olanda – 1607 holanda – séc. XVII ollanda – 1767 hollandia – 1767	Bluteau (1712-1728) <b>Olanda.</b> Certa lençaria de varias castas. Ha olanda fina, & fina atacada, ordinaria, grossa, riscada, & frisada, larga, & olanda dita com seda. (p. 9, v. 4)
	Silva (1789) <b>Olanda.</b> Lençaria fina, que vem de Hollanda. (p. 130, v. 2)
	Silva (1813) <b>Olanda.</b> Lençaria fina, que vem de Hollanda. (p. 362, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Hollanda, ou Olanda.</b> Termo de Commercio. Esguião; lençaria de linho muito fino, fabricada em Hollanda, para camisas, saias, lençoes, etc. (p. 977, v. 3)
	Figueiredo (1899) <b>Hollanda.</b> Tecido de linho, muito fino e fechado, que se fabrica na Hollanda [...]. (p. 707, v. 1)
	Silva (1949-1959) (de <i>Holanda</i> , top.). Tecido muito fino e muito fechado que se fabrica na Holanda [...]. (p. 763, v. 5)
	Ferreira (2004) 2. Desus. Certo tecido de linho finíssimo
	Houaiss (2009) (sXVI) TÊXT <i>obsl.</i> tecido de linho muito fino, fabricado na Holanda © ETIM top. <i>Holanda</i>

**LLEMISTE** *s. m.* [VOLP: lemiste]

Contexto: 1 peça de **lemiste** preto bem fino e bom na qualidade [...]. FRAN.<sup>co</sup> DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 265].

Datações	Definições
llemiste – 1725 lemiste – 1802	Bluteau (1712-1728) Panno de lã, muito fino, que vem de Inglaterra. (p. 77, v. 5)
	Silva (1789) Panno fino de lã, preto. (p. 15, v. 2)
	Silva (1813) Panno fino de lã, preto. (p. 214, v. 2)
	Vieira (1871-1874) Panno de lã, o mais perfeito e fino dos de Segovia. Hoje vem de outras partes, e commummente é preto. (p. 1286, v. 3)
	Figueiredo (1899) Tecido prêto de lan. (p. 39, v. 2)
	Silva (1949-1959) Tecido preto e fino de lã. (p. 191, v. 6)
	Ferreira (2004) 1. Tecido de lã, preto e fino
	Houaiss (2009) (1716) pano preto e fino de lã © ETIM top. <i>Lemster</i> , cidade da Inglaterra onde se fabricava este tecido

**MOSSELINA** *s. f.* [VOLP: musselina]

Contexto: Poz-se toda esta parte extractiva em hum pequeno funil de vidro, forrado, de huma **mossellina**, ou çassa. [...]. Na realidade, passado quasi hum mez, se achou só na cassa, ou **mosselina** huma pequena massa, composta de crystaes finos [...]. FREI MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1805) [1798], *O FAZENDEIRO DO BRAZIL, CULTIVADOR. BEBIDAS ALIMENTOSAS, CACAO.* [A00\_2309, p. 264-265].

Datações	Definições
mosselina – 1798	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) <b>Musselina</b> , ou <b>mousselina</b> . (De <i>Mussel</i> , ou <i>Moussel</i> , cidade da Asia, d'onde primeiro vieram estes tecidos). Tecido de algodão muito leve, transparente e consistente. — <i>Musselina de lã</i> ; talvez cassa de lã. — <i>Musselina de fazer baetilhas</i> . (p. 369, v. 4)
	Figueiredo (1899) <b>Musselina</b> . Tecido leve e transparente, de algodão; (ext.) estôfo de lan ou sêda, muito leve. (Fr. <i>mousseline</i> , que uns derivam de <i>mousse</i> , e outros de <i>Mosul</i> n. p. de uma cidade asiática. Vejo porém que Dozy aponta como etym. o ar. <i>maucili</i> e, neste caso, deve escrevêr-se, <i>mucelina</i> ). (p. 171, v. 2)
	Silva (1949-1959) (do ár. <i>muceli</i> , deriva de <i>al-muçul</i> , nome de Moçul, no rio Tigre). Tela de algodão muito clara, muito delicada e fina; cassa [...]    <i>Por. Ext.</i> Tecido de lã ou seda, muito leve.    <i>Fig.</i> Qualquer coisa muito transparente, diáfana (sobretudo em imagens literárias) [...]    <i>Obs.</i> <i>Mucelina</i> seria a grafia preferível. (p. 136, v. 7)
	Ferreira (2004) [Do fr. <i>mousseline</i> .] 1. Tecido leve e transparente, muito usado para roupa feminina
Houaiss (2009) (a1858) TÊXT 1 tecido leve e transparente, de fibra de algodão 2 <i>p.ext.</i> tecido muito leve de seda ou lã 3 <i>p.metf.</i> algo diáfano, transparente ☉ ETIM fr. <i>Mousseline</i> ‘tecido de ouro e seda fabricado em Mossoul’; ‘tecido leve de algodão’	

**PANICO** *s. m.*

Contexto: [...] pelo que esta devendo os bens do defunto Antonio da Silva Ferreira de vinte e cinco peggas de **panicos** meias podres como consta da conta de venda [...]. FRAN.CO GUILHERME (1973) [1712], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0430, p. 236].

Datações	Definições
panico – 1712 pannico – 1728	Bluteau (1712-1728) <b>Panicos</b> . São huma casta de roupa branca, que vem de Hamburgo. Paníco rey He um pano de algodão, muyto fino, que vem da India. (p. 223, v. 6)
	Silva (1789) <b>Paninho</b> , ou panninho. Panno pequeno, ou panno muito delgado de seda, ou lãa. &c. (p. 224, v. 6)
	Silva (1813) s. m. lençaria de Hamburgo, de varias sortes, o <i>panico Rei</i> he de algodão mui fino da India. (p. 153, v. 2)
	<b>Paninho</b> . S. m. dim. De pano. (p. 153, v. 2)
	s. m. Lençaria de Hamburgo, de varias sortes: o <i>panico Rei</i> é de algodão mui fino da India. (p. 390, v. 2)

	<b>Paninho.</b> S. m. dim. De Pano. (p. 390, v. 2)
Vieira (1871-1874)	<b>Panico</b> , ou <b>pannico</b> . S. m. Diminutivo de Pano, ou Panno. Lençaria hamburgueza, de varias especies. (p. 645, v. 4) <b>Paninho</b> , ou panninho. S. m. Diminutivo de Pano, ou Panno. Panno de algodão branco fino e tapado oriundo da India, conhecido também pelo nome de <i>pannico rei</i> . Hoje se fabrica em França, Inglaterra, e algumas outras nações. (p. 645, v. 4)
Figueiredo (1899)	<b>Paninho.</b> m. pano fino de algodão. (Dem. de <i>pano</i> ). (p. 253, v. 2)
Silva (1949-1959)	<b>Panico.</b> S. m. Diminutivo de <i>pano.</i> ; paninho.    Lençaria hamburguesa de várias espécies. (p. 734, v. 7) <b>Paninho.</b> S. m. (de <i>pano</i> ). Pequeno pano, toalhete, toalhinha [...]    Cueiro, faixa que envolve especialmente as pernas e as nádegas das crianças.    Pano para recolha do sangue menstrual.    Espécie de pano fino de algodão [...]. (p. 735, v. 7)
Ferreira (2004)	<b>Paninho.</b> Substantivo masculino. 1.Pano1 (1) fino de algodão
Houaiss (2009)	<b>Panico-rei.</b> S.m. espécie de algodão muito fino, originário da Índia; paninho <b>Paninho.</b> s.m. (1720) <b>1</b> pano pequeno <b>2</b> m.q. <i>panico-rei</i> © ETIM <sup>1</sup> <i>pano</i> + <i>-inho</i>

**SOPRILHO** s. m.

Contexto: [...] depois que chegou Dom Francisco de Souza, e virão suas galas, e de seus criados e criadas, houve logo tantas librés, tantos periquitos, e mantos de **soprilhos**, que já parecia outra cousa [...]. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO QUARTO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU MANOEL TELLES BARRETO ATHE A VINDA DO GOVERNADOR GASPAS DE SOUZA - CAPITULO TRIGESIMO SEXTO - DO QUE FEZ O GOVERNADOR NAS MINAS* [A00\_2067, p. 163].

Datações	Definições
soprilho – 1627	Bluteau (1712-1728) <b>Suprilho.</b> Seda liza, que vinha de Castella, & servia para veos de Freyras, já a não ha. (p. 796, v. 7)
	Silva (1789) Seda muito rara, e leve. (p. 419, v. 2)
	Silva (1813) Seda muito rara, e leve. (p. 724, v. 2)
	Vieira (1871-1874) Sêda muito rala, e leve. (p. 592, v. 5)
	Figueiredo (1899) Variedade de sêda muito transparente. (De <i>sópro?</i> ). (p. 553, v. 2)
	Silva (1949-1959) (de <i>sopro</i> ). Variedade de seda muito transparente ou rala.    Cendal. (p. 384, v. 10)
	Ferreira (2004) 1.Variedade de seda muito rala ou transparente.
	Houaiss (2009) (1634) TÊXT <b>1</b> espécie de tecido de seda muito ralo e transparente <b>2</b> m.q. <i>cendal</i>



SETIM *s. m.* [VOLP: cetim]

**Contexto:** [...] os armarios são todos forrados dentro de **setim** carmesim, as portas da banda de dentro são forradas de sedas de várias côres, sc. damasco, veludo, **setim**, etc. a madeira é de páu de cheiro de Jacarandá, e outras madeiras de preço, de várias côres [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA. [A00\_0751, p. 159].

Datações	Definições
setim – 1583 cetim – Séc.XVIII	<b>Cetim.</b> Panno de seda. Vid. Setim. (p. 261, v. 2)
	<b>Bluteau</b> (1712-1728) <b>Setim.</b> Alguns o derivaõ do Hebraico <i>Sadin</i> , que he <i>Sendal</i> . Mas parece mais natural a derivação da palavra Italiana <i>Seta</i> , que val o mesmo que <i>Seda</i> . O Setim he hum panno de seda muyto lizo, & lustroso. Ha muytas castas de Setim. Setim chão, ou Setim raso, Setim lavrado, Setim avelutado, Setim lavrado, & borbadiho, Setim avelutado cõ fundos de ouro, Setins falsos de Italia, Setins ditos de Burgos, chãos, & lavrados, &c. (p. 623, v. 7)
	<b>Silva</b> (1789) <b>Cetim.</b> v. Setim. (p. 258, v. 1)
	<b>Silva</b> (1813) <b>Setim,</b> s. f. seda, ou tecido de lãa, com a superficie mui lisa, e lustrosa. (p. 399, v. 2)
	<b>Silva</b> (1813) <b>Cetim.</b> v. Setim. (p. 378, v. 1)
	<b>Silva</b> (1813) <b>Setim,</b> s. f. seda, ou tecido de lãa, com a superficie mui lisa, e lustrosa. (p. 696, v. 2)
	<b>Vieira</b> (1871-1874) <b>Setim,</b> s. m. (Do francez <i>satim</i> ). Sêda com a superficie mui lisa, e lustrosa. (p. 515, v. 5)
	<b>Figueiredo</b> (1899) <b>Setim.</b> m. pano lustrôso e fino de sêda ou lan; (fig.) coisa macia ou suave [...]. (It. <i>setino</i> , do lat. <i>seta</i> ). (p. 530, v. 2)
<b>Silva</b> (1949-1959) <b>Cetim.</b> s. m. (do ár. <i>çaituni</i> ?). Espécie de pano de seda, lustroso e fino [...]    Designação de várias fazendas semelhantes ao cetim [...]. (p. 8, v. 3)	
<b>Ferreira</b> (2004) <b>Cetim.</b> [Do ár. <i>zaytuni</i> , 'da cidade chinesa de Tsantung ou Chengdu (famosa, na época, pela fabricação de cetim)'; as formas <i>çatim</i> (arc.) e <i>cetim</i> acusam infl. do fr. <i>satim</i> e do it. <i>setino</i> , que são aparentemente der. de um lat. tard. ( <i>pannus</i> ) <i>setinus</i> , '(pano) de seda', < lat. <i>seta</i> , 'seda'.] Substantivo masculino. 1. Tecido de seda lustroso e macio.	
<b>Houaiss</b> (2009) <b>Cetim.</b> s.m. (sXIV) <b>1</b> TÊXT tecido de seda lustroso e macio cuja trama não aparece no lado avesso <b>2</b> p.ana. TÊXT tecido assemelhado, porém feito com material vário, natural (algodão, linho, lã etc.) ou sintético (raiom etc.) © ETIM ár. <i>zaitúni</i> 'da cidade de <i>Zaytún</i> , nome árabe do top. <i>Tseu-Thoung</i> , cidade chinesa onde se fabricava o tecido'	

SUFULIE *s. m.* [VOLP: sofolié]

**Contexto:** [...] 6 p.<sup>s</sup> de **sufulie** c.<sup>os</sup> 67 e 1/2 a 130 8.775 10 pacotinhos de ruão branco de França largo [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], SOCIEDADE COM OS SRS. HARDUVICOS BARCKUSEN [A00\_0857, p. 34].

Datações	Definições
sufulie – 1727 sufuli – 1771 sofolié – 1771 sufulié – 1771	Bluteau (1712-1728) <b>Sofolié.</b> Panico de algodão, muyto tenue, & de varias cores. Chamãolhe alguns <i>Foliè</i> , & outros com galanteria lhe chamão <i>Patarata</i> , em razão de sua fragilidade, & pouca dura. (p. 689, v. 7)
	Silva (1789) <b>Sofolié.</b> s. m. hum tecido de algodão ralo, de varias cores. (p. 412, v. 2)
	Silva (1813) <b>Sofolié.</b> s. m. hum tecido de algodão ralo, de varias cores. (p. 714, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Sofolié.</b> s. m. Um tecido de algodão ralo, de varias côres.(p. 566, v. 5)
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) <b>Sofolié.</b> s. m. Bras. Tecido ralo de algodão. (p. 313, v. 10)
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

#### TAFETÁ *s. m.*

Contexto: Todos os tres altares têm doceis, com suas cortinas de **tafetá** carmesim; tem uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, tres cabeças das Onze mil virgens, com outras muitas e grandes reliquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas, mui formosa e devota. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA. [A00\_0751, p. 144].

Datações	Definições
tafetá – 1583 tafeta – 1624 thafetá – 1712 tafota – 1725 tafete – 1756 tafetâ – 1767	Bluteau (1712-1728) <b>Tafetâ.</b> Certo panno leve de seda, na opiniaõ de Covarrubias, chamado assim, pela figura Onomatopeia, do ruido <i>Tif, Taf</i> , que faz o que anda vestido desta seda [...]. Ha muytas castas de Tafetâs, tafetâ singelo, tafetâ dobrado, tafetâ lavrado, tafetâ com fios de ouro, tafetâ de linhas, &c. Tafetâ da India, da Persia, de Lanquim, de Sinde, de Chául, de S. Thomè, &c. (p. 15, v. 8)
	Silva (1789) s. f. droga ligeira de seda para forros, cortinas, &c. (p. 439, v. 2)
	Silva (1813) s. f. Droga ligeira de seda para forros, cortinas, &c. (p. 749, v. 2)
	Vieira (1871-1874) s. m. Estofa de sêda brilhante. (p. 661, v. 5)
	Figueiredo (1899) m. tecido lustrôso de sêda. (Do pers. <i>taftah</i> ). (p. 582, v. 2)
	Silva (1949-1959) <i>s. m.</i> (do <i>persa</i> ). Tecido lustroso, feito de fios de seda rectilíneos e bem tapado [...]. (p. 594, v. 10)
	Ferreira (2004) [Do persa <i>taftah</i> , part. pass. de <i>taften</i> , 'tecer', pelo fr. <i>taffetas</i> .] Substantivo masculino.1.Tecido lustroso e armado, de seda, de trama finíssima
	Houaiss (2009) <i>s.m.</i> (1785) TÊXT tecido compacto, de fina trama de seda sem avesso, us. em vestidos, estofos de móveis etc. © ETIM fr. <i>taffetas</i> 'tecido de seda', do persa <i>taftah</i> , 'id.', lit.



'o que é tecido', do v. *taftan* 'urdir, tecer', prov. pelo it. *taffetta* 'id.'

### III. TECIDOS GROSSEIROS

#### ANIAGEM *s. f.*

**Contexto:** Ja avizei a VM. das fazendas mais gastaveis nesta que são baetas surtidas de corez e prettas alguns crepes alguas barriganas **niages** cruas algum fio de vella alguas fradas feitas não m.<sup>tas</sup> calções de aniagem com seus tufos de ruão camizas feitas de pano de linho [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], *CARTAS DE SAO PAULO*. [A00\_0858, p. 42].

Datações	Definições	
aniagem – 1727	Bluteau (1712-1728) Pano tecido de linho crú que se fabrica no Norte, de três palmos de largo. (p. 49, v. 9)	
niage – 1727		
aniage – 1769		
		Silva (1789) s. f. especie de roupa de linho muito grossa. (p. 83 v. 1)
		Silva (1813) s. f. Especie de roupa de linho cru, mûto grossa, e estreita, para capas de fardos, &c. (p. 135, v. 1)
		Vieira (1871-1874) Panno tecido de linho crú muito grosso e estreito, proprio para capas e fardos. (p. 424, v. 1)
		Figueiredo (1899) f. pano grosseiro de linho, para capa de fardos. (p. 92 , v. 1)
	Silva (1949-1959) s. f. (de * <i>niagem</i> , de <i>linhagem</i> ). Pano de linho cru, muito grosso e estreito, para capas de fardos, etc.; grossaria.    O mesmo que <i>serapilheira</i> . (p. 881, v. 1)	
	Ferreira (2004) [Por * <i>niagem</i> , alter. de <i>linhagem</i> , com prótese.] Substantivo feminino. 1.Pano grosseiro sem acabamento, de juta ou de outra fibra vegetal análoga, usado para confecção de fardos; serapilheira.	
	Houaiss (2009) s.f. (1727) TÊXT tecido grosseiro de juta, linho cru ou outra fibra vegetal, us. esp. na confecção de sacos e fardos; serapilheira © ETIM orig.contrv.	

#### BAETA *s. f.*

**Contexto:** Os mordomos são os principaes e mais virtuosos; têm sua mesa na igreja com seu panno, e elles trazem suas opas de **baeta** ou outro panno vermelho, branco e azul; servem de visitar os enfermos, ajudar a enterrar os mortos, e ás missas, levando a seus tempos os círios acesos [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 156].

Datações	Definições
baeta – 1583	Bluteau (1712-1728) Panno de laã, a que ou com o uso, ou com instrumentos se levanta o pelo. Há de muitas castas. Baeta, a que chamaõ Castelete, que he de cincoenta, & quatro fios. Baeta de cosal, Baeta de conta nova, Baeta de Barca, Baeta
baêta – 1626	
baheta – 1653	

baetta – 1654 baieta – 1727		cacheira, Baetinha de Bestable, Baeta Imperial. Também das diferentes terras aonde se fabrica, toma a Baeta o nome. Baeta da Inglaterra, de Olanda, de França, de Barcelona, de Moscovia. &c. (v. 2, p. 11)
	Silva (1789)	s. f. tecido de lã, grosseiro, felpudo. (v. 1, p. 157)
	Silva (1813)	s. f. (ou antes <i>bayèta</i> ) Tecido de lã, grosseiro, felpudo. (Ital. <i>baietta</i> ; a frisa, ou o avesso dos panos de lã). (v. 1, p. 251)
	Vieira (1871-1874)	s. f. (do italiano <i>baietta</i> , a frisa ou avêso dos pannos de lã) Panno de lã, a que com o uso ou com instrumentos se levanta o pêllo. Baeta castelete, a que é de cincoenta e quatro fios. — Baeta cossal. — Baeta de conta nova. — Baeta de barca. — Baeta cacheira. — Baeta imperial. Nomes usados nas fabricas portuguezas no fim do século XVIII, Também se classifica a baeta segundo as terras d'onde vem: Baeta de Hollanda, de Barcelona, etc. (p. 703, v. 1)
	Figueiredo (1899)	f. Pano felpudo de lan; tecido grôso de algodão. (Do lat. <i>Baetica</i> n. p.) (p. 165, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. f. (do lat. <i>baietta</i> ). Tecido de lã, grosseiro, felpudo. [...]    Tecido grosso de algodão. (p. 314, v. 2)
	Ferreira (2004)	(ê) [Do ant. picardo <i>bayette</i> .] Substantivo feminino. 1. Tecido felpudo de lã. 2. Baetilha
	Houaiss (2009)	s.f. (c1574) TÊXT 1 tecido de lã ou algodão, de textura felpuda, com pelo em ambas as faces 2 GAR esse tecido us. para reter o ouro na canoa © GRAM dim.irreg.: <i>baetilha</i> © ETIM ant. picardo <i>bayette</i> , do lat. <i>badius, a, um</i> 'baio, castanho (cor original do tecido)'

### BAETÃO *s. m.*

Contexto: Está vestido com camisa de bertanha embrulhado em hum caruzê de **baetão** pardo com çapatos axixellados nos pes. desconhecido (1931) [1798], *A INCONFIDENCIA DA BAHIA EM 1798 - DEVASSAS E SEQUESTROS (CONCLUSÃO)*. [A00\_2263, p. 156].

Datações	Definições	
baetão – 1798	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	s. m. Baeta grossa; panno grosso e forte, próprio para capotes e saiaes. (v. 1)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> Baêta grossa. (De <i>baêta</i> ). (p. 165, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (de <i>baeta</i> ). Pano muito grosso, próprio para capotes e saias. [...]    <i>Bras.</i> Cobertor de lã. (p. 314, v. 2)
	Ferreira (2004)	(a-ê) [Aum. de <i>baeta</i> .] Substantivo masculino. 1. Baeta grossa, própria para agasalhos. 2. Bras. Cobertor de lã.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> 1 TÊXT baeta de lã bastante grossa, adequada à confecção de agasalhos 2 <i>B</i> cobertor feito de lã © ETIM <i>baeta</i> + <i>-ão</i>

**BARBARISCO** *s. m.*

Contexto: [...] hum vistido de **berberisco** calção Roupeta E capa a Roupeta forrado o corpo de bertangil [...] lhe derão o vistido de **barbarisco** calção E Roupeta en sua avaliasão de des mil rs [...] foi Rematado o vistido de **barberisco** calção Roupeta E capa en prasa publica [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)*. [A00\_0757, p. 275-291].

Datações	Definições
barbarisco – 1654 barberisco – 1654 berberisco – 1654	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) s. f. Tecido de lã vindo da Barbaria, e relacionado na pauta dos mercadores de retalho, que faz parte dos estatutos aprovados por Alvará de 16 de dezembro de 1757. (p. 725, v. 1)
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) <i>s. m. Ant.</i> Certo tecido de lã, vindo da Barbaria. (p. 377, v. 2)
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

**BAREGANA** *s. f.* [VOLP: barregana / barrigana]

Contexto: [...] 8 peças de **baregana** de França azul ferete [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS*. [A00\_0435, p. 265].

Datações	Definições
baregana – 1725 barregana – 1727 barrigana – 1727	Bluteau (1712-1728) He corrupção de palavra [...] He pois Barregana hu panno tecido de pelo de cabra, para resistir a chuva. Capôte de Barregana. (p. 54, v. 2)
	Silva (1789) s. f. droga de lãa forte. (p. 169, v. 1)
	Silva (1813) s. f. Droga de lã forte, de que fazem sobrecasacas, &c. (p. 266, v. 1)
	Vieira (1871-1874) s. f. Tecido de lã; barragana, alchaz. (p. 723, v. 2)
	Figueiredo (1899) f. tecido forte de lan. (Cp. <i>barragan</i> ).
	Silva (1949-1959) s. f. Tecido de lã forte de que se fazem sobrecasacas, capotes, etc. [...]    Tecido de pêlo de cabra, impermeável à chuva. (p. 895, v. 2)
	Ferreira (2004) [Do ár. <i>barrakan</i> < persa <i>bargana</i> .] Substantivo feminino. 1. Tecido de lã muito durável.
	Houaiss (2009) <i>s.f.</i> (1220) TÊXT pano tecido com pelo de cabra, resistente à chuva; tecido de lã forte < <i>capote de b.</i> > © ETIM ár. <i>barrakân</i> 'id.'

**BUREL** *s. m.*

Contexto: Vestem-se de **burel**, e pellotes pardos e azues, de pertinas compridas, como antigamente se vestiam. Vão aos domingos á igreja com roupões ou berneos de cacheira sem capa. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P.*

*CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA. [A00\_0751, p. 173].*

Datações	Definições	
burel – 1626	Bluteau (1712-1728)	Panno grosso, & aspero, que ordinariamente se faz de lã. (p. 209, v. 2)
	Silva (1789)	s. m. panno grosseiro de lã, de que andão vestidos os Capuchos; e que antigamente se trazia por luto. (p. 202, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. Pano grosseiro de lã, de que andão vestidos os Capuchos; e que antigamente se trazia por luto. (p. 307, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. m. Panno grosso e aspero, ordinariamente de lã. — <i>Trajar, vestir burel</i> , andar de luto. — Figuradamente, <i>Cobrir-se de burel</i> , enlutar-se, chorar a morte d'alguem. (p. 833, v. 1)
	Figueiredo (1899)	m. pano grosseiro de lan; hábito de frade ou freira; (fig.) luto. (It. <i>burello</i> . Cp lat. <i>burrus</i> ). (p. 215, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. (talvez do it. <i>burello</i> ). Pano grosseiro de lã, geralmente de cor parda, castanha ou preta, de que andavam vestidos os capuchos [...]    Hábito de padre ou freira feito daquele tecido [...]    Antigamente trazia-se por luto [...]    Luto. (p. 650-651, v. 2)
	Ferreira (2004)	[Do fr. ant. <i>burel</i> , atual <i>bure</i> .] Substantivo masculino. 1.Tecido grosseiro de lã. 2.Hábito de frade ou de freira. 3.Ant. Burel (1) usado como luto. 4.Fig. Luto, tristeza, pesar.
	Houaiss (2009)	s.m. (1269) <b>1</b> TÊXT tecido grosseiro de lã, ger. parda, marrom ou preta, us. na vestimenta de alguns religiosos e penitentes <b>2</b> p.met. VEST hábito de frade ou freira feito com esse tecido <b>3</b> p.ext. VEST traje de luto desse tecido, na cor preta <b>4</b> fig. sentimento de pesar; luto ☉ ETIM lat.vulg. * <i>bura(m)</i> 'pano grosseiro de lã', prov. ligado ao lat. <i>burra,ae</i>

**CAMELÃO** s. m.

Contexto: [...] no particular de eu galiar não sei o q. lhe diga, so sim fis hum vestido de **camelão** de seda, p.<sup>a</sup> deitar na ocação q. a esta vila veio a nova dos cazamentos dos nosos príncipes [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1726], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS*. [A00\_0437, p. 287]

Datações	Definições	
camelão – 1726	Bluteau (1712-1728)	Certo pano, que se fazia de pello de camelo, donde lhe veyo o nome. Camelaõ, hoje he pano: que se faz de pelo de cabra com lã, ou seda. Ha camelaõ de Hollanda fino, camelaõ de lã grosso, camelaõ de França ralo &c. (p. 186, v. 9)
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	s. m. [...] Estofa de pêllo ou de lã, misturado algumas vezes com sêda. (p. 64, v. 2)

	Figueiredo (1899)	m. pano de pêlo de cabra. (De <i>camêlo</i> ). (p. 237, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (de <i>camelão</i> ). Estofa grosseiro impermeável feito primitivamente com pêlo de camelo, depois substituído por pêlo de cabra, seda e lã [...]    Tecido de lã em trama. (p. 800, v. 7)
	Ferreira (2004)	[De <i>camelo</i> + <i>-ão</i> .] Substantivo masculino. 1. Tecido grosseiro de pêlo de cabra.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1724) TÊXT tecido de pelo (originalmente de camelo) ou lã, por vezes mesclada com seda ☉ ETIM <i>camelo</i> + <i>-ão</i>

### CILÍCIO *s. m.*

Contexto: Em todo este tempo tinha estado Judith orando a Deus, coberta de **cilícios**, agora porém vestida de galas, e enriquecida de joias sáe da cidade, entra pelas arraiaes inimigos, e levada á tenda de Holofernes [...]. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1638], *SERMÃO DA SANTA CRUZ* [A00\_0927, p. 19].

Datações	Definições
cilicio – 1638 cjlicio – 1654 celicio – 1757 silicio – 1757	Bluteau (1712-1728)  Hum tecido de sedas de Cabra, de que antigamente se uzava na Provincia de Cilicia, & que hoje trazem à raiz da carne, os que a querem mortificar. [...] Cilicio. Certo Panno. <i>Vid.</i> Silicio. (p. 313, v. 2)
	Silicio, ou selicio. Panno de lãa, menos tapado que serguilha. (p. 645, v. 7)
	Silva (1789)  <i>s. m.</i> tecido de sedas picantes. <i>V. de Suso f. 73. os lombos lastimados de pannos de cilicio.</i> § Ou de arame com as pontas descobertas para mortificar o corpo. (p. 273, v. 1)
	Silva (1813)  <b>Silício.</b> <i>s. m.</i> panno de lãa grosseiro, que morde o corpo, mais raro que sirguilha. § <i>v. Cilicio</i> , ou malhas de arãme com pontas, a qual se aperta em redor do corpo, e fincando-se as pontas causão mortificação. (p. 401, v. 2)
	Silva (1813)  <i>s. m.</i> Tecido de sedas picantes. ( <i>V. de Suso f. 73.</i> “os lombos lastimados de pannos de <i>cilicio</i> ”.) ou de arame com as pontas descobertas, para mortificar o corpo. (p. 396, v. 1)
	Vieira (1871-1874)  <b>Silício.</b> <i>s. m.</i> Panno de lãa grosseiro, que morde o corpo, mais raro que sirguilha. [...] § <i>V. Cilicio</i> , ou malhas de arãme com pontas, a qual se aperta em redor do corpo, e fincando-se as pontas causão mortificação. (p. 699, v. 2)
	Vieira (1871-1874)  <i>s. m.</i> (Do latim <i>cilicium</i> , do grego <i>kilikium</i> , estôfo, assim chamado porque se fazia com pêllo de cabras da Cilicia). Cintura de crina, de lã aspera e grosseira, arames, etc., que se traz sobre a pelle por mortificação. (p. 230, v. 2)
	Figueiredo (1899)  m. cinto ou cordão, de pêlo ou lan áspera, ou eriçado de pontas de arame, que se traz sôbre a pelle, por penitência; (fig.) tormento, sacrifício voluntário. (Gr. <i>kilikion</i> , estofa de pêlos de cabras da Cilícia). (p. 298, v. 1)

	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do lat. <i>ciliciu-</i> ). Tecido de lã áspera, grosseira [...]    Cinto, cordão ou túnica de crina ou lã áspera, ou de arame fino eriçado de pontas, que se traz sobre a pele para mortificação e penitência [...]    Tormento, martírio ou sacrifício voluntário [...]. (p. 109, v. 3)
	Ferreira (2004)	[Do gr. <i>kilikion</i> , pelo lat. <i>ciliciu</i> .] Substantivo masculino. 1. Pequena túnica ou cinto ou cordão, de crina, de lã áspera, às vezes com farpas de madeira, que, por penitência, se trazia vestido diretamente sobre a pele. 2. Sacrifício voluntário. 3. Martírio a que alguém se submete com resignação. 4. Fig. Tortura, tormento, aflição.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (sXIII) <b>1</b> antiga veste ou faixa de crina ou de pano grosseiro e áspero us. sobre a pele por penitência <b>2</b> cinto ou cordão eriçado de cerdas ou correntes de ferro, cheio de pontas, com que os penitentes cingem o corpo diretamente sobre a pele <b>3</b> <i>fig.</i> sacrifício ou mortificação a que alguém se sujeita voluntariamente ☉ ETIM lat. <i>cilicium,ii</i> 'pano grosseiro feito de pelo de cabra da Cilícia de que se cobriam soldados e marinheiros'

#### ETAMENHA *s. f.* [VOLP: estamenha]

Contexto: Ordenamos que nenhum Religiofo de qualquer qualidade que seja, faya nem vá ás Comunidades em habitos, ou tunicas pardas de raxeta, ou **estamenha**, ou outra qualquer cor, que não seja cinzenta sobpena de tres disciplinas pela primeyra vez, & a segunda seja castigado ao arbitrio do Irmão Minifstro Provincial. desconhecido (1709) [1709], *BREVE DA CONFIRMAÇAM DESTES ESTATVTOS* [A00\_2499, p. 131].

Datações	Definições
estamenha – 1709	Bluteau (1712-1728) Tecedura de laã, fiada ao fuso. (p. 306, v. 3)
estamenha – séc. XVIII	Silva (1789) <i>s. f.</i> tecido de lãa delgado, e vulgar. (p. 559, v. 1)
	Silva (1813) <i>s. f.</i> Tecido de lã delgado, e vulgar. (p. 771, v. 1)
	Vieira (1871-1874) <i>s. f.</i> [...] Tecido e lã leve, e vulgar. (p. 391, v. 3)
	Figueiredo (1899) <i>f.</i> tecido ordinário de lan. (De <i>estame</i> ). (p. 562, v. 1)
	Silva (1949-1959) <i>s. f.</i> (do lat. <i>Staminea</i> ). Tecido ordinário de lã [...]. (p. 835, v. 4)
	Ferreira (2004) [Do lat. <i>staminea, i. e., texta staminea</i> , 'tecidos filamentosos'.] Substantivo feminino. 1. Tecido comum de lã [...] 2. Hábito, burel de frade [...]
	<i>s.f.</i> (sXIV) <b>1</b> TÊXT tecido de lã leve <b>2</b> hábito de frade ☉
	ETIM lat. <i>staminèa</i> fem.substv. do adj. <i>staminèus,a,um</i>
	'coberto de fio'

#### OLANDILHA *s. f.* [VOLP: holandilha]

Contexto: [...] capa de **Olandilha** n.º 5, ttº 1693 [...]. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME (1954) [1645], *INSTRUÇÃO DE REGIMENTO QUE TROUXE D. RODRIGO DE CASTELO BRANCO*. [A00\_0082, p. 86].

Datações	Definições
olandilha – 1645	Bluteau (1712-1728) <b>Olandilha.</b> Pano de linho engomado, com que costumam forrar vestidos, &c. As olandilhas mais nomeadas são as olandilhas de canequins, de jôris, de cores com festo; olandilha fina encarnada; olandilhas de Hamburgo somenos, & olandilhas finas de vinte em corja. [...] Os olandilhas são os que nas procissões de Lisboa andão com o corpo, & o rosto cuberto de olandilha. De ordinário, levão andores. (p. 53, v. 6)
	Silva (1789) <b>Olandilha.</b> s. f. panno de linho grosso engomado, ou encerado de fazer entretellas dos vestidos. § <i>Os olandilhas</i> , são os que vão nas Procissões vestidos de túnicas de olandilha azul, roixa, &c. (p. 130, v. 2)
	Silva (1813) <b>Olandilha.</b> s. f. Panno de linho grosso engomado, ou encerado, de fazer entretelas dos vestidos. § <i>Os Olandilhas</i> , são os que vão nas Procissões, vestidos de túnicas de <i>olandilha</i> azul, roxa, &c. alias forricôcos (p. 362, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Hollandilha, ou Olandilha.</b> s. f. Termo de Commercio. Lençaria da Silesia muito semelhante com a Hollanda. — Sorte de teia ou de panno de côr, passado pela prensa, empregado para forros de vestidos, e para outros usos. (p. 977, v. 3)
	Figueiredo (1899) <b>Hollandilha.</b> f. tecido grôssô de linho, usado principalmente em entretelas. ( <i>De hollandia</i> ). (p. 707, v. 1)
	Silva (1949-1959) <i>s. f.</i> (de <i>holanda</i> ). Imitação do tecido de Holanda fabricado na Silésia [...]. (p. 763, v. 5)
	Ferreira (2004) Substantivo feminino. 1. Tecido grosso, de linho, usado sobretudo em entretelas
	Houaiss (2009) <i>s.f.</i> (1522) TÊXT tecido grosso, de linho, próprio para entretelas © ETIM <i>holanda</i> + <i>-ilha</i>

**LINHAGE** *s. f.* [VOLP: linhagem]

**Contexto:** [...] gastos no Rio de Janeiro de enserados e **linhages** e caretos [...]. PEDRO TAQUES DE ALMEIDA PAES LEME (1954) [1645], *INSTRUÇÃO DE REGIMENTO QUE TROUXE D. RODRIGO DE CASTELO BRANCO*. [A00\_0082, p. 86].

Datações	Definições
linhage – 1645 linhagem – 1725 liagem – 1727 liage – 1727	Bluteau (1712-1728) <b>Liage</b> - he hũ pano como de estopa, mas melhor, & mais fino, vem de fora do Reyno, & he muy conhecido. (p. 105, v. 5)
	Silva (1789) <b>Liage</b> (ou aniage) s. f. Panno de linho grosseirão, de que se forrão, ou com que se ligão fardos. (p. 20, v. 2)
	Silva (1813) <b>Liage</b> (ou aniage), s. f. Panno de linho grosseirão, de que se forrão, ou com que se <i>encapão</i> fardos. (p. 220, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Liage.</b> s. f. Panno de linho grosseiro, empregado para encapar fardos. (p. 1306, v. 3)
	Vieira (1871-1874) <b>Linhage, ou linhagem.</b> s. f. Tecido feito de linho. (p. 1322, v. 3)
	Figueiredo (1899) f. tecido grôssô de linho. ( <i>De linho</i> ). (p. 51, v. 2)
	Silva (1949-1959) <i>s. f.</i> (de <i>linho</i> ). Tecido grosso de linho. (p. 258, v. 6)



	Ferreira (2004)	Substantivo feminino. 1.Tecido grosso de linho.
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1858) TÊXT tecido de linho, grosseiro, us. para enfiar objetos ou mercadorias diversas

**LONA** *s. f.*

Contexto: Embiriti é outra arvore meã, cuja madeira é molle, e do entrecasco d'ella se tira envira branca [...] o qual entrecasco se tira tão facilmente, que fazem os negros de Guiné d'elle pannos de cinco a seis palmos de largo, e do comprimento que querem; os quaes amassam e pisam com uns páos com que os fazem estender, e ficam tão delgados como **lona**, mas muito macios, com os quaes se cingem e cobrem. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *DAS ARVORES MEANS COM DIFFERENTES PROPRIEDADES, DOS CIPÓS E FOLHAS UTEIS (PARTE SEGUNDA - TITULO 9)*. [A00\_0185, p. 247].

Datações	Definições	
lona – 1587	Bluteau (1712-1728)	Tecedura de linho, & estopa, muito tapada, da qual se fazem as velas dos navios. Ha lona estreita e larga; lona noyal, lona pondavel, & lona mondrinhaque. (p. 177, v. 5)
	Silva (1789)	<i>s. f.</i> lençaria mui grossa, e forte, de que se fazem vélas de navio, &c. (p. 32, v. 2)
	Silva (1813)	<i>s. f.</i> Lençaria mui grossa, e forte, de que se fazem velas de navio, &c. (p. 234-235, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. f.</i> Termo da Marinha. Lençaria mui grossa e forte, da qual se fazem velas para navios. (p. 1336, v. 3)
	Figueiredo (1899)	Tecido grosseiro e forte, de que se fazem toldos, velas de navios, etc. (Talvez de <i>Olone</i> , n. p. geogr. em França) (p. 59, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (do fr. <i>Alonne</i> , top.). Espécie de tecido forte e grosseiro, de que se fazem toldos, sacos, velas de navios, etc. (p. 297, v. 6)
	Ferreira (2004)	Substantivo feminino. 1.Tecido resistente, de linho grosso, de algodão ou de cânhamo, do qual se fazem sacos, velas, toldos, tendas, etc.
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1410) 1 INDÚS TÊXT tecido forte, de linho grosso, de algodão ou de cânhamo, utilizado em sacos, velas de embarcação, toldos, tendas etc.

**PANNO DA SERRA** *s. m.* [VOLP: pano]

Contexto: E que razaõ dará de fí, quem dá ferafina, & feda, & outras galas as que faõ occafiaõ da sua perdiçaõ; & depois nega quatro ou cinco & Opulencia do Brafil. varas de Algodão, & outras poucas de **panno da Serra**, a quem se derrete em fuor para o servir, & apenas tem tempo para bufcar hũa raiz, & hum caranguejo para comer? ANDRÉ JOÃO ANTONIL (1711) [1711], *LIVRO I - CAPITVLO I - DO CABEDAL, QUE HA DE TER O SENHOR DE HUM ENGENHO REAL* [A00\_2576, p. 26-27].

Datações	Definições	
panno da Serra – 1711	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE



pano da Serra – 1757	Silva (1813)	NE	
	Vieira (1871-1874)	NE	
	Figueiredo (1899)	NE	
	Silva (1949-1959)	<b>Pano da serra.</b> <i>S. m.</i> Surrubeco, saragoça [...]. (p. 737, v. 7)	
		<b>Saragoça.</b> <i>S. f.</i> (de <i>Saragoça</i> , top.). Tecido grosso de lã escura [...]. (p. 915, v. 9)	
		<b>Surrobeco 1.</b> <i>Adj.</i> Que tem cor de surrobeco.    <i>Veter.</i> Diz-se da pelagem amarelada dos arietinos. (p. 547, v. 10)	
	<b>Surrobeco 2.</b> <i>S. m.</i> Pano grosseiro e duradouro, semelhante ao burel, mas um pouco mais largo e fabricado na Covilhã e no Alentejo [...].(p. 547, v. 10)		
Ferreira (2004)	NE		
Houaiss (2009)	NE		

**PANNO DE ESTOPA** *s. m.* [VOLP: pano / estopa]

**Contexto:** [...] meyo fe acha **panno de estopa**, ou menor numero de varas, que as que fe apontaõ na face da peça [...]. ANDRÉ JOÃO ANTONIL (1711) [1711], *LIVRO III - CAPITVLO I - DAS FORMAS DO AffUCAR, E SUA PASSAGEM DO TENDAL PARA A CAJA DE PURGAR* [A00\_2578, p. 93].

Datações	Definições	
panno de estopa – 1756	Bluteau (1712-1728)	<b>Estopa.</b> Derivase de <i>Stoup</i> palavra Celtica, que significa o mesmo, ou de <i>stuppare</i> , que na baixa Latinidade quer dizer <i>Tapar</i> , ou de <i>stupa</i> , (como quer S. Isidoro) <i>quod ex ea rime navium Stipentur</i> . He o grosso do Linho. (p. 327, v. 3)
	Silva (1789)	<b>Estopa.</b> <i>S. f.</i> A parte mais grossa do linho, que fica no sedeiro, quando o assedão. (p. 566, v. 1)
	Silva (1813)	<b>Estopa.</b> <i>S. f.</i> A parte mais grossa do linho, que fica no sedeiro, quando o assedão. (p. 566, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<b>Estopa.</b> <i>S. f.</i> [...] A parte mais grossa do linho, que fica no sedeiro. — Tela grosseira que se tece e fabrica com a filaça da estopa. (p. 431, v. 3)
	Figueiredo (1899)	<b>Estopa.</b> <i>f.</i> a parte mais grossa do linho, a qual se separa dêste, por meio do sedeiro; tecido, fabricado de estôpa [...] (Do gr. <i>stopè</i> ). (p. 570, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<b>Estopa.</b> <i>S. f.</i> A parte mais grossa do linho, que fica depois de o passarem pelo sedeiro e com a qual se fazem panos grosseiros [...]. (p. 894, v. 4)
	Ferreira (2004)	<b>Estopa.</b> Substantivo feminino. 1.Na indústria da tecelagem, o resíduo da fibra depois de penteada, com o qual se elabora o fio cardado. 2.Sobras de fio não aproveitado na tecelagem. 3.Aproveitamento comercial de tais sobras (especialmente as de algodão) para uso em operações de limpeza de motores, automóveis, etc. 4.Tecido fabricado com os filamentos de estopa. 5.Lus. Estopa (4) de linho.

	Houaiss (2009)	<b>Estopa.</b> <i>S.f.</i> (sXIV) <b>1</b> a parte mais grosseira do linho, que é separada deste com a ajuda de um sedeiro <b>1.1</b> <i>p.met.</i> tecido feito com essa parte <b>2</b> resíduo de qualquer fibra, com que se produz o fio cardado <b>3</b> matéria filamentosa us. Para calafetar navios <b>4</b> filamento interior da noz de coco <b>5</b> massa de fios não aproveitados na tecelagem, que se usa para a limpeza de automóveis, ou em oficinas em geral
--	----------------	--

**PAPA** *s. f.*

Contexto: [...] poderão as ditas freiras usar | de Camizas Lençoes Travesseiros de linho colxoes de Iam **Cobertores depapa** Sarafina ou outra | qualquer Couza semelhante [...]. JERONIMO ROGERO (1944) [1676], *ASSENTO QUE SETOMOU EMTRE OS OFICIAIS DACAMERA / EO REVERENDO PADRE FREY ANTONIO DAPENHA DE FRAMSA / RELIGIOSO DOS AGOSTINHOS DESCALSOS*. [A00\_1360, p. 190].

Datações	Definições	
papa – 1676	Bluteau (1712-1728)	[...] Cobertor de Papa. Vid. Cobertor. (p. 234-236, v. 6)
	Silva (1789)	s. f. [...] § <i>Cobertor de papa</i> , de lã basta. (p. 154, v. 2)
	Silva (1813)	s. f. [...] §. <i>Cobertor de papa</i> ; de lã basta. (p. 392, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. f. [...] — <i>Cobertor de papa</i> ; cobertor de lã basta. (p. 650, v. 4)
	Figueiredo (1899)	f. <i>Cobertor de ---</i> , cobertor pesado, e felpudo de lan. (. p. 255, v. 2)
	Silva (1949-1959)	s. f. Espécie de lã felpuda, geralmente usada no fabrico de cobertores [...]. (p. 750, v. 7)
	Ferreira (2004)	Substantivo feminino. [...] 7. Bras. SE Pop. Cobertor grosso, colcha de lã.
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (sXIII) [...] <b>6 P</b> lã felpuda, muito pesada e quente, us. Ger. Para fazer cobertores

**RAXETTA** *s. f.* [VOLP: raxeta]

Contexto: [...] foi avaliado hum vestido de **Raxetta** calção e Roupetta e jubão de pano de algodão listrado com huas mangas de damasquilho verde em sua avaliação por dous mil e oito sentos Reis [...]. GASPAS DIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAS DIAS PERES (1654)* [A00\_0755, p. 18].

Datações	Definições	
raxetta – 1654 raxeta – 1709	Bluteau (1712-1728)	He o nome de outro panno de lã. Raxeta de Segovia, Inglaterra, de França, Xalão, & Montalvão. Raxa, & Raxeta se dirivão do Castelhana Raja, que (segundo Cobarrubias em seus Thesouro) he certo genero de panno imprensado, chamado assim, como quem dissera <i>Rasa</i> , porque lhe não fica pelo, como aos mais pannos, & logo acresceta o dito Author, que <i>Rajeta</i> , he <i>Raja</i> , com mua de cores, & mesclas. (p. 123, v. 7)

	<b>Raxeta.</b> Panno de lãa, grosseiro, e estreito, fabricado no Reino, na serra da Estrella. (p. 172, v. 9)
Silva (1789)	s. f. sorte de raxa mais delgada. (p. 288, v. 2)
Silva (1813)	s. f. Sorte de raxa mais delgada. (p. 555, v. 2)
Vieira (1871-1874)	s. f. Diminutivo de raxa. Espécie de raxa menos grossa. (p. 91, v. 5)
Figueiredo (1899)	NE
Silva (1949-1959)	s. f. (de <i>raxa</i> ). Espécie de tecido ordinário. (p. 209, v. 9)
Ferreira (2004)	NE
Houaiss (2009)	NE

### SAIAL *s. m.*

**Contexto:** [...] Cobretores depapa Sarafina ou outra | qualquer Couza semelhante sendo de lam ohabito de **saial** preto sera delam omais Leve | que poder ser em razão dos calores daterra [...]. JERONIMO ROGERO (1944) [1676], *ASSENTO QUE SETOMOU EMTRE OS OFICIAIS DACAMERA / EO REVERENDO PADRE FREY ANTONIO DAPENHA DE FRAMSA / RELIGIOSO DOS AGOSTINHOS DESCALSOS*. [A00\_1360, p. 190].

Datações	Definições
saial – 1676 sayal – 1757	Perto de Zamora, Cidade do Reyno de Leão, ha hũa terra, a q chamão <i>Tierra de Sayago</i> , cujos moradores se vestem de hum panno grosso a modo de <i>Burel</i> , a quel chamaõ <i>Sayal</i> , dalli vem, que chamamos <i>Sayal</i> à vestidura de panno muyto grosso. (p. 518, v. 7)
Bluteau (1712-1728)	
Silva (1789)	s. m. panno grosseiro. § Vestidura feita de saial para mulher, ou para homem. (p. 367, v. 2)
Silva (1813)	s. m. Panno grosseiro. [...] § Vestidura feita de saial para mulher, ou para homem. (p. 656, v. 2)
Vieira (1871-1874)	s. m. Panno grosseiro, felpudo, de uma face. — Vestidura feita de saial para mulher ou para homem. (p. 378, v. 5)
Figueiredo (1899)	m. antiga e grosseira vestidura, para homem <i>ou</i> mulher. (De <i>sáio</i> ). (p. 491, v. 2)
Silva (1949-1959)	s. m. (de <i>saio</i> ). Antiga e grosseira vestidura, para homem ou mulher [...]    <i>Ant.</i> Pano grosso e ordinário. (p. 809, v. 9)
Ferreira (2004)	[De <i>saio</i> + <i>-al</i> ] Substantivo masculino. 1. Antiga vestidura grosseira, para homem ou mulher.
Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1188-1230) <b>1</b> <i>ant.</i> tecido grosseiro e ordinário <b>2</b> <i>p.ext. ant.</i> vestuário grosseiro, tanto feminino como masculino [...] © ETIM <i>saia</i> ou <i>saio</i> + <i>-al</i>

### SARAPILHEIRA *s. f.*

**Contexto:** Como o Anathomico era affeyçoado a hum Filippe dd Santiago condifcipulo meu, lhe deyxaiva fempres a chave da cafa das anathomias, e ficando o corpo em fima da mesa para de tarde fe fazer anathomia em outra parte d'elle, e as tripas em huma **farapilheyra** no chaõ, fomos a horas de filencio, e pagando a hum enfermeyro para as lavar [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DOS FORMIGVEYROS, E OVTRAS DOENÇAS COMMUAS NESTAS MINAS*. [B00\_0035, p. 364].

Datações	Definições
sarapilheira – 1714 farapilheyra – 1735 serapelheira – 1769	Bluteau (1712-1728) <b>Serapilheira.</b> He tomado do Frãcez, <i>Serpilliere</i> , que (segundo Du Cange no seu Glossario) se deriva de <i>Serpiliera</i> , que na bayxa Latinidade se dizia do panno velho, de que se fazião envoltos. Hoje, entre mercadores, <i>Serapilheyra</i> he aquelle panno grosso de linho, em que vem fardos. (p. 600, v. 7)
	Silva (1789) <b>Serapilheira.</b> s. f. panno de estopa muito grossa, e raro, de envolver fardos. (p. 394, v. 2)
	Silva (1813) <b>Serapilheira.</b> s. f. Panno de estopa muito grossa, e raro, de envolver fardos. (p. 691, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Serapilheira.</b> s. f. [...] Panno d'estopa mui grossa, e ralo, de envolver fardos, caixas, etc. (p. 498, v. 5)
	Figueiredo (1899) <b>Serapilheira.</b> f. tecido grosseiro, para involucer fardos; pano grôssso para limpêza ou lavagem de casas; tecido grôssso, applicado por camponêses em seus vestidos [...] (B. lat. <i>sarapillieria</i> ). (p. 525, v. 2)
	Silva (1949-1959) s. m. Tecido grosseiro que serve para sacos, fardos, etc.    O mesmo que <i>serapilheira</i> . (p. 919, v. 9)
	Ferreira (2004) Substantivo feminino. 1. Aniação.
	Houaiss (2009) s.f. (1720) 1 TÊXT m.q. <i>aniagem</i>

**SERGUILHA** s. f.

Contexto: Quando sahem as suas visitas de cerimonia, he em sumo gráo aceadas, sem que duvidem gastar com hum vestido quatrocentos mil réis e mais, para apparecerem em huma só funcção; e tanto cazo fazem, em occasions taes, de setins, quanto nós poderemos ahi fazer de **serguilha**. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], *CARTA PRIMEIRA* [A00\_0404, p. 47].

Datações	Definições
serguilha – 1802	Bluteau (1712-1728) Certo panno de lãa, mais tapado, que silicio. Também ha serguilha de algodão, & serguilha de lãa, & seda de Italia. (p. 603, v. 7)
	Silva (1789) Panno ordido de linho, e tecido de lãa parda de cordaõ. Serve para habitos de Terceiros de S. Francisco, vestidos, e outros muitos usos. (p. 207, v. 9)
	Silva (1813) s. m. droga de lã mais tapada, que silicio; a imitação desta se faz a de algodão, e a de seda [...] (p. 394, v. 2)
	Silva (1813) s. m. Droga de lã mais tapada, que silicio; á imitação desta se faz a de algodão, e a de seda [...] (p. 691, v. 2)
	Vieira (1871-1874) s. f. Droga de lã mais rapada, que cilicio; á imitação d'esta se faz a de algodão, e a de sêda. (p. 500, v. 5)
	Figueiredo (1899) f. Fôrma pop. de <i>seriguilha</i> ; (prov. transm.) o mesmo que <i>rodilho</i> . (p. 526, v. 2)
	Silva (1949-1959) <b>Seriguilha.</b> f. pano grôssso de lan, sem pêlo. (Do lat. <i>sericum</i> ). (p. 526, v. 2)
	Silva (1949-1959) s. f. (do esp. <i>jerguilla</i> ). Tecido de lã grosseira: o mesmo que <i>seriguilha</i> [...]. (p. 103, v. 10)
Ferreira (2004) Substantivo feminino. 1. Tecido grosso de lã, sem pêlo	

	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1619) TÊXT tecido de lã encorpado e sem pelos; seriguilha, sirgo, sirguilha ☉ ETIM esp. <i>jerguilla</i> , der. de <i>jerga</i> 'tela grossa e tosca'
--	----------------	--

### TALAGARÇA *s. f.*

Contexto: Commumente se rodeião, as gaiolas com hum panno forte de tecido raro: tal he a **talagarça**, para que lhe deixe, não somente huma livre correnteza de ar, e por consequencia a evaporação da humidade superabundante do queijo, mas tambem para o defender das moscas, dos mosquitos, que correm de todas as partes, atrahidos pelo cheiro acido, que exhalla. FREI JOSÉ MARIANO DA CONCEIÇÃO VELLOSO (1801) [1801], *QUEIJO*. [A00\_1060, p. 186].

Datações	Definições	
talagarça – 1801	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	<b>Talagarça</b> , ou <b>Talagarsa</b> . <i>S. f.</i> Panno grosso e ralo, sobre o qual se faz a tapeçaria. (p. 664, v. 5) <b>Talagaxa</b> , <i>s. f.</i> Especie de tecido de linho. Vid. Talagarça. (p. 664, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<b>Talagarça</b> , <i>f.</i> pano, mais <i>ou</i> menos grôso, de fios ralos, sôbre o qual se borda. <b>Talagaxa</b> , <i>f.</i> espécie de tecido fino de linho. (Por <i>telagaxa</i> , de <i>tela</i> + <i>gaze</i> ?) (p. 583, v. 2).
	Silva (1949-1959)	<b>Talagarça</b> , <i>s. f.</i> (de <i>tela</i> + <i>garsa</i> ). Tecido, mais ou menos encorpado, de fios ralos, sobre a tela repregada [...]    Também se diz <i>telagarça</i> . (p. 604-605, v. 10) <b>Telagarça</b> , <i>s. f.</i> O mesmo que <i>talagarça</i> . (p. 714, v. 10)
	Ferreira (2004)	<b>Talagarça</b> . [Var. de <i>telagarça</i> < <i>tela</i> + <i>garça</i> <sup>2</sup> (q. v.).] Substantivo feminino. 1. Bord. Tecido de fios ralos, onde se borda
	Houaiss (2009)	<b>Talagarça</b> . 1.P. us. Talagarça. <b>Talagarça</b> . <i>s.f.</i> (1844) <b>1</b> TÊXT tecido encorpado, de fios ralos, sobre o qual se borda <b>2</b> ENC TÊXT tecido que os encadernadores colam nas capas de livros, para reforçar ☉ ETIM alt. de <i>telagarça</i> ☉ SIN/VAR <i>telagarça</i>
		<b>Telagarça</b> . <i>s.f.</i> TÊXT <i>p.us.</i> m.q. <i>talagarça</i> ☉ ETIM <i>tela</i> + <sup>2</sup> <i>garça</i>

## IV. ALFAIAS TÊXTEIS

### ALAMBEL *s. m.*

Contexto: Eles têm agora trinta mil réis que abastarão a uma dúzia deles para se manterem, afora vestido que de lá deviam mandar desses **alambéis** e outros panos que lá se perdem. P. MANUEL DA NÓBREGA (1956) [1558], *CARTA DO P. MANUEL DA NÓBREGA AO P. MIGUEL DE TORRES, BAÍA 8 DE MAIO 1558* [A00\_0028, p. 455].

Datações	Definições
alambel – 1558 lambel – 1627 lanbel – 1653	Bluteau (1712-1728) <b>Lambel</b> ou <b>alambel</b> . Panno de laã, grosso, & de ordinario listado de varias cores, & que serve para cobertura de algum banco. (p. 26, v. 5)
	Silva (1789) <b>Lambel</b> . s. m. pannos de listras, de cobrir bancos (p. 4, v. 2)
	Silva (1813) <b>Lambel</b> . s. m. Pannos de listras, de cobrir bancos (p. 201, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Lambel</b> . s. m. Pannos listrados de cobrir bancos, etc, que outr'ora se usavam entre os de Guiné, á semelhança dos riscados de hoje, saraças, chitas e outras lençarias grossas de algodão pintado, etc. (p. 1252, v. 3)
	Figueiredo (1899) <b>Lambel</b> . m. (ant.) faixa, banda; cotica de brasão; pano listrado, com que se cobriam bancos; lençaria de pano listrado. (Or. <i>controversa</i> ). (p. 26, v. 2)
	Silva (1949-1959) <b>Lambel</b> . s. m. Ant. Banda, tira, faixa.    Cótica de brasão.    Tecido listrado com que se cobriam assentos.    Lençaria de pano listrado [...]. (p. 128, v. 6)
	Ferreira (2004) <b>Lambel</b> . Substantivo masculino. 1.V. alambel. <b>Alambel</b> . Substantivo masculino. Ant. 1.V. alfâmbar. 2.Pano listado ou decorado com que se cobrem mesas, cadeiras, etc.; lambel.
	s.m. (sXV) <b>1</b> ant. m.q. <b>alambel</b> <b>2</b> HER cótica que atravessa horizontalmente a parte superior de um brasão  <b>Alambel</b> . s.m. (1506-1507) ant. <b>1</b> pano com listras coloridas que servia para cobrir móveis <b>2</b> ornamento colocado na fímbria de um vestido <b>3</b> nó de fitas us. em chapéus ☉ ETIM ár. <i>al-hanbal</i> 'espécie de tapete comprido de lã, cuja decoração consiste em riscas de diferentes cores e com orlas quadriculadas' ☉ SIN/VAR lambel

## ALCATIFA s. f.

Contexto: [...] oca- pitam quando eles vieram estaua asentado em huña cadeira e huña **alcatifa** aos pees por estrado e bem vestido cõ huñ colar douro muy grande ao pescoço. e sancho de toar e simam de miranda enj colao coelho e aires corea e nos outros que aquy na naao cõ ele himos asentados no chaão [...]. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA*. [A00\_0335, fol. 2].

Datações	Definições
alcatifa – 1500	Bluteau (1712-1728) [...] Panno de lãa ou seda de varias cores, & lavores, q se estende para o chão ou assoalhado de huma casa, um estrado, ou outra cousa. (p. 223, v. 1) s.f. tapete. § <i>Cobertor bordado</i> (p. 52, v. 1)
	Silva (1789) <b>Tapete</b> . s.m. alcatifa de cobrir o solho da casa, e bancos, escadas, &c. na <i>Eneida</i> 0. 78. e 86. toma-se por peça com que se faz, e cobre a cama. (p. 444, v. 2)
	Silva (1813) s. f. tapete. § <i>Cobertor bordado</i> . (p. 84, v. 1)
	Vieira (1871-1874) s. f. (Do árabe <i>alcatifa</i> , do verbo <i>catafa</i> , matizar, ornar.) Tapete, damasco tecido de lã, ou de seda, com diferentes desenhos de flores ou figuras, e matizado de cores, com que se orna o pavimento das casas, estrados, ou se



		penduram das janellas em dias de procissão. Alfombra. (p. 278, v. 1)
	Figueiredo (1899)	f. tapête grande, com que se reveste o chão. (Do ar. <i>al + catifa</i> ). (p. 51, v.1)
	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (do ár. <i>al-qatifa</i> ). Tapete. Tudo que se estende como tapete [...]    Cobertor bordado. (p. 578, v. 1)
	Ferreira (2004)	[Do ár.-hisp. <i>al-qatifa(t)</i> .] Substantivo feminino. 1. Tapete ou tecido de lã ou seda para revestir o chão ou pendurar nas janelas em dias de festas.
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (sXV) <b>1</b> m.q. <b>alfombra</b> ('tapete espesso') <b>2</b> <i>p.ext.</i> tapete grande, ger. com desenhos e cores variadas, us. para cobrir pavimentos ou ser colocado nas janelas em dias festivos <b>3</b> <i>p.ext.</i> tudo o que cobre o chão como um tapete <b>4</b> <i>P</i> m.q. <b>carpete</b> (s.f.) © ETIM ár. <i>al-qatifa</i> 'id.' © SIN/VAR ver sinonímia de <i>tapete</i>

### GOARDANAPO *s. m.* [VOLP: guardanapo]

Contexto: [...] p.<sup>a</sup> hua banda estavão huas ervas algu tão altas nas nas quais alimpavamos as mãos p.<sup>t</sup> não aver outro **goardanapo** a mão senão quando sentimos bolir as ervas e vimos sair della m.<sup>o</sup> pacificamente hua façanhosa cobra [...]. LUIZ FIGUEIRA (1967) [1608], *RELAÇÃO DO MARANHÃO, 1608, PELO JESUITA PADRE LUIZ FIGUEIRA ENVIADA A CLÁUDIO AQUAVIVA*. [A00\_1604, p. 83].

Datações	Definições
goardanapo – 1608 guardanapo – 1626 gardanapo[s] – 1653	Bluteau (1712-1728) Derivase de <i>Guardar</i> , & de <i>Nappe</i> , que em Francez val o mesmo, que Toalha, porque o <i>guardanapo</i> serve de guardar não só o vestido de quem come, mas tambem a <i>Toalha</i> de mesa, em que se come. Os antigos, quando eraõ convidados a comer fora de suas casas, levava cada hum com sigo o seu guardanapo. (p. 146, v. 4)
	Silva (1789) <i>s. m.</i> toalha pequena, que cada pessoa estende desde baixo do seu prato até os joelhos, ou sobre elles sómente, para lhe não cair comer sobre os calções, para se limpar, &c. (p. 673, v. 1)
	Silva (1813) <i>s. m.</i> Toalha pequena, que cada pessoa estende desde baixo do seu prato até os juelhos, ou sobre elles sómente, para lhe não cair comer sobre os calções, para se limpar, &c. (p. 105, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <i>s. m.</i> Toalhete, que ás horas do comer se estende sobre os joelhos, ou sobre os hombros pendendo depois até elles, afim de se limparem, e ao mesmo para obstar que lhes caia comida ou bebida no facto. [...] — Termo popular. Papel do limpar o anus. — Guardanapo francez; panno absorvido em carmim, que serve para as mulheres esfregarem a cara a fim de se tornarem rubras; cõr para o rosto. (p. 935, v. 3)
	Figueiredo (1899) <i>m.</i> pano branco e quadrado, com que, á mesa, se limpa a boca ou se resguarda o fato, para evitar nódoas. (De <i>guardar</i> + lat. <i>mappa</i> , de or. carthaginêsa). (p. 685, v. 1)
	Silva (1949-1959) <i>s. m.</i> (de <i>guarda</i> + fr. <i>nape</i> , toalha). Pequeno quadrado de linho ou de algodão, para limpar a boca e proteger o fato de qualquer nódoa [...]    <i>Ant.</i> Lenço de assoar, como se vê na frase ainda subsistente [...]    <i>Pop.</i> Papel para o serviço de sentina. (p. 611-612, v. 5)
	Ferreira (2004) [Do fr. <i>garde-nappe</i> .] Substantivo masculino. 1. Pequena toalha, de pano ou, às vezes, de papel, com que à mesa se limpam os lábios.

	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1536) pequena toalha, de pano ou de papel, us. à mesa para limpar os lábios ou os dedos e proteger a roupa © ETIM prov. do fr. <i>garde-nappe</i> , de <i>garde</i> 'guarda' e <i>nappe</i> 'toalha de mesa'
--	----------------	--

**PANO DE ESTANTE** *s. m.*

**Contexto:** Hum **pano de Estante** de tafetá vermelho forrado de brim. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764*. [A00\_2504, p. 91].

Datações	Definições	
pano de estante – 1764	Bluteau (1712-1728) NE	
	Silva (1789) NE	
	Silva (1813) NE	
	Vieira (1871-1874) NE	
	Figueiredo (1899) NE	
	Silva (1949-1959)	<b>Pano.</b> <i>s. m.</i> (do latim <i>pannu-</i> ). [...] Qualquer estofa que serve para forrar, revestir ou ornamentar: <<As armas de Portugal... estão em um riquíssimo ornamento de brocado mui acabado em tudo, com seu <i>pano</i> de púlpito e de estante, que os frades têm em muita conta na Sacristia>>. Frei Pantaleão de Aveiro, <i>Itinerário</i> , cap. 14, 65. (p. 735-736, v. 7)
	Ferreira (2004) NE	
Houaiss (2009) NE		

**PANNO DE PULPITO** *s. m.* [VOLP: pano / púlpito]

**Contexto:** De damasco roxo ha uma casula, uma capa de asperges, um **panno de pulpito**, ao que se póde ajuntar, por ser da mesma côr, o vestido de N. Senhora da Soledade, que é de tafetá, além de outro azul. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [S. XVIII], 2.<sup>a</sup> PARTE: *BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO PRIMEIRA: BARCELOS*. [A00\_2235, p. 316].

Datações	Definições	
panno de pulpito – séc. XVIII	Bluteau (1712-1728) NE	
	Silva (1789) NE	
	Silva (1813) NE	
	Vieira (1871-1874) NE	
	Figueiredo (1899) NE	
	Silva (1949-1959)	<b>Pano.</b> <i>s. m.</i> (do latim <i>pannu-</i> ). [...] Qualquer estofa que serve para forrar, revestir ou ornamentar: <<As armas de Portugal... estão em um riquíssimo ornamento de brocado mui acabado em tudo, com seu <i>pano</i> de púlpito e de estante, que os frades têm em muita conta na Sacristia>>. Frei Pantaleão de Aveiro, <i>Itinerário</i> , cap. 14, 65. (p. 735-736, v. 7)
	Ferreira (2004) NE	
Houaiss (2009) NE		



**SOBREMEZA** *s. f.* [VOLP: sobremesa]

**Contexto:** [...] # hua toalha de meza con sua **sobremeza** tudo Rendado E a toalha grande con seus abrolhos E seis gardanapos com seus bicos de serra en sua avaliasão de coatro mil rs [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 276].

Datações	Definições
sobremeza – 1654	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

**TAPETE** *s. m.*

**Contexto:** [...] e como o lodo não só serve para o expurgar, mas também para o purificar, e fazer branco, e alvo, seco ele fica já perfeito o açúcar, e se tira das formas para os **tapetes**, e lanções, em que anda alguns dias ao sol té ir para o paiol. PADRE JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE QUARTA - DO TESOURO DESCUBERTO NO RIO AMAZONAS - CAP. 3º - DOS ENGENHOS DE AÇÚCAR, E FEITORIAS DA ÁGUA ARDENTE*. [A00\_1880, p. 28].

Datações	Definições
tapete – 1757	Bluteau (1712-1728) He hũa pequena alcatifa de lâ das que vem da India, que se põem ao pé da cama, ou com que se cobre um bofete [...]. Derivase do Grego <i>tapis</i> , que quer dizer cobertor. (p. 46, v. 8)
	Silva (1789) s. m. alcatifa de cobrir o solho da casa, e bancos, escadas, &c. [...] toma-se por peça com que se faz, e cobre a cama. (p. 444, v. 2)
	Silva (1813) s. m. Alcatifa de cobrir o solho da casa, e bancos, escadas, &c. [...] toma-se por peça com que se faz, e cobre a cama. (p. 756, v. 2)
	Vieira (1871-1874) s. m. Alcatifa de cobrir o solho da casa, bancos, escadas, etc. Toma-se por peça com que se faz e cobre a cama, á maneira dos gregos e romanos. (p. 679, v. 5)
	Figueiredo (1899) m. estôfo fixo com que se revestem sobrados, escadas, etc.; alcatifa; pano forte, para mēsa; peça móvel de estôfo, com que se cobre uma só parte de um aposento, especialmente o espaço próximo das camas, dos sofás, etc.; * pequena peça de ornato, de pano <i>ou</i> de outra substância, que se sotopõi aos candieiros portáteis, aos castiças, etc. [...] (Lat. <i>tapete</i> , do gr. <i>tapes</i> , <i>tapetos</i> ). (p. 589, v. 2)
	Silva (1949-1959) s. m. Peça de estôfo, móvel ou fixa, com que se cobrem pavimentos, móveis, etc.; alcatifa [...]    Qualquer tecido de trama e urdidura semelhantes às das alcatifas, mas para uso diferente [...]. (p. 655, v. 10)
	Ferreira (2004) [De provável or. iraniana, pelo gr. <i>tápes</i> , <i>etos</i> , e pelo lat. <i>tapete</i> .] Substantivo masculino. 1. Peça confeccionada com fibras têxteis e destinada a cobrir, total ou parcialmente, soalhos, escadas, móveis, etc. [Cf. alcatifa e alfombra.] 2.P. ext. Peça feita com outros materiais e que

		se destina ao mesmo fim: um tapete de linóleo. 3.Tapete (1) de diferentes dimensões us. para decorar pisos, abafar ruído, etc. 4.Aquilo que, à semelhança de tapete (1), cobre determinada superfície: tapete de relva; tapete de neve. 5.Bras. Gír. Fut. Tapete verde. [Sin. ger.: tapiz. Pl.: tapetes (ê). Cf. tapete e tapetes, do v. tapetar.] Tapete oriental. 1. Designação comum aos tapetes [v. tapete (1)] feitos à mão em diversas regiões da Ásia (Pérsia, Turquia, Cáucaso, China, etc.).
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (sXIII) <b>1</b> fazenda ger. encorpada, tecida ou bordada, us. para revestir e/ou adornar pisos; alcatifa, carpete <b>2</b> <i>p.ext.</i> revestimento feito de outro material (borracha, linóleo etc.), us. com as mesmas finalidades <b>3</b> <i>fig.</i> o que cobre uma superfície mais ou menos extensa de solo (flores, relva, neve etc.) <b>4</b> tudo que, à guisa de tapete, cobre uma superfície [...] <b>5</b> <i>fig. infm.</i> campo de futebol [...] <b>◆ t. oriental</b> estofado de textura aveludada tecido à mão, encontrado em diferentes regiões da Ásia <b>⊙</b> ETIM lat. <i>tâpes,étis (tapête, is e tapétum, i)</i> 'tapete, alcatifa' <b>⊙</b> SIN/VAR alcatifa, alfombra, carpete, colgadura, estrágulo, passadeira, tapeçaria

### TAPIZ *s. m.*

Contexto: As outras imagens, ou sejam fundidas em metal, ou esculpidas em pedra, ou entalhadas em madeira, ou pintadas nos quadros, ou tecidas nos **tapizes**, sem diligencia nem cuidado, sempre conservam e representam a figura que lhes deu o artifice. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [S. XVII], 1.º *SERMÃO DA DOMINGA VIGESIMA SEGUNDA (POST PENTECOSTEN)*. [A00\_0921, p. 243].

Datações	Definições	
tapiz – séc. XVII	Bluteau (1712-1728)	Alcatifa, tapeçaria. <i>Vid. nos seus lugares.</i> (p. 46, v. 8)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> alcatifa, tapeçaria. (p. 444, v. 2)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> Alcatifa, tapeçaria. (p. 756, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> Vid. Colgadura, e Tapeçaria. (p. 679, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> o mesmo que <i>tapête</i> . (Do b. lat. <i>tapecius</i> , do lat. <i>tapete</i> ). (589, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> O mesmo que <i>tapete</i> [...]. (p. 658, v. 10)
	Ferreira (2004)	[Do gr. bizantino <i>tapétion</i> (pronunciado <i>tapítion</i> ), pelo fr. ant. <i>tapiz</i> .] Substantivo masculino. 1.Tapete
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (a1608) <i>ant.</i> <b>1</b> m.q. <i>tapete</i> ('fazenda') <b>2</b> <i>p.ana.</i> extensão de terreno coberta de flores, relva etc. <b>⊙</b> ETIM fr.ant. <i>tapiz</i> 'pedaço de tecido destinado a cobrir o solo' <b>⊙</b> SIN/VAR ver sinonímia de <i>tapete</i>

### TOALHA DE MEZA *s. f.* [VOLP: mesa]

Contexto: [...] hũa **toalha de meza** uzada con sua franja em sua avaliação de trezentos e vinte [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], PEDRO CARAÇA, *INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO*. APENSO: *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO* [A00\_0173, p. 205].

Datações	Definições
Bluteau (1712-1728)	<b>Toalha.</b> Deriva se do Italiano <i>Tovaglia</i> , que quer dizer o mesmo, & tem algũa analogia com <i>Toralium</i> , <i>Toral</i> , &

toalha de meza – 1653 tualha de meza – 1705 toalha de menza – 1709		<i>Torale</i> , que não só significa o cobertor da cama, mas também o panno com que os Romanos cobrião a mesa, ou lugar em que comiaõ [...]. (p. 182, v. 8)
		<i>Registra em subentrada de Toalha, sem definição.</i>
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	<b>Toalha</b> , s. f. [...] — Toalha <i>de mesa</i> ; toalha de cobrir a mesa. (p. 738, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<b>Toalha</b> . f. peça de linho <i>ou</i> algodão, para cobrir mesas em que se come, para enxugar qualquer parte do corpo, quando se lava [...]. (p. 618, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<b>Toalha</b> . s. f. Pano de linho ou de algodão com que se cobre a mesa na ocasião das refeições [...]. (p. 925, v. 10)
	Ferreira (2004)	<b>Toalha</b> . [Do provenç. <i>toalha</i> < frâncico <i>thawahlja</i> .] Substantivo feminino. [...] 2. Tecido que se estende sobre a mesa às refeições.
Houaiss (2009)	<b>Toalha</b> . s. f. (sXIII) <b>1</b> peça de linho, algodão, plástico etc., que se estende sobre a mesa à hora das refeições [...] © ETIM provç. <i>toalha</i> < frânc. <i>thwahlja</i> 'id.'	

### TOALHA DO ALTAR s. f.

Contexto: Coatro **Toalhas do Altar**, três de renda, e todas velhas. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764*. [A00\_2504, p. 91].

Datações	Definições	
toalha do altar – 1764	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	NE
	Figueiredo (1899)	<b>Toalha</b> . f. peça de linho <i>ou</i> algodão, para cobrir mesas em que se come, para enxugar qualquer parte do corpo, quando se lava; peça análoga, com fôlhas <i>ou</i> rendas, para cobrir a parte superior do altar [...]. (B. lat. <i>toalia</i> , do germ. <i>twahilla</i> ). (p. 618, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<b>Toalha de altar</b> . s. f. A peça de linho ou de algodão com folhos, com que se cobre a parte superior do altar. (p. 925, v. 10)
	Ferreira (2004)	<b>Toalha</b> . [Do provenç. <i>toalha</i> < frâncico <i>thawahlja</i> .] Substantivo feminino. [...] 3. Peça semelhante, com rendas, para cobrir o altar.
	Houaiss (2009)	<b>Toalha</b> . s. f. (sXIII) [...] <b>t. de altar</b> peça de linho ou de algodão, ger. com folhos, que cobre a parte superior do altar [...] © ETIM provç. <i>toalha</i> < frânc. <i>thwahlja</i> 'id.'

## V. ARMAÇÕES

CORTINA *s. f.*

Contexto: Todos os tres altares têm doceis, com suas **cortinas** de tafetá carmesim; tem uma cruz de prata dourada, de maravilhosa obra, com Santo Lenho, tres cabeças das Onze mil virgens, com outras muitas e grandes reliquias de santos, e uma imagem de Nossa Senhora de S. Lucas, mui formosa e devota. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III - *INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 144].

Datações	Definições
cortina – 1583	Bluteau (1712-1728) Panno suspenso, que cobre alguma cousa, & que se corre, para ser vista. [...] que alguns poem neste lugar, propriamente significa a cortina, ou panno, com que os comediantes cobrem as apparencias nos theatros. (p. 579, v. 2)
	Silva (1789) s. f. panno, que cobre, e tapa, v. g. o leito em redor; que tapa a porta, a janella, o andor, a cadeira de braços de arruar, e de ordinário se corre por huma vara onde está enfiada para se abrir, e fechar. (p. 339, v. 1)
	Silva (1813) s. f. Panno, que cobre, e tapa, v. g. o leito em redor; que tapa a porta, a janela, o andor, a cadeira de braços de arruar, e de ordinário se corre por uma vara, onde está enfiada, para se abrir; e fechar. (p. 482, v. 1)
	Vieira (1871-1874) <i>s. f.</i> (Do latim <i>cortina</i> ). Panno ou estôfo suspenso, que serve de tapar um leito, um armário, uma janella, etc., correndo, por meio de argolas, sobre um varão de metal, para se poder fechar o abrir. [...] — Docél por cima da cadeira do rei na sua capella. [...] — Cortinas, <i>pl.</i> Termo de Brasão. São assim chamadas, no pavilhão real, as partes do manto que aparecem pelo lado do escudo. (p. 570, v. 2)
	Figueiredo (1899) f. peça de pano, que, suspensa, resguarda, enfeita <i>ou</i> encobre alguma coisa [...] (Lat. <i>cortina</i> , de <i>cors</i> , <i>cortis</i> ). (p. 353, v. 1)
	Silva (1949-1959) <i>s. f.</i> (do lat. <i>cortina</i> ). Peçaço de tecido ou de couro ordinariamente suspenso de anéis enfiados em uma vara horizontal e que serve para enfeitar, cobrir ou esconder alguma cousa [...]. (p. 612, v. 3)
	Ferreira (2004) [Do lat. tard. <i>cortina</i> .] Substantivo feminino. 1. Peça, ger. de pano, que, suspensa, resguarda, enfeita ou envolve algo; cortinado.
	Houaiss (2009) <i>s.f.</i> (sXIII) <b>1</b> peça de pano ou de outro material, suspensa por argolas, trilhos ou por outro meio, para proteger ou adornar janelas, portas, leitos etc. [...] © ETIM lat.tar. <i>cortina,ae</i> 'cortina, divisória' © SIN/VAR anteporta, bambinela, corrediça, cortinado, empanada, estore, reposteiro © HOM <i>cortina</i> (fl.cortinar)

CORTINADO *s. m.*

Contexto: [...] huã outaua Por hũ **cortinado** de daMasco ou de outra qualquer seda [...]. JORGE DA FONSECA FREIRE (1936) [1713], *ACTAS DA CAMARA MUNICIPAL DE VILLA RICA - ANNO DE 1713* [A00\_0952, p. 262].

Datações	Definições	
cortinado – 1713	Bluteau (1712-1728)	Armação de cortinas. (p. 579, v. 2)
	Silva (1789)	s. m. o aparelho, a armação de cortinas para huma cama, para as portas de alguma casa. (p. 339, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. O aparelho, a armação de cortinas para uma cama, para as portas de alguma casa. (p. 482, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. m. (Do cortina, com o suffixo «ado»). Armação de cortinas para um leito, para as portas de uma casa, docél, etc. (p. 570, v. 2)
	Figueiredo (1899)	m. armação de cortinas; cortina; * <i>part.</i> de. (p. 353, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. (de <i>cortina</i> ). O aparelho, a armação de cortinas para uma cama, para as portas de alguma casa [...]    Uma portada de cortinas, isto é, sanefa, travessa, e pernas. (p. 613, v. 3)
	Ferreira (2004)	[De <i>cortina</i> + <i>-ado</i> .] Substantivo masculino. 1.Armação de cortinas. 2.Cortina (1).
	Houaiss (2009)	<i>adj.</i> (sXV) <b>1</b> que recebeu cortina; que se cortinou <b>2</b> provido de cortina ■ <i>s.m.</i> <b>3</b> armação composta de cortina <no meio do quarto havia uma grande cama com c.> <b>4</b> cortina bastante grande ☉ etim <i>cortina</i> + <i>-ado</i> ☉ sin/var acortinado; ver tb. sinonímia de <i>cortina</i>

### EMSPANADA *s. f.*

Contexto: Estas, e geralmente todos os seus edificios, são reguares e altos ou de sobrado, com janellas rasgadas e de vidraças, e só algumas com **empanadas** [...]. FRANCISCO JOSÉ RODRIGUES BARATA/ D. FRANCISCO DE SOUSA COUTINHO (1867) [1799], *DIARIO DA VIAGEM QUE FEZ Á COLONIA HOLLANDEZA DE SURINAM O PORTA-BANDEIRA DA SETIMA COMPANHIA DO REGIMENTO DA* [A00\_0733, p. 178].

Datações	Definições	
empanada – 1799	Bluteau (1712-1728)	[...] Empanada de Janella. Derivase de <i>Impannata</i> , que no idioma Italiano significa o mesmo. Na Beyra, onde he raro o vidro, & ainda mais raras as vidraças, chamão Empanada à janella, guarnecida de panno, untado com cera branca, para admittir a luz, & e resistir às injúrias do tempo. (p. 56, v. 3)
	Silva (1789)	[...] § s. f. Batente de janella, que em vez de vidro, tem por lumes pannos encerados, ou papeis oleados. (p. 475, v. 1)
	Silva (1813)	[...] § s. f. Batente de janella, que em vez de vidro, tem por lumes, pannos encerados, ou papeis oleados. (p. 665, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. f. Panno de linho encerado que se põe nas janellas em vez de vidraças. — O papel oleado, os couros mais ou menos transparentes, também costumam ser utilizados para o mesmo uso. (p. 79, v. 3)
	Figueiredo (1899)	f. caixilho de janela tapado com pano ou papel em vêz de vidro; estore. (De <i>pano</i> ). (p. 485, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. f. (de <i>pano</i> ). Caixilho de janela, tapado com pano ou papel em vez de vidro [...]    Estore.    <i>Bras.</i> Toldo das casas comerciais [...]. (p. 300, v. 4)
	Ferreira (2004)	[F. subst. de empanado.] Substantivo feminino. 1.Caixilho de janela tapado com pano ou com papel, em vez de vidro. 2.V. estore. 3.Bras. N.E. Toldo de casas comerciais.

	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1713) <b>1</b> esquadria de janela coberta com pano ou com papel, no lugar de vidro <b>2</b> cortina que se enrola; estore <b>3</b> <i>B N.E.</i> toldo de estabelecimento comercial ☉ ETIM fem.substv. de <sup>1</sup> <i>empanado</i> ☉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>cortina</i>
--	----------------	--

### MOSQUITEIRO *s. m.*

Contexto: Vamos à aplicação dos **mosquiteiros**. Bem sabereis o grande uso que tem nesta terra a rede, a qual é a cama mais pronta e mais fácil de conduzir: porém, como esta não basta para livrar das muitas chuvas que necessariamente se apanham em uma travessia tão grande do sertão, como esta, não guarda também da imensidade de mosquitos [...]. D. ANTONIO ROLIM (1981) [1751], XX - *CARTOGRAFIA DAS MONÇÕES DOS SÉCULOS XVII E XVIII - RELAÇÃO* [A00\_0245, p. 199].

Datações	Definições	
mosquiteiro – 1751 mosqueteiro – 1775	Bluteau (1712-1728)	Rede de malhas tão apertadas, que por ellas não podem entrar mosquitos. He muito usado em Italia; cobrem com elle os leitos, para dormirem seguros das picadas, & zuniados dos mosquitos, que sahem de noite, & em algumas partes infestão as casas. (p. 599, v. 5)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> cortinado de leito, que o cobre dos mosquitos. (p. 99, v. 2)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> Cortinado de leito, que o cobre dos mosquitos. (p. 322, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> (De mosquito). Armação, cortinado de leito, de estofo pouco tapado, destinado a resguardar dos mosquitos. (p. 329, v. 4)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> cortinado ou rêde que resguarda dos mosquitos [...] (De <i>mosquito</i> ). (p.157, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (de <i>mosquito</i> ). Espécie de rede ou de cortinado, feito geralmente de tule, que se põe nas camas para evitar os mosquitos [...]. (p. 37, v. 7)
	Ferreira (2004)	[De <i>mosquito</i> <sup>1</sup> + <i>-eiro</i> .] Substantivo masculino. 1.Cortinado ou rede para proteger contra os mosquitos.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1716) <b>1</b> tela ou rede de fino traçado empr. como cortinado em torno do leito, esp. de crianças, a fim de resguardar aqueles que dormem do ataque dos mosquitos [...] ☉ ETIM <sup>1</sup> <i>mosquito</i> + <i>-eiro</i> ☉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>cortina</i> ☉ PAR <i>mosqueteiro</i> ( <i>s.m.</i> )

### PANO DARMAR *s. m.*

Contexto: [...] ne este dia os uimos de mais perto e mais aanosa vontade por andarmos todos *casý* mesturados Ealy deles andauam daquelas timturas quartejados outros de meetades outros detanta feiçam coma ã **panos darmar** e todos com os beijos furados e mujtos cõ os osos neeles e deles sem osos. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00\_0335, fol. 8 v].

Datações	Definições	
panos darmar – 1500 panno de armar – 1583	Bluteau (1712-1728)	<b>Armaçam.</b> * armação. Tomase genericamente por todo o tecido, que se arma nas casas, para ornato dellas, v. gr. pannos de armar, cortinados, Reposteyros, & c.
	Silva (1789)	NE



pano de armar – 1618	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	<b>Armar.</b> [...] – Loc.: Armar <i>ao efeito</i> , praticar certos actos com mira no louvor e expectação dos outros [...]. – <i>Pannos de armar</i> , tapeçarias, damascos, cortinas. (p. 556-557, v. 1)
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	NE
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

### PAVILHÃO *s. m.*

Contexto: [...] hum **pavilhão** branco de pano dalgodão con sua franja ao Redor E o capelo do mesmo en sua avaliação de tres mil E quinhentos rs 3500 [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 276].

Datações	Definições	
pavilhão – 1654	Bluteau (1712-1728)	ou pavelhaõ. [...] A razão pois porque os Latinos chamàraõ às tendas militares (segundo Aleandro, Author Italiano) he, porque a Borboleta estendendo sobre huma bonina as suas grandes azas, faz dellas para a dita flor hũa especie de tenda, porém (segundo Ferrari, nas suas Etymologias) não foi esta a causa de se chamarem <i>Papiliones</i> , as tendas; mas tomáraõ este nome os pavilhoens, de humas coberturas de cama, ou cortinas, que foraõ inventadas, para os que caminhando haviaõ de dormir no despovoado, aonde de ordinario costumão ser tão molestos, como frequentes mosquitos, borboletas, & outros volateis insectos, se podesseis defender das suas picadas. [...] Camas, ou leyto de pavilhaõ. Não tem balaustes, mas fica cuberto de hũas grandes cortinas, com seu capello em cima suspenso. [...] Pavelhaõ do Sacrario. O panno com que se cobre. (p. 326, v. 6)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> (ou antes <i>pavelhãõ</i> ) <i>tenda de campanha</i> . <i>Marinho Antiquid. de Lisboa</i> . § <i>Pavelhãõ do Sacrario</i> o panno, e cortinas, com que se cobre. § <i>Pavelhãõ de arvores</i> , que formãõ huma como abobada. <i>Uliss. t. 76</i> . § <i>Leito de pavelhãõ</i> , o que tem sobreceo conico; abobadado, com cortinado, que se levanta por cordões. (p. 171, v. 2)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> (ou antes <i>Pavelhãõ</i> ) <i>Tenda de campanha</i> . <i>Marinho, Antiquid. de Lisboa</i> . § <i>Pavelhãõ do Sacrario</i> ; o panno, e cortinas, com que se cobre. § <i>Pavelhãõ de arvores</i> ; que formãõ uma como abobada. <i>Uliss. t. 76</i> . § <i>Leito de pavelhãõ</i> ; o que tem sobreceo cônico; abobadado, com cortinado, que se levanta por cordões. (p. 413, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	ou PAVELHÃO, <i>s. m.</i> Sobrecéo, cortinado, armação de cama. — Bandeira quadrada, que se põe na ponta do mastro, na fortaleza, praça de guerra, ele. — Pavilhão <i>do Sacrário</i> ; o panno e cortinado com que está cuberto. (p. 707, v. 4)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> [...] bandeira; simbolo marítimo de uma nacionalidade; podêr marítimo de uma nação. (Lat. <i>papilio</i> ). (p. 276-277, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do fr. <i>pavillon</i> ). [...]    Estandarte, bandeira [...]    Símbolo marítimo de uma nacionalidade [...]    Cortinado

		do sacrário.    Caramanchão.    Sobrecéu em cortinados [...]. (p. 945, v. 7)
	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. [...] 7.Sobrecéu da cama. 8.Cortina do sacrário. 9.V. bandeira (1).
	Houaiss (2009)	s.m. (sXV) [...] 6 sobrecéu de leito 7 cortinado do sacrário 8 m.q. <b>bandeira</b> ('peça com emblema') [...] ⊙ ETIM fr. <i>pavillon</i> 'tenda militar' ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de <i>bandeira</i> e <i>dossel</i>

### REPOSTEYRO *s. m.* [VOLP: reposteiro]

Contexto: Dous **resposteyros** do sacrário, hum de Damasco branco, e encarnado, já velho, e outro de tafetá encarnado guarnecida de fita branca, e huá cruz no meyo de galão de prata. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 91].

Datações	Definições	
resposteyro – 1764 reposteiro – 1791	Bluteau (1712-1728)	Deriva-se do verbo Latino, <i>Reponere</i> , que significa <i>Pôr à parte, Guardar</i> , donde o mesmo he <i>Reposteyro</i> , que Guarda, & he o que tem à sua conta certo fato dos senhores, como v g. alcatifas, cortinas, tapeçarias, & outras armações, &c. [...] Reposteyro. Panno quadrado com as Armas do Senhor, com que se armão as portas das salas, antecameras, ou que se põem sobre a carga das azemelas. (p. 262, v. 7)
	Silva (1789)	[...] § Panno com armas da casa, de cobrir as cargas das azemalas, eu <i>de</i> cobrir as portas, guardaporta com o escudo bordado nella. (p. 326, v. 2)
	Silva (1813)	[...] § Panno com armas da casa, de cobrir as cargas das azemalas, eu <i>de</i> cobrir as portas, guardaporta com o escudo bordado nella. (p. 603, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> [...] — Panno com as armas da casa, que serve para cobrir as cargas das azemolas, ou para cobrir as portas, etc. (p. 216, v. 5)
	Figueiredo (1899)	m. cortina ou peça de estôfo, com que se cobrem as portas interiôres de um edifício [...] (De <i>repôsto</i> ). (p. 446, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do ant. <i>reposte</i> ). Cortina ou peça de estôfo, de tecido geralmente encorpado, com que se tapam portas interiores e janelas [...]    Grande cortina que se coloca na porta principal da igreja em determinadas solenidades.    Bocado de tecido ou fazenda com que se cobriam as cavalgaduras [...]    Pano que cobre a caixa das farpas e bandarilhas, conduzidas pela azêmola durante as cortesias [...]. (p. 450, v. 9)
	Ferreira (2004)	[Do b.-lat <i>*repositariu.</i> ] Substantivo masculino. 1.Cortina ou peça de estôfo pendente das portas interiores da casa
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1320) 1 cortinado que serve para substituir ou dissimular uma porta 2 pano ou peça de estôfo que, a modo de cortina, cobre as portas interiores dos palácios, de casas, igrejas etc. [...] ⊙ ETIM lat. <i>*repositarius</i> ' pessoa encarregada da guarda o serviço da mesa' ⊙ SIN/VAR ver sinonímia de <i>cortina</i>



**SANEFA** *s. f.*

**Contexto:** [...] Por vara e meya de paniculo, p.<sup>a</sup> **sanefas** das cortinas do altar mor [...]. REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (1955) [1756], *LIVRO DO GASTO DA SACRISTIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA DE 1756 ATÉ 1800* [B00\_0018, p. 255].

Datações	Definições	
sanefa – 1756	Bluteau (1712-1728)	O pedaço, ou tira larga de panno, que se estende sobre a parte superior de hũa cortina, &c. (p. 469, v. 7)
	Silva (1789)	s. f peça do cortinado que se atravessa no alto da portada, e chega de huma perna á outra. (p. 373, v. 2)
	Silva (1813)	s. f Peça do cortinado que se atravessa no alto da portada, e chega de huma perna á outra. (p. 665, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	ou ÇANEFA, s. f. Peça do cortinado que se atravessa no alto da portada, o chega de uma perna á outra. (p. 400, v. 5)
	Figueiredo (1899)	f. larga tira de fazenda, que se atravessa como ornato na extremidade superiôr de uma cortina, nas vêrgas das janelas, etc. [...] (Do ár. <i>aç-çanifa</i> ). (p. 498, v. 2)
	Silva (1949-1959)	s. f. (do ár. <i>sanifa</i> ). Tira de fazenda, geralmente larga, que se atravessa como ornato na extremidade superior de uma cortina, nas vergas das janelas, etc. [...]    Espécie de franja ou cadilho. (p. 875, v. 9)
	Ferreira (2004)	[Do ár. <i>sanifa(t)</i> , 'borda'.] Substantivo feminino. 1.Faixa de pano, larga, que se atravessa, como ornato, na parte superior dos cortinados, nas vergas das janelas, etc. 2.Cortina (1) [...] 4.Marinh. Cortina de lona ou de brim que se amarra num vergueiro de toldo para resguardar o convés do sol, vento ou chuva, quando o navio está no porto, ou proteger o interior de embarcação miúda.
Houaiss (2009)	s.f. (1720) <b>1</b> larga tira de tecido que se coloca na parte superior da cortina ou reposteiro, nas vergas das janelas etc., ger. rematada com franja ou galão <b>2</b> cortina de janela <b>3</b> tábua atravessada sobre a qual se prendem outras perpendiculares a ela <b>4</b> MAR cortina de tecido us. para resguardar do vento, da chuva e do sol certas partes da embarcação © ETIM ár. <i>Sanifa(t)</i> 'borda'	

**SOBRECÉU** *s. m.*

**Contexto:** Algumas pessoas de fóra fizeram algumas esmolas, sc. um frontal, vestimenta e **sobrecéu** de veludo verde, uma caixa de prata [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III – INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL – ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 160].

Datações	Definições	
sobrecéu – 1583 sobrecéu – 1791	Bluteau (1712-1728)	<b>Sobrecêo</b> da cama. O panno estendido por cima, que prende nas quatro columnas do leyto. [...] Sobreceos tãbem se chamão huns pannos, que tem lugar de doceis, para ornato de altares. (p. 674, v. 7)
	Silva (1789)	s. m. guardapó que fica por cima; v. g – “do leito, do docel. (p. 408, v. 2)
	Silva (1813)	s. m. Quardapó que fica por cima; v. g – sobreceu do leito, do docel. (p. 708, v. 2)

Vieira (1871-1874)	ou Sobreceu, s. m. Guarda-pó, que fica por cima. — Pavilhão, esparavel. (p. 552, v. 5)
Figueiredo (1899)	m. cobertura suspensa por cima de um leito ou de um pavilhão; docel. (De <i>sôbre</i> + <i>céu</i> ). (p. 542, v. 2)
Silva (1949-1959)	s. m. (de <i>sobre</i> - + <i>céu</i> ). Cobertura suspensa por cima de um leito [...]    Cobertura semelhante, por cima de um pavilhão, de um trono, etc.; parte superior do baldaquino; dossel [...]. (p. 276, v. 10)
Ferreira (2004)	[De <i>sobr(e)</i> - + <i>céu</i> .] Substantivo masculino. 1.Cobertura levantada por cima dum leito ou pavilhão; dossel
Houaiss (2009)	s.m. (1364) <b>1</b> dossel, baldaquino <b>2</b> <i>p.met.</i> parte inferior do baldaquino ⊕ ETIM <i>sobre</i> + <i>céu</i> ⊕ SIN/VAR ver sinonímia de <i>dossel</i>

### TOLDA s. f.

Contexto: O padre visitador com o mesmo governador e os principaes da terra e alguns padres nos embarcámos numa grande barca bem embandeirada e enramada: nella se armou um altar e alcatifou a **tolda** com um pallio por cima [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], III – INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL – ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA. [A00\_0751, p. 169].

Datações	Definições
tolda – 1583 toldo – 1791	<b>Tolda.</b> § Tolda.(Termo Nautico.) A Tolda de proa. He a cuberta de taboas, debaixo da qual se recolhem os marinheiros, & seus ranchos. (p. 188, v. 8)
Bluteau (1712-1728)	<b>Toldo.</b> Querem alguns, que se derive esta palavra de <i>Tholus</i> , que em Vitruvio se tomas às vezes por <i>Zimborio</i> , & em outros Autores pela parte superior das abobodas dos Templos, em que penduravão os Gentios os votos, que elles consagravão aos seus falsos Numes, ou finalmente era <i>Tolus</i> o tecto de hũa capella redonda; & com estes tres significados tem esta palavra <i>Toldo</i> algũa semelhança com <i>Tholus</i> , porque he hũa especie de Tecto de pannos, ou aboboda de Velas, com que se cobrem barcos, ou ruas, praças, & outros lugares publicos em occasiaõ de Festas, Espectaculos, &c. (p. 188, v. 8)
Silva (1789)	<b>Tolda.</b> s. f obra de panno que cobre os barcos, e navios para abrigar do Sol, e chuva a quem vai sobre a coberta, toldo. (p. 463, v. 2)
	<b>Toldo.</b> s. m. tolda de barco, que cobre as ruas, ou praças do Sol. (p. 463, v. 2)
Silva (1813)	<b>Tolda.</b> s. f. Obra de panno que cobre os barcos, e navios para abrigar do Sol, e chuva a quem vai sobre a coberta, toldo. (p. 781, v. 2)
	<b>Toldo.</b> s. m. Tolda de barco, que cobre as ruas, ou praças do Sol. (p. 781, v. 2)
Vieira (1871-1874)	<b>Tolda.</b> s. f. Primeira coberta exterior de navios ou barcos, sobre que a gente anda. – Tolda <i>da prôa</i> . [...] – O lugar mais publico do navio, onde se deve apparecer com decencia: designa tambem o lugar onde se deve fazer todo o castigo exemplar, lêr á guarnição o regimento provisional, e artigos de guerra, etc.; nnas embarcações de guerra é aonde existe a guarda, onde se dá o santo, e se

	<p>distribuem as ordens; é o lugar do cammandante na ocasião do combate, ou manobras. – Obra de panno, que cobre os barcos e navios, para abrigar do sol, e chuva, e que vai sobre a coberta; toldo. (p. 750, v. 5)</p> <p><b>Toldo.</b> <i>s. m.</i> Tolda do barco, o que serve para abrigar do sol. — <i>Plur.</i> Agregado de pannos de brim, cujos lados tem a configuração dos bordos do navio, e no prolongamento dos quaes ha paus, introduzidos em castanhas pregadas no costado ou borda, para no topo superior d'elles se amarrarem os fieis dos ditos toldos; nas embarcações miudas os fieis prendem para a borda. (p. 751, v. 5)</p>
Figueiredo (1899)	<p><b>Tolda.</b> <i>f.</i> o mesmo que tôldo; primeira coberta de embarcação; armação de madeira, dentro da qual se empilham as maçarocas de milho, por fórmula que recêbam o ar e se conservem sans; * (prov. alg.) o mesmo que <i>tremonha</i>. (Do ar. <i>dholla</i>, de <i>dhill</i>, sombra). (p. 620, v. 2)</p> <p><b>Toldo.</b> <i>m.</i> coberta <i>ou</i> peça de lona <i>ou</i> de outra substância, e destinada principalmente a abrigar do sol e da chuva uma porta, uma praça, etc. [...] (De tolda). (p. 620, v. 2)</p>
Silva (1949-1959)	<p><b>Tolda.</b> <i>s. f.</i> Obra de lona própria para colocar sobre porta, barco, peça, etc. a fim de servir de abrigo contra chuva ou contra sol; toldo [...]. (p. 942, v. 10).</p> <p><b>Toldo.</b> <i>s. m.</i> (de <i>tolda</i>). Coberta ou peça de lona ou de outra substância, e destinada principalmente a abrigar do sol e da chuva uma porta, uma praça, etc. [...]    <i>Pesc.</i> Compartimento fechado de uma embarcação de pesca situado à proa ou à popa e que serve de resguardo a parte da tripulação.    Lona, brim ou encerado para abrigo do sol ou da chuva. (p. 943-944, v. 10)</p>
Ferreira (2004)	<p><b>Tolda.</b> [Var. de <i>toldo</i> (ô).] Substantivo feminino. 1.Ant. Constr. Nav. Nas naus e nos galeões, o primeiro pavimento coberto do acastelamento de popa, e sobre o qual se erguia, mais recuada, a alcáçova (q. v.). 2.Ant. Constr. Nav. O pavimento acima da primeira coberta em que houvesse bateria de canhões. 3.Constr. Nav. Parte do convés principal situada entre o mastro grande e o tombadilho, ou (nos navios sem tombadilho) entre o mastro grande e a popa. 4.Bras. Cobertura de palha ou de madeira, abaulada ou em forma de telhado, para abrigar, nas embarcações, a carga e/ou os passageiros.</p> <p><b>Toldo.</b> (ô) [Do germ., pelo fr.] Substantivo masculino. 1.Cobertura de lona ou brim, destinada a abrigar, do sol e da chuva, porta, varanda, eirado, convés de embarcação, etc.</p>
Houaiss (2009)	<p><b>Tolda.</b> \ô\ <i>s.f.</i> (1551) <b>1</b> MAR m.q. <i>toldo</i> ('cobertura') <b>2</b> MAR parte do convés superior situada entre o mastro grande e o tombadilho ou entre o mastro grande e a popa, quando o navio não tem tombadilho <b>3</b> MAR <i>B N.</i> em certas embarcações, cobertura feita de palha, madeira etc. us. como telhado, própria para abrigar a carga e/ou os passageiros <b>4</b> alcofa de palma, de fundo chato e bordas baixas, us. para peneirar farinha © ETIM <i>toldo</i> com alt. da vogal temática -o &gt; -a © HOM <i>tolda</i> \ó\ (fl.toldar)</p>

**Toldo.** *s.m.* (1377) **1** MAR cobertura, ger. em brim, destinada ao abrigo da embarcação, passageiros e guarnição; tolda **2** *p.ext.* qualquer cobertura de lona, brim, zinco ou outro material, própria para abrigar (varanda, porta, praça etc.) do sol ou da chuva **3** *p.ext.* aquilo que protege, encobre ou resguarda [...] © ETIM prov. de uma f. germ., conexas com o hol.ant. *telt*, al.ant. *zëlt*, esc.ant. *tjald* 'tenda', pelo fr.ant. e dial. *tial* atual *taud*, 'cobertura, abrigo de uma embarcação' © HOM *toldo*(fl.toldar)

## VI. ESTOFADOS

### ALMOFADA *s. f.*

Contexto: Parece-me certamente que servirá para enchimentos de travesseiros, **almofadas** e ainda para colchões e que, também, se fôr fiada, se poderá dela fazer panos, pôsto que chapéus tenho por sem dúvida que se farão muito bons. AMBRÓSIO FERNANDES BRANDÃO (1966) [1618], *DIÁLOGO PRIMEIRO* [A00\_1581, p. 2].

Datações	Definições
almofada – 1618	Derivase do Arabico, <i>Almobadetum</i> , que responde a cousa, que está sobre outra, ou he palavra, originariamente Hebraica, de <i>Mahad</i> , que val o mesmo <i>encostar</i> , ou, <i>reclinar</i> , & <i>Almofada</i> he uma especie de saco, cozido por todas as bandas, & cheo de varias materias, conforme as suas differentes serventias, porque ou serve de encostar nella a cabeça, ou he Almofada de estrado, em que as molheres se assentaõ, ou he almofada de costureira, rendeira &c. Almofada, em que se encosta a cabeça. (p. 274, v. 1)
	Bluteau (1712-1728)
	Silva (1789)
	Silva (1813)
	Vieira (1871-1874)
Figueiredo (1899)	

	Silva (1949-1959)	(do ár. <i>al-muhadda</i> , travesseiro). Saco, em geral quadrado, cosido nos lados, cheio de palha, lã, estopa, crina, penas etc., que serve para proporcionar encosto macio à parte do corpo que nele se apoia, especialmente a cabeça, quando se está deitado na cama [...]    Coxim para pôr debaixo dos pés ou para ajoelhar [...]    Coxim para apoio da fazenda que cose à mão, para fazer renda, etc. [...]. (p. 659, v. 1)
	Ferreira (2004)	[Do ár. <i>al-mu`adda(t)</i> .] 1. Espécie de saco estofado para encosto, assento, ou ornato.
	Houaiss (2009)	(sXIV) 1 espécie de saco estofado para encosto, assento, ornato etc.; coxim

**CABEÇAL** *s. m.*

Contexto: Quando em casa havia {A00\_1316- 13,.N} algum enfermo, depois de vigiar com elle quanto era necessario, tomava o somno sobre uma taboa, servindo-lhe de **cabeçal** os sapatos, mettido um no outro. PADRE PEDRO RODRIGUES (1897) [1607], *I. - VIDA DO PADRE JOSÉ DE ANCHIETA, PELO PADRE PEDRO RODRIGUES* [A00\_1316, p. 13].

Datações	Definições
cabeçal – 1607	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) [...] §. Por cabeceira, travesseiro [...]. (p. 205, v. 1)
	Silva (1813) [...] § Cabeceira, travesseiro [...]. (p. 311, v. 1)
	Vieira (1871-1874) (De cabeça, com o suffixo <<al>>). [...] Cabeceira. — <<Sabei que minha pena pode encher mil cabeçaes>>. Camões, Filodemo, Act. IV, se. 2. (p. 7, v. 2)
	Figueiredo (1899) Almofada, em que descansa a cabêça; cabeceira; [...] (De <i>cabêça</i> ). (p. 219, v. 1)
	Silva (1949-1959) (de <i>cabeça</i> ). Almofada ou travesseira em que descansa a cabeça [...]. (p. 674, v. 2)
	Ferreira (2004) [De <i>cabeça</i> + <i>-al</i> <sup>1</sup> .] 1. Lugar para recostar a cabeça; almofada: “chorou lágrimas sinceras, abafando os soluços no <b>cabeçal</b> de linho branco do seu humilde catre de convento” (Antero de Figueiredo, <i>Leonor Teles</i> , p. 353).
	Houaiss (2009) (1188-1230) 1 almofada para apoiar ou recostar a cabeça

**CABESERA** *s. f.* [VOLP: cabeceira]

Contexto: [...] foi avaliada hũa caixa de sinquo palmos com sua fechadura em dous crusados 800 forão avaliadas d[uas] **cabesera** en sinquo pezos 1600 foi avaliado hũ covado E do[is] tersos de baeta en mil e sesentos rs [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *PEDRO CARAÇA, INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO* [A00\_0173, p. 259].

Datações	Definições
	Bluteau (1712-1728) A parte da cama, para onde fica a cabeça [...] (p. 11, v. 2)

cabetesera – 1653 cabeceyra – 1709 cabeceira – 1757	Silva (1789)	O lugar que corresponde á cabeça, v. g. na cova, e esse lugar, e peça, que se põe a elle nos leitos. (p. 205, v. 1)
	Silva (1813)	O lugar que corresponde á cabeça. v. g. na cova; e esse lugar, e peça, que se põe a elle nos leitos. (p. 311, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	O logar onde fica ou repousa ou de cujo lado fica a cabeça. — A cabeceira da cama, o lado da cama d'onde fica a cabeça. Espécie de almofada para encostar a cabeça. — A' cabeceira, junto da cabeceira do leito. (p. 8, v. 2)
	Figueiredo (1899)	f. Almofada, logar, em que descança a cabêça; lado da cama, para onde se deita a cabêça; o lado mais estreito da mêsa, quando oblonga [...] (De <i>cabeça</i> ). (p. 219, v. 1)
	Silva (1949-1959)	(de <i>cabeça</i> ). Lugar na cama ou no leito correspondente à cabeça; lado esquerdo e direito da parte onde se encosta a cabeça no leito [...] Almofada, travesseira em que repousa a cabeça [...]. (p. 676, v. 2)
	Ferreira (2004)	[De <i>cabeça</i> + <i>-eira</i> .] 1.A parte da cama onde se deita a cabeça. 2.Almofada ou travesseiro para descansar a cabeça.
	Houaiss (2009)	1 parte da cama em que se repousa a cabeça, ao deitar-se 2 travesseiro, almofada para apoiar a cabeça

### CHUMAÇO *s. m.*

**Contexto:** [...] a Enfermaria do noffo Convento da Cidade da Bahía, & a do Convento do Recife estaraõ providas actualmête com oyto colchões, vinte & quatro lançoens, vinte travessyros grandes, & vinte pequenos, oyto **chumaços** grandes, & oyto pequenos, trinta camifas, dezaffeis toalhas pequenas de menza & dezaffeis de mãos [...]. desconhecido (1709) [1709], *BREVE DA CONFIRMAÇAM DESTES ESTATVTOS* [A00\_2499, p. 142].

Datações	Definições	
chumaço – 1709	Bluteau (1712-1728)	Travesseyro de pennas, como antigamente se uzava. <i>Plumatile cervical, is. Neut.</i> Tambem há Chumaços de panno. Sobre hum, Chumaço de panno de linho. (p. 340, v. 2)
	Silva (1789)	Travesseiro de pennas. [...] §. Travesseiro de cama, antiq. (p. 270, v. 1)
	Silva (1813)	Travesseiro de pennas. [...] §. Travesseiro da cama [...]. (p. 393, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	(D'uma fôrma fundamental portugueza plumaço, de pluma, mudando-se o <<pl>> em <<ch>> (vid Ch). Travesseiro cheio de pennas. [...] — Por extensão, travesseiro cheio de qualquer cousa. [...] — Colchão, enxergão. (p. 223, v. 2)
	Figueiredo (1899)	m. Pasta de algodão em rama entre os forros e o pano de um vestuário, para lhe altear a fôrma; porção de pennas ou de outros objectos flexíveis, para o mesmo effeito; substância, com que se almofada qualquer objecto; pequena almofada. (De uma hypoth. <i>plumáceo</i> , que tem pennas). (p. 296, v. 1)
	Silva (1949-1959)	(do lat. <i>plumaceu</i> -). Substância com que se almofada qualquer objecto.    Pequena almodada, travesseiro de



	penas, ou de qualquer outra coisa mole e flexível [...]. (p. 86, v. 3)
Ferreira (2004)	[Do lat. tard. <i>plumaciu</i> , ‘cama de penas’.] 1.Pasta de algodão em rama, entre o forro e o tecido do vestuário, para lhe altear o feitio. 2.Porção de penas ou de outras matérias flexíveis usadas para o mesmo fim. 3.Substância com que se acolchoa qualquer coisa.
Houaiss (2009)	(959) [...] <b>2</b> material us. para acolchoar qualquer coisa forrada de tecido; estofo <b>3</b> camada flexível de pasta de algodão, flanela etc. colocada entre o forro e a parte exterior de uma roupa a fim de dar volume e espessura ou de disfarçar uma anomalia [...] © ETIM lat.tar. <i>plumacium</i> , ì 'leito de penas', f.divg. pop. de <i>plumaço</i>

### COLCHÃO *s. m.*

Contexto: [...] os queo capitam trouue era huũ deles huũ dos seus ospedes que aa primeira quando aquy chegamos lhe trouuerã oqual veo oje aquy vestido na sua camisa e cõ ele huũ seu jrmão os quaaes forã esta noute muy bem agasalhados asy de vianda como deca ma de **colchoões** e lençooes polos mais amansar. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00\_0335, fol. 11 v].

Datações	Definições
colchão – 1500 colxão – 1676	Bluteau (1712-1728) <b>Colcham.</b> Colchaõ. (se he de laã) <i>Lanea culcita</i> , &. (se he de algodaõ) <i>Tarta Xylinâ Bombyce</i> , ou <i>gossipij lanugine culcita</i> , &. <i>Fem.</i> Diz Vossio, que alguns dizem, <i>Culcitra</i> . (p. 367, v. 2)
	Silva (1789) Especie de saco cheio de paina, lâ, ou penna sobre que se estendem os lençoes da cama. (p. 284, v. 1)
	Silva (1813) Especie de saco cheyo de paina, lâ, ou penna, sobre que se estendem os lençoes da cama; por baixo vai o <i>enxergão</i> . (p. 411, v. 1)
	Vieira (1871-1874) (Augmentativo de Colcha). Especie de saco cheio de uma substancia flexivel, elastica, proprio para descansar o corpo, em que se dorme, da forma de um paralelepípedo: a sua espessura varia segundo a quantidade de materia de que é formado, e assim a sua elasticidade. (p. 223, v. 2)
	Figueiredo (1899) m. Grande almofada <i>ou</i> coxim, cheio de substância flexível e segura com bastas, que se estende sôbre o enxergão ordinariamente. (De <i>cólcha</i> ). (p. 313, v. 1)
	Silva (1949-1959) (de <i>colcha</i> ). Grande coxim bastado, cheio de lâ, penas ou outra substância flexível, que na cama se coloca por cima do enxergão [...]    <i>Por ext.</i> Aquilo em que alguém se deita; leito, cama [...]. (p. 243, v. 3)
	Ferreira (2004) [De <i>colcha</i> (ô) + <i>-ão</i> <sup>1</sup> .] 1.Coxim grande, cheio de substância flexível natural ou sintética, e que se estende, em geral, sobre o estrado da cama
	Houaiss (2009) (1439) 1 espécie de coxim muito grande, recheado de lâ, penas ou outro material de consistência macia (natural ou sintético), que, colocado sobre o estrado da cama, recobre a superfície do móvel 2 <i>p.ext.</i> aquilo que serve de proteção ou de amortecimento

COXIJS<sup>96</sup> s. m. [VOLP: coxim]

**Contexto:** [...] ocapitã lhes mandou poer aas cabeças senhos **coxijs** e odacabeleira procuraua assaz polla nõ quebrar e lançarãlhes huũ manto ã cjma e eles cõ sentiram e jouueram e dormjram. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA* [A00\_0335, fol. 3].

Datações	Definições
coxijs – 1500 cochim – 1626 coxim – 1863	Bluteau (1712-1728) Coxim de estrado [...] Almofada. (p. 598, v. 2)
	Silva (1789) Leito de sestear á moda da Asia; canapé, ou sofá sem encosto, com colção [...] §. Almofada de assentar-se em estrado. [...] § <i>Coxim da sella</i> v. Galapo. (p. 344, v. 1)
	Silva (1813) Leito de sestear á moda da Asia; canapé, ou sofá sem encosto, com colção [...].§. Almofada de assentar-se em estrado. [...] § <i>Coxim da sella</i> v. Galapo. (p. 490, v. 1)
	Vieira (1871-1874) Especie de Almofada, que serve d'encosto, e também de'estrado. (p. 616, v. 2)
	Figueiredo (1899) Almofada, que serve de assento; espécie de sofá sem costas; parte da sella, em que se assenta o cavaleiro; [...] nôme de vários objectos, que servem de assento a alguma coisa ou têm analogia com almofada. (Cast. <i>cojin</i> , do lat. <i>culcita</i> ). (p. 358, v. 1)
	Silva (1949-1959) (do fr. <i>coussin</i> ). Almofada que serve de assento [...]    Leito de sestear à moda da Ásia; espécie de canapé ou sofa sem encosto, com colchã de pouca espessura [...]    Parte da sela em que se assenta o cavaleiro, também chamada galapo. [...]    Nome de vários outros objectos que servem de assento a alguma coisa ou têm analogia com almofada [...]. (p. 652, v. 3)
	Ferreira (2004) [Do cat. <i>coixi</i> .] 1. Almofada que serve de assento: “O resto da manhã, se havia calor, passava-o sobre <u>coxijs</u> de cetim cor de pérola” (Eça de Queirós, <i>O Mandarin</i> , p. 53). 2. Espécie de sofá sem costas; divã. 3. Qualquer objeto semelhante a uma almofada destinado a servir de assento a alguma coisa. 4. Parte da sela onde o cavaleiro se assenta.
	Houaiss (2009) (c1499) 1 tipo de almofada us. como assento 2 MOB leito ou sofá sem costas e sem braços, composto de colção fino; divã 3 parte da sela sobre a qual o cavaleiro se assenta [...] ☉ ETIM cat. <i>coixí</i> 'almofada, parte almofadada da sela em que se senta'

## ENXERGÃO s. m.

**Contexto:** Oito **enxergões** um de riscado azul avaliado em dois mil, e quatro centos e sete de algodão já usados avaliados em novecentos reis cada um, e todos em oito mil, e setecentos reis [...]. JOAN B.A LUSTOZA (1936) [1791], *CERTIDÃO DOS AUTOS DE SEQUESTRO A QUE SE PROCEDEU NOS BENS DO REVERENDO VIGARIO CARLOS CORRÊA DE TOLEDO E MELLO* [A00\_0226, p. 392].

Datações	Definições
----------	------------

<sup>96</sup> Mantivemos essa palavra no plural, tal qual se encontra no contexto. Certamente, deveria haver um til indicando a nasalidade (coxi).



enxergão - 1791 enchergão - séc. XVIII	Bluteau (1712-1728)	<b>Enxergam.</b> Enxergãõ. He a modo de sacco, mas largo, aberto sô pelo meyo, & cheo de palha; he cama de pobres, ou se poem debaixo de colchoens. <i>Culcitra Straminea</i> , & <i>Fem.</i> (p. 165, v. 3)
	Silva (1789)	Saco grande de palha, que se põe nas camas por baxo do colxão. (p. 520, v. 1)
	Silva (1813)	Saco grande de palha, que se põe nas camas por baixo do colxão. (p. 723, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	Sacco grande cheio de palha, ou d'alguma outra cousa, que se põe nas camas por baixo do colxão. (p. 204, v. 3)
	Figueiredo (1899)	Espécie de sacco grande, cheio ordinariamente de palha, e sôbre o qual se costuma estender o côlchão. (De <i>enxerga</i> ). (p. 519, v. 1)
	Silva (1949-1959)	(de <i>enxerga</i> ). Espécie de enxerga ou sacco grande geralmente cheio de palha e basteado, que se usa nas camas debaixo do colchão [...]. (p. 550, v. 4)
	Ferreira (2004)	[De <i>enxerga</i> + <i>-ão</i> <sup>1</sup> .] 1. Espécie de colchão de palha muito apertada, que se coloca por baixo do colchão da cama.
	Houaiss (2009)	(1623) 1 enxerga grande 2 tipo de almofadão ou colchão grosseiro, ger. cheio de palha e acolchoado, que se põe na cama, debaixo do colchão

#### TRAUISSEIRO *s. m.* [VOLP: travesseiro]

Contexto: [...] quinZe adissois que estam a folhas tres na uolta de huà parte e outra das Couzas Seguintes, a Saber huà Caixa de Vinhatiguo, hù **trauisseiro**, Com Sua almofada e fronhas, quatro gardanapos dalgudam, huà tualha da Cabessa [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (DEZEMBRO DE 1945) [1707], *SENTENSA DE FOLHA DE PARTILHA QUE DEU MANOEL DA MOTTA AOS REUERENDOS PADRES DE SAM BENTTO PERTENÇENTE A ESCRITURA ATRAZ PELLA QUAL CONSTA SER SUA A PROPRIEDADE QUE UENDEO, PERTENÇENTE A SUA M. OR PHELIPA BARBOZA* [A00\_1533, p. 211].

Datações	Definições	
trauisseiro – 1707 traveffeiro – 1709 travesseiro – 1718 traviceiro – 1730 traviseiro – 1765 traveçeiro – 1801	Bluteau (1712-1728)	He a modo de cochim, atravessado pela cabeceira da cama, para descanço da cabeça [...] <i>Neut. Cervical</i> , he de Plinio, por almofada, em que descança a cabeça. (p. 262, v. 8)
	Silva (1789)	Almofada da cama, onde se descança a cabeça. (p. 486, v. 2)
	Silva (1813)	Almofada da cama, onde se descança a cabeça. (p. 802, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	Almofada da cama, onde se descança a cabeça, que atravessa o longor da cama. (p. 801, v. 5)
	Figueiredo (1899)	Almofada comprida, que se estende ao longo da testeira do leito ou para sustentar uma almofada mais pequena em que se deita a cabeça; * pano, geralmente branco, com que se reveste ou se enfeita aquella almofada comprida; fronha; cabeçal [...]. (De <i>través</i> ). (p. 639, v. 2)
	Silva (1949-1959)	(do lat. <i>transversariu-</i> ). Almofada comprida, que se estende ao longo da testeira do leito e que serve para apoio da cabeça de quem se deita, ou para sustentar uma almofada mais pequena em que se deita a cabeça; fronha

		grande [...]    Pano, em geral branco, com que se reveste aquela almofada [...]. (p. 182, v. 11)
	Ferreira (2004)	[De <i>travesso</i> + <i>-eiro</i> .] 1. Almofada de paina, penas, lâminas de cortiça, etc., que se estende ao longo da testeira superior do leito e serve de apoio à cabeça de quem se deita. 2. Bras. Pano em que se enfia o travesseiro; fronha. 3. Lus. Almofada comprida que se atravessa sobre o colchão, ao longo da cabeceira da cama.
	Houaiss (2009)	(sXIV) 1 almofada de paina, pena, algodão, espuma etc. que se coloca à cabeceira da cama e serve para descansar a cabeça, ao dormir 2 <i>P</i> almofada comprida que ocupa toda a largura da cama 3 <i>p.met.</i> <i>P</i> o tecido que forra essa almofada

## VII. INSÍGNIAS

### AURIFLAMA *s. f.*

Contexto: A Clodoveo, primeiro Rey de França, que recebeu a Fé Catholica, no acto do seu Bautismo mandou do Ceo o oleo, com que se havia de ungir; o Estandarte chamado **Auriflama**, e as flores de Liz, de que elle, e o Reyno de França haviaõ de usar por armas [...]. SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], *LIVRO QUINTO* [A00\_0571, p. 192].

Datações	Definições
auriflama – 1730	Era uma espécie de Labaro, ou Estandarte, ou Pendão farpado, & nisso se diferenciava do Estandarte Real da França, que era quadrado, & sem farpas na parte inferior estava pegado a um páo, dourado, ou guarnecido de cõbre dourado, & armado de huma ponta de ferro no cabo a modo de lança. Querem alguns, que lhe chamassem <i>Auriflâma</i> ; de <i>Flâmulum</i> , ou <i>Flâmula</i> , que antigamente significava <i>Estandarte</i> , & das palavra <i>Auri</i> , & <i>Flâmmula</i> , ou <i>Aurea flamma</i> , porque era Estandarte, pegado a huma lança dourada. Dizem outros, que se chamou <i>Auriflama</i> , porque era composto de huma seda finíssima, de cõr de fogo, semeada de flores de Liz de ouro [...]. (p. 678-679, v. 1)
	Bluteau (1712-1728)
	<b>Oriflama.</b> <i>s. f.</i> v. auriflama, estendarte de que os antigos Reis de França usavão na guerra. (p. 139, v. 2)
	Silva (1789)
	<i>s. f.</i> Estendarte vermelho com flores de lizes dos Reis de França. (p. 232, v. 1)
	Silva (1813)
	<b>Oriflama.</b> <i>s. f.</i> V. <i>Auriflama</i> . Estendarte, de que os antigos Reis de França usavão na guerra. (p. 372, v. 2)
	Vieira (1871-1874)
	<b>Auriflamma.</b> <i>s. f.</i> [Da. baixa latinidade <i>auriflamma</i> .] Em Arte militar, bandeira antiga, espécie de lábaro ou estandarte, pendão farpado, que por esta circumstancia se diferenciava da <i>oriflamme</i> franceza que era quadrada. A <i>auriflamma</i> era insígnia do protector do mosteiro de Sam Diniz, jazigo dos reis de França; era entregue pelo Abbade

		ao protector das regalias e privilegios do mosteiro quando as circunstancias o reclamavam. (p. 662, v. 1)
	Figueiredo (1899)	f. antigo estandarte vermelho dos reis de França; bandeira. (Do lat. <i>aurum + flamma</i> ). (p. 153, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (de <i>auri + flama</i> ). Estandarte vermelho com flores de lis e chamas de ouro dos antigos reis de França [...]    Fig. e poét. Pendão, estandarte, bandeira. (p. 231, v. 2)
	Ferreira (2004)	[Do lat. <i>aurea flamma</i> , 'chama dourada'.] Substantivo feminino. 1. Antigo estandarte vermelho dos reis de França. 2. Poét. V. Bandeira
	Houaiss (2009)	<i>s. f.</i> (1672) <b>1</b> estandarte vermelho recamado de chamas ou estrelas de ouro que, na Idade Média, os reis de França levavam para a guerra <b>2</b> <i>p. ext. frm.</i> pendão, lábaro, bandeira ☉ ETIM lat.medv. <i>aurea flamma</i> 'chama de ouro, dourada, nome da bandeira dos reis da França' ☉ SIN/VAR oriflama; ver sinonímia de <i>bandeira</i>

### ETANDARTE *s. m.*

Contexto: Vereys feu **Eftandarte** derribado, Aos Catholicos pés victoriosos, Vereys emfim o garbo, & alto brio, Do famoso Albuquerque voffo Tio. BENTO TEIXEIRA (1972) [1601], *PROSOPOPEA* [A00\_2570, p. 18].

Datações	Definições	
eftandarte – 1601 estandarte – 1627 eftãdarte – 1707 estendarte – 1753 eftendarte – 1784	Bluteau (1712-1728)	Aindaque synonymo de Bandeira, para bem havia de ser nome proprio, & particular da bandeira Imperial, ou Real, porque a mesma dicção assim o pede. (p. 308, v. 3)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> bandeira quadrada com as armas Reaes, que leva o Alferes. § Bandeira. (p. 560, v. 1)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> Bandeira quadrada com as armas Reaes, que leva o Alferes. § Bandeira. (p. 772, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> (Segundo Diez, do latim <i>estendere</i> , estender, desprezar, desenrolar; segundo Ducange, do germânico <i>stand</i> , estar de pé; Littrée é d'esta ultima opinião, visto que o estandarte estava fixo e immovel durante a batalha). Insignia militar, que consiste em uma peça de tecido de linho, algodão ou seda, com armas pintadas ou quarteadas do varias cores, para se conhecerem e juntarem a ella os soldados que militam debaixo de um mesmo chefe. [...] — Termo de Religião. Insignia que consiste em um pedaço quadrado de télia, na qual está pintada a imagem de Christo, ou da Virgem Maria. — Insignia das comunidades religiosas e das confrarias, na qual está pintada a imagem ou insignia da sua comunidade ou confraria; e vai segura em uma vara que cruza no alto outra vara maior por onde se lhe pega. — Estandarte <i>real</i> : bandeira de seda carmesi, tendo as armas reaes bordadas a ouro e prata, que se içã na popa, ou no tope grande para designar que se acha alli embarcada pessoa real. (p. 394-395, v. 3)

	Figueiredo (1899)	m. bandeira militar; insígnia de corporação. (Do ingl. <i>standard</i> ). (p. 563, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do ingl. <i>standard</i> ). Sinal representativo de uma entidade física ou moral; bandeira [...]    Especialmente bandeira militar dos corpos de cavalaria.    Insígnia ou bandeira distintiva de algumas corporações e comunidades religiosas ou confrarias, na qual está representada a imagem de Cristo ou da Virgem, ou a do santo da sua invocação [...]. (p. 839, v. 4)
	Ferreira (2004)	[Do fr. ant. <i>standart</i> , 'insígnia cravada no solo como símbolo de um exército', poss. de or. germ]. Substantivo masculino. 1.Bandeira de guerra. 2.P. ext. V. bandeira (1). 3.Insígnia de corporação militar, religiosa ou civil.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (sXV) <b>1</b> insígnia de uma nação, corporação militar, religiosa ou civil, agremiação política, desportiva etc.; bandeira <b>1.1</b> bandeira de guerra <b>2</b> <i>fig.</i> símbolo de um partido, doutrina etc.; pendão, bandeira [...] © ETIM fr.ant. <i>estandard</i> (atual <i>étendard</i> ), do lat. <i>extendere</i> 'estender, alargar' © SIN/VAR ver sinonímia de <i>bandeira</i>

### FLÂMULA *s. f.*

**Contexto:** Divisavam-se as bandeiras holandesas, **flâmulas** e estandartes que, ondeando das antenas e mastaréis mais altos, desciam até varrer o mar com tanta majestade e graça que, a quem se não temera, podiam fazer uma alegre e formosa vista. ANTÓNIO VIEIRA (1925) [1626], *ÂNUA DA PROVÍNCIA DO BRASIL (1926) - CARTA I - AO GERAL DA COMPANHIA DE JESUS - 1626 - SETEMBRO 30* [A00\_0096, p. 14].

Datações	Definições
flâmula – 1626 flamula – 1655	Bluteau (1712-1728) <b>Flammula.</b> Bandeirinha comprida, & nos remates cortada a modo de chama, ou flamma torcida, donde tomou o nome, que se arvora nas vergas, & nas gáveas, para ornato, ou para dar algum sinal. (p. 137-138, v. 4)
	Silva (1789) <i>s. f.</i> bandeirinha farpada e estreita, que remata as vergas, e gáveas do navio para ornato, ou sinal naval. (p. 620, v. 1)
	Silva (1813) <i>s. f.</i> Bandeirinha farpada, e estreita, que remata as vergas, e gáveas do navio para ornato, ou sinal naval. (p. 38, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <i>s. f.</i> (Do latim <i>flammula</i> ). Bandeirinha comprida, e nos remates cortada a moda de chamma, ou flamma torcida, e que se arvora nas vergas, e nas gáveas para ornato, ou para dar algum sinal. (p. 705, v. 3)
	Figueiredo (1899) <i>f.</i> pequena chamma; pequena bandeira, galhardête. (Lat. <i>flammula</i> , de <i>flamma</i> ). (p. 618, v. 1)
	Silva (1949-1959) <i>s. f.</i> (do lat. <i>flammula</i> ). Pequena chama.    <i>Náut.</i> Faixa ou tira, com a extremidade geralmente farpada, e que no topo dos mastros serve para sinais ou para simples ornato [...]    Galhardete, bandeirola, auriflama [...]. (p. 228, v. 5)
	Ferreira (2004) [Do lat. <i>flammula</i> .] Substantivo feminino. 1.Pequena chama. 2.Bandeirola estreita e comprida, terminada em bico ou farpada, e que se usa em navios, em sinalizações,

	em festividades, ou como adorno; galhardete. 3.P. ext. Bandeira, pavilhão, pendão.
Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1524-1585) <b>1</b> chama pequena <b>2</b> bandeirinha estreita e comprida, terminada em bico ou em farpa, us. esp. em embarcações, como sinalização ou adorno; galhardete <b>3</b> <i>p.ext.</i> peça, ger. de pano e de formato quadrangular, us. como símbolo; bandeira, pendão [...] © GRAM dim.irreg. de <i>flama</i> © ETIM lat. <i>flammula,ae</i> 'chama pequena' © SIN/VAR ver sinonímia de <i>bandeira</i>

### GALHARDETE *s. m.*

Contexto: O que achar fundo, ou vir terra, tire huã peffa; ponhalhe a proa, & hum **galhardete** na sobrelevadeira; & outro na mesena. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 54-55].

Datações	Definições	
galhardete – 1625	Bluteau (1712-1728)	Bandeirinha comprida, que se poem no alto dos mastos dos navios, ou em outra parte em occasiaõ de festas. Derivase do Francez <i>Gaillard</i> , que quer dizer <i>Alegre</i> , porque <i>Galhardetes</i> são indícios de dias festivos, & alegres. <i>Vid.</i> Flammula., Borlas, & Bandeiras, a que tambem chamão <i>Galhardetes</i> . (p. 16, v. 4)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> bandeirinha farpada que se põe por adorno, ou para fazer sinaes no alto dos mastros dos navios: uzou-se também nos exercitos. (p. 650, v. 1)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> Bandeirinha farpada, que se põi por adorno, ou para fazer sinães no alto dos mastros dos navios: uzou-se tambem nos exercitos. (p. 76, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> Termo de Marinha. Bandeira farpada e triangular, que servia para fazer signaes; usou-se também nos exercitos. (p. 824, v. 3)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> bandeirinha farpada, que se põi no alto dos mastros, como adôrno <i>ou</i> signal; bandeira, para enfeite de ruas <i>ou</i> edifícios, em occasião de festa. (It. <i>gagliardetto</i> ). (p. 649, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do ital. <i>gagliardetto</i> ). Banderia farpada e comprida, que se põe por enfeite em ornamentações ou por sinal no alto dos mastros [...]    Bandeira que em época festiva se põe nas ruas os nos edifícios. (p. 408-409, v. 5)
	Ferreira (2004)	[Do occitânico ant. <i>galhardet</i> .] Substantivo masculino. 1.Mar. Bandeira em forma de trapézio, empregada para fazer sinais: [...] 2.Prop. Bandeirola (1) us. em eventos promocionais, campanha eleitoral, etc. 3.Bandeira para ornamentação de ruas ou de edifícios em ocasiões festivas; flâmula, pendão
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1602) <b>1</b> MAR bandeira triangular ou trapezoidal, estreita e comprida, farpada ou não, us. ger. para sinalização <b>2</b> bandeira para ornamentação de ruas ou de edifícios em ocasiões festivas; flâmula <b>3</b> PUB <i>banner</i> de pequenas dimensões; bandeirola © ETIM <i>galhardo</i> + <i>-ete</i> \\ê\ © SIN/VAR ver sinonímia de <i>bandeira</i>

## GUIÃO *s. m.*

**Contexto:** Casando uma moça honrada com um viannez, que são os principaes da terra, os parentes e amigos se vestiram uns de veludo carmesim, outros de verde, e outros de damasco e outras sedas de várias côres, e os **guiões** e sellas dos cavallos eram das mesmas sedas que iam vestidos. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 164].

Datações		Definições
guião – 1583 guião – 1643	Bluteau (1712-1728)	<b>Guiam.</b> Guiaõ. O estendarte, que se leva diante do Principe, ou do General, & que em certo modo guiava aos mais no exercito. [...]. Guiaõ. A bãdeira, que se leva no principio da procissaõ. (p. 156, v. 4)
	Silva (1789)	s. f. bandeira que se levava na guerra. <i>P. Per. 2. f. 128</i> “o <i>guião Real</i> saia em recontros de menos circumstancia; não assim porém a bandeira Real. § O cavalleiro que levava o guião. § Bandeira, que se leva no principio das procissões. (p. 675, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. Bandeira, que se levava na guerra. <i>P. Per. 2. f. 128 o Guião Real</i> saía em recontros de menos circumstancia; não assim porém a Bandeira Real. § O cavalleiro que levava o guião. § Bandeira, que se leva no principio das Procissões. (p. 108, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. m. (Do francez <i>guidon</i> ). Pequena bandeira, que serve n'um alinhamento, e era insígnia de cavalleiro, e até d'el-rei, quando sahia do corpo onde ia o estandarte real do reino; levava-o um pagem; e era o guião da divisa real: o guião real sahia em recontros de menos circuinstancias; o que não succedia á bandeira real. [...] — Estandarte que vai na frente das procissões. (p. 943, v. 3)
	Figueiredo (1899)	m. pendão, estandarte, que vai á frente de algumas procissões ou irmandades; estandarte, que ia na frente das tropas, cavalleiro que levava êsse estandarte [...] (De <i>guiar</i> ). (p. 687, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. Estandarte, pendão que se levava à frente das tropas [...]    Bandeira que vai adiante de algumas procissões ou irmandades [...]    Em sentido geral, no pr. e no fig., estandarte, bandeira, pendão [...]    <i>Heráld.</i> Bandeira terminada em duas pontas e flutuando para a direita do escudo.    <i>Mil.</i> Estandarde real ou de uma hoste ou campanha.    Pequena bandeira, insígnia ou flâmula usada pelas unidades de tropa, comandos ou serviços [...]. (p. 623, v. 5)
	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. 1.Estandarte que vai à frente de procissões ou irmandades [...] 2.Estandarte que ia à frente das tropas
	Houaiss (2009)	s.m. (1525) <b>1</b> estandarte que vai à frente nas procissões; pendão <b>2</b> MIL estandarte que se levava à frente das tropas; pendão <b>3</b> MIL o cavaleiro que trazia esse estandarte



**PENDÃO** *s. m.*

Contexto: Saímos da nossa igreja à uma hora. Levamos adiante um grande **pendão** branco com a imagem do santo Padre Inácio, que leva algum índio principal das aldeias, se o há na cidade, ou se não outro de respeito. ANTÓNIO VIEIRA (1925) [1653], *CARTA LXIV - AO PROVINCIAL DO BRASIL 1653 — MAIO 22* [A00\_0156, p. 350].

Datações	Definições
pendão – 1643	<p>Grande estandarte farpado, &amp; insignia que as Irmandades, &amp; Freguesias levão na procissão. [...] Pendão, &amp; Caldeyra. Antigamente nos Reynos de Portugal, &amp; Castella, poder trazer pendão, &amp; caldeyra, era hua mercè, que os Reys concediam só aos Ricos Homens, como insignia particular da sua nobreza, dignidade, &amp; valor. O pendaõ significava a faculdade, que tinham de fazer gente, &amp; capitanealla; &amp; a caldeira, o poder sustentalla, ao menos de cem homens prra cima. Ainda hoje se vem em algũas sepulturas antigas, algũs escudos com este pendão, &amp; caldeira, &amp; elles com um arco por cima de canto a canto, que lhes servia de defesa da cabeça, &amp; poderem ver, cobrindo-a, o inimigo, &amp; de o pendurarem por elle, andando na guerra por essas arvores. Acudir o pendão ferido, era quando com toda a força se hia socorrer a sua gente em algum trabalho, qual era ver o estandarte, ou bandeira em perigo de ganha-la o inimigo. (p. 387, v. 6)</p>
Bluteau (1712-1728)	<p>s. m. guião farpado por baixo como o que as irmandades levão nas Procissões. § Bandeira de guerra farpada, que levavão os Reis, Ricos homens, e Capitães; daqui <i>acudira pendão ferido</i>, <i>i. e.</i> ao sinal de se ajuntarem para guerra, ou no conflito, de acodir á pressa, e aperto. § <i>Pendão dos pães</i>, a flor, ou bandeira. (p. 181, v. 2)</p>
Silva (1789)	<p>s. m. Guião, farpado por baixo, como o que as Irmandades levão nas Procissões. § Bandeira de guerra farpada, que levavão os Reis, Ricos homens, e Capitães; d’aqui <i>acudira pendão ferido</i>; <i>i. e.</i> ao sinal de se ajuntarem para guerra, ou no conflito, de acodir á pressa, e aperto. § <i>Pendão dos pães</i>: a flor, ou bandeira. (p. 425, v. 2)</p>
Silva (1813)	<p>s. m. Espécie de bandeira, ou pequeno estandarte, usado desde tempo immemorial pela milicia, para distinguir uns dos outros, os differentes regimentos, batalhões e mais corpos do exercito. — Bandeira de guerra farpada, que levavam os reis, ricos-homens, capitães, etc. [...]. — Bandeira usada nas procissões. [...]. — Termo de brazão. Espécie de guião antigo; estandarte de cavalleiro. (p. 733, v. 4)</p>
Vieira (1871-1874)	<p>m. bandeira; balsão; estandarte; insígnia; bandeira do milho; espécie de grande bandeira, armada em vêrga e que é levada em algumas procissões. (De <i>pendêr</i>). (p. 286, v. 2)</p>
Figueiredo (1899)	<p><i>s. m.</i> (do esp. <i>pendón</i>). Bandeira, balsão, estandarte, gonfalão [...]    <i>Ant.</i> O estandarte que ia adiante da batalha; guiador.    Bandeira grande armada em cruz ou</p>
Silva (1949-1959)	

		verga que se leva adiante de algumas procissões e tem como divisa as quatro letras S. P. Q. R. ( <i>senatus populus quase romanus</i> ) ou qualquer outro emblema [...]    <i>Heráld.</i> Estandarte comprido, distintivo de cavaleiro que tinha sob o seu comando não menos de vinte homens armados; tem ordinariamente a forma triangular, muito alongada; o pendão mourisco tem a parte flutuante arredondada.    <i>Insígnia</i> , divisa [...]    <i>Náut.</i> Vela quadrangular envegada numa curta verga, sendo a sua amura feita no mastro, na bancada ou na proa [...]. (p. 83-84, v. 8)
	Ferreira (2004)	[Do esp. <i>pendón</i> .] Substantivo masculino. 1.V. bandeira (1) [...] 2.Guião (1 e 2). 3.V. galhardete (3).
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (sXIII) <b>1</b> m.q. <b>bandeira</b> ('peça de pano') <b>2</b> estandarte que vai à frente das tropas ou das procissões; guião <b>3</b> símbolo ou emblema de um grupo, de uma doutrina, de uma causa; bandeira [...] <b>4</b> pequena bandeira us. para ornamentação de prédios e ruas em ocasiões festivas; galhardete ☉ ETIM esp. <i>pendón</i> e, este, do fr.ant. ou do provç. <i>penon</i> 'id.' < lat. <i>pinna</i> ☉ SIN/VAR ver sinonímia de <i>bandeira</i>

## VIII. JAEZES

ALBARDA *s. f.*

**Contexto:** Nem lhe(s) tomem coisa alguma contra sua vontade de casas, adegas, estrebarias, nem roupa de cama, alfaias, bestas de cela ou de **albarda**, nem carruagens, nem seus obreiros para nenhuma pessoa de qualquer estado ou condição que seja. JOÃO DA COSTA AZEVEDO. (2004) [1776], III - *OUTROS MANUSCRITOS - REGISTRO DA NOMEAÇÃO DE MAMPOSTEIRO DA BULA DESTA CIDADE PASSADA A DOMINGOS FERNANDES DE CARVALHO, PELA QUAL SE MOSTRA SER O MAMPOSTEIRO E COMO TAMBÉM OS PRIVILÉGIOS QUE GOZA*. [A00\_0812, p. 245].

Datações	Definições	
albarda – 1776	Bluteau (1712-1728)	He palavra Arabica de <i>Berdea</i> , que val o mesmo, que cobrir os hombros. Albarda he a cobertura, chea de palha, que se poem nas bestas de carga, para que com ella se não maltratem. (p. 211, v. 1)
	Silva (1789)	s. f. estufado de palha que se põem sobre o seladouro das bestas de carga, e burros. (p. 50, v. 1)
	Silva (1813)	s. f. Estufado de palha, que se põi sobre o seladouro da bestas de carga, e burros. (p. 80, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. f.</i> (Do arabe <i>albardaâ</i> .) Especie de sella feita de um panno grosseiro ou lona, cheia usualmente de palha; põe-se sobre o lombo das bestas para que a carga as não magõe, e ao mesmo tempo para equilíbral-a; prende com uma cilha e com atafal. Na linguagem chula, chama-se <i>casaca de cinco cotovelos</i> . (p. 269, v. 1)



Figueiredo (1899)	<i>f.</i> sella grosseira de bēstas de carga; * (pop.) jaquēta ou casaco mal feito. (Do ar. <i>albardaa</i> ). (p. 48, v. 1)
Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (do ár. <i>al-barda'a</i> ). Sela grosseira de bestas de carga. (p. 557, v. 1)
Ferreira (2004)	[Do ár. <i>al-bardaXa(t)</i> .] Substantivo feminino. 1.Sela grosseira, enchumada de palha, para bestas de carga. 2.Pop. Jaqueta ou casaco malfeito. 3.Fig. Humilhação, vexame.
Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1114) <b>1</b> sela grosseira, ger. de estopa e cheia de palha, própria para resguardar o lombo das bestas de carga <b>2 fig.</b> situação opressiva; tirania <b>3 fig. infm.</b> roupa malfeita, de aspecto ridículo, esp. casacos e jaquetas © ETIM ár. <i>al-barda</i> Há ou <i>al-bardaHa</i> 'cobertura cheia de palha que se põe nas bestas de carga' © HOM <i>albarda</i> (fl.albardar)

**ALFORJE s.m.**

Contexto: Também vos digo caríssimos Irmãos que nam basta com qualquer feruor sahir de Coimbra: se nam que he necessario trazer 135 **alforje** cheo de virtudes adquiridas [...]. IR. JOSÉ DE ANCHIETA (1956) [1555], *CARTA DO IR. JOSÉ DE ANCHIETA AOS IRMÃOS ENFERMOS DE COIMBRA, SÃO VICENTE 20 DE MARÇO 1555*. [A00\_0013, p. 161].

Datações	Definições
alforje – 1555 alforge – 1555	Bluteau (1712-1728) He huma especie de sacola de couro, ou de outra materia dividida em duas algibeiras, em que se mete alguma provisãõ necessaria para a jornada, & nas bestas se poem nas ancas, ou de huma, & outra parte do arçãõ da sela, & na gente de pé se carrega nos ombros cõ hua parte ao peito, & outras às costas. [...] (p. 246, v. 1)
	Silva (1789) <i>s.m.</i> dois sacos, ou bolsões pegados, em que se leva provisão de roupa, ou comida para a jornada. § f. A provisão contida no alforge. (p. 57, v. 1)
	Silva (1813) <i>s. m.</i> Dois sacos, ou bolsões pegados, em que se leva provisão de roupa, ou comida para a jornada. § f. A provisão contida no alforje. (p. 91, v. 1)
	Vieira (1871-1874) <i>s. m.</i> (Do árabe <i>alchorge</i> , segundo Frei João de Sousa ; do verbo <i>charaja</i> , fazer jornada; também se escrevia antigamente Alforja.) Espécie de sacco aberto pelo meio e fechado pelas extremidades, á maneira de dous bornaes, levando-se n'um bolsão a comida, e n'outro a roupa para a jornada. — Traz-se sobre o arçãõ da sella, ou ás costas, com uma bolsa para traz e outra para diante. Saccola de mendigo; sacco de peditório nas ordens mendicantes; figuradamente: provisões, virtualhas, comestiveis. (p. 298, v. 1)
	Figueiredo (1899) <i>m.</i> espécie de saco, fechado nas extremidades, e aberto no meio, por onde se dobra, formando dois compartimentos; o que o alforje leve. (Do ar. <i>al-cordj</i> ). (p. 56, v. 1)
	Silva (1949-1959) <i>s. m.</i> (do ár. <i>al-hurj</i> ). Duplo saco, fechado nas extremidades e aberto no meio, por onde se dobra, de modo que fiquem separadas as duas bolsas, quando se põe ao ombro ou na garupa das bestas [...]. (p. 617, v. 1)

	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. 1. Duplo saco, fechado nas extremidades e aberto no meio, formando como que dois bornais, que se enchem equilibradamente, sendo a carga transportada no lombo de cavalgadas ou ao ombro de pessoas.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1162) <b>1</b> duplo saco, fechado em ambas as extremidades e aberto no meio (por onde se dobra), formando duas bolsas iguais; <i>us.</i> ao ombro, para distribuir o peso dos dois lados <b>2</b> <i>p.met.</i> conteúdo de um alforje (ou dos alforjes)

**ATAFAL** *s. m.*

Contexto: [...] outros fazem cingulos, que cingem na cintura, e arremedam bastantemente os **atafaes** de furta cores dos almocreves [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE SEGUNDA - CAP. 2º - DA SUA CREAÇÃO E DESPREZO DAS RIQUEZAS*. [A00\_1833, p. 206].

Datações		Definições
atafal – 1757		<b>Atafál.</b> Cinta larga de panno de côr, que as bestas leuã por baxo do rabo pelas pernas, preza á albarda de ambas as ilhargas, para ella não correr adiante; & tem outra cinta mais delgada, que atravessa a anca da besta, & prende nas pontas da primeyra. (p. 623, v. 1)
	Bluteau (1712-1728)	<b>*fiadilho.</b> He hum retroz baixo, por outro nome, borra de seda, com a qual se guarnecem os atafaes das albardas. (p. 429, v. 9)
		<b>Retranca.</b> Correa larga, que prende as pernas das bestas por detraz. Atafal he mais largo, he das bestas, que leuã albarda; Rabicho he dos cavallos. (p. 307, v. 7)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> cinta larga, em geral franjada que rodeia a anca das bestas como mulas de cavalgar, jumentos, &c. por baixo da cauda. (p. 136, v. 1)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> Cinta larga, em geral franjada, que rodeya a anca das bestas como mulas de cavalgar, jumentos, &c. por baixo da cauda. (p. 218, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> (Do arabe <i>ataffar.</i> ) Cinta larga de tecidos de côr, com franjas, que os jumentos e bestas de carga trazem de ambas as ilhargas, preza á albarda, para esta não correr para diante e lhes serve de retranca. (p. 632, v. 1)
	Figueiredo (1899)	<b>Atafal.</b> m. retranca da cavalgada. (Do ar. <i>at-tafar</i> ). (p. 146, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<b>Retranca.</b> f. correia que passa por baixo da cauda das bêstas e cujas extremidades se ligam á parte posteriôr da sella [...]. (p. 458, v. 2) <i>s. m.</i> (do ár. <i>ath-thafar</i> ). Cinta larga e franjada, presa à albarda pra que esta não corra e que serve de retranca às cavalgadas e bestas de carga; rabicho [...]. (p. 171, v. 2)

	Ferreira (2004)	[Do dialeto magrebino <i>at-tafar</i> < ár. aè-èafar.] Substantivo masculino. 1.V. <i>rabicho</i> (2).
	Houaiss (2009)	<b>Atafal.</b> <i>s.m.</i> (sXIII) m.q. <b>rabicho</b> ('correia que passa sob a cauda') ☉ ETIM ár. <i>tafr</i> 'retranca do arreio, rabicho da sela' <b>Rabicho.</b> <i>s.m.</i> (sXV) <b>1</b> nos arreios de cavalgadura, tira de couro que vai da sela à cauda, passando por baixo desta; atafal, retranca

### GUALDRAPA *s. f.*

Contexto: Sobre todos apparecia o desembargador Ouvidor geral do crime; os arreios de seu vistoso cavallo erão de prata dourada, de velludo escarlate e franjas de ouro as **gualdrapas** e os estribos dos arreios. desconhecido [séc. XVIII], MEMORIA. DO EXITO QUE TEVE A CONJURAÇÃO DE MINAS E DOS FACTOS RELATIVOS A ELLA. ACONTECIDOS NESTA CIDADE DO RIO DE JANEIRO DESDE O DIA 17 ATÉ 26 DE ABRIL DE 1792. [B00\_0016, p. 241].

Datações	Definições	
gualdrapa – séc. XVIII	Bluteau (1712-1728)	Panno, que se poem sobre a sella, & ancas da mula, ou no cavallo, assim para ornato, como para guardar o cavaleiro dos salpicos de lodo, do suór, & pelo da besta. (p. 142, v. 4)
	Silva (1789)	s. f. mantas, ou panno longo que se põe á roda das sellas de quem monta em meias, em geral a trazem os Ecclesiasticos nas suás mulas. (p. 672, v. 1)
	Silva (1813)	s. f. Mantas, ou pano longo, que se põi á roda das sellas de quem monta em meyas; em geral a trazem os Ecclesiasticos nas suas mulas. (p. 104, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. f. Manta, ou panno comprido, posto em torno das sellas de quem monta em meias, costume próprio dos clérigos que a traziam nas suas mulas. (p. 931, v. 3)
	Figueiredo (1899)	f. xairel, espécie de manta, que se estende debaixo da sella, pendendo aos lados; (ant.) grandes abas de um casacão. (Cast. <i>gualdrapa</i> ). (p. 683, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. f. (do cast. <i>gualdrapa</i> ). Espécie de xairel, manta ou pano, que se põe debaixo da sela, pendendo aos lados; xabraque [...]    Grandes abas de um casacão. (p. 603, v. 5)
	Ferreira (2004)	[De <i>*wasdrappa</i> , var. do lat. tard. <i>vastrapes</i> , 'faixa de pano com que se envolviam os músculos'; 'bragas', 'calções', com infl. do lat. tard. <i>drappum</i> , 'trapo', poss.] Substantivo feminino. 1.V. xairel [...] 2. Grandes abas de casacão.
	Houaiss (2009)	s.f. (sXIII) <i>ant.</i> <b>1</b> m.q. <b>xabraque</b> <b>2</b> VEST cada uma das partes pendentes e compridas de casacão ou balandrau; aba ☉ ETIM esp. <i>gualdrapa</i> 'cobertura grande de seda ou lã, que cobre e adorna as ancas da mula ou do cavalo', de orig.obsc.

**TALIZ** *s. m.* [VOLP: teliz]

**Contexto:** Se se guardar esta igualdade, entrará em esperanças o mosqueteiro e soldado de fortuna, que tambem para elle se fizeram os grandes postos, se os merecer ; e animados com este pensamento, os de que hoje se não faz caso, serão leões, e farão maravilhas : que muitas vezes debaixo da espada ferrugenta está escondido o valor, como talvez debaixo dos **taliz** bordados anda doirada a cobardia. PADRE ANTONIO VIEIRA (1951) [1653], 1.º *SERMÃO DA VISITAÇÃO DE NOSSA SENHORA*:. [A00\_1065, p. 339].

Datações		Definições
taliz – 1653	Bluteau (1712-1728)	<b>Teliz.</b> Querem alguns, que seja nome Arabico. He o panno com que se cobre a sella do cavallo, quando apea o Principe, ou o Fidalgo. (p. 69, v. 8)
	Silva (1789)	<b>Teliz</b> , s. m. panno com que se cobre a sella do cavallo em quanto o cavalleiro está apeado, de ordinário traz bordadas as suas armas. (p. 448, v. 2)
	Silva (1813)	<b>Teliz</b> , s. m. Panno com que se cobre a sella do cavallo em quanto o cavalleiro está apeado, de ordinário traz bordadas as suas armas. (p. 761, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<b>Teliz</b> , s. f. Panno que serve para cobrir a sella do cavallo em quanto o cavalleiro está apeado; do ordinário traz bordadas as suas armas e insignias. (p. 688, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<b>Teliz</b> . m. pano para cobrir a sella do cavallo. (Do lat. <i>trilix</i> , de <i>tres</i> + <i>licium</i> ). (p. 597, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<b>Teliz</b> . <i>s. m.</i> (do lat. <i>trilix</i> , pelo ár. <i>telis</i> ). Pano que serve para cobrir a sela do cavalo [...]. (p. 724, v. 10)
	Ferreira (2004)	<b>Teliz</b> . [Do lat. <i>trilix</i> , 'tecido com três fios', pelo ár. <i>tillís</i> .] Substantivo feminino. 1. Pano com que se cobre a sela do equídeo
Houaiss (2009)	<b>Teliz</b> . <i>s.m.</i> (1597-a1616) tecido us. para recobrir a sela de montaria, ger. bordado com as insígnias do cavaleiro ☉ ETIM lat. <i>trilix,ícis</i> 'tecido de três fios', segundo Nascentes, sob infl. do ár. <i>tillís</i> 'tecido us. sobre a sela'	

**XAIREL** *s. m.*

**Contexto:** [...] a fella taõ rica , que não fe fabe segunda no Brafil , fobre velludo verde bordada de ouro : o **xairel**, e bolças imitavaõ a fella na materia , e artificio ; os arreyos eraõ do mesmo [...]. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO PARA HUM NOVO TEMPLO DE NOSSA SENHORA DO PILLAR MATRIS, E PROPRIA MORADA DO DIVINO SACRAMENTO EM VILLA RICA, CORTE DA CAPITANIA DAS MINAS. AOS 24 DE MAYO DE 1733*. [B00\_0020, p. 61].

Datações		Definições
xairel – 1784 charel – 1799	Bluteau (1712-1728)	<b>Xarel</b> , ou Charel. Hum, & outro se acha nos Tratados de Gineta, & Estardiota de Antonio Galvão. <i>Vid.</i> Charel. (p. 612, v. 8)

		<b>Charel.</b> Charèl. he um panno, q se assenta nas cadeiras do cavallo de hu Ilhal a outro, para livrar do suor as malhas, capòtes, cazacas, & couras (p. 277, v. 2)
	Silva (1789)	<b>Charel</b> , s. m. peça dos arreios do cavallo, que lhe cobre as ancas. (p. 263, v. 1).  <b>Xarel</b> , s. m. peça de panno, ou pelle, que cobre o cavallo do arção trazeiro até ás ancas. (p. 538, v. 2)
	Silva (1813)	<b>Charel</b> , s. m. Peça dos arreyos do cavallo, que lhe cobre as ancas; sobre-anca. (p. 384, v. 1).  <b>Xarel</b> , s. m. Peça de panno, ou pelle, que cobre o cavallo do arção trazeiro até ás ancas, sobreanca. (p. 868, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<b>Xarel</b> , ou <b>Charel</b> , s. m. Peça de panno ou pelle, que cobre o cavallo do arção trazeiro até ás ancas; sobreanca. (p. 1019, v. 5)
	Figueiredo (1899)	m. cobertura da cavalgadura, sôbre que se põi o sellim <i>ou</i> a albarda; adj. o mesmo que xarelado. (Cast. <i>girel</i> , do ár. <i>jilel</i> ). (p. 713, v. 2)
	Silva (1949-1959)	s. m. Cobertura da cavalgadura, sobre que se põe o selim ou a albarda [...]    Chale ordinário.    Vestido reles. (p. 861, v. 11)
	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. 1.Cobertura de besta (ê) (1), feita de tecido ou de couro, sobre a qual se põe a sela ou a albarda; gualdrapa, sobreanca.
	Houaiss (2009)	s.m. (1634) revestimento de tecido ou couro, anteposto à sela ou albarda, que cobre a anca da cavalgadura

## IX. ROUPAS DE CAMA

### CUBERTA s. f. [VOLP: coberta]

**Contexto:** [...] nenhuma destas tres religiosos não tem manto muitos não tem **Cubertas** pois as desfizerão para fazer **Cubertas** e assim se sua Mag.<sup>de</sup> não ha de mandar dar burel aos frades que estão nas Aldeas [...]. FR CHRISTOVÃO DE LISBOA (1906) [1626], VII. - *DIVERSOS DOCUMENTOS SOBRE O MARANHÃO E O PARÁ: 15. TRÊS CARTAS DE FR. CHRISTOVÃO DE LISBOA (2 DE OUTUBRO DE 1626, 2 E 20 DE JANEIRO DE 1627)*. [A00\_0591, p. 399].

Datações		Definições
cuberta – 1626 coberta – 1722	Bluteau (1712-1728)	<b>Cuberta.</b> Qualquer cousa, que serve para cobrir. [...] § Cuberta da cama. V. Cobertor. [...]. (p. 626, v. 2)
	Silva (1789)	<b>Coberta.</b> s. f. peça de cobrir v. g. ,, <i>coberta da cama</i> , cobertor. (p. 280, v. 1) <b>Coberta.</b> s. f. tudo o que cobre v. g. ,, <i>cuberta de cama</i> , o panno que vai por cima dos lanções, cubertor. (p. 352, v. 1)
	Silva (1813)	<b>Coberta.</b> s. f. Peça de cobrir: v. g. <i>coberta da cama</i> : cobertor. (p. 406, v. 1)

		<b>Cubérta.</b> s. f. Tudo o que cobre: v. g. cuberta <i>de cama</i> ; o panno que vai por cima dos lanções; cubertor. (p. 499, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<b>Cobérta</b> ou <b>cubérta.</b> s. f. (De coberto, <i>part.</i> de Cobrir). O que serve para cobrir alguma coisa. – Coberta <i>de cama</i> , peça de chita, sêda ou d'outro qualquer estofa, com que se cobre a cama. [...] – Panno que se põe sobre a sella. (p. 256, v. 2)
	Figueiredo (1899)	<b>Coberta.</b> f. estôfo ou objecto, que cobre alguma coisa; [...] (De <i>coberto</i> ). (p. 308, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<b>Coberta.</b> s. f. (de <i>coberto</i> , <i>p. p.</i> de <i>cobrir</i> ). Tudo o que se estende sobre qualquer coisa para cobrir. Peça de chita, de seda ou de qualquer outro estofa que se estende por cima de toda a outra roupa da cama, e serve especialmente de adorno [...] Pano de mesa [...]. (p. 205, v. 3)
	Ferreira (2004)	<b>Coberta.</b> [F. subst. do adj. <i>coberto</i> .] Substantivo feminino. 1. Aquilo que serve para cobrir, cobertura, capa. 2. Coberta (1) de cama; colcha.
	Houaiss (2009)	<b>Coberta.</b> s. f. (1327) <b>1</b> aquilo que serve para cobrir ou envolver [...] <b>◆ c. de cama</b> peça que se estende por cima da outra roupa de cama e que serve de adorno ou de agasalho; cubertor [...] <b>⊙</b> ETIM fem. substv. de <i>coberto</i>

### COBERTOR *s. m.*

**Contexto:** Todo este gentio tem por cama umas redes de algodão, e ficão nellas dormindo no ar; estas fazem lavradas, e como no ar, e não tem outros **cobertores** nem roupa, sempre no verão e inverno tem fogo debaixo [...]. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1585], *II - DO PRINCIPIO E ORIGEM DOS INDIOS DO BRASIL - E DE SEUS COSTUMES, ADORAÇÃO E CEREMONIAS*. [A00\_0750, p. 89].

Datações		Definições
cobertor – 1585 cubertor – 1707	Bluteau (1712-1728)	O panno, com que se cobre a cama. [...]. Cobertor de papa [...]. (p. 349, v. 2) <b>Cubertor.</b> Cubertor da cama. <i>Vid.</i> Cobertor. (p. 627, v. 2)
	Silva (1789)	s. m. panno de cobrir a cama por cima dos lanções. v. cubertor. (p. 280, v. 1) <b>Cubertor.</b> s. m. cuberta da cama. (p. 352, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. Panno de cobrir a cama por cima dos lanções. V. <i>Cubertor</i> . (p. 466, v. 1) <b>Cubertor.</b> s. m. Cuberta da cama. (p. 500, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. m. (De coberta). Peça que cobre; tampa, testo. [...] — Panno de lã, de fio grosso e felpudo que se deita na cama, para preservar do frio. (p. 256-257, v. 2)
	Figueiredo (1899)	m. peça encorpada e felpuda, de lan <i>ou</i> algodão, que se estende na cama sôbre os lenções; colcha, colgadura; (ant.) qualquer objeto, que cobre. (De <i>coberto</i> ). (p. 308, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. (de <i>coberto</i> ). Peça de lã de fio grosso ou de algodão felpudo com que se agasalha o corpo no leito [...]    Colcha, colgadura [...]    Manta; chale-manta.    Objecto que serve para cobrir; tampa, testo [...]. (p. 206, v. 3)



	Ferreira (2004)	(ô) [De coberto + -or.] Substantivo masculino. 1.Peça encorpada de lã ou de algodão, que constitui roupa de cama. 2.Colgadura.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1278) <b>1</b> peça de lã ou de algodão, encorpada e felpuda, que serve de agasalho e que se usa na cama por cima dos lençóis <b>2</b> m.q. <i>coberta de cama</i> <b>3</b> colgadura <b>4</b> aquilo que cobre ou tampa; cobertura [...] © ETIM rad. de <i>coberto</i> + <i>-or</i> , se não o lat. <i>coopertorium, ii</i> 'cobertura, coberta' © SIN/VAR ver sinonímia de <i>colcha</i>

### COBERTOR DE PAPA *s. m.*

Contexto: [...] poderão as ditas freiras usar | de Camizas Lençoes Travesseiros de linho colxoes de Iam **Cobertores depapa** Sarafina ou outra | qualquer Couza semelhante [...]. JERONIMO ROGERO (1944) [1676], *ASSENTO QUE SETOMOU EM TRE OS OFICIAIS DACAMERA / EO REVERENDO PADRE FREY ANTONIO DAPENHA DE FRAMSA / RELIGIOSO DOS AGOSTINHOS DESCALSOS*. [A00\_1360, p. 190].

Datações	Definições
cobertor de papa – 1676 cubertor de papa – 1707	Bluteau (1712-1728) Cf. <b>Cobertor</b> <b>Papa.</b> [...] <i>Vid.</i> Cobertor (p. 236, v. 6)
	Silva (1789) <b>Papa.</b> [...] § <i>Cobertor de papa</i> , de lãa basta. (p. 154, v. 2)
	Silva (1813) <b>Papa.</b> [...] § <i>Cobertor de papa</i> ; de lãa basta. (p. 392, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Papa.</b> [...] <i>Cobertor de papa</i> ; cobertor de lã basta. (p. 650, v. 4)
	Figueiredo (1899) <b>Papa.</b> f. <i>Cobertor de ---</i> , cobertor pesado, e felpudo de lan. (. p. 255, v. 2)
	Silva (1949-1959) <b>Cobertor de papa.</b> <i>s. m.</i> Diz-se de um cobertor de lã felpuda, muito usado entre o povo [...]. (p. 206, v. 3)
	Ferreira (2004) <b>Papa.</b> <i>s. f.</i> Espécie de lã felpuda, geralmente usada no fabrico de cobertores [...]. (p. 750, v. 7)
	Houaiss (2009) <b>Papa.</b> Substantivo feminino. [...] 7.Bras. SE Pop. Cobertor grosso, colcha de lã. <b>Papa.</b> <i>s.f.</i> [...] <b>6</b> <i>P</i> lã felpuda, muito pesada e quente, us. ger. para fazer cobertores < <i>cobertor de p.</i> >

### COLCHA *s. f.*

Contexto: [...] com tão grandes gastos que não saberei contar, porque deixando á parte os grandes banquetes de extraordinarias iguarias, o agasalhavam em leitos de damasco carmesim, franjados de ouro, e ricas **colchas** da India (mas o padre usava de sua rede como costumava). PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOUVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 161].

Datações	Definições
colcha – 1583	Bluteau (1712-1728) Derivase do Castelhana <i>Colchar</i> , que he fazer lavôres de Embutidos. <i>Colcha</i> , he cobertor da cama, sem lãa lavrado, & pespontado, com embutidos de algodão; tambem há

		colchas de olanda fina, de tafetá, & outras sedas. Colcha. (p. 367, v. 2)
	Silva (1789)	s. f. cobertor da cama lavrado, de seda, ou algodão, chitas. § Colcha de montaria v. montaria. (p. 284, v. 1)
	Silva (1813)	s. f. Cobertor da cama lavrado, de seda, ou algodão, chitas. (p. 411, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. f. (Do latim <i>culcita</i> , por intermédio d'uma fôrma <i>colcta</i> , em que o <i>ct</i> se mudou em <i>ch</i> , como <i>trecho</i> , de <i>trectus</i> ). Coberta de cama, de sêda, algodão, etc., com diversos labores, e ordinariamente estofada. (p. 270, v. 2)
	Figueiredo (1899)	f. coberta de cama, estampada <i>ou</i> com lavôres. (Lat. <i>culcita</i> , que alguns derivam de <i>calcare</i> ). (p. 313, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. f. (do lat. <i>culcita</i> , pelo esp. <i>colcha</i> ). Coberta de cama ou de mesa, estampada ou com labores [...]. (p. 243, v. 3)
	Ferreira (2004)	(ô) [Do esp. <i>colcha</i> .] Substantivo feminino. 1. Coberta de cama, ger. us. por cima dos lençóis e cobertor
	Houaiss (2009)	s.f. (1267) <b>1</b> coberta de cama, ger. com labores ou estampada, us. por vezes para enfeitar janelas, sacadas e paredes [...] © ETIM esp. <i>colcha</i> inicialmente 'colchão', do fr. ant. <i>culche</i> 'leito' © SIN/VAR coberta, cobertor, colgadura, sobrecama

### FRONHA *s. f.*

**Contexto:** [...] quinze adissois que estam a folhas tres na uolta de huà parte e outra das Couzas Seguintes, a Saber huà Caixa de Vinhatiguo, hù trauisseiro, Com Sua almofada e **fronhas**, quatro gardanapos dalgudam [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (DEZEMBRO DE 1945) [1707], *SENTENSA DE FOLHA DE PARTILHA QUE DEU MANOEL DA MOTTA AOS REUERENDOS PADRES DE SAM BENTTO PERTENÇENTE A ESCRITURA ATRAZ PELLA QUAL CONSTA SER SUA A PROPRIEDADE QUE UENDEO, PERTENÇENTE A SUA M. OR PHELIPA BARBOZA*. [A00\_1533, p. 211].

Datações	Definições	
fronha – 1707	Bluteau (1712-1728)	O panno, que immediatamente encerra a laã do travesseiro. (p. 218, v. 4)
	Silva (1789)	s. f. o saco, que imediatamente contém a laã, ou penna do travesseiro. (p. 638, v. 1)
	Silva (1813)	s. f. O saco, que imediatamente contém a lâ, ou penna do travesseiro. (p. 61, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. f. O sacco de lençaria em que se introduz, e com que se veste o sacco cheio de lâ ou de pennas, chamado vulgarmente travesseiro. (p. 777, v. 3)
	Figueiredo (1899)	f. espécie de saco que, cheio de lan, de palha <i>ou</i> de outra substância flexível, fôrma o travesseiro a almofada, etc.; peça de roupa, que envolve e resguarda o travesseiro <i>ou</i> a almofada da cama [...] (Do cast. <i>forano</i> ?). (p. 636, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. f. Espécie de saco, fechado por todos os lados, e que se enche de lâ, moinha, samaúma ou outra substância flexível e se enfia no travesseiro da cama.    Peça de roupa



		que envolve e resguarda o travesseiro ou a almofada da cama [...]. (p. 345, v. 5)
	Ferreira (2004)	[De or. obscura.] Substantivo feminino. 1. Espécie de saco que, com enchimento de substância macia (penas, espuma de plástico, etc.), forma travesseiro ou almofada. 2. Capa para envolver o travesseiro. 3. Fig. Invólucro, cobertura.
	Houaiss (2009)	s.f. (sXIV) 1 espécie de saco ou capa com que se envolve o travesseiro 2 <i>p.ext.</i> o que reveste ou cobre qualquer coisa; invólucro, cobertura 3 tipo de saco cheio de lã, espuma, palha ou outro enchimento macio, que se utiliza como travesseiro, almofada etc. © ETIM orig.obsc.

### GODRIN *s. m.* [VOLP: godrim]

Contexto: [...] # hum **godrin** novo em sua avaliasam de tres mil E quinhentos rs 3500 # hum colchão de Iam en sua avaliasam de quatro mil rs 4000 [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)*. [A00\_0757, p. 276].

Datações	Definições	
godrin – 1654	Bluteau (1712-1728)	<b>Godrin.</b> Cobertor, estofado de algodão, ou de laã. [...] Também ha godrins estofados de seda. (p. 86, v. 4)
	Silva (1789)	<b>Godrim</b> , s. m. colxa estofada da Índia. (p. 661, v. 1)
	Silva (1813)	<b>Godrim</b> , s. m. Colxa estofada da Índia. (p. 90, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<b>Godrim</b> , s. m. Termo Asiático. Colcha estofada da Índia. (p. 877, v. 3)
	Figueiredo (1899)	<b>Godrim</b> . m. (ant.) o mesmo que <i>goderim</i> . (p. 670, v. 1) <b>Goderim</b> . m. (ant.) cõlcha estofada da Índia. (p. 670, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<b>Godrim</b> . s. m. <i>Desus</i> . Colcha estofada da Índia. (p. 526, v. 5)
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

### LENÇOL *s. m.*

Contexto: [...] os queo capitam troue era huñ deles huñ dos seus ospedes que aa primeira quando aquy chegamos lhe trouerã oqual veo oje aquy vestido na sua camisa e cõ ele huñ seu jrmão os quaaes forã esta noute muy bem agasalhados asy de vianda como deca ma de colchoões e **lençoos** polos mais amansar. [...]. PERO VAZ DE CAMINHA (1964) [1500], *CARTA DE PERO VAZ DE CAMINHA*. [A00\_0335, fol. 11].

Datações	Definições	
lençol – 1500 lançol – 1645 lanssol – 1707 lensol – 1775 lansol – séc. XVIII	Bluteau (1712-1728)	<b>Lançol.</b> Derivase do Francez <i>Linccul</i> que significa o mesmo. São dous, ou tres ramos de panno de linho, cozidos, que se poem na cama, entre colchão, & cobertôr. (p. 36, v. 5)
	Silva (1789)	<b>Lançol</b> . s. m. a lençaria, com que se cobrem os colchões da cama, e sobre que nos deitamos. (p. 7, v. 2)
	Silva (1813)	<b>Lançol</b> s. m. A lençaria, com que se cobrem os colchões da cama, e sobre que nos deitamos. (p. 204, v. 2)

Vieira (1871-1874)	<b>Lançol</b> , ou <b>Lençol</b> , <i>s. m.</i> Lençaria de linho ou estopa, que se lança na cama, e sobre que nos deitamos. (p. 1259, v. 3)
Figueiredo (1899)	<i>m.</i> cada uma das duas peças de pano branco, uma das quaes reveste o colchão, e a outra, sotoposta aos cobertôres, cobre quem se deita sôbre aquella; mortalha [...] (chul. ant.) vela de navio. Cp. Simão Mach., f.37, vo. (Lat. <i>linteolum</i> , de <i>linteum</i> ). (p. 40, v. 2)
Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do lat. <i>linteolu-</i> ). Cada uma das duas peças de linho, algodão ou outro tecido que se estendem na cama e entre as quais nos metemos para dormir ou descansar [...]    Pano em que se envolve um cadáver; mortalha.    Lenço grande para a cabeça, que antigamente usavam as mulheres [...]    <i>Ter da Índia Port.</i> Manto de pano patente, usado por cristãos em ocasiões solenes ou festivas [...]    <i>Ant.</i> Vela de navio. (p. 192, v. 6)
Ferreira (2004)	[Do lat. <i>linteolu.</i> ] Substantivo masculino. 1.Cada uma das peças de linho, de algodão ou de outro tecido que guarnecem a cama, uma sobre o colchão e a outra para servir de coberta. 2.Aquilo que cobre ou envolve como um lençol
Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1312) <b>1</b> cada uma das duas peças de tecido, ger. leve, que se põem na cama para forrar o colchão e cobrir o corpo [...] © ETIM lat. <i>linteolum</i> , 'pedaço de pano de linho'

**MANTA** *s. f.*

Contexto: E vendo-nos não ousaram esperar-nos e fugiram desamparando as suas casas. Mas o principal nos enviou um presente de certas peças de prata e muitas **mantas** de algodão, que suas mulheres fiam e tecem. IRMÃO ANTONIO RODRIGUES (1936) [1553], ANTONIO RODRIGUES, SOLDADO, VIAJANTE E JESUITA PORTUGUEZ NA AMERICA DO SUL, NO SEculo XVI - CÓPIA DE UMA CARTA DO IRMÃO ANTONIO RODRIGUES PARA OS IRMÃOS DE COIMBRA. [A00\_0934, p. 67].

Datações	Definições
manta – 1553	Cobertor de laã. Tambem ha mantas de Picote, mantas de Primideiras, mantas de Almafega, & de Berberia vem mantas muito ralas, de Elvas, mantas grandes. Manta de laã. (p. 298, v. 5)
Bluteau (1712-1728)	<b>Manta de Picóte</b> . Estas mantas vem de Castella, fabricadas de laã grossa, que servem para cubrir camas de moços. Mantas de Almafega, saõ mantas fabricadas no Reyno, mas mais ligeiras que o Picóte, e servem para camas de moços, e para cubrir albardas. Tambem ha mantas de primideiras, &c. (p. 15, v. 9, supl.)
Silva (1789)	<i>s. f.</i> cobertor da cama de laã. (p. 54, v. 2)
Silva (1813)	<i>s. f.</i> Cobertor da cama, de laã. (p. 262, v. 2)
Vieira (1871-1874)	<i>s. f.</i> (Do italiano <i>manta</i> , talvez do latim <i>mantum</i> , mantéo curto hespanhol). Cobertor de lã ou d'algodão com que se cobre a cama. — Cobertor a que se dá diversas

		aplicações ou usos. — Panno de lã, que se põe debaixo do sellim, ou sella das cavalgaduras. — Tira comprida de seda ou de lã que os homens enrolam ao pescoço para agasalhar. (p. 108, v. 4)
	Figueiredo (1899)	f. cobertôr, especialmente o que se destina á cama; lenço de abafar, para cabeça e hombros; tira de sêda <i>ou</i> de outro tecido, com que se fôrma laço ao pescôço, servindo de gravata; xairel de lan; grande pano, do feitio de um cobertôr, servindo para agasalhar a maior parte do côrpo [...]. (Cp. lat. <i>mantum</i> ). (p.90, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (do lat. <i>mantu-</i> ). Cobertor de cama [...]    Tira de seda ou de lã que os homens enrolam ao pescoço e serve de gravata.    Lenço de abafar que as mulheres põem sobre os ombros ou na cabeça .    Espécie de xaile que se põe sobre os ombros, para agasalhar, também chamado <i>xaile-manta</i> [...]    Pano de linho que se põe debaixo do selim das cavalgaduras.    Pano de lã ou de algodão, semelhante a um cobertor de cama, e que em certas províncias a gente do campo usa para agasalho próprio os dos animais [...]. (p. 481, v. 6)
	Ferreira (2004)	[De <i>manto</i> .] Substantivo feminino. 1.Grande pano de lã, do feitio de um cobertor, e que serve para agasalhar [...] 2.Lenço grande us. como xale, para agasalhar a cabeça e os ombros. 3.Tira de seda, de lã ou de outro tecido, com que se forma laço ao pescoço, servindo de gravata. 4.Xairel grosso, ou sobreanca, de lã.
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1365) <b>1</b> peça de tecido que serve para cobrir e aquecer a cama, e que ger. é mais espessa do que o cobertor <b>2</b> faixa de pano, de largura variável, ger. de lã, us. como agasalho <b>3</b> grande xale us. pelas mulheres, cobrindo o colo ou os ombros <b>4</b> faixa de seda ou de lã us. pelos homens enrolada ao pescoço, à guisa de gravata <b>5</b> pano de lã que assenta sobre a sela de montaria [...] © ETIM talvez do lat.medv. <i>manta,ae</i> , de <i>mantum,i</i> 'manto'

## X. VELAS NÁUTICAS

### BARREDOURA *s. f.*

Contexto: E metendolhe brevíllimamente vellas de estay, cutellos, joanetes, **barredouras** (álem da mefena, & sevadeira que lhe faltou) adiantava grande caminho, em pouco tempo: fugindo a hum cortar, para fervirlhe o vento a todo pano. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 41-42].

Datações	Definições
barredoura – 1655	Bluteau (1712-1728) <b>Barredoura.</b> (Termo Nautico.) Vela barredoura. He uma vela presa na ponta do pao, a que chamão <i>Botalô</i> , & por cima vai a ponta da vela grande, chamãolhe <i>Barredoura</i> ,

	porque he a vela, que anda mais baixa, & mais perto da agoa, só serve para vento em popa. (p. 54, v. 2)
Silva (1789)	s.f. vella de navio preza na ponta do botaló, e vai por cima da grande. (p. 169, v. 1)
Silva (1813)	<b>Barredoura.</b> s. f. Vela de navio preza na ponta do botaló, e vai por cima da grande. (p. 266, v. 1) <b>Varredeira.</b> s. f. Vela de navio que se põi para tomar mais vento, quando é favorável. (p. 832, v. 2)
Vieira (1871-1874)	<b>Barredoura,</b> s. f. Vid. Varredoura. (p. 732, v. 1) <b>Varredoura.</b> s. f. Termo da nautica. Vid. Varredeira. (p. 883, v. 5) <b>Varredeira.</b> s. f. Termo de marinha. Véla de navio presa na ponta do botaló, e por cima vae a ponta da véla grande; é assim chamada por ser a véla que anda mais baixa, e mais perto da agua; põe-se para tomar mais vento, porém sómente serve quando é em popa. (p. 883, v. 5)
Figueiredo (1899)	<b>Varredeira.</b> f. (naut.) vela quadrangular, que se içã no mastro do traquête e vai fixar-se no pau da surriola. (De <i>varrêr</i> ). (p. 682, v. 2) <b>Varredoira.</b> f. (naut.) o mesmo que <i>varredeira</i> [...].(p. 682, v. 2)
Silva (1949-1959)	<b>Barredoura.</b> s. f. <i>Náut.</i> O mesmo que <i>varredeira</i> . (p. 395, v. 2) <b>Varredeira.</b> s. f. (de <i>varrer</i> + sulf. <i>deira</i> ). [...]    Vela quadrangular, que se içã no mastro do traquete e vai fixar-se no pau da surriola. (p. 535, v. 11) <b>Varredoura.</b> s. m. [...]    Vela, o mesmo que <i>varredeira</i> [...]. (p. 536, v. 11)
Ferreira (2004)	<b>Varredoura.</b> [De <i>varrer</i> + o f. de -douro2; var. de <i>varredoira</i> .] Substantivo feminino. [...] 3.Ant. Marinh. Cada uma das velas suplementares que se armavam junto às testas do traquete, com vento de popa ou largo.
Houaiss (2009)	<b>Varredoura.</b> s. f. [...] <b>3</b> m.q. <i>varredeira</i> ('rede') <b>4</b> MAR <i>ant.</i> certo tipo de vela retangular © ETIM <i>varrido</i> part. de <i>varrer</i> com recuperação da vogal temática -e- + -oura (ou -oira) © SIN/VAR varredoira

**CUTELLO** *s. m.* [VOLP: cutelo]

**Contexto:** E metendolhe brevíssimamente vellas de estay, **cutellos**, joanetes, barredouras (álem da mefena, & levadeira que lhe faltou) adiantava grande caminho, em pouco tempo: fugindo a hum cortar, para fervirhe o vento a todo pano. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 41-42].

Datações		Definições
cutello – 1655	Bluteau (1712-1728)	<b>Cutelos.</b> [...] Cutelos. (Termo de navio) Armando-lhe joanetes, & <i>Cutelos</i> , que não trazia. Britto, Viagem do Brasil, p. 120. (p. 262, v. 8)
	Silva (1789)	[...] § Velas pequenas, que se ajuntão quando ha bom vento. (p. 358, v. 1)
	Silva (1813)	[...] § Velas pequenas, que se ajuntão quando há bom vento. (p. 508, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<b>Cutélo</b> ou <b>cutélo.</b> <i>s. m.</i> (Do latim <i>cultellus</i> ). [...] — <i>Pl.</i> Termo de Náutica. Pequenas vélas triangulares, que se largam quando o vento é favorável e pouco forte, e se navega a uma larga ou á popa. É uma espécie de supplemento ás gáveas e joanetes: içam-se no extremo da verga superior, e amuram-se em páos que se juntam aos laizes das vergas interiores para augmentar o seu comprimento. (p. 681, v. 2)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> [...] pequenas velas que, num navio servem de supplemento a outras. (Lat. <i>cultellus</i> , de <i>culter</i> ). (p. 373, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<b>Cutelos.</b> <i>s. m. pl.</i> [...]    <i>Marít.</i> Pequenas velas quadrangulares que servem de supplemento às outras e se desfraldam quando o vento é favorável.    Pedacos de lona ou brim que saiem do painel das velas quando estas se cortam. (p. 789, v. 3)
	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. [...] 3. Ant. Marinh. Cada uma das velas suplementares quadrangulares, caçadas junto às testas do velacho e da gávea, quando o vento era de feição, para aumentar a superfície do pano; vela de cutelo.
	Houaiss (2009)	NE <b>Acutelado.</b> <i>Adj.</i> [...] 2 MAR em forma de triângulo (diz-se de vela) ■ <i>s.m.</i> MAR 3 conjunto de panos triangulares que compõem uma vela de navio 4 forma enesgada (triangular) da testa (parte do contorno) de algumas velas

**GATA** *s. f.*

**Contexto:** Monsieur animo eu só espero a noticia de que está principiada a ação com o pr<sup>o</sup> golpe, e esperai me antes que as forças Portuguezas com quatro, ou cinco Fragatas todas com hum signal de huma Grimpa emcarnada no Mastro da **Gata** em vosso auxilio [...]. desconhecido (1940) [1793], *AUTOS DE EXAME E AVERIGUAÇÃO SOBRE O AUTOR DE UMA CARTA ANONIMA ESCRITA AO JUIZ DE FORA DO RIO DE JANEIRO, DR. BALTAZAR DA SILVA LISBOA.* [A00\_2303, p. 268].

Datações		Definições
gata – 1793	Bluteau (1712-1728)	[...] Gata, nos navios he a vela de cima da mezena. (p. 38, v. 4)

	Silva (1789)	[...] § Vela de cima da meza, t. naut. (p. 654, v. 1)
	Silva (1813)	[...] § Vela de cima da mezena: t. nautico. (p. 81, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. f. [...] — Termo náutico. Vela de cima da mezena. (p. 843, v. 3)
	Figueiredo (1899)	f. [...] uma das gáveas, superior á mezena; (p. 657, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. f. [...] <i>Náut.</i> Uma das gáveas ou velas, superior à mezena. (p. 451, v. 5)
	Ferreira (2004)	Substantivo feminino. [...] 2. Marinh. Mastro de ré dos navios de três mastros aparelhados à galera. 3. Marinh. Mastaréu de gávea que espiga logo acima do mastro real da gata. 4. Marinh. Verga de gávea que cruza no mastaréu da gata, por cima da verga seca. [...] 6. Marinh. Na galera, a vela de gávea do mastro de ré (mastro da gata).
	Houaiss (2009)	s.f. (sXIII) [...] <b>6</b> MAR mastaréu de gávea que fica logo acima do mastro real (mezena) da vela gata <b>7</b> MAR verga de gávea que sustenta a vela gata no mastro de ré (mezena) <b>8</b> MAR vela que pende de verga de mesmo nome, no mastro de ré

### GÁVEA s. f.

Contexto: Sábado, 18 do mês de Fevereiro, vimos a caravela em que vinha o capitão I., que barlaventeava com o vento nordeste, quatro léguas ao sul de nós. De noite se fez o vento mais ao mar e mandei às naos que fizessem fogos nas **gáveas** pera poder vir o capitam I. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA*. [A00\_0078, p. 42].

Datações		Definições
gávea – 1530 gavea – 1561	Bluteau (1712-1728)	(Termo Nautico.) He huma especie de gayola, ou guarita, assentada em huma roda de taboas, no alto dos mastos, serve para recolher as velas, quando as ferraõ. (p. 41, v. 4)
	Silva (1789)	s. f. naut. he armação de taboas, como huma meza com bordas na ponta do mastro. (p. 655, v. 1)
	Silva (1813)	s. f. naut. É armação de taboas, como uma meza com bordas na ponta do mastro. (p. 82, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. f. (Do latim <i>cavea</i> ). Termo nautico. Armação de taboas, com uma mesa com bordas, que assentam sobre os curvatões dos mastros. [...] – Vela imediatamente superior à vela grande; [...]. (p. 844, v. 3)
	Figueiredo (1899)	f. espécie de tabuleiro <i>ou</i> plataforma, a certa altura de um mastro e atravessada por êlle; vela imediatamente superior á vela grande; *pl. conjunto de três veças das galeras; a gávea e velacho, nos brigues. (Lat. <i>cavea</i> , de <i>cavus</i> ). (p. 658, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. f. (do lat. <i>gavea</i> ). Náut. Espécie de gaiola, tabuleiro, plataforma, ou guarita, assente em uma roda de tábuas no alto dos mastros e a atravessada por eles [...]. Vela que ocupa o lugar imediatamente superior à grande. (p. 456, v. 5)
	Ferreira (2004)	[Do lat. * <i>gavia</i> , por <i>cavea</i> , ‘gaiola’.] Substantivo feminino. Marinh. 1. Cada um dos mastaréus que espigam

	<p>logo acima dos mastros reais. [Nos navios de três mastros, denominam-se, a partir de vante, <i>mastaréu do velacho</i>, <i>mastaréu da gávea</i> e <i>mastaréu da gata</i>.] 2.Mastaréu que espiga logo acima do mastro real grande. 3.Cada uma das vergas que cruzam nos mastaréis de gávea. [Nos navios de três mastros, chamam-se, a partir de vante, <i>verga do velacho</i>, <i>verga da gávea</i> e <i>verga da gata</i>. Antigamente chamavam-se <i>traquetes</i>, sendo, a partir de vante, <i>traquete de proa</i> ou <i>de vante</i>, <i>tranquete da gávea</i> e <i>traquete da gata</i>.] 4.Verga que cruza no mastaréu de gávea grande. 5.Cada uma das velas que envergam nas vergas de gávea. [Nos navios de três mastros, denominam-se, a partir de vante, <i>vela do velacho</i>, <i>vela da gávea</i> e <i>vela da gata</i>. Antigamente chamavam-se <i>traquetes</i>.] 6.Vela que enverga na verga de gávea grande. 7.Mar. Cesto de gávea.</p>
Houaiss (2009)	<p><i>s.f.</i> (1514) <b>MAR 1</b> nome específico do mastaréu que espiga imediatamente acima do mastro grande <b>2</b> nome específico da verga que cruza no mastaréu de gávea grande <b>3</b> nome específico da vela redonda que pende da verga de gávea do mastro grande <b>4</b> design. genérica para as velas redondas (nos navios de três mastros, de vante para ré: velacho, gata, gávea), que pendem das vergas de mesmo nome <b>5</b> designação genérica dos mastaréis e vergas (nos navios de três mastros, de vante para ré: do velacho, da gávea e da gata), que espigam logo acima dos mastros reais © ETIM lat.medv. <i>gabia</i>, do lat.cl. <i>cavèa,ae</i> 'gaiola, jaula, cortiço de abelhas etc.'</p>

### JOANETE *s. m.*

Contexto: E metendolhe brevíssimamente vellas de estay, cutellos, **joanetes**, barredouras [...]. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 41].

Datações	Definições
joanete – 1655	Bluteau (1712-1728) (Termo de navio) He o mastareo mais pequeno, que vay acima do mastareo. (p. 188, v. 4)
	Silva (1789) <i>s. m.</i> mastro pequeno, que vai a cima do mastareo da proa. (p. 743, v. 1)
	Silva (1813) <i>s. m.</i> Mastro pequeno, que vai acima do mastaréu da proa. (p. 189, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <i>s. m.</i> — Termo de náutica. Vela imediatamente inferior á gávea. — Mastro pequeno que vai acima do mastaréu. (p. 1200, v. 3)
	Figueiredo (1899) <i>m.</i> vela superior á gávea, e na direcção desta [...] (p. 11, v. 2)
	Silva (1949-1959) <i>s. m. Marít.</i> Vela imediatamente superior à gávea e na mesma direcção. (p. 74, v. 6)
	Ferreira (2004) Substantivo masculino. 1.Marinh. Cada um dos mastaréis que espigam dos mastaréis de gávea por entre as aberturas das pegas de joanete [a partir de vante, denominam-se



		joanete de proa (no mastro do traquete), joanete grande (no mastro grande) e sobregata (no mastro da gata)] [...] 2. Marinh. Vergas que cruzam nos mastaréis de joanete. 3. Marinh. Velas que se largam nas vergas de joanete; denominam-se, a partir de vante, joanete de proa, joanete grande e sobregata.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (sXV) <b>1 MAR</b> cada um dos mastaréis, vergas, velas que se aparelham sobre o mastaréu da gávea, recebendo a denominação do mastro correspondente

**MEZENA** *s. f.*

Contexto: Com vento norte mui forçosso fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao capitaina sentíamos muito trabalho porque nom governava e nom levámos mais vela que o traquete e **mezena**. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA* [A00\_0078, p. 27-28].

Datações	Definições	
mezena – 1530 mefena – 1655	Bluteau (1712-1728)	Vela e popa. (p. 476, v. 5)
	Silva (1789)	<b>Mesena</b> , <i>s. f. naut.</i> véla de popa do navio. (p. 77, v. 2)
	Silva (1813)	<b>Mesena</b> , <i>s. f. t. de Naut.</i> Vela de popa do navio. (p. 293, v. 2) Vid. Mesena.
	Vieira (1871-1874)	<b>Mesena</b> . <i>s. f.</i> Termo de náutica. Vela de pôpa do navio. (p. 215, v. 4)
	Figueiredo (1899)	<i>f. (naut.)</i> vela que se enverga na carangueja do mastro de ré. (It. <i>mezzana</i> , de <i>mezzo</i> , meio). (p. 127, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (do ital. <i>mezzana</i> ). <i>Náut.</i> Vela latina, quadrangular, que enverga na carangueja do mastro de ré; hoje o mesmo que <i>vela ré</i> [...]    <i>Mastro da mezena</i> , o mastro de ré nas embarcações de três mastros [...]. (p. 763, v. 6)
	Ferreira (2004)	Substantivo feminino. Marinh. 1. V. mastro da mezena. 2. V. vela da mezena. <b>Vela</b> . Substantivo feminino. [...] Vela da mezena. 1. Marinh. Vela latina que se enverga na carangueja do mastro da mezena. [Tb. se diz apenas mezena.]
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1498) <b>MAR</b> vela latina quadrangular que se enverga no <i>mastro da mezena</i>

**MONETA** *s. f.*

Contexto: Fez-se-nos o vento sueste e tomava do sul. E de noite tirámos as **monetas** e com os papa-figos baxos trincámos no bordo do sul. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA* [A00\_0078, p. 449].

Datações	Definições
moneta – 1530	(Termo de Marinhagem.) He hũa vela pequena, que se pega por baixo aos papafigos, para melhor arrastar a nao [...]. (p. 556, v. 5)



	Silva (1789)	s. f. Naut. véla pequena; que se pega por baixo dos papafigos, para aproveitar mais vento, quando he bonança. (p. 93, v. 2)
	Silva (1813)	s. f. t. de Naut. Vela pequena; que se pega por baixo dos papafigos, para aproveitar mais vento, quando é bonança. (p. 313, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. f. (Do francez <i>bonnette</i> ). Termo de Marinha. Vela de pequeno tamanho, que se pega por baixo dos papafigos, para aproveitar mais vento, quando é bom tempo. (p. 300, v. 4)
	Figueiredo (1899)	f. (naut.) pequena vela ou tira de pano, que se põi por baixo dos papafigos, para aproveitar o bom tempo. (B. lat. <i>boneta</i> ). (p. 147, v. 2)
	Silva (1949-1959)	s. f. (do lat. <i>moneta</i> ). Náut. Certa vela pequena na esteira da bujarrona, destinada a aproveitar o bom tempo [...]    Crescente de pano cosido na esteira da bujarrona, hoje fora de uso. (p. 916, v. 6)
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

#### PAPA-FIGO *s. m.*

Contexto: Segunda-feira, com o vento e mar mui grande, fazia o caminho do sul, com os **papa-figos** mui baxos. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA*. [A00\_0078, p. 64].

Datações	Definições
papa-figo – 1530 papafigo – 1655	<b>Papafigo</b> . [...] Papafigo. (Termo de Marinhagem) Tem esta palavra sua diferença nas nações. Os Levantiscos, & os Mouros chamão <i>Papafigos</i> aos joanetes; os Portugueses à vela grande, & traquete; & assim quando se diz, vay a nao em papafigos, he porque vai só com vela grande, & traquete, por causa do muyto vento. Papafigo. Segundo o P. Bento Pereyr. No Thesouro da Lingua Portugueza, <i>Papafigo</i> he sinonimo de Gualteyra. No Thesouro da Lingua Castelhana acho esta palavra em sentido pouco differente; porque diz Cobarruvias, <i>Papahigo es una mascarilla, que cobre el rostro, de que usan los que van camino para defensa del ayre, y del frio, quasi papafigo. Fixus papo, porque se aprieta al cuello.</i> (p. 236, v. 6)
	<b>Papafigo</b> . [...] § t. naut. <i>ir a não em papafigos</i> , i. e. com a véla grande, e traquete dados, outros dizem que papafigo he a véla grande sem moneta. § Gualteira. (p. 154, v. 2)
	<b>Papafigo</b> . [...] § t. de Naut. <i>ir a não em papafigos</i> , i. e. com a vela grande, e traquete dados; outros dizem, que <i>papafigo</i> é a vela grande sem moneta. § Gualteira. (p. 392, v. 2)
	<b>Papafigo</b> . — <i>Plur.</i> Termo de nautica. Velas as mais baixas do navio, taes são a vela grande e o traquete. — Gualteira. (p. 650, v. 4)

	Figueiredo (1899)	<b>Papafigo.</b> m. [...] cada uma das velas mais baixas de um navio. (p. 255, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<b>Papa-figos.</b> s. m. [...]    Cada uma das velas mais baixas de um navio [...].(p. 752, v. 7)
	Ferreira (2004)	<b>Papafigo.</b> [Do esp. <i>papahigo</i> , poss.] Substantivo masculino. 1. Marinh. Vela redonda, inferior ou mais baixa, do mastro do traquete ou do mastro grande. [Cf. papa-figo.]
	Houaiss (2009)	<b>Papa-figo.</b> s.m. (1624) [...] <b>2</b> MAR cada uma das velas redondas, grande e traquete, do mastro de ré

**FEVADEIRA** s. f. [VOLP: cevadeira / sevadeira]

Contexto: Depois vendo-o fem tirar peffa, nem mosquete, ferrar a **fevadeira**, & porlongala para o abordar, embaraçou-o tanto o temor, que tratando fô de fugir, cortou o cabo ao Rofario, & o meteu entre fy, & o Freyre, imaginando que o faria dilatar, em o recolher. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 42].

	Datações	Definições
fevadeira – 1655	Bluteau (1712-1728)	<b>Cevadeyra.</b> Vela pequena, que se poem na proa. (p. 262, v. 2)
	Silva (1789)	<b>Cevadeira.</b> s. f. vela pequena de proa. <i>t. naut.</i> (p. 259, v. 1)
	Silva (1813)	<b>Cevadeira.</b> s. f. Vela pequena de proa. t. de Naut. (p. 378, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<b>Cevadeira.</b> s. f. (Do thema participial cevada, com o suffixo «eira»). Bolsa de panno em que se dá a cevada a comer ás cavalgadas. [...] — Alforge com comer. [...] — Termo de Náutica. Vela pequena da proa, chamada também vela d'agua. — Páo ou verga em que se põe essa vela. (p. 184, v. 2)
	Figueiredo (1899)	<b>Cevadeira.</b> f. [...] pequena vela, suspensa de uma vêrga, á prôa [...] (De <i>cevar</i> ). (p. 280, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<b>Cevadeira.</b> s. f. (de <i>cevar</i> ). <i>Ant.</i> Alforje, saco com comer [...]    Espécie de saco, em que se deita cevada ou outro qualquer grão, e se suspende no focinho da cavalgada para ela comer, quando não há manjedoura [...]    <i>Náut.</i> Pequena vela de proa, suspensa de uma verga, que atravessa horizontalmente o gurupês [...]. (p. 11, v. 3)
		<b>Sevadeira.</b> s. f. <i>Náut.</i> Vela redonda que se enverga na verga do mesmo nome. (p. 150, v. 10)
	Ferreira (2004)	<b>Cevadeira.</b> Substantivo feminino. [...] 2. Marinh. <i>Ant.</i> Verga de cevadeira. 3. Marinh. <i>Ant.</i> Vela quadrangular que envergava na verga do mesmo nome, por baixo do gurupês.
	Houaiss (2009)	<b>Cevadeira.</b> s.f. (sXV) <b>7</b> MAR vela redonda que pende de verga do mesmo nome, transversal ao gurupês <b>8</b> MAR verga transversal ao gurupês, da qual pende a cevadeira [...] © ETIM rad. do part. <i>cevado</i> + <i>-eira</i>

**fOBREFEVADEIRA** *s. f.* [VOLP: sobrecevadeira]

**Contexto:** O que achar fundo, ou vir terra, tire huã peffa; ponhalhe a proa, & hum galhardete na **fobrecevadeira**; & outro na mefena. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 54-55].

Datações	Definições
fobrecevadeira – 1655	<b>Sobrecevadeira.</b> Vela pequena, que se põem sobre outra a que chamaõ Cevadeyra. (p. 674, v. 7)
Bluteau (1712-1728)	<b>Mastaréo.</b> He o masto pequeno, que vai em cima de qualquer dos outros, & em cima deste vai outro mais pequeno, a que chamãõ Mastareo dos Joanetes. O mastareo do masto grande chama-se Mastareo grande, & leva a sua ovencadura, & brandais. O mastareo da mezena, chama-se Mastareo da gata, & o que vai sobre o gurupès, chama-se Mastareo da sobrecevadeira. Este fóрма hũa Cruz com sua verga, na ponta do Gurupès. (p. 354, v. 5)
Silva (1789)	<b>Sobrecevadeira.</b> <i>s. f.</i> Naut. vela pequena, que fica sobre a cevadeira. (p. 408, v. 2)
Silva (1813)	<i>s. f.</i> Naut. Vela pequena, que fica sobre a cevadeira. (p. 708, v. 2)
Vieira (1871-1874)	<b>Sobrecevadeira.</b> <i>s. f.</i> Termo de nautica. Vela pequena que fica sobre a cevadeira. (p. 552, v. 5)
Figueiredo (1899)	<b>Sobrecevadeira.</b> <i>f.</i> pequena vela de navio, sôbre a cevadeira. (De <i>sobre</i> + <i>cevadeira</i> ). (p. 542, v. 2)
Silva (1949-1959)	<b>Sobrecevadeira.</b> <i>s. f.</i> (de <i>sobre-</i> + <i>cevadeira</i> ). <i>Naut.</i> Pequena vela de navio, sobre a cevadeira. (p. 276, v. 10)
Ferreira (2004)	NE
Houaiss (2009)	NE

**TRAQUETE** *s. m.*

**Contexto:** Com vento norte mui forçosso fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao capitaina sentíamos muito trabalho porque nom governava e nom levámos mais vela que o **traquete** e mezena. PÊRO LOPES DE SOUSA (1968) [1530], *DIÁRIO DA NAVEGAÇÃO DE PÊRO LOPES DE SOUSA* [A00\_0078, p. 27-28].

Datações	Definições
traquete – 1530	Vela pequena, atada à peça mais alta do mastro grande. (p. 253, v. 8)
Silva (1789)	<i>s. m.</i> a vela do mastro mais alto do navio. (p. 484, v. 2)
Silva (1813)	<i>s. m.</i> A vela do mastro mais alto do navio. (p. 799, v. 2)
Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> A vela pequena, atada á peça mais alta do mastro grande. — Termo de nautica. A maior vela do mastro de prôa, e um dos papa-figos a que se enverga na verga do traquete. — Quando o traquete, ou qualquer vela latina está meia ferrada por causa do muito vento, denomina-se <i>antegalha</i> . (p. 795, v. 5)
Figueiredo (1899)	<i>m.</i> (naut.) vela grande do mastro da prôa. (Do lat. <i>triqueirus</i> ). (p. 626, v. 2)

	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do cat. <i>trinquete</i> < ital. <i>trinchetto</i> ). <i>Náut.</i> Nome com que se designa uma vela "redonda" (quadrangular), a verga e o mastro que lhe dizem respeito; é a vela mais baixa (papafigo) do mastro de proa; o mastro do <i>traquete</i> é o mastro de proa, situado entre o mastro grande e o gurupés; a verga do <i>traquete</i> é a verga mais baixa do mastro de proa, onde vai amarrada pelo gurutil (lado superior) e a vela chamada <i>traquete</i> [...]    <i>Gír. Des.</i> O mesmo que <i>gravata</i> [...]. (p. 157-158, v. 11)
	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. 1. Marinh. A vela redonda que enverga na verga mais baixa do mastro de proa
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (sXV) <b>MAR 1</b> mastro de vante de navio veleiro de mais de um mastro <b>2 p.met.</b> verga inferior desse mastro <b>3 p.met.</b> vela que pende dessa verga © ETIM fr.ant. <i>triquet</i> 'id.', de orig.obsc.

### VELLACHO *s. m.* [VOLP: velacho]

Contexto: Qualquer navio derrotado que avistar outro, para reconhecer se he da cõferva, o de barlavento amaine ambas as de gavea, & despere hũa peffa; o de sotavento, tire duas peffas, & arrie o **vellacho**. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 54].

Datações		Definições
vellacho – 1655	Bluteau (1712-1728)	He hũa das velas do mastro de proa, no meyo delle, entre as velas, a que chamão <i>Traquete</i> , & <i>Joanete</i> . Não lhe acho palavra propria Latina. (p. 384, v. 8)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> vela do mastro de proa entre o traquete, e joanete, t. <i>Naut.</i> (p. 513, v. 2)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> Vela do mastro de proa entre o traquete, e joanete, t. <i>Naut.</i> (p. 837, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. f.</i> Termo de marinha. Vela do mastro da prôa entre o traquete e o joanete. (p. 892, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> vela dos mastros da prôa. ( <i>De vela</i> ). (p. 685, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (de <i>vela</i> ). Vela dos mastros de proa [...]. (p. 567, v. 11)
	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. 1. Marinh. Mastaréu que se prolonga do mastro real do traquete. 2. Marinh. Verga que cruza no mastaréu do velacho. 3. Marinh. Vela que enverga na verga do velacho.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1597-1617) <b>1 MAR</b> vela redonda do mastro de vante da embarcação, logo acima da vela do traquete

### VELLA DE ESTAY *s. f.* [VOLP: vela de estai]

Contexto: E metendolhe brevíssimamente **vellas de estay**, cutellos, joanetes, barredouras [...]. FRANCISCO DE BRITO FREYRE (1655) [1655], *SENHOR* [A00\_2496, p. 41].

Datações		Definições
vella de estay – 1655	Bluteau (1712-1728)	<b>Estay</b> , ou <b>estaes</b> . Termo de marinhagem. <i>Vid.</i> Ostaes. [...] diz <i>Estay</i> do navio, & velas do <i>Estay</i> . (p. 314, v. 3)

		<b>Ostaes.</b> s. m. pl. t. de Naut. Cabos grossos, que vem dos calcezes dos mastros a fazer fixo na proa com seus cadernaes. [...] outros dizem <i>Estaes</i> [...]. (p. 374, v. 2)
		<b>Estay</b> v. oftaes. (p. 561, v. 1)
Silva (1789)		<b>Ostaes,</b> s. m. pl. naut. cabos grossos, que vem dos calcezes dos mastros a fazer fixo na proa com seus cadernaes. (p. 141, v. 2)
		<b>Estay</b> v. oftaes. “a vela do <i>estay</i> ” (p. 773, v. 1)
Silva (1813)		<b>Ostaes,</b> s. m. pl. t. de Naut. Cabos grossos, que vem dos calcezes dos mastros a fazer fixo na proa com seus cadernaes. (p. 374, v. 2)
		<b>Estay.</b> Vid. Ostáes.
Vieira (1871-1874)		<b>Ostaes,</b> s. m. plur. Termo da nautica. Cabos grossos, que veem dos calcezes dos mastros a fazer fixo na prôa com seus cardenaes. (p. 593, v. 4)
Figueiredo (1899)		<b>Estai.</b> m. cada um dos cabos grossos que, fixos na prôa, firmam a mastreação; designação de outros cabos de navio. (Ingl. <i>stays</i> ). (p. 562, v. 1)
Silva (1949-1959)		<b>Estai.</b> s. m. (do ingl. <i>stays</i> ). Náut. Cada um dos cabos grossos que, fixos na proa, firmam a mastreação.    Designação de outros cabos do navio. (p. 831, v. 4)
Ferreira (2004)		<b>Estai.</b> [Do fr. ant. <i>estai</i> , <i>estay</i> (atual <i>étai</i> ).] Substantivo masculino. 1. Marinh. Qualquer dos cabos que agüentam a mastreação para vante. 2. Marinh. Qualquer cabo destinado a suportar em posição vertical um turco, chaminé, balaústre ou qualquer outra peça do equipamento da embarcação.
		<b>Vela.</b> [...] Vela de estai. 1. Marinh. Vela latina, triangular ou trapezoidal, que se enverga em estai por meio de sapatilho, garrunchos ou cosedura. [Cf. <i>bujarrona</i> (1).]
Houaiss (2009)		<b>Estai.</b> s.m. (sXVII) MAR 1 cada um dos cabos que sustentam a mastreação para vante 2 cabo de arame ou haste metálica inclinada que sustenta a chaminé ou outra peça do navio © ETIM fr.ant. <i>estai</i> (atual <i>étai</i> ) 'peça de madeira para sustentação', do hol. <i>staeye</i> 'id.'

### VELA GRANDE s. f.

**Contexto:** Querendo nós anchorar, deitarão o prumo] e acharão bom fundo e tendo já a **vela [grande** tomada antes do sol posto para já alar]gar a anchora, tornarão a rondar e a[charão pedra [...]. P. RUI PEREIRA (1956) [1561], CARTA DO P. RUI PEREIRA AOS PADRES E IRMÃOS DE PORTUGAL, PERNAMBUCO 6 DE ABRIL 1561 [A00\_0047, p. 329].

Datações	Definições
Bluteau (1712-1728)	NE
vela grande – 1561	Silva (1789) NE

	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	NE
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	NE
	Ferreira (2004)	<b>Grande.</b> [...] 23. <i>Marinh.</i> Mastro grande. 24. <i>Marinh.</i> Verga de papafigo que cruza na parte inferior da romã do mastro grande. 25. <i>Marinh.</i> Vela de papafigo que enverga na verga grande.
	Houaiss (2009)	NE

## XI. TECIDOS DE COMPOSIÇÃO ÚNICA

### i. Dos cotonifícios

#### BELBUTE *s. m.*

Contexto: [...] de **belbutes**, chitas, bombasinas, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão, ou de linho [...]. DOM FREI MANOEL DA CRUZ. (1865) [1752], *COPIA DO REQUERIMENTO QUE O BISPO DE MARIANNA FEZ, COM DATA DE 13 DE ABRIL DE 1752* [A00\_0725, p. 211].

Datações	Definições	
belbute – 1752	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> Certo tecido de algodão de côr e aveludado. (p. 749, v.1)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> tecido de algodão aveludado. (p. 183, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do ingl. <i>velvute</i> , veludo). Tecido de algodão de cor, aveludado, antigamente bastante usado para estofar resistentes de cadeiras e sofás [...]. (p. 438, v. 2)
	Ferreira (2004)	[Do ingl. <i>velvet</i> .] Substantivo masculino. 1.Tecido de algodão aveludado
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1785) TÊXT tecido grosso e pesado, de algodão, que semelhante o veludo ☉ ETIM ing. <i>velvet</i> 'veludo' < fr.ant. <i>velu</i> , ligado ao lat. <i>villus</i> , 'de pelo (animal, tecido), com musgo (planta, árvore)' ☉ SIN/VAR bélbute

#### BERTANGIL *s. m.*

Contexto: [...] hum vistido de berberisco calção Roupeta E capa a Roupeta forrado o corpo de **bertangil** E as abas de tafeta preto tudo novo en sua avaliasão de des mil rs [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 275].

Datações	Definições
bertangil – 1654	Bluteau (1712-1728) Bertangil, ou Bertangi, ou Bretangil. Panno de algodão, que os Cafres tecem. Há grandes, & pequenos, azui e pretos. (p. 109, v. 2)
	Silva (1789) <i>v. bretangil</i> s. f. panno de algodão tecido entre os Cafres, de que ha grandes, e pequenos, pretos, e azuis. (p. 197, v. 1)
	Silva (1813) <i>V. Bretangil</i> s. f. Pano de algodão tecido entre os Cafres, de que há grandes, e pequenos, pretos, e azuis. (p. 300, v. 1)
	Vieira (1871-1874) s. m. Vid. Bretangil. BRETANGÍL, s. m. Panno de algodão tecido pelos cafres. Ha bertangil grande, pequeno, preto e azul. (p. 820, v.1)
	Figueiredo (1899) m. tecido antigo de Cambaia. (p. 186, v. 1)
	Silva (1949-1959) <i>s. m.</i> Tecido de algodão que se usava antigamente em África e Ásia. (p. 467, v. 2)
	Ferreira (2004) Substantivo masculino. 1.Bretangil (q. v.). [Var. de <i>bertangil</i> .] Substantivo masculino. 1.Tecido de algodão fabricado pelos cafres.
	Houaiss (2009) <i>s.m.</i> (1569) TÊXT m.q. <b>bertangil</b> <i>s.m.</i> (1513) TÊXT <i>ant.</i> certo tecido de algodão (azul, preto, vermelho) que se exportava de Cambrai (França) para a África oriental e que aí tb. se fabricava ☉ ETIM orig.obsc. ☉SIN/VAR bertangil

**BOCACHIM** s. m.

Contexto: [...] 8 d.as de **bocachim** p.a entretellas [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS [A00\_0435, p. 265].

Datações	Definições	
bocachim – 1725	<b>bocaxim.</b> Certo panno de linho, pisado a modo de panno de laõ, que se costuma tingir de varias cores. Os Venezianos (segundo escreve Ferrai nas origens da lingua Italiana) chamão <i>Bucassino</i> a hum panno, a que os Italianos chamão <i>Bucherame</i> . Parece, que de <i>Boucassim</i> , & nõs <i>Bocaxim</i> . Chamão-lhe os Castelhanos <i>Bocaci</i> , & segundo Cobarruvias, ou tomou o nome do lugar donde o primeiro se inventou, ou se deriva de <i>Bocado</i> , porque posto em juboens, ou calçoens debaixo de panno golpeado, pellos golpes se tirão delle <i>bocados</i> . Não tem nome proprio Latino. (137, v. 2)	
	Silva (1789) <b>bocaxim.</b> s. m. tela encerada, para entretelar vestidos. (p. 185, v. 1)	
	Silva (1813) <b>bocaxim.</b> s. m. Tela encerada, para entretelar vestidos. (p. 285, v. 1)	
	Vieira (1871-1874) <b>bocaxim.</b> (No baixo latino <i>bocasinus</i> , no hespanhol <i>bocaci</i> . Julga-se esta palavra de origem oriental), Tela encerada. — Espécie de tela, pintada de azul ou vermelho, que servia para forrar os toldos das galeras. — Tela engommada para entretelar vestidos, mais forte que a olandilha. (p. 781, v. 1)	
	Figueiredo (1899) <b>bocaxim.</b> m. entretela; tarlatana. (p. 196, v. 1)	
		<b>Bocaxim.</b> <i>s. m.</i> O mesmo que <i>bocassi</i> .
	Silva (1949-1959) <b>Bocassi.</b> <i>s. m.</i> Antigo tecido de algodão de qualidade semelhante ao fustão e que servia para forrar trabalhos de	



		tapeçaria, divisórias de cortinados, etc.    Tarlatana. (1949-1959, p. 531, v. 2)
	Ferreira (2004)	<b>Bocaxim.</b> [Do turco <i>bogasy</i> , 'entretela', poss. pelo árabe. Substantivo masculino. 1.Tela engomada, para entretela; tarlatana.
	Houaiss (2009)	<b>Bocaxim.</b> <i>s.m.</i> TÊXT m.q. <i>bocassim</i>  <b>Bocassim.</b> <i>s.m.</i> (sXV) TÊXT <b>1</b> antigo tecido de algodão encorpado, que servia para forrar trabalhos de tapeçaria, cortinados etc. e era us. como divisória de ambientes <b>2</b> m.q. <i>tarlatana</i> © ETIM segundo Dalgado, orig.contrv., prov. oriental, mart. conc. <i>boksem</i> , do persa <i>buqchah</i> , turco <i>bogasy</i> 'entretela, tarlatana' © SIN/VAR bocaxim

### BOMBASINA *s. f.* [VOLP: bombazina]

Contexto: [...] hei por bem ordenar que todas as fabricas, manufacturas ou teares de galões, de tecidos ou de bordados de ouro e prata; de veludos,brilhantes, setins,tafetas ou de outra qualquer qualidade de seda; de belbutes, chitas, **bombasinas**, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão, ou de linho [...] DOM FREI MANOEL DA CRUZ.. (1865) [1752], *COPIA DO REQUERIMENTO QUE O BISPO DE MARIANNA FEZ, COM DATA DE 13 DE ABRIL DE 1752* [A00\_0725, p. 211].

Datações		Definições
bombasina – 1752	Bluteau (1712-1728)	<b>Bombazina.</b> Hum genero de panno grosseiro, de que se fazem vestidos. (p. 151, v. 2)
	Silva (1789)	<b>Bombazina.</b> s. f. huma droga de algodão, fustão. (p. 188, v. 1)
	Silva (1813)	<b>Bombazina.</b> s. f. Uma droga de algodão, fustão. (p. 290, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<b>Bombazina.</b> s. f. (No baixo latim <i>bombacinus</i> , de <i>bombax</i> ou <i>bombix</i> , bicho de sêda, do grego <i>bómbyx</i> , bicho da sêda). Droga de algodão, fustão. Belbute, riscado de algodão e linho. (p. 795, v. 1)
	Figueiredo (1899)	<b>Bombazina.</b> f. antigo tecido de sêda; tecido riscado, de algodão, imitando velludo. (B. lat. <i>bombacinium</i> , de <i>bombax</i> ).
	Silva (1949-1959)	<b>Bombazina.</b> <i>s. f.</i> (do b. lat. <i>bombacinus</i> , de <i>bombyx</i> ). Tecido de algodão, fustão sem invés; belbute riscado de algodão e linho.    Espécie de tecido de seda que se fabricava antigamente em Milão e depois em França. (p. 558, v. 2)
	Ferreira (2004)	<b>Bombazina.</b> [Do b.-lat. <i>bombacina</i> , por <i>bombycina</i> , 'de seda', com alteração semântica.] Substantivo feminino. 1.Tecido de algodão, em riscas, imitante a veludo
	Houaiss (2009)	<b>Bombazina.</b> <i>s.f.</i> (c1626) TÊXT <b>1</b> P certo tecido de algodão com riscas em relevo e rasas, que imita o veludo <b>2</b> espécie de tecido de seda © ETIM it. <i>bombagino</i> 'id.'

### CANGA *s. f.*

Contexto: [...] para que também seja tênue o seu fumo, o qual aparam em um toldo bem tapado, v. g. de **canga** (é pano de algodão muito forte, e tapado, que lona não há naquele Império) onde o fumo vai largando o seu pó tênue [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE TERCEIRA - DÁ NOTICIA DA SUA MUITA RIQUEZA NAS SUAS MINAS NOS SEUS*



*MUITOS, E PRECIOSOS HAVERES, E NA MUITA FERTILIDADE DAS SUAS MARGENS - TRATADO TERCEIRO - DA RIQUEZA DO AMAZONAS NA PRECIOSIDADE DA SUA MADEIRA - CAP. 4º - DE ALGUAS OUTRAS PLANTAS NOTÁVEIS [A00\_1864, p. 363].*

Datações	Definições
canga – 1757 ganga – 1792	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) <b>Ganga.</b> s. f. [...] tecido de algodão loiro, azul, ou preto que se traz da Asia. (p. 651, v. 1)
	Silva (1813) <b>Ganga.</b> § V. <i>Ganga</i> , fazenda d'algodão, quem vem da India, amarellada, ou azul, em peças pequenas, tecido de boa dura. (p. 336, v. 1)
	Silva (1813) <b>Ganga.</b> s. f. [...] § <i>Ganga</i> : tecido de algodão loiro, azul, ou preto, que se traz da Asia, estreito, basto, e de boa dura. (p. 77, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Ganga.</b> s. f. Termo da Asia. Tecido de algodão flavo, ceruleo ou negro, que vem da India é estreito, denso, e de excelente dura. (p. 829, v. 3)
	Figueiredo (1899) <b>Ganga.</b> [...] tecido azul ou amarelo, de fabricação indiana, muito usado entre nós [...] (It. <i>ganga</i> ; al. <i>gang</i> , de <i>gehen</i> , andar; cp. sanscr. <i>gá</i> ). (p. 652, v. 1)
	Silva (1949-1959) <b>Ganga.</b> s. f. Tecido forte azul ou amarelo, primeiramente de fabricação italiana e depois indiana e chinesa. (p. 424, v. 5)
	Ferreira (2004) <b>Ganga.</b> Substantivo feminino. 1.Certo tecido de algodão. 2.Retângulo de tecido de algodão, usado em geral como saída-de-praia
Houaiss (2009) <b>Ganga.</b> [Do chinês.] Substantivo feminino. 1.Certo tecido forte, azul ou amarelo	
Houaiss (2009) <b>Ganga.</b> s.f. (1982) vest retângulo ou triângulo de tecido que se enrola ger. da cintura para baixo, por cima da roupa de banho; saída de praia © ETIM Nei Lopes, citando Schneider, deriva de <i>tanga</i>	
Houaiss (2009) <b>Ganga.</b> s.f. (1577) <b>1</b> tecido vulgar, ger. azul ou amarelo, que antigamente se fabricava na Índia [...] © ETIM chn. dialetal <i>káng</i> 'id.'	

### CHITA s. f.

Contexto: [...] agoas ardentes do Pico alguus barretes de pizão finos e grosos bem surtidos e não muitos **chitas** bem surtidas algum papel as baetas e sarafinas surtidas [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARDUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 32].

Datações	Definições
chita – 1727 xita – 1764	Bluteau (1712-1728) <b>Chitas.</b> São huns pannos pintados da India. (p. 293, v. 2)
	Silva (1789) s. f. lençaria pintada de flores, aves, em imprensa da Asia, ou feita em Europa. (p. 267, v. 1)
	Silva (1813) s. f. Lençaria pintada de flores, aves, em imprensa, da Asia, ou feita em Europa. (p. 389, v. 1)

	Vieira (1871-1874)	s. f. Palavra asiática. Fazenda de algodão, pintada de diversas cores, que vem da Asia, e que também se fabrica na Europa. (p. 210, v. 2)
	Figueiredo (1899)	f. tecido ordinário de algodão, estampado a côres. (Or. incerta. Talvez t. ind. Os fr. chamaram <i>chite</i> a um tecido indiano, estampado com pranchas de madeira e de côres muito fixas). (p. 291, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. f. (do hindust. <i>chitra</i> ). Fazenda de algodão, estampada a cores [...] (p. 70, v. 3)
	Ferreira (2004)	[Do sânscr. <i>chitra</i> , ‘matizado’, pelo neo-árabe <i>chhit</i> .] Substantivo feminino. 1. Tecido ordinário, de algodão, estampado em cores.
	Houaiss (2009)	s.f. (1704) <b>1</b> TÊXT tecido de algodão de pouco valor, estampado em cores <b>2</b> p.ext. fazenda de algodão, barata e rala

### PANNO DA COSTA s. m. [VOLP: pano]

Contexto: Vem igualmente muitos pannonos de Algodão, chamados de ordinario **pannos da Costa** que por ser manufactura dos negros tem despacho na Alfandega. LUIZ DOS SANTOS VILHENA (1921) [1802], *CARTA PRIMEIRA* [A00\_0404, p. 53].

Datações	Definições
panno da Costa – 1802	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE
Silva (1949-1959)	<b>Pano da costa.</b> S. m. Tecido de algodão, listrado de azul.    Espécie de xale de algodão pintado, usado outrora pelas Negras, especialmente as baianas [...]. (p. 737, v. 7)
Ferreira (2004)	<b>Pano-da-costa.</b> [De <i>pano</i> <sup>1</sup> + <i>da</i> + <i>costa</i> (da África).] Substantivo masculino. 1. Tecido de algodão, listrado, originário da África. 2. Pano de algodão, colorido, que as negras, esp. As da BA, usam como xale
Houaiss (2009)	<b>Pano.</b> S. m. (953) [...] <b>p. da costa 1</b> tecido de algodão, liso ou listrado em cores vivas, originalmente feito à mão e importado da África <b>2</b> VEST pano retangular liso, listrado, bordado ou rendado, us. Como xale, que faz parte da indumentária tradicional das negras e mestiças da Bahia, e adotado como roupa ritual das filhas de santo do candomblé e dos terreiros afins; pandacosta

### XITA PAQUETE s. f. [VOLP: chita]

Contexto: [...] está vestido com camisa de bertanha jaqueta, e calças de **xita paquete**, com çapatos calçados sem fivellas. desconhecido (1931) [1798], *A INCONFIDENCIA DA BAHIA EM 1798 - DEVASSAS E SEQUESTROS (CONCLUSÃO)* [A00\_2263, p. 157].

Datações	Definições
xita paquete – 1798	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE

	Silva (1949-1959)	NE
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

## ii. Dos lanifícios

### CACHEIRA *s. f.*

Contexto: Vão aos domingos á igreja com roupões ou berneos de **cacheira** sem capa. PADRE FERNÃO CARDIM (1980) [1583], *III - INFORMAÇÃO DA MISSÃO DO P. CHRISTOVÃO GOVÊA ÀS PARTES DO BRASIL - ANNO DE 83, - OU NARRATIVA EPISTOLAR DE UMA VIAGEM E MISSÃO JESUÍTICA*. [A00\_0751, p. 173].

Datações	Definições	
cacheira – 1583	Bluteau (1712-1728)	Também era antigamente certa casta de vestidura. Vestidos de, huma Cacheira, muito felpuda. (p. 75, v. 2)
	Silva (1789)	§ Tecido de felpa comprida. (p. 209, v. 1)
	Silva (1813)	§ Tecido de felpa comprida. (p. 316, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. f. (Deriv. de cacha, cousa que encobre, com suffixo <<eira>>). Vestidura antiga e grossa. (p. 18, v. 2)
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	s. f. [...]    <i>Ant.</i> Espécie de tecido de felpa comprida.    Manta ou cobertor desse tecido [...]. (p. 700, v. 2)
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (c1537-1583) veste grosseira, rudimentar ou antiga, gasta ☉ ETIM red. de <sup>2</sup> <i>cachar</i> + <i>-eira</i> ☉ PAR <i>caixeira</i> (f.caixeiro [s.m.]

### CALAMANHA *s. f.*

Contexto: Dous Frontaes de brim dos altares colateraes muito velhos Hum dito de Damasco branco, já muito velho Outro dito de **calamanha** prata já muito velho Outro dito de xita com ramos encarnados e franjas verdes. JERONYMO ALVARES DE CARVALHO (1997) [1764], *INVENTARIO DOS BENS PERTENCENTES A IGREJA PAROCHIAL DESTA VILLA DE CYNTRA FEITA AO 1 DE JANEIRO DE 1764* [A00\_2504, p. 91].

Datações	Definições	
calamanha – 1764 calamânia – 1769	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	NE
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (do fr. <i>calamande</i> ?) Tecido pouco apreciado e que se usou no século XVIII. (p. 746, v. 2)
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

### DUQUEZA *s. f.* [VOLP: duquesa]

Contexto: [...] 1 p.<sup>s</sup> de **duqueza** escarllete por 15.500 [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARDUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 34].

Datações	Definições	
duqueza – 1727	Bluteau (1712-1728)	Duqueza, também he o nome de certo panno de laã. (p. 312, v. 3)
	Silva (1789)	s. f. [...] Certo tecido de laã. (p. 458, v. 1)
	Silva (1813)	s. f. [...] § Certo tecido de laã. (p. 643, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	— Duqueza tecido de lâ especial e conhecido no commercio por este nome. (p. 1148 v. 2)
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	s. f. (de <i>duque</i> ). [...]    Espécie de tecido antigo [...]. (p. 178, v. 4)
	Ferreira (2004)	<b>Duquesa</b> . Substantivo masculino. [...] 3.Espécie de cetim de seda.
	Houaiss (2009)	<b>Duquesa</b> . 5 TÊXT espécie de seda com um lado fosco e outro brilhante; cetim

**DURANTE** *s. m.*

Contexto: [...] Cov.<sup>os</sup> de **durante** branco [...]. DOM ANTONIO DE SOUZA MOURAM (1906) [1769], *EXPEDIÇÃO DE GUARAPUAVA MATRICULA DA TROPA E DESPESA FEITA COM ELLA 1769 —1775 REGISTO DA ORDEM DO ILLMO E EXMO SNR. GENERAL* [M00\_0041, p. 98].

Datações	Definições	
durante – 1769	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	s. m. Droga estreita, e rara de laã, rasa, ou sem frisa. (p. 459, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. Droga estreita, e rara de laã, rasa, ou sem frisa. (p. 643, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	— s. m. Droga estreita de lâ, rasa ou sem frisa. (p. 1148, v. 2)
	Figueiredo (1899)	[...] m. tecido de lan, lustrôso como setim. (p. 467, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. Tecido de lâ, lustroso como cetim. (p. 179, v. 4)
	Ferreira (2004)	[Do it. ant. <i>durante</i> .] Substantivo masculino. 1.Tecido de lâ lustroso como cetim.
	Houaiss (2009)	NE

**LONDRES** *s. m.*

Contexto: A minima parte destas drogas gasta o nosso Portugal o mais sacão os estrangeiros por troco das roupas e mantimentos de q̃ o R<sup>no</sup> padece falta, e como estas ja não poderia escuzar, permanecendo no luxo das olandas, Cambraes, **londres**, galas; sê tornar ao parco uso dos antigos (que ja sera impossuiel) contentandose de seu linho beiraõ e Lam d'Alemtejo. desconhecido (1958) [1607], *MEMORIAL DO ESTADO DO BRASIL PARA SUA MAJESTADE. CONTÉM MINUCIOSA INFORMAÇÃO SÔBRE OS DANOS DA NAVEGAÇÃO DO BRASIL, REMÉDIO ÚTIL E SUAS CONVENIÊNCIAS - A ORGANIZAÇÃO DE FROTAS COMBOIADAS - 1627 (131)* [A00\_2113, p. 316-317].

Datações	Definições	
londres – 1607	Bluteau (1712-1728)	NE Cita-se <i>pano Londres</i> no verbete de <b>pano</b> .
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE

	Vieira (1871-1874)	NE
	Figueiredo (1899)	Espécie de tecido antigo, fabricado em Londres. (De <i>Londres</i> , n. p.) (p. 59, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (de <i>Londres</i> , top.). Espécie de tecido antigo, que se fabricava em Londres. (p. 298, v. 6)
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

### OSTEDA *s. f.*

**Contexto:** Uma vestimenta de **osteda** com estóla, manipulo, almofada para o Missal, e bolsa de corporais com três véus de calices de nobrêsa, branco, vermelho e rôxo, tudo com guarnições de retrós côr de ouro. Um frontal da dita **Osteda** com as mesmas guarnições e franjas de retrós côr de ouro, para servir, das ditas três côres branca, vermelha e rôxa, como também a casula, e seus pertences. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00\_0333, p. 381].

Datações	Definições	
osteda – 1750	Bluteau (1712-1728)	<b>Usteda.</b> Certo panno de lãa. Usteda de festo, Usteda ordinaria sem festo, Usteda estreita, &c. (p. 598, v. 8) <b>Usteda de festo.</b> Certo panno de seda, adamascado, ou com ramos de outra cor. Ha outra casta de Ustedas. (p. 315, v. 9)
	Silva (1789)	<b>Usteda.</b> <i>s. f.</i> huma droga de lã com festo, ou sem elle. (p. 504, v. 2)
	Silva (1813)	<b>Husteda.</b> " <i>Hustedas, e hustedilhas</i> ; droga de lã;" <i>Artigos das Cizas</i> , cap. 53. (p. 123, v. 2) <b>Osteda.</b> <i>s. f.</i> Estofa antigo de França. <i>Ord. Af. 4. 55.</i> Ou de <i>Ostende</i> . (p. 374, v. 2)
		<b>Usteda.</b> <i>s. f.</i> Huma droga de lã com festo, ou sem elle. (p. 824, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<b>Husteda.</b> <i>s. f.</i> Certa droga de lã. (p. 995, v. 3) <b>Osteda.</b> <i>s. f.</i> Estofa antigo de Ostende, cidade na Flandres occidental. (p. 593, v. 4)
		<b>Usteda.</b> <i>s. f.</i> Uma droga de lã com festo, ou sem elle. (p. 865, v. 5)
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	<i>s. f. Ant.</i> Espécie de tecido. (p. 593, v. 7)
Ferreira (2004)	NE	
Houaiss (2009)	NE	

### PECOTILHO *s. m.* [VOLP: picotilho]

**Contexto:** [...] 8 peças de baregana de França azul ferete e cor de **pecotilho** pois se gastão bem [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 265].

Datações	Definições	
pecotilho - 1725	Bluteau (1712-1728)	<b>Picotilho.</b> Burel fino. (p. 137, v. 9)
	Silva (1789)	<b>Picotilho.</b> <i>S. m.</i> burel menos grosseiro. (p. 201, v. 2)
	Silva (1813)	<b>Picotilho.</b> <i>S. m.</i> burel menos grosseiro. (p. 450, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<b>Picotilho.</b> <i>S. m.</i> Picote de qualidade inferior. (p. 801, v. 4)
	Figueiredo (1899)	<b>Picotilho.</b> <i>m.</i> pano picôto menos grosso que o picote. (De <i>picote</i> <sup>1</sup> ). (p. 318, v. 2)

Silva (1949-1959)	<b>Picotilho.</b> <i>S. m.</i> (de <i>picote</i> ). Pano picoto, menos grosseiro que o picote [...] (p. 259, v. 8)
Ferreira (2004)	<b>Picotilho.</b> [Do esp. <i>picotillo</i> .] Substantivo masculino. 1. Picote menos grosseiro e de melhor qualidade.
Houaiss (2009)	<b>Picotilho.</b> <i>s.m.</i> (1789) picote ('certo pano') de melhor qualidade © ETIM esp. <i>Picotillo</i> de <sup>1</sup> <i>picote</i>

**PICARO** *s. m.* [VOLP: picaró]

Contexto: [...] 6 pecas de **picaros** e fitas de largura de 1 dedo athe 2 estas sejam sortidas de cor de fogo encarnadas e azuis e cor de ouro e amarellas [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 266].

Datações	Definições	
picaro – 1725	Bluteau (1712-1728) NE	
	Silva (1789) NE	
	Silva (1813) NE	
	Vieira (1871-1874) NE	
	Figueiredo (1899)	m. (ant.) o mesmo que <i>picó</i> ? "...atados com dois bocados de picó azul, que já se não chamão fitas de <i>picaró</i> ". <i>Anatomico Joc.</i> , o, 75. (p. 317, v. 2)
		<b>Picó.</b> m. (des.) espécie de pano, o mesmo que <i>picote</i> <sup>1</sup> . (p. 317, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> Certo tecido antigo [...] (p. 252, v. 8)
	Ferreira (2004) Houaiss (2009)	NE NE

**SAETA** *s. f.*

Contexto: [...] 4 p.<sup>s</sup> de **saeta** [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 34].

Datações	Definições	
saeta – 1727	Bluteau (1712-1728)	Panno de lã de Inglaterra, mais fino que sarafina, muy usado, e de todos conhecido. (p. 189, v. 9)
	Silva (1789)	v. <i>saieta</i> <b>Saieta.</b> <i>S. f.</i> huma droga de lã de forrar vestidos. (p. 367, v. 2)
	Silva (1813)	V. <i>Sayeta</i> , melh. Ort. V. <i>Saiêta</i> . <b>Saieta.</b> <i>S. f.</i> Huma droga de lã de forrar vestidos. ( <i>Sayeta</i> melh. Ortgr.) (p. 657, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	Vid. <i>Saieta</i> <b>Saieta.</b> <i>S. f.</i> Certa droga de lã de forrar vestidos. (p. 378, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<b>Saiêta.</b> f. tecido de lan, próprio para forros. ( <i>De saia</i> ). (p. 491, v. 2)
		<i>s. f.</i> Tecido antigo [...] (p. 799, v. 9)
	Silva (1949-1959)	<b>Saieta.</b> <i>S. f.</i> (de <i>saia</i> ). Tecido de lã, próprio para forros. (p. 812, v. 9)
	Ferreira (2004)	<b>Saieta.</b> [De <i>saia</i> + <i>-eta</i> (ê).] Substantivo feminino. 1. Tecido de lã apropriado para forros.
	Houaiss (2009)	<b>Saieta.</b> <i>S.f.</i> (1785) TÊXT tecido leve de lã us. Para forros; saeta © ETIM fr.ant. <i>sayette</i> , dim. De <i>saie</i> ,sarja de lã', do lat.medv. <i>sagia</i> ,id.', neutro pl. Substv. E posteriormente



tornado fem. Do lat.medv. *sagium,ii* ,espécie de tecido',  
der. Do lat. *Sagum,i* ,saio, espécie de manto gaulês'

### SARGETA *s. f.* [VOLP: sarjeta]

Contexto: [...] hum vistido de home de chonbalote de seda negro Roupeta calcão E gibão e capa de **sargeta** en sua avaliasão de doze mil rz [...]. MARIA DA SILVA [1655], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARIA DA SILVA (1655)* [A00\_0756, p. 191].

Datações		Definições
sargeta – 1655 sarjeta – 1655	Bluteau (1712-1728)	<b>Sargeta</b> Imperial. Panno de lã de cordão fino. (p. 198, v. 9)
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	<b>Sargeta</b> . <i>s. f.</i> Diminutivo de sarja. Genero de tecido de lã de cordão fino. (p. 412, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<b>Sargêta</b> , ou antes, <b>sarjêta</b> . <i>f.</i> sarja estreita <i>ou</i> delgada. (De <i>sarja</i> <sup>2</sup> ). (p. 505, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (de <i>sarja</i> ). [...] Sarja estreita ou delgada. (p. 929, v. 9)
	Ferreira (2004)	[De <i>sarja</i> <sup>1</sup> + <i>-eta</i> (ê).] Substantivo feminino. 1. Sarja estreita ou delgada
	Houaiss (2009)	<i>s.f.</i> (1728) sarja ('tecido') estreita ou pouco encorpada

### SERAFINA *s. f.*

Contexto: [...] foi avaliada hua capa de **serafina** Roxa em dous cruzados [...]. GASPAR DIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAR DIAS PERES (1654)* [A00\_0755, p. 18].

Datações		Definições
serafina – 1654 sarafina – 1699	Bluteau (1712-1728)	<b>Serafina</b> , ou Sarafina. Panno. (p. 206, v. 9) <b>Sarafina</b> , ou Serafina. Chamaõlhe outros perpetuana apicotada; porque Picote he burel fino. (p. 197, v. 9)
	Silva (1789)	<b>Serafina</b> . <i>S. f.</i> Hum tecido de lã delgada para forros, cortinas, &c. (p. 394, v. 2)
	Silva (1813)	<b>Serafina</b> . <i>S. f.</i> Hum tecido de lã delgada para forros, cortinas, &c. (p. 691, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<b>Serafina</b> . <i>S. f.</i> Um tecido de lã delgada para forros, cortinas, etc. (p. 498, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<b>Serafina</b> . <i>f.</i> tecido de lan próprio para forros; espécie de baêta encorpada, geralmente com desenhos ou debuxos. (p. 525, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<b>Serafina</b> . <i>S. f.</i> Tecido de lã, próprio para forros.    Espécie de baeta encorpada, geralmente com desenhos e debuxos [...]. (p. 96, v. 10)
	Ferreira (2004)	<b>Serafina</b> . Substantivo feminino. 1. Tecido de lã usado para forros e entretelas. 2. Espécie de baeta encorpada, geralmente com desenhos ou debuxos.
	Houaiss (2009)	<b>Serafina</b> . <i>S.f.</i> (1728) <b>1</b> TÊXT tecido de lã próprio para forros e entreforros <b>2</b> TÊXT variedade de baeta espessa, ger. Com desenhos ou debuxos

### iii. Dos linifícios

#### CAMBRAETA *s. f.* [VOLP: cambraieta]

Contexto: [...] as doze barricas de breu por de todo não ser genero q. nesta tenha sahida e por não queremos ariscar mais fazendas em huma embarcação não carregamos tãoobem huma boa parte das **cambraetas** q. estas tãoobem se não fala muito nelas e p.<sup>a</sup> não empataremos a sua venda [...] PEDRO FRZ. DE ANDADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARDUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 32].

Datações	Definições
cambraeta – 1727 cambraetta – 1727	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) <b>Cambraieta</b> . s. f. cambraia inferior. (p. 221, v. 1)
	Silva (1813) <b>Cambraieta</b> . s. f. Cambraya inferior. (p. 330, v. 1)
	Vieira (1871-1874) <b>Cambraiêta</b> . s. f. [...] Cambraia de inferior qualidade. (p. 64, v. 2)
	Figueiredo (1899) <b>Cambraiêta</b> . f. cambraia ordinária. (De <i>cambraia</i> ). (p. 237, v. 1)
	Silva (1949-1959) <b>Cambraieta</b> . s. f. Cambraia inferior, ordinária. (p. 798, v. 2)
	Ferreira (2004) <b>Cambraieta</b> . [De cambraia + -eta (ê).] Substantivo feminino. 1. Tecido semelhante à cambraia, porém menos fino; 2. Cambraia ordinária.
Houaiss (2009) <b>Cambraieta</b> . s.f. (1718) TÊXT 1 cambraia comum (de linho ou algodão), de má qualidade 2 tecido semelhante à cambraia, mas de fios mais grossos e menos numerosos © ETIM <i>cambraia</i> + -eta	

#### GUIMARÃES *s. m.*

Contexto: Vieram vinte e cinco arrateis que repartimos, vendo-nos obrigado a desfazer de toalhas e guardanapos de **Guimarães**, que conservavamos em folha para nosso uso. D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ 1869) [1762], *VIAGEM E VISITA DO SERTÃO EM O BISPADO DO GRÃO-PARÁ EM 1762 E 1763: ESCRIPTA PELO BISPO D. FR. JOÃO DE S. JOSÉ*. [A00\_0740, p. 74].

Datações	Definições
guimarães – 1762	Bluteau (1712-1728) <i>Aparece somente como nome de uma cidade portuguesa.</i>
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

#### RUÃO *s. m.*

Contexto: [...] 82 pessas panicos com 172 cov<sup>s</sup> de ba ..... e 1.968 1/2 varas de **ruão** branco de avaria ..... tudo isto se fes a conta q. nos pagou e importou em 2.128.393 r.<sup>s</sup> [...]. DAMIÃO NUNES DE BRITTO, JOSEPH MEIRA E PEDRO FRANCISCO DE ANDRADE (1973) [1726], *CARTAS* [A00\_0866, p. 283].

Datações	Definições
ruão – 1726 roão – séc. XVIII	Bluteau (1712-1728) [...] Ruaõ também se chama certo genero de lenço, que se faz na Cidade, & contorno de Ruaõ. (p. 391, v. 7)



ruam – 1728		<b>Ruaõ</b> de sello, e Ruaõ de cofre. He hum panno de linho muito alvo, semelhante ao crè, o qual he de varias castas, e se fabrica em Ruão de França. (p. 187, v. 9)
	Silva (1789)	s. m. panno de linho tosado, e talvez tinto que serve para forros de vestidos. (p. 359, v. 2)
	Silva (1813)	s. m. Panno de linho tosado, e talvez tinto, que serve para forros de vestidos. (p. 647, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. m. [...] Panno de linho tosado que se fabrica em Ruão. (p. 348, v. 5)
	Figueiredo (1899)	m. Espécie de tecido de linho, que se fabricava em Ruão. (Do fr. <i>Rouen</i> , n. p.) (p. 481, v. 2)
	Silva (1949-1959)	s. m. (de <i>Ruão</i> , top.). Espécie de tecido de linho que se fabricava em Ruão [...]. (p. 725, v. 9)
	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. 1. Tecido de linho que se fabricava em Ruão (França).
	Houaiss (2009)	s.m. (1561) TÊXT tecido colorido de linho ou algodão, originariamente fabricado em Ruão (Rouen), França, no sXIV ☉ ETIM top. <i>Ruão</i> adp. Do fr. <i>Rouen</i> , cidade francesa onde se fabricava esse tecido

#### iv. Dos seríceos

##### BRILHANTE s. m.

Contexto: [...] hei por bem ordenar que todas as fabricas, manufacturas ou teares de galões, de tecidos ou de bordados de ouro e prata; de veludos, **brilhantes**, setins, tafetas ou de outra qualquer qualidade de seda [...]. DOM FREI MANOEL DA CRUZ.. (1865) [1752], *COPIA DO REQUERIMENTO QUE O BISPO DE MARIANNA FEZ, COM DATA DE 13 DE ABRIL DE 1752* [A00\_0725, p. 211].

Datações	Definições
brilhante – 1752	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

##### BROCADO s. m.

Contexto: E acabado o offertorio se assentou elle em huma cadeira no degrao do altar com a mitra de **brocado** na cabeça, e assi elle como os dous, scilicet, diacono e subdiacono, revestidos de vestimenta e dalmaticas de veludo verde e sabastros de brocado muyto rico [...] P. LEONARDO DO VALE (1956) [1561], *CARTA DO P. LEONARDO DO VALE POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AO P. DIEGO LAYNES, BAÍA 23 DE SETEMBRO 1561* [A00\_0055, p. 447].

Datações	Definições
brocado – 1561	Bluteau (1712-1728) Panno de seda corpulento, cõ floroes de outro, ou prata. (p. 196, v. 2)

borcado – 1764	Silva (1789)	s. m. tela de seda entretecida de oiro, de varias sortes, a mais preciosa, he a que tem recamo de oiro relevado, e se diz <i>brocado de tres altos</i> . (p. 199, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. Tela de seda entretecida de oiro, de varias sortes; a mais preciosa é a que tem recamo de oiro relevado, e se diz <i>brocado de tres altos</i> . (p. 303, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. m. (De broca, que significa primeiramente <i>instrumento de picar</i> , assim brocado, <i>estôfo picado</i> ). Estôfo tecido d'uma mistura de diferentes cores, e d'ouro ou prata, com flores e figuras. (p. 824, v. 1)
	Figueiredo (1899)	m. estôfo entretecido de sêda e fios de oiro <i>ou</i> prata, com figuras <i>ou</i> flôres em relêvo. (It. <i>broccato</i> ). (p. 211, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. (do fr. <i>brocart</i> . ou do it. <i>broccato</i> ). Tela de seda entretecida de ouro ou prata, de várias sortes [...] A espécie mais preciosa é a que tem recamo de ouro relevado e se diz <i>brocado-de-três-altos</i> . (p. 625, v. 2)
	Ferreira (2004)	[Do it. <i>broccato</i> .] Substantivo masculino. 1. Rico tecido de seda com desenhos em relevo realçados por fios de ouro ou de prata. 2. P. ext. Qualquer tecido que, por seu lavor, se assemelha ao brocado (1), ou o faz lembrar.
	Houaiss (2009)	<i>adj.s.m.</i> (1452) TÊXT <b>1</b> diz-se de ou tecido de seda com largos relevos bordados a ouro e/ou prata <b>2</b> diz-se de ou estofa lavrado com fios de ouro e/ou prata <b>2.1</b> diz-se de ou estofa de rica seda sem fios metálicos <b>3</b> <i>p.ext.</i> diz-se de ou qualquer tecido que imite ou se assemelhe ao brocado n <i>adj.</i> <b>4</b> bordado como o brocado ⊙ ETIM it. <i>broccato</i> 'fazenda bordada' ⊙ PAR <i>brocardo</i> (s.m.)

### CHAMALOTE s. m.

Contexto: [...] umas e outras da feição do **chamalote**; e umas e outras tem o cheiro suavíssimo [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *DAS ARVORES MEANS COM DIFFERENTES PROPRIEDADES, DOS CIPÓS E FOLHAS UTEIS (PARTE SEGUNDA - TITULO 9)*. [A00\_0185, p. 253].

Datações	Definições
chamalote – 1587 chonbalote – 1655 chamalotte – 1699 xamalote – 1756	Bluteau (1712-1728) Chamalôte, ou chamelote. Por se chamar em alguns Autores da Baixa Latinidade <i>Camellotus</i> , entenderão alguns que Chamelôte é um tecido de pellos de <i>Camelo</i> . [...] Querem outros, que este tecido se faça do pello de certa casta de bôdes, & por isso lhe chamão <i>Pannus à villo caprinus contextus</i> , i. Chamalôte com agoas. <i>Pannus è villis bircinis undulatus</i> . Também há chamalôte de lã, sem agoas. (p. 268, v. 2)
	Silva (1789) s. m. seda, com aguas. § Tecido de lã de camelo. (p. 260, v. 1)
	Silva (1813) s. m. Seda, com aguas. § Tecido de lã de camelo. (p. 381, v. 1)
	Vieira (1871-1874) s. m. (o hespanhol tem <i>camelote</i> , o francez <i>camelot</i> ; o baixo latim <i>camelotum</i> , <i>camalaucum</i> , de <i>camelus</i> , camêlo, porque este estôfo era primeiramente feito de lã de camêlo. [...]). Tecido de lã, ou pello de cavallo; especie de tecido de lã, algumas vezes misturado com seda. [...] — Sêda ondeada. — Outra fôrma da mesma palavra menos usada é Chamelote. (p. 189, v. 2)
	Figueiredo (1899) m. tecido de pêlo <i>ou</i> lan, geralmente com sêda. (B. lat. <i>camelotum</i> ). (p. 282, v. 1)

	Silva (1949-1959)	s. m. (etim. obsc.). Tecido de lã de camelo.    Tecido de pêlo ou lã geralmente com seda.    Obs. Segundo a <i>Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira</i> , do latim medieval <i>camelotum</i> , através duma forma francesa. A palavra designa estofa, primitivamente feito de lã de camelo, e depois de pêlo de cavalo, e, algumas vezes, misturado com seda. Havia-os de várias cores [...]. (p. 20, v. 3)
	Ferreira (2004)	[Var. de chamelote.] Substantivo feminino. 1. Tecido em que a posição do fio produz um efeito ondeado. 2. Tecido de lã de camelo. 3. Tecido de pêlo ou de lã, em geral com mistura de seda: “em grossas pregas arqueadas caía-lhe dos quadris a sobre-saia de chamalote claro” (Afonso Arinos, <i>Pelo Sertão</i> , p. 143).
	Houaiss (2009)	s.m. (sXV) TÊXT <b>1</b> fazenda de textura similar à do tafetá, cuja trama produz efeitos ondulados no lado direito do tecido <b>2</b> tecido grosso originário do Oriente feito com pelos de camelo e, por vezes, de cavalo <b>3</b> <i>p.ana.</i> tecido feito com pelos de cabra misturados ou não com lã <b>4</b> <i>p.ana.</i> tecido de lã entretecida com fios de seda © ETIM fr. <i>camelot</i> 'tecido grosso de pelo de camelo ou, mais tarde, de pelo de cabra'

#### DAMASCO s. m.

Contexto: [...] revestidos de vestimenta e dalmaticas de veludo verde e sabastros de brocado muyto rico, que foy da capella d’El-Rey, afora outros 4, que estavam ao redor d’elle, vestidos com capas novas de **damasco** branco, com os capellos e sabastros ou barras de veludo carmezim. P. LEONARDO DO VALE (1956) [1561], *CARTA DO P. LEONARDO DO VALE POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AO P. DIEGO LAYNES, BAÍA 23 DE SETEMBRO 1561* [A00\_0055, p. 447].

Datações	Definições	
damasco – 1561 damafco – 1707	Bluteau (1712-1728)	seda de lavores, entre tafetá, & raso, assi chamado, porque a invenção veyo da Cidade de Damasco. Há Damascos de seda de castella, & Itáia, & Damascos da Índia ordinarios; Damasco tecido com ouro, & prata, <i>Damasco</i> Carmezim, Damascos, ditos grandes, &c. (p. 6-7, v. 3)
	Silva (1789)	s. m. Tecido de seda, lençaria, lã, de sorte que parte d’elle fica lizo, e setinado, a outra de superficie aspera, fazendo a diferença vários lavores. (p. 359, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. Tecido de seda, lençaria, lã, de sorte que parte d’elle fica lizo, e setinado, a outra de superficie aspera, fazendo a diferença vários lavores. (p. 509, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	s. m. [...] — Tecido de seda, linho, algodão ou lã com lavores, fabricada primeiramente na cidade de Damasco, d’onde o trouxeram os genoveses. (p. 694, v. 2)
	Figueiredo (1899)	[...] tecido de seda com tafetá, fabricado primitivamente em Damasco; tecido, imitando damasco. (De <i>Damasco</i> , n. p.) (p. 377, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. (de <i>Damasco</i> , top.) [...]    Tecido de seda com desenhos acetinados em fundo não brilhante [...] Estofa de lã, linho ou algodão, imitante a damasco de seda [...]. (p. 803, v. 3)
	Ferreira (2004)	[Do top. ár. <i>dimasq</i> , nome da cidade de Damasco (Síria atual).] Substantivo masculino. 2. Tecido de seda encorpada, de uma só cor, com fundo fosco e desenhos acetinados, que era us. Em trajes de aparato e, atualmente,

		esp. Em estofos de luxo: “Um longo vestido de damasco preto, liso, .... desenha-lhes as formas esbeltas” (Ramalho Ortigão, A Holanda, p. 159).
	Houaiss (2009)	s.m. (1498) <b>1</b> TÊXT tecido de seda ornado, em alto-relevo, com fios para cetim ou tafetá, originário da cidade de Damasco (Síria); adamascado <b>2</b> p.ext. TÊXT tecido de lã, linha ou algodão que imita o original ☉ ETIM top. <i>Damasco</i> < lat. <i>Damascus</i> , i 'Damasco, cidade da Síria'

### DAMASQUILHO s. m.

Contexto: [...] foi avaliado hum vestido de Raxetta calção e Roupetta e jubão de pano de algodão listrado com huas mangas de **damasquilha** verde em sua avaliação por dous mil e oito sentos Reis [...]. GASPAS DIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAS DIAS PERES (1654)*[A00\_0755, p. 18].

Datações	Definições	
damasquilha – 1654	Bluteau (1712-1728)	Panno de seda a modo de Damasco, mas mais leve. (p. 7, v. 3)
	Silva (1789)	s. m. Damasco ligeiro; droga de seda. (p. 359, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. Damasco ligeiro; droga de seda. (p. 509, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	Diminutivo de Damasco. Tecido de seda ou de lã adamascado, e de menos corpo que o damasco ordinario. (p. 694, v. 2)
	Figueiredo (1899)	m. tecido adamascado. (De <i>damasco</i> ). (p. 377, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. (de <i>damasco</i> ). Tecido adamascado, de seda ou lã, e de menos corpo que o damasco e o damasquete. (p. 803, v. 3)
	Ferreira (2004)	[De <i>damasco</i> + <i>-ilho</i> .] Substantivo masculino.1.Tecido adamascado; damasquim.
	Houaiss (2009)	s.m. (1556) TÊXT tecido de seda ou lã, menos encorpado, que imita o damasco (,tecido'); damasquim ☉ ETIM <i>damasco</i> + <i>-ilho</i>

### ESPERREGÃO s. m. [VOLP: esparragão]

Contexto: [...] 258 cov.<sup>s</sup> e 1/4 de **esperregão**; alvadio; pardo; e cor de fogo [...]. FRAN.co VIEGAS DE AZEV.o (1973) [1742], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0444, p. 373].

Datações	Definições	
espermegoins – 1725 esperregão – 1742	Bluteau (1712-1728)	<b>Esparragaõ</b> . Pano de seda com lavor muy miudinho, serve para forros de vestido. (p. 402, v. 9)
	Silva (1789)	<b>Esparragaõ</b> . S. m. Sorte de seda de forrar vestidos. (p. 546, v. 1)
	Silva (1813)	<b>Esparragaõ</b> . S. m. Sorte de seda de forrar vestidos. (p. 756, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<b>Esparragaõ</b> . S. m. Especie de estofa de seda, que fórma um tecido mais forte que o tafetá dobrado, e com que se forram vestidos. (p. 323, v. 3)
	Figueiredo (1899)	<b>Esparragaõ</b> . m. (ant.) tecido de sêda, que se usava em forros de vestidos. (p. 550, v. 1)
	Silva (1949-1959)	NE
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

**NOBREZA** *s. f.*

**Contexto:** [...] 5 p.<sup>s</sup> de **nobreza** de cores [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 34].

Datações	Definições
nobreza – 1727 nobreza – 1750	Bluteau (1712-1728) [...] Nobreza tambem he o nome de certo panno de seda. (p. 732, v. 5)
	Silva (1789) [...] § Huma fazenda de seda vulgar. (p. 116, v. 2)
	Silva (1813) [...] § Uma fazenda de seda vulgar. (p. 344, v. 2)
	Vieira (1871-1874) s. f. [...] Uma fazenda de seda vulgar. (p. 444, v. 4)
	Figueiredo (1899) f. ....* variedade de tecido de sêda. (p. 838, v. 2)
	Silva (1949-1959) s. f. (de <i>nobre</i> ).    <i>Ant. E Bras.</i> Certo tecido de seda [...]. (p. 297, v. 7)
	Ferreira (2004) [De <i>nobre</i> + <i>-eza</i> .] Substantivo feminino. [...] 7. <i>Ant.</i> Certo tecido de seda © ETIM <i>nobre</i> + <i>-eza</i>
	Houaiss (2009) s.f. (sXIII) [...] 7 <i>ant.</i> tecido de seda

**PINHOELA** *s. f.*

**Contexto:** [...] a Roupeta forrada as abas de tafeta preto E huas mangas de **pinhoela** pretas tudo en sua avaliação de doze mil rs [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 275].

Datações	Definições
pinhoela – 1654 pinhuella – 1654	Bluteau (1712-1728) Pano de seda, sobre o qual estão huns 00, a modo de olhos, que faz hua sedasinha levantada. (p. 514, v. 6) <b>Pinhoela.</b> Panno de seda, lavrado com fundos lizos, e ramos miudos, avelutado. Fabrica-se no Reino da Cidade de Bragança. (p. 139, v. 9)
	Silva (1789) s. f. seda com huns círculos ilcíooos. (p. 203, v. 2)
	Silva (1813) s. f. Seda com uns círculos ilcíooos. (p. 453, v. 2)
	Vieira (1871-1874) s. f. Seda com uns círculos avelludados. (p. 806, v. 4)
	Figueiredo (1899) f. tecido de sêda, com círculos avelludados. (p. 322, v. 2)
	Silva (1949-1959) s. f. <i>Ant.</i> Tecido de seda, com círculos aveludados. (p. 296, v. 8)
	Ferreira (2004) Substantivo feminino. 1. Antigo tecido de seda com círculos aveludados.
	Houaiss (2009) s.f. (sXVII) antigo tecido de seda ornado com círculos aveludados © ETIM orig.obsc.

**PRIMAVERA** *s. f.*

**Contexto:** [...] 4 pecas de **primaveras** pretas com bons padrois de Itallia e boas na qualidade [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 265].

Datações	Definições
primavera – 1725 seda de primavera – séc. XVIII	Bluteau (1712-1728) [...] Certo panno de seda, a que se deu este nome por ser semeado de flores, artificiosamente tecidas. (p. 735, v. 6)
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE

	Vieira (1871-1874)	s.f. [...] — Certo panno de seda, de folhagens, flores, e matizes. (p. 935, v. 4)
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	s. f. [...] Espécie de tecido de seda ornado de flores e matizes. (p. 690, v. 8)
	Ferreira (2004)	<b>Primavera-de-flores.</b> Substantivo feminino. 1. Certo antigo tecido de seda.
	Houaiss (2009)	s.f. (1563) [...] <b>p. de flores</b> antigo tecido de seda

**TABI** *s. m.*

Contexto: [...] hum armador de **tabi** branco, E acabelado em sua avaliação de quatro mil rs 4000 [...]. MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 275].

Datações		Definições
tabi – 1654	Bluteau (1712-1728)	<b>Tabî.</b> Panno de seda. He hum tafetâ grosso, passado por hum instrumento Cylindrico, a que chamão <i>Calandra</i> , do qual recebe huns reflexos a modo de ondas. (p. 7, v. 8)
	Silva (1789)	s. m. tafetá grosso ondado. (p. 438, v. 2)
	Silva (1813)	s. m. Tafetá grosso ondado. (p. 748, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. m. [...] Tafetá grosso ondado. (p. 658, v. 5)
	Figueiredo (1899)	m. Espécie de tafetá grôss. (Do ár. <i>atabi</i> ) (p. 579, v. 2)
	Silva (1949-1959)	s. m. (do ár. <i>atabi</i> ). Espécie de tafetá grosseiro e ondelado. (p. 579, v. 10)
	Ferreira (2004)	[Do top. ár. <i>atabi</i> , subúrbio de Bagdá onde se fabricava esse tecido.] Substantivo masculino. 1.Desus. Certo tafetá grosso e ondeado.
	Houaiss (2009)	s.m. (sXIV) TÊXT certo tipo de tafetá, grosso e com ondas © ETIM top. ár. <i>Hatábí</i> , bairro de Bagdá em que esse tipo de tecido era fabricado

**VELUDO** *s. m.*

Contexto: [...] revestidos de vestimenta e dalmaticas de **veludo** verde e sabastros de brocado muyto rico, que foy da capella d’El-Rey, afora outros 4, que estavam ao redor d’elle, vestidos com capas novas de damasco branco, com os capellos e sabastros ou barras de veludo carmezim. P. LEONARDO DO VALE (1956) [1561], *CARTA DO P. LEONARDO DO VALE POR COMISSÃO DO P. LUÍS DA GRÃ AO P. DIEGO LAYNES, BAÍA 23 DE SETEMBRO 1561* [A00\_0055, p. 447].

Datações		Definições
veludo – 1561 velludo – 1587	Bluteau (1712-1728)	[...] He hum panno de seda, felpudo de hũa banda. (p. 391, v. 8)
	Silva (1789)	s. m. seda com pello alto, vulgar. (p. 514, v. 2)
	Silva (1813)	s. m. Seda com pello alto, vulgar. (p. 838, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. m. Sêda com pello alto, vulgar. (p. 895, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<b>Velludo.</b> [...] m. tecido de algodão ou sêda, que de um lado é mais ou menos vellôso e macio [...] (Do lat. <i>vellutus</i> , de <i>vellus</i> ). (p. 686, v. 2)
	Silva (1949-1959)	s. m. (do lat. <i>villutu-</i> ). Tecido de seda ou de algodão, liso ou raso de um lado e de outro coberto de pêlos levantados e muito juntos que estão seguros pelos fios da teia [...]. (p. 581, v. 11)



	Ferreira (2004)	[Do lat. vulg. <i>villutu</i> < <i>villu</i> , 'pêlo', pelo cat. <i>vellut</i> e pelo esp. <i>velludo</i> .] Substantivo masculino. 1. Tecido de seda, algodão ou lã, natural ou sintético, coberto de pêlos cerrados, curtos e presos pelos fios da tela.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (sXV) <b>1</b> tecido natural ou sintético, que tem o avesso liso e o lado de fora coberto de pelos macios, cerrados e curtos

## XII. TECIDOS DE COMPOSIÇÃO VÁRIA

### i. Dos variáveis

#### BRIM *s. m.*

Contexto: [...] 4 p.<sup>s</sup> de **brins** singelos [...]. PEDRO FRZ. DE ANDRADA E JOÃO DA ROZA (1973) [1727], *SOCIEDADE COM OS SRS. HARUVICOS BARCKUSEN* [A00\_0857, p. 34].

Datações	Definições	
brim – 1727	Bluteau (1712-1728)	Lençaria, da qual hã muitas castas. Brim ordinario, Brim fino, largo, grosso, curado, &c. (193, v. 2)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> lençaria de que ha muitas sortes. (p. 198, v. 1)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> Lençaria de que há muitas sortes; é grossa, para navios, &c. (p. 301, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> Espécie de panno crú. Há-o de diferentes qualidades: grosso para vélas de navios, e fino para calças, ceroulas, etc. (p. 822, v. 1)
	Figueiredo (1899)	<i>m.</i> tecido de linho, forte. (Cast. <i>brin</i> , or. incerta). (p. 210, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (do cast. <i>brin</i> ). Tecido forte, número 5 e 6, fabricado de linho ou de algodão, usado sobretudo nos toldos das embarcações, sanepas, velas, etc. (p. 620, v. 2)
	Ferreira (2004)	[Do fr. <i>brin</i> .] Substantivo masculino. 1. Tecido resistente de linho, algodão, fibra sintética, etc.
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1712) <b>TÊXT</b> tecido resistente de linho, algodão, fibra sintética etc. <b>2 b. cru</b> brim grosso, ainda não alvejado, de que se fazem velas, toldos de embarcações etc. • <b>b. misto</b> brim tecido com trama de linho sobre urdimento de algodão, ou que utiliza em sua composição tb. fibra sintética © ETIM fr. <i>brin</i> acp. 'tecido grosso e resistente', de orig.obsc.

#### FUSTÃO *s. m.*

Contexto: [...] de belbutes, chitas, bombasinas, **fustões**, ou de outra qualquer qualidade de fazenda [...]. DOM FREI MANOEL DA CRUZ. (1865) [1752], *COPIA DO REQUERIMENTO QUE O BISPO DE MARIANNA FEZ, COM DATA DE 13 DE ABRIL DE 1752* [A00\_0725, p. 211].

Datações	Definições
fustão – 1752	<b>Fustam.</b> Derivase da palavra Framenga <i>Fustem</i> , que significa o mesmo. De <i>Fustem</i> fizeraõ os italianos <i>Fustana</i> ,

		os Francezes, <i>Futaine</i> , & nós <i>Fustaõ</i> . Estes nomes se derivaõ de <i>Fustat</i> , Cidade do Egypto, abundante em algodão, materia, da qual se faz este genero de panno, & da ditta Cidade <i>Fustat</i> , nos trazem à Europa muyto <i>Fustaõ</i> . (p. 242, v. 4)
	Silva (1789)	s. m. Lençaria de linho, ou algodão fina, tecida de cordão. (p. 646, v. 1)
	Silva (1813)	s. m. Lençaria de linho, ou algodão fina, tecida de cordão. (p. 71, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	NE
	Figueiredo (1899)	m. pano de algodão, linho, sêda ou lan, tecido em cordão. (Do b. lat. <i>fustanum</i> , de <i>fustis</i> ). (p. 644, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. Pano de algodão, linho, seda ou lã, tecido em cordão [...]. (p. 382, v. 5)
	Ferreira (2004)	[De or. obscura.] Substantivo masculino. 1. Tecido natural ou sintético, de algodão, linho, seda ou lã, que apresenta o avesso liso e o direito em relevo, formando cordões justapostos paralelos, ou desenhos variados
	Houaiss (2009)	s.m. (sXV) TÊXT tecido natural ou sintético, de algodão, linho, seda ou lã, encordoadado, que tem o avesso liso e o direito em relevo © ETIM orig.contrv.

**MELANIA** *s. f.*

Contexto: [...] que possuía uma pixide de prata dourada, com manto de **melania** guarnecida de retroz [...]. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], 2.<sup>a</sup> PARTE: BAIXO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO SEGUNDA: DE BARCELOS A POIARES [A00\_2237, p. 474].

Datações	Definições	
melania – s. XVIII	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	s. f. Estofa de lã ou de seda de uma só côr, porém tecido de modo que faz ondas. (p. 189, v. 4)
	Figueiredo (1899)	f. qualidade daquillo que é sombrio ou escuro. (Lat. <i>melania</i> , do gr. <i>melanos</i> ). (p. 112, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<b>Melânia</b> . <i>s. f.</i> Espécie de tecido ondeado, de lã ou seda, próprio para decorações. (p. 648, v. 6)
	Ferreira (2004)	[Do gr. <i>melanía</i> , ‘negrume’.] Substantivo feminino. [...] 2. Tecido ondeado de lã ou de seda, que era usado em decoração.
	Houaiss (2009)	NE

**RISCADO** *s. m.*

Contexto: [...] camizas feitas de pano de linho e pano **riscado** [...]. FRANCISCO MARQUES (1973) [1727], CARTAS DE SAO PAULO. [A00\_0858, p. 42].

Datações	Definições	
riscado – 1791	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	s. m. Tecido com riscas de côres diferentes ao longo, ou de fios metallicos. (p. 311, v. 5)



	Figueiredo (1899)	part. de <i>riscar</i> ; m. tecido de linho <i>ou</i> algodão, com listras de côr [...] (p. 470, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> Tecido de linho ou algodão com listas de cor [...]. (p. 618, v. 9)
	Ferreira (2004)	[Part. de <i>riscar</i> .] Substantivo masculino. 4. Tecido com listras; riscadinho.
	Houaiss (2009)	<i>adj.</i> (1258) [...] <b>3</b> TÊXT adornado com riscos (diz-se de tecido); listrado [...] n <i>s.m.</i> <b>6</b> TÊXT tecido barato de algodão com riscos coloridos; riscadinho

**SARGE** *s. f.* [VOLP: sarja]

Contexto: [...] sendo de Iam o habito de saial preto sera delam omais Leve | que poder ser em razão dos calores da terra com tanto que não seja de **sarja** [...]. JERONIMO ROGERO (1944) [1676], *ASSENTO QUE SETOMOU EMTRE OS OFICIAIS DACAMERA / EO REVERENDO PADRE FREY ANTONIO DAPENHA DE FRAMSA / RELIGIOSO DOS AGOSTINHOS DESCALSOS*. [A00\_1360, p. 190].

Datações	Definições	
sarge – 1627 saria – 1653 sarja – 1676	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	[...] § Tecido leve de seda, ou lã, como huma especie de trançado. (p. 378, v. 2)
	Silva (1813)	[...] § Tecido leve de seda, ou lã, como huma especie de trançado. (p. 670, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. f.</i> Tecido leve de seda, ou lã, como uma especie de trançado. (p. 412, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<i>f.</i> tecido entrançado de sêda <i>ou</i> lan. (Do ar. <i>sardje</i> ). (p. 506, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (do fr. <i>serge</i> , lat. <i>serica</i> ). Tecido de seda, lã ou algodão, entrançado [...]. (p. 929, v. 9)
	Ferreira (2004)	[Do fr. ant. <i>sarge</i> , atual <i>serge</i> .] Substantivo feminino. 1. Tecido entrançado, de seda, lã, ou algodão
	Houaiss (2009)	<i>s. f.</i> (1293) TÊXT tecido entrançado de lã, algodão ou seda, us. para confecção de roupas © ETIM fr. ant. <i>sarge</i> 'id.', lat. vulg. * <i>sarica</i> pelo lat. cl. <i>serica, órum</i> 'estofos ou vestidos de seda', neutro pl. substv. do adj. <i>sericus, a, um</i> 'de seda', em fr. foi tomado como voc. fem.

**VELUDILHO** *s. m.*

Contexto: Vendo que o Dr. Ouvidor tinha hum vestido de **veludilho** cor de roza pintado de preto, e que era o unico na terra passou a comprar da mesma fazenda e a mandar della fazer [...] E.R.M.ce (1960) [1779], 03. REPRESENTAÇÃO DOS MORADORES DE S. JOÃO CONTRA O VIGÁRIO VILASBOAS [A00\_1323, p.195].

Datações	Definições	
veludilho – 1779	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	<b>Velludilho.</b> <i>s. m.</i> Termo usado. Tecido de sêda ou de algodão imitando o velludo, menos coberto e menos encorpado que o velludo. (p. 895, v. 5)
	Figueiredo (1899)	<b>Velludilho.</b> <i>m.</i> velludo de algodão; planta amarantácea. (De <i>velludo</i> ). (p. 686, v. 2)
	Silva (1949-1959)	<i>s. m.</i> (de <i>veludo</i> ). Tecido, semelhante ao veludo, mas menos encorpado [...]. (p. 581, v. 11)

	Ferreira (2004)	Substantivo masculino. 1. Tecido semelhante ao veludo
	Houaiss (2009)	<i>s.m.</i> (1735) <b>1 P</b> tecido semelhante, mas menos encorpado que o veludo

## ii. Dos compósitos

### CATALUFO *s. f.* [VOLP: catalupa]

**Contexto:** [...] hum vistido de pano dalgodão vermelho E preto calção Roupeta E capa, E hu armador de **catalufo** con suas mangas de pinhoela ja uzadas en sua avaliasão de sinco mil rs [...] MARIA DA SILVA [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARTIM RODRIGUES TENÓRIO (1654)* [A00\_0757, p. 275].

Datações	Definições	
catalufo – 1654	Bluteau (1712-1728)	<b>Catalufa.</b> Certo tecido de lã ordinaria, ou de lãa, e prata falsa, ou de algodão, e seda. Dizem outros, que Catalufa he pano urdido de linho, e tecido com lãa, lavrado, e mui vistoso; mas de pouca dura, e hoje pouco usado. (p. 207, v. 9)
	Silva (1789)	<b>Catalufa.</b> <i>s.f.</i> estofa de lãa, e prata falsa; ou de linho, lãa, e prata, vistoso, e de pouca dura. (p. 245, v. 1)
	Silva (1813)	<b>Catalufa.</b> <i>s.f.</i> estofa de lã, e prata falsa; ou de linho, lã, e prata, vistoso, e de pouca dura. (p. 360, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<b>Catalúfa,</b> <i>s. f.</i> Certo estofa antigo. (p. 141, v. 2)
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	<b>Catalufa.</b> <i>s. f.</i> Tecido vistoso de linho ou lã, com fios de prata, e usado antigamente. (p. 1012, v. 2) <b>Catalupa.</b> <i>s. f.</i> Estofa de lã e prata falsa; ou de linho, lã e prata; vistoso e de pouca dura. (p. 1012, v. 2)
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

### DRAGUETE *s. m.* [VOLP: droguete]

**Contexto:** [...] de veludos, brilhantes, setins, ontent ou de outra qualquer qualidade de seda; de belbutes, chitas, bombasinas, fustões, ou de outra qualquer qualidade de fazenda de algodão, ou de linho, branca ou de onte; e de panos, baetas, **droguetes**, saetas, ou de outra qualquer qualidade de tecidos de lãa [...]. DOM FREI MANOEL DA CRUZ. (1865) [1752], *COPIA DO REQUERIMENTO QUE O BISPO DE MARIANNA FEZ, COM DATA DE 13 DE ABRIL DE 1752* [A00\_0725, p. 211].

Datações	Definições	
draguete – 1713 druguete – 1727 druguette – 1727 durguette – 1727 droguete – 1752	Bluteau (1712-1728)	Droguête. Casta de panno, tecido com linho, & laã, ou com linho, & seda. (p. 306, v. 3)
	Silva (1789)	<i>s. m.</i> De lãa estreita, e pouco encorpada; alguns o são mais, e se dizem <i>droguetes pannos, droguete rei.</i> (p. 457, v. 1)
	Silva (1813)	<i>s. m.</i> Tecido de lã estreita, e pouco encorpado; alguns o são mais, e se dizem <i>droguetes pannos, droguete rei.</i> (p. 642, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. m.</i> Tecido de lã estreito e pouco encorporado; alguns são mais cheios e por isso chamam <i>droguetes pannos, droguete rei.</i> — Mais modernamente: estofa tecido de lã e algodão,

		ou de lã, algodão e seda, ou algumas vezes de seda, cujos fios, formando os desenhos brocados, inversamente d'um desenho a outro serem tecidos no fundo do estofado. — Droguete <i>de lã</i> . — Droguete <i>de seda</i> . (p. 1140, v. 2)
	Figueiredo (1899)	m. estôfo ordinário, geralmente de lan. (De <i>droga</i> ). (p. 465, v. 1)
	Silva (1949-1959)	s. m. (de <i>droga</i> ). Estofado ordinário de lã, seda e algodão ou só de lã [...]. (p. 169, v. 4)
	Ferreira (2004)	[Do fr. <i>droguet</i> .] Substantivo masculino. 1. Estofado ordinário, de lã, seda e algodão, ou só de lã.
	Houaiss (2009)	s.m. (1704) TÊXT 1 tecido (de lã, algodão ou seda) de má qualidade e baixo preço 2 ART.PLÁST estofado (de seda, lã ou algodão) guarnecido de desenhos em relevo não tecidos na fazenda

### DROGUETE REI *s. m.*

Contexto: [...] 3 duzias de calços de **dorogete pano** sortido de cores e de **dorogete rei** [...]. FRAN.CO DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 266].

Datações	Definições
dorogete rei – 1725 dorogete rei – 1725	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) s. m. De lã estreita, e pouco encorpada; alguns o são mais, e se dizem <i>droguetes pannos, droguete rei</i> . (p. 457, v. 1)
	Silva (1813) s. m. Tecido de lã estreita, e pouco encorpado; alguns o são mais, e se dizem <i>droguetes pannos, droguete rei</i> . (p. 642, v. 1)
	Vieira (1871-1874) s. m. Tecido de lã estreito e pouco encorporado; alguns são mais cheios e por isso chamam <i>droguetes pannos, droguete rei</i> . (p. 1140, v. 2)
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

### LHAMA *s. f.*

Contexto: Uma Picede ou vaso de comunhão de prata dourada, com seu véu de **lhama** branca com guarnições de ouro, que vai em uma caixa forrada de pelica, e coberta de couro vermelho. FRANCISCO XAVIER DE MENDONÇA FURTADO (1963) [1750], *TRATADO DE 1750: MATERIAL DESTINADO A ATOS RELIGIOSOS* [A00\_0333, p. 380].

Datações	Definições
lhama –1750	Bluteau (1712-1728) <b>Lama</b> ligeira. Lama lavrada. He um pano de seda ligeiro, com plalhera de prata, ou ouro, hoje pouco usado. (p. 544, v. 9)
	Silva (1789) s. f. tela mui lustrosa de fio de prata, ou oiro batido. (p. 19, v. 2)
	Silva (1813) s. f. Tela mui lustrosa de fio de prata, ou oiro batido. (p. 220, v. 2)
	Vieira (1871-1874) s. f. Tecido de fio de prata, ou de ouro batido, etc. (p. 1306, v. 3)
	Figueiredo (1899) f. tecido de fios de prata <i>ou</i> de oiro; <i>ou</i> de cobre prateado <i>ou</i> doirado [...]. (p. 44, v. 2)

	Silva (1949-1959)	<i>s. f.</i> (do cast. <i>llama</i> ). Tecido muito brilhante de fios de prata ou ouro, ou de cobre prateado ou dourado. (p. 224, v. 6)
	Ferreira (2004)	[Do esp. <i>llama</i> , 'chama'.] Substantivo feminino. 1. Tecido de fio de prata ou de ouro
	Houaiss (2009)	<i>s. f.</i> (1789) TÊXT tecido brilhoso, composto ger. de fio de prata ou de ouro, ou ainda de cobre dourado ou prateado © ETIM esp. <i>llama</i> 'língua de fogo'

**MILANEZA** *s. f.* [VOLP: milanesa]

Contexto: [...] foi avaliado outro vestido calção e Roupetta de **milaneza** Roxa em sua avaliação por tres mil Reis [...]. GASPAR DIAS PERES [1654], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE GASPAR DIAS PERES (1654)* [A00\_0755, p. 18].

Datações	Definições
milaneza – 1654	<b>Milaneza.</b> Certo panno, fabricado na Cidade de Milão. (p. 483, v. 5)
	Bluteau (1712-1728) <b>Milaneza.</b> Panno de lã, de tres palmos de largo, lavrado em listras, com raminhos de cores. Serve para sayas de mulheres. (p. 44, v. 9)
	<b>Milão.</b> NE
	Silva (1789) <i>s. f.</i> certo panno tecido em Milão. (p. 82, v. 2)
	<b>Milão.</b> NE
	Silva (1813) <i>s. f.</i> Certo panno tecido em Milão. (p. 299, v. 2)
	<b>Milão.</b> NE
	Vieira (1871-1874) <i>s. f.</i> Especie de panno, cujo fundo é um fio coberto por dous fios de seda, dos quaes um menos comprido que o outro, fórmula sobre o fio um pequeno relevo a distancias iguaes. (p. 239, v. 4)
	<b>Milão.</b> NE
	NE
Figueiredo (1899) <b>Milão.</b> m. tecido de linho, fabricado na cidade do mesmo nome. (p. 130, v. 2)	
Silva (1949-1959) <i>s. m.</i> (de Milão, top.). [...] Certo tecido antigo, cujo fundo é um fio coberto por dois fios de seda, dos quais um menos comprido que o outro forma sobre o primeiro um pequeno relevo a distâncias iguais. (p. 789, v. 6)	
<b>Milão.</b> <i>s. m.</i> Tecido de linho, fabricado na cidade de Milão. (p. 789)	
Ferreira (2004) NE	
Houaiss (2009) NE	

**RENDA** *s. f.*

**Contexto:** [...] 6 duzias de camizas de bertanha com bons pontos e bem feitas e de boa bertanha lizas sem **rendas** 4 pecas de rendas de prata e de ouro sortidas e pontinha não sejam de m.<sup>to</sup> custo [...]. FRAN.co DA CRUZ (1973) [1725], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0435, p. 266]

Datações	Definições
renda – 1725	[...] Certo lavor, que se faz com linhas, & bilros, ou com seda, ou fios de prata, ouro, &c. (p. 245, v. 7)
	Bluteau (1712-1728) <b>Renda.</b> [...] Rendas da Almofada são renda de cadea. Renda de froco, de seda crua, de retroz, de filigrana, de matizes, de tramoya, &c. Rendas de agulha são Rendas de bordados, ponto de Veneza, ponto de Paris, ponto de Genova. Tambem ha rendas de Tear. (p. 177, v. 9)
	Silva (1789) <i>s. f.</i> Tecido de varias larguras, e desenhos feito com fio de seda, linha, ou ouro, e prata, para guarnições de vestidos, para punhos, guarnições de cama, &c. he tecido por huns bilros. (p. 321, v. 2)
	Silva (1813) <i>s. f.</i> Tecido de varias larguras, e desenhos feito com fio de seda, linha, ou ouro, e prata, para guarnições de vestidos, para punhos, guarnições de cama, &c. he tecido por huns bilros. (p. 597, v. 2)
	Vieira (1871-1874) Tecido transparente de varias larguras e desenhos, formado com fio de seda, linha, ou ouro e prata, para guarnições de vestidos, cabeções, para punhos, chapéos de mulher, adornos dos lençoes e travesseiros de cama, etc. (p. 200, v. 5)
	Figueiredo (1899) <i>f.</i> tecido transparente <i>ou</i> obra de malha, com desenhos variados. (De <i>rêde?</i> ). (p. 442, v. 2)
	Silva (1949-1959) <i>s. f.</i> (do germ. <i>Randa</i> ). Trabalho delicado de malha ou tecido aberto, que apresenta desenhos mais ou menos graciosos e que se faz com fios de ouro, prata, seda, linho, algodão, etc. [...]    O mesmo que rede [...]. (p. 419, v. 9)
	Ferreira (2004) [Do esp. <i>randa</i> .] Substantivo feminino. 1. Tecido de malhas abertas e contextura em geral delicada, cujos fios (de linho, algodão, seda, etc.), trabalhados à mão ou à máquina, se entrelaçam formando desenhos, e que é usado para guarnecer ou confeccionar peças de vestuário, alfaias, roupa de cama e mesa, etc. 2. Qualquer lavor ou motivo ornamental à imitação de renda <sup>2</sup> (1); rendado.
Houaiss (2009) <i>s.f.</i> (1209) <b>1</b> tecido transparente de malha aberta, fina e delicada, formando desenhos variados com entrelaçamentos de fios de linho, seda, algodão, ouro etc. aplicado como guarnição de vestidos, alfaias, paramentos etc. [...]. © ETIM esp. <i>randa</i> 'encaixe'	

**TISSO** *s. m.*

**Contexto:** O vento Oefte trazia na cabeça huma caraminholla de **tiffo** branco , coberta de peças de prata , ouro , e diamantes , cingida de huma peluta branca , matifada de nuvens pardas [...]. SIMÃO FERREIRA MACHADO (1967) [1784], *NARRAÇÃO DE TODA ORDEM, MAGNIFICO APPARATO DA SOLEMNE TRASLADAÇÃO DO EUCHARISTICO SACRAMENTO DA IGREJA DA SENHORA DO ROSARIO* [...]. [B00\_0020, p. 49].

Datações	Definições
tiffô – 1784 tisso – séc. XVIII	Bluteau (1712-1728) <b>Tessûm.</b> Antigamente lhe chamavaõ <i>Tela repassada</i> . [...] Vid. Tissú mais abaixo no seu lugar alphabetico. (p. 246, v. 9)
	Silva (1789) <b>Tissû.</b> Tela forte, ou Bordado de ouro. (p. 255, v. 9) <b>Tesum.</b> s. m. tela repassada de oiro, ou prata v. <i>tissú</i> . (p. 456, v. 2)
	Silva (1813) <b>Tissú.</b> s. m. tela forte bordada de ouro. (p. 461, v. 2) <b>Tessúm.</b> s. m. Tela repassada de oiro, ou prata. V. <i>Tissú</i> . (p. 771, v. 2) <b>Tissú.</b> s. m. Tela forte bordada de ouro. (p. 778, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Tessum.</b> s. m. Tela repassada de ouro ou prata. Vid. Tissú, orthographia mais plausivel. (p. 714, v. 5) <b>Tissú.</b> s. m. [...] Tela forte bordada de ouro. (p. 735, v. 5)
	Figueiredo (1899) <b>Tissu.</b> m. (gal. des.) tela de oiro e prata, com flôres lavradas de um e outro lado. (T. fr.). (p. 617, v. 2) s. f. Tecido leve e ralo [...]. (p. 917, v. 10)
	Silva (1949-1959) <b>Tissu.</b> s. m. O mesmo que tisso [...]. (p. 917, v. 10)
	Ferreira (2004) <b>Tissum.</b> s. m. Tecido do século XVIII [...]. (p. 917, v. 10) [Do fr. <i>tissu</i> , poss.] Substantivo masculino. 1. Antigo tecido leve e ralo
	Houaiss (2009) s. m. ant. tecido leve e ralo © ETIM prov. fr. <i>tissu</i> 'tecido', regr. do v. <i>tisser</i> 'fazer um pano cruzando ou entrelaçando fios' < lat. <i>texère</i> 'tecer, fazer tecido' © SIN/VAR <i>tissu</i>

**TRIPE** s. f.

**Contexto:** Doze cadeiras de Cabiuna do Campo com assentos de **tripe** carmezim a tres mil reis cada uma [...]. JOAN B.A LUSTOZA (1936) [1791], *CERTIDÃO DOS AUTOS DE SEQUESTRO A QUE SE PROCEDEU NOS BENS DO REVERENDO VIGARIO CARLOS CORRÊA DE TOLEDO E MELLO* [A00\_0226, p. 395].

Datações	Definições
tripe – 1791	Bluteau (1712-1728) <b>Tripa.</b> Panno tecido de lãa, & de linho, felpudo de hũa banda, & que parece veludo. (p. 295, v. 8)
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) <b>Tripa.</b> s. f. (Do francez <i>tripe</i> ). [...] Panno tecido de lã e linho, felpudo de um lado, e que parece velludo. (p. 823, v. 5)
	Figueiredo (1899) <b>Tripe.</b> s. f. Vid. Tripa (panno). (p. 823, v. 5) <b>Tripe.</b> m. (ant.) espécie de estôfo avelludado. (Fr. <i>tripe</i> ). (p. 648, v. 2)
	Silva (1949-1959) <b>Tripe.</b> s. m. (do fr. <i>tripe</i> ). Ant. Espécie de estofo aveludado. (p. 266, v. 11)
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

## XIII. PANOS E TOALHAS

ATOALHADO *s. m.*

Contexto: Também vem a este Porto Embarcações das Ilhas dos Açores, e Madeira, trazem pannos brancos de Genipapo, de Linho, **atoalhados** e linhas, Vinho, agoa ardente, Oleo de linhaça, Carnes de porco, nozes, Coscúz, tremossos, favas, e farinha de trigo. desconhecido (1908) [1749], *INFORMAÇÃO GERAL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO* [A00\_2207, p. 483].

Datações	Definições
atoalhado – 1749	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) <i>adj.</i> Que tem aspecto de toalha no tecido; diz-se de certos pannos que apresentam covinhas, ou olhos como os das antigas toalhas de meza. (p. 642, v. 1)
	Figueiredo (1899) <i>adj.</i> adamascado ; que tem lavôr próprio de toalhas ; coberto com toalha. ( <i>De toalha</i> ). (p. 148, v. 1)
	Silva (1949-1959) <i>s. m.</i> (de <i>atoalhar</i> ). Pano adamascado [...] O conjunto dos panos de mesa: toalha, guardanapos, centros de mesa, panos de mesa. (p. 198, v. 2)
	Ferreira (2004) [Part. de <i>atoalhar</i> .] Adjetivo. 1.Coberto com toalha. 2.Diz-se de pano tecido como a toalha. Substantivo masculino. 3.Pano tecido como toalha: Agora está na moda saia de atoalhado. 4.Pano ou toalha de mesa.
	Houaiss (2009) <i>adj.</i> (1507) <b>1</b> que se atoalhou <b>2</b> coberto de toalha n <i>adj.s.m.</i> TÊXT <b>3</b> que ou o que tem felpas, como uma toalha de banho (diz-se de pano, material etc.); felpudo <forro a. do tênis> <roupão a.> n <i>s.m.</i> <b>4</b> pano ou toalha de mesa © ETIM part. de <i>atoalhar</i>

PANNO DE AGUARDENTE *s. m.* [VOLP: pano]

Contexto: [...] que só com esta mesma cura concluiréis a tal queixa, pois com isto se digere, incarna, cicatriza, encoira: e por fim lhe poreis dois dias **panno de aguardente** quente. JOSÉ ANTONIO MENDES (1770) [séc. XVIII], *CAPITULO V - DO CARBUNCULO* [A00\_2395, p.].

Datações	Definições
panno de aguardente – s. XVIII	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE



**PANNO DE BREU** *s. m.* [VOLP: pano]

Contexto: Pelo que não falta mais agora para estas armadas que as vélas, para o que ha facilissimo remedio, quando as não houver de lonas e **panno de breu**; pois em todos annos se fazem grandes carregações de algodão, de que se dá muito na terra; do qual podem fazer grandes teaes de panno grosso, que é muito bom para velas, de muita dura e muito leves [...]. GABRIEL SOARES DE SOUSA (1938) [1587], *RECURSOS DA BAHIA PARA DEFENDER-SE (PARTE SEGUNDA - TITULO 19)* [A00\_0195, p. 426].

Datações	Definições
panno de breu – 1587	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) <b>Breo</b> , ou <b>breu</b> . S. f. [...] Betume artificial composto de cêbo, pez, resina, e outros materiais pegadiços com que se tornam impermeaveis os barcos, navios, pannos, etc. (p. 820, v. 1)
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

**PANNO DE GENIPAPO** *s. m.* [VOLP: pano / jenipapo]

Contexto: Tambem vem a este Porto Embarcações das Ilhas dos Açores, e Madeira, trazem **pannos brancos de Genipapo**, de Linho, atoalhados e linhas, Vinho, agoa ardente, Oleo de linhaça, Carnes de porco, nozes, Coscúz, tremossos, favas, e farinha de trigo. desconhecido (1908) [1749], *INFORMAÇÃO GERAL DA CAPITANIA DE PERNAMBUCO* [A00\_2207, p. 483].

Datações	Definições
panno de genipapo – 1749	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

**PANNO DE MUNÇÃO** *s. m.* [VOLP: pano / monção]

Contexto: [...] por cento e sete varas de **panno de munção** vinho da Bahia [...] por cento e sete varas de **pano de munção** vendido a João de Magalhaes a cem reis, des mil e setecentos [...]. MANOEL DE LIVR.a (1973) [1730], *CARTAS REMETIDAS PARA LISBOA-MINAS GERAIS* [A00\_0443, p. 130-131].

Datações	Definições
panno de munção – 1730	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE



	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

### PANO DE VINAGRE *s. m.*

Contexto: Ou molhem tiras de pano em agua muyto fria , ou em fumo de tanchagem com fumo de herva Moura , e com claras de ovos, pondolhe por fima **panos de vinagre** de temperado, renovando-fe todos os remedios em fe secando [...]. LUIS GOMES FERREIRA (1735) [1735], *DA MISCELLANIA DE VARIOS REMEDIOS, AffIM EXPERIMENTADOS, E INVENTADOS PELO AUTOR, COMO EŢCOLHIDOS DE VARIOS PARA DIVERŢAS ENFERMIDADES*. [B00\_0031, p. 98].

Datações	Definições	
pano de vinagre – 1735	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	NE
	Silva (1813)	NE
	Vieira (1871-1874)	NE
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	NE
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

### TOALHA DE QUABESA *s. f.* [VOLP: cabeça]

[...] foi avaliado hũ **toalha de quabesa** en ses sentos E quorenta 640 foi avaliado hũa toalha de Rosto en sento e seseta rs 160 foi avaliada hũa toalha de meza velha en duzentos [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *PEDRO CARAÇA, INVENTÁRIO E TESTAMENTO, 1653 - VILA DE SÃO PAULO. APENSO: INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA RODRIGUES 1634 - VILA DE SÃO PAULO* [A00\_0173, p. 205].

Datações	Definições	
toalha de quabesa – 1653 toalha de cabessa – 1707	Bluteau (1712-1728)	NE
	Silva (1789)	<b>Toalha.</b> [...] Peça do mesmo panno do trajo antigo, de que as mulheres usavão na cabeça. (p. 462, v. 2)
	Silva (1813)	<b>Toalha.</b> [...] Peça do mesmo panno do trajo antigo, de que as mulheres usavão na cabeça. (p. 779, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<b>Toalha.</b> [...] — Peça de panno de linho ou de algodão do trajo antigo, que as mulheres costumavam trazer na cabeça. (p. 738, v. 5)
	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	<b>Toalha.</b> [...]    Touca de freira; o mesmo que <i>toalhinha</i> [...]    Pano higiênico de mulher; também se diz <i>toalhinha</i> . (p. 925, v. 10)
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

### TOALHA DE MÃO *s. f.*

[...] quatro gardanapos dalgudam, huà tualha da Cabessa [...] duas **toalhas de mãos** dous lanssois de pano de linho [...]. JOÃO BATISTA CARNEIRO (DEZEMBRO DE 1945) [1707], *SENTENSA DE FOLHA DE PARTILHA QUE DEU MANOEL DA MOTTA AOS REUERENDOS PADRES DE SAM BENTTO PERTENÇENTE A ESCRITURA ATRAZ*

*PELLA QUAL CONSTA SER SUA A PROPRIEDADE QUE UENDEO, PERTENÇENTE A SUA M. OR PHELIPA BARBOZA. [A00\_1533, p. 211].*

Datações	Definições
toalha de mão – 1707	Bluteau (1712-1728) <b>Toalha.</b> [...]§ Toalha de mãos. <i>Mantile, is. Neut. Virgil. Mantilium, ii. Neut. Varro.</i> OS que põem <i>Manutergium</i> , não tem com que abonar esta palavra, mais que estas palavras de Varro no livro 5. da lingoa Latina [...]. (p. 182, v. 8)
	Silva (1789) <b>Toalha.</b> s. f. peça de panno de linho que serve de enxugar as mãos, &c. (p. 462, v. 2)
	Silva (1813) <b>Toalha.</b> s. f. Peça de panno de linho que serve de enxugar as mãos, &c. (p. 779, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Toalha.</b> s. f. Peça de panno de linho ou de algodão, que serve de enxugar as mãos, etc. p. 738, v. 5)
	Figueiredo (1899) <b>Toalha.</b> f. peça de linho <i>ou</i> algodão [...] para enxugar qualquer parte do côrpo, quando se lava; [...] (B. lat. <i>toalia</i> , do germ. <i>twahilla</i> ). (p. 618, v. 2)
	Silva (1949-1959) <b>Toalha.</b> [...] Pano de linho ou de algodão com que se enxuga rosto, as mão ou qualquer outra parte do corpo [...]. (p. 925, v. 10)
	Ferreira (2004) <b>Toalha.</b> [Do provenç. <i>toalha</i> < frâncico <i>thawahlja</i> .] Substantivo feminino. 1. Peça de linho, de algodão ou de outro tecido, para enxugar qualquer parte do corpo que se lave.
	Houaiss (2009) <b>Toalha.</b> [...] 2 peça de linho, algodão etc., para enxugar as mãos, o rosto ou todo o corpo. [...] © ETIM provç. <i>toalha</i> < frânc. <i>thwahlja</i> 'id.'

#### TOALHA DE ROSTO *s. f.*

[...] foi avaliada hũa **toalha de rosto** de rede lavrada en quatrocentos reis [...]. VÁRIOS AUTORES (1998) [1653], *INVENTÁRIO E TESTAMENTO DE MARGARIDA GONÇALVES - 1653, VILA DE SÃO PAULO* [A00\_0172, p. 165].

Datações	Definições
toalha de rosto – 1653	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) <b>Toalha.</b> s. f. peça de panno de linho que serve de enxugar as mãos, &c. (p. 462, v. 2)
	Silva (1813) <b>Toalha.</b> s. f. Peça de panno de linho que serve de enxugar as mãos, &c. (p. 779, v. 2)
	Vieira (1871-1874) <b>Toalha.</b> s. f. Peça de panno de linho ou de algodão, que serve de enxugar as mãos, etc. p. 738, v. 5)
	Figueiredo (1899) <b>Toalha.</b> f. peça de linho <i>ou</i> algodão [...] para enxugar qualquer parte do côrpo, quando se lava; [...] (B. lat. <i>toalia</i> , do germ. <i>twahilla</i> ). (p. 618, v. 2)
	Silva (1949-1959) <b>Toalha.</b> [...] Pano de linho ou de algodão com que se enxuga rosto, as mão ou qualquer outra parte do corpo [...]. (p. 925, v. 10)
	Ferreira (2004) <b>Toalha.</b> [Do provenç. <i>toalha</i> < frâncico <i>thawahlja</i> .] Substantivo feminino. 1. Peça de linho, de algodão ou de outro tecido, para enxugar qualquer parte do corpo que se lave.
	Houaiss (2009) <b>Toalha.</b> [...] 2 peça de linho, algodão etc., para enxugar as mãos, o rosto ou todo o corpo. [...] © ETIM provç. <i>toalha</i> < frânc. <i>thwahlja</i> 'id.'

## XIV. DENOMINAÇÕES CROMÁTICAS

ESCARLATA *s. f.*

Contexto: [...] elle mandou hum vestido de **escarlata**, e huma vara de meirinho pera trazer na mão. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO TERCEIRO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU THOMÉ DE SOUZA ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR MANOEL TELLES BARRETO - CAPITULO VIGESIMO - DAS ENTRADAS, QUE NESTE TEMPO SE FIZERÃO PELO SERTÃO* [A00\_2030, p. 93].

Datações	Definições	
escarlata – 1627	Bluteau (1712-1728)	[...] Entre nos <i>Escarlata</i> he a cor da grã, ou cochonilha, ou panno tinto nella. [...] Panno. [...] Vestido de Escarlata. (p. 212, v. 3)
	Silva (1789)	<i>s. f.</i> panno de lã cremesim fino, mas não tanto como a grã. (p. 212, v. 1)
	Silva (1813)	<i>s. f.</i> Panno de lã cremesim fino, mas não tanto como a grã. (p. 737, v. 1)
	Vieira (1871-1874)	<i>s. f.</i> (do persico <i>scarlat</i> , panno encarnado). Panno de lã, sêda, ou outra droga qualquer, carmesim fino, mas não tanto com a gram. (p. 256, v. 3)
	Figueiredo (1899)	<b>Escarlate</b> . <i>m.</i> côr vermelha, muito viva; tecido de sêda ou lan daquella côr [...] (Talvêz do lat. <i>galaticus</i> , com uma forma intermediária desconhecida). (p. 536, v. 1)
	Silva (1949-1959)	<b>Escarlate</b> . <i>S. m.</i> Tecido de seda ou lã, que apresenta essa mesma cor.    O mesmo que <i>escarlata</i> . (p. 642, v. 4)
	Ferreira (2004)	<b>Escarlate</b> . [Do fr. ant. <i>escarlata</i> (atual <i>écarlate</i> ) < lat. med. <i>scarlata</i> (v. <i>escarlata</i> ).] Substantivo masculino. [...] 4. Certo tecido de seda ou lã, dessa cor.
	Houaiss (2009)	<b>Escarlate</b> . <i>S.m.</i> (1551) [...] 2 certo tecido de lã ou seda [...] ⊙ ETIM fr.ant. <i>escarlata</i> ,tecido precioso de cor variável; de um vermelho vivo‘

FURTA COR *s. m.* [VOLP: furta-cor]

Contexto: [...] arremedam bastantemente os atafaes de **furta cores** dos almocreves [...]. PE. JOÃO DANIEL (1976) [1757], *PARTE SEGUNDA - CAP. 2º - DA SUA CREAÇÃO E DESPREZO DAS RIQUEZAS*. [A00\_1833, p. 206].

Datações	Definições	
furta cor – 1757	Bluteau (1712-1728)	<b>Furtacores</b> Furtacôres chama o vulgo o que os Pintores chamaõ <i>Cambiantes</i> . [...] § Tafeté furtacores. He o que tem huma côr, que representa muytas. (p. 239, v. 4).
	Silva (1789)	<b>Furtacor</b> . <i>s.</i> seda de furtacòr, ou tafeta furtacòr, acatasolado, que faz cambiantes conforme as superfícies que faz. (p. 645, v. 1)
	Silva (1813)	<b>Fúrtacòr</b> . <i>s.</i> Seda de furtacòr, ou tafeté furtacòr: acatasolado, que faz cambiantes conforme as superfícies que faz. (p. 70, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	<b>Furtacor</b> . <i>adj.</i> 2 gen. (De furta e côr). Côr acatasolada, que faz cambiantes, segundo as superfícies que mostra, e conforme expõe á luz, fallando da seda, setim, velludo, tafeté, etc. (p. 808, v. 3)

	Figueiredo (1899)	NE
	Silva (1949-1959)	NE
	Ferreira (2004)	NE
	Houaiss (2009)	NE

**PURPURA** *s. f.* [VOLP: púrpura]

Contexto: [...] que logo veremos Rey, transformada a **Purpura** Cardinalicia em Purpura Real [...]. SEBASTIÃO DA ROCHA PITTA (1878) [1730], *LIVRO TERCEIRO* [A00\_0569, p. 117].

Datações	Definições	
purpura – 1730	Bluteau (1712-1728)	[...] Vestidura de panno tinto em purpura. (p. 835, v. 6)
	Silva (1789)	s. f. [...] § f. Vestidura tinta em purpura, como a dos Cardeaes, Reis, &c. (p. 266, v. 2)
	Silva (1813)	s. f. [...] § fig. Vestidura tinta em purpura, como a dos Cardeaes, Reis, &c. (p. 529, v. 2)
	Vieira (1871-1874)	s. f. [...] — Figuradamente: vestidura tinta em purpura, á maneira da dos cardeaes, reis, etc. (p. 1030, v. 4)
	Figueiredo (1899)	f. [...] cor vermêlha; antigo tecido vermêlho; vestuário dos reis; dignidade real; dignidade de alguns magistrados que trajavam púrpura; dignidade dos cardeaes que usavam vestes vermêlhas [...] (Do lat. <i>purpura</i> ). (p. 386, v. 2)
	Silva (1949-1959)	s. f. [...] Tecido tinto com a cor da púrpura, que servia para trajos e outros usos [...]    Tecido simbolicamente luxuoso [...]    As vestimentas régias, que antigamente eram de púrpura. (p. 889, v. 8)
	Ferreira (2004)	[Do lat. <i>purpura</i> .] Substantivo feminino. 1. Matéria corante vermelho-escura tirante a violeta, que se extrai da púrpura <sup>2</sup> , e largamente utilizada pelos antigos para tingir tecidos; ostro. 2. A cor da púrpura. 3. P. Ext. A cor vermelha. 4. Antigo tecido purpurino, símbolo de riqueza ou de alta dignidade social: manto de púrpura. 5. Vestuário de reis. 6. P. Ext. Dignidade real; o trono. 7. P. Ext. Dignidade cardinalícia. 8. Ant. Entre os romanos, a dignidade de cônsul
	Houaiss (2009)	s.f. (sXIII) <b>1</b> cor vibrante vermelho-escura, tendente para o roxo <b>2</b> substância corante, vermelho-escura, extraída de moluscos do gên. <i>Purpura</i> ; ostro <b>3</b> <i>p.met.</i> tecido tingido com essa substância, muito valorizado na Antiguidade e na Idade Média por dar <i>status</i> e ser símbolo do poder real e eclesiástico <b>4</b> <i>p.met.</i> vestimenta dos reis <b>5</b> <i>p.met.</i> o trono, a dignidade real <b>6</b> <i>p.met.</i> a dignidade dos cardeais <b>7</b> MALAC design. Comum aos moluscos gastrópodes do gên. <i>Purpura</i> , da fam. Dos muricídeos, produtores de uma secreção purpúrea, us., ainda hoje, para tingir tecidos [...] © ETIM lat. <i>purpura,ae</i> 'molusco que fornece a púrpura; a cor púrpura; ornamento de púrpura'

## XV. DENOMINAÇÕES INDEFINIDAS

**PANNO-REI** *s. m.* [VOLP: pano]

Contexto: [...] das duas alvas pertencentes á fazenda real, uma de panno de linho ainda serve; a outra de bretanha está muito velha, e a melhor das trez, que vi, foi de **panno-rei**, que derão os moradores. ALEXANDRE RODRIGUES FERREIRA [séc. XVIII], *1.ª PARTE: ALTO RIO NEGRO - PARTICIPAÇÃO TERCEIRA: DE TOMAR A LAMALONGA* [A00\_2226, p. 58-59].

Datações	Definições
panno-rei – séc. XVIII	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

**PAPAGAIO** *s. m.*

Contexto: [...] 93 covados de **papagaio** a 850 reis [...]. - (1955) [1756], *LIVRO DO GASTO DA SACRISTIA DO MOSTEIRO DE SÃO BENTO DE OLINDA DE 1756 ATÉ 1800* [B00\_0018, p. 250].

Datações	Definições
papagaio – 1756	Bluteau (1712-1728) NE
	Silva (1789) NE
	Silva (1813) NE
	Vieira (1871-1874) NE
	Figueiredo (1899) NE
	Silva (1949-1959) NE
	Ferreira (2004) NE
	Houaiss (2009) NE

## 5 TEIAS LEXICAIS: SOBRE PALAVRAS E TÊXTEIS

É só parar para pensar e os caminhos que se abrem são inúmeros e variados. Por exemplo, basta considerarmos uma premissa: essa atividade é que constituía o verdadeiro *fazer*, aquilo que caracteriza o *Homo faber*, transformador da natureza e criador da cultura. Não é surpreendente, pois, que um dos nomes para designar pano ou tecido em inglês seja *fabric* – palavra que em português foi dar *fábrica*, que em inglês é chamada de *factory*. Para nós, *feitoria*, palavra mais associada ao começo da colonização brasileira e a *feitor*, aquele que controlava o trabalho escravo e os *feitos* alheios. Mas, em compensação, chamamos tecido de *fazenda*, palavra que também evoca os núcleos de poder e produção rural das grandes propriedades sobre as quais se estruturou nossa sociedade colonial. Mais ainda, o cargo que em outros países é chamado de secretário do Tesouro ou ministro das Finanças entre nós é *ministro da Fazenda*. Assim, de boca cheia e com letra maiúscula, a gente até esquece que é a mesma coisa que o ministro do Pano ou do Tecido, ou, explicando melhor, da soma (o plural latino do neutro acabava em *-a-*) de tudo aquilo que se foi *fazendo* com o trabalho para criar um tesouro, e que muito antigamente era, sobretudo, riqueza gerada pela manufatura de tecidos.

Ana Maria Machado (2003, p. 183, grifos no original).

Tendo apresentado os microcampos e o resultante Vocabulário, passamos a discutir as constatações às quais chegamos por meio da investigação dos dados. Vimos uma profusão de nomes e respectivas definições relativas a tecidos e a confecções. Nesse momento, abordamos esses dados concomitantemente, fazendo ligações e apontamentos.

Corroboramos a validade da organização dos microcampos do macrocampo “tecidos” mediante a dimensão “densidade” para a percepção desses arranjos lexicais. Fornecemos, também, dados quantitativos das unidades lexicais referentes a tecidos básicos (algodão, lã, linho e seda), com o intuito de traçar um paralelo com aspectos históricos e socioeconômicos percorridos na primeira seção. Falamos, ainda, das propriedades e dos processos formativos das palavras estudadas, bem como da cronologia lexical.

### 5.1 Denominações agrupadas pelo critério da composição dos tecidos

A dimensão composição não constituiu conteúdo unitário (arquissemema) dos microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros”, de modo que houve possibilidade de variação dos semas relativos a essa dimensão em ambos. Vejamos, agora, no Quadro 11, o agrupamento dos lexemas desses microcampos pelo critério (dimensão) da composição.

**Quadro 11** – Distribuição das unidades lexicais dos microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros” pelo critério da composição.

TECIDOS FINOS				TECIDOS GROSSEIROS			
algodão	lã	linho	seda	algodão	lã	linho	seda
cassa	casimira	bretanha	cetim	-	barbarisco	aniagem	-
escumilha	lemiste	cambraia	crepe	-	barregana	baeta	-
guingão	-	cré	garça	-	burel	bretanha	-
mosselina	-	escumilha	soprilho	-	camelão	baetão	-
pânico	-	esguião	tafetá	-	cilício	holandilha	-
sofolié	-	holanda	-	-	estamenha	linhagem	-
-	-	-	-	-	pano da serra	lona	-
-	-	-	-	-	papa	pano de estopa	-
-	-	-	-	-	raxeta	sarapilheira	-
-	-	-	-	-	saial	-	-
-	-	-	-	-	serguilha	-	-

Org.: elaborado pelo autor.

\*Com relação aos nomes faltantes, bérnio e talagarça, as matérias-primas dos tecidos não estão indicadas nas definições.

No microcampo “tecidos finos”, estão quantitativamente equiparados os lexemas com os semas “feito de algodão”, “feito de linho” e “feito de seda”, e há um número muito reduzido com o sema “feito de lã”. Por outro lado, esses predominam no microcampo “tecidos grosseiros”, ao lado do sema “feito de linho”, sendo ausentes as denominações com os semas “feito de algodão” e “feito de seda”. Peculiarmente, no microcampo “tecidos finos”, temos a UL escumilha, “de lã” ou “de linho”, ou seja, apta a ser referida pela denominação genérica lençaria.

Ao juntar no quadro acima as UL da categoria “tecidos de composição única”, desconsiderando os “tecidos de composição vária” e as demais categorias lexicais, temos o Quadro 12. Para melhor percepção, as UL lexicais acrescidas estão em cor rosa e separadas por um traço proeminente daquelas incorporadas aos microcampos.



**Quadro 12** – Distribuição das unidades lexicais dos microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros” e da categoria lexical “tecidos de composição única”.

“TECIDOS FINOS” E “TECIDOS GROSSEIROS” + “TECIDOS DE COMPOSIÇÃO ÚNICA”			
algodão	lã	linho	seda
cassa	casimira	bretanha	cetim
escumilha	lemiste	cambraia	crepe
guingão	barbarisco	cré	garça
mosselina	barregana	escumilha	soprilho
pânico	burel	esguião	tafetá
sofolié	camelão	holanda	<b>brilhante</b>
<b>bélbute</b>	cilício	aniagem	<b>brocado</b>
<b>bertangil</b>	estamenha	baeta	<b>chamalote</b>
<b>bocaxim</b>	pano da serra	bretanha	<b>damasco</b>
<b>bombazina</b>	papa	baetão	<b>damasquilho</b>
<b>canga</b>	raxeta	holandilha	<b>esparragão</b>
<b>chita</b>	saial	linhagem	<b>nobreza</b>
<b>chita pacote</b>	serguilha	lona	<b>pinhoela</b>
<b>pano da costa</b>	<b>cacheira</b>	pano de estopa	<b>primavera</b>
	<b>calamânia</b>	sarapilheira	<b>tabi</b>
	<b>duquesa</b>	<b>cambraieta</b>	<b>veludo</b>
	<b>durante</b>	<b>guimarães</b>	
	<b>londres</b>	<b>ruão</b>	
	<b>osteda</b>		
	<b>picotilho</b>		
	<b>picaró</b>		
	<b>saeta</b>		
	<b>sarjeta</b>		
	<b>serafina</b>		

Org.: elaborado pelo autor.

A prevalência de UL com o sema “feito de lã” é enfática. Entre as que possuem os semas “feito de algodão”, “feito de linho” e “feito de seda”, notamos suaves diferenças quantitativas. Vale, neste ensejo, focar algumas UL e demonstrar porque boa parcela não foi circunscrita nos microcampos. A UL ruão, por exemplo, ficou de fora dos “tecidos finos”. As definições lexicográficas (vide linifícios, no item XI da subseção 4.16) focalizam, sobretudo, que é um tecido tosado (aparagem das felpas para alisar e dar uniformidade às fibras), talvez tinto e que

serve para forros. Então, não diz que é fino nem que é grosseiro. Bluteau (1712-1728) elenca a denominação ruão de cofre e a define como pano de linho muito alvo e assemelhado ao cré. Mediante Savary des Bruslons (1748)), descobrimos que o ruão de cofre (*rouen de coffre*) se tratava de uma excelente qualidade, a mais fina de Ruão. Desse modo, por ser semelhante ao cré, faz sentido ele se situar no microcampo “tecidos finos” e faz sentido o lexema “ruão”, sem a sua qualidade especificada, não estar em nenhum dos microcampos.

A UL nobreza (vide seríceos, no item XI da subseção 4.16) é definida pelos dicionários, sucintamente, como um tecido de seda vulgar. Recorrendo à lexicografia espanhola, percebemos que *nobleza* tem a acepção de tecido de seda, espécie de damasco sem labores, ou seja, mais simples. Com efeito, “vulgar” nas definições em português quer dizer simples: tecido de seda simples, o que dispensa explicar o porquê de o lexema nobreza não estar conformado nos microcampos. No entanto, convém sublinhar que a referência ao damasco na definição espanhola coopera para o fato de ambos os lexemas não estarem.

Diante disso, reforçamos a justificativa de não ter optado pela organização dos microcampos do macrocampo “tecidos” a partir da dimensão “composição” enquanto conteúdo unitário (arquissemema). Termos explorado, antes, a dimensão “densidade” foi válido no sentido de expandir a percepção para aspectos que, decerto, não teríamos captado, como os exemplificados acima.

## 5.2 Quantitativo das unidades lexicais relativas a tecidos básicos

De antemão, convém frisar que as apurações elencadas nesta subseção levaram em consideração o fato de o *corpus* do DHPB conter maior volume textual datado do século XVIII (ou seja, é mais extenso), em relação ao que se coligiu dos séculos XVI e XVII. Contudo, essa não proporcionalidade em nada impede a apresentação de algumas constatações baseadas em dados numéricos, porquanto a análise quantitativa das ocorrências de cada UL não é vital para se alcançar o objetivo deste estudo; o que se pretende é, de maneira a complementá-lo, aproveitar a oportunidade de acesso ao material e sugerir uma relação entre informações históricas e os números que, por ora, o *corpus* viabiliza levantar. Assim, mediante recursos de busca e filtragem do *Philologic*, computamos a quantidade de ocorrências (considerando as variantes) das UL **algodão**, **lã**, **linho** e **seda**, por século, e obtemos a Tabela 1:

**Tabela 1** – Ocorrências das unidades lexicais algodão, linho, seda e lã no *corpus* do DHPB.

	Séc. XVI	Séc. XVII	Séc. XVIII	Início do séc. XIX	Total de ocorrências em todo o período
<b>algodão</b>	73	79	529	76	757 (56%)
<b>lã</b>	1	28	55	12	96 (7%)
<b>linho</b>	14	24	187	28	253 (19%)
<b>seda</b>	25	26	187	11	249 (18%)

Org.: elaborado pelo autor.

A discrepância entre a quantidade de ocorrências da unidade lexical **algodão**<sup>97</sup> (56%) e as demais – **linho** (19%), **seda** (18%) e **lã** (7%) – dá pistas da vultosa presença dessa matéria têxtil no período colonial, de modo que representa sozinha mais da metade do total de ocorrências lexicais relativas às quatro unidades lexicais. Enfatizamos que o cômputo ilustrado na Tabela 1 considera todas as ocorrências, não distinguindo se se refere ao tecido, ao fio, à fibra, ou seja, abarcou todas as acepções dessas palavras.

Desta feita, surge uma questão: os totais de ocorrências dessas quatro unidades lexicais têm algum reflexo no quantitativo das denominações para tecidos de algodão, de lã, de linho e de seda visados individualmente? Para que isso fique mais compreensível, vejamos um exemplo: a UL **seda** pode genericamente/hiperonicamente abranger as UL **cetim**, **soprilho** e **crepe**, entre outras denominações para tecidos feitos de seda.

Retomando os aspectos históricos apresentados, ratificamos o surto da cultura e manejo do algodão e a conseqüente propagação de manufaturas têxteis, notadamente a partir do século XVIII, época da decadência da exploração aurífera e quando o algodão se tornou alternativa economicamente rentável, dada a sua valorização e o aumento da demanda no mercado mundial em razão da revolução industrial. Soma-se a isso o fato de o algodoeiro ser planta nativa em praticamente todo território brasileiro.

Convém explicar que a parte da Tabela 1 correspondente ao “Começo do séc. XIX” contempla as ocorrências lexicais em textos datados até a chegada da Corte Real portuguesa no Brasil (1808), o limite do recorte temporal do *corpus* do DHPB. Por isso se justifica a menor expressividade em relação ao século XVIII, considerado no todo. Mesmo assim, por comparação, notamos que o início do XIX corresponde sozinho a praticamente a mesma

<sup>97</sup> Algodão pode ser referido como a planta (o algodoeiro); o capulho (fruto) que contém a fibra; a fibra (algodão em lã, descarçado, mas não fiado); o fio (algodão fiado) ou o tecido (fazenda/pano de algodão).

quantidade de ocorrências lexicais encontradas nos séculos XVI e XVII, sinalizando um contínuo da expansão da produção têxtil do século XVIII, que pode ter sido intensificada, em especial, pela quebra do pacto colonial, pela abertura dos portos e pela revogação do Alvará de 1785, ocorridas no alvorecer de Oitocentos. Vale lembrar que esse Alvará abria exceção para a manufatura da fazenda grossa de algodão, porquanto servia para vestir os negros escravos, enfiar produtos e outros usos mercantis.

A título de curiosidade, aproveitemos o ensejo para fazer um comparativo entre os totais de ocorrências no *corpus* das UL algodão, lã, linho e seda (consoante a Tabela 1) e os totais dos lexemas dos microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros” e da categoria lexical “tecidos de composição única” (conforme o Quadro 12), separados pela dimensão composição. Assim, obtemos os dados da Tabela 2. Convém salientar que o cômputo ilustrado na primeira coluna desta tabela considera todas as ocorrências e abarcou todas as acepções das UL algodão, lã, linho e seda. Na segunda coluna, estão computados os lexemas de acordo com o critério supramencionado, não consistindo, portanto, no número total de ocorrências no *corpus*.

**Tabela 2** – Comparativo dos dados quantitativos.

	Totais de ocorrências no <i>corpus</i> (do séc. XVI ao início do XIX)		Totais dos lexemas dos microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros” e da categoria lexical “tecidos de composição única”	
<b>algodão</b>	757	56%	14	19,44%
<b>lã</b>	96	7%	24	33,33%
<b>linho</b>	253	19%	18	25%
<b>seda</b>	249	18%	16	22,22%

Org.: elaborado pelo autor.

A partir dos resultados da Tabela 2, verificamos que as porcentagens dos totais de ocorrências no *corpus* das UL algodão, lã, linho e seda não corresponderam às porcentagens dos totais dos lexemas dos microcampos “tecidos finos” e “tecidos grosseiros” e da categoria lexical “tecidos de composição única”. Pelo contrário, ocorreu uma inversão, de maneira que vislumbramos as seguintes situações:

- **UL algodão:** maioria notável de ocorrências no *corpus* e, inversamente, minoria notável de denominações (lexemas) para tecidos de algodão;

- UL **lã**: minoria notável de ocorrências no *corpus* e, inversamente, maioria notável de denominações (lexemas) para tecidos de lã;
- UL **linho**: segundo menor número de ocorrências no *corpus* e, inversamente, segundo maior número de denominações (lexemas) para tecidos de linho;
- UL **seda**: terceiro menor número de ocorrências no *corpus* e, inversamente, terceiro maior número de denominações (lexemas) para tecidos de seda.

Haja vista a não homogeneidade do *corpus* do DHPB do ponto de vista cronológico, não visamos esses dados como absolutamente representativos. As constatações acima são válidas como pistas para uma possível resposta à pergunta feita anteriormente, ou seja, o fato de terem sido constatadas menos denominações para tecidos de algodão pode estar associado com a profusão de ocorrências da UL algodão, ao passo que, por haver grande quantidade de denominações para tecidos de linho, as ocorrências da UL linho no *corpus* constituíram minoria. Dessa forma, endossamos o critério de ter reunido as UL algodão, lã, linho e seda em categoria separada, em virtude da polissemia delas.

À época do Brasil Colônia, a abundância de palavras “do estrangeiro”, que deixam patente a origem não brasileira do tecido, parecem ter posto em segundo plano, nos veículos textuais, a presença primeva e copiosa do algodão no território. Como notamos, por exemplo, nas cartas trocadas entre o comerciante lisbonense Francisco Pinheiro e seus correspondentes no Brasil, que registram numerosas denominações têxteis para tecidos de linho, lã e seda (LISANTI, 1973). Pertinente a isso, Neira (2011) faz uma oportuna e relevante reflexão:

Assim como a distinção entre nativos e colonizadores (Novais, 2002) representava classes de indivíduos, a procedência dos objetos acompanhou esse raciocínio até recentemente. Os tecidos nobres, assim, receberam de pronto predicados de procedência, tais como ‘importado’, ‘estrangeiro’, ‘inglês’ e ‘francês’, e as referências aos tecidos dos trabalhadores marcavam, sobretudo, a questão funcional, estando sujeitos à descrição de ‘tecidos para pessoas de cor’, ‘tecidos pesados adequados para as classes da sociedade menos favorecidas pela sorte’, ‘mercadoria ordinária usada pelos nativos das classes mais pobres’, entre outras. Desse modo, qualquer expressão vinculada ao produto nacional ou ‘da terra’ adquiria conotação pejorativa, indicando, para além de uma ‘classe de produtos’ sem qualidades nobres, apenas funcionais, uma ‘classe de pessoas’ sem prestígio algum. (NEIRA, 2011, p. 292, grifos no original).

Feitas essas considerações, continuemos explorando outros pontos do trabalho.

### 5.3 Propriedades léxico-semânticas e processos formativos das palavras

Do microcampo “roupas de cama”, destacamos a correspondência entre os lexemas colcha e godrim. A diferenciação entre as respectivas definições lexicográficas está na informação atinente à origem asiática do godrim – colcha estofada da Índia –, o que não deixa de ser uma particularidade, extralinguisticamente. Assim, as definições lexicográficas de godrim contêm os semas do lexema colcha e acrescentam a informação enciclopédica que indica procedência. Nessa perspectiva, podemos definir o godrim como um tipo de colcha. Quanto à alcatifa, tapete e tapiz, as definições lexicográficas, muitas vezes, as dão como sinônimas e fazem uso de remissivas. Pelo critério etimológico (tapete do lat. *tapēte - is*, derivado do gr. *tápēs -ētos*; alcatifa do ár. *al-qaṭīfa*, e tapiz do fr. antigo *tapiz*), inferimos que tais denominações são heranças de distintas línguas, integradas em diferentes momentos ao português, para denominar o objeto têxtil que, habitualmente, se estende no chão.

Respeitante às UL toalha de mesa e sobremesa, dada a pouquidade de informações acerca da última e com base no contexto do *corpus*, em que se faz referência a um conjunto, toalha e sobremesa, conjecturamos ter sido denominação para peça de tecido que se punha sobre a toalha de mesa, para resguardá-la, ou para fins ornamentais, ou abaixo da toalha para impedir que ficasse deslizando. A última hipótese é mais convincente se levarmos em conta o prefixo **sobre-**, portanto, sobre a mesa. Se fosse sobre a toalha, talvez, teria se chamado sobretoalha.

As finalidades utilitárias que demandam tecidos grosseiros e rústicos, como confecção de sacos e enfardamento de mercadorias, ficaram evidentes nas descrições das UL aniagem, linhagem, sarapilheira e pano de estopa, além dos panos grossos de algodão. No Alvará de 1785 expedido por D. Maria I, que proibiu a manufatura de têxteis de ouro, prata, sedas, algodão, linho e lã na Colônia, as espécies mais grosserias foram exceção porquanto serviam ao vestuário dos escravos e a outras utilidades mercantis. Nizza da Silva (1993), ao versar sobre a vida privativa e quotidiano no Brasil no século XVIII até meados do século XIX, fornece uma detalhada descrição da indumentária dos escravos:

As peças mais comuns da sua indumentária eram a camisa (feita de materiais variados como cassa grossa, pano de linho cru, brim, algodão, riscado, linho grosso); as calças (de pano da Costa, de ganga, de belbute, de casimira, de pano de linho cru, de algodão); e o colete (de pelúcia, de belbute, de pano, de baeta, de casimira). (NIZZA DA SILVA, 1993, p. 228).

A autora enfatiza que tal composição não pode ser generalizada, porque variava consoante as posses e os desejos dos senhores. A escravaria da Coroa, como é de se imaginar, vestia-se com

mais alinhado. Também se notava diferença entre o vestir dos escravos rurais e dos escravos urbanos, uma vez que esses recebiam melhores roupas, mormente, se exercessem funções que os levassem a acompanhar as famílias nas saídas em público. Retomando o emprego da linhagem/aniagem no vestuário, vimos que se usava no traje do negro escravo o mesmo tecido rústico com o qual se encapavam fardos para proteger o conteúdo de avarias. Isso corresponde a colocar o ser humano no nível de uma peça passível de exploração e negociação. Assim, o vestuário – tipo de tecido empregado, guarnições e acessórios – pode ser visado como reflexo da condição social de quem o porta. Vem a calhar, nesse ponto, a discussão conceitual de Barthes (1979) na obra “Sistema da moda”. Segundo o autor:

[...] todo enunciado comporta [...] pelo menos duas leituras, a das palavras em si mesmas e a da relação significante *Mundo*, [*Moda*]  $\equiv$ <sup>98</sup> 40 *Vestuário*, ou, se se preferir, como o signo vestimentário se dá a ler através de um discurso que o transforma em função (este vestuário serve para tal uso mundano) ou em asserção de valor (este vestuário está na Moda [...]). (BARTHES, 1979, p. 25, grifos no original).

As UL aniagem e linhagem (panos grosseiros de linho cru), por apresentarem sememas iguais, mantêm relação de sinonímia no microcampo “tecidos grosseiros”. Oliveira (2010), baseada em Cunha (1997), presume que aniagem é resultante de uma alteração de linhagem com o artigo **a** aglutinado. Linhagem (linho + -agem) é formada a partir de linho pelo processo de derivação sufixal. Segundo Houaiss (2009, grifos no original) **-agem** é “vernaculização do mesmo suf. em um sem-número de subst., sem necessariamente serem o resultado de uma ação verb. e indicando, por vezes, sentido coletivo: *costumagem, folhagem, libertinagem, pelagem, plumagem* [...]”. Portanto, no lexema linhagem, esse sufixo indica semanticamente um processo de tecelagem rústica que integra um conjunto de fios de linho sem preparação prévia (linho cru), resultando em um tecido rústico e grosseiro, destinado, na época colonial, principalmente ao acondicionamento de produtos e objetos em fardos e à vestimenta dos escravos.

Mediante observação conjunta das definições lexicográficas e dos contextos do *corpus*, verificamos que existem mais de uma qualidade de determinado tecido sob a mesma denominação, como o brim e o camelão; há-os finos, grossos e medianos. No caso de bretanha, o cotejo lexicográfico não registrou tal diferença, de modo que a constatamos com base nos contextos do banco de dados do DHPB. Dessa maneira, justifica-se a presença do lexema bretanha nos dois microcampos. Tal variação do referente se dá, na maior parte das vezes, em função da adequação às diversas finalidades que demandam uma qualidade específica; grossa

<sup>98</sup> Em Barthes (1979), esse símbolo indica relação de equivalência.

ou fina ou mediana. Linguisticamente, há recursos que sinalizam tais aspectos. A distinção da UL bretanha se faz mediante o contexto, em que observamos adjetivações como: bretanha fina; bretanha grossa; bretanha que não seja fina nem da mais grossa (logo, entrefina) e bretanha boa (vide excertos no item **a** da seção 4.2). Essas especificidades são identificáveis morfologicamente nas UL derivadas por sufixação, como baetão, cambraieta, damasquilha, holandilha, picotilha, sarjeta e veludilha. No entanto, há que se demonstrar as diferenças dispostas no Quadro 13.

**Quadro 13** – Denominações têxteis derivadas por sufixação.

<b>Sufixo</b>	<b>UL</b>	<b>Atributo</b>	<b>Substantivo primitivo</b>
-ilho(a)	damasquilha	[- encorpado]	damasco (seda encorpada)
	holandilha	[+ encorpado]	holanda (linho fino)
	picotilha	[+ qualidade]	picote (lã grosseira)
	veludilha	[- encorpado]	veludo (seda encorpada)
-eta	cambraieta	[- qualidade]	cambraia (linho fino)
	sarjeta	[- encorpado]	sarja (seda ou lã encorpadas)
-ão	baetão	[+ encorpado]	baeta (lã grosseira)

Org.: o autor.

Acerca das UL do Quadro 13, vale reiterar que partimos dos significados do cotejo lexicográfico. As UL que contêm o atributo [+ encorpado] não necessariamente são inferiores, ao menos isso não fica posto em evidência nas definições, mesmo porque os substantivos dos quais derivaram denominam tecidos de seda, um têxtil nobre. Os itens com atributo [+encorpado] demonstram uma adaptação para corresponder a determinadas finalidades, pois, de acordo com as definições, o baetão é próprio para roupas externas de cobrir (capote, agasalhos etc.) e a holandilha, para entretelas (tecido espesso que se coloca entre a parte externa e o forro de uma roupa para encorpá-la). As UL que possuem [+qualidade] ou [-qualidade] têm tais atributos salientados nas definições.

Aqui, é pertinente citar a UL bertanhão, a qual não está no Quadro 13 em razão da insuficiência de dados para asseverar que consiste numa qualidade de bretanha distinta, não obstante o contexto (vide a subseção 4.3, item f) permita conjecturar um gênero mais encorpado, haja vista que se fala em toalha de bertanhão pertencente a uma igreja paroquial, cujo exercício das funções, em geral, requisita paramentos de melhor qualidade.



Ainda sobre aspectos distintivos, na definição da UL ruão por Bluteau (1712-1728), o sintagma ruão de cofre é citado, mas sem caracterizá-lo. Localizamos ruão de cofre no banco de dados do DHPB e, graças a Savary des Bruslons (1748), descobrimos que se tratava de uma excelente espécie, nas palavras desse autor; a mais bela e fina de Ruão. Dessa forma, a qualidade do tecido poderia ser reconhecida pelo segundo elemento, **de cofre**.

Ademais, a qualidade do tecido pode ser inferida a partir do local de sua procedência. Retomando a UL bretanha, no seguinte trecho de uma carta de 1725, coligida na obra “Negócios Coloniais”, fica evidente que a bretanha de França era superior à bretanha de Hamburgo:

Agradesa nos o cuidado que themos a seus neg.<sup>os</sup>, e conv.<sup>as</sup> que assim o devemos fazer e pelo q. respeita as d.<sup>as</sup> **bert.**<sup>as</sup> estas **não são de Fransa** mas sim **de Hamburgo**, e se VM. as comprou por **de Fransa**, e sem ve las se lhe deve bonificar m.<sup>ta</sup> difer.<sup>a</sup>, q. ha de huas as outras, e se as comprou por **de Hamb.**<sup>o</sup> m.<sup>to</sup> caras as pagou a 280 v.<sup>a</sup>, e, sertam.<sup>te</sup> entendemos q. VM. as não tenha vistas, que não se havia de ter me tido em **fazenda tão inferior** &a. (LISANTI, 1973, p. 33, v. 3, grifos nossos).

Acerca de usos mais específicos atribuídos aos tecidos, mediante as definições lexicográficas e os contextos do *corpus*, identificamos tecidos próprios para entretelas (holandilha, bocachim) e forros (esparragão, ruão, saeta, serafina, tafetá). Ainda no que concerne ao uso, sublinhamos nos trechos do *corpus* as denominações de tecidos associados ao luto, como baeta, burel, crepe e lemiste:

Como para o respeito, e aceyo de hua' camera concorre tambem o Traje â cortesam de Capa, e volta, tao' propio nos que tem jurisdicao' de governar. Acordarao' que em tempo nenhum os officiaes desta camera, almotaceis, e homen's bon's da governança que nella tiverem Servido, assistao' as funssoe's publicas da camera, senao' no referido Trage, de Capa, curta e volta, e cabeleira comprida, cujo vestido em tempo nêhuainda com o pretexto do mais apertado **luto**, será de **baetas**, ou **crepe**, mas sim dele **miste**, de Droguete Castor, ou Seda, sobpenna de que quem apparecer nas refferidas funssoe's de outro Trage, Será Comdemnado [...]. FRANCISCO CAETANO BORGES [1753], *ESTATUTOS MUNICIPAIS OU POSTURAS DA CÂMARA DA VILA BELA*. [M00\_0050, fol. 5].

[...] e cortando-lhes os pés e mãos e cabeças, conforme o seu gentilico costume, e os deixarão, donde os Hollandezes levarão o corpo do seu Coronel, e o dia seguinte o enterrarão na Sé com a pompa, que costumão, muito differente da nossa, porque não levarão cruces, musica, nem agoa benta, senão o corpo em hum caixão coberto de **baêta de dó**. FREI VICENTE DE SALVADOR (1888) [1627], *LIVRO QUINTO - DA HISTORIA DO BRASIL DO TEMPO QUE O GOVERNOU GASPAR DE SOUZA ATHÉ A VINDA DO GOVERNADOR DIOGO LUIZ DE OLIVEIRA* [...]. [A00\_2095, p. 212-213].

As definições dessas UL registram a finalidade de vestir-se de luto. Curioso perceber, no primeiro excerto, que o tecido prescrito é o lemiste, em detrimento da baeta e do crepe. O lemiste é um tecido de lã muito fino e, comumente, de cor preta. Embora o crepe esteja situado no microcampo “tecidos finos” (vide subseção 4.2), a partir desse contexto, constatamos que era inferior em relação ao lemiste. Abaixo, a Foto 9 ilustra a fineza do crepe, compondo as mangas e a saia deste vestido de meados do século XIX.

**Foto 9** – Vestido com mangas e saia de crepe de seda.



Museu Nacional do Traje e da Moda, Portugal.

Datação: 1830 d.C. - 1840 d.C.

Fonte: <http://www.matriznet.dgpc.pt/MatrizNet/Objectos/ObjectosConsultar.aspx?IdReg=46181>.

Interessa assinalar, ainda, a UL durante, tecido de lã lustroso e de boa dura. A palavra deriva do verbo durar, em virtude da longa duração do tecido (CUNHA, 2010). Nos termos da gramática tradicional, estamos diante de um processo de derivação imprópria. O adjetivo durante foi substantivado – adj. durante (que dura) > s. m. durante. Esse processo de passagem de uma classe gramatical para outra é referido por Correia (1999, p. 37) pelo termo conversão, especificamente, **conversão de focalização**, pela qual “[...] é possível denominar uma categoria

através de um substantivo resultante da conversão de um adjetivo; esse adjetivo, por seu turno, denomina a qualidade que é vista como sendo a qualidade mais relevante do referente denominado”. A esse processo de construção de palavras são pertinentes a UL brilhante (que brilha), denominação genérica para tecidos de seda com muito brilho, e a UL riscado (que se riscou), denominação genérica para tecidos de linho ou algodão com listras de cor. As propriedades focalizadas são, respetivamente, o brilho do tecido e as listras, motivando as denominações.

A passagem de nomes próprios para nomes comuns também caracteriza processo de conversão, como o exemplo de Guimarães (cidade) para guimarães (tecido). Correia (1999) ressalta que essas passagens entre subclasses (incluídas na classe dos substantivos) são uma constante, sobretudo, na classe dos substantivos. Um dos exemplos que a autora dá é a passagem de substantivos abstratos a concretos, como em *construção* (nome de ação, abstrato) para *construção* (nome de objeto, concreto). Acerca disso, a autora diz que, “no caso concreto da passagem de nomes próprios a comuns e vice-versa, está-se, então, perante casos de antonomásia, entendendo-a aqui não como mera figura de estilo, mas como mecanismo semântico de transferência de significado (e conseqüentemente de denominação)” (CORREIA, 1999, p. 73).

Como explanamos na subseção 4.11.2, picotilho deriva de picote, tecido grosseiro e áspero de lã. A palavra picote vem do homônimo espanhol que, por sua vez, origina-se do verbo *picar* (espetar, coçar, pinicar). Dessa forma, o nome do tecido, em sua origem, está associado à sensação que o tecido provoca por sua aspereza. Quer dizer, constituiu a propriedade focalizada do referente, motivando a sua denominação.

A UL primavera ou seda de primavera denomina certo pano de seda a que se deu esse nome por ser ornado de flores e matizes. Assim, a denominação advém da analogia entre o colorido e florido representado no tecido e a estação anual das flores (primavera).

Referente a um tecido muito fino, ralo e transparente, a denominação escumilha deriva de espuma (esp. *espuma*), sendo perceptível a correlação entre a pouca consistência e delicadeza da estrutura da espuma e o aspecto físico do tecido.

A UL soprilho (esp. *soplillo*) denomina um tecido de seda muito tênue e transparente. Por ser fino a ponto de ser movido com um sopro, fez-se analogia entre os aspectos ligeiro/rarefeito do tecido e do sopro.

Um tecido muito brilhoso feito com fios dourados ou prateados denomina-se lhama, palavra proveniente do esp. *llama*, que em português traduz-se por chama.

Respeitante à UL musselina, a explicação de Savary des Bruslons (1748) para *mousseline* revela recurso metafórico a partir da similitude entre a aparência da superfície da musselina, que lembra a borbulhas, e as minúsculas bolhas de uma espuma (*mousse*).

Com efeito, percebemos que as UL destacadas, em sua origem, têm suas denominações motivadas por atributos focalizados nos referentes.

Correia (1999) chama a atenção para o fato de adjetivos convertidos em substantivos poderem ser mais descritivos que referenciais, como observamos em brilhante e riscado, cujo caráter é mais genérico. Nas palavras da autora, “[...] esses substantivos constituiriam denominações em potência, mas ainda não concretizadas, dado que estas unidades apresentam apenas significado descritivo e não significado referencial” (CORREIA, 1999, p. 180).

Mediante estudo do microcampo “velas náuticas”, compreendemos que as velas se distinguem, em especial, consoante à forma, à função e à localização na mastreação. Haja vista o papel de destaque da metonímia nesse microcampo, vale resgatar alguns exemplos em que constatamos relação de contiguidade. A gávea, a princípio, denominou uma espécie de plataforma suspensa no mastro e, metonimicamente, passou a denominar a vela e a verga da qual pende essa vela. No caso da UL vela de estai, temos uma denominação genérica para as velas estai da gávea, estai do joanete, estai da gata, estai da sobregata e outras. Aqui, metonimicamente, se deu a transferência do nome dos cabos grossos que, fixos na proa, firmam a mastreação para as velas envergadas nesses cabos. A UL vela grande, provavelmente, deriva do nome do mastro no qual está a verga grande da qual essa vela pende.

Na próxima subseção, direcionamos o foco para os topônimos recuperados a partir das denominações de tecidos.

#### **5.4 De topônimos a nomes de tecidos no português**

São notáveis a multiplicidade e a recorrência de topônimos no vocabulário têxtil. Vejamos o Quadro 14, em que dispomos as UL e os topônimos a elas subjacentes:

**Quadro 14** – Relação entre nomes de tecidos e topônimos.

<b>Fibra têxtil</b>	<b>UL</b>	<b>Topônimo</b>	<b>Motivação do nome do tecido</b>
<b>algodão</b>	pano da costa	Costa da Mina, África	Cotonifício originado na Costa da Mina
<b>lã</b>	lemiste	Leominster, Inglaterra	Lanifício originado em Leominster. Feito com lã de ovelhas da raça Ryeland
	londres	Londres, Inglaterra	Lanifício originário em Londres
	milaneza	Milão, Itália	Lanifício com seda originado em Milão
	osteda	Worstead, Inglaterra	Lanifício originado em Worstead
	pano da serra	Serra da Estrela, Portugal	Lanifício originado na região da Serra da Estrela, cadeia montanhosa situada na Região das Beiras
<b>linho</b>	bretanha	Bretanha, França	Linifício originado na Bretanha
	cambraia	Cambrai, França	Linifício originado em Cambrai
	guimarães	Guimarães, Portugal	Linifício originado em Guimarães, notória pela sua produção de linhos
	holanda holandilha	Holanda	Linifício originado na Frísia, província holandesa
	lona	Ville d'Olonne, França	Linifício não produzido na Ville d'Olonne, litoral da França. O nome do tecido está relacionado ao fato de terem sido os <i>olonois</i> os primeiros a comerciá-lo
	ruão	Ruão, França	Linifício originado em Ruão
<b>seda</b>	damasco damasquilho	Damasco, Síria	Seríceo inventado pelos chineses e levado para a Europa a partir do Oriente Médio. Os damascos foram vistos, pela primeira vez, na capital síria
	tabi	<i>al-'Attābīya</i> , bairro de Bagdá	Seríceo originado nesse bairro bagdali

Org.: elaborado pelo autor.

Notamos, por meio desse quadro, que entre os lanifícios predominam os britânicos, o que reflete a notoriedade da Inglaterra na produção de tecidos de lã. Segundo Pezzolo (2009, p. 63), a chegada da manufatura de lã às ilhas britânicas remonta a 55 a.C., levada pelos romanos que, com a ocupação do território, “[...] introduziram a habilidade em trabalhar com essa fibra animal que acabou se tornando uma arte no império britânico”. Avançando no tempo, na seção

1.2, abordamos o Tratado de Methuen, também conhecido como tratado de Panos e Vinhos, o qual vigorou entre 1703 e 1836 e estabelecia um acordo entre Portugal e Inglaterra no que diz respeito à compra e venda de tecidos e vinhos. A Inglaterra facilitou a venda de tecidos aos portugueses que, em contrapartida, fornecia vinhos, sua principal produção naquele período. Portanto, por um longo tempo, o consumo de têxteis pelas praças de Portugal ficou atrelada ao mercado britânico, o que limitou e endividou a economia lusitana. Por conseguinte, para sanar as dívidas, o ouro explorado na sua Colônia na América foi parar em “mãos” inglesas.

No conjunto dos linifícios elencados, o destaque vai para a França, onde a indústria linheira foi introduzida pelo imperador Carlos Magno, no século VIII d.C. (CHATAIGNIER, 2006). Entre as sedas, temos damasco e tabi, provenientes do Oriente Médio, conquanto Pezzolo (2009) afirme que a técnica de formar desenhos com fios cintilantes (caracterizante dos damascos) foi inventada pelos chineses e levada para a Europa a partir do Oriente Médio. O pioneirismo da China na sericultura é mundialmente conhecido e os registros históricos contam que os chineses a mantiveram em segredo o quanto puderam, mas, aos poucos, o tecido se espalhou pelas vias comerciais. Por ser muito valioso, sua comercialização sempre foi vista com interesse, motivo pelo qual “[...] os tecidos para vestuário e decoração da nobreza europeia e mediterrânea eram feitos desse material e transportados pela Rota da Seda do Oriente até Veneza ou a outros pontos comerciais” (PEZZOLO, 2009, p. 88).

Com apenas a UL pano da Costa, o algodão constitui minoria, tal qual no conjunto de denominações têxteis consideradas no Quadro 11 e no Quadro 12. Salientamos alhures que, sendo nativo no território brasileiro, era conhecido e aproveitado pelo povo autóctone. Portanto, o algodão está presente nestas terras desde período anterior à colonização. Pelo viés lexical, vislumbramos que a numerosa ocorrência da UL algodão no *corpus* do DHPB pode estar associada ao fato de terem sido constatadas menos denominações para tecidos de algodão. Ainda que essas denominações sejam minoria dentro do repertório lexical investigado, a volumosa quantidade de ocorrências da UL algodão nos textos do *corpus*, sobretudo, do século XVIII, pode ser reflexo dos impactos positivos que a cultura algodoeira causou na economia colonial brasileira em fins desse século, a partir da propagação de manufaturas têxteis. Haja vista a valorização e a alta demanda no mercado mundial em decorrência da revolução industrial, com a decadência da exploração aurífera, o algodão se tornou alternativa economicamente rentável na Colônia.

Voltando ao Quadro 14, embora o presente trabalho não tenha o desiderato de proceder a uma reconstituição dos trajetos precisos das palavras alógenas até o português, podemos inferir, com base nas obras lexicográficas e em outras referências utilizadas, que bretonha,

cambraia, damasco, damasquilho, holanda, holandilha, lemiste, lona, londres, osteda, ruão e tabi, atualizadas no vocabulário comum com acepção de tecido, constituíram “empréstimos culturais”, isto é, decorrem de contatos sociopolíticos e comerciais entre povos (BLOOMFIELD, 1961). Nesse conjunto, podemos destacar exemplos que não derivam de topônimos, como belbute (ing. *velvet*), brim (fr. *brin*), brocado (it. *broccato*), crepe (fr. *crêpe*), escumilha (esp. *espumilla*), mosselina (fr. *mousseline*), sarja (fr. *sarge*), soprilho (esp. *soplillo*), tisso (fr. *tissu*) e tripe (fr. *tripe*).

Feitos esses apontamentos gerais, na próxima subseção, elencamos as retrodatações que o banco de dados do DHPB possibilitou constatar mediante o presente trabalho, tendo como parâmetro as datas informadas no dicionário Houaiss (2009).

### 5.5 Cronologia lexical

Visto que esta tese registra e data as UL cronologicamente mais recuadas no banco de dados do DHPB, no Quadro 15, arranjamos aquelas que datam de ano anterior aos anos ou séculos atestados em Houaiss (2009). Ademais, adicionamos uma primeira datação para os lemas em que Houaiss (2009) não a fornece (ND – não datado).

**Quadro 15** – Datações e retrodatações com base nas datas atestadas em Houaiss (2009).

UL (conforme o VOLP)	Forma mais antiga atestada no <i>corpus</i>	Datação atestada	
		Houaiss (2009)	<i>Corpus</i> do DHPB
baetão	baetão	ND*	1798
belbute	bélbute	1785	1752
brilhante	brilhante	1789	1752
cabeceira	cabesera	ND	1653
esguião	esguião	ND	1750
garça	garça	1862-1864	1773 <sup>99</sup>
lhama	lhama	1789	1750
linhagem / liagem	linhage	1858	1645

<sup>99</sup> Por meio de pesquisa em outras bases de textos, recuamos mais a datação da UL **garça**: 1718. Desse ano data a obra “Santuário mariano, e historia das imagens milagrosas de N. Senhora”, de Fr. Agostinho de Santa Maria, em que localizamos uma ocorrência da UL: “Està com muyta veneração, & tem hum sitial, ou cortinado, & està cuberta com hum véo de **garça** para mayor veneração” (SANTA MARIA, 1718, v. 6, p. 51, grifo nosso). Convém, contudo, sinalizar a destacada ocorrência de 1773 no *corpus* do DHPB, pois foi graças a ele que encetamos a investigação e, portanto, chegamos ao texto de 1718.

UL (conforme o VOLP)	Forma mais antiga atestada no <i>corpus</i>	Datação atestada	
		Houaiss (2009)	<i>Corpus do DHPB</i>
musselina	mosselina	1858	1798
papa-figo / papafigo	papa-figo	1624	1530
picotilho	pecotilho	1789	1725
pinhoela	pinhuella	Séc. XVII	1654
saeta / saieta	saeta	1785	1727
sarjeta	sarjeta	1728	1655
serafina	serafina	1728	1654
soprilho	soprilho	1634	1627
tafetá	tafetá	1785	1583
talagarça	talagarça	1844	1801
tisso	tiffo	ND	1784

Org.: elaborado pelo autor.

\*ND: não datado.

Sublinhamos que apenas duas UL do macrocampo “confeções” aparecem no quadro acima: cabeceira, do microcampo “estofados”, e papa-figo, do microcampo “velas náuticas”.

Concluimos a seção iterando as palavras de Cambraia (2013), quando afirma que o labor lexicológico não pode prescindir da articulação de fatores intralinguísticos e extralinguísticos, pois, como postulou Coseriu (1977), na língua coincidem o sistemático, o cultural, o social e o histórico, embora seus limites não sejam coincidentes.

Nessa conjuntura, Piel (1989) visa o léxico de uma língua como um complexo organismo vivo, que remonta a períodos anteriores à constituição do português como língua de civilização e que vem sendo elaborado e reelaborado através dos séculos. Dessa forma, frisamos a dimensão histórica do léxico, uma vez que as unidades lexicais refletem diferentes estágios da história das sociedades humanas e, nesse processo, recortam o mundo cognoscível “[...] em categorias que variam exprimindo visões particulares de mundo” (SEABRA, 2015, p. 79).

Ademais, reconhecemos que, no estudo do léxico de uma língua de cultura, “[...] nunca será possível reconstituir todas as fases por ele percorridas e destrinçar a contribuição das muitas gerações que nele colaboraram até se constituir o magno edifício que hoje se nos depara nos grandes dicionários modernos” (PIEL, 1989, p. 9).

Ao investigar a veiculação das palavras nesse contínuo processo de elaboração e estruturação do léxico, apreendemos, também, as contribuições de outras línguas ao léxico do



português e admitimos que “[...] a memória lexical e lexicográfica de uma língua constitui um dos fundos patrimoniais mais interactivos. Garante, por um lado, a ligação com o texto e a mensagem do passado [...]. Por outro lado, dá continuidade e assegura, entre os grupos humanos, uma identidade linguística” (VERDELHO, 1995, p. 138).

Finalmente, os dados refletem o carácter expansivo do subdomínio do léxico do português que dá conta das denominações dos têxteis. Essa constatação está relacionada à própria evolução do setor, no que concerne, sobretudo, à criação e/ou à inovação dos tecidos. Tais dinamicidades se mostram, também, no léxico.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Retomemos a citação que serviu de mote a este estudo: “as denominações dadas a muitos tecidos – que nos intrigam e levam a fantasiar suas origens – acrescentam informações a eles pertinentes que, desta forma, desvendam modos de viver e aspectos socioculturais de povos os mais diversos” (CHATAIGNIER, 2006, p. 95).

Com efeito, as denominações são intrigantes. Conquanto muitas sejam conhecidas até hoje, como brim, cetim, chita, cambraia, crepe, damasco, tafetá e veludo, uma parte, pelo não reconhecimento imediato de um referente têxtil, provoca a imaginação a fazer associações com outras acepções que o lexema conforma. É o caso, por exemplo, de duquesa, durante, garça, milanesa, nobreza e primavera.

Nesse aspecto, há que se considerar ainda os usos e desusos lexicais que podem variar entre as variedades da língua portuguesa. Por exemplo, no português europeu, a denominação bombazina se conserva corrente hodiernamente, enquanto, no brasileiro, a UL veludo cotelê é mais comumente empregada para denominar esse tecido de algodão cujas características típicas são a aparência aveludada e as linhas em relevo.

Sobre as origens e/ou locais de difusão dos têxteis, em parte significativa das UL inventariadas, ficou patente a relação entre as denominações e os topônimos.

Haja vista a intrínseca relação entre léxico e cultura, vislumbrávamos, desde o início da pesquisa, que investigar as denominações têxteis significaria transitar por numerosos caminhos da história, tanto anterior ao Brasil Colônia – quando recuamos no tempo e buscamos conhecer as procedências das UL, chegando a outras línguas – quanto posterior – quando nos valem dos conhecimentos construídos até a atualidade acerca dos nomes de tecidos e confecções. Esse movimento temporal e espacial, tendo como ponto de partida e foco o período colonial brasileiro, significou evidentemente ir ao encontro de modos de vida e de aspectos culturais de diversos povos. O que incitou, encetou e guiou esse movimento foram as palavras.

A partir da teoria dos campos lexicais, compreendemos que pelas ausências e presenças dos traços sêmicos se revelam as idiossincrasias que singularizam os lexemas num campo lexical cuja unidade se mostra na identificação do(s) traço(s) comuns a todos eles, chamado(s) arquissemema(s). Nesse ponto, vale assinalar a crucial contribuição da memória lexicográfica para que chegássemos aos microcampos lexicais apresentados, pois foi mediante as acepções consultadas nos dicionários que delimitamos os semas para cada lexema analisado.

Independentemente do suporte, físico ou virtual, dos avanços e das inovações no fazer lexicográfico e nos produtos desse fazer, os dicionários foram, são e serão, também, uma espécie de “portal” pelo qual podemos acessar o passado do léxico e, ao menos, ter uma ideia do que uma UL significava num determinado estado da língua. Nesse sentido, significar é dar

a conhecer. No entanto, esse conhecimento tem que ser situado num contexto, social, cultural, geográfico, histórico. Aqui reside a relevância de obras como o “Dicionário Histórico do Português do Brasil – Séculos XVI, XVII e XVIII”, bem como do vocabulário têxtil que ora apresentamos, contendo as UL contextualizadas e atestadas no banco de dados que serviu de base ao DHPB, e as acepções registradas em dicionários do século XVIII até o presente.

Em face dessas considerações, concluímos que foi fulcral tratar da conjuntura histórica, social e econômica que envolveu as manufaturas têxteis nos séculos da colonização, bem como da história sociolinguística da língua portuguesa no Brasil. Como produtos destinados tanto para fins utilitários quanto para ornamentais, ou para ambas as finalidades ao mesmo tempo, os têxteis estão integrados às nossas vidas há milênios. Logo, falar sobre tecidos e confecções leva ao social, à vida privada e à vida pública, à religiosidade, às artes, ao trabalho, aos ofícios, aos meios, ao comer, ao repousar, ao simbolizar, enfim, aos hábitos, ao cotidiano, à(s) cultura(s) num todo.

Com isso, frisamos que, na presente pesquisa, o ponto de partida para se alcançar todo esse saber foi o léxico, as unidades lexicais coligadas e que compuseram o vocabulário. No plano extralinguístico, considerando os referentes, vimos que os têxteis transcendem a si mesmos enquanto objetos, pois são produtos culturais que comunicam muitos aspectos do povo, do local e da época em que foram produzidos e utilizados, o que demanda compreendê-los num contexto. No plano linguístico, o ato de nomear constituiu uma associação referencial duradoura entre o referente e o signo linguístico (provido de significado e significante), e tudo que é nomeado e identificado pela palavra está no domínio cognoscível do ser humano. O léxico é, portanto, meio de categorizar, acessar, transmitir, compartilhar e preservar esse conhecimento. Nesse sentido, léxico é memória, é registro.

Perscrutando a memória lexical e a Lexicografia da língua portuguesa, investigamos, registramos, descrevemos, analisamos e apresentamos o vocabulário têxtil disponível no banco de dados do “Dicionário Histórico do Português do Brasil – Séculos XVI, XVII e XVIII”.

A partir da comparação entre o vocabulário dos tecidos e o vocabulário das confecções em dicionários de épocas diferentes, apreendemos, sobretudo no vocabulário dos tecidos, que figuram um subdomínio do léxico com proeminente maleabilidade e expansibilidade, uma vez que o léxico, aberto e inesgotável, renova-se constantemente “[...] não apenas porque surgem novas palavras, mas, também, pela dinâmica interna das palavras, que vão e vêm, que desaparecem e reaparecem, que mantêm seus significados ou os mudam, de um lugar para outro, de um tempo para outro” (ANTUNES, 2012, p. 29).

Os microcampos conformados no macrocampo “confeções” contemplaram denominações que reportam a múltiplas esferas do viver cotidiano público e privado; ao vestir, ao comer, ao descansar o corpo, ao ornamentar, ao equipar meios de transporte e recintos diversos, como o eclesial, retratando a presença da religião católica desde o princípio da colonização do Brasil pelos europeus. Em termos de locomoção pelo território, o transporte de tração animal, equipado com apetrechos variados, era fundamental. As embarcações, como é consabido, tiveram papel preponderante nas viagens marítimas e fluviais. E há que se ressaltar as insígnias, cujo suporte têxtil possibilita exposição e mobilidade dos distintivos em muitas circunstâncias, içadas nos navios, carregadas à frente das tropas, à frente das procissões, como sinal militar, régio, eclesiástico, de paz, de guerra etc. Esses e outros fins, conforme elencamos no decorrer do trabalho, reforçam que tais artefatos acompanham o ser humano do nascimento à morte, nos vestuários, nas casas, nas artes decorativas, no trabalho, enfim, em todos os lugares, épocas e ocasiões, integrados, então, a uma esfera maior: a da cultura material.

Assim, os têxteis compõem um diversificado patrimônio de povos no mundo todo e, sendo a tecelagem um ofício milenar, é natural que exista copiosa quantidade de tecidos dos mais diferentes tipos e subtipos; fabricados com fibras têxteis e materiais vários a partir de distintos padrões de entrelaçamento dos fios da trama e da urdidura. Em face desse panorama do patrimônio têxtil, descobrimos um frutífero cabedal linguístico, propenso à (re)criação lexical e ao empréstimo (VICENTE MIGUEL, 2009, p. 509). Tais manufaturas eram e são itens de abundante importação e exportação e, pelos percursos, seus nomes atravessaram fronteiras, acolhidos por muitas sociedades ao longo da história e adaptados aos subsistemas das línguas receptoras.

Compreendemos que “[...] um produto têxtil, do fino ao rústico, compara-se a um documento a partir do qual podemos obter registros sociais e culturais e penetrar por seus enraizamentos históricos e geográficos” (BERNARDO; MURAKAWA, 2016, p. 208-209). Nesse sentido, toda a sorte de nomes de tecidos e de confeções documentados revela a riqueza do *corpus* do DHPB e a criatividade linguística subjacente ao vocabulário têxtil.

Diante dos dados linguísticos trabalhados, reveladores da variedade de tecidos daquela época, acentuamos o fato de se tratar de um domínio tendente a (re)criações a partir de uma profusão de artifícios: ligamentos (tafetá ou tela, sarja e cetim); mesclagem de fibras têxteis; mesclagem de fios não têxteis (ouro, prata etc.); acabamentos (felpagem, calandragem, tosquia, enceramento); variabilidade da densidade (fino, grosso e entrefino); variabilidade na estrutura da trama (rala, estreita) e uma multiplicidade de tinturas, estampagens, texturas, motivos e padrões. Entendemos que a língua, para conformar em seu acervo lexical todas as

denominações resultantes desses processos, apresenta expedientes morfossintáticos, semânticos, cognitivos (metáfora e metonímia), neológicos, terminológicos, entre outros.

Chamaram a atenção as denominações têxteis associadas a topônimos de diferentes locais do mundo, as quais não apontam necessariamente o local de origem, pois podem dar sinais do local de difusão. A lona, por exemplo, se difundiu a partir da Ville d’Olonne pelos *olonois*, os primeiros a negociarem este tecido fabricado, a princípio, na região da Bretanha. Como era destinado, sobretudo, à confecção de velas para embarcações, é plausível conceber que o fato de a Ville d’Olonne ser litorânea tenha propiciado e facilitado o comércio e, assim, ela se tornou mais expressiva e influente que o local de fabricação. A UL guimarães, por sua vez, reporta ao topônimo do lugar cuja produção de linho fora eminente em Portugal. É prudente considerar, também, o princípio da economia linguística a partir da pertinente redução de “pano de Guimarães” ou “linho de Guimarães” para, simplificada, guimarães, atualizada no vocabulário comum, cujas unidades têm a propriedade de representar lexicalmente os conceitos que descrevem o universo extralinguístico. Nessa perspectiva, as denominações podem estar atreladas ao contexto, à notoriedade e à exaltação da procedência do referente.

As unidades lexicais inventariadas e estudadas revelaram muito das tessituras histórico-linguísticas, bem como das categorias e subcategorias cognitivas que o ser humano, em sociedade, elabora e reformula no decorrer da história. Com isso, oferecemos um baú cujo tesouro se compõe de preciosas peças linguísticas tecidas nas dinâmicas e nos entrelaçamentos históricos, sociais e (inter)culturais que remontam ao passado – a sociedades antigas e a saberes e técnicas milenares, desenvolvidas e aperfeiçoadas ao longo do tempo em face das necessidades, dos gostos e dos desejos humanos – e que podem ser acessados no presente graças à memória lexical e à Lexicografia.

## REFERÊNCIAS

- ABBADE, Celina M. de Souza. O estudo do léxico. *In*: TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006. p. 213-225.
- ABBADE, Celina M. de Souza. **Um estudo lexical do primeiro manuscrito da culinária portuguesa medieval**: o livro de cozinha da infanta D. Maria. Salvador: Quarteto, 2009.
- ACL – Academia das Ciências de Lisboa. **Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea**. Lisboa: Editorial Verbo, 2001. 2 v.
- ALMEIDA, A. A. Domingues; SANTOS, Elisângela S. dos; SOLEDADE, Juliana (org.). **Saberes lexicais**: mundos, mentes e usos. Salvador: Editora da UFBA, 2015. p. 279-314.
- ALVES, Ieda Maria *et al.* **Estudos lexicais em diferentes perspectivas**. São Paulo: FFLCH/USP, 2009.
- ANTUNES, Irandé. **Território das palavras**: estudo do léxico em sala de aula. São Paulo: Parábola Editoria, 2012.
- ANTUNES, Luís Frederico Dias. A vida social das colchas e outros bens indo-portugueses: seus usos e valor para lá do comércio (séculos XVI-XVIII). **Anais do Museu Paulista**, São Paulo, nova série, v. 26, p. 1-23, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672018v26e05d1>. Acesso em: 15 jan. 2020.
- ATHAYDE, Augusto de. Ascendência e descendência açoreana de alguns bandeirantes e famílias antigas do Brasil: notas para uma pesquisa. **Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira**, Angra do Heroísmo, v. 50, p. 251-288, 1992.
- BALLY, Charles. L'arbitraire du signe. Valeur et signification. **Les français moderne**, Paris, ano 8, n. 3, p. 193-206, jun.-jul., 1940. Disponível em: <https://pt.calameo.com/read/0009039472379a2419b25>. Acesso em: 20 maio 2019.
- BARATA, Jaime Martins. **O navio “São Gabriel” e as naus manuelinas**. Coimbra: Junta de Investigação do Ultramar, 1970. Disponível em: <http://www.portalbarcosdobrasil.com.br/handle/01/367?locale-attribute=en>. Acesso em: 20 out. 2019.
- BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. **Opacité et transparence lexico-culturelle dans l'apprentissage du portugais langue étrangère au Brésil**: les paroles de chansons, instruments de médiation linguistique et culturelle. Lille, France: Atelier National de Reproduction de Thèses, 2008.
- BARBOSA, Lúcia Maria de Assunção. O conceito de lexicultura e suas implicações para o ensino-aprendizagem de português língua estrangeira. **Filologia e linguística portuguesa**, n. 10-11, p. 31-41, 2009.
- BASILIO, Margarida. Abordagem gerativa e abordagem cognitiva na formação de palavras: considerações preliminares. **Linguística**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p.11-26, dez. 2010.

BASILIO, Margarida. Metonímia e metáfora em construções lexicais no português do Brasil. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 43, n. 1, p. 382-394, jan.-abr. 2014.

BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**. 4. ed. Tradução de Maria da Glória Novak e Maria Luisa Neri. Campinas: Pontes Editores, 1995.

BERNARDO, Jozimar L. **Dimensão mágico-religiosa da palavra em textos orais sobre o catolicismo popular na comunidade São Domingos, Catalão-GO**. 2015. 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Unidade Acadêmica Especial de Letras e Linguística, Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2015.

BERNARDO, Jozimar L.; MURAKAWA, Clotilde de A. Azevedo. Algumas considerações acerca do vocabulário têxtil no banco de dados do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII. **Cadernos do CNLF**, v. XX, p. 195-212, 2016. Disponível em: [http://www.filologia.org.br/xx\\_cnlf/cnlf/cnlf\\_02/016.pdf](http://www.filologia.org.br/xx_cnlf/cnlf/cnlf_02/016.pdf). Acesso em: 08 mar. 2020.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. **Letras de hoje**, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. *In*: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001a. p. 13-22.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. **Teoria lingüística**: teoria lexical e lingüística computacional. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001b. (Coleção leitura e crítica).

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo; MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo (org.). **Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII**. Araraquara: Laboratório de Lexicografia/FCLAr. Não publicado.

BLOOMFIELD, Leonard. **Language**. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1961.

BLUTEAU, D. Raphael. **Vocabulario Portuguez e Latino**. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712-1728.10 v.

BRASIL. **Collecção das leis do Imperio do Brazil de 1829**: parte primeira. Typographia Nacional: Rio de Janeiro, 1877. Disponível em: <https://bit.ly/2Q1YIJg>. Acesso em: 12 maio 2019.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio de. **Diccionario contemporaneo da lingua portugueza**. Lisboa: Imprensa Nacional, 1881. 2 v.

CALDAS AULETE, Francisco Júlio. de. **Dicionário contemporâneo da língua portuguesa**. 6. ed. Rio de Janeiro: Delta, 1974. 5 v.

CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Línguas européias de ultramar: o português do Brasil. *In*: UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004. p. 113-130.

CAMBRAIA, César Nardelli. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 157-188, jan./jun. 2013.



CARDOSO, Jerónimo. **Hieronimi Cardosi Lamacensis Dictionarium ex Lusitanico in latinum sermonem**. Ulissypone: ex officina Ioannis Aluari, 1562. Disponível em: <http://purl.pt/15192>. Acesso em: 29 out. 2019.

CARDOSO, Jerónimo. **Dictionarium latino lusitanicum et vice versa lusitanico latinum**. Ulissypone: ex Officina Petri Crasbeeck, 1613. Disponível em: <http://purl.pt/14034>. Acesso em: 15 set. 2019.

CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra A.; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006.

CASTRO, Ivo. **Introdução à História do português**. 2. ed. Lisboa: Colibri, 2006.

CHAMBOULEYRON, Rafael; CARDOSO, Alírio. As cores da conquista: produtos tintórios e anil no Maranhão e Grão-Pará (século XVII). **Locus**, Juiz de Fora, v. 20, n. 1, p. 61-82, 2014.

CHATAIGNIER, Gilda. **Fio a fio: tecidos, moda e linguagem**. São Paulo: Estação das Letras, 2006.

COMITÉ des Travaux Historiques et Scientifiques (France). **Bulletin archéologique du Comité des travaux historiques et scientifiques**. Paris: Imprimerie Nationale, 1907. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k2033352/f332.image.r=hosteda>. Acesso em: 10 set. 2019.

CORREIA, Margarita. **A denominação das qualidades** - contributos para a compreensão da estrutura do léxico português. 1999. Tese (Doutoramento em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1999.

CORREIA, Margarita; BARCELLOS ALMEIDA, Gladis M. de. **Neologia do português**. São Paulo: Parábola, 2012.

CORRIENTE, Federico. Los arabismos y otras voces medio-orientales del Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. **Filologia e Linguística Portuguesa**, São Paulo, v. 15, n. especial, p. 69-184, dez. 2013.

COSERIU, Eugenio. **Principios de semántica estructural**. Madrid: Gredos, 1977.

COSERIU, Eugenio. **Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio lingüístico**. 3. ed. Madrid: Gredos, 1978.

COSTA, Manuela Pinto da. Tecidos e Têxteis portugueses do século XVII ao século XVIII. In: CONGRESSO HISTÓRICO DE GUIMARÃES, 4., 2009, Guimarães. **Actas [...]**. Guimarães: Câmara Municipal de Guimarães, 2009. p. 153-180. v. 5. Disponível em: <https://ch.guimaraes.pt/uploads/actas/4CH/5sec/4ch-5sec-006.pdf>. Acesso em: 10 out. 2018.

COSTA, Ricardo Manuel Madruga da. **Os Açores em finais do regime de Capitania-Geral 1800-1820**. Horta, Açores: Núcleo Cultural da Horta; Câmara Municipal da Horta, 2005.

COVARRUBIAS, Sebastián de. **Tesoro de la lengua castellana o española**. Madrid: imp. Luís Sánchez, 1611.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico Nova Fronteira**. 2. ed. Rio de Janeiro Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Vocabulário histórico-cronológico do português medieval**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2007. (CD-ROM).

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4. ed. rev. e atual. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

D'AVILLEZ, Filipe. **Levar o “cobertor de papa” ao Papa foi um prêmio para Maçainhas**. Lisboa: Rádio Renascença, 2018. Disponível em: <https://rr.sapo.pt/2018/11/22/religiao/levar-o-cobertor-de-papa-ao-papa-foi-um-premio-para-macainhas/noticia/131667/>. Acesso em: 15 jan. 2020.

DANTAS, Júlio. Vocabulário. In: DANTAS, Júlio. **Pátria portuguesa**. 3. ed. Lisboa: António Maria Pereira, 1916. p. 297-312. Disponível em: <https://www.yumpu.com/pt/document/read/12688057/patria-portuguesa-ilustracoes-de-alberto-sousa-3-ed-rev-e->. Acesso em: 28 jan. 2020.

DEL PRIORE, Mary. Ritos da vida privada. In: MELLO E SOUZA, Laura de; NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. 12. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 275-331.

DMF – Dictionnaire du Moyen Français (1330-1500). [s. l.]: CNRS & Université de Lorraine, 2015. Disponível em: <http://www.atilf.fr/dmf/>. Acesso em: 10 set. 2019.

DOMINGUES-LOPES, Rita de Cássia. Artefatos Xikrín: documentos e testemunhos de um grupo indígena. In: REUNIÃO REGIONAL DE ANTROPÓLOGOS DO NORTE E NORDESTE, 8., 2003, **Anais [...]**. São Luís-MA: ABANNE, 2003.

DRUMOND, Marco Aurélio. **Indumentária e Cultura Material: produção, comércio e usos na Comarca do Rio das Velhas (1711-1750)**. 2008. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

DUBOIS, Jean *et al.* **Dicionário de Lingüística**. São Paulo. 10. ed. Tradução de Frederico Pessoa de Barros *et al.* São Paulo: Cultrix, 1998.

DU CANGE *et al.* **Glossarium mediae et infimae latinitatis**. Niort: L. Favre, 1883-1887. Disponível em: <http://ducange.enc.sorbonne.fr/ATTABI?clear=1>. Acesso em: 20 set. 2019.

ESPÍRITO SANTO, Florinda de Lurdes F. P. Ruivo do. 2010. 99 f. **Tradição e moda: a “Manta de Pastor” como produto de moda, do pastor da Serra da Estrela à passerelle**. Dissertação (Mestrado em Design de Moda) - Departamento de Ciência e Tecnologia Têxteis, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2010.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto. **A linguagem da moda no português contemporâneo**. 139 f. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2001.

FARIAS, Emilia Maria Peixoto. **Glossário de termos da moda**. Fortaleza: Editora da UFC; SEBRAE/CE, 2003.

FERREIRA, Ana Maria Pereira. **A importação e o comércio têxtil em Portugal no século XV (1385 a 1481)**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1983.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário eletrônico Aurélio versão 5.0**. Curitiba: Positivo Informática, 2004. (CD-ROM).

FIGUEIREDO, Cândido de. **Nôvo dicionário da língua portuguesa**: compreendendo além do vocabulário commum aos mais modernos dictionários da língua... Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, 1899. 2 v.

FONSECA, Maurílio M. Noções básicas sobre navios de vela. *In*: FONSECA, Maurílio M. **Arte naval** – volume II. 7. ed. Rio de Janeiro: Serviço de Documentação da Marinha, 2005. p. 845-872.

FRANÇA PAIVA, Eduardo. Iconografia Colonial das Minas Gerais e do Peru: para uma História Comparada. **Portuguese Studies Review**, Peterborough, Ontario, v. 18, n. 1, p. 61-79, 2011.

FREIXA, Judit. **La variació terminològica**. Anàlisi de la variació denominativa en textos de diferent grau d'especialització de l'àrea de medi ambient. 2002. 396 f. Tese (Doutorado em Variació en el Llenguatge) – Departamento de Filologia Catalã, Instituto Universitário de Lingüística Aplicada, Universidade de Barcelona, Barcelona, 2003.

FURTADO, Junia Ferreira. **Cultura e sociedade no Brasil Colônia**. São Paulo: Atual, 2000. (Discutindo a História do Brasil).

FURTADO, Milton Braga. **Síntese da economia brasileira**. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

GALISSON, Robert. **De la langue à la culture par les mots**. Paris: CLE International, 1991.

GARCIA, Afrânio da Silva. O português do brasil questões de substrato, superstrato e adstrato. **SOLETRAS**, São Gonçalo, ano II, n. 4, p. 70-80, jul./dez. 2002.

GECKELER, Horst. **Semántica estructural y teoría del campo léxico**. Madrid: Gredos, 1976.

GENOUVRIER, Emile; PEYTARD, Jean. **Lingüística e ensino do português**. Tradução de Rodolfo Ilari. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

GIL, Erica Alexandra Balata. **O banco público** - significado e importância deste equipamento no espaço público. 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Design de Equipamento) – Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2011. Disponível em: [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4971/2/ULFBA\\_TES443.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/4971/2/ULFBA_TES443.pdf). Acesso em: 12 dez. 2018.

GODEFROY, Frédéric. **Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle**. Paris: F. Vieweg, 1885. v. 4. Disponível em: <http://micmap.org/dicfro/search/dictionnaire-godefroy/gardenape>. Acesso em: 2 fev. 2020.

GODEFROY, Frédéric. **Dictionnaire de l'ancienne langue française et de tous ses dialectes du IX<sup>e</sup> au XV<sup>e</sup> siècle**. Paris: F. Vieweg, 1888. v. 5. Disponível em: <http://micmap.org/dicfro/search/dictionnaire-godefroy/ostade>. Acesso em: 11 set. 2019.

GÓMEZ FERRERO, María Cristina. **Estudio del léxico en los protocolos notariales del Partido Judicial de La Bañeza (ss. XVII-XIX)**. 2014. 650 f. Tese (Doutorado em Filologia Hispânica) - Faculdade de Filosofia e Letras, Universidade de León, León, 2014.

GUERRA, José Wilton N.; SIMÕES, Renata da Silva. **Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira 4: objetos**. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001.

HAENSCH, Günther *et al.* (org.). **La Lexicografía** – de la lingüística teórica a la lexicografía práctica. Madrid: Editorial Gredos, 1982.

HAVARD, Henry. **Dictionnaire de l'ameublement et de la décoration: depuis le XIII<sup>e</sup> siècle jusqu'à nos jours**. Paris: Maison Quantin, 1894. v. 2. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k5715643b/>. Acesso em: 5 fev. 2020.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa versão 3.0**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

HUNSTON, Susan. **Corpora in Applied Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grade: UFMS, 2004.

JERONIMO, Gabriela Guimarães. **Dos saberes da roça: entre plantas, memórias e palavras**. 2018. 354 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2018.

JIANG, Wenying. The relationship between culture and language. **ELT Journal**, v. 54, n. 4, p. 328-324, 2000.

KRIEGER, Maria da Graça. Terminologia: uma entrevista com Maria da Graça Krieger. **ReVEL**, v. 9, n. 17, p. 443-452, 2011.

LINSCHOTEN, Jan Huygen van. **Itinerário, viagem ou navegação de Jan Huygen van Linschoten para as Índias Orientais Portuguesas**. Edição de Arie Pos e Rui Loureiro. Lisboa: CNCDP, 1997.

LISANTI, Luis. **Negócios coloniais: uma correspondência comercial do século XVIII**. Brasília: Ministério da Fazenda; São Paulo: Visão editorial, 1973. 5 v.

LITTRÉ, Émile. **Dictionnaire de la langue française**. Paris: Hachete, 1875. t. 1.

LOPES, Ana C. Macário; RIO-TORTO, Graça. **Semântica**. Lisboa: Caminho, 2007. (O Essencial sobre Língua Portuguesa).

LORENTE, Mercè. A lexicologia como ponto de encontro entre a gramática e a semântica. Tradução de Candice D. Schreiber e Juliana dos S. Padilha. *In*: ISQUERDO, Aparecida Negri; KRIEGER, Maria da Graça (org.). **As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia**. Campo Grade: UFMS, 2004. p. 19-30.

LUCCHESI, Dante. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **DELTA**, v. 33, n. 2, p. 347-382, 2017.

MACHADO, Ana Maria. O Tao da teia: sobre textos e têxteis. **Estudos avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 173-196, 2003.

MARTÍNEZ MELÉNDEZ, Maria del Carmen. **Los nombres de tejidos en castellano medieval**. Granada, Universidad de Granada, 1989.

MASCARENHAS, Annibal. **Curso de História do Brasil**. Rio de Janeiro: Livraria do povo, 1898.

MATORÉ, Georges. **La méthode en lexicologie**. Domaine français. Paris: Didier, 1973.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. Uma compreensão do português brasileiro: velhos problemas repensados. *In*: CARDOSO, Suzana Alice M.; MOTA, Jacyra A.; MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia (org.). **Quinhentos anos de história lingüística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 219-254.

MEIRELES, Cecília. Além das paredes, dos móveis. *In*: MEIRELES, Cecília. **Cecília Meireles: poesia completa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MELLO E SOUZA, Laura de; NOVAIS, Fernando A. **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América portuguesa**. 12. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MENDES, Noémia da Conceição Simas. **Palavras concretas de um inventário do século XIV**. 1962. 608 p. Dissertação (Licenciatura em Filologia Românica) – Faculdade de Letras, Universidade de Coimbra, Coimbra, 1962.

MINÉ, Elza - **Alguns Homens de meu tempo**: e outras memórias de Jaime Batalha Reis. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2017.

MORAIS, Rita Machado Maltieira de Almeida. **A tela na pintura portuguesa: materiais e técnicas, do século XV ao século XIX**. 2016. Tese (Doutorado em Conservação e Restauro de Bens Culturais) - Escola das Artes, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2016.

MORALA RODRÍGUEZ, José Ramón. Léxico con denominaciones de origen en inventarios del Siglo de Oro. *In*: RABADÁN, Rosa, FERNÁNDEZ LÓPEZ, Marisa, GUZMÁN GONZÁLEZ, Trinidad (coord.). **Lengua, traducción, recepción**: en honor de Julio César Santoyo. León: Universidad de León, 2010. p. 385-417.

MOREIRA, Domingos A. Sobre o antropónimo Vímara. **Boletim cultural da Câmara Municipal do Porto**, Porto, v. 31, fasc. 1-2, p. 75-91, 1968.

MURAKAWA, Clotilde de A. Azevedo. Lexicografia e História: o Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII. *In*: ALVES, Ieda Maria *et al.* **Estudos lexicais em diferentes perspectivas**. São Paulo: FFLCH/USP, 2009. p. 23-38.

MURAKAWA, Clotilde de A. Azevedo. A contribuição de um dicionário histórico: o Dicionário Histórico do Português do Brasil. **Organon**, v. 25, n. 50, p. 1-19, 2011.

MURAKAWA, Clotilde de A. Azevedo. Dicionário Histórico do Português do Brasil: testemunho lexical da língua portuguesa no Brasil Colônia. **Debate Terminológico**, n. 14, p. 75-88, 2015.

MURAKAWA, Clotilde de A. Azevedo. O vocabulário dos tecidos no banco de textos do Dicionário Histórico do Português do Brasil – séculos XVI, XVII e XVIII: um recorte lexicográfico. *In*: ÁLVAREZ DE LA GRANJA, María; BOULLÓN AGRELO, Ana; GONZÁLEZ SEOANE, Ernesto X. (ed.). **Aproximacións á variación lexical no dominio galego-portugués**. Coruña: Revista Galega de Filoloxía, 2017. p. 115-131. (Monografía 11). Disponível em: [http://illa.udc.es/rgf/pdf/mon\\_11.pdf](http://illa.udc.es/rgf/pdf/mon_11.pdf). Acesso em: 11 jan. 2018.

MUSEU VIRTUAL DA LUSOFONIA. **Da palavra à imagem**: glossário de objetos, ofícios, e expressões do português antigo. Braga, Portugal, 2010. Disponível em: <http://www.museuvirtualdalusofonia.com/glossario/?categoria=portas-adentro&letra=a>. Acesso em 22 jan. 2020.

NASCENTES, Antenor. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1955. Disponível em: <https://archive.org/details/AntenorNascentesDicionarioEtimologicoDaLinguaPortuguesaTomoI>. Acesso em: 20 set. 2019.

NEIRA, Luz García. Discursos distintivos a partir da cultura material têxtil no Brasil (1847-1910). **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 48, p. 284-304, jul.-dez. 2011.

NEUENDORF, Kimberly A. **The content analysis guidebook**. California: Sage Publications, 2002.

NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz. **Vida privada e quotidiano no Brasil na época de D. Maria I e D. João VI**. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

NIZZA DA SILVA, Maria Beatriz. **Cultura letrada e cultura oral no Rio de Janeiro dos vice-reis**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

NUNES, Cristiano Diamantino Clara. 2014. **Relatório de Estágio**. Relatório (Licenciatura em Marketing) - Escola Superior de Tecnologia e Gestão, Instituto Politécnico da Guarda, Guarda, 2014.

OED – Oxford English Dictionary. Oxford: Clarendon Press, 1928. v. 10, parte 2. Disponível em: <https://archive.org/details/oedxbarch/page/n5>. Acesso em: 22 set. 2019.

OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires; ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 2001.

OLIVEIRA, Gracinéa Imaculada. **Estudo do vocabulário do vestuário em documentos setecentistas de Minas Gerais**. 2010. 228 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.

OLIVEIRA, Gracinéa Imaculada. A trama e a urdidura: o vocabulário têxtil e a história da língua portuguesa. **Filologia e Linguística Portuguesa**, v. 13, n. 2, p. 441-457, 2011.

PALLA, Maria José. **Do essencial e do supérfluo**: estudo lexical do traje e adornos em Gil Vicente. Lisboa: Editorial Estampa, 1992.

PAULA, Maria Helena de. **Rastros de velhos falares**: léxico e cultura no vernáculo catalano. 2007. 521 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2007.

PAULA, Maria Helena de. Brinquedos e brincadeiras em narrativas pessoais: inventário e análise lexical. **Revista do GELNE**, v. 12, p. 22-31, 2010.

PEREIRA, Franklin. A monta "à brida" e "à jineta" nas planícies da Península Ibérica – selas, arreios e protecção do cavaleiro cristão e muçulmano. **Mirabilia**, n. 8, p.108-135, 2008.

PEREIRA, José Manuel Malhão. **Norte dos Pilotos** - guia dos curiosos. Um Livro de Marinharia do séc. XVIII. Ericeira, Portugal: Mar de Letras, 2008.

PEREIRA, José Manuel Malhão (coord.). **Dieta Náutica e Militar** - Um Manuscrito inédito do século XVIII regulamentando a vida a bordo. Notas introdutórias e transcrição de Nuno Valdez dos Santos *et al.* Lisboa: Academia da Marinha, 2018.

PEREIRA, Rita M. Alves. **O burel, enquanto matéria de design**: concepção de um produto lúdico multifuncional para utilização infantil. 2014. 98 f. Relatório de Projeto Final (Mestrado em Design Industrial Tecnológico) – Faculdade de Engenharia, Universidade da Beira Interior, Covilhã, 2014.

PEZZI, Elena. Tres voces de origen arabe: 'gala', 'galan' y 'galon'. **MEAH**, Universidad de Granada, v. 32-33/1, p. 129-166, 1983-1984.

PEZZOLO, Dinah Bueno. **Tecidos**: história, tramas, tipos e usos. 2. ed. rev. São Paulo: Senac SP, 2009.

PIEL, Joseph-Maria. Origens e estruturação histórica do léxico português. *In*: PIEL, Joseph-Maria. **Estudos de Linguística Histórica galego-portuguesa**. Lisboa: IN-CM, 1989. p. 9-16.

PINTO, Fátima Raquel F. **Design para a valorização de indústrias regionais**: readaptação do cobertor de papa da Guarda. 2015. Dissertação (Mestrado em Engenharia e Design do Produto) - Departamento de Comunicação e Artes, Universidade de Aveiro, Aveiro, 2015.

PORTUGAL. **Lei de D. Sebastião de 25 de junho de 1560**. Ley sobre os vestidos de seda, & feitos delles. E das pessoas que os podem trazer. - [*S.l.*: *s.n.*]: vendense em casa de Belchior Fernandez, [25 de Junho de 1560]. Disponível em: <http://purl.pt/14914>. Acesso em: 10 ago. 2016.

PORTUGAL. **Pauta e alvará de sua confirmação do Consulado Geral, da sahida, e entrada na Casa da India...** Lisboa: Regia Officina Typografica, 1785. Disponível em: <http://purl.pt/6453/3/#/56>. Acesso em: 24 jan. 2020.

PORTUGAL. **Collecção das leys, decretos, e alvarás, que comprehende o feliz reinado delrey fidelissimo D. José o I. Nosso Senhor...** Lisboa: Officina de Antonio Rodrigues Galhardo, 1797. Disponível em: <https://archive.org/details/collecadasle00port>. Acesso em: 12 maio 2019.

PORTUGAL. **Alvará de cinco de janeiro de 1785**. Alvará prohibindo as Fábricas, e Manufacturas, no Brazil. *In*: SILVA, Antonio Delgado da [redator]. **Collecção da Legislação Portuguesa Desde a Ultima compilação das ordenações, legislação de 1775 a 1790**. Lisboa: Typografia Maignense, 1828. Disponível em: <http://goo.gl/HI3tm2>. Acesso em: 20 ago. 2016.

RANGEL, Manoel. Relação do naufragio da nao Conceyção, de que era capitão Francisco Nobre, A qual se perdeu nos baixos de Pero dos Banhos aos 22 dias do mez de Agosto de 1555. *In*: BRITO, Bernardo Gomes de. **Historia tragico-maritima**: em que se escrevem chronologicamente os naufragios que tiverão as naos de Portugal, depois que se poz em exercicio a navegação da India. Disponível em: <https://archive.org/details/historiatragicom01brituoft>. Acesso em: 5 nov. 2019.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua castellana compuesto por la Real Academia Española...** Madrid: Joaquín Ibarra, 1780. Disponível em: <http://web.frl.es/ntllet/SrvltGUILoginNtlletPub>. Acesso em: 3 fev. 2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua castellana por la Real Academia Española...** 12. ed. Madrid: Imprenta de D. Gregorio Hernando, 1884. Disponível em: <http://web.frl.es/ntllet/SrvltGUILoginNtlletPub>. Acesso em: 3 fev. 2020.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA. **Diccionario de la lengua española**. 22 ed. Madrid: Espasa Calpe, 2001. Disponível em: <http://web.frl.es/ntllet/SrvltGUILoginNtlletPub>. Acesso em: 12 jan. 2020.

REIS, Amphilóquio. **Manual para as embarcações miúdas**. Rio de Janeiro: Ministério da Marinha: Imprensa Naval, 1937.

RIBEIRO, João. **O fabordão**. Rio de Janeiro: H. Garnier, 1910.

ROCCA, Sandra Vasco *et al.* **Thesaurus**: vocabulário de objetos do culto católico. Lisboa: Universidade Católica Portuguesa; Fundação da Casa de Bragança, 2004.

SANTA MARIA, Fr. Agostinho de. **Santuario mariano, e historia das imagens milagrosas de Nossa Senhora...** Lisboa: Officina de Antonio Pedrozo Galrao, 1718. v. 6. Disponível em: <https://archive.org/details/santuariomariano06sant/page/50>. Acesso em: 12 maio 2019.

SAPIR, Edward. **Linguística como ciência**: ensaios. Tradução de J. Mattoso Câmara Jr. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1969.

SARDINHA, Tony Berber. Linguística de corpus: histórico e problemática. **DELTA**: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.

SAUSSURE, Ferdinand de (1916). **Curso de Linguística Geral**. 27. ed. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAVARY DES BRUSLONS, Jacques. **Dictionnaire universel de commerce**. Nouvelle edition. Paris: Estienne et fils, 1748. Disponível em: Volume 1: <https://bit.ly/2LXJ66m>; Volume 2: <https://bit.ly/2weii7m>; Volume 3: <https://bit.ly/2WYqO66>. Acesso em 05 maio 2019.

SEABRA, Maria Cândida T. Costa de. Língua, cultura, léxico. *In*: SOBRAL, Gilberto Nazareno Telles; LOPES, Norma da Silva; RAMOS, Jânia Martins. **Linguagem, sociedade e discurso**. São Paulo: Blucher, 2015. p. 65-84. Disponível em: <https://goo.gl/WvpyZ5>. Acesso em: 10 out. 2017.

SEQUEIRA, Joana. **O pano da terra**: produção têxtil em Portugal nos finais da Idade Média. Porto: UPorto, 2014



SILVA, Agostinho da. **Breve história do linho**. Lisboa: Minerva, 1940. (Iniciação - Cadernos de Informação Cultural).

SILVA, Antonio de Morais. **Diccionario da lingua portugueza**. Lisboa: Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1789. 2 v.

SILVA, Antonio de Morais. **Diccionario da lingua portugueza** - recompilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado... 2 ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. 2 v.

SILVA, Antonio de Morais. **Grande dicionário da língua portuguesa**. 10. ed. Organização de Augusto Moreno, Cardoso Junior e José Pedro Machado. Lisboa: Editorial Confluência, 1949-1959. 12 v.

SILVA, Augusto Soares da. Metáfora, metonímia e léxico. **Diacrítica**, Braga, n. 7, p. 313-330, 1992.

TAUNAY, Affonso de E. **Piratininga: aspectos sociais de S. Paulo seiscentista**. São Paulo: Typografia Ideal, 1923.

TAYLOR, J. R. The classical approach to categorization. / Prototype Categories: I. **Linguistic categorization: prototypes in linguistic theory**. 2. ed. New York: Clarendon Press - Oxford, 1995. p. 21-58.

TEIXEIRA, José. O léxico também usa Prada?: léxico, cognição e publicidade. *In*: ALMEIDA, A. A. Domingues; SANTOS, Elisângela S. dos; SOLEDADE, Juliana (org.). **Saberes lexicais: mundos, mentes e usos**. Salvador: Editora da UFBA, 2015. p. 279-314.

TEIXEIRA, Maria da Conceição Reis; QUEIROZ, Rita de Cássia R. de; SANTOS, Rosa Borges dos (org.). **Diferentes perspectivas dos estudos filológicos**. Salvador: Quarteto, 2006.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

THOMAS, Antoine. **Essais de philologie française**. Paris: Librairie Émile Bouillon, 1897. Disponível em: <https://archive.org/details/essaisdephilolog00thomuoft/page/342>. Acesso em: 11 set. 2019.

TRASK, Robert Lawrence. **Dicionário de linguagem e linguística**. Tradução de Rodolfo Ilari. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

UCHÔA, Carlos Eduardo Falcão (org.). **Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr.** 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

VASCONCELOS, Francisco José da Câmara de. Dieta Náutica e Militar: no exercício do mar para se manobrar um navio de guerra em toda a operação de o reger como marinheiro, piloto, artilheiro e soldado e política militar. *In*: PEREIRA, José Manuel Malhão (coord.). **Dieta Náutica e Militar** - Um Manuscrito inédito do século XVIII regulamentando a vida a bordo. Notas introdutórias e transcrição de Nuno Valdez dos Santos *et al.* Lisboa: Academia da Marinha, 2018. p. 71-564.

VÁZQUEZ BALONGA, Delfina. La formación de los nombres de tejidos en los inventarios de Arganda del Rey (Madrid): metáfora y topónimo. In: ÁLVAREZ VIVES, Vicente; CORRAL ARETA, Elena Díez del; OUDOT, Natacha Reynaud (coord.). **Dándole cuerda al reloj: ampliando perspectivas en lingüística histórica de la lengua española**. Valencia: Tirant Humanidades, 2014. p. 591-607.

VELHO, Álvaro. **Roteiro da primeira viagem de Vasco da Gama (1497-1499)**. Prefácio, notas e anexos por A. Fontoura da Costa. 3. ed. Lisboa: Agência Geral do Ultramar, 1969.

VERDELHO, Telmo. **As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesas**. Aveiro: Instituto Nacional da Investigação Científica, 1995.

VIEIRA, Antônio. **Sermoens do P. Antonio Vieyra, da Companhia de Jesu, prègador de Sua Magestade** – undecima parte. Lisboa: Officina de Miguel Deslandes, impressor de Sua Magestade, 1696. Disponível em: <https://archive.org/details/sermoensdopanton08viei/page/102>. Acesso em: 20 set. 2019.

VIEIRA, Fr. Domingos. **Grande Diccionario Portuguez ou Thesouro da Lingua Portugueza**. Porto: Ernesto Chradron e Bartholomeu H. de Moraes Editores, 1871-1874. 5 v.

VILAÇA, Olanda B. **Cultura material e patrimônio móvel no mundo rural do Baixo Minho em finais do Antigo Regime**. Tese de doutoramento. Braga: Universidade do Minho, 2012.

VILELA, Mario. **Ensino da língua portuguesa: léxico, dicionário, gramática**. Coimbra: Livraria Almedina, 1995.

VILELA, Mario. **Estudos de lexicologia do português**. Coimbra: Livraria Almedina, 1994.

VOLP – **Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa**. 5. ed. Editora Global, 2009. Disponível em: <http://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>. Acesso em: 06 jan. 2018.

XAVIER, Maria Francisca; MATEUS, Maria Helena Mira (org.). **Dicionário de Termos Linguísticos**. Lisboa: Cosmos, 1990/1992. Disponível em: <https://goo.gl/nLRLk2>. Acesso em: 12 maio 2018.

WARTBURG, Walther von. **Französisches Etymologisches Wörterbuch**. Eine darstellung des galloromanischen sprachschatzes. Bonn / Heidelberg, Leipzig / Berlin, Basel: 2003. Disponível em: <https://apps.atilf.fr/lecteurFEW/lire/170/612?DMF>. Acesso em: 9 set. 2019.

ZAIDAN, Assaad. **Letras e História: mil palavras árabes na língua portuguesa**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Escrituras Editora: EDUSP, 2010.

ZAVAGLIA, Claudia. Ambigüidade gerada pela homonímia: revisitação teórica, linhas limítrofes com a polissemia e proposta de critérios distintivos. **DELTA**, v. 19, n. 2, São Paulo, 2003.

ZIMMERMAN, Rachel A. **Global luxuries at home: the material possessions of an elite family in Eighteenth-Century Minas Gerais, Brazil**. 2017. Tese (Doutorado em História da Arte) – Departamento de História da Arte, Universidade de Delaware, Delaware, 2010. Disponível em: <http://udspace.udel.edu/handle/19716/21831>. Acesso em: 22 mar. 2019.

## ÍNDICE REMISSIVO DO VOCABULÁRIO TÊXTIL<sup>100</sup>

- Alambel, 266  
 Albarda, 293  
 Alcatifa, 267  
 Alforje, 294  
 Algodão, 237  
 Almofada, 281  
 Aniagem, 254  
 Atafal, 295  
 Atoalhado, 340  
 Auriflama, 287  
 Baeta, 254  
 Baetão, 255  
 Barbarisco, 256  
 Baregana [barregana], 256  
 Barredoura, 304  
 Belbute, 315  
 Berne, 241  
 Bertangil, 315  
 Bertanha [bretanha], 242  
 Bocachim [bocaxim], 316  
 Bombasina [bombazina], 317  
 Brilhante, 326  
 Brim, 332  
 Brocado, 326  
 Burel, 256  
 Cabeçal, 282  
 Cabesera [cabeceira], 282  
 Cacheira, 320  
 Calamanha, 320  
 Cambraeta [cambraieta], 324  
 Cambrai [cambraia], 243  
 Camelão, 257  
 Canga, 317  
 Cassa, 243  
 Cassemira [casimira/caxemira], 244  
 Catalufo [catalupa], 335  
 Chamalote, 327  
 Chita, 318  
 Chumaço, 283  
 Cilício, 258  
 Cobertor, 299  
 Cobertor de papa, 300  
 Colcha, 300  
 Colchão, 284  
 Cortina, 273  
 Cortinado, 273  
 Coxijs [coxim], 285  
 Cré, 245  
 Crepe, 246  
 Cuberta [coberta], 298  
 Cutello [cutelo], 306  
 Damasco, 328  
 Damasquilha, 329  
 Draguete [droguete], 335  
 Droguete rei, 336  
 Duqueza [duquesa], 320  
 Durante, 321  
 Empanada, 274  
 Enxergão, 285  
 Escarlata, 344  
 Escumilha, 246  
 Esguião, 247  
 Esperregão [esparragão], 329  
 Eftamenha [estamenha], 259  
 Eftandarte [estandarte], 288  
 Flâmula, 289  
 Fronha, 301  
 Furta cor [furta-cor], 344  
 Fustão, 332  
 Galhardete, 290  
 Garça, 247  
 Gata, 306  
 Gávea, 307  
 Gingão [guingão], 248  
 Goardanapo [guardanapo], 268  
 Godrin [godrim], 302  
 Gualdrapa, 296  
 Guião, 291  
 Guimarães, 325  
 Joanete, 308  
 Lam [lã], 238  
 Lençol, 302  
 Lhama, 336  
 Linhage [linhagem], 260  
 Linho, 239  
 Llemiste [lemiste], 249  
 Lona, 261  
 Londres, 321  
 Manta, 303  
 Melania, 333

<sup>100</sup> Nomenclatura elencada na subsecção 4.16. Quando for o caso, entre colchetes aparece a grafia de acordo com o VOLP (2009).

- Mezena, 309  
 Milaneza [milanesa], 337  
 Moneta, 309  
 Mosquiteiro, 275  
 Mosselina [musselina], 249  
 Nobreza, 330  
 Olanda [holanda], 248  
 Olandilha [holandilha], 259  
 Osteda, 322  
 Panico, 250  
 Panno da Costa [pano], 319  
 Panno da serra [pano], 261  
 Panno de aguardente [pano], 340  
 Panno de breu [pano], 341  
 Panno de estopa [pano / estopa], 262  
 Panno de genipapo [pano / jenipapo], 341  
 Panno de munção [pano / monção], 341  
 Panno de pulpito [pano / púlpito], 269  
 Panno-rei [pano], 346  
 Pano darmar, 275  
 Pano de estante, 269  
 Pano de vinagre, 342  
 Papa, 263  
 Papa-figo, 310  
 Papagaio, 346  
 Pavilhão, 276  
 Pecotilho [picotilho], 322  
 Pendão, 292  
 Picaro [picaró], 323  
 Pinhoela, 330  
 Primavera, 330  
 Purpura [púrpura], 345  
 Raxetta [raxeta], 263  
 Renda, 338  
 Reposteyro [reposteiro], 277  
 Riscado, 333  
 Ruão, 325  
 Saeta, 323  
 Saial, 264  
 Sanefa, 278  
 Sarapilheira, 264  
 Sarge [sarja], 334  
 Sargeta [sarjeta], 324  
 Seda, 240  
 Serafina, 324  
 Serguilha, 265  
 Setim [cetim], 252  
 Sobrecéu, 278  
 Sobremeza [sobremesa], 270  
 Soprilho, 251  
 Sufulie [sofolié], 252  
 fevadeira [cevadeira / sevadeira], 311  
 fobrefevadeira [sobrecevadeira], 312  
 Tabi, 331  
 Tafetá, 253  
 Talagarça, 266  
 Taliz [teliz], 297  
 Tapete, 270  
 Tapiz, 271  
 Tisso, 338  
 Toalha de mão, 342  
 Toalha de meza [mesa], 271  
 Toalha de quabesa [cabeça], 342  
 Toalha de rosto, 343  
 Toalha do altar, 272  
 Tolda, 279  
 Traquete, 312  
 Trauisseiro [travesseiro], 286  
 Tripe, 339  
 Vela grande, 314  
 Vella de estay [vela / estai], 313  
 Vellacho [velacho], 313  
 Veludilho, 334  
 Veludo, 331  
 Xairel, 297  
 Xita paquete [chita], 319